ARQUIVO PORTUGUÊS ORIENTAL

(NOVA EDIÇÃO)

Tomo I

História Política, ——— ——— Diplomática e Militar

———

VOLUME I

———

PARTE I

Documentos Coordenados e Anotados

POR

A. B. de Bragança Pereira
Presidente da Comissão Permanente de Arqueologia

TIPOGRAFIA RANGEL
B a s t o r á
India Portuguesa



General João Carlos Craveiro Lopes

Governador Geral do Estado da Índia

Diploma Legislativo n.º 756

Considerando que um dos objectivos da propaganda colonial deve ser o de avivar a memória dos feitos e da acção civilizadora de Portugal no Oriente;

Considerando que os documentos constituem o material mais importante de investigações históricas;

Considerando que está esgotada a edição do Arquivo Português [illegible] ma obra [illegible] er publí- [illegible] corpos e- [illegible] a conservação e valorização deve- [illegible] do Govêrno, o Governador Geral do Estado da India, no uso das faculdades que lhe são atribuidas pelos artigos 28.º e 30.º do Acto Colonial e pelo artigo 43.º da Carta Orgânica do Império Colonial Português, manda o seguinte:

Artigo 1.º E' autorizado o Govêrno a publicar uma nova edição do Arquivo Português Oriental que, além dos documentos publicados na 1.ª edição, conterá os inéditos existentes nos arquivos e repartições do Estado e dos corpos e corporações civís e religiosas, tuteladas ou subvencionadas pelo Estado, e bem assim os dispersos por várias publicações, e as cópias dos existentes nos arquivos nacionais e estrangeiros sôbre os Portugueses no Oriente.

Art. 2.º A Comissão Permanente de Arqueologia fará a publicação do Arquivo Português Oriental dividindo-o nos seguintes capítulos:

I—História política, diplomática e militar.
II—História religiosa.
III—História económica.
IV—História administrativa.
V—História da colonização.
VI—História das instituições jurídicas e sociais.
VII—Vária.

§ único. Os documentos serão publicados pela ordem cronológica e cada volume conterá os documentos do mesmo período, referentes aos assuntos indicados neste artigo.

Art. 3.º Será inscrita anualmente, no Orçamento dêste Estado, a verba de cinco mil rupias para a publicação do Arquivo Português Oriental, inclusivé a remuneração do pessoal assalariado e a compra dos originais e cópias dos manuscritos dos arquivos nacionais e estrangeiros, autorizada pelo Governador Geral e que os ditos arquivos queiram vender, bem como será inscrita, no mesmo Orçamento para o Arquivo Geral e Histórico da India Portuguesa, além da sua dotação anual, a verba de mil rupias destinada à melhor eficiência dos serviços que lhe competem pelo seu regulamento privativo.

§ 1.º Estas verbas serão descontadas na inscrita no Orçamento para a conservação dos monumentos nacionais.

§ 2.º Os originais e cópias dos manuscritos a que se refere o corpo dêste artigo pertencerão, depois de utilizados pela Comissão de Arqueologia, ao Arquivo Geral e Histórico da India Portuguesa.

Art. 4.º A impressão do Arquivo Português Oriental e a das publicações da Comissão Permanente de Arqueologia serão adjudicadas em concurso limitado, aberto entre emprêsas gráficas conhecidas pelo esmêro dos trabalhos, nas bases elaboradas pelo Director da Imprensa Nacional, ouvida a Comissão Permanente de Arqueologia, devendo os concorrentes juntar amostras dos trabalhos executados para, na adjudicação, feita por uma comissão composta do Director da Imprensa Nacional, dum vogal da Comissão Permanente de Arqueologia, escolhido por esta, e de um funcionário da Fazenda, indicado pelo Director dos Serviços de Fazenda, se atender não só ao custo mas ainda à perfeição técnica. certo

§ único. O Arquivo Português Oriental será exposto à venda pela Imprensa Nacional e as publicações da Comissão Permanente de Arqueologia serão postas à disposição da mesma Comissão.

Art. 5.º As repartições, corpos e corporações mencionadas no artigo 1.º do presente Diploma darão tôdas as facilidades para a busca, exame e publicação dos documentos, satisfazendo as requisições da Comissão Permanente de Arqueologia, não podendo, contudo, ser permitida a saída dos documentos para fora das respectivas repartições e corporações, salvo quando os seus regulamentos privativos o permitam e nos seus precisos termos.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Residência do Govêrno Geral, em Nova Goa, aos 28 de Setembro de 1934.

O Governador Geral,

João Carlos Craveiro Lopes



Conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara

PREFÁCIO

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Secretário Geral do Govêrno dêste Estado, cumprindo a Portaria Ministerial de 15 de Fevereiro de 1855, encetou, a 2 de Outubro de 1857, a publicação, no *Boletim do Govêrno*, dos documentos existentes nos arquivos das repartições públicas desta Colónia, e deu à *separata* o nome de *Arquivo Português Oriental*.

Em 1858 suspendeu-se a publicação no *Boletim do Govêrno* com a seguinte advertência: "Tendo chegado ao conhecimento de quem colige os fascículos do *Arquivo Português Oriental* que alguns leitores do *Boletim* acham fastidiosa esta publicação; adverte-se, para satisfação dos mesmos leitores, que d'ora em diante deixarão de aparecer no *Boletim* os ditos *fascículos*, continuando, porém, a sair em corpo separado para uso dos que julgarem achar nêles algum merecimento."

Saíram 6 fascículos, em dez volumes, desde 1857 a 1876.

O fascículo 1.° contém: *Livro 1.° das cartas que os reis de Portugal escreveram à cidade de Goa* (1529 a 1611). A 2a. edição, publicada em 1877, foi aumentada com as cartas da cidade de Goa a ElRei do mesmo período, de 1529 a 1611. O povo, a terceira ordem do reino, correspondia-se com o soberano, por intermédio do Senado de Goa, suprindo a falta da imprensa.

No fascículo 2.° publicaram-se os *Livros dos privilégios da cidade de Goa*.

dos contos, Livros dos registos da Casa dos catecúmenos, Livro do Pai dos Cristãos; e bem assim *do Livro Vermelho do Arquivo da Relação de Nova Goa; e dos Livros de Alvarás da Secretaria do Govêrno*, hoje Direcção dos Serviços de Administração Civil.

No fascículo 6.° deparam-se-nos vários documentos do século XVII, extraídos principalmente dos *Livros de Alvarás*.

O fascículo 6.° tem 2 suplementos em um volume; o 1.° contém documentos do século XVI e o 2.° os do século XVIII.

Em 1667 informou o Vice-Rei Conde de S. Vicente :

"furtarão-se Livros inteiros e cada qual da Torre do Tombo e da Secretaria tirou o q' lhe pareceo, o passado não sei como se remedee porq' a expulsão do C.de de Obidos deo occazião a que os cedeciozos furtassem os foraes q' lhe convinha, queimassem os cartorios, q' guardavão as suas querellas e somissem as Cartas de V. M.de passadas em danno das suas pertensões." (1)

Foi a 22 de Outubro de 1653 que os três estados da cidade de Goa depuseram o Vice Rei Conde de Obidos. (2)

A Carta Régia de 10 de Fevereiro de 1774 mandou remeter para a metrópole todos os livros de registos e papeis antigos, existentes na Secretaria do Govêrno, Relação de Goa, Arcebispado, Junta das Missões.

Em 1775 partiram de Goa os arquivos eclesiásticos.

Só em 21 de Abril de 1777 saíram da Secretaria do Govêrno em direcção a Portugal 62 volumes desde 1605 a 1651, contendo, porém, o último volume 105 documentos de 1624 a 1697.

---

(1) *Livro das Monções*, n.° 33, fls. 117.

(2) Teixeira de Aragão — *Descrição das Moedas*, tomo III, pag. 234.

Aos 2 de Abril de 1778 ordenou-se ao Governador Geral da India que suspendesse a remessa dos livros dos arquivos e prometia-se devolver os que haviam ido. [1] Esta última parte não se chegou a cumprir, conservando-se ainda os livros na Tôrre do Tombo, com o título: "*Documentos remetidos da India*, dos quais a *Academia das Ciências de Lisboa* publicou em 4 volumes, sob a direcção de Bulhão Pato, os documentos desde 1605 a 1619 e recentemente o V tomo com os restantes documentos de 1619 a 1620. A soma total dos documentos remetidos da India eleva-se a 12:318. [2]

Diz Teixeira de Aragão a pag. 80 do volume III da *Descrição das Moedas* que foram infrutíferas as diligências empregadas para achar em Lisboa os documentos dos arquivos eclesiásticos da India; mas a verdade é que uma parte dos documentos remetidos da India entrou no cartório do Consêlho Ultramarino, donde em 1901 passou para a Biblioteca Nacional de Lisboa; a outra parte se encontrava no cartório da casa do Marquês de Pombal, na célebre *Colecção Pombalina*, adquirida pela Biblioteca Nacional de Lisboa, que contém entre outros documentos, o códice n.° 745 das cartas autógrafas de Sto. Inácio de Loiola e S. Francisco Xavier. [3]

Em 1858, um ano depois de Cunha Rivara ter iniciado a publicação dos documentos oficiais no *Boletim do Go-*

---

(1) O ofício da remessa (*L.° das Monções* n.° 157, fls. 256) diz que são 60; mas no acto da entrega na Tôrre do Tombo verificou-se que eram 62 (Aragão — obr. cit., tomo III, pag. 81).

(2) L.° das Monções, n.° 159, fls. 317.

(3) Fitzler — *A Secção Ultramarina da Biblioteca Nacional*, pag. 14; *Guia de Portugal* I, pag. 226 e 230; Camara Manuel — *Missões dos Jesuitas no Oriente*, pag. VIII.

vêrno, escrevia Sainte-Beuve nas *Causeries du Lundi* :

" La critique et l'érudition, guidées par l'esprit historique, se sont livrées depuis quelques années à un grand travail qui a son prix, et dont je me garderai bien de diminuer l'importance et l'utilité incontestable. On a eu le goût des sources ; on a voulu connaître toutes choses de plus près, moyennant des pièces et des documents de première main et autant que possible inédits. On est arrivé de la sorte à pénétrer le secret de bien des affaires et le sens intime de bien des personnages, à savoir en détail et prèsque jour par jour les motifs de son admiration pour Henri IV, pour Richelieu, pour Louis XIV, à denombrer les ressorts de leur administration et à suivre tous les mouvements de leur politique à l'étranger. Grâce à cette divulgation de pièces diplomatiques, cè que quelques érudits seuls possédaient autrefois, a été mis, à la disposition de tous. Il n'y a plus eu dans le passeé de mystères d'Etat. "

Mas os que pretenderam ser discípulos de Rivara, os que tiveram ao seu alcance os arquivos da India caíram no defeito que Sainte-Beuve põe em relêvo:

" Il ne se passe pas de jour sans qu'on annonce une découverte : chacun veut faire la sienne, chacun s'en vante et fait valoir sa marchandise sans contrôle. On attribue une importance et une valeur littéraire disproportionnées à des pages jusqu'ici inconnues. On est fier de simples trouvailles curieuses (quand elles le sont) qui n'exigent aucune méditation, aucun effort d'esprit, mais seulement la peine d'aller et de ramener. "

Antes de escrever a história é preciso lê-la nos documentos. Recolhê-los e seleccioná-los — eis o trabalho preliminar do historiador.

" Chercher, recueillir les documents est donc une des parties logiquement la première, et une des parties principales, du métier d'historien. En Allemagne, on lui a donné le nom de

Heuristique (Heuristik), commode parce qu'il est bref.—Est-il utile de démontrer l'importance capitale de l'Heuristique? Non, sans doute. Il va de soi que, si on ne la pratique pas bien, c'est-à-dire, si l'on ne sait pas s'entourer, avant de commencer un travail historique, de tous les renseignements accessibles, on augmente gratuitement ses chances (toujours nombreuses, quoi qu'on fasse) d'opérer sur des données insuffisantes des oeuvres d'érudition ou d'histoire, faites conformément aux règles de la méthode la plus exacte, ont été viciées, ou même totalemente annulées, à cause de cette simple circonstance matérielle que l'auteur ne connaissait pas des documents par lesquels ceux qu'il avait sous la main, et dont il s'est contenté, auraient été éclaircis, complétés ou ruinés" (Langlois).

A história não é catálogo sêco de factos e datas mecânicamente juxtapostos, segundo as relações mais ou menos acidentais no tempo e no espaço :

" Ainsi se pose cette question : lesquels de ces événements sont historiques ? quels sont ceux que l'exposition historique doit prendre en considération ? La réponse générale ne peut être que celle-ci : est historique l'événement passé dont l'action efficace ne s'épuise pas au moment de son apparition, mais continue à s'exercer d'une façon perceptible sur le temps consécutif et y produit de nouveaux événements. Les effets nous les decouvrons immédiatement, d'abord dans le présent, puis dans un passé où nous nous transportons et que nous considérons, au point de vue de l'exposition historique, comme un présent : l'objet de la recherche historique est de saisir la genèse de ce présent de ces effets, en cherchant à découvrir leurs causes, les facteurs qui les ont amenés, puis en remontant de là aux forces qui ont déterminé la formation de ces facteurs. Les effets donnés en chaque présent sont encore en nombre infini; mais quant à leur importance, ils sont de valeur très inègale, ils présentent des degrés divers d'étendue et d'intensité : et ainsi, un événement est historique à un point d'autant plus élevé, que son action est ou a été plus intense et plus étendue" (Eduardo Meyer).

A acção dos portugueses no Oriente constitui o capítulo mais importante e fundamental da história da colonização moderna. Os portugueses lançaram as bases das instituições coloniais, económicas, religiosas, administrativas, políticas, jurídicas e sociais, em suma, da ocidentalização do Oriente. Que bela matéria prima para as lucubrações históricas!

A história deixou de ser arte, sentimento, visão, lirismo, desde que Michelet morreu, para ser objectiva, impessoal, científica. O historiador não pode "*fuir le réel et vivre un rêve*". E' que o romantismo cedeu o passo a novas escolas literárias, ao realismo, ao naturalismo que teve a sua expressão fiel e rigorosa nos romances de Flaubert, Maupassant, Dickens, Tolstoï, Gorki, Eça de Queiroz e Júlio Denis, sob a acção dominadora da filosofia positiva e da ciência experimental. Pode a imaginação do sábio formular hipóteses, conjecturar, como Leverrier que *calculou* a existência do planeta Neptuno; pode, como Cuvier que recompôs com meia dúzia de ossos espécies zoológicas extintas, reconstituir pelo poder da evocação e pelo fulgor das imagens o quadro dos acontecimentos, colori-lo, dar-lhe calor, vida e alma, fazendo vibrar pela magia do estilo as cordas mais íntimas da sensibilidade humana; o que não pode é criar factos. Seria o mesmo que reconstituir um crime com testemunhas falsas. Seria confundir a história com o romance histórico.

> *"On peut résumer ainsi la position respective de l'observation et de l'hypothèse. Tant qu'il cherche, le fouilleur donne libre cours à ses raisonnements et à son imagination créatrice; dès qu'il a trouvé, il concentre toute son attention vers le fait extérieur pour le saisir dans ses moindres détails et l'enregistrer tout entier, en disparaissant lui-même. Quand il est en possession de faits certains, bien contrôlés, de nouveau, il a droit de construire par hypothèse un système provisoire à vérifier par comparaison (Comte du Mesnil du Buisson).*

A história abstracta, doutrinária, sistemática foi o grande êrro de Taine que tão grande influência exerceu em os nossos historiadores da estatura de Oliveira Martins e Conde de Ficalho.

"Il est difficile aujourd'hui de soutenir, après la démonstration de M. Aulard, que la solidité de l'ouvrage de Taine ne soit pas diminuée par ses erreurs de méthode et ses partis pris. Il reste suggestif: mais il faut prendre toutes ses vues pour des hypothèses ou des affirmations sentimentales. Taine, par peur et haine de la Commune, a établi la philosophie de l'Histoire de la Révolution." (Lanson).

"Au lieu d'étudier l'objet en soi et tel qu'il est, vous y portez, vous sujet pensant, vos idées personnelles. Vous croyez regarder l'objet et vous ne regardez que votre propre pensée. Vous êtes dominé par votre propre pensée au point de ne voir qu'elle et de la voir partout. C'est la plus grande cause d'erreur de l'histoire." (Fustel de Coulanges).

A objectividade é, de certo, relativa, dada a imperfeição da natureza humana. Os historiadores são homens e a sensibilidade uma faculdade humana.

Não é facil resistir às correntes das ideias e às sugestões do meio. Que admira que a névoa da emoção turve a visão límpida dos factos !

"Quel que soit d'ailleurs leur souci d'objectivité, les historiens, qui ressemblent à des juges pesant les témoignages au prétoire plutôt qu'à des savants dans leurs laboratoires ne peuvent empêcher leur objet d'être doublement subjectif: les faits du passé sont mêlés aux émotions des auteurs du drame, ils éveillent des émotions encore chez les spectateurs d'aujourdhui." (Bouglé).

Mas o historiador não pode elevar-se às culminâncias da síntese sem descer à análise paciente e à critica serena e inflexível dos textos e das fontes. A história moderna é mais científica que literária.

"Travaillons à établir l'authenticité d'un texte, l'exactitude d'une date, la vérité d'une affirmation. Allons aux sources, gardons-nous de conclure trop vite du particulier au général; avançons-nous avec des semelles de plomb. Au moins, n'aurons-nous pas à revenir sur nos pas; et à la fin, nous serons allés plus vite que les empressés qui prétendent courir, et qui, obligés de tout reprendre sont condamnés aux eternels recommencements. Préférons les analyses patientes aux synthèses hâtives." (Hazard).

Que seria da crítica histórica, se em vez de verificar, examinar e interpretar os factos, se perdesse no vago das quimeras aladas, lendas doiradas, jardins encantados?

Não, a história não é um conto árabe das *Mil e uma noites.* E' a nudez forte da verdade.

Compreende-se que a imaginação supra as lacunas documentais da história antiga.

"L'histoire-résurrection garde toute sa valeur lorsqu'il s'agit de l'histoire ancienne. Car celle-ci est encore plus un art qu'une science... L'historien du monde antique doit faire preuve d'imagination en reconstituant avec des lambeaux épars... Ce sont surtout les hommes, soit pris individuellement, soit réunis en groupes, dont il faudra, par l'analyse psychologique, évoquer les sentiments et les passions." (Jardé)

Mas ninguem pode nem o génio de Miguel Angelo poude arrojar ao espaço a cúpula dum monumento sem abrir alicerces, sem levantar pilares. A ressurreição integral da vida dum povo, as generalizações baseadas no encadeamento lógico dos factos, das causas e efeitos, dos antecedentes e dos conseqüentes são o título da glória dum Fustel de Coulanges, dum Alexandre Herculano.

"Mais toutes les suggestions de la personnalité, les pressions du milieu prennent vite chez Fustel de Coulanges la forme scientifique: elles deviennent des idées d'enquêtes historiques, qu'il poursuit méthodiquement, sans parti pris, cédant aux textes

critiqués, contrôlés avec la dernière rigueur; et s'il reste une cause d'erreur, elle est dans l'infirmité humaine, dans la complaisance dont le plus sévère esprit ne peut se défendre pour les pensées qui sont sa conquête ou sa création, dans la facilité avec laquelle il laisse écouler toujours un peu de lui-même dans les choses, et sollicite l'imprécise élasticité des textes.

Mais enfin je ne sais rien de plus pénétrant et de plus fort que les études de Fustel sur les institutions d'Athènes, de Sparte, de Rome, sur la monarchie franque et la transformation de la société gallo-romaine en féodalité française. Il y a là une étendue d'informations et une sobriété puissante d'expositions, une force d'idées dans l'enchainement et l'interprétation des faits, cette plénitude concentrée enfin et cette fermeté robuste de style qui font les chefs-d'oeuvre. Cela est parfaitement simple et beau. Fustel de Coulanges est un philosophe, ou plutôt un homme de science; ce qu'il poursuit, c'est la réduction du réel à des lois; tous ses travaux sont des généralisations. Et il serait faux d'estimer son oeuvre abstraite. Sans dépense de couleur, sans collection de petits faits ni défilé d'anecdotes, avec le plus sobre usage des textes dont il extrait l'essence, il nous fait sentir la vie. On voit bien qu'il l'atteint en ses sources profondes, en ses organes essentiels. Mais, de plus, la précision extrême de son étude exprime toute la realité: il sait obtenir les plus grands effets par les plus simples moyens, et quelques types compréhensifs, quelques faits caractéristiques—très peu nombreux, mais très soigneusement choisis—nous rendent la Grèce présente, en sa vivante originalité ou Rome, ou la France des Mérovingiens." (Lanson)

"O genial Herculano, um dos maiores historiadores e poetas de todos os tempos" no dizer sincero e admirativo do eminente historiador alemão Ernesto Mayer, ergueu a sua *História de Portugal* majestosa, qual catedral românica, sôbre a base granítica dos documentos publicados no *Portugaliae Monumenta Historica,* analizados e interpretados à luz dum critério superior e dum raciocínio rigoroso e lógico.

O historiador moderno não julga, não eleva os homens públicos ao Capitólio nem os precipita da Rocha Tarpeia. Expõe e explica os factos históricos por forma a habilitar o leitor a compreendê-los e a apreciá-los.

"Il est temps que les historiens se libèrent de la hantise des responsabilités pour s'appliquer uniquement à leur tâche qui n'est pas de plaider innocent ou coupable, mais d'exposer les faits, tous les faits, sans parti pris, sans omettre ni atténuer ceux qui leur déplaisent ou qui les gênent." (Jules Isaac)

Certo é que Barros, Couto e Bocarro basearam as *Decadas* nos documentos oficiais da *Casa da India* ou dos arquivos da India; mas extraíram dos documentos que tinham à mão o que os interessava, o que convinha ao plano traçado, o que servia para exaltar a memória dos heróis portugueses dos

"...............barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana
Por mares nunca de antes navegados
..
..
E entre gente remota edificaram
Novo Reino que tanto sublimaram."

Mas hoje as exigências da história são outras, como bem dizia Rivara— "Tôda a historiografia até ao século XIX foi sôbretudo uma historiografia *política.* A historiografia actual é mais *sociológica,* não reduzindo só à vida do Estado a vida dum povo, nem à biografia dos homens notáveis a história da nação, mas considerando o meio geográfico-histórico, as condições económicas, a organização das classes, as correntes de ideas." (Cardeal Cerejeira).

A história política e militar cedeu o passo à história da civilização, à *Kulturgeschichte* dos alemães.

O general João Carlos Craveiro Lopes, a quem se deve a fundação do *Arquivo Histórico da India Portuguesa*, promulgando o Diploma Legislativo que autorizou a reedição do *Arquivo Português Oriental* e a publicação dos documentos inéditos ou dispersos pôs um belo remate à sua obra de patriota e de homem do govêrno.

"Au Gouvernement seul il appartient, selon moi — escreveu o grande historiador e estadista Guizot—de pouvoir accomplir le grand travail d'une publication générale de tous les matériaux importants et encore inédits sur l'histoire de nôtre patrie."

Reconheceu Rivara que os arquivos da India eram pobres em documentos do século XVI. Procurou-se suprir a lacuna com a publicação dos documentos existentes nos arquivos metropolitanos e estrangeiros. Esta 1.ª parte do volume I do tomo I do *Arquivo Português Oriental* encerra os documentos da história política, diplomática e militar, relativos ao primeiro periodo da história dos portugueses no Oriente, que vai de 1498 a 1505, ano em que foi criado o lugar de Vice-Rei da India.

Esta publicação se divide em tomos correspondentes aos assuntos, aos 7 capítulos referidos no Diploma Legislativo n.° 756. Cada tomo se subdivide em volumes correspondentes ao periodo dum século.

A. B. DE BRAGANÇA PEREIRA

Documentos





6. O V. Rey D. Vasco da Gama, o I. que com o titulo de Conde passou a este Estado tendo sido descobridor da India em o anno de 1498. Succedeo na governança a D. Duarte de Menezes em o anno de 1524. Governou somente tres mezes e falleceu em Cochim

A missão diplomática de Vasco da Gama

Sôbre a viagem de Vasco da Gama, ouçamos o grave e eloqüente Barros:

"Falecido El-Rey Dom João sem legitimo filho, que o sucedesse no Reyno, foi alevantado por Rey, (segundo elle deixava em seu testamento,) o Duque de Beja, D. Manuel seu Primo com irmão, filho do Infante D. Fernando irmão delRey Dom Afonso, a quem per legitima successão era devida esta real herança. Da qual recebeo posse pelo sceptro della, que lhe foi entregue em Alcacer do sal a vinte e sete dias de Octubro. do anno de nossa Redempção de mil quatrocentos noventa e sinco, sendo em idade de vinte e seis annos quatro mezes, e vinte sinco dias, (como mais particularmente escrevemos em a outra nossa Parte intitulada Europa, e assi em sua propria Chronica.) E porque com estes Reynos, e Senhorios tambem herdava o proseguimento de tão alta empreza, como seus antecessores tinham tomado, que era o descubrimento do Oriente per este nosso mar Oceano, que tanta industria, tanto trabalho, e despeza, per discurso de setenta e sinco annos tinha custado; quiz logo no primeiro anno de seu Reinado mostrar quanto desejo tinha de accrescentar á Coroa deste Reyno novos titulos sobre o senhorio de Guiné, que por razão deste descubrimento ElRey D. João seu Primo tomou, como posse da esperança de outros maiores estados, que per esta via estavam por descubrir. Sobre o qual caso, no anno

seguinte de noventa e seis, estando em Monte mór o novo, teve alguns geraes conselhos, em que houve muitos, e differentes votos, e os mais foram que a India não se devia descubrir; porque além de trazer comsigo muitas obrigações por ser estado mui remoto pera poder conquistar, e conservar, debilitaria tanto as forças do Reyno, que ficaria elle sem as necessarias pera sua conservação. Quanto mais, que sendo descuberta podia cobrar este Reyno novos competidores, do qual caso já tinham experiencia, no que se moveo entre ElRey D. João, e ElRey D. Fernando de Castella sobre o descubrimento das Antilhas: chegando a tanto, que vieram a repartir o Mundo em duas partes iguaes pera o poder descubrir, e conquistar. E pois desejos de estados não sabidos movia já esta repartição, não tendo mais ante os olhos que esperança delles, e algumas mostras do que se tirava do barbaro Guiné, que seria vindo a este Reyno quanto se dizia daquellas partes Orientaes. Porém a estas razões houve outras em contrario, que por serem conformes ao desejo delRey, lhe foram mais acceptas. E as principaes que o movêram, foram herdar esta obrigação com a herança do Reyno, e o Infante Dom Fernando seu Pai ter trabalhado neste descubrimento, quando per seu mandado se descubriram as Ilhas do Cabo Verde; e mais por a singular affeição que tinha á memoria das cousas do Infante D. Henrique seu Tio, que fora o auctor do novo titulo do Senhorio de Guiné, que este Reyno houve, sendo propriedade mui proveitosa sem custo de armas, e outras. despesas, que tem muito menores estados do que elle era Dando por razão final áquelles, que punham os inconvenientes a se a India descubrir: que Deos, em cujas mãos elle punha este caso, daria os meios que convinham a bem do estado do Reyno. Finalmente ElRey assentou de proseguir neste descubrimento, e depois

estando em Estremoz, declarou a Vasco da Gama Fidalgo de sua Casa por Capitão mór das vélas, que havia de mandar a elle; assi pola confiança que tinha de sua pessoa, como por ter aução nesta ida, cá, segundo se dizia, Estevão da Gama seu pai já defunto estava ordenado pera fazer esta viagem em vida delRey D. João. O qual, depois que Bartholomeu Dias veio do descubrimento do Cabo de Boa Esperança, tinha mandado cortar a madeira pera os navios desta viagem, por a qual razão ElRey D. Manuel mandou ao mesmo Bartholomeu Dias que tivesse cuidado de os mandar acabar, segundo elle sabia que convinham, pera sofrer a furia dos mares daquelle grão Cabo de Boa Esperança, que na opinião dos mareantes começava crear outra fabula de perigos, como antigamente fora a do Cabo Bojador, de que no principio fallámos. E assi polo trabalho que Bartholomeu Dias levou no apercebimento destes navios, como pera ir acompanhando Vasco da Gama té o pôr na paragem que lhe era necessaria a sua derrota; ElRey lhe deo a capitania de hum dos navios, que ordinariamente hiam á Cidade de S. Jorge da Mina. E sendo já no anno de quatrocentos noventa e sete, em que a frota pera esta viagem estava de todo prestes, mandou Elrey, estando em Monte mór o novo, chamar Vasco da Gama, e aos outros Capitães, que haviam de hir em sua companhia, os quaes eràm Paulo da Gama, seu irmão, e Nicoláo Coelho, ambos pessoas de quem ElRey confiava este cargo. E posto que per algumas vezes lhe tivesse dito sua tenção acérca desta viagem, e disso lhe tinha mandado fazer sua instrucção, pola novidade da empreza que levava, quiz uzar com elle da solenidade que convém a taes casos, fazendo esta falla pública a elle, e aos outros Capitães, per ante algumas pessoas notaveis que eram presentes, e pera isso chamadas. Depois que aprouve a Nosso Senhor,

que eu recebesse o sceptro desta real herança de Portugal, mediante a sua graça, assi por haver a benção de meus avós, de quem a eu herdei, os quaes com gloriosos feitos, e victorias, que houveram de seus imigos, a tem accrescentado per ajuda de tão leaes vassalos, e cavalleiros, como foram aquelles, donde vós vindes, como por causa de agalardoar a natural lealdade, e amor, com que todos me servis: a mais principal cousa que trago na memoria, depois do cuidado de vos reger, e governar em paz e justiça, he como poderei accrescentar o patrymonio deste meu Reyno para que mais liberalmente possa distribuir per cada hum o galardão de seus serviços. E considerando eu per muitas vezes qual seria a mais proveitosa, e honrada empreza, e digna de maior gloria, que podia tomar pera conseguir esta minha tenção, pois, louvado Deos, destas partes da Europa em as de Africa a poder de ferro temos lançados os Mouros, e lá tomando os principaes lugares dos portos do Reyno de Fés, que he da nossa conquista, achei que nenhuma outra he mais conveniente a este meu Reyno, (como algumas vezes comvosco tenho consultado,) que o descubrimento da India, e daquellas terras Orientais. Em as quaes partes, peró que sejam mui remotas da Igreja Romana, espero na piedade de Deos que não sòmente a Fé de Nosso Senhor Jesus Christo seu filho seja per nossa administração publicada, e recebida com que ganharemos galardão ante elle, fama, e louvos àcerca dos homens; mas ainda Reynos, e novos estados com muitas riquezas vendicadas per armas das mãos dos barbaros, dos quaes meus avós com ajuda, e serviço dos vossos, e vosso tem conquistado este meu Reyno de Portugal, e accrescentado á Coroa delle. Porque se da costa da Ethiopia, que quasi de caminho he descuberta, este meu Reyno tem adquirido novos titulos, novos proveitos, e rendas, que se pode esperar,

indo mais adiante com este descubrimento, senão pudermos conseguir aquellas orientaes riquezas tão celebradas dos antigos Escritores, parte das quaes per commercio tem feito tamanhas potencias, como são Veneza, Génova, Florença, e outras mui grandes communidades de Italia. Assi que consideradas todas estas cousas, de que temos experiencia; e tambem como era ingratidão a Deos engeitar o que nos tão favoravelmente offerece, e injúria áquelles Principes de louvada memoria, de quem eu herdei este descubrimento, e offensa a vós outros que nisso fostes, descuidar-me eu delle per muito tempo, mandei armar quatro vélas, que como sabeis, em Lisboa estam de todo prestes pera seguir esta viagem de Boa Esperança. E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todalas cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, e encommendadas, deo boa conta de si, eu o tenho escolhido pera esta ida, como leal vassallo, e esforçado cavalleiro, merecedor de tão honrada empreza. A qual espero que lhe Nosso Senhor leixará acabar, e nella a elle e a mim faça taes serviços, com que o seu galardão fique por memoria nelle, e naquelles, que o ajudarem nos trabalhos desta viagem, porque com esta confiança, pela experiencia que tenho de todos, eu os escolhi por seus adjudadores pera em tudo o que tocar a meu serviço lhe obedecerem. E eu Vasco da Gama vo-los encommendo, e a elles a vós, e juntamente a todos a paz, e concordia, a qual he tão poderosa, que vence, e passa todolos perigos, e trabalhos, e os maiores da vida faz leves de soffrer, quanto mais os deste caminho, que espero em Deus serem menores que os passados, e que per vós este meu Reyno consiga o fructo delles. Acabando ElRey de propôr estas palavras, Vasco da Gama, e todalas notaveis pessoas lhe beijaram a mão: assi pola mercê que fazia a elle, como ao Reyno, em

mandar a este descubrimento continuado per tantos annos, que já era feito herança delle. Tornada a casa ao silencio que tinha ante deste acto de gratificação, assentou-se Vasco da Gama em giolhos ante ElRey, e foi trazida huma bandeira de seda com huma Cruz no meio das da Ordem da Cavalleria de Christo, de que ElRey era Governador, e perpétuo administrador, a qual estendendo o Escrivão da Puridade entre os braços em modo de omenagem, disse Vasco da Gama em alta voz estas palavras: Eu Vasco da Gama, que ora per mandado de avós mui Alto, e mui poderoso Rey meu Senhor vou descubrir os mares, e terras do Oriente da India, juro em o sinal desta Cruz, em que ponho as mãos, que por serviço de Deos, e vosso, eu a ponha esteada, e não dobrada, ante a vista de Mouros, Gentios, e de todo genero de povo aonde eu for: e que per todolos perigos de agua, fogo, e ferro sempre aguarde, e defenda até morte. E assi juro, que na execução, e obra deste descubrimento, que vós meu Rey, e Senhor me mandais fazer, com toda fé, lealdade, vigia, e diligencia eu vos sirva, guardando; e cumprindo vossos regimentos, que pera isso me forem dados, até tornar onde ora estou ante a presença de Vossa Real Alteza, mediante a graça de Deos, em cujo serviço me enviais. Feita esta menagem, foi-lhe entregue a mesma bandeira, e hum regimento, em que se continha o que havia de fazer na viagem, e algumas cartas pera os Principes, e Reys, a que propriamente era enviado; assi como ao Preste João das Índias, tão nomeado neste Reyno, e a ElRey de Calecut, com as mais informações, e avisos, que ElRey D. João tinha havido daquelles partes, segundo já dissemos: recebidas as quaes cousas, ElRey o espedio, e elle se veio a Lisboa com os outros Capitães...

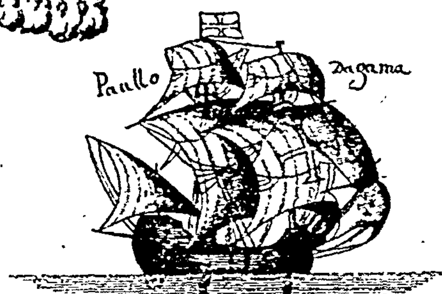
Chegado Vasco da Gama com os outros Capitães a Lisboa na entrada de Julho do anno de mil quatro-

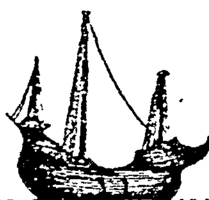
centos noventa e sete: tanto que os navios foram prestes, recolheo sua gente per se partir, sem guardar a eleição dos mezes, de que ora usamos pera ir tomar os ventos geraes, que cursam naquellas partes; porque naquelle tempo tão escura era a noticia da terra que hia buscar, como os ventos que serviam pera boa navegação. Mas parece que como a manifestação deste novo Mundo, tantas centenas de annos encuberto, Deos a poz neste termo, quando ElRey D. Manuel houvesse a herança deste Reyno; assi permittio que sem a ordem dos mezes naturaes desta navegação fosse a partida de Vasco da Gama; porque entendamos que as cousas, que procedem do seu querer, elle que as ordena pera algum fim que nós não alcançamos, dá os meios pera se virem effectuar no tempo pera que as elle guarda. E como Vasco da Gama pera poder partir não esperava mais que navios prestes, e hum pouco de Norte, que naquelles mezes do verão he geral nesta costa de Hespanha; postos os navios em rastello, lugar de ancoragem antiga, hum dia ante da sua partida foi ter vigilia com os outros Capitães á Casa de Nossa Senhora da invocação de Bethelem, situada neste lugar de rastello, a qual naquelle tempo era huma Ermida, que o Infante D. Henrique mandou fundar, onde estavam alguns Freires do Convento de Thomar pera administrarem os Sacramentos aos mareantes. Ao seguinte dia, que era sabbado oito de Julho por ser dedicado a Nossa Senhora, e a Casa de muita romagem; assi por esta devoção, como por se irem espedir dos que hiam na Armada, concorreo grande numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os Freires da casa com alguns Sacerdotes, que da Cidade lá eram idos dizer Missa, ordenáram huma devota procissão com que os leváram ante si nesta ordem: elle, e os seus com cirios nas mãos, e toda a gente da Cidade ficava detrás respon-

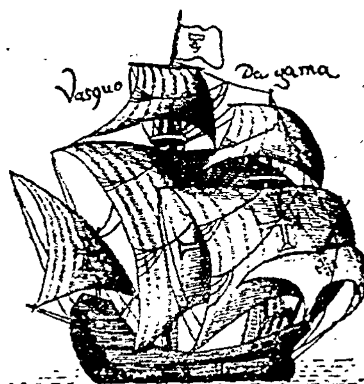
dendo a huma Ladainha, que os Sacerdotes diante hiam cantando, té os pôrem junto dos bateis, em que se haviam de recolher. Onde feito silencio, e todos de giolhos, o Vigairo da Casa fez em voz altà huma confissão geral, e no fim della os absolveo na forma das Bullas, que o Infante D. Henrique tinha havido pera aquelles, que neste descubrimento, e conquista falecessem, (como atrás dissemos): No qual acto foi tanta a lagrima de todos, que neste dia tomou aquella praia posse das muitas, que nella se derramam na partida das Armadas que cada anno vam a estas partes, que Vasco da Gama hia descubrir: donde com razão lhe podemos chamar praia de lagrimas pera os que vam, e terra de prazer aos que vem. E quando veio ao desfraldar das vélas, que os mareantes segundo seu uso deram aquelle alegre princípio de caminho, dizendo boa viagem, todolos que estavam promptos na vista delles com huma piedosa humanidade dobráram estas lagrimas, e começáram de os encommendar a Deos, e lançar juizos, segundo o que cada hum sentia daquella partida. Os navegantes, dado que com o fervor da obra, e alvoroço daquella empreza embarcáram contentes, tambem passado o termo do desferir das vélas, vendo ficar em terra seus parentes, e amigos, e lembrando-lhes que sua viagem estava posta em esperança, e não em tempo certo, nem lugar sabido, assi os acompanháram em lagrimas, como em o pensamento das cousas, que em tão novos casos se representam na memoria dos homens. Assi que huns olhando pera a terra, e outros pera o mar, e juntamente todos occupados em lagrimas, e pensamento daquella incerta viagem, tanto estiveram promptos nisso, té que os navios se alongáram do porto. Seria a companha desta bem fortunada viagem, entre mareantes, e homens d'armas, até cento e setenta pessoas, e os tres navios pouco mais, ou menos de

Carta genovesa de 1447









Naus de Vasco da Gama

cento até cento e vinte toneis cada hum. Do prim
chamado S. Gabriel, em que hia Vasco da Gama,
Piloto Pero d'Alenquer, que fora no descubrimento
Cabo de Boa Esperança; e Escrivão Diogo Dias ir
de Bartholomeu Dias. Do segundo per nome S. Ra
Capitão Paulo da Gama, era Piloto João de Coim
e Escrivão João de Sá. Do terceiro, a que chama
Berrio, Capitão Nicolau Coelho, era Piloto Pero Esc
e Escrivão Alvaro de Braga. E da nao era Capitão
Gonçalo Nunes criado delle Vasco da Gama, a qual
somente amarinhada, pera depois que os mantime
dos navios se fossem gastando, tomarem os que
levava sobreselentes, e a gente se passar a elles." (
I, liv. IV, cap. I e II).

1—Roteiro da Viagem de Vasco da Gama

Documento n.° 1

Foi publicado em 1838 por Diogo Kopke o manu do Roteiro da Viagem de Vasco da Gama que existe n blioteca Municipal do Porto, proveniente da colecção do teiro de Santa Cruz de Coimbra. Três anos depoi Alexandre Herculano uma segunda edição.

O editor Diogo Kopke, lente de matemática na Aca Politécnica do Porto, atribuiu a autoria do Roteiro *a A Velho, um dos companheiros do Gama. A' mesma conc chegou o dr. Franz Hümmerich, autor de* Vasco da Gama die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien, *publicad 1898, em que se trata da personalidade de Vasco da Ga das suas três viagens à India ...*

As datas da partida de Lisboa e chegada à India da esquadra do Gama dadas pelo Roteiro *são confirmadas pelas cartas de Girolamo Sernigi, comerciante florentino estabelecido em Lisboa à data do regresso do Gama.*

Tendo desaparecido o regimento que devia ter trazido Vasco da Gama, o Roteiro *é a fonte mais valiosa para a viagem de Vasco da Gama. A primeira metade do livro I da* História do Descobrimento e Conquista da India *por Castanheda é quási literalmente copiada do* Roteiro *que foi traduzido para o inglês por E. Ravenstein* (A Journal of the Voyage of Vasco da Gama—*London—1898*) *e para o francês por Ferdinand Denis em 1855 no tomo III da obra de Charton:* Voyageurs Anciens et Modernes. *A narrativa é nítida e precisa. Revela o cuidado de bem observar e registar os factos mais importantes da famosa expedição. Ei-lo:*

Em nome de Deus, Amem. Na era de mill CCCCLXLVII mandou ell Rey Dom Manuell, o primeiro deste nome em Portugall, a descobrir, quatro navios, os quaees hiam em busca da especiaria, dos quaees navios hia por capitam moor Vasco da Gama, e dos outros d'uum delles Paullo da Gama seu irmãoo ([1]), e d'outro Nicollao Coelho ([2]).

Partimos de Restello huum sabado, que eram oyto dias do mês de julho da dita era de 1497, ([3]) noso caminho, que Deus noso senhor leixe acabar em seu serviço, Amem.

Primeirámente chegámos ao sabado seguinte á vista das Canarias, e esa noute pasámos a julavento (sotavento) de Lançerote, e a noute seguynte amanhecemos com a Terra Alta, omde fezemos pescaria obra de duas oras, e loguo esta noute em anouteçendo eramos através do rrio do Ouro. E foy de noute tamanha a çarraçam que se perdeo Paullo da Gama de toda a frota per huum cabo e pello outro o capitam moor. E depois que amanheçeo nom ouvemos vista delle, nem dos outros navios, e nós fezemos o caminho das Ilhas do Cabo Verde como tinhamos ordenado, que quem se perdese que se

seguise esta rrota ('). Ao domingo seguinte em amanhecendo ouvemos vista da Ilha do Sall, e loguo dü a huuma ora ouvemos vista de tres navios, os quaees fomos demandar, e achámos a naoo dos mantimentos e Nicollao Coelho, e Bertolameu Diz (Dias) que hia em nosa companhia até a Mina, os quaees tambem tinham perdidos o capitam moor. E depois de sermos juntos, seguimos nosa rrota, e faleceunos o vento, e andámos em calmaria até a quarta feira pella manham. E aas dez oras do dia ouvemos vista do capitam moor avante nós obra de cinquo legoas, e sobre a tarde nos viemos a falar com muita alegria, onde tirámos muitas bombardas e tanjemos trombetas, e tudo com muito prazer pollo termos achado. E ao outro dia que era quinta feira chegámos á Ilha de Samtiago, onde pousamos na praya de Santa Maria com muito prazer e folgar, e aly tomámos carnes e augoa e lenha, e corregendo as vergas dos navios porque nos era necesário. E huuma quynta feira que eram tres dias d'agosto partimos em leste, e hindo huum dia com sull quebrou a verga ao capitam moor, e foy em XVIII dias d'agosto, e seria isto CC legoas da Ilha de Samtiaguo, e pairámos com o traquete e papafigo dous dias e huuma noute, e em XXII do dito mês hindo na volta do mar ao sull e a quarta do sudueste, achámos muitas aves feitas como garçõees, e quando vêo a noute tiravam contra o susoeste muito rrigas (rijas) como aves que hiam pera terra, e neste mesmo dia vimos huuma baléa, e isto bem oytocentas legoas em mar.

A vinte e sete dias do mês d'outubro vespora de Sam-Simam e Judas, que hera sesta feira, achámos muitas baléas e huumas que se chamam quoquas (provavelmente focas e lobos marinhos).

Huuma quarta feira primeiro dia do mês de novembro, que foy dia de Todos os Santos, achámos muitos signaaes de terra, os quaees eram huuns golfãoos (provavelmente o *sargasso* e *trombas*) que naçem ao lomgo de costa.

Aos quatro dias do dito mês, sabado ante manhan duas

oras, achámos fundo de cemto e dez braças ao mais, e ás nove oras do dia ouvemos vista de terra, e emtam nos ajuntámos todos e salvámos o capitam moor com muitas bandeiras e estemdartes e bombardas e todos vistidos de festa, e em este mesmo dia virámos bem junto com terra na volta do mar, porém nom ouvemos conhecimento da terra.

A' terça feira viemos na volta da terra e ouvemos vista d'uuma terra baixa e que tinha huuma grande baya. O capitam moor mandou Pero d'Alanquer no batell a ssumdar se achava bom pouso, pello qual a achou muito boa e limpa e abrigada de todoslos vemtos, soomente de noroeste e ella jaz leste e oeste, aa qual poseram nome santa Ellena. (5)

A' quarta feira lançámos amquora na dita baya, onde estivemos oyto dias alimpando os naviòs e corregendo as vellas e tomando lenha.

A quatro legoas desta amgra pera o sueste jaz huum rio que vem de dentro do sartãoo, que he em boca huum tiro de pedra, e d'altura duas e (ou) tres braças de qualquer auguoa, e chama-se o rrio de Samtiaguo. (6)

Nesta terra ha homens baços, que nom comem senam lobos marinhos e baléas e carne de gazellas e rraizes d'ervas, e andam cubertos com pelles, e trazem huumas baynhas em suas naturas. (7) E as suas armas sam huums cornos tostados metidos em huumas varas d'azambujo e tem muytos cãees como os de Portugall, e asy mesmo ladram.

As avees desta terra sam asy mesmo como as de Portugall, corvos marinhos, guayvotas, rrollas e cotovias, e outras muitas aves, e a terra he muito sadia e tenperada e de boas ervas.

Ao outro dia depois de termos pousado, que foy á quinta feira, saimos em terra com o capitam moor e tomámos huum homem daquelles, o qual era pequeno de corpo e se parecia com Samcho Mixiaa, e andava apanhando mell na charnequa, porque as abelhas naquella terra o fazem ao pee das moutas, e levámollo á naoo do capitam moor, o quall o pôs comsiguo

aa mesa, e de todo o que nós comiamos comia elle. E ao outro dia o capitam moor o vistiu muito bem e o mandou poer em terra. E ao outro dia seguinte vieram quatorze ou XV delles aquy onde tinhamos os navios. E o capitam moor foy em terra e amostrou-lhes muitas mercadorias pera saber se avia naquella terra alguuma daquellas cousas, e as mercadarias eram canella e cravo e aljofar e ouro e asy outras cousas, e elles nam entenderam naquellas mercadarias nada como homens que nunca as viram, pollo quall o capitam moor lhes deu cascavés e anés d'estanho. E isto ffoy á sesta feira. E iso mesmo ao sabado seguinte. E ao dominguo vieram obra de quorenta ou cinquoenta delles, e nós depois que jantámos saimos em terra e com ceitis que levavamos rresgatámos conchas que elles traziam nas orelhas que pareciam prateadas, e rrabos de rraposas que traziam metidos em huuns páoos com que abanavam ao rrosto; onde eu rresgatey huuma baynha que huum delles trazia em sua natura per huum ceitill. Pollo quall nos parecia que elles prezavam cobre, porque elles mesmos traziam huumas comtinhas delle nas orelhas.

Este mesmo dia huum Fernam Velloso que hia com o capitam moor desejava muito hiir com elles a suas casas pera saber de que maneira viviam e que comiam ou que vida hera a sua. E pedio por merçê ao capitam moor que lhe dese licença pera ir com elles a suas casas, e o capitam, vendose emportunado delle que o nom leixava senam que lhe dese a licença, o leixou ir com elles, e nós tornámonos ao navio do capitam moor a cear, e elle se foy com os ditos negros. E tanto que elles de nós foram apartados tomaram huum lobo marinho e foramse ao pee d'uuma serra em huuma charneca e asaram o lobo marinho e deram delle ao Fernam Velloso que hiia com elles e das rraizes das ervas que elles comiam. E acabado de comer disseram-lhe que se viese pera os navios, e nom quiseram que fose com elles. E o dito Fernam Velloso como vêo em direito dos navios começou loguo de chamar, e elles ficaram mitidos pello mato, e nós estavamos ainda cean-

do, e quando ho ouvimos leixaram loguo os capitãees de comer e nós outros com elles, e metemonos na barca à veella, e os negros começaram de correr ao lomguo da praya, e foram tam prestes com o dito Fernam Velloso como nós. Em nós o querendo rrecolher elles nos começaram a tirar com huumas azagayas que traziam, omde foy ferido o capitam moor e tres ou quatro homens. E isto por que nos fiavamos delles, parecendo-nos que heram homens de pequeno coraçam e que nom se astreveriam a cometer o que depois fezeram, pollo quall hiamos despracebidos (*) d'armas. Emtão nos rrecolhemos aos navios.

E tanto que tevemos nosos navios aparelhados e limpos e lenha tomada nos partimos desta terra huuma quinta feira pella manham, que era XVI dias de novembro, nom sabendo nós quanto eramos do cabo de Boa Esperança, salvo Pero d'Alanquer dizia que ao mais que podiamos ser seriam trinta legoas a rree do cabo, e o porque se elle nam afirmava era porque partira huum dia pella manham do cabo, e que de noute pasara per ally com vento à popa, e isso mesmo à yda foram de larguo, e por estes respeitos nom eram em conhecimento domde eramos. Pollo qual fomos em a volta do mar com sull susueste, e ao sabado à tarde ouvemos vista do dito cabo de Boa Esperança, e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e de noute virámos em a volta da terra. E ao domingo pella manham, que foram dezanove dias do mês de novembro, fomos outra vez com o cabo, e nam o podémos dobrar porque o vento era susueste e o dito cabo jaz nordeste, sudoeste,e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e à noute da segunda feira viemos em a volta da terra. E à quarta feira ao mêo dia pasámos pello dito cabo ao longo da costa com vento à popa. E junto com este cabo de Boa Esperança ao sul jaz huuma amgra muito grande que emtra pella terra bem seis legoas e em boca averá bem outras tantas. ([8])

(*) Leia-se desapercebidos.

Em vinte e cinquo dias do dito mês de novembro, huum sabado à tarde, dia de Santa Catarina, entrámos em a angra de Sam Brás, onde estevemos treze dias, porque nesta amgra (1) desfezemos a naoo que levava os mantimentos e os rrecolhemos aos navios.

Á sesta feira seguinte, estando nós aimda na dita amgra de Sam Brás, vieram obra de noventa homens baços d'arte daquelles d'amgra de Santa Elena, e andavám delles ao lomguo da praya, e delles ficavam pellos outeyros. E nós estavamos todos ou a mayor parte de nós a este tempo na naoo do capitam moor. E como os vimos fomos em terra em os batés, os quaes levavamos mui bem armados, e como fomos junto com terra o capitam moor lhes lançava cascavés na praya fóra, e elles os tomavam, e nam soomente tomavam os que lhes lançavam, mas vinham por elles a tomalos da mãoo ao capitam moor, do que nós ficámos muito maravilhados, porque quando Bertolameu Diz aqii esteve elles fogiam delle e nom lhe tomavam nenhuuma cousa daquellas que lhes elle dava, mas antes huum dia, em elles tomando agoa em huuma aguada que aquy estaa muyto boa à beira do mar, elles lha defendiam às pedradas de cima de huum outeiro que está sobre esta auguada, e Bertolameu Diz lhes tirou com huuma bésta e matou huum delles. E ao que posémos (atribuimos) nom fogirem de nós foy que nos pareceo que ouveram novas dos da amgra de Santa Ellena, onde nós primeiro estevemos, que sam de huuma terra aa outra sesenta legoas per mar, como nós eramos homens que nom faziamos mall, mas antes davamos do nosso. E o capitam moor nom quys aquy sair em terra, porque esta honde os negros estavam era huum mato grande, e mudoulhe o posto, e fomos pousar a outro lugar descoberto a alii sayo, e acenámos aos negros que fosem pera honde nós hiamos, e elles foram. E o capitam moor com os outros capitaees sayram em terra, com gente armada honde hiam alguuns com béstas. E o capitam moor lhes mandou emtam que se apartasem e que viesem huum ou dous delles, e isto per açenos. E àquelles que vieram o capitam lhes deu casquavés e barretes vermelhos,

nos davam manilhas de marfim que traziam nos braços, porque nesta terra, segundo nos parece, haa muitos alifantes, e nós achavamos o estravo delles bem a caram (a curta distância) d'aguada honde elles vinham a beber.

Ao sabado vieram obra de duzentos negros antre grandes e pequenos, e traziam obra de doze rrezes antre boyes e vacas, e quatro ou cinquo carneiros, e nós como os vimos fomos loguo em terra. E elles começaram logo de tanger quatro ou cinquo frautas, e huuns tangiam alto e outros baixo, em maneira que concertavam muito bem pera negros de que se nom espera musica, e balhavam como negros. E o capitam moor mandou tanjer as trombetas, e nós em os batés balhavamos, e o capitam moor tambem de volta comnosco; e depois de acabada a festa nos fomos em terra onde da outra vez, e ahi resgatamos huum boy negro por tres manylhas, o qual jantámos ao domingo, e era muito gordo, e a carne delle era saborosa como a de Portugall.

Ao domingo vieram outros tantos, e traziam as molheres comsyguo e moços pequenos, e as molheres estavam em cima de huum alto perto do mar, e traziam muitos boys e vacas, e poseranse em dous lugares ao longo do mar, e tangiam e balhavam como ao sabado. E o costume destes homens he os moços ficarem no mato com as armas; e os homens vyeram a fallar comnosco, e traziam huuns paos curtos nas mãoos e huuns rrabos de rraposas metidos em huuns paos com os quaees abanam o rrosto. E nós estando asy à falla por açenos, vimos amdar antre o mato os moços agachados, e traziam as armas nas mãos. E o capitam moor mandou huum homem, que se chama Martim Affonso, que já andára em Manycongo, fóra, e deu-lhe manilhas que rresgatase huum boy. E elles, depois que teveram as manilhas, tomaram o pella mãoo e foram-lhe mostrar a augada dizendo que, porque lhes tomaramos nós a auguoa? e começaram de lançar os boys pera o mato. E o capitam moor quando isto viu mandou a nós outros que nos rrecolhesemos e tambem que se acolhese o dito Martim Affonso,

isto porque lhe pareceo que elles hordenavam alguuma treiçam. Emtam depois de rrecolhidos nos fomos onde da primeira estevemos, e elles foram depós nós. E o capitam mandou que saysemos em terra com lanças e azagayas e béstas armadas e nosos gibanetes vistidos, e isto mais pera lhes mostrarmos que eramos poderosos pera lhes fazer mall e que lho nam queriamos fazer. Elles quando isto viram começaram de se ajuntar e correr huuns pera os outros, e o capitam, por nom dar azo pera se matar delles alguuns, mandou que se rrecolhesem todos aos batés, e depois que fomos todos rrecolhidos, por lhes dar a emtender que lhes poderyamos fazer mall e que lho nam queriamos fazer, mandou que se tirasem duas bombardas que estavam na popa da barca. E elles estavam todos asemtados na praya junto com ho mato, e quando ouviram desfechar as bombardas começaram de fugir tam rrijo pera o mato que as pelles com que andavam cubertos e as armas lhes ficavam, e depois que foram em o mato tornaram dous por ellas, e nisto começaram de se ajuntar e fugir pera çima de huuma serra, e levavam o gado ante sy.

Os boys desta terra sam muito grandes como os d'Alamtejo e muito gordos a maravilha e muito mansos e sam capados e delles nom tem cornos. E os negros háquelles que sam mais gordos trazemlhes huumas albardas d'atabua asy como os de Castella e huuns paoos asy como andas em cima d'albarda, e amdam em cima delles, e aquelles que elles querem resgatar metemlhes huum paoo de esteva pellas vemtãas e trazenos por alii.

Em esta amgra está huum ilheo ([10]) em mar tres tiros de beesta, e em este ilheo ha muitos lobos marinhos, e delles sam tam grandes como usos muito grandes, e sam muito temerosos, e tem muito grandes dentes, vem-se aos homens, e nenhuuma lança por força que leve os nom pode ferir, e outros mais pequenos, e outros muito pequeninos, e os grandes dam urros como leões, e os pequeninos como cabritos. E aquy fomos huum dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mill, e tiravamoslhes do mar com as bombardas. E neste

ilhéo ha huumas aves que sam tamanhas como patos e nam voam porque nom tem penas nas aas, (azas) e chamamlhes fotylicayos, ([11]) e matámos delles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos.

Estando nesta angra de Sam Brás tomando agoa, huuma quarta feira posemos huuma cruz e huum padram em a dita amgra de Sam Brás, a qual cruz fezemos de huuma mezena, e era muito alta. E á quinta feira seguinte, estando nós pera partir da dita angra, vimos obra de dez ou XII negros, os quaees ante que nós d'alii partissemos derribaram asy a cruz como o padram.

Depois de termos todo o que nos era neçesario partimos daquy, e em este mesmo dia tornámos a pousar duas legoas domde partiramos, porque ho vemto era calma. Á sesta feira, dia de Nossa Senhora da Comcepçam pella manham, démos nossas vellas e seguymos noso caminho. E á terça feira seguinte, que era vespora de Santa Luzia, ouvemos huuma grande tormenta, e corremos á popa com o traquete muito baixo, e neste rroota perdemos Nicollao Coelho, e em este dia pella manham quando vêo ao sol posto viram-o da gavea a rree de nós quatro ou cinquo legoas, e pareceunos que elle nos vira; fezemos foreos (farois) e estevemos a corda. E acabandose o quarto primeiro elle vêo ter comnosco, nam porque elle nos tevese visto de dia, mas porque o vento era pella bolina e nom podia al fazer senam viir ter na nosa esteira.

À' sesta pella manham ouvemos vista de terra, a qual terra he onde se chamam os Ilheos Chãoos, ([12]) os quaees estam alèm do ilheo da Cruz cinquo legoas, e d'amgra de Sam Brás ao dito ilheo da Cruz ha sesenta legoas, e outras tantas ha do cabo de Boa Esperança há amgra de Sam Brás. E dos Ilheos Chãos ao derradeiro padram que Bertolameu Diz pôs outras cinquo legoas, e do padram ao rio do Iffante ([13]) ha quinze legoas. Ao sabado seguynte pasámos pelo derradeiro padram, e asy como nós hiamos ao lomguo da costa asy começaram de ir correndo em terra dous homeens ao longuo da praya comtra onde nós hiamos. E esta terra he muito graciosa e bem asentada, e aquy

vimos andar em terra muito gado, e quanto mais pera diante tamto mais a terra era milhor e de mais altos arvoredos.

A noute seguinte estevemos á corda, por quanto eramos tanto avante como o rrio do Iffante, que era a derradeira terra que Bertolameu Diz descobrio, e ao dia seguinte fomos com vento á popa prelongando a costa até oras de vespora, que nos saltou o vento ao levante, e fezemos na volta do mar, e andámos com huuma volta ao mar e outra á terra até a terça feira acerqua do soll posto, que nos tornou o vento ao ponente, pollo qual estevemos aquella noute á corda pera ao outro dia hirmos rreconhecer a terra onde ou em que paragem eramos. E quando vêo a manham fomos de frecha á terra, e achámonos ás dez oras do dia com o ilheo da Cruz, que era a rree do que nós faziamos sesenta legoas. E isto causaram as correntes que aquy sam grandes, e em este mesmo dia tornámos a pasar a carreira que já tinhamos pasada com muito vento á popa que nos durou tres ou quatro dias, onde rronpemos as correntes a que nós aviamos grande medo nomnos leixar aver aquillo que desejavamos. E daquelle dia em diante quis Deus por sua misericordia que nós fosemos avamte e nom a rre: praza a elle que asy seja sempre.

Dia de Natal, que foy a vinte cinquo dias do mês de dezembro, tinhamos descuberto per costa setenta legoas. [14] Em este dia, depois de termos jantado, em metendo huuma moneta, achámos o masto com huuma fenda abaixo da gavea huuma braça, a quall fenda abria e cerrava. Pollo quall o rremendámos com brandaees até que fosemos tomar porto abrigado omde o corregesemos. E á quinta feira pousámos ao longo da costa, onde tomámos muito pescado, e quando vêo ao soll posto tornámos a dar nosas vellas e seguir noso caminho, e aquy nos ficou huuma amquora, que nos quebrou huum calabrete com que estavamos ao mar. E d'aquy andámos tanto pello mar sem tomarmos porto que nam tinhamos já agoa que bebesemos nem faziamos já de comer senam com aguoa salgada, e pera noso beber nom nos davam senam huum quar-

tilho, de maneira que nos era necesario de tomarmos porto. E sendo huuma quinta feira, que eram dez dias de Janeiro, ouvemos vista de huum rrio pequeno, e aquy pousámos ao longo da costa. E ao outrodia fomos em os batés em terra, honde achámos muitos homeens e molheres negros, e sam de gramdes corpos, e huum senhor antre elles. E o capitam moor mandou sair em terra huum Martim Affonso, que andou em Manicongo muito tempo, e outro homem com elle. E elles lhes fezeram gasalhado. E o capitam mandou áquelle senhor huuma jaqueta e huumas calças vermelhas e huuma carapuça e huuma manilha. E elle dise que qualquer cousa que ouvesem sua terra que nos fose necesaria que nolla daria de mui boa vontade. E isto emtendia o dito Martim Affonso: e aquella noute foy o dito Martim Affonso e o outro com aquelle senhor a dormir a suas casas, e nós tornámonos pera nosos navios. E indo aquelle senhor pello caminho vistio aquilo que lhe deram, e dizia aaquelles que ho vinham rreceber com muito comtentamento: «vedes o que me deram?» e elles batiamlhe as palmas por cortesia e isto fezeram por tres ou quatro vezes até que chegou á aldêa, onde andou per todo o logar asy vistido como hia até que se meteo dentro em casa, e mandou agasalhar aos dous homens que hiam com elle em huum cerrado e alii lhes mandou papas de milho, que ha muito naquella terra, e huuma galinha como as de Portugall. E toda aquella noute vieram muitos homens e molheres a vellos, e quando vêo a manham o senhor os foy ver e lhes dise que se viesem, e mandou dous outros homens com elles, e deulhes galinhas pera o capitam moor, dizendolhes elle que hia amostrar aquillo que lhe deram a huum grande senhor que elles tinham, e segundo nos parecia que seria o rrey daquella terra, e quando chegaram ao porto onde os barquos estavam já vinham com elles bem duzentos homens que vinham a vellos.

Esta terra, segundo nos pareceo, he muito povoada, e ha nella muitos senhores, e as molheres nos parecia que eram mais que os homens, porque onde vinham vinte homens

vinham quorenta molheres. E as casas desta terra sam de palha, e as armas desta jemte sam arcos muito grandes e frechas e azagayas de ferro. E ha nesta terra, segundo nos pareçeo, muito cobre, o qual trazem nas pernas e pellos braços e pellos cabellos rretorcidos. Iso mesmo ha nesta terra estanho, que elles trazem n'huumas guarnições de punhaees, e as baynhas delles sam de marfim. E a jemte desta terra préza muito pano de linho, e nos davam muito deste cobre por camisas, se lhas nós quiseramos dar. Esta jemte traz huumas cabaças grandes em que levam do mar pera o sertãoo agoa salgada, e deitam-a em huumas poças na terra e fazem della sall. Aquy estevemos cinquo dias tomando agoa, a quall nos acaretavam aos batés aquelles que nos vinham a ver. Nom tomámos agoa quamto nós quiseramos, porque o vemto nos yguava (soprava de feição) de viagem. E nós estavamos amquorados ao lomguo da costa no rrollo do mar e a esta terra posemos nome Terra da Boa Jente, e ao rrio do Cobre.

Huuma segunda feira hindo pello mar ouvemos vista de huuma terra muito baixa e de huums arvoredos muito altos e juntos, e indo asy nesta rróta vimos huum rrio larguo em boca, e porque era necesario saber e conhecer omde eramos, pousámos, e huuma quinta feira à noute emtrámos, estando já o navio Berrio dês do outro dia, que foram oyto dias por andar de janeiro. Esta terra he muito baixa e alagadiça, e he de grandes arvoredos, os quaees dam muitas frutas de muitas maneiras, e os homens desta terra comem dellas.

Esta gente he negra, e sam homens de boons corpos, andam nús, soomente trazem huuns panos d'algodam pequenos com que cobrem suas vergonhas, e os senhores desta terra trazem estes panos maiores. E as molheres moças, que nesta terra parecem bem, trazem os beiços furados por tres lugares, e alii lhes trazem huuns pedaços d'estanho retroçydos. E esta jemte folgava muito comnosco, e nos traziam aos navios diso que tinham em almadias que elles tem E nós iso mesmo hiamos

há sua aldêa a tomar agoa.

Depois de aver dous ou tres dias que aqauy estavamos vieram dous senhores desta terra a vernos, os quaees eram tam alterados, que nom prezavam cousa que lhes desem, e huum delles trazia huuma touca posta na cabeça com huuns vivos lavrados de seda, e o outro trazia huuma carapuça de çatim verde. Iso mesmo vinha em sua companhia huum mancebo, que, segundo elles acenavam, era d'outra terra d'ii longe, e dizia que já vira navios grandes como aquelles que nós levavamos, com os quaees signaees nós folgavamos muito, porque nos parecia que nos hiamos chegando pera onde desejavamos. E estes fidalgos mandaram fazer em terra ao longo do rrio a par dos navios huumas ramadas em que esteveram obra de sete dias, onde cada dia mandavam aos navios rresgatar panos, os quaees traziam huumas marcas d'almagra, e depois que se emfadaram d'estar alii se foram em almadias pello rrio acima. E nós estevemos neste rrio trinta e dous dias, em os quaees tomámos agoa e alimpámos os navios e corregeram ao Rrafaell o masto, e aquy nos adoeceram muitos homens que lhes imchavam os pees e as mãos e lhes creciam as gingivas tanto sobre os dentes que os homens nom podiam comer, e aquy posemos huum padram, ao quall poseram nome o padram de Sam Rrafaell, e isto porque elle o levava, e ao rrio dos Boons Signaees. (15)

Daquy nos partimos huum sabado que eram vinte e quatro dias do mês de fevereiro e fomos aquelle dia na volta do mar, e a noute seguinte em leste por nos arredarmos da costa a quall era muito graçiosa de vista. E ao domingo fomos ao nordeste, e quando vêo a oras de vespora vimos estar tres ylhas em o mar e eram pequenas, e as duas sam de grandes arvoredos e a outra he calva e pequena mais que as outras, e de huuma aa outra averá quatro legoas, e porque era noute vyrámos na volta do mar e de noute pasámos por ellas.(16)E ao outro dia fomos noso caminho, e andámos seis dias pello maar, porque ás noutes pairavamos. E huuma

quinta feira, que foy o primeiro dia do mês de março, á tarde ouvemos vista das ylhas e terra que se ao diante segue. E porque era tarde virámos na volta do mar e pairámos até pella manham. E emtam viemos emtrar em a terra syguinte.

Á sesta feira pella manham, indo Nicollao Coelho por dentro daquella amgra errou o canall e achou baixo, e em virando pera os outros navios que vinham detrás viram viir huuns barcos á vélla de dentro daquella ylha da povoaçam, o qual foy com muito prazer a salvar o capitam moor e a seu irmão. E nós nos leixámos ir naquella volta do maar pera avermos de vyr pousar, e nós quanto mais andavamos quanto mais nos elles seguyam capeandonos que aguardasemos. E nós em pousando na lagoa daquella ilha domde vinha o barco, chegaram a nós sete ou oyto daquelles barcos e almadias, os quaees vinham tamjendo huuns anafiis que elles traziam, dizendonos que fosemos pera dentro e que se nós quisesemos que elles nos meteriam em o porto, os quaees emtraram em os navios e comeram e beberam diso que nós comiamos, e depois que se emfadaram foramse, e os capitãees ouveram por conselho que emtrasem em esta amgra pera saberem o trato desta gemte, e que Nicollao Coelho fose primeiro com o seu navio a somdar a barra, e que se fose pera emtrrar que emtrariam. E imdo Nicollao Coelho pera emtrrar foy dar na pomta daquella ilha e quebrou o governalho, (leme) e asy como deu asy sayo pera o alto, e eu era alii com elle. ([17]) E tanto que saimos pera o alto amanhamos nosas vellas e deitámos as anquoras dous tiros de bésta da povoaçam.

Os homens desta terra sam rruyvos e de boons corpos e da seita de Mafamede e falam como mouros, e as suas vestiduras sam de panos de linho e d'algodam muito delgados e de muitas cores de listras, e sam rricos e lavrados, e todos trazem toucas nas cabeças com vivos de seda lavrados com fio d'ouro, e sam mercadores e tratam com mouros brancos, dos quaees estavam aquy em este logar quatro navios delles que traziam ouro prata e cravo e pimente e gingivre e

anés de prata com muitas perllas e alojfar e rrobins, e iso mesmo todas estas cousas trazem os homens desta terra. E ao que nos pareçia, segundo elles diziam, que todas estas cousas vinham aquy de carreto e que aquelles mouros o traziam, salvo o ouro, e que pera diante pera onde nós hiamos avia muito, e que as pedras e o aljofar e especiaria era tanta que nam era necessario rresgatalla mas apanhala aos cestos. E isto tudo emtendia huum marinheiro que o capitam moor levava, o quall fora já cativo de mouros e portanto emtendia estes que aquy achámos. E mais diseram os ditos mouros que aviamos, que neste caminho que levavamos achariamos muitos baixos, e que tambem achariamos muitas cidades ao longo do mar e que aviamos de ir topar com huuma ilha em que estavam ametade mouros e ametade christãoos, os quaees christãoos tinham guerra com os mouros, e que em esta ilha avia muita rriquesa.

Mais nos diseram que Prestes Joham estava d'alii perto e que tinha muitas cidades ao lomgo do mar, e que os moradores dellas eram grandes mercadores e tinham grandes naos, mas o Preste Joham estava muito dentro pello sartãoo, e que nom podiam lá ir senam em camelos: os quaees mouros traziam aquy huuns dous christãos imdeos cativos, e estas cousas e outras muitas diziam estes mouros do que eramos tam ledos que com prazer choravamos, e rrogavamos a Deos que lhe aprouvese de nos dar saude pera que visemos o que todos desejavamos.

Em este lugar e ilha a que chamão Moncobiquy (Moçambique) estava huum senhor a que elles chamavam Colytam (Sultão) que era como visorrey, ([18]) o qual vêo aos nosos navios por muitas vezes com outros seus que com elle vinham. E o capitam lhe dava mui bem de comer, e lhe fez huum serviço de chapeos e marlotas e corraes ([2]) e outras cousas muitas. E elle era tam alterado que desprezava quanto lhe davam, e pedia que lhe desem escralata, e nós nom ha levavamos, mas diso que tinhamos diso lhe davamos.

O capitam moor lhe deu huum dia huum convite, o qual foy de muitos figos e comservas, e lhe pedio que lhe dese dous pilotos que fosem comnosco, e elle dise que sy, comtanto que hos comtentasem, e o capitam mor lhes deu trinta meticaes d'ouro ([19]) e duas marlotas (vestidos curtos) a cada huum, e foy com condiçam que daquelle dia que elles isto rrecebesem que se quisesem sair fóra que ficase huum delles sempre em o navio, do quall elles foram mui comtentes. E huum sabado, que foram a dez dias do mês de março, partimos, e viemos pousar huuma legoa em maar junto com huuma ilha, pera que ao domingo disesem misa, e se confesasem e comungasem os que quisesem.

Huum daquelles pillotos ficava em a ilha, e depois que pousámos armámos dous batés pera avermos d'iir por elle, em os quaees batés em huum delles hia o capitam moor e em o outro Nicollao Coelho. E elles asy imdo sairam a elles cimquo ou seis barcos com muita gente, os quaees traziam arcos com suas frechas muito compridas e tavolachinhas, ([20]) e capeavamlhes que se tornasem pera a villa. E o capitam mor, quando vio aquillo, prendeo o pilloto que levava comsigo, e mandou que tirasem com as bombardas áquelles que vinham nos barcos. E Paulo da Gama que ficava em os navios pera que se fose alguma cousa que fose em dos a socorrer, o quall, como ouvio as bombardas, fezse á vella em o navio Berrio, e os mouros, como já d'antes fogisem, quando vieram ir o navio á vella fogiram muito mais, e acolheram-se a terra ante que a elles chegase o Berrio, e asy nos tornámos ao pouso. E ao domingo disémos nosa misa em a ilha de baixo de huum arvoredo muito alto. E depois de dita a misa nos viemos pera as náos, e loguo nos fezemos á vella e começámos de seguir nosa via com muitas galinhas e muitas cabras e pombas que aquy rresgatámos por huumas comtinhas amarellas de vidro.

As náoos desta terra sam grandes e sem cubertas e nam tem pregadura e andam apertadas com tamiça, e isso

mesmo os barcos, e suas vellas são esteiras de palma, e os marinheiros dellas tem agulhas genoiscas (genovesas) per que se rregem e quadrantes e cartas de marear.

As palmeiras desta terra dam huum frutu tam grande como mellões, e o miollo de dentro he o que comem, e sabe como junça avellanada, e tambem ha hii pipinos e mellõees muitos, os quaees nos traziam a rresgatar.

Naquelle dia que Nicollao Coelho emtrou o senhor que em esta veio ao navio com muita gente, e elle o agasalhou muito bem e lhe deu huum capuz vermelho, e o senhor a elle huumas contas pretas que elle trazia por que rreza, as quaees lhe deu por seguro, e pedio o batel a Nicolao Coelho para se ir nelle, e elle lho deu. E depois que foy em terra levou comsigo a sua casa aquelles que hiam com elle e os comvidou e depois lhes mandou que se viesem, e mandou a Nicolao Coelho huum pote de tamaras pisadas as quaees tinham conserva de cravos e cominhos. E asy depois mandou ao capitam moor muitas cousas. E isto foy emquanto lhe parecia que nós eramos turcos ou mouros de alguma outra parte, porque elles nos preguntavam que se vinhamos de torquia, e que lhes mostrasemos os arcos de nosa terra e os livros de nosa ley. E depois que souberam que nós eramos christãoos ordenaram de nos tomarem e matarem á treiçam, mas o pilloto seu que comnosco levavamos nos descobrio todo o que elles hordenaram de fazer contra nós se o poderam poer em obra.

À terça feira vimos huuma terra, a qual tinha estes momtes além de huuma pomta, a quall pomta ao lomgo da costa tem huum arvoredo alto que parecem urmeiros e sam rralos. E esta terra será do lugar donde partimos ao mais XX legoas, e aquy amdámos em calmarias a terça feira e a quarta. E a noute seguinte fomos em a volta do mar com vento levante pouco, e quando vêo a manham achámonos a ree de Mamcobiquy quatro legoas, e aquelle dia andámos até a tarde e pousámos junto com a ilha onde nos dyse-

ram misa o domingo d'amte pasado ([21]) e alii estevemos oyto dias esperando por tempo. E neste mêo tempo nos mandou dizer o rrey de Mamcobiquy que queria fazer paz comnosco e ser noso amigo, e desta paz foy embaxador huum mouro branco que era Xarife, que quer dizer creligo, o quall era huum grande bebado. E estando nós aquy vêo huum mouro com huum minino seu filho e meteose em huum navio dos nosos dizendo que se queria ir comnosco porque era de junto com Meca, e viera aquy a Momcobiquy por pilloto de huuma naoo desta terra. E porquanto nos nom acudia tempo, nos foy necesario emtrarmos em o porto de Momcobiquy a tomar agoa que nos era necesaria, a qual estava da outra parte da terra firme, da qual agoa bebem os da ilha por hii nom aver outra senam se for salgada.

Huuma quinta feira emtrámos em o dito porto, e como foy noute lançámos os batés fóra, e como foy mêa noute o capitam moor e Nicollao Coelho e alguns de nós outros fomos a ver onde estava a agoa, e levámos comnosco o pilloto mouro, o qual andava mais pera fogir, se podera, que pera nos mostrar onde estava augoa. E se emlheou em tal maneira, que nunca nos soube amostrar onde era, ou nam quys, e nisto andámos até que amanheçeo. Emtam nos tornámos pera os navios, e quando vêo a tarde tornámos outra vez lá como mesmo piloto; e nós junto com ha auguada, andavam ao longuo da praya obra de vinte delles escaramuçando com azagayas nas mãoos pera nos averem de defender a agoa e o capitam moor lhes mandou tirar tres bombardadas pera que nos desem logar pera avermos de saltar fóra. E asy como nós fomos fóra elles se embranharam em o mato, e nós tomámos quanta agoa quesemos, e quando nos rrecolhemos era acerqua do soll posto, e achamos huum negro do pilloto Jhoam de Coimbra fogido.

Ao sabado, que foram vinte e quatro dias do mês de março, vespora de Nosa Senhora, e era pella manham, vêo huum Mouro em direito dos navios a dizer que se quisese-

mos a agoa que fosemos por ella, dando a emtemder que llá estava quem nos faria tornar. E o capitam moor, como vio isto, determinou que fosemos, pera lhes mostrarmos como lhes podiamos fazer mall se quisesemos, pollo quall logo, com os batés armados e bombardas nas popas delles, nos fomos á aldêa, e os mouros tinham fectas paliçadas muito bastas, e muito taboado basto, atado em maneira que os que estavam detrás delle nam os podyamos ver, e elles andavam ao longo da praia com tavollachinhas, azagaias, agomias, e arcos e fundas, com que nos tiravam ás pedras. Mas nós com as bombardas lhes faziamos tal companhia que lhes comvêo deixar a praya, e meterem-se na palhiçada que tynham fecta, a qual lhes fazia mais dapno que proveito, e nisto estevemos obra de tres oras. E alii vimos dous homens mortos, huum que matámos na praya, e outro dentro em a estacada. E depois de estarmos delles emfadados, viemonos a jantar aos navios, e elles começaram logo de fugir e acarretar fato em almadias pera huuma aldea que está da outra banda. E nós depois que jamtámos fomos com os batés a ver se podiamos tomar alguns delles pera por elles avermos os dous christãoos ymdios que tinham cativos e o negro que nos alii fugira, pollo quall fomos depós huuma almadia do xarife que hia carregada de fato e outra que levava quatro negros, a quall tomou Paullo da Gama, e a que vinha carregada de fato como foram em terra fugiram todos e leyxaram a almadia à costa, aquella e outra que achámos ao longo do mar; e os negros que hali tomámos trouxemollos aos navios. E nas almadias achámos muitos panos d'algodam finos e seiras de palma e huuma talha vidrada de manteiga e arredomas de vidraço com augoas e livros de sua ley e huum cofre com muitas meadas d'algodam e huuma rrede iso mesmo d'algodam e muitos seirõees chêos de milho. E todas estas cousas que se alii tomaram o capitam moor as deu aaquelles marinheiros que se alii acharam com elle e com os outros capitãees, salvo os livros, que elle guardou pera mostrar a El-Rey. E ao domingo seguinte fomos tomar agoa, e á segunda feira fomos ante a villa com os batés armados, e os mouros falavam de detrás as casas, porque

nom ousavam de vir á praya; e depois que lhes tirámos com as bombardas nos viemos pera os navios, e á terça feira nos partimos d'ante a villa e viemos a pousar junto com os Ilheos de Sam Jorje, honde estevemos ainda tres dias esperando que nos dése Deus tempo, e á quinta feira, que foram vimte e nove dias do dito mês, nós partimos dos ditos Ilheos, e porque o vento era pouco, quando vêo ao sabado pella manham, que foram XXX dias do dito mês, eramos vinte e oyto legoas dos ditos Ilheos.

No dito dia pella manham fomos tanto avante a terra dos mouros, donde tornaramos a ree com as correntes que eram grandes.

Ao domingo, primeiro dia do mês d'abrill, fomos com huumas ilhas [22] que estam bem apar da terra e á primeira das ditas ilhas poseram nome a Ilha do Açoutado, [23] porque ao sabado à tarde o pilloto mouro que comnosco levavamos mintio ao capitam, dizendo-lhe que estas ilhas eram terra firme, e por esta mintira que lhe dise o mandou açoutar. As naos desta terra navegam antre a terra e estas ilhas, e vam por quatro braças, e nós fomos a maar dellas. Estas ilhas sam muitas e muito juntas, que nom as podyamos extremar huumas das outras, e sam povoadas. E á segunda feira ouvemos vista de outras ilhas que estam em mar cinquo legoas.

A' quarta feira, que foram quatro dias d'abrill, démos as vellas e fomos ao noroeste, e ante de mêo dia ouvemos vista de huuma terra grosa e duas ilhas junto com ella, e esta terra tem derredor de sy muitos baixos. E tanto que fomos juntos com ella, que os pillotos a rreconheceram, diseram que ha hilha dos christãos [24] ficava a rree de nós tres legoas, e emtam trabalhamos todo o dia para ver se a podyamos cobrar, e porque o ponente era muito nom a podémos cobrar. Emtam ouveram os capitãees por comselho que arribasemos pera huuma cidade que estava quatro jornadas de nós, a qual cidade se chama Mombaça.

Esta ilha era huuma pera que nós vinhamos, a qual os pillotos que traziamos diziam que era de christãos, e emtam

arribámos já tarde com muito vento, e acerqua da noute vimos huuma ilha mui grande ([25]) que nos demorava ao norte, na qual ilha nos diziam os pillotos mouros que levavamos que havia huuma villa de christãoos e outra de mouros. Esta noute seguinte fomos na volta do maar, e quando vêo pella manham nom vimos terra; emtam fezemos caminho de noroeste, e quando vêo a tarde vimos terra.

E esta noute seguinte fezemos o caminho ao norte e a quarta de noroeste, e no quarto d'alva fezemollo ao noroeste. E indo asy com vento tendente, duas oras ante manham, deu o navio Sam Rafaell em sequo em huuns baixos que estam da terra firme duas legoas, e como deu em sequo bradou aos outros que vinham detrás, os quaees tanto que ouviram os brados pousaram delle huum tiro de bombarda, e lançaram os batés fóra, e como foy baixa mar ficou o navio de todo em seco, e com os batés lançaram muitas amquoras ao maar, e como vêo a maré do dia, que foy prea-maar, sayo o navio, com que todos folgámos muito.

Em a terra firme, em direito destas baixas, está huuma serrania muito alta e fermosa, a qual seranya poseram nome as Serras de Sam Rrafaell, e ás baixas iso mesmo.

Estando o navio em seco vieram duas almadias a elle e a nós, as quaees trouxeram muitas laranjas muito boas, milhores que has de Portugall, e ficaram em o navio dous mouros, que foram ao outro dia comnosco a huuma cidade que se chama Mombaça.

Ao sabado pella manham, que foram a sete dias do dito mês, vespora de Rramos, fomos ao longo da costa e vimos huumas ilhas, que estavam a mar da terra firme quinze legoas e bojavam seis legoas em comprido, em as quaees ilhas ha muitos mastos, com que emmasteam as naoos daquella terra, e sam todas povoadas de mouros; e ao soll posto fomos pousar defronte da dita cidade de Mombaça, e nam emtrámos em o porto: e em nós chegando vêo a nós huuma zavra carregada de mouros, e davante da cidade estavam muitas naoos todas

embandeiradas com seus estandartes. E nós, por lhes termos companhia, fezemos outro tanto e mais aos nosos navios, que nos nom falecia senam jente que nam tynhamos, porque ainda esa pouca que tinhamos era muito doente. E alli pousámos com muito prazer, parecendonos que ao outro dia yryamos ouvir misa em terra com os christãos, que nos diziam que aquy avia, e que estavam apartados sobre sy dos mouros, e que tinham alquaide seu.

Os pillotos que nós levavamos diziam que em esta ilha de Mombaça estavam e viviam mouros e christãoos, e que vivyam apartados huns dos outros, e que cada huns tinham seu senhor, e que como nós aquy chegasemos, que elles nos fariam muita honra e que nos levariam pera suas casas. E isto era dito pollo que elles desejavam de fazer, que nam por ser asy.

Aquella noute seguinte á mêa noute vieram em huuma zavra obra de cem homes todos com tarçados e tavolachinhas, e como chegaram onde o capitam mor estava, quiseram emtrar com as armas, e elle nam quis, e nam emtraram mais de quatro ou cinquo dos mais honrados delles, e esteveram obra de duas horas comnosco, e emtam se foram, e o que nos pareçeo desta vinda foy que elles vinham pera verem se poderiam tomar alguum destes navios.

Ao dominguo de Rramos mandou o rey de Mombaça ao capitam moor huum carneiro e muitas laranjas e cidrões e canas d'açuquar, e mandou-lhe huum anell por seguro; e que se quisese entrar que lhe daria todo o que lhes fezesse mester; e vieram dous homens muito alvos, que diziam que eram christãoos, e a nós asy com nollo pareçia, este presente. E o capitam moor lhe mandou huum rramall de coraees, e mandou-lhe dizer que ao outro dia hiria pera dentro, e em este dia mesmo ficaram no navio do capitam quatro mouros dos mais honrados. E o capitam mandou dous homens ao rey desta cidade pera mais comfirmar suas pazes, os quaes, como foram em terra, foy loguo muita gente com

onde bate o mar, e he porto onde emtram muitos navios cada dia e tem aa emtrada huum padram, e tem a villa junto com ho mar huuma fortalleza baixa. E os que foram em terra nos diseram que viram andar pella villa muitos homes presos com ferros, e estes segundo nos parecia deviam de ser christãos, porque os cristãos nesta terra tem guerra com os mouros.

Os christãoos que estam nesta cidade sam como estantes [28] mercadores, os quaees sam muito sogeitos, porque nom fazem mais que o que lhes ho rrey mouro manda.

Quis Deus por sua misericordia que como fomos junto com esta cidade logo todollos doentes que traziamos foram sãoos, porque esta terra he de muito bons arres (ares).

Estevemos ainda a quarta e quinta feira depois de termos conhecida a malicia e treyçam que estes perros quiseram pôr em obra comtra nós. E partimos pella manham d'aly com pouco vento, e viemos pousar de Monbaça obra de oyto legoas junto com terra. E em amanhecendo vimos dous barcos a julavemto de nós em mar obra de tres legoas, pollo qual loguo arribámos contra elles para os avermos de tomar, porque desejavamos de aver pillotos que nos levasem onde nós desejavamos. E quando vêo a oras de vespora fomos com huum dos ditos barcos e tomámollo, e outro se nos acolheo a terra, e naquelle que tomámos achámos dezasete homes e ouro e prata e muito milho e mantimento e huuma moça, molher de huum homem velho, mouro honrrado que hũ vinha. E tanto que nós chegámos junto com elles todos se lançaram ao mar, e nós hos andámos tomando com os batés.

Neste mesmo dia ao soll-posto lançámos anquora em direito de huum logar que se chama Milinde, o quall está de Mombaça trinta legoas, e de Mombaça ha esta villa de Milinde ha estes logares que se seguem: primeiramente Benapa, e Toça, e Nuguo-quioniete.

Ao dia de Pascoa nos diseram estes mouros que tinhamos cativos que em a dita villa de Milinde estavam quatro navios de christãoos, os quaees eram indios, e que, se os quisesemos

alii levar, que dariam por si pilotos christãoos e todo o que nos fezese mester, asy de carnes, augua, lenha e outras cousas; e o capitam moor que muito desejava aver pillotos daquella terra, depois de termos tratado este partido com estes mouros, fomos pousar da villa mêa legoa de terra, e os da villa nunca ousaram de viir aos navios, porque estavam já avisados e sabiam que tomaramos huuma barca com os mouros.

Á segunda feira pella manham mandou o capitam moor poor aquelle mouro velho em huuma baixa que está defronte da villa, e alii vêo huuma almadia por elle, o quall mouro foy dizer a elrey o que o capitam queria e como folgaria de fazer paz com elle. E depois de jamtar vêo ho mouro em huuma zabra, em a quall o rrey daquella villa mandou hum seu cavaleiro e hum xarife, e mandou tres carneiros e mandou dizer ao capitam que elle folgaria de antre elles aver paz e estarem bem, e que se lhe conprise alguma cousa de sua terra que lho daria com mui boa vontade, asy os pilotos como qual outra cousa. E o capitam moor lhe mandou dizer que ao outro dia hiria pera dentro do porto, e mandou-lhe loguo pollos mesegeiros huum balandrão e dous rramaees de coraees e tres baçias e huum chapeo e cascavés e dous lambés. ([29])

Loguo aa terça feira nós chegámos mais pera junto da villa, e elrey mandou ao capitam seis carneiros e muitos cravos e cominhos e gingivre e noz nozcada e pimenta, e mandoulhe dizer que ha quarta feira se queria ver com elle no mar; qui elle iria na sua zavra, e que fose elle no seu batell.

Á quarta feira depois de jantar vêo elrey em huma zavra, e vêo junto dos navios, e o capitam sayo em o seu batell muito bem corregido, e como chegou onde elrey estava logo se o dito rrey meteo com elle, e alii pasaram muitas palavras e boas, entre as quaees foram estas: Dizendo elrey ao capitam que lhe rrogava que fose com elle a sua casa folgar, e que elle hiria dentro aos seus navios, e o capitam lhe dise que nom trazia licença de seu senhor pera sair em terra, e que se em terra saise que daria de sy maa conta a quem o llá mandara. E o rey

rrespondeo que se elle aos seus navios fose que conta darya de sy ao seu povo, ou que diriam? E preguntou como avia nome o noso rrey, e mandou o escrepver, e dise que se nós por aquy tornasemos que elle mandaria huum embaixador ou escrepveria. E depois de terem falado cada huum o que queria, mandou o capitam por todos os mouros que tinhamos cativos e deulhos todos, do qual elle foy mui contente, e dise que mais prezava aquillo que lhe darem huuma villa. E o rrey andou folgando de rredor dos navios, donde lhe tiravam muitas bombardas e elle folgava muito de as ver tirar, e nisto andaram obra de tres oras, e quando se foy leixou no navio huum seu filho e hum seu xarife, e foram com elle a sua casa dous homens dos nosos, os quaees elle mesmo pedio que queria que fosem ver os seus paços, e mais dise ao capitam que pois elle nam queria ir a terra que fose ao outro dia, e que andase ao lomgo da terra, e que elle mandaria cavalgar seus cavaleiros.

Estas sam as cousas que ho rrey trazia: Primeiramente huuma opa de damasco forrada de çatim verde e huuma touca na cabeça muyto rrica e duas cadeiras d'arrame com seus coxins e huum toldo de çatim crimisym, o quall toldo era rredondo e andava posto em huum pao. E trazia huum homem velho por paje, o quall trazia huum traçado que tinha a baynha de prata, e muitos anafis e duas bozinas de marfim d'altura de huum homem, e eram muito lavradas, e tangiam-se por huum buraco que tem no mêo, as quaees bozinas concertam com os anafis no tanjer.

Á quinta feira foy o capitam moor e Nicollao Coelho nos batés com bombardas nas popas, e foram ao longo da villa. Em terra andavam muitos homens e antrelles dous a cavallo escaramuçando e folgando muito, quanto ao que elles mostravam. E alii tomaram elrey de huuma escada de pedra nos seus paços em huumas andas e trouxeram o ao batel onde o capitam estava. Alii tornou a pidir ao capitam que fose em terra, porque tinha huum pay entrevado que folgaria de o ver, e que elles e

os seus filhos yriam estar nos seus navios, do que se o capitam escusou.

Aquy achámos quatro naoos de christãoos da Imdia, (30) os quaees a primeira vez que vieram ao navio de Paullo da Gama, onde o capitam moor estava, alii lhe mostraram huum retavollo em que estava Nossa Senhora com Jhesu Christo nos braços ao pee da cruz e os apostollos. E os indios quando viram este retavollo lançavam-se no cham, os quaees em quanto aquy estevemos vinham fazer suas orações. E traziam cravos e pimenta e outras cousas que offereciam.

Estes indios sam homens baços, e trazem poucas rroupas, e trazem grandes barbas, e os cabellos da cabeça muito longos, e trazem-os trançados, e nam comem carne de boy, segundo elles diziam, e a sua linguajem he estremada da dos mouros e alguns delles sabem alguma pouca d'arravia (árabe) polla continoa comunicaçam que tem com elles.

Aquelle dia que o capitam mor foy andar nos batés por junto da villa tiraram das naos dos christãos indios muitas bombardas, e alevantavam as mãoos quando os viam pasar dizendo todos com muita alegria Christe Christe.

E este dia pidiram elles licença a elrey pera lhes deixar fazer de noute festa a nós outros. E como vêo a noute fezeram muita festa e tiraram muitas bombardas e lançavam foguetes e davam grandes gritas.

Mais diseram estes imdios ao capitam moor que nom fose em terra, e que se nam fiase dos seus tanjères, porque nom diziam com os coraçõees nem com as vomtades.

Ao dominguo seguinte, que foram vinte e dous dias do mês d'abrill, vêo a zavra d'elrey a bordo, onde vinha huum seu pryvado, porque avia já dous dias que nom vieram aos navios, do quall o capitam lançou mãos, e mandou dizer a elrey que lhe mandase os pillotos que lhe tinha promettido. E como foy o rrecado, elrey lhe mandou loguo huum piloto christão, e o capitam deixou logo ir aquelle fidalguo que elle tinha rreteudo no navio. E folgámos muito com o pilloto christão que nos

elrey mandou. ([31])

Aquy soubemos como aquella ilha, que nos diseram em Mocombiquy que era de christãos, he huma ilha onde está o mesmo rrey de Mocombiquy, a quall he ametade de mouros e ametade de christãos. E nesta ilha ha muito aljofar, e o nome da ilha he Quyluee, e aquy desejaram os pilotos mouros de nos levar, e nós tambem o desejavamos, por nos pareçer que era asy como elles diziam.

Esta villa de Milynde está em huma angra e está assemtada ao lomguo de huma praya, a quall villa se quer pareçer com alcouchete, e as casas sam altas e muy bem cayadas e tem muitas janellas, e tem ao lomgo delle (leia-se dela) da banda do sartão que está apegado com as casas, huum palmeirall muito grande, e toda a terra derredor sam lavoyras de milho e outros legumes.

Aquy estevemos davante esta villa nove dias, e em estes nove dias sempre se faziam em terra festas e muitas escaramuças a pee, e avia aquy muitos tanjères.

Á terça feira, que foram vinte e quatro de dito mês, nos partimos d'aquy com ho pilloto que nos elrey deu pera humma cidade que se chama Qualecut, da quall cidade elrey tinha notiçia ([32]) e fomos em leste a demandala. E aquy he a costa de norte e sull, porquanto a terra aquy faz huuma muito grande emseada e estreito, em a quall emseada, segundo nós tinhamos noticia, ha muitas cidades de christãos e mouros, e huma cidade que se chama Quambaya, e seiscentas ilhas sabidas, e honde está o Mar Ruyvo e a casa da Meca. E ao dominguo seguinte ouvemos vista do norte, o qual avia muito que leixaramos de ver, e huma sestafeira, que foram XVII dias de mayo, vimos huuma terra alta, a qual avia vinte e tres dias que nom viramos terra, vindo sempre em estes dias com vento á popa, que ao menos que podyamos andar em esta travesa seriam seiscentas legoas. E averia de nós aa terra, ao tempo que a vimos oyto legoas, e aly lançaram o prumo e acharam quorenta e cinquo braças, he aquella noute

fezemos o caminho ao susueste por nos arredarmos da costa, e ao outro dia viemolla demandar e nom nos chegámos tanto a ella que o piloto podése aver prefeito conhecimento da terra, isto pollos muitos chuyveiros e trovoadas que faziam em esta terra nesta travesa e costa por que navegavamos. E ao dominguo fomos juntos com huumas montanhas, as quaees estam sobre a cidade de Calecut e chegámonos tanto a ellas até que o pilloto que levavámos as conheceo e nos dise que aquella era a terra honde nós desejavamos d'ir. E em este dia á tarde fomos pousar abaixo desta cidade de Calecut duas legoas, e isto porque ao pilloto pareçeo por huma villa que alii estava, a que chamam Capua (33) que era Calecut, e abaixo desta villa está outra que se chama Pandarramy (34) e pousámos ao longuo da costa obra de huma legoa e mêa da terra. E depois que asy estevemos pousados vieram de terra a nós quatro barcos, os quaees vinham por saber que gente eramos, e nos diseram e amostraram Calecut. E ao outro dia iso mesmo vieram estes barcos aos nossos navios, e o capitam moor mandou huum dos degradados a Calecut, e aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de tunez que sabiam fallar castellano e januês (35) e a primeira salva que lhe deram foy esta que se ao diante segue: —Al diabro que te doo: quem te traxo aquá ? — e preguntaram-lhe que vinhamos buscar tam longe, e elle lhe rrespondeo: — vimos buscar christãos e especiaria. —Elles lhe disseram: — porque nom manda quá elrey de castella e elrey de França e a senhoria de Veneza? —e elle lhe rrespondeu que elrey de Portugall nom queria consentir que elles quá mandasem, e elles diseram que fazia bem. Emtam o agasalharam e deramlhe de comer pam triguo com mell, e depois que comeo vêose pera os navios e vêo com elle huum daquelles mouros, o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras: — boena vemtura, boena ventura: muitos rrobis, muitas esmeraldas: muitas graças devês de dar a Deus por vos trazer a terra honde ha tanta rriquesa. — Era pera nós isto tanto espanto, que o ouviamos fallar e nam o criamos que homem

ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendese nossa falla.

Esta cidade de Calecut he de christãoos ([35]) os quaees sam homens baços e andam delles com barbas grandes e os cabellos da cabeça compridos, e outros trazem as cabeças rrapadas e outros trosquyadas, e tragem em a moleira huuns topetes por signall que sam christãos, e nas barbas bigodes, e trazem as orelhas furadas e nos buracos dellas muito ouro, e andam nuus da çinta pera çima, e pera baixo trazem huuns panos d'algodam muito delgados, e estes que asy andam vistidos sam os mais honrrados, que os outros trazense (trajam-se) como podem. As molheres desta terra em geerall sam fêas e de pequenos corpos, e trazem ao pescoço muitas joias d'ouro, e pellos braços muitas manilhas e nos dedos dos pés trazem anés com pedras rriquas. Toda esta gente he de boa condiçam e sam maviosos, quamto ao que parecem, e sam homens que segundo a primeira façe sabem pouco, e sam muito cobiçosos.

Ao tempo que nós chegámos a esta cidade de Calecut elrey estava della quinze legoas, e o capitam moor mandou lá dous homeens, pellos quaees lhe mandou dizer que huum embaixador d'elrey de Portugall estava alii, e que trazia cartas delle, e que se elle mandase, que elle lh'as levaria lá honde elle estava. O quall rey, como vio o dito rrequado do capitam, fez mercê aos dous homes que lho deram de panos muito boons. E mandou-lhe dizer que elle fose mui bem vindo, e que loguo se vinha a Qualecut, como de fecto loguo partio com muita jente depós sy. E mandou-nos per estes dous homes huum piloto, que nos levase a huum logar que se chama Pandarany abaixo donde pousaramos da primeira, que agora estavamos davante a cidade de Calecut, por que alii estava bom porto, e que alii nos amarrasemos, porque ally honde estavamos era mao porto e de pedra, como de fecto era asy, e que era costume que os navios que vinham a esta terra pousasem alii por estarem seguros. E o capitam, visto este rrecado d'elrey e como nom estavamos bem, mandou que désemos

logo a nosas vellas, e fomos a pousar em aquelle porto. E nam fomos tanto dentro como o pilloto que nos elrey mandou quisera. E depois de estarmos assentados e amarrados no dito porto, vêo rrecado ao capitam mor d'elrey como estava já alii na cidade e mandou hum homem que se chama Bale ([37]) o qual he como alquaide, que elle de contino traz consiguo duzentos homens armados de espadas e adargas, aaquella villa de Pandarim pera aver d'ir com o capitam mor onde elrey ficava e outros homens honrrados. E aquelle dia que o rrecado vêo era tarde e o capitam nam quis hir. E ao outro dia pella manham que foy huma segunda feira vinte e oito dias do mês de mayo, foy o capitam a falar a elrey, e levou comsygo dos seus treze homens, dos quaees eu fuy huum delles. ([38]) E todos hiamos muito bem ataviados e levavamos bombardas nos batés e trombetas e muitas bandeiras, e tanto que o capitam foy em terra estava aquelle alquayde com muitos homens consiguo armados, e delles sem armas, os quaees rreceberam o capitam com muito prazer e gasalhado, como homens que folgavam de nos ver. Elles loguo ao presente são homens carregados, porque trazem aquellas armas nuas nas mãos. Alii trouxeram ao capitam mor humas andas d' omeens em que os onrrados custumam em aquella terra d'andar ([39]) e alguns mercadores se as querem ter pagam por ello a elrey certa cousa. E o capitam se pôs n'ellas, e levavano seis homens a rrevezes, e partimos com toda aquella jente depos nós caminho de Qualecut, e daquy fomos a outra villa que se chama Capua. Alii apousentaram o capitam moor em casa de huum homem honrrado, e mandaram fazer de comer pera nós outros, o quall foy arroz com muita manteiga, e muito bom pescado cozido. E o capitam nom quis alii comer, e depois que nós outros comemos foy o capitam mor embarcar a hum rrio que alii hia junto, o qual vay antre o mar e a terra firme, ao lomguo da costa. E as barquas em que embarquámos eram duas, as quaees estavam liadas pera que podesemos ir juntos, afóra outras muitas barcas em que hia outra muita gente. Da que hia por

terra nam diguo nada, que era infindisima, a quall vinha toda a nos ver, e por este rrio hiriamos obra d'uuma legoa, onde vimos muitas naoos grossas e grandes, as quaees estavam varadas em seco por rrespeito do porto que alii nom ha. E depois que desembarquámos o capitam moor tornou ás suas andas e fomos noso caminho onde a jemte era tanta que nos vinha a ver que nom tinha conto. E asy como as molheres sayam das casas com os filhos nos braços asy se hiam depós nos. Aquy nos levaram a huma grande igreja, ([10]) em a quall estavam estas cousas seguintes:

Primeiramente ho corpo da igreja he da grandura d'uum mosteiro, toda lavrada de quantaria, telhada de ladrilho, e tinha à porta principall huum padram d'arame d'altura de hum masto, e em cima deste padram está humma ave que parece gallo, e outro padram d'altura de huum omem e muito groso. E em o meio do corpo da igreja está huum coruchéo todo de quanto, (pedra da cantaria), e tinha huma porta quanto huum homem cabia, e huma escada de pedra per que sobiam ha esta porta, a quall porta hera d'arame, e dentro estava huuma Ymagem pequena, a quall elles diziam que era Nosa Senhora, e diante da porta principall da igreja ao lomgo da parede estavam sete campãas pequenas. Aquy fez o capitam mor oraçam e nós outros com elle, e nós nom emtrámos dentro em esta capella, porque seu costume he nom emtrar nella senam homens certos que servem as igrejas, aos quaees elles chamam quafees. Estes quafees trazem humas linhas per çima do onbro lançadas (e onbro he ho esquerdo) e por debaixo do onbro do braço direito asy como trazem os creligos d'avangelhos a estolla. Estes nos lançaram agoa benta; dam hum barro branco que os christãos desta terra acostumam de poonr ([11]) em as testas e nos peitos e derredor do pescoço e em os buchos dos braços. Toda esta çerimonia fezeram ao capitam, e lhe davam aquelle barro que posése, e o capitam o tomou e o deu a guardar dando a emtemder que depois o pomria. E outros muitos santos esta-

vam pintados pellas parredes da igreja, os quaees tinham diademoas, e a sua pimtura hera em diversa maneira, porque os dentes eram tam grandes que sayam da boca huma polegada, e cada santo tinha quatro e cinquo braços, e abaixo desta igreja estava hum gram tanque lavrado de quantaria asy como outros muitos que pello caminho tinhamos visto.

E d'aquy nos fomos, e à emtrada da cidade nos levaram a outra a quall tinha estas mesmas cousas açima comtadas. Aquy rrecreceo a gente muito que nos vinha ver, que nom cabia pello caminho, e depois que fomos por esta rrua huum grande pedaço meteram o capitam em huuma casa e tambem nós outros com elle, por rrespeito da jente que era muita. Aquy mandou elrey hum irmãoo do baile, o quall era senhor nesta terra, o qual vinha pera ir com o capitam, e trazia muitos tambores e anafis e charamelas e huma espingarda, a qual hia tirando amte nós, e asy levaram o capitam com muito acatamento, tanto e mais do que se podia em Espanha fazer a hum rrey. E a jemte era tanta que nom tinha conto e os telhados e casas eram todos chêos, afóra a que comnosco hia de rroldam, amtre a quall jemte hiriam ao menos dous mil homens d'armas. E quanto mais nos chegavamos pera os paços onde elrey estava tamto mais jemte rrecrecia. E tanto que chegámos ao paço vieramse pera o capitão homes muito homrrados e grandes senhores, afóra outros muitos que já hiam com elle, e seria huuma ora de soll. Quando chegámos aos paços emtrámos por huma porta a hum terreiro muito grande, e ante que chegasemos à porta onde ElRey estava pasámos quatro portas, as quaees pasámos per força dando muitas pancadas à jente, e quando chegámos à derradeira porta onde elrey estava sayo de dentro huum velho, home baixo de corpo, o quall he como bispo, e o rrey se rrege por elle nas cousas da igreja, o quall abraçou o capitam há emtrada desta porta, e à emtrada della se fyriram homens, e nós emtrámos com muita força.

Elrey estava ém huum patim lançado de costas em huuma camilha, a qual tinha estas cousas: hum pano de veludo

verde debaixo, e em çima huum colcham muito bom, e em cima do colcham huum pano d'algodam muito alvo e delgado, mais que nenhuum de linho, e tambem tinha almofadas deste theor. E tinha à mãoo escequerda huma copa d'ouro muito grande d'altura de hum pote de mêo almude, e era de largura de dous parmos (palmos) na boca, a quall era muito grosa ao parecer, na qual talha lançava bagaço de humas ervas que os homens desta terra comem pella calma, a qual erva chamam atambor; e da banda dirreita estava huum bacio d'ouro quanto hum homem podése abranger com os braços, em o quall estavam aquellas ervas, e muitos agomis de prata, e o céo de çima era ([1]) todo dourado. E asy como o capitam emtrou fez sua rreverença segundo costume daquella terra, a quall he ajuntar as mãoos e alevantalas pera o céo, como acostumam os christãoos alevantar a Deus, e asy como as alevantam abremas e çarram os punhos mui asynha. E elle acenou ao capitam com a mão derreita que se fose pera debaixo daquelle çerrado onde elle estava; porém o capitam nam chegava a elle, porque o costume da terra he nom chegar nenhum homem hao rey, salvo chegava a elle huum seu privado que lhe estava dando aquellas ervas, e quando alguum homem lhe falla tem a mãoo ante a boca e estaa arredado. Asy como acenou ao capitam, olhou pera nós outros, e mandou que nos asentasemos em hum poyall perto delle, em lugar que nos via elle estar, e mandou nos dar agoa às mãos, e mandou trazer huma fruyta que he fecta como melõees, salvo que de fóra sam crespos, mas de dentro sam doces, e tambêm nos mandou trazer outra fruyta que sam como figos e sabe muito bem, e tinhamos homes que nollos estavam aparando, e elrey estava olhando como nós comiamos, e ([2]) estava-se rryndo pera nós, e falava com aquelle seu privado que estava à sua ylharga dando-lhe a comer aquellas ervas. E depois disto olhou ao capitam, que estava asentado defronte, e dise que falàse com aquelles homes com que estava, que eram muito honrrados, e que lhes disése o que elle quisése, e

que elles lho diriam. Respondeu o capitam mor que elle era embaixador d'elrey de Portugall, e que lhe trazia huuma embaixada, e que ha nom avia de dar, salvo a elle, Disse elrey que era muito bem, e logo o mandou levar dentro a huma camara, e como foi dentro, elrey se alevantou donde estava e se foy pera o capitam mor, e nós ficâmos em aquelle logar. Isto serria alii junto com o soll posto; e asy como el-rey se alevantou, foy loguo hum homem velho que estava dentro naquelle patim e alevantou a camilha, e a baixella ficou alii. Elrey como foy onde estava o capitam lançou se em outra camilha em que estavam muitos panos lavrados d'ouro, e fez pregunta ao capitam: que era o que queria? E o capitam lhe dise como era embaixador de huum rey de Portugall, o quall era senhor de muita terra e era muito rrico de todas as cousas mais que nenhum rey daquellas partes, e que avia sesenta anos que os reys seus anteçessores mandavam cada ano navios a descobrir contra aquelas partes, porquanto sabiam que em aquellas partes avia rreis christãos como elles, e que por este rrespeito mandavam a descobrir esta terra, e nam porque lhes fose necesario ouro nem prata, porque tinham tanto em avondança que lhes nom era necessario avello desta terra; os quaes capitaeens hiam e handavam em hum ano e dous até que lhes falecia o mantimento, e sem acharem nada se tornavam pera Portugall. E que agora huum rrey que se chamava Dom Manuell lhe mandara fazer estes tres navios e o mandara por capitam mor delles, e lhe disera que elle se nom tornase pera Portugall até que lhe nam descobrise este rrey dos christãoos, e que se se tórnase que lhe mandaria cortar a cabeça, e que se o acháse que lhe dése duas cartas, as quaes cartas lhe elle daria ao outro dia, e que asy lhe manda dizer por palavra que elle era seu irmão e amiguo. ElRey rrespondeo a isto e dise que elle fose bem vindo, e que asy o avia elle por irmão e amigo, e que elle lhe mandaria embaixadores a Portugall com elle, dizendo o capitam que asy lho pedia de merçêe, por quanto elle nom ousaria pareçer presente elrey seu senhor se nom leváse alguns homens de

sua terra. Estas e outras muitas cousas pasáram ambos dentro naquella camara, e por quanto era já muito noute el ey lhe dise que — "com quem queria elle pousar, se com christãos, se com mouros?"— E o capitam lhe rrespondeo que nem com christãos nem com mouros, e que lhe pedia por mercê que lhe mandase dar huma pousada sobre sy em que nom estevése ninguém. E ElRey lhe dise que asy o mandaria: e nisto se despedio o capitam delRey, e vêo ter comnosco onde estavamos lançados, em uma varanda onde estava hum grande castiçall d'arame que nos alumeava, e isto seriam já bem quatro oras da noute. Emtam nos fomos todos com o capitam caminho da pousada e hiam comnosco muita gente imfinda, e a aguoa da chuva era tanta que as rruas hiam chêas, e o capitam hia ás costas de seys homes e andámos tanto pella cidade que o capitam se emfadou de andar e se aqueixou com hum mouro honrrado que he feitor delRey, o qual hia com elle pera o apousentar. E o mouro o levou a sua casa a huum terreiro que estava dentro nella, em o quall estava hum estrado cuberto de ladrilho, em que estavam muitas alquatifas estemdidas e dous castiçaees daquelles delrey muito grandes, e estavam açesos em çima delles huns candieiros grandes de ferro com azeite ou manteiga, e estavam quatro matullas (torcidas) em cada candieiro, as quaes davam grande lume, e estes mesmos candieiros costumam elles trazer por tochas. E aquelle mouro fez trazer alii huum cavallo pera o capitam ir à pousada, e vinha sem sella. E o capitam nam quis cavalgar, e fomosnos caminho da pousada, em a qual estavam já quando chegámos çertos homens dos nossos com a cama do capitam e outro muito fato que ho capitam levava de que avia de fazer serviço a elrey. E à terça feira tinha o capytam estas cousas pera mandar a elrey: a saber, doze lanbés, e quatro capuzes de gram, e seis chapeeos, e quatro rramaees de corall, e hum fardo de bacias em que avia seis peças, e huma quaixa d'acuquare, e quatro barris cheôs, dous d'azeite e dous de mell. E porque aquy he costume de nom levar ao rrey nenhuma cousa que primeiro o nam façam saber àquelle

mouro seu feytor e depois ao bayle, e como o capitam lho fez a saber, vieram e começaram se de rrir daquelle serviço, dizendo que nom era aquillo nada pera mandar a elrey; que o mais prove mercador que vinha de Meca ou dos indios lhe dava mais que aquyllo, e que se lhe queria fazer serviço que lhe mandáse alguum ouro, porque elrey nom avia de tomar aquylo. E o capitam vendo isto asy ouve menencoria, e disse que nom trazia ouro e mais que nom era mercador, mas que era embaixador, e que d'aquyllo que trazia daquylo lhe dava, o qual era do seu e nam do delrey; que quando elrey de Portugall lá tornásse a mandar que emtam lhe mandaria outras muitas cousas e muito mais rriquas; que se elrey Camolim (Samorim) aquillo nom quisese que elle o tornaria para os navios; elles diseram que lho nom aviam de levar, nem consemtir que lho levasem. E depois que se foram, vinham mouros daquelles tratantes, e tôdos desprezavam aquelle serviço que o capitam queria mandar ao rey.

Ho capitam, visto sua determinaçam em como nom podya já mandar aquillo, disse que pois elles nom queriam que elle mandase este serviço a elrey, que elle lhe queria hir falar e que se queria viir pera seus navios, e elles dyseram que era bem, e que aguardase asy hum pouco, e que loguo se tornariam pera elle, e que emtam yryam com elle ao paço. E o capitam esperou todo aquelle dia aguardando por elles, elles nunca mais tornáram. E estando o capitam asy apasionado de se ver antre homens tam freimaticos e de tam pouca certeza, quisera se ir ao paço sem elles, porém ouve por milhor comselho esperar até o outro dia. E nós contudo nom leixavamos de nos desemfadar, e quamtavamos e bailavamos às trombetas, e tomavamos muito prazer. E quando vêo a quarta feira pella manham vieram os mouros e levaram o capitam ao paço e nós outros com elle, e em o paço andava muita gente armada, e o capitam esteve com aquelles que ho leváram grandes quatro oras a huma porta que lhes nom abriam, até que elrey lhes mandou dizer que fosem pera dentro, e nom levåse comsyguo mais de dous homens,

que vise elle quaees queria levar comsyguo. E o capitam dise que queria que emtráse com elle Fernam Martinz, o que sabia falar, e o seu escripvam, pareçendo a elle e nós outros aquella apartaçam que nom era boa. E elle como foy presente elrey, diselhe que elle esperara a terça feira que o fose ver, e o capitam lhe dise como viera cansado do caminho, que por este rrespeito o nam viera ver. Tornou elrey a dizer que elle lhe disera como era de hum rreino muito rrico e que lhe nom trouxera nada, e que asy lhe disera que lhe trazia huuma carta, e que nom lha dava. Respondeo a isto o capitam que elle lhe nam trouxera nada, porque elle nam vinha senam a ver e descobrir, e que quando quá tornasem outros navios elle veria o que lhe traziam, e que quanto á carta, que lhe elle disera que lhe trazia, que era verdade e que logo lhe daria.

E dise entam elrey: que era o que elle vinha descobrir pedras ou homens? Que pois vinha descobrir homens como dizia, porque nom trazia alguma cousa? E mais que he diseram que elle trazia huma Santa Maria douro. Dise o capitam que a Santa Maria que elle trazia nom era d'ouro e que ainda que fora d'ouro que elle lha nom dera, por quanto ella o tragia pello maar e o trouxera a sua terra. Dise emtam elrey que lhe dése a carta que trazia. Dise o capitam que lhe pedia por mercê, porquanto os mouros lhe queriam mall e nam aviam de dizer senam o contrario, que mandáse chamar hum christam que soubése fallar arravia dos mouros. Dise elrey que era mui bem, e loguo mandou chamar huum mancebo pequeno de corpo que chamavam Quaram; e dise o capitam que trazia duas cartas, huma era escripta em a sua linguajem e a outra em mourisco, e que a que vinha em linguagem que elle a emtendia muito bem, e que sabia que vinha muito boa, e que a outra elle nom ha emtendia, e que asy como podia viir bem, assim podia viir alguma couso errada; e porque o christam nam sabia ler mourisco tomáram quatro mouros a carta e leramna antre sy e depois vieram a ler ante elrey, da qual carta elrey ficou comtente, e preguntou ao capy-

mouro seu feytor e depois ao bayle, e como o capitam lho fez a saber, vieram e começaram se de rrir daquelle serviço, dizendo que nom era aquillo nada pera mandar a elrey; que o mais prove mercador que vinha de Meca ou dos indios lhe dava mais que aquyllo, e que se lhe queria fazer serviço que lhe mandáse alguum ouro, porque elrey nom avia de tomar aquylo. E o capitam vendo isto asy ouve menencoria, e disse que nom trazia ouro e mais que nom era mercador, mas que era embaixador, e que d'aquyllo que trazia daquylo lhe dava, o qual era do seu e nam do delrey; que quando elrey de Portugall lá tornásse a mandar que emtam lhe mandaria outras muitas cousas e muito mais rriquas; que se elrey Camolim (Samorim) aquillo nom quisese que elle o tornaria para os navios; elles diseram que lho nom aviam de levar, nem consemtir que lho levasem. E depois que se foram, vinham mouros daquelles tratantes, e tôdos desprezavam aquelle serviço que o capitam queria mandar ao rey.

Ho capitam, visto sua determinaçam em como nom podya já mandar aquillo, disse que pois elles nom queriam que elle mandase este serviço a elrey, que elle lhe queria hir falar e que se queria viir pera seus navios, e elles dyseram que era bem, e que aguardase asy hum pouco, e que loguo se tornariam pera elle, e que emtam yryam com elle ao paço. E o capitam esperou todo aquelle dia aguardando por elles, elles nunca mais tornáram. E estando o capitam asy apasionado de se ver antre homens tam freimaticos e de tam pouca certeza, quisera se ir ao paço sem elles, porém ouve por milhor comselho esperar até o outro dia. E nós contudo nom leixavamos de nos desemfadar, e quamtavamos e bailavamos às trombetas, e tomavamos muito prazer. E quando vêo a quarta feira pella manham vieram os mouros e levaram o capitam ao paço e nós outros com elle, e em o paço andava muita gente armada, e o capitam esteve com aquelles que ho leváram grandes quatro oras a huma porta que lhes nom abriam, até que elrey lhes mandou dizer que fosem pera dentro, e nom levåse comsyguo mais de dous homens,

que vise elle quaees queria levar comsyguo. E o capitam dise que queria que emtráse com elle Fernam Martinz, o que sabia falar, e o seu escripvam, pareçendo a elle e nós outros aquella apartaçam que nom era boa. E elle como foy presente elrey, diselhe que elle esperara a terça feira que o fose ver, e o capitam lhe dise como viera cansado do caminho, que por este rrespeito o nam viera ver. Tornou elrey a dizer que elle lhe disera como era de hum rreino muito rrico e que lhe nom trouxera nada, e que asy lhe disera que lhe trazia huuma carta, e que nom lha dava. Respondeo a isto o capitam que elle lhe nam trouxera nada, porque elle nam vinha senam a ver e descobrir, e que quando quá tornasem outros navios elle veria o que lhe traziam, e que quanto á carta, que lhe elle disera que lhe trazia, que era verdade e que logo lhe daria.

E dise entam elrey: que era o que elle vinha descobrir pedras ou homens? Que pois vinha descobrir homens como dizia, porque nom trazia alguma cousa? E mais que he diseram que elle trazia huma Santa Maria douro. Dise o capitam que a Santa Maria que elle trazia nom era d'ouro e que ainda que fora d'ouro que elle lha nom dera, por quanto ella o tragia pello maar e o trouxera a sua terra. Dise emtam elrey que lhe dése a carta que trazia. Dise o capitam que lhe pedia por mercê, porquanto os mouros lhe queriam mall e nam aviam de dizer senam o contrario, que mandése chamar hum christam que soubése fallar arravia dos mouros. Dise elrey que era mui bem, e loguo mandou chamar huum mancebo pequeno de corpo que chamavam Quaram; e dise o capitam que trazia duas cartas, huma era escripta em a sua linguajem e a outra em mourisco, e que a que vinha em linguajem que elle a emtendia muito bem, e que sabia que vinha muito *boa, e que a outra elle nom ha* emtendia, e que asy como podia viir bem, assim podia viir alguma cousa errada; por que o christam nam sabia ler mourisco tomaram quatro mouros a carta e leramna antre sy e depois vieram a ler ante elrey, da qual carta elrey ficou contente, e [illegible]

tam que mercadorias avia em sua terra. Disse que o capiam que avia muito trigo, muitos panos, muito ferro, muito arrame, e asy dise outras muitas. Elrey lhe preguntou se trazia alguma mercadoria. Dise que trazia de todas as cousas hum pouco perã amostra, e que lhe dése elle liçença que viese aos navios pera a mandar pôr fora, e que ficariam na pousada quatro ou çinquo homens. Dise elrey que nam, que elle se fose emboora, que levàse todos os seus homeens comsyguo, e que mandàse amarrar mui bem seus navios, e que trouxése sua mercadoria em terra, e que ha vendêse o milhor que podése. E depois do capitam se despidir d'elrey vêose pera a pousada e nós outros com elle, e porque era já tarde nom se ocupou o capitam de partir. E quando vêo a quinta feira pella manham trouxeram ao capitam hum cavallo sem sella, e o capitam nom quis hir em elle, e dise que lhe trouxesem hum cavallo da terra, que sam as andas, porque nom avia de cavalgar em cavallo sem sella. Emtam o leváram a casa de hum mercador muito rrico que se chama Guzerate, o quall mandou fazer prestes humas daquellas andas; e como foram prestes partio logo o capitam nellas com muita gente caminho de Pandarani onde estavam os navios, e nós outros nom podémos aturar depós elle e ficámos muito detrás. E nós hindo asy chegou o baille e pasou por nós, e chegou honde hia o capitam, e nós outros errámos o caminho e fomos muito por dentro do sartam. E aquelle baile mandou hum homem depós nós que nos emcaminhou. E quando chegámos a Pandarany achámos o capitam dentro em hum estaoo (estalagem), dos quaees avia muitos per estes caminhos pera os pasajeiros e caminhantes se acolherem das chuvas. Estava com o dito capitam o baile e outra muita gente, e como nós chegámos dise o capitam ao baille que lhe mandase dar huma almadia pera hirmos pera os navios, e elle com os outros diseram que era já tarde, como de fecto era já soll-posto, e que ao outro dia se iria. E o capitam lhes dise que se lha emtam nom desem que se tornaria a elrey, porque elle o mandára vir aos na-

vios, e que elles o queriam deter, e que aquillo era mall fecto sendo elle christãoo como elles. E vendo elles como o capitam avia menencoria diseram-lhe que fose, e que lhe dariam trinta almadias se tantas fosem necesarias. Emtam nos leváram ao lomguo da praya, e o capytam parecendolhe aquillo mall mandou diante tres homens e que se achasem os batés dos navios e hii estevése seu irmãoo, que se escondêse. Foram elles e nam acháram nada, e tornáram-se, e nós leváram-nos por outro cabo, e nom nos podémos emcontrar. Emtam nos leváram a casa de hum mouro, porque isto hera já muito noite, e como alii chegámos elles diseram que queriam hir em busca dos tres homens que nom tornáram mais a nós, e como se elles foram mandou o capitam conprar muitas galinhas e muito arroz, e comemos ainda que estavamos muito quansados d'andar todo aquelle dia. E elles dêsque se foram nunca mais tornáram senam pella manham, dizendo o capitam que lhe parecia aquella jente de boa condiçam, porque aquillo que lhes fezeram de os nom leixarem hir o outro dia á noute o fezeram por lhes pareçer que lhes faziam niso boa obra, ainda que por outra parte tinhamos todos delles má sospeiçam, e nos parecyam mall pello que tinhamos já pasados os outros dias em Calecut. E quando ao outro dia elles vieram dise o capitam que lhe desem barquas em que fose a seus navios, e elles começáram todos a mormurar huns contra os outros, e diseram que mandáse trazer seus navios mais pera junto com terra, e que emtam hiria a seus navios. Dyse o capitam que se elle mandáse vir os navios que pareçeria a seu irmãoo que o tinham preso, e que por força lhe faziam fazer aquillo, e que emtam alevantaria as vellas e que se hiria pera Portugall. Diseram elles que se elle nom mandáse trazer os navios junto com terra que nom avia d'ir a elles d'outra maneira: dise emtam o capitam que elrey Camolim o mandara vir pera seus navios, e que pois elles o nam queriam leixar hir asy como o elrey mandara, que elle se tornaria a elle, e que elle era christam como elle, e que se elle o nam leixáse

hir e quisese que elle estevése em sua terra que elle folgaria muito. Elles diseram que sy, que fose, porèm nom davam a iso logar, porque as portas d'onde estavamos foram loguo todas cerradas, e muyta jente d'armas dentro que nos guardava, em maneira que nenhum de nós saía fóra que nom fosem com elle muitos homens. E depois tornáram a cometer que lhes desemos as vellas e os governalhos lemes: dise emtam o capitam que lhes nam avia de dar nenhuma daquellas cousas, pois elrey Camolim o mandara vir pera seus navios sem nenhuma condiçam; que fezesem elles o que quisesem delle, que elle nom lhes avia de dar nada.

Estando o capitam e nós outros todos muito tristes no coraçam, ainda que de fóra mostravamos que nam tinhamos aquillo em conta que elles faziam, dise o capitam que pois já ho nom leixáram hiir aos navios, que leixasem hir aquelles seus homens que morriam alii de fame. E elles diseram que estevesem, que se moriam de fame que se composesem, que eles nom davam por iso nada. E nós estando asy, veeo hum daquelles homes que se de nós perdera o outro dia á noute, e dise ao capitam como Nicolao Coelho estava desd'o outro dia á noute com os batés em terra esperando por elle. E o capitam como soube isto mandou loguo hum homem o mais secretamente que se pode mandar, e isto como (com) muita astucia, porque tinhamos sobre nós muitas guardas, e que disése a Nicolao Coelho que logo se partise dalii e se fose pera os navios, e que se posesem a bom rrecado; o qual rrecado como chegou a Nycollao Coelho partio-se muito aa presa, e elle em se partindo foram avisados os que nos guardavam, e muito depresa esquypáram muitas almaadias e foram depós elle hum pedaço, e quando viram que os nam podyam tomar tornáram-se onde estava o capitam, e diseramlhe que escrepvêse huma carta a seu irmão que chegáse mais a terra os navios, e que se viese mais pera dentro do porto. Dise o capitam que hera muito comtente, mas que elle nom ho avia de fazer, e se o quisese e consentise em o fazer, que os que com elle vinham

nom ho aviam de consentir nem quereriam morrer, e elles lhe diseram que pera que era aquillo? que bem sabiam elles que se o elle mandáse que se faria o que elle quisese.

O capitam nom queria mandar vir os navios pera dentro do porto, porque lhe pareçya e a nós outros tambem, que como elles fosem dentro que elles os poderiam tomar, e que os (sic) matariam a elle primeiramente e a nós que já estavamos rreteudos sô seu poder.

Todo este dia estevemos mitidos nesta agonya, como tendes visto, e quando vêo a noute esteve muito mais gente comnosco que nom quiseram que andasemos por hum cerrado em que estavamos, e metêramnos em hum patiim ladrilhado e cerquáramnos de muita gente imfinda, e nós em mêo delles, esperando nós que ao outro dia nos apartasem huns dos outros ou que fezesem de nós outra alguma cousa, segundo viamos que elles estavam imdinados contra nós; porém nós comtudo nom leixámos de cear muito bem diso que se achou pella villa. Esta noute nos guardariam mais de çem homens todos armados de espadas e bisarmas (machadinhos de dois gumes) e escudos e arcos e frechas, e tinham tal maneira que se dormiam huns os outros vigiavam, e asy se revezáram toda a noute.

E quando vêo ao outro dia, que era hum sabado dous dias do mês de junho, vieram estes senhores pella manham, e vinham jaa com milhor sembrante, dizendo que pois o capitam disera a elrey que elle trazia sua mercadoria a terra que ha mandáse tirar, porquanto o costume daquella terra era que quaesquer navios que a ella vinham punham loguo sua mercadaria em terra, e iso mesmo a gente toda, e que até que a mercadaria nom fose toda vendida que o mercador nom tornava mais ao navio. Dise o capitam que sy; que elle escrepveria a seu irmão que lha mandáse, e elles diseram que era bem, e que como viese a mercadaria que ho leixariam loguo ir pera seus navios: escrepveo loguo o capitam a seu irmão que lhe mandáse certas cousas,

mandou loguo. E elles tanto que as viram o leixáram loguo ir pera os navios, e ficáram dous homens com ella em terra; da qual cousa folgámos todos mui muito, e démos muitas graças a Noso Senhor por nos tirar d'antre taees homens em que nom cabe nenhuma rrezam como se fosem bestas, porque bem sabiamos que como o capitam fose nos navios, que ainda que outrem ficáse que nom lhes haviam de fazer nenhuma cousa: o qual como foy nos navios nom quis mais mandar nenhuma mercadaria por emtam. E d'aly a cinquo dias mandou o capitam dizer a elrey como ho elle mandara vyr pera seus navios, e que nom ho queseram leixar certos seus, e que o deteveram no caminho hum dia e huma noute, e que elle tinha já posto a mercadaria em terra como lhe mandára, e que os mouros vinham aly e que lha abatiam; que vise elle o que mandava niso, porque elle nom lhe dava da mercadaria nada, porèm que estava elle e os navios a seu serviço. Mandou logo dizer elrey como aquelles que aquillo fezeram eram maoos christãoos, e que elle os castigaria. E mandou logo sete ou oyto mercadores a ver a mercadaria e que a comprasem á sua vontade. E mais mandou aly hum homem honrrado com ho feytor que estivesse aly, e que se chegáse algum mouro que ho matasem sem por ello averem nenhuma pena.

Estes mercadores que elrey aquy mandou estiveram neste logar obra d'oyto dias, e em vez de mercarem abatiam a mercadaria. Os mouros nom vieram mais na casa domde estava esta mercadaria, d'onde nos elles vieram a querer mall em tal maneira que como quallquer de nós hia em terra por lhes pareçer que niso nos anojavam cospiam no cham e diziam "Portugal, Portugal:" ainda que elles de principio loguo buscaram maneira como nos tomasem todos e nos matasem, e quando o capitam vio que a mercadaria nom estava em logar que se vendêse, fello logo saber a elrey e como a queria mandar a Calecut, que vyse elle o que mandava. Tanto que elrey vio este rrecado do capitam mandou

loguo o baille que tomáse muita gente que ha podése toda levar ás costas, e que logo se leváse a Calecut, e que ha pagasem á sua custa, dizendo que nenhuma cousa d'elrey de Pórtugal nom avia de fazer despesa em sua terra. E todo isto hera com fundamento de nos fazer algum mall pela maa emformaçam que já de nós tinha, que eramos huns ladrõees e que andavamos a furtar, porém elle fez tudo isto na maneira que tendes visto.

A hum domingo, que foy dia de Sam Joham Bautista, que foram a vinte e quatro do mês de Junho, foy a mercadaria pera Calecut, e estando asy lá a dita mercadaria ordenou o capitam que toda a gente fose a Calecut, nesta maneira: que fose de cada navio seu homem, e como aquelles viesem que fosem outros, e desta maneira poderiam ir ver a cidade, e cada hum conpraria o que quisese, os quaes quando hiam pello caminho rrecebiam de toda a jemte christãa muito gasalhado, folgando muito todos quando algum hia a sua casa a comer ou dormir, e de todo o que tinham lhe davam com muyto boa vontade. E iso mesmo vinham muitos homens aos navios vender pescado por pam, e rreçebiam de nós muyto boa companhia, e outros muitos vinham com os fylhos e moços pequenos, e o capitam lhes mandava dar de comer. Todo isto se fazia por fazermos paz e amizade com elles, e que disesem de nós bem e nam mall. E destes eram tantos, que nos aborreciam, que muytas vezes era noute çerrada e nam os podiamos botar fóra dos navios, e isto causa a muyta gente que ha nesta terra e os mantimentos sam muyto poucos, e se alguma vez se açertava que alguns homens dos nossos hiam correger algumas vellas, e levavam biscouto pera comerem, eram tantos sobre elles, asy de moços pequenos como homens grandes, que lho tomavam da mãoo, e emfin nom comiam delle nada. Foram todos os que eramos nos navios, como vos tenho dito, dous e dous e tres e tres, e cada hum levava diso que tinham, asy de manilhas e roupa de vestir e [illegible] e camisas, cada hum asy como ho tinha e [illegible] [illegible] que nom venderam tam bem como nós [illegible] [illegible]

valesem as cousas à nossa chegada de Moncobiquy, que huma camysa muito delgada, que em Portugall vall trezentos rreis davam aquy por dous fanôes, que valem em esta terra trinta rreis, porèm a estima de trinta rreis nesta terra he grande; e asy como faziam barato das camyzas asy o faziam das outras cousas por levarem alguma cousa desta terra por amostra. E compravam diso que vendiam pella villa, asy cravo como canella e pedras finas, e depois de ter asy cada hum comprado o que queria vinha se pera os navios sem lhe nynguem dizer nenhuma cousa. E visto o capitam como esta gente hera tam boa determinou em esta terra leixar hum feitor com a mercadaria e hum escripvam com elle e certos homens outros. E chegando-se o tempo para nos partirmos' o capitam-mor mandou hum serviço d'alanbares (alambres) a elrey e tambem lhe mandou coraees e outras cousas muitas, e mandoulhe dizer que elle se queria vyr pera Portugall, se queria elle mandar alguns homens a elrey de Portugal? e que elle leixaria aly hum feitor e hum escripvam com outros certos homens com à mercadaria, e que lhe mandava aquelle serviço, e que pedia que elle mandáse a elrey seu senhor hum bagar (bakar) de canella e outro de cravo e asy de quallquer outra especiaria que quisese por amostra, e que ho feitor faria dinheiro e que lhe pagaria se elle quisese. Depois que este rrecado do capitam chegou honde elrey estava, primeyro que lhe podése falar se pasáram quatro dias, e quando o que este rrecado levava emtrou honde elrey estava elle o olhou com máoo sembrante e lhe perguntou que queria, e elle lhe deu o rrecado do capitam na maneira açima escripto, e como lhe mandava aquelle serviço. Dise elrey que aquillo que lhe levava que ho desem ao feitor e nom ho quis ver. E dise que disesem ao capitam que pois se queria hir que lhe dése seiscentos xarifes (xerafins) e que se fose emboora, e que asy era o custume daquella terra e dos que a ella vinham. Dise emtam Diogo Diz, que levava este rrecado, que elle tornaria com aquella rreposta ao

capitam. E asy como elle partio partíram certos homens com elle, e como foram na casa onde estava a mercadaria em Calecut meteram homens dentro com elles que os guardavam que nom saisem, e asy mesmo mandáram loguo apregoar por toda a cidade que nenhuma barca nom fose a boordo dos navios. E asy como elles viram que estavam presos mandáram hum moço negro que com elles estava, que fose, ver ao longo da costa se acharia quem o trouxése aos navios, e que disése como eram presos por mandado delrey. (") E elle foyse ao cabo da cidade onde moravam huuns pescadores, e hum delles o trouxe por tres fanões, e isto porque a noute se comesava a cerrar e nos os podiam ver da cidade, e asy como o poseram a bordo logo se partio sem fazer mais tardança; e isto foy a huma segunda feira, que eram treze dias do mês d'agosto de 1498.

Na quall nova todos fomos tristes por vermos huuns homens nas mãoos de seus imygos, e asy pello grande desaviamento que isto dava a nossa partida, e asy mesmo o sentymos por hum rrey christão nos fazer tanta perraria, ao qual homem dava do seu, e d'outra parte nom lhe punhamos tanta culpa como era rrezam porque sabiamos çerto que os mouros que aquy estavam, que eram mercadores de Meca e d'outras muitas partes, que nos conheciam, lhes pesava muito comnosco, e estes diziam a elrey como nós eramos ladrõees e que como quer que começasemos de navegar por esta terra que nenhum navio de Meca nem de Quambaya nem dos Imgros (?) nem d'outra parte nom viriam mais a sua terra, do que elle nom averia proveito nenhuum, e que nós nom lhe avíamos de dar nada, mas antes lhe aviamos de tomar, e que por aquy podia sua terra ser destroida; e sobre dizerem isto peitavam mui muito que nos tomáse e matáse, que nom podesemos tornar a Portugall. A quall cousa os capitãees souberam por hum mouro da terra que lhe descobrio o que estava hordenado, dizendo aos capitãees que nom saisem fóra dos navios em terra, principallmente ao capitam mor. E

afóra ho este mouro dizer, o diseram dous christãos que se os capitães fosem em terra que lhes aviam de cortar as cabeças, porque asy o fazia elrey aos que vinham á sua e lhe nom davam ouro.

Estando nós asy, ao outro dia seguinte nom vêo barca nenhuma abordo dos navios, e ao outro dia vêo huma almadia com quatro moços, os quaes traziam pedras finas a vender, o que nos pareçeo que vinham por mandado dos mouros mais que pera vender pedras, e isto por ver se lhes faziam alguma cousa; mas o capitam lhes fez gasalhado e screpveo por elles huma carta aos que estavam em terra. Quando elles viram que lhes nom faziam nada, vinham cada dia muitos mercadores, e outros que nom eram mercadores, que vinham a ver, e todos rrecebiam muito gasalhado de nós, e lhes davamos de comer. E ao domingo seguinte vieram obra de vinte e cinquo homens, antre os quaes vinham seis delles que eram honrrados, e o capitam vendo que por aquelles lhe poderiam dar os nossos homens que estavam em terra rretehudos e presos, lançou mãoo por elles, e dos outros mais somenos tomou doze, e asy que tomou por todos dezanove, e os outros que ficáram mandou-os em huma das suas barcas em terra, e mandou por elles huuma carta ao mouro feitor dellrey, em que lhe mandava dizer que lhe mandáse os homens que tinha presos e que elle lhe mandaria os que tomára. E quando elles viram que lhes tinham homens tomados, foram logo muita gente por elles aa casa da mercadaria e trouxeram-os a casa do feitor, e isto sem lhes fazerem nenhum mall.

Ha quarta feira, que foram vinte e tres dias do dito mês, nos fezemos aa vella dizendo que nos vinhamos pera Portugall, e que esperavamos que mui cedo tornariamos, e que entam saberiam se eramos ladrõees. E fomos a pousar a julavento de Qualecut obra de quatro legoas, e isto por respeito do vento que era por davante, e ao outro dia viemos na volta da terra, e nam podemos cobrar huns baixos que

estavam davante a cidade de Qualecut, e entam tornámos na volta do mar e pousámos em vista da cidade. E ao sabado fomos iso mesmo na volta do mar e pousámos tanto em mar que casy nom viamos a terra, e ao domingo, estando amquorados aguardando pella viraçam, vêo huma barca do pego que fora em nosa busca, e dise como Diogo Diz era em casa d'elrey e que como viese que elles ficavam de os trazerem a bordo. E o capitam parecendolhe que hos tenriam mortos e que aquillo que diziam era por nos deter até que armasem contra nós ou viesem naoos de Meca que nos tomasem, lhes dise que fosem e nom viesem mais a bordo sem lhe trazerem os seus homens ou cartas suas, e que lhes mandaria tirar com as bombardas, e que se logo nam tornasem com rrecado, que elle esperava de cortar as cabeças aaquelles que elle tomára Depois de tudo isto vêo viraçam, e fomos prelomgando a costa e ao sol posto tornámos a pousar.

De como elrey mandou chamar Diogo Diaz e lhe dise o que se segue:

Quando foram nouas a ellrey que nós eramos partidos pera Portugall e como já nom tinha remedio pera fazer o que desejava, cuidou de tornar a correger o que já d'antes tinha danado. E mandou chamar Diogo Diaz, o quall como foy presente fez-lhe grande gasalhado nom lho fazendo d'antes quando lhe levára o serviço, perguntandolhe porque tomára o capitam aquelles homens? Diselhe o dito Diogo Diaz que porque elle nom quisera que se elles fosem pera seus navios, e que os rretevera na cidade presos. Dise ellrey que fezera bem, e tornou a preguntar que se lhe pedira o feitor alguma cousa, querendo dar a emtemder que elle nom sabía parte do que elle tinha fecto, mas que ho feytor o fezera por lhe dar alguma cousa dizendo contra o dito feitor: "Nom sabe elle que ha pouco tempo que eu matey outro feitor porque levou peitas a huns mercadores que ha esta terra vieram?" — Dise mais ellrey: "Tu vayte e eses outros que hi estam contigo aos navios, e dize ao capitam que me

mande eses homens que tem, e que ho padram que me mandou dizer que queria poerr em terra, que os que te levarem o tragam e o ponham, e mais que tu fiques em esta terra com a mercadaria." E asy mesmo mandou huuma carta ao capitam a qual dése a ellrey de Portugall, a quall erra escripta por mão de Diogo Diaz em huma folha de palma, porque todas a cousas que se em esta terra escrepvem sam em as ditas folhas, e a pena com que se escrepvem he de ferro, da quall carta o teor he este que se segue:

"Vasquo da Gama fidalguo de vossa casa vêo a minha terra, com o qual eu folguey. Em minha terra ha muita quanella e muito cravo e gingibre e pimenta e muitas pedras preçiosas, e o que quero da tua he ouro e prata e corall e escarllata."

Ha segunda feira pella manhan, que eram vinte e sete dias do dito mês, estando pousados, vieram sete barcas em as quaes vinha muita gente e traziam Diogo Diaz e outro que com elle estava, e nam ousando de o poer abordo, poseramno em a barca do capitam que vinha ainda por popa, e nom traziam a mercadoria cuidando que o dito Diogo Diaz tornáse a terra. E tanto que o capitam os vio em ho navio nom quis que tornasem mais a terra, e deu o padram aos da barca como lho ellrey mandára que posése em terra, e mais deu por elles seis homens os mais honrrados que elle tinha, ficando outros tantos, e dise que hao outro dia lhe trouxesem a mercadoria, e que logo daria os outros que ficavam.

À' terça feira, estando nós pousados pella manhan, se veô metter comnosco em os navios hum mouro de Tunes [45] que nos entendeo, dezendonos que lhe tomáram quanto tinha e que nam sabia se lhe fariam mais mal; que estava nesta ventura, e que os da terra diziam que elle era christão e que viera a Calecut por mandado d'ellrey de Portugall, pello quall ante se queria vir com elles que estar em terra honde esperava que cada dia o matasem. E quando vêo ás dez oras do dia vyeram sete barcas com muita gente; tres dellas

traziam sobre as tostes alanbés postos, daquelles que nos fycáram em terra, dandonos a emtender que alii traziam a mercadoria toda. Estas tres chegavam se aos navios e as outras quatro ficavam de largo, e nam se chegavam tanto que nom andasem hum bom pedaço arredados dos navios, e diziam que posesemos os homens em a nossa barca e que elles ponriam a mercadoria em ella e que tomariam os seus homens. E depois de conhecermos esta rraposia o capitam moor lhes dise que se fosem que nom queria mercadoria senam levar os homens a Portugall, e que aguardasem bem que elle esperava çedo tornar a Calecut, e que emtam saberiam se eramos ladrõoes como lhes diziam os mouros.

Huma quarta feira, que foram vintanove dias do dito mez d'agosto, visto como já tinhamos achado e descuberto o que vinhamos buscar, asy de espiciaria como de pedras preçiosas, e como nom podyamos acabar de nos despedir da terra com paz e amigos da jente, ouve por conselho o capitam moor com os outros capitãees de nos partirmos e levarmos aquelles homens que tinhamos, porque aquelles tornando a Calecut fariam fazer as amisades, e logo fezemos as vellas e nos partimos caminho de Portugall, vindo todos muito ledos por sermos tam bem aventurados de acharmos huma tam grande cousa como tinhamos achada. A quinta feira oras de meô dia, amdando nós em calma abaixo de Calecut obra de huuma legoa, vieram a nós obra de setenta barcas com muita gente imfinda, e traziam davante hum emparo de pano vermelho dobrado como loudell (couraça) muito forte. Estas sam as suas armas do corpo e das mãos e da cabeça...... E como chegáram dos navios a tiro de bonbarda tiraramlhes logo do navio do capitam moor e asy dos outros navios. E vinriam depós nós asy obra de huma ora e mêa. Elles indo asy depós nós deu-nos huma trovoada que nos levou pera o mar, e quando viram já nom podiam fazer nada tornáram-se pera terra. E nós syguimos nosso caminho.

Desta terra de Calecut, que se chama India Alta vay a espiciaria que se come em ponente e em levante e em Portugall

e bem asy em todas as provinçias do
desta cidade chamada Calecut muitas p
sorte: scilicet, em esta dita cidade ha de su
espiciaria que se segue: muito gyngivre
posto que nom he tam fina como he ha
chama Çillam, a qual está de Calecut oyto
canella vem ter a esta çidade de Calecut e
chamam Melequa, donde vem o cravo a esta
regam as nạos de Meca a especiaria e a lev
de que está em Meca que se chama Judeá, e
laa cinquenta dias de vento á popa, que as n
nom andam pella bolina, e alii descarregam e p
soldam seu direito; e d'alii a tornam a carregar e
mais piquenas e a levam por ho mar rruyvo a hu
está junto com Santa Caterina de Monte Synay, q
Tuuz (Suez), e tambem aquy pagam outro direito
gam os mercadores esta espiçiaria em camellòs alu
tro cruzados cada huum camello e a levam ao Qu
dias, e aquy pagam outro direito. E neste caminho
ro muitas vezes os salteam ladrões que ha naque
quaes sam alarves e outros. Aquy tornam ha ca
vez em huumas naoos que andam em hum rrio que
Nillo que vem da terra de Preste Joham das India
vam por este rrio dous dias até que chegam a hum
se chama Roxete, e aquy pagam outro direito: e to
vez a carregar em camelos e a levam em huma jorn
cidade que se chama Alexandria, a quall é porto de
cidade d'Alexandria vem as galés da Veneza e de
car esta especiaria, da quall se acha que ha o gran
direito seiscentos mill cruzados, dos quaees dá em
no a hum rrey que se chama Cidadym cem mill,
guerra ao Preste Joham, e este nome de gram sol
se por dinheiro, que nom ha de ficar de pay o filh

Torno a falar de nossa vinda.

Indo nós asy ao longo da costa por rrespeito

era pouco, com o vento da terra pera o mar e a viraçam pera terra, de dia com a calma lançavamos anquoras. A huuma segunda feira, que eram X dias do mês de setenbro, vindo nós asy ao lomgo da costa, mandou o capitam moor por um homem daquelles que traziamos, o quall era torto de huum olho, humas cartas a ellrey Camolim escriptas em mourisco por mãoo de hum mouro que comnosco vinha. Esta terra, onde lançamos este mouro com as cartas, chamam Compia e ao rrey della Biaquolle: este tem guerra com ellrey de Calecut. E o outro dia, andando nós em calma, vieram a nós barcas que traziam pescado, e emtraram dentro nos navios sem nenhum reçêo os homens dellas. E ao sabado syguinte, que foram XV dias do dito mês, fomos com huuns ilheos que estavam obra de duas legoas da terra: aquy lançámos hum batel fóra e posemos hum padram em o dito ilheo, ao quall poseram nome ho padram de Santa Maria; isto porque elrey disera ao capitam que posesem tres padrões, e que a hum posesem nome de Sam Rafaell e ao outro de Sam Graviell e ao outro de Santa Maria; asy que com este acabámos de os ponr todos três: scilicet, ho primeiro posemos no rrio dos Boons Sinaees, o quall foy de Samrrafael, e o segundo em Calecut, e foy de Sam Graviell, e este derradeiro de Santa Maria: aquy nos vieram tambem aos navios muitas barcas com pescado, e o capitam lhes deu camisas e lhes fez muito gasalhado, e preguntou-lhes se folgariam alii com um padram que ele queria poonr em aquelle ilheo: diseram elles que folgariam muito e que se o posesemos que emtam se afirmariam que eramos christãoos como elles. E este padram foy aquy pôr com muita amisade.

E em esta noute seguinte com vento da terra nos fezemos á vella e syguimos noso caminho, e á quinta feira seguinte, que foram XIX dias do dito mês, fomos com huuma terra alta muito graçiosa e de boons ares, a qual [illegible] junto com a terra, seis ilhas pequenas: aquy pousámos hum junto com terra, e botámos hum batell fóra [illegible] de tomar agoa e lenha que nos bastáse em aquela [illegible]

se (travessia) que esperavamos de cometer, se nos os ventos trezasem (terçassem) como desejavamos; e como fomos em terra achámos hum homem mançebo que nos foy amostrar por dentro de hum rrio hua aguada de huma agoa muito boa, a quall nacia antre dous penedos. A este homem deu o capitam-moor hum barrete, e preguntoulhe se era mouro, se cristam; dise elle que era christãoo, e quando lhe nós disémos que tambem nós eramos christãos folgou muito. E ao outro dia pella manham vêo a nós huma almadia com quatro homens, e trouxeram muitas abobaras e pipinos: preguntoulhe emtam o capitam moor que se avia alii naquella terra canella ou gingivre ou outra alguma especiaria: diseram que canella avia muita, mas que nom avia outra nenhuma espeçiaria. Mandou loguo o capitam com elles dous homens a terra pera lhe trazerem amostra della, os levaram a huma mata em que avia infimdas arvores della, das quaes arvores cortaram dous grandes rramos com sua folha, e nós fomos com os batés pera avermos de tomar augoa, e achámos aquelles dous homens com os rramos que traziam da canella, e com elles vinham já obra de vinte homens, os quaes troxeram ao capitam muitas galinhas e leite de vaquas e abobaras, e diseram ao capitam que mandáse com elles aqueles dous homens, porquè elles tinham d'alii huum pedaço muita quanella seca, e que ha hiriam ver e trariam amostra della. Depois que tomámos agoa viemonos pera os navios, e eles ficáram que hao outro dia vinriam aos navios e que trariam ao capitam hum serviço de vaquas e porcos e galinhas. Quando vêo ao outro dia, em amanheçendo vimos junto com terra dous barcaços, os quaees estariam de nós obra de duas legoas, dos quaes nom faziamos nenhuma conta. Fomonos a tomar lenha em terra em quanto a maré nos vinha pera avermos d'entrar em o rrio pera tomarmos agoa e ai já andando nós cortando a lenha parçeo ao capitam que aquelles barcos eram maiores do que lhe antes parçêram. Mandou logo que todos fosemos emtrar em os batés e fosemos co-

mer, e que tanto que comêsemos que yryamos ver nos batés se eram aquillo mouros, se cristãos: e como o dito capitam moor foy em a sua naoo mandou huum marinheiro ea gavea que vise se pareçyam alguuns navios, o quall marinheiro vio a mar de nós obra de seis legoas oyto naoos, as quaes andavam em calmaria, polla qual o capitam mandou logo poor os navios a pique: e elles como lhes ygou a viraçam vierem de loo quanto podéram, e como foram tanto avante como nós, porèm averia de nos a elles duas legoas, que nos pareçeo que nos poderiam ver, fomos a elles. E como viram que nós hiamos a elles começaram àrribar a popa pera a terra, e huma dellas ante que chegase a terra quebroulhe o governalho, e os que nella metêramse na sua barca, que levavam por popa, e foram-se a terra, e nós que hiamos mais preto (perto) della abalrroámos logo com ella, e nom achámos em ella salvo mantimento e armas, e o mantimento era còquos e quatro talhas de huuns queijos d'açuquar de palma, e todo o all era arèa que vinha por lastro: as outras sete deram comsyguo em seco, e com os batés as fomos esbombardear.

Ao outro dia pela manham, estando nós pousados, vieram a nós sete homens em huuma barca, e diseram como aqueles navios eram de Calecut, e que vinham em nossa busca, e que se nos tomáram que nos mataram todos. Ao outro dia, depois que partimos daquy, fomos a pousar aalem d'onde de primeiro estavamos dous tiros de bombarda, em huma ilha em a quall nos disseram que avia agoa ([16]) mandou logo o capitam mor a Nycolao Coelho em hum batell armado a ver [illegible] agua-da, o quall [illegible] grande q[illegible] de [illegible] derrubada dos mouros, segundo os da terra diziam, senam quanto a capella estava cuberta de palha, e elles faziam oraçam a tres pedras negras, as quaees estavam em mêo do corpo da capella; e mais achámos além desta igreja um tanque de quantaria, iso mesmo lavrado, em o quall tomámos quanta agoa quesemos, e em cima de toda a ilha estava hum grande tanque d'altura de quatro bra-

ças, e mais achámos defronte desta igreja huuma praya em a quall espálmámos o navio Berrio, e o navio do capitam moor: o Rafaell nom foy a monte por respeito dos incomvenyentes abaixo escriptos.

Estando hum dia em ho Berrio a monte vieram a nós duas barcas grandes á maneira de fustas, as quaes traziam muita gente imfinda, e vinham a rremos tangendo tambores e charamellas e com estendartes nos topos dos mastos, e ficavam por rresguardo dellas outras cinquo ao lomguo da costa. ([16]) E antes que chegasem aos navios preguntaram aquelles que nós traziamos que homes e que gente era aquella. Diseramnos que os nam leixasemos chegar a bordo, que eram ladrõees, e que vinham pera nos tomar se podesem; que os homens desta terra que andavam armados emtravam por bem em hos navios, e que depois de serem dentro, se se achavam poderosos lançavam mãoo pella naoo: os quaees como chegaram de nós a tiro de bombarda tiraram lhes da Rafaell e da naoo do capitam moor. Elles começaram a dizer "Tambaram" dizendo que eram christãos, porque os christãos desta terra da Imdia chamam a Deus Tambaram, e quando elles viram que lhes nom conheciam desta rrezam começáram de fugir pera terra, e Nycollao Coelho foy depós elles em hum batell hum pedaço, até que da naoo do capitam moor lhe poseram huma bandeira que se tornáse.

Ao outro dia, estando os capitãees em terra com muita gente alinpando o dito navio Berrio, vieram duas barcas pequenas e traziam obra de doze homens linpos com seus panos, e trouxeram ao capitam moor em serviço hum feixe de canas d'açuquar, os quaees como foram em terra começáram de pidir ao capitam que lhes leixáse ir ver os navios. O capytam parecendo lhe que elles vinham por emculcas começou se a agastar com elles. Estando nisto vinham outras duas com outra tanta gente, e elles conhecendo que ho capitam nom lhes mostrava boa vontade diseram aos que vinham que nom saisem em terra e que se tornasem. E elles tambem

logo embarcaram e foram se depós elles.

Estando o navio do capitam mor alinpando-se vêo hum homem de ydade de quorenta anos, o qual falava muito bem venezeano, todo vestido de pano de linho e huma touca muito boa na cabeça, e hum traçado na çinta, e como sayo fóra foy loguo abraçar o capitam moor e capitãees, e começou a dizer como elle hera christãoo e era da parte do levante, e que viera muito pequeno em esta terra, e como vivya com hum senhor que tinha corenta mill homens de cavallo, o qual era mouro, e que elle asy mesmo era mouro (°) porèm que a vontade de dentro era toda de christãoo, e que em elle estando em sua casa lhe vieram dizer como estavam em Calecut huns homens que nynguem nom hos emtendia, e que andavam todos vestidos, e que quando elle aquillo ouvira disera que taees homens nom podiam ser senam francos, que asy chamam a nós outros em estas partes: emtam elle pidira liçença que o leixáse vir vernos e que se o nam leixasem que de nojo morreria, e que emtam seu senhor lhe dise que viese e que nos disése que se alguma cousa nos conprise de sua terra que nolla daria, offereçendo naoos e mantimentos, e mais que se em sua terra quisesemos viver que ele folgaria muito. Dandolhe o capitam d'isto muitos agradecimentos, que elle lhe parecia que estava bem, dise mais que pidia por mercê ao capitam que lhe dése hum queijo pera mandar a hum seu companheiro que ficava em terra, porque elle lhe ficára que se lhe fose bem que elle lhe mandaria hum signall com que elle descançáse. Mandoulhe emtam dar o capitam hum queijo e dous pãees molles: elle ficou em terra, e falava tanto e tantas cousas que de cando em quando se alcançava (baralhava): foy-se emtam Paulo Gama aos christãos da terra que o traziam, e preguntoulhes que homem aquelle era: diseram elles que era o armador que nos viera alii cometer, e que tinha em terra as suas naos com muita jemte; e sabido isto com o mais em que comprendêram, tomáramno e leváramono ao dito navio que estava em seco, e começaram de o açoutar que co-

fesáse se era elle ho armador que viera depós elles, e o porque vinha: descobriunos que elle sabia que toda a terra nos queria mall, e que muitos homes armados estavam de rredor de nós mitidos por esas emseadas porém que nenhuns nom ho ousavam de vir cometer, e que estes estavam aguardando por huumas correnta (quarenta) vellas que se estavam armando pera virem sobre nós, porèm que elle sabia quando vinriam a nós; de sy nom dise emtam nada senam o que dito tinha da primeira: depois foy preguntado tres ou quatro vezes; posto que decraradamente nom ho dizia, porèm por jeitos ho emtendiamos, e dizia que elle vinha ver os navios pera saber a gente e armas que traziamos.

Nesta ilha estevemos doze dias onde comemos muito pescado que os da terra nos traziam a vender e muitas abobaras e pipinos e asy traziam barcas carregadas de lenha verde de canella, a qual lenha trazia sua folha; e depois que tevemos os navios linpos e agoa tomada quanta nos era necesaria, e a naoo que tinhamos tomada desfecta, nos partimos a huma sesta feira, que foram çinquo dias do mês d'outubro.

Antes que a naoo fose desfecta davam ao capitam mill fanones, e elle dise que ha nom avia de vender, porque era de seus confrairos, e que nom queria senam queymálla.

Indo nós obra de duzentas legoas em pégo donde partiramos, dise o mouro que tomaramos que já lhe parecia tempo pera nom emcobrir nada; que era verdade que estando elle em casa de seu senhor lhe vieram dizer como nós andavamos perdidos ao lomgo da costa, que nos nom sabiamos tornar pera nossa terra e como por este rrespeito andavam muitas armadas pera nos averem de tomar, e que emtam lhe diséra seu senhor que nos fose ver em que maneira andavamos, e que vise se nos podia levar a sua terra, e isto porque diziam que se noso armador tomáse que lhe nom daria parte, e que como fosemos em terra que nos tomaria, e porque eramos valentes homes faria comnosco guerra aos outros rreys comarcãoos. Esta conta èra fecta sem (

Andámos tamto tempo em esta travésa que tres meses menos tres dias gastámos nella; isto com muitas calmarias e ventos comtrarios que em ella achámos, de maneira que nos adoeçêo toda a gente das gingivas, que lhes creçiam sobre os dentes em tall maneira que nom podiam comer, e iso mesmo lhes inchavam as pernas, e grandes outros inchaços pelo corpo, de guisa que lavravam hum homem tanto até que morria sem ter outra nenhua doença; da qual nos morrêram em o dito tempo trinta homes, afóra outros tantos que já eram mortos, e os que navegavam em cada naoo seryam sete ou oyto homens, e estes nom eram ainda sãos como aviam de ser, do que vos afirmo que se nos mais durára aquelle tempo quinze dias andaramos por ese mar atravês, que nom ouvera hii quem navegara os navios. Em tall ponto eramos que era já todo composto (²): e andando nós asy nesta coyta (aflição) faziamos muitos prometimentos a santos e pititores pellos navios. E os capitães tinham já fecto comselho que se nos vento igual acudise, que nos tornáse a terra da India d'onde partiramos, de arribarmos a ella. Quys nos Deus por sua misericordia dar tal vento, que em obra de seis dias nos trouxe a terra, com a quall folgámos tanto como se fora de Portugall, porque esperavamos com ajuda de Deus guareçer em ella como da outra vez. E foy huma quarta feira dous dias de fevereiro da era de mil CCCCLXLIX anos; porque já eramos perto de terra e era de noute fezemos em outra banda e payrámos; e como foy manham fomos a demandálla terra pera sabermos honde Nosso Senhor nos tinha lançados, porquanto nom avia já hii piloto nem homem que cartear soubése pera saber em que paragem eramos, senam quanto alguns diziam que nom podiamos ser senam antre humas ilhas que estam através de Maçombique obra de trezentas legoas de terra. E isto hera porque hum mouro dizia que nos tomaramos em Macombiquy; que as ilhas eram muito doentias, e que mesmo os que em ellas viviam adoeçiam das nossas doenças. E achámos nos d'avante huuma cidade muito grande e de casarias sobradadas, e em mêo da cidade tinha huuns gran-

des paços, e arredor da cidade tinha quatro torres; e estava esta cidade bem a caram do mar, a quall he de mouros e se chama Magadoxo; e como fomos tanto avante bem junto com ella tirámos muitas bombardadas, e fomos noso caminho com mui bom vento á popa ao lomgo da costa, andando de dia e pairavamos de noute, porque nom sabiamos quanto avia de nós a Milinge onde nós desejavamos de hir. E ao sabado que foram cinquo dias do dito mês indo nós em calma, como hua trovoada que sobrevêo de supito quebráram as ostagas ao Rafaell. Indo nós corregendo asy o dito navio sayo a nós huum armador a nós de huuma villa que se chama Pate, com oyto barcas com muita gente a nós e como elles foram de nós a tiro de bombarda lhes tirámos e elles fogiram loguo pera terra. Nom fomos depós elles porque nom tinhamos vento.

Ha segunda feira, que foram nove dias do dito mês, fomos a pousar d'avante Milindy, honde logo elrey mandou hum barco longo, o quall trazia muita gente, e mandou carneiros, e mandou dizer ao capitam que elle fose bem vindo, que já avia dias que esperava por elle, e asy mandou dizer outras muitas palavras d'amisade e paz, e o capitam mandou com estes que vieram hum homem a terra pera o outro dia trazer laranjas que muito desejavam os doentes que traziamos, como de fecto as trouxe logo com outras muitas fruytas, posto que nom aproveitáram aos doentes, que a terra os apalpou em tal maneira que aquy se nos fináram muitos; e asy vinham muitos mouros a bordo por mandado d'elrey e traziam muitas galinhas e ovos a rresgatar. E o capitam vendo como nos fazia tanta honrra em tempo que nos era tam neçesaria, mandoulhe hum serviço e mandoulhe dizer por hum dos nossos homens, o quall era o que sabia falar aravia, que lhe pidia que lhe dése huuma bozina de marfim pera trazer a ellrey seu senhor e que lhe mandáse poonr huum padram em terra que ficáse em sinall d'amizade. E ellrey dise que era muito comtente de fazer todo aquillo que elle dizia por amor d'ellrey de Portugall, a que elle desejava de servir e ser sempre a seu serviço, como de

fecto logo mandou a bozina ao capitam e mandou levar o padram em terra. E asy emviou huum mouro mançebo pera viir comnosco, que queria viir em Portugall, o qual mouro ellrey mandou muito emcomendar ao capitam, e bem asy lhe mandou dizer que elle mandava aquele mançebo pera que ellrey de Portugal soubése quanto elle dezejava sua amizade.

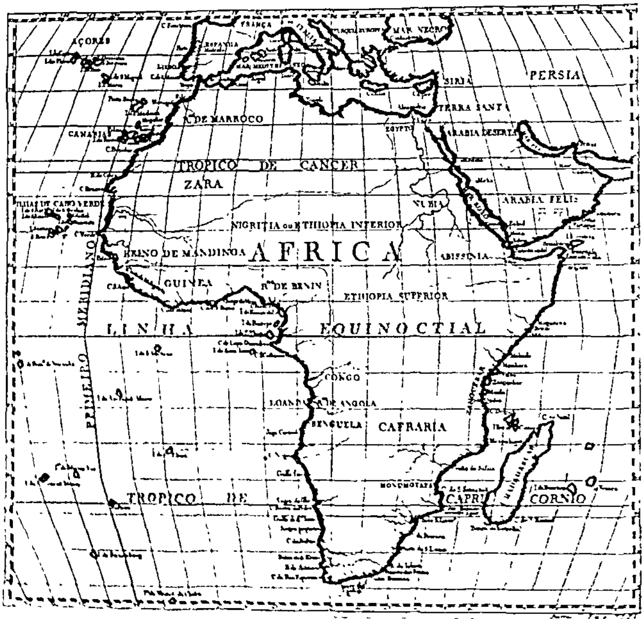
Neste logar estevemos çinquo dias folgando e desquansando de quanto trabalho tinhamos passado na travessa, onde todos ouveramos de morrer. E a huma sesta feira polla manham nos partimos, e quando vêo ao sabado, que foram doze dias do dito mês, pasámos por jumto com Monbaça, e ao domingo fomos pousar em hos baixos de Sam-rrafaell, onde posemos o ffogo ao navio deste nome, porquanto era cousa imposivell navegarem tres navios com tam pouca gente como eramos· aquy pasamos todo o fato deste navio aos outros dous que nos ficáram. Aquy estevemos çinquo dias, onde nos traziam de huuma villa, que defronte de nós estava, que se chama Tamugata, muitas galinhas a vender e rresgatar por camisas e manilhas. E a hum domingo, que foram XXVII dias do dito mês, nos partimos d'aquy com mui bom vento à popa, e a noute seguinte payrámos, e quando vêo a manham nos achámos junto com huuma ilha muito grande que se chama Jamgiber, a qual he povoada de muitos mouros, a quall estará de terra bem dez legoas. E ao primeiro dia de fevereiro à tarde fomos pousar davante as ilhas de Sam jorge em Mocombiquy. E ao outro dia pella manham fomos poonr em a ilha, onde à ida diseramos misa, hum padram. E foy tanta a chuva que nunca podémos fazer fogo pera derretermos chumbo pera lhe pormos a cruz; o quall ficou sem ella, e nós viemonos aos navios e partimonos logo.

Aos tres dias do mês de março chegamos á Amgra de Sam Brás, onde tomámos muita achoa (enxova) e lobos marinhos e sotelycairos, dos quaees fezemos salga pera o mar; e aos doze dias do dito mês nos partimos. Sendo além d'aguada dez ou doze legoas ventou o ponente de guisa que nos fez-

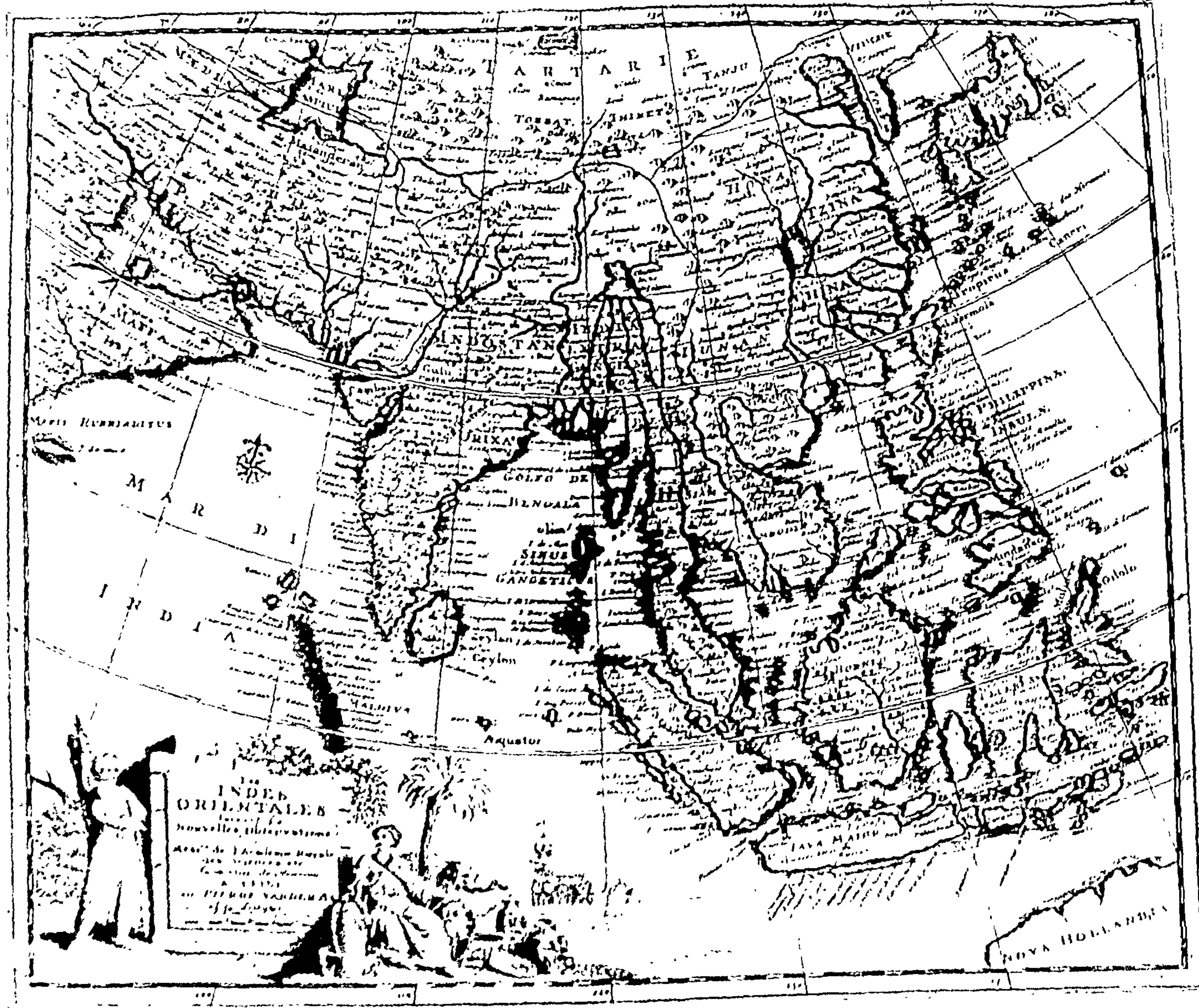
tornar a pousar em a dita amgra, e como foy bonança tornámos a sair, e deunos Noso Senhor tam bom vento que aos vinte dias do dito mês pasámos polo cabo de Boa Esperança. E eses que atéquy chegámos eramos de saude e rrijos, e às vezes bem mortos de frio de grandes bisas que aquy achavamos em esta terra. E mais o punhamos a vyrmos de terra quente que ao frio ser grande, e seguimos nosso caminho com grande desejo de chegarmos, e vinhamos com vento á popa que nos durou bem vinte e sete dias, de maneira que nos pôs em boa parajem da ylha de Samtiago, que em as cartas, de marear ao mais que della nos faziamos eram çem legoas e alguns eram já com ella, e aquy nos acalmou o dito vento, e alguum que nos yguava era muito pouco e por davante, e por avermos conhecimento donde eramos com alguumas trovoadas que nos vinham de terra hiamos de lloo quanto podiamos; e huuma quinta feira vinte e cinquo dias do mês d'abrill achámos fundo de trinta e cinquo braças, e todo o dia fomos por este caminho, e o menos fundo foram vinte braças e nom podémos aver vista de terra, e os pilotos diziam que eramos nos baixos do Rio Grande. ([50])

NOTAS

(1) Sôbre a biografia e genealogia de Vasco da Gama, vide Braamcamp Freire — *O Almirantado da India* no *Arquivo Histórico Português*, I, 25; Teixeira de Aragão—*Vasco da Gama e a Vidigueira*—Lisboa—1898; Luciano Cordeiro—*De como e quando foi feito Conde Vasco da Gama* Lisboa—1892. Vasco da Gama nasceu no meado do século XV em Sines. Era filho de Estevam da Gama que foi alcaide-mór daquela povoàção e de Isabel Sodré. Que não era Vasco da Gama de humilde geração parece incontestável; na carta de 10 de Janeiro de 1502 em que D. Manuel lhe deu o título de almirante, chama-lhe *fidalgo da nossa casa.* Tendo os franceses tomado uma caravela que ia da Mina com muito ouro, D.



Carta de Africa do século XVI

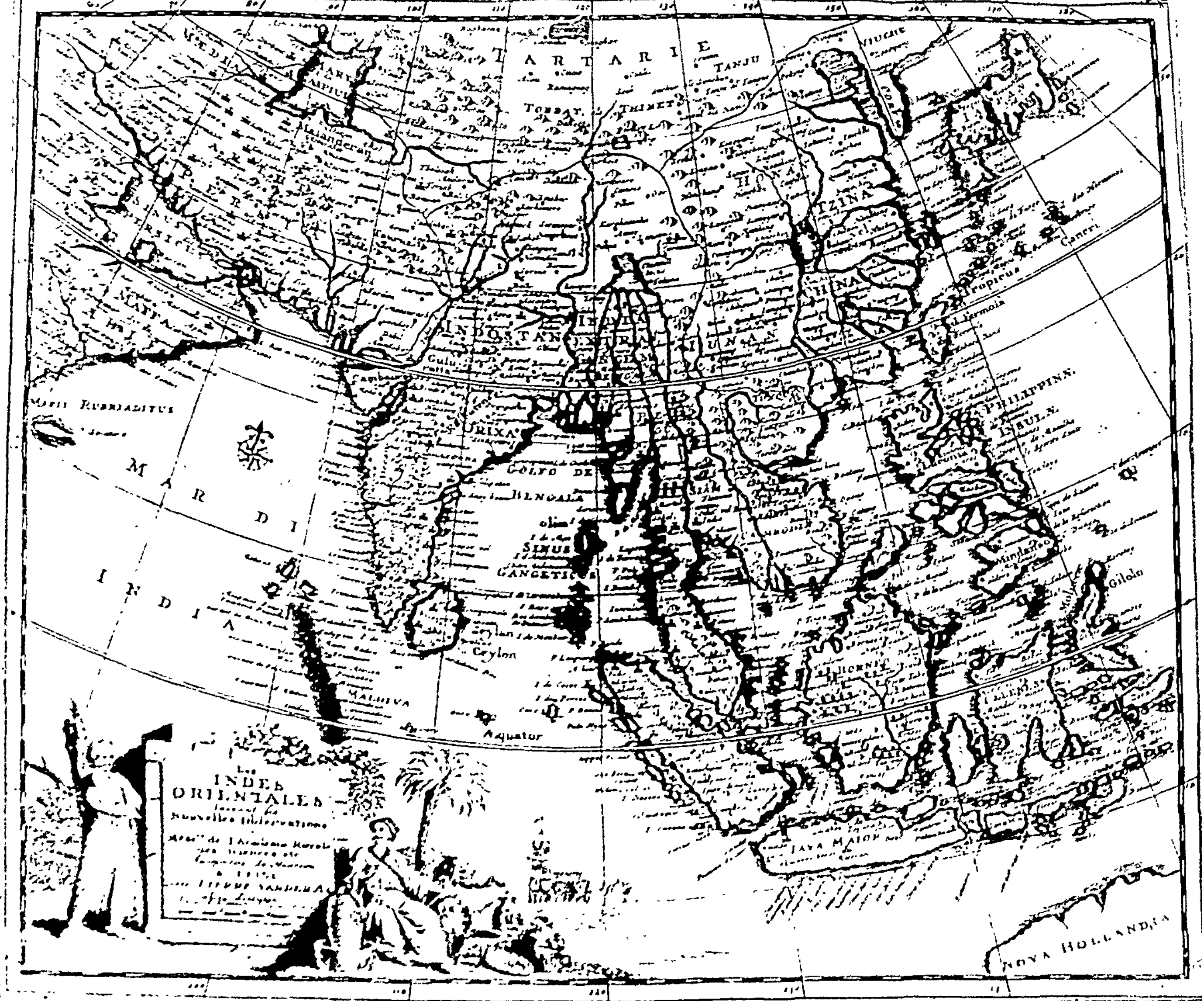


Carta antiga de Asia e Oceania

João II resolveu apreender todos os navios franceses que se encontrassem nos portos de Portugal; da apreensão em Setubal e nos portos do Algarve encarregou "Vasco da Gama, *fidalgo de sua casa*...homem de q. elle confiaua, e seruia em armadas, e cousas do mar" (Garcia de Resende—*Chrónica de ElRei D. João II*, cap. CXLVI).

(2) Sôbre os navios da armada de Vasco da Gama, vide Baldaque da Silva—*Notícia sôbre a não S. Gabriel em que Vasco da Gama foi pela primeira vez á India*—Lisboa—1892; Lopes de Mendonça—*Estudos sôbre navios portuguezes nos seculos XV e XVI* e Brás de Oliveira—*Os navios de Vasco da Gama* no *Centenário do descobrimento da América—Memorias da Comissão Portugvesa*—Lisboa—1892. Eram quatro os navios: "E hũ q. era de cẽto & vĩte toneladas ouue nome sam Gabriel: & outro de cèto sam Rafael: & comprou pera ir coestes nauios hũa carauela de cincoenta toneladas a hũ piloto chamado Birrio de q. a carauela tomou ho nome... E por quanto nos nauios da armada não podião ir mantimentos q. abastassem á gẽte dela ate tres annos, cõprou el Rey hũa nao a hũ Ayres corea de Lisboa q. era de duzentos toneis" (Castanheda—*História do Descobrimento e Conquista da India pelos portvgueses*, liv. I, cap. II) Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, l. IV, cap. II, dá as seguintes notícias da preparação dos navios de Vasco da Gama:

"Nom conuinha que pera este descobrimento & viagem se excedese ho modo da grandura das naos & cantidade dellas & por isso mandou elRey nosso senhor que se fizessem quatro nauios pequenos que o mayor nom pasase de cem tonees pera sima por que pera terra nom sabida & tam incognita como aquella emtam era nom era necessario serem mayores; & este fez asy por que este mais ligeiramente podesem emtrar & sayr em todo luguar o que sendo grandes nom podiam fazer; & estes se fizeram por singulares mestres & hoficiaes & asas fortes de madeyra & pregadura; & com tres esquipassoens de vellas cada naao & asy hamarras & outros haparelhos & cordoalha tres & quatro vezes dobrada aleem do que costumam trazer; ha lousa dos tonees pipas barris assim de vinho como daugua vinagre & azeite toda foy arqueada com muitos arcos de ferro que cada pessa leuaua por segurar o que dentro tinha; os mantimentos de pam, vinho, farinhas, carnes, legumes & cousas de botica & asy armaria & bombardaria tudo isto foy dado em tanta habastansa quanta ha necessidade do caso convinha &



Carta antiga de Asia e Oceania

João II resolveu apreender todos os navios franceses que se encontrassem nos portos de Portugal; da apreensão em Setubal e nos portos do Algarve encarregou "Vasco da Gama, *fidalgo de sua casa*...homem de q. elle confiaua, e seruia em armadas, e cousas do mar" (Garcia de Resende—*Chrónica de ElRei D. João II*, cap. CXLVI).

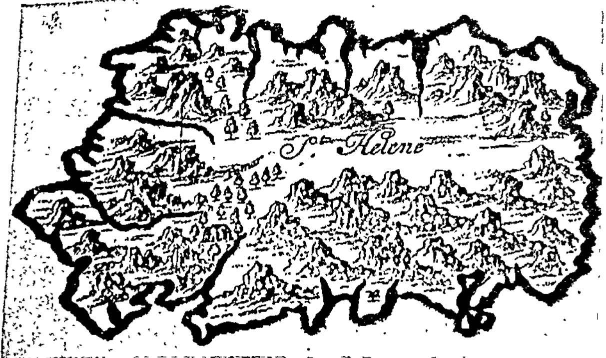
(2) Sôbre os navios da armada de Vasco da Gama, vide Baldaque da Silva—*Noticia sôbre a náo S. Gabriel em que Vasco da Gama foi pela primeira vez á India*—Lisboa—1892; Lopes de Mendonça—*Estudos sôbre navios portuguezes nos seculos XV e XVI* e Brás de Oliveira—*Os navios de Vasco da Gama* no *Centenário do descobrimento da América—Memorias da Comissão Portugueza*—Lisboa—1892. Eram quatro os navios: "E hũ q. era de cẽto & vĩte toneladas ouue nome sam Gabriel: & outro de cẽto sam Rafael: & comprou pera ir coestes nauios hũa carauela de cincoenta toneladas a hũ piloto chamado Birrio de q. a carauela tomou ho nome... E por quanto nos nauios da armada não podião ir mantimentos q. abastassem á gẽte dela ate tres annos, cõprou el Rey hũa nao a [illegible] Ayres corea de Lisboa q. era de duzentos toneis" (Castanheda—*[illegible] do Descobrimento e Conquista da India pelos portuguezes*, liv. I, cap. [illegible]) Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, l. IV, cap. II, dá as seguintes *noticias da preparação dos navios de Vasco da Gama*:

"Nom conuinha que pera este descobrimento & [illegible] excedese ho modo da grandura das naos & cantidade dellas [illegible] isso mandou elRey nosso senhor que se fizessem [illegible] pequenos que o mayor nom pasase de cem tonees [illegible] pera terra nom sabida & tam incognita [illegible] nom era necessario serem mayores; & [illegible] mais ligeiramente podesem [illegible] sendo grandes nom podiam fazer: & [illegible] mestres & hoficiaes & asas [illegible] tres esquipassoens de [illegible] haparelhos & cordoalha [illegible] costumam trazer; [illegible] como dagua [illegible] de ferro que [illegible] os mantimentos de pam, [illegible] de botica & [illegible] tanta [illegible]

mays, & asym forom mandados, nesta viagem os *principais pilotos* & mareantes & mays sabedores na arte da marynharia que se nesta patria hacharom; Aos quaes forom hordenados tam grandes soldos com outras merces & tambem paguos que prosederom todolos outros salarios que toda ha outra jente do mar pellas outras prouincias custumam hauer; nesta viagem se fizerom tantas & tam grossas despezas com tam poucas naaos que por nom pareserem graues douuir & creer ho leixo de dizer pello meudo."

No século XV até a viagem de Bartolomeu Dias, inclusivé, o tipo do navio adoptado foi a caravela; mas com a viagem do Gama as condições mudavam por completo. As lições da experiência tinham mostrado que para aquelas navegações tão dilatadas em mares, cuja meteorologia começava a ser vislumbrada, outro tipo de navio, mais forte e com outra disposição de velame era necessário e assim, a caravela, o navio latino, foi substituida pela nau, o navio de pano redondo.

Na enumeração dos indivíduos que embarcaram para esta viagem não andam concordantes os cronistas. Barros estima em 170 homens tôda a gente que ia nesta armada. Castanheda, Osório, e Goes reduzem-na a 148. Iam por intérpretes Fernão Martins como sabedor do que então se chamava aravia ou idioma arabigo e Martim Afonso como perito em algumas línguas africanas que sabia por ter andado em Manicongo (Goes—*Crónica de D. Manuel*, parte I, cap. XXXVI e XXXIX). Faria e Sousa, fundando-se em papeis antigos e em o testemunho de Fr. Cristoval Osório, e o padre Francisco de Sousa, autor do *Oriente Conquistado*, citando a *Crónica da Ordem de SS. Trindade*, mencionam a Fr. Pedro da Covilhã como capelão da armada. Diz Gaspar Correa que em cada navio embarcaram 2 capelães, dos quais morreram 4 antes de a armada chegar a Melinde (*Lendas* I, 41). A história tem conservado os nomes dos seguintes companheiros do Gama: Alvaro Velho, Fernão Veloso, Gonçalo Pires, Gonçalo Alvares, Sancho Mexia, Pedro de Faria e Figueiredo e seu irmão Francisco, e Leonardo Ribeiro (Vide Barros, Castanheda, Faria e Sousa, e Manuel Correia, comentador das obras de Camões). Mandara D. Manuel que na armada se embarcassem dez ou doze homens sentenciados à pena capital, aos quais a perdoou para que nas terras onde parecesse a Vasco da Gama os fosse deixando como exploradores (Goes—obr. cit., parte I, cap. XXXVI).



Ilha de Sta. Helena

(3) Castanheda, Barros, Goes, e Faria e Sousa unanimemente assinam, como dia da partida, um sábado, 8 de Julho de 1497.

(4) Vasco da Gama, antes de embarcar, conferenciara com Abraham Zacuto, sábio professor de Salamanca, o mais ilustre representante da astronomia judaica. Zacuto aconselhara que nunca se apartassem uns dos outros os navios, porque se dispersos navegassem era para todos certa a perdição. (Gaspar Correa—*Lendas da India*, I, 23).

(5) Não se deve confundir com Santa Helena, célebre pelo destêrro de Napoleão, ilha descoberta por João da Nova, voltando da India, em 1502. Na Angra de Santa Helena saiu Vasco da Gama a tomar a altura do sol para determinar a latitude, usando astrolábio vulgarizado pelos judeus Rodrigo e José Vizinho, médicos de D. João II e discípulos do célebre Abraham Ben Samuel Zacuto que em 1492 passou a ser astrónomo d'ElRey (Barros — Dec. I, liv. IV, cap. II e VI; Gaspar Correia— *Lendas da India*, I, 10 e 23; Sousa Viterbo— *Trabalhos nauticos dos portuguezes*, t. I, pag. .; Joaquim Bensaude — *Histoire de Science Nautique Portugaise*, 69).

Durou a navegação pelo mar alto os meses de Agôsto, Setembro e Outubro, em que as tormentas e cerrações não deixavam repousar o indómito navegador. Diz Castanheda que durante a longa e perigosa navegação lutaram os navios "*com muitas tormentas de ventos, chuvas e cerrações, com que se todos viram* em assaz de perigo, [illegible] diante muitas vezes (obr. cit., liv. I, cap. II). E Damião de Goes [illegible] que Vasco da Gama durante os meses de Agôsto, Setembro e Outubro navegara *com muitas tormentas e tempos contrários* ([illegible] XXXV).

(6) Rio Berg.

(7) *Pudenda ligneis virginis [illegible]* ([illegible] *gestis Emmanuelis*).

(8) E' a baia Falsa.

(9) *Mossel Bay.*

(10) Ilha dos Passaros.

(11) Sotilicirios [illegible]

(12) Bird Island.

(13) Great Fish River.

(14) Dia de Natal [illegible] êste nome. (Barros [illegible]

(15) Rio de Quelimane (Fr. João dos Santos—*Etiopia Oriental*. liv. II, c. 2.°). O padrão de mármore "tinha dous escudos, hum das armas das quinas e outro doutro cabo, da espera, e letras talhadas na pedra que diziāo: *Do Senhorio de Portugal, Reino de Cristãos*" (Gaspar Correa—*Lendas* I, 31).

(16) Ilhas Primeiras.

(17) E' por esta frase que se atribue a autoria do *Roteiro* a um dos tripulantes da armada.

(18) "Moçambique, da qual era Xeque hum Senhor chamado Çacoeja" (Barros—Dec. I, liv. IV, cap. III). Acrescenta Gaspar Correa, "Xeque que he capitão da terra da mão do Rey de Quiloa, que neste lugar estaua como rendeiro, arrecadando os direitos das naos de mercadores, que são muitas, que vinhão de muitas terras, com muitas roupas de sortes que neste Moçambique tratão e pagão grandes direitos, e com elles passão avante pela costa per muitos rios que achão, em que fazem resgate de prata, e ouro, marfim, cera, e mormente em Çofala onde fazem resgate de muito ouro que ha na terra em que tratão este: mercadores que quasi todos são Mouros" (*Lendas da India*—I, 35). Em Moçambique deixou Vasco da Gama o degredado João Machado "porque se viuesse quando aly tornassem portugueses delle saberiam as cousas da terra e gentes" (Gaspar Correa—obr. cit. I,42).

(19) O mitical ou *miskal* é a centésima parte do Ratf e a duocentésima de Oke (Burton— *Camões*, II, 411) No tempo das conquistas o mitical valia, segundo Correa (*Lendas*, II, 3) 500 réis. Goes (*Chron. de D. Manuel*, II, 37) não lhe dá mais do que 420 réis. Barbosa no seu *Livro* diz que a onça contém 6½ miticais.

(20) Escudos.

(21) Ilha de S. Jorge, assim chamada porque aí Vasco da Gama meteu o padrão de S. Jorge, de que era devoto (Barros—Dec. I, liv. IV, cap. IV.) ;Gaspar Correa—*Lendas da India*—t. I, cap. XII, pag. 43).

(22) Ilha de Quezimba.

(23) Ilha das Cabras ou Quizeba.

(24) Ilha de Quiloa.

(25) Ilha de Momfia.

(26) Tormento que consistia em deitar pingos de óleo ou resina a ferver, e até de metal derretido, sôbre a pele de algum indivíduo para o constranger a confessar qualquer cousa.

(27) Cabo.

(28) Só teem residência acidental. Em Mombaça deixou Vasco da Gama o degredado Pedro Dias que depois veio ter a India, onde era conhecido por Nordeste. (Gaspar Correa—*Lendas da India*, t. I, pag. 46).

(29) Vasco da Gama que não teve bom acolhimento em Moçambique e em Mombaça, foi bem recebido em Melinde. Como se explica esta atitude benévola? Responde Barros "ElRey havido este recado, posto que ao nome Christão tivesse aquelle natural odio, que lhe tem todolos Mouros, como era homem bem inclinado, e sezudo, sabendo per este mouro o modo de como os nossos se houveram com eles, e que lhe pareciam homens de grande animo no feito da guerra, e na conversação brandos, e caridosos, segundo o bom tratamento que lhe fizeram depois de os tomarem, não querendo perder amizade de tal gente com más obras, como perdêram os outros Principes, per cujos portos passáram, assentou de levar outro modo com elles, em quanto não visse final contrario do que lhe este mouro contava E logo per elle, e pelo degredado mandou dous homens ao Capitão, mostrando em palavras o contentamento que tinha de sua vinda; que descançasse, porque Pilotos, e amizade tudo acharia naquelle seu porto; e que em final de seguridade lhe mandava aquelle annel d'ouro; e lhe pedia houvesse por bem de sahir em terra pera se ver com elle...E desta pratica, e modo, que Vasco da Gama teve com ElRey, ficou elle tão seguro, e contente de sua amizade, que logo quiz ir ver os nossos navios rodeando a todos; e por honra de sua ida lhe mandou Vasco da Gama entregar todolos Mouros, que tomou no zambuco, os quaes guardou pera dar naquelle dia das vistas. O que ElRey muito estimou, e muito mais dizerlhe Vasco da Gama como ElRey seu Senhor tinha tanta artilheria, e tantas maiores náos que aquellas, que poderiam cubrir os mares da India, com as quaes o poderia ajudar contra seus imigos, porque fazia ElRey conta que a pouco custo per aquella via tinha ganhado hum Rey poderoso pera suas necessidades" .(Dec. I, Liv. IV., cap. VI) Em Melinde Vasco da Gama pôs o padrão *Espirito Santo* (Gois—ob. cit. p. I, c XLIV).

(30) Cristãos de Cranganor (Castanheda—obra cit.—liv. I, Cap. XII·

(31) O piloto era Ibn Madjid, o expoente máximo da náutica muçulmana, que completou as lições de Zacuto (G. Ferrand—*Le pilote arabe*

de Vasco da Gama et les instructions nautiques des arabes au XV siècle—nos Annales de Géographie—Paris—1922) "Do saber do qual Vasco da Gama, depois que praticou com elle, ficou muito contente, principalmente quando lhe mostrou huma carta de toda a costa da India arrumada ao modo dos Mouros, que era em meridianos, e parallelos mui miudos sem outro rumo dos ventos; porque como o quadrado daquelles meridianos, e parallelos era mui pequeno, ficava a costa per aquelles dous rumos de Norte Sul, e Leste Oeste mui certa, sem ter aquella multiplicação de ventos, d'agulha commum da nossa Carta, que serve de raiz das outras. E amostrando-lhe Vasco da Gama o grande Astrolabio de páo que leuaua, e outros de metal, com que tomava a altura do Sol, não se espantou o Mouro disso, dizendo, que alguns Pilotos do mar Roxo usavam de instrumentos de latão de figura triangular, e quadrantes, com que tomavam a altura do Sol, e. principallmente da estrella, de que se mais serviam em a navegação. Mas que elle, e os mareantes de Cambaia, e de toda a India, pero que a sua navegação era per certas estrellas, assi do Norte, como do Sul, e outras notaveis, que cursavam per meio do Ceo do Oriente a Ponente, não tomavam a sua distancia per instrumentos semelhantes àquelles, mas per outro de que se elle servia, o qual instrumento lhe trouxe logo a mostrar, que era de tres taboas. E porque da figura, e uso dellas tratamos em a nossa Geografia em o Capitulo dos instrumentos da navegação, baste aqui saber que servem a elles naquella operação, que ora ácerca de nós serve o instrumento, a que os mareantes chamam balhestilha, de que tambem no Capitulo que dissemos se dará razão delle, e dos seus inventores."

(João de Barros, Dec. I, liv. IV, cap. VI).

A curiosidade científica que caracteriza os homens da Renascença foi a mola real dos grandes cometimentos de nossos navegadores.

(32) E' que Pero de Covilhã informara El Rei do que vira na India "E logo Pero de covilhaã escreveo a el Rei tudo o q. tinha sabido do Preste e o de era seu señorio, e assi o q. vira da India e Ormuz; e a *carregação q. se fazia Calicut despeciaria, Droga e pedraria : e q. Calicut e Cananor estauão ē costa, e podia-se navegar pera lá pela sua costa e mar da Guiné, indo demandar çofala : dõde podião tomar a costa de Calicut,*"(Castanheda—História do Descobrimento e Conquista da India— liv. I, Cap. I)

(33) *Capocate* (Gaspar Correa—Lendas I, pag. 71).

(34) *Pandarane* (Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XV).

Zinadim, escritor maometano do século XVI refere-se em termos lacónicos à chegada de Vasco da Gama a Calicut : "A primeira vez que os franges apareceram no Malabar foi no ano de 1498 ; e vieram a Pandarane em tres navios no fim da monção de India, e daí dirigiram-se por terra ao porto de Calecute, onde permaneceram durante meses, tomando informação acerca do Malabar, e das suas condições actuais depois do que voltaram a Portugal, sem terem tratado, de comercio. O motivo de sua vinda ao Malabar, segundo se diz, foi entrar em relação com o pais da pimenta, afim de que monopolizassem o seu comercio porque antes só a podiam haver comprando a a intermediários, que por vez a compravam aos que a importavam do Malabar, e estas também indirectamente". (*História dos Portugueses no Malabar*, tradução de David Lopes, pag 34). Em Calicut pôs Vasco da Gama o padrão S. Gabriel (Goes—obr. cit., p I, c XLIV.

(35) "E hũ deles q. auia nome Bõtaibo sabia falar castelhano ... disse-lhe logo Mõçaide & este nome foi corrente pelos Portugueses & mudaram em Bõtaibo" (Castanheda—obr. cit. I I,c. XV) Este mouro foi com Vasco da Gama para Portugal, onde morrêu cristão (Barros—Doc. I, l IV,c. VIII).

(36) O autor confunde os hindus com os cristãos "... despois q. Calicut foy edificada, & muitos mouros assentarão nela de vinda E como erão grãdes mercadores & de muy groso trato, veose a fazer a maior escala & a mais rica de toda a India, porque nela se achaua toda a especiaria, droga, noz, & maça q. se podia desejar todo genero de pedraria, perlas, & aljofar, canfora, almizquere, sandalos, & aguila, lacre, porcelanas, cestos dourados, cofres & todalas lindezas da China, ouro, ambar, cera, marfim, & alaquecas, muyta roupa dalgodão delgada, & grossa, assi branca como pintada, muyta seda solta & retros & todo genero de panos de seda & douro, & brocados, brocadilhos, chamalotes, grãis, ezcarlatas, alcatifas, tafecíras, cobre, azougue, vermelhão, pedra hume, coral, agoas rosadas, & todo ho genero de cõseruas. De modo que nenhũa cousa de mercadoria de todas as partes do mundo se podia pedir q. não se achasse nella. A fora isto era muy apraziuel por ser situada na costa ao longo dũ arrecif e quasi costa braua, cercado de muytas ortas em q. ha

muytas fruytas da terra & muyta ortaliça & muy singulares agoas : & muytos palmares & arecais : na terra ha pouco arroz q. he ho principal mãtimẽto assi como antre nos ho trigo, & este lhe vẽ de fora ẽ muyta abastãça, & assi tẽ de todos os outros : he muyto grande, & espalhada & toda de casas palhaças : se não as casas dos idolos, mezquitas & casas delrey q. sam de pedra & cal & telhadas : porq. por ley outrẽ as não pode ter desta maneyra. Era pouoada de gẽtios de diuersas seitas & de mouros grandes mercadores : & tão ricos q. auia algũs q. tinhão cincoẽta naos, & não auia anno q. não viessem a este porto seys cẽtas naos & dahi pera cima......

Por esta cidade ser de tamanho trato & tão pouoada, & assi a terra ao derredor crecerão as rendas de seu rey ẽ tãta maneyra q. veo a ser o mais rico rey do Malabar de dinheiro : & mais poderoso de gẽte : porque ẽ hũ dia ajuntaua trinta mil homẽs de peleja, & em tres cẽ mil, & chamauase çamorim q. em sua lingoa quer dizer emperador : porq. assi ho era ele antre os reys do Malabar que não erão mais de dous a fora ele. s. elrey de Coulão, & elrey de Canauor ; q. posto q. outros se chamauão reys não ho erão ". (Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XIII e XIV).

(37) Parece corrupção do árabe *wali* príncipe, governador, chefe militar. Gaspar Correa (Lendas I, cap. 17) chama-lhe *gozil*, corrução do árabe *wazir*, ministro do rei. Os outros historiadores, como Barros, Goeses e Castanheda chamam-lhe *calual*.

(38) Castanheda nomêa os seguintes : " Diogo diz (Dias) seu escrivão & Fernão martinz ho lingoa, & ho seu veador, & João de saa que despois foi tesoureyro da casa da India, & marinheiro chamado Gõçalo pirez que fora de sua criação, & hũ Aluaro velho, & Alvaro de Braga que despois foy escriuão dalfandega de Porto, & assi outros a que não soube os nomes. " (Obr. cit., liv. I, cap. XVI).

(39) " porque naqla terra não se custuma andar a caualo, & andão nestes andores que sam como leytos dandar se não q. são descuberto,s & quasi rasos tão baixos tẽ os goardas. Cada andar destes quãdo ha de servir he levado por quatro homẽs aos hombros, & isto assi por nã aver bestas na terra, como por estado : porque em outras partes em que ha bestas não os levão se nã homẽs, que tambem correm a posta coeles se os reys ou senhores vão caminho lõgo

& se querẽ andão muyto em breve tempo. Podem ir assentados ou deitados como lhe vem à vontade, & cuberto com sombreiros de pé, que lhe tambem leua homẽs a que chamão boys, & assi vão ẽparados do sol & da chuuva. Ha tambem outros andores que tem por cima hũa cana em arco, que por serem muyto leues os podẽ leuar dous homẽs" (Castanheda, obr. cit, liv I, cap. XVI).

(40) O autor confunde o pagode com uma igreja. "Deste lugar que digo leuou o Catual Vasco da gama a hũ pagode dos seus idolos, dizendolhe que era hũa igreja... E João de saa que estava duvidoso de ser aquilo igreja de Christãos por ver aquela fealdade das imagẽs que estauão pintadas nas paredes, em se assentando em giolhos disse. Se isto he diabo eu adoro o Deos Verdadeiro. E Vasco da gama que ho ouuio oulhou parele sorindose" (Castanheda, obr. cit. liv. I, cap. XVI).

(41) "sandalo moido" (Castanheda, obr. cit., liv. I, cap. XVI).

(42) "Junto com este catele estaua hũa batega de pé alto toda douro, que são de feição de corpos de Frandes chãos, se não q. são mayores & menos couos. E nesta estaua ho betele q. el-rey mastigaua cõ cal & areca, que são hũs pomos de tamanho de nozes moscadas: & comesse isto ẽ toda a India porq. faz bõ bafo & ẽxuga muyto o estomago & mata a sede: & como he mastigado lançãno fora, q. não ho engolem & tomam outro" (Castanheda, obr. cit., liv. I, cap. XVII).

(43) "E lauadas as mãos mandou lhes dar figos & jacas pera q. comessem logo" (Castanheda, obr. cit., liv. I, cap. XVII). O autor chama figos às bananas.

(44) "... muyto de noite chegou á capitaina hũ escravo de guiné de Diogo diaz q. era Christão, & sabia bẽ a lingoa Portuguesa: & disse como ele & Alvaro de braga ficavão presos". (Castanheda, obr., cit liv. I, cap. XXIII).

(45) "... ao outro dia foy ter Bontaibo com Vasco da Gama, & disse q. fugia de Calicut". (Castanheda, obr. cit., liv. I, cap. XXIII).

(46) Era a ilha de Angediva "E esta ilha foy chamada Anchediva q. na lingoa Malabar quer dizer as cinco ilhas, porq. a derrador dela estão outras quatro, & os Portugueses corrõperão este nome & ficou em Anjadiua como lhe chamão. Surto aqui Vasco da gama mãdou Nicolau Coelho a terra a descobrir". (Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XXVI).

(47) O autor confunde o pagode com uma igreja "Ha no mar desta ilha muyto pescado & marisco. Antes que os mouros viessẽ aa In-

dia era pôuoada de gẽtios & auia nela grandes edificios, principalmente hũ pagode, & despois da nauegação dos mouros do mar roxo que aqui tomauão agoa & lenha, forão deles tão mal tratados que ho não poderão sofrer, & a despouorão : & antes que se fossem derribarão quasi todo ho pagode de q. lhe não deixarão mais que a capela & assi os outros edificioss".(Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XXVI).

(48) Eram barcos do corsário Timoja que, mais tarde, ajudou Albuquerque na conquista de Goa. "E dos Malabares que Vasco da gama leuaua, soube q. aquelas fustas erão de ladrões de q. era capitã hũ gentio chamado Timoja morador em hũ lugar dali perto chamado Honor". (Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XXVI).

(49) O mouro era um judeu, espião do Sabaio, senhor de Goa "o qual depois de convertido se chamou Gaspar da Gama"... que uivia com hũ mouro chamado Cabayo senhor de hũa ilha chamada Goa que estaua dali doze legoas de muita terra no sertão... E este se tornou despois Christão & Vasco da Gama q. foy seu padrinho lhe pos nome Gaspar à hõrra dũ dos tres Reys magos' '(Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XXVI)"...era judeu natural do Regno de Polonia, da cidade de Posxy... do qual se el Rei dom Emanuel depois servio em muitos negocios na India, e o fez cavalleiro de sua casa, dando lhe tenças, ordenados, e officios de que se mantene toda sua vida abastadamente "(Goes—Chronica d'ElRei D. Manuel, parte I, cap. XLIIII). Existe na Tôrre do Tombo uma carta pela qual o monarca lhe fez mercê da tença anual de 500:000 reais, onde se lê "avendo nos respeyto ao muito serviço que Gaspar da Gama nos tem feito no negocyo e trautos da India e esperamos delle ao deamte receber... (Sousa Viterbo—*Trabalhos nauticos dos portugueses*, vol. II, pag. 198). Leonardo da Chá Masser, agente veneziano, enviado a Lisboa, no principio do século XVI para se informar das navegações dos portugueses, referindo-se a Gaspar da Gama diz na sua *Relação* que sabia falar diversas linguas e era "pratichissimo di quelli paeesi (da India)" e acrescenta "se chiamava in moresco Mamet, e se maridó in una donna portoghese nativa di questo cittá (Lisboa); e have provision de questo Serenissmo Re de ducati 170 de intrada all'anno per suo viver, per aver dato lui tall'informazione dell'India, essendo stato ditto Gaspar delli anni trenta due da poi che parti del Caiaro per terra alla Mecha, e per molti altri lochi in quelle parti d'India" (*Centenario do descobrimento da America* memória da comissão portuguesa, Carta de ElRei D. Manuel, apêndice,

pag. 69) Acrescenta Americo Vespucio na carta datada de Cabo Verde a 4 de Junho de 1501: "che questi mi contó uno uomo degno di fede, che si chiamare Guasparre, che avea corso dal Cairo fino a una provincia che si domanda Molecca (Malaca) la quale sta situata alla costa del mare Indico)... Ora mi resta a adire della costa, che va dallo stretto del Mare Persico verso el mare Indico, secondo che mi racontono, molti che funno nella detta armata; e massime il detto Guasparre el quale sapeva dimolte lingue e il nome di molti provincie e città... Item mi disse ch'era stato in una altra Isola che si dice Stamatra (Samatra) la qual é di tanta grandezza, come Ziban (Ceilão)" (Vignaud, *Americ Vespuce*, pag. 405).

Cf: Hummerich—*Gaspar da Gama da India*—Iberica—1927; Olszewicz—*Gaspar da Gama*—Kronika Miasta Posnania, IX, Posnan—1931.

(50) Aqui se interrompe o *Roteiro* porque a viagem terminou para o seu autor, segundo o dr. Hummerich. E' que Alvaro Velho, a quem se atribui o *Roteiro*, ficou em terra, na costa da Serra Leôa, que êle descreveu numa memória que serviu de base à descrição enviada de Lisboa, nos começos do século XVIII pelo impressor Valentim Fernandes a Conrado Peutinger conhecido humanista de Augsburgo, a qual se encontra na Biblioteca de Munich.

Nicolau Coelho, forçado por um temporal, segundo Barros e Goes, ou para ganhar as alvíçaras, segundo Castanheda, adiantou-se e, entrando a barra de Lisboa a 10 de Julho de 1499, antes de Vasco da Gama, deu a nova do descobrimento da India (Barros—Dec. I, l. IV cap. XI; Goes, obr. cit. part I, cap XLIV; Castanheda, obr. cit. l. I cap. XXVIII).

Na variedade dos cronistas e na falta de documentos não [illegible] destrinçar com certeza a verdadeira data da chegada de Vasco da Gama a Lisboa. Vasco da Gama teve que desembarcar na ilha [illegible] motivo da doença de Paulo da Gama que aí morreu e [illegible] Convento de S. Francisco. Segundo Barros e Goes [illegible] do grande navegador e deveriam ter compulsado [illegible] das, o primeiro, como empregado da Casa da India [illegible] Guarda-mór da Tôrre do Tombo, a chegada [illegible] mas Castanheda e Antonio Galvão [illegible] designar em que dia se realizou. [illegible] 1871, Mendes Leal, que [illegible]

promover a trasladação dos restos mortais de Vasco da Gama que se efectuou a 8 de Junho de 1880 leu na 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa uma erudita nota, apreciando as diferentes opiniões e concluindo pela preferência às que assinam o dia 29 de Agôsto de 1499 (Vide *Historia e Memorias da Academia* nova série, t. IV, p. II, 1871) Com Mendes Leal concorda Latino Coelho (*Vasco da Gama* II, 254).

Em acção de graças pelo descobrimento do novo caminho para a India D. Manuel erigiu o templo e mosteiro dos Jerónimos no próprio lugar em que D. Henrique havia fundado uma ermida para daí administrar os sacramentos aos mareantes e intitulou-se *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comercio da Etiopia, Arábia, Persia e India.*

ElRei agraciou Vasco da Gama com o título de *Dom* e concedeu-lhe esquartelar o seu escudo de armas com as armas reaes, o cargo de Almirante do mar das Indias para si e seus descendentes, a renda de 300 mil reis anuais, licença para empregar, anualmente, até 200 cruzados, em mercadorias da India, o título de Conde de Vidigueira, e a capitania mór de qualquer armada para a India, que quisesse comandar.

A venda da carga feita na casa da India cobriu 60 vezes as despesas da armada.

Deslocou-se o eixo comercial do mundo. Portugal substituiu-se a Génova, Veneza e Constantinopla. Lisboa passou a ser o grande empório das transacções mercantis, o centro da navegação, a cidade emfim da qual, mais tarde Camões poderia escrever:

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa.
....
Tu a quem obedece o mar profundo.

(Cf Francisco António Correia—História Económica de Portugal, I, 148; J. Lúcio de Azevedc—*Epocas de Portugal Económico*, pag 91.)

Na primeira fase das navegações tratava se apenas de reconhecer a costa; por isso, as cartas eram verdadeiros portulanos para uso da navegação, tambem chamados cartas arrumadas, por terem os rumos marcados para o piloto se orientar Com a viagem de Bartolomeu Dias completam os cosmógrafos a carta da Africa na parte atlantica e ainda na meridic-

nal desde o Cabo das Tormentas até ao Rio do Infante, refundindo o mapa-mundi de Ptolomeu, como se vê pelo mapa-mundi "*Insularum Illustratum Henrici Martelli Germanus*" manuscrito existente em Londres, no *British Museum*, concluido em 1489 e baseado nos trabalhos portugueses, como reconhece a legenda latina colocada à entrada do golfo da Guiné em que se lê: "Esta é a verdadeira forma moderna da Africa, segundo as descrições portugueses entre o mar Mediterrâneo e o Oceano Meridional".

A viagem de Vasco da Gama traz-nos elementos para a verdadeira forma do Oceano Indico, na região percorrida. Em 1501 Hercules de Este ordenou ao seu Embaixador em Lisboa, lhe enviasse uma carta em que estivessem representados os ultimos descobrimentos dos portugueses. Alberto Cantino que era êsse embaixador encarregou um cartógrafo de fazer uma carta que foi concluida antes de Novembro de 1512, sendo logo remetida para Modena, onde o original se encontra na Biblioteca Estena.

Tais foram as consequências económicas e científicas da viagem de Vasco da Gama.

II—Carta de El-Rei D. Manuel para os reis de Castela

(Julho de 1499)

Documento n.º 2

Muyto altos, muyto eixcelemtes princepes, e muyto poderossos senhores. Ssabeem Vossas Altezas como tjnhamos mandado ha descobrjr quatro navios pello oçeano, os quaaes agora ja passava de dous annos que eram partidos; e, como o fumdamento primcipal desta empressa sempre fosse por nossos antepassados de serviço de Deos nosso Senhor e muy principalmente nosso, prouve lhe por sua piedade asy os encaminhar, ssegumdo ho recado, que pellos mesmos descobridores, que a nos a esta cidade ora chegaram, ouvemos, que acharam e descobriram a Ymdia e outros regunos a ella comarquãos, e emtraram e navegaram o mar d ella, em que acharam gramdes cidades e de gramdes edefiçios e ricos e de gramde povaçoom; nas quaaes sse faz todo o trauto da especearya e pedrarya, que passa em naaos, que os mesmos descobridores viram e acharam, em gramde cantydade e de gramde gramdeza a Mequa, e d hy ao Cairo, d homde sse espalha pello mundo, daqual trouveram logo agora estes cantidade, saber: de canella, cravo, gymgivre, noz mozcada, e outros modos d'especearya, e ajnda os lenhos e folhas d'elles mesmos; e muyta pedrarya fyna de todas ssortes, saber: robyns e outros; e ajnda acharam terra, em que ha mynas d ouro; do qual e da dita especearya e pedrarya nam trouxeram logo tanta ssoma, como poderam, por nam levarem pera ello aquella mercadarya, nem tanta, como convynha. E porque sabemos que Vosas Altezas d isto ham de receber gramde prazer e contentamento, ouveemos por bem dar-lhe d isso noteficaçam; e cream Vossas

Altezas que, segumdo o que per estes sabemos que se pode fazer, que nam ha hy duvjda que, segumdo a desposisam da gente christãa que acham, posto que tam confyrmada na fee nom seja, nem d ella tenha tam jnteiro conhecimento, se nam sigua e faça mujto serviço de Deos em sserem convertidos e jnteiramente confyrmados em sua santa fee, com grande eixalçamento d ella; alem de o trauto primcipall, de que toda a mourama d aquelas partes sse aproveytava, e que por suas mãos sse fazia, sem outras pessoas, nem linhajeens nisso entemderem, se mudar e comunicar per esta minha parte descuberta a toda a christyndade, que ssera, com ajuda d elle mesmo Deos, que assy por sua piedade ho hordena, mais causa de nossas temçoes e preposytos com mais fervor se eixerçitarem, por sseu serviço, na gerra dos mouros, pera que Vossas Alltezas teem tanto proposyto e nos tanta devaçam. E pedymos a Vossas Alltezas que por esta tam gramde merce que de Nosso Senhor reçebemos lhe queiram la mandar fazer aquelles louvores, que lhe sam devidos; e em muyta merce o recebemos. Muyto altos, etc. muito excellentes Principes e muito poderosos Senhores, Nosso Senhor Deos haja sempre vossas pessoas e Reaes Estados em sua santa guarda. Escrita em Lisboa ... de Julho 1499.

Nas costas por letra coeva: Para ElRey e para a Raynha (*Tôrre do Tombo—Col. de S. Vicente, vol. III, pag. 513*).

III — Carta de El-Rei D. Manuel para o Cardeal Protector

(*28 de Agôsto de 1499*)

Documento n.º 3

Reverendíssimo em Xp.to Padre que como irmão muito amamos. Nós D. Manuel por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves daquem e d'alem mar em Africa e Senhor de Guiné e da Conquista, da navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, nos enviamos encommendar a V. R.ma P.... da mui grande nova... dando nosso Senhor fim ao nosso trabalho ácerca da investigação da Ethiopia e India, terras outras, e Ilhas Orientaes... com praser vollo noteficamos... e para saberdes o processo deste caso pelo que escrevemos ao Santo Padre vos enviamos dentro nela a minuta da sua carta... alem do que a S. Santidade escrevemos, saberá V. R.ma P. que estes que ora tornaram da dita investigaçom e descobrimento entre outros portos da Indiá estiveram em uma cidade chamada Quolicut donde nos trouxerão canela, cravo (etc. etc.)... O rei se tem por christão e a maior parte do seu povo... ha lá por todo o anno pipinos, laranjas, limões e cidras... ha grandes frotas... A ilha Taprobana, à qual lá se chama Ceilam, he 150 leguas de Quolicut... Trouxeram os nossos 5 ou 6 indios de Quolicut... e mais um mouro de Tunes... e um judeu tornado christão mercador e lapidario muito sabedor das terras da Costa dês Alexandria para lá e da India para o Sertão e Tartaria até ao mar maior... Nós tanto que esta nova soubemos, logo mandamos fazer geraes procissões por todos os nossos reynos dando muitas graças a nosso Senhor... e deve S. Santidade e V. R.ma mostrar publicamente nom menos alegria e dar muitos louvores a Deus. Outrosy como quer que por doações apostolicas mui largamente te-

nhamos o senhorio e dominio de todo o por nós achado, de guisa que pouco necessario pareça mais nada, porém muito nos pracerá e affectuosamente vollo rogamos que, depois de dadas nossas cartas ao Santo Padre e ao collegio, queiraes, fallando n'isso como de vosso, ao menos por mostra de algúm novo contentamento para nós em cousa tão nova e de tão grande e novo merecimento, aver de S. Santidade nova aprovação e outorja dello, na melhor forma que parecer a V. R.ma P. a qual Nosso Senhor prasa conservar como ella deseja. Scripta em Lisboa a XXVIII dagosto de 1499.—Rey. (1)

NOTA

Desenha-se o plano inicial da politica colonial portuguesa. Apoiado nos hindus, confundidos com os cristãos do lendário Preste João, Portugal vai arrancar das mãos dos maometanos, seus inimigos tradicionais, as chaves do comércio do Oriente. Os produtos orientais, cujas amostras Vasco da Gama levou para Lisboa, já não iriam para a Europa pela via Juda—Alexandria—Veneza ou Juda— Alexandria—Constantinopla (1); mas pelo novo caminho marítimo que os portugueses descobriram. "*Vimos buscar cristãos e especiarias*"— bem o disse um companheiro do Gama, ao desembarcar em Calicut. Para comutação com os mercadores do Oriente e presentes aos príncipes das terras, onde a armada houvesse de aportar, determinara El-Rei que fossem em as náus mercadorias portuguesas e estrangeiras (2). Viera Vasco da Gama munido de cartas régias para o Preste João e outros príncipes das terras orientais, nomeadamente

---

(1) Colecção de S. Vicente, liv. III, fol. 513, e liv. XIV, fol. 1.

---

(1) Castanheda—*Historia do descobrimento e conquista da India*, liv. IV, cap XII.

(2) Gaspar Correa—*Lendas da India*, tomo. I, part. I, cap. IV.

para o rei de Calicut (1).

A missão do Gama era principalmente diplomática, vinha celebrar tratados de aliança e comércio com os príncipes orientais, supostos cristãos, contra os muçulmanos. "E o capitão lhe disse (ao rei de Calecut), como era Embaixador dum Rei de Portugal, o qual era senhor de muitas terras, e era muito rico de todas as cousas, mais que nenhum rei d'aquelas partes; e que havia 60 anos que os reis seus antecessores mandavam cada ano navios a descobrir contra aquelas partes, porquanto sabiam que em aquelas partes havia reis christãos" (2).

BIBLIOGRAFIA

ALAUX—*Vasco da Gama*, Paris, 1931.

ALMEIDA D'EÇA—*Vasco da Gama, Embaixador*—Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa—1926.

BRÁS de OLIVEIRA—*Os navios de Vasco da Gama*—Lisboa, 1892.

ERNESTO DE VASCONCELOS—*A Viagem do Gama na Evolução da Cartografia Nacional*—Boletim da Agência Geral das Colónias—1928.

GABRIEL FERRAND—*Le Pilote arabe de Vasco da Gama et les Instructions nautiques des Arabes au XV siècle.* Annales de Géographie, 1922.

GAGO COUTINHO—*O Roteiro da Viagem de Vasco da Gama e a sua Versão nos Lusiadas*—Anais do Club Militar Naval.

GAGO COUTINHO — *Possibilidade da Rota única de Vasco da Gama* em "*Os Lusiadas*" —1931.

HÜMMERICH — *Studien zum* "Roteiro" der *Entdeckungsfahrt Vasco da Gama*—I, Coimbra, 1923; II, Coimbra, 1924.

HÜMMERICH— *Studien zum* "Roteiro" der *Entdeckungsfahrt Vasco da Gama*—Revista da Universidade de Coimbra, vol. X, 1926.

HÜMMERICH — *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seeweges nach Indien* "Iberica" 1926.

JAYNE—*Vasco da Gama and his Successors*—London, 1910.

JOAQUIM BENSAUDE—*Les Légendes allemandes sur l'Histoire des découvertes maritimes*—Fasc. I. Genève, 1914-1920, Fasc. II Coimbra 1927.

(1) João de Barros—*Decad.* I, liv. IV, cap. II.

(2) *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* 61.

JOAQUIM BENSAUDE — *Histoire de la Science Nautique des découvertes portugaises*, Lisboa—1924.

JOAQUIM BENSAUDE— *Lacunes et surprises de l'Histoire des découvertes maritimes*, Coimbra—1930.

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES — *O Dr. Franz Hummerich e os seus estudos sôbre a primeira Viagem de Vasco da Gama á India e o respectivo Roteiro* —Boletim da Academia das Ciências de Lisboa, V, II—1931.

DR. JOSE MARIA RODRIGUES—*A dupla Rota de Vasco da Gama a India em os "Lusiadas" e as objecções do sr. Almirante Gago Coutinho*—1930

DR. JOSE MARIA RODRIGUES—*Ainda a dupla Rota de Vasco da Gama em "Os Lusiadas" e a Argumentação do sr Almirante Gago Coutinho*—1930

DR. JOSE MARIA RODRIGUES—*Mais uma vez a dupla Rota de Vasco da Gama em "Os Lusiadas"*, 1931

LATINO COELHO—*Vasco da Gama*, Lisboa—1882.

LOPES DE MENDONÇA—*Vasco da Gama*, Lisboa, 1924.

DR. LUCIANO PEREIRA DA SILVA — *O Roteiro da primeira viagem do Gama e a suposta conjuração* : O Instituto—Coimbra, 1925

MANUEL HELENO — *Os descobrimentos maritimos dos Portugueses e os progressos da Geografia*—Lisboa, 1933.

MARINI——*Vasco da Gama e la via maritima alle Indie Orientali*—Roma, 1929

MERINO ALVAREZ — *El grand Viajero português Vasco da Gama*, Madrid, 1925, Boletin de la Real Sociedad Geografica.

MICARD—*L'héroïque inquiétude de Vasco da Gama*, Paris, 1930.

MORAND — *Vasco da Gama à l'Exposition portugaise de Paris*, Paris 1931. Le Géographie LVI oct. *O Occidente*—III, 103; XX, 145 ; XXI, 97 ; XXII, 94.

PLISCHKE—*Vasco da Gama*, Leipzig, 1924.

PRESTAGE—*The Fourth Centenary of the Death of Vasco da Gama.* The Geographical Journal, vol. LXV, Jan. 1925.

RAVENSTEIN—*Journal of the first voyage of Vasco da Gama* 1908, Hakluyt Society.

RICARD—*Le Pilote arabe de Vasco da Gama*, Lisboa, 1923, Revista da História

TEIXEIRA DE ARAGÃO—Vasco da Gama e a Vidigueira.

A missão diplomática de Pedro Alvares Cabral

I — Carta Régia da nomeação de Pedro Alvares Cabral para Capitão-mór da armada

(15 de Fevereiro de 1500)

Documento n.º 4

Dom Manuel etc. fazemos saber a vos quapitaes fidalguos caualeiros escudeiros meestres e pylotos marinheiros e companha e ofiçiaes e todas outras pessoas que hys e jnviamos na frota e armada que vay pera a Jmdia que nos pela muyta comfiamça que temos de pedraluarjz de guouuea fidalguo de nosa Casa e por conheçermos delle que nysto e em toda outra coussa que lhe emcarregamos nos saberaa muy bem seruir e nos daraa de sy muy boa comta e Recado lhe damos e emcarregamos a Capitanya moõr de toda a dita frota e armada Porem vollo noteficamos asy e vos mamdamos a todos em geerall e a cada huũ em espiciail que em todo o que per elle vos ffor requerjdo e da nossa parte mamdado cumpraes e facaes jmteiramente seus Requyrimentos e mamdados asy e tam jmteiramente e com aquela diligemcia e bom cuydado que de vos confiamos e o faryes se per nos em pessoa vos fosse dito e mamdado por que hasy o avemos por bem e noso serviço e aqueles que asy o fezerdes e comprirdes nos fares nysso muyto serviço e os que o comtrario que nam esperamos nos deseruiram muyto e

lhe daremos por elo aqueles castigos que por taes cassos merecem Outrosy por que as coussas de nosso serviço sejam guardadas e ffeitas como deuem em semelhante frota e armada e por tall que sejam castigados aqueles que alguũs malleficios e delitos cometerem contra nosso serviço, e em quaes quer outros cassos que acomtecer possam per esta presemte lhe damos todo noso jmteiro poder e alçada da qual em todollos cassos ataa morte naturall vssaraa jmteiramente e se daram ha emxucaçam seus juizos e mamdados ssem delle haver apelaçam nem agravo Porem estepoder e allcada se nam emtemderaa nas pessoas dos capitaes das naaos e nauyos que com elle vaao e fidalguos e outros que na dita frota e armada emviamos quamdo alguũs casos crimes cometerem per que deuam ser castiguados por que sobre estes ssoomemte, se faram os proçessos de seus cassos e nos seram trazidos pera os vermos e segundo as calidades delles seram ponydos e castyguados como for justiça e em testemunho de todo mamdamos fazer esta carta per nos asinada e aseelada do nosso sello a quall em todo mamdamos que se cumpra e guarde como nela se comtem sem mjmquoamemto alguũ. Dada em a nosa cidade de lixboa a xb dias de feuereiro amtonio carnei ro a fez anno de Nosso Senõr Jhuu x.º de myll e quinhentos.

(*Chancelaria de D. Manuel, liv. 13.º, fol. 10*)

NOTA

"ElRey de todas estas práticas, e louvores do caso era sabedor, porque naquelles dias não se fallava em outra cousa, que era para elle dobrado contentamento, saber quão prompta estava a vontade de seu povo pera proseguir esta conquista. E porque pela informação que tinha da navegação d'aquellas partes, o principal tempo era partir daqui em Março, e por ser já muito curto pera no seguinte do anno de mil e quinhentos se fazer prestes a Armada, teve logo conselho no modo que

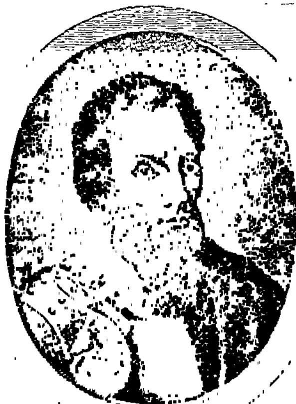
se teria nesta conquista: *cá, segundo o negocio, ficava suspeitoso polas cousas que D. Vasco da Gama passára, parecia que mais havia de obrar nelles temor de armas, que amor de boas obras. Finalmente* assentou ElRey, que em quanto o negocio de si não dava outro conselho, o mais seguro, e melhor era ir logo poder de náos, e gente, porque nesta primeira vista que sua Armada désse áquellas partes, que já ao tempo de sua chegada toda a terra havia de estar posta em armas contra ella, convinha mostrar-se mui poderosa em armas, e em gente luzida. Das quaes duas cousas, os moradores d'aquellas partes podiam conjectúrar, que o Reyno de Portugal era mui poderoso pera proseguir esta empreza; e a outra, vendo gente luzida, a riqueza delle, e quão proveitoso lhe seria terem sua amizade. E não sòmente se assentou no Conselho o numero das naos, e gente d'armas, que havia de hir nesta Armada, mas ainda o Capitão mór della, que por as qualidades de sua pessoa foi escolhido Pedralvares Cabral filho de Fernão Cabral. Chegado o tempo que as náos estavam prestes pera poderem partir, foi ElRei, que então estava em Lisboa, hum Domingo oito dias de Março do ano de mil e quinhentos com toda a Corte ouvir Missa a Nossa Senhora de Bethlem, que he em Rastello, onde já as náos estavam com seu alardo da gente d'armas feito. Na qual Missa ouve Sermão, que fez D. Diogo Ortiz Bispo de Cepta, que depois foi de Viseu, todo fundado sobre o argumento desta empreza. Estando no Altar, em quanto se disse a Missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavalleria de Christo, que no fim da Missa o mesmo Bispo benzeo, e de si ElRey a entregou a Pedralvares Cabral, com aquella solemnidade de palavras, que os taes actos requerem, ao qual, em quanto se disse a Missa, ElRey por honra do cargo que levava, teve comsigo dentro na cortina. Acabado este acto, assi como estava arvorada, com huma solemne Procissão de Reliquias, e Cruzes, foi levada aquella bandeira, final de nossas espirituaes, e temporaes victorias, a qual ElRei acompanhou, té Pedralvares com seus capitães n praia lhe beijarem a mão, e espedirem delle.... A qual Armada era de treze vélas entre náos, navios, e caravelas, cujos Capitães eram estes: Pedralvares Cabral Capitão mór, Sancho de Toar filho de Martim Fernandes de Toar, Simão de Miranda filho de Diogo de Azavedo, Aires Gomes da Silva filho de Pero da Silva, Vasco de Taíde, e Pero de Taíde d'alcunha Inferno, Nicoláo Coelho que fora com Vasco da Gama, Bartholomeu Dias o que descubriu o Cabo de Boo Esperança, e seu irmão

Pero Dias, Nuno Leitão, Gaspar de Lemos, Luiz Pires, e Simão de Pina. Seria o numero da gente que hia nesta frota, entre mareantes, e homens d'armas, té mil e duzentas pessoas, tôda gente escolhida, limpa, bem armada, e provida pera tam comprida viagem. E além das armas materiaes, que cada hum levava pera seu uso, mandava ElRey outras espirituaes, que eram oito Frades da Ordem de S. Francisco, de que era Guardião Fr. Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, e Confessor d'El-Rey, barão de vida mui religiosa, e de grão prudencia, com mais oito Capellães, e hum Vigario pera administrar em terra os Sacramentos na fortaleza que ElRey mandava fazer, todos barões escolhidos pera aquella obra Evangelica. E a principal cousa do regimento que Pedralvares levava, era primeiro que commetesse os Mouros, e gente idólatra daquellas partes com o glaudio material, e secular, leixasse a estes Sacerdotes, e Religiosos usar do seu espiritual, que era denunciar-lhes o Evangelho com amoestações, e requerimentos da parte da Igreja Romana, pedindo-lhes que leixassem suas idolatrias, diabolicos ritos, e costumes, e se convertessem á Fé de Christo, pera todos sermos unidos, e adjuntados em caridade de lei, e amor, pois todos eramos obra de hum Creador, e remidos per hum Redemptor, que era este Christo Jesus, promettido per Profetas, e esperado per Patriarcas tantos mil annos ante que viesse. Pera o qual caso lhe trouxessem todalas razões naturaes, e legaes, usando daquellas cerimonias, que o Direito Canonico dispõe. E quando fossem tão contumazes, que não acceptassem esta lei de Fé, e negassem a lei de paz, que se deve ter entre os homens, pera conservação da especie humana, e defendessem o comercio, e comutação, que he o meio per que se concilia, e trata a paz, e amor entre todolos homens, por este commercio ser o fundamento de toda a humana policia, peró que os contratantes disseram, em lei, e crença de verdade, que cada hum he obrigado ter e crer de Deos, em tal caso lhe puzessem ferro, e fogo, e lhe fizessem crua guerra ; e de todas estas cousas levava mui copiosos regimentos." (Barros—Dec. I, liv. V, cap. I).

II — Instrucções (Fragmentos de) a Pedro Alvares Cabral

Documento n.º 5

Jesus. Item tanto que, a Deus prazeemdo, partirdes da Angadyva, hirees vosa via, ancorar davante de Callecut, com vosas naaos juntas e metidas em grande hordem, asy de bem armadas, como de vossas bandeiras e estemdartes, e as mais louças que poderdes; e pousarês n aquele lugar, que souberdes que he melhor ancoraçam, e de mais seguramça das naaos, e a nenhũas naaos que hy achees, posto que saibaes que sejam das de Meca, nem da dita Angadyva até Callecut nam fares nenhum nojo, ante as sallvarês, e lhe mostrarês, todo boom rostro e synall de paz e booa võmtade, damdo de comer e beber, e fazendo todo outro boom trauto, a todos aqueles que as ditas nosas naaos vierem; teendo, porem, resgardo, que nam emtrem tantos juntos, que gastem muito mantymento, nem das naaos sse posam apoderar. E, (1) depois de ancorados e amarrados, e tudo conçertado, lamçarês ffora em huum batel, Balltasar e estes outros indyos que levaaes, (2) e, com eles, hum par d homens, dos que vos parecer que tem pera ello desposisam e descripçam, e manda los es que vaão com os ditos yndios ao Çamorym, rey de Calecut, e lhe digam como sempre, nos tempos pasados, dessejamdo muyto de saber das cousas d aquella teerra da India e jemtes della, principalmente por serviço de nosso Senhor, por termos enformaço que ele e seus suditos e moradores de seu reyno sam christaãos e de nosa fee, e com que devemos folgar de ter todo trauto amizade e prestança, nos desposemos a emvyar allguũas vezes nossos navyos a buscar a via da Yndya, por sabermos que os yndyanos sam asy christãos, e omeens de tal fe, e verdade, e trauto, que devem ser buscados, pera mais



[illegible]



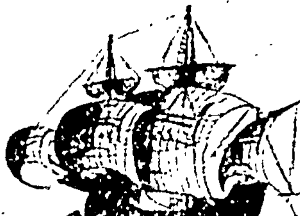
SENHOR DE BELMONTE,
ALCAIDE MÓR D' AZURARA,
DESCOBRIDOR DO BRAZIL.

No Anno de 1500 —

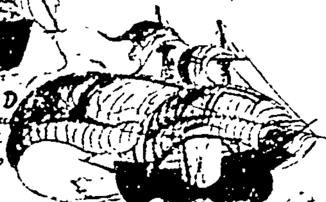
Partio Pedralvarez Cabral pera a India a 9 de março por Capitão mór de treze vellas, naos, navios e caravellas, das quaes com hum temporal rijo que lhe deu na travessa do Brazil pera o Cabo de Boa Esperança, se perderão quatro. E de todas, estes erão os Capitães.



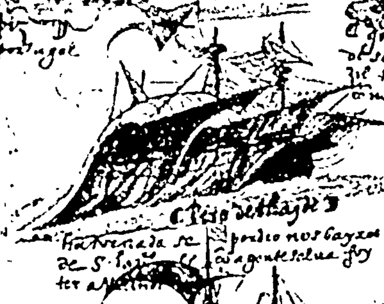
Luis Pirez
Arribou a Portugal



Gaspar de Lemos
de Santa Cruz, terra do Brazil tornou a Portugal com nova do descobrimento della



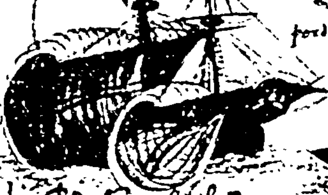
Diogo Diaz
cõ a tormenta se garrou e foy ter a Magadaxó junto do cabo de Guardafuy, e á tornada se meteo cõ Pedralvarez Cabral no cabo de



Pero de Taíde
Na tornada se perdeo nos baixos de S. Rafael e a gente se salvou, foy ter a Melinde



Vasco de Taíde
perdido com a tormenta



Pedralvarez Cabral



Nicolao Coelho

Nuno Leytão

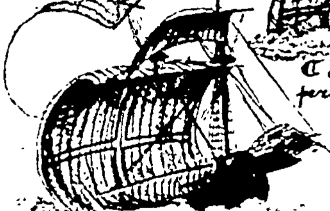


Simão de Miranda
veo na tormenta cõ Pedralvarez e milagrosamente se salvarão



Ayres Gomez da Silva
perdido com a tormenta,

Simão de Pina
perdido cõ a tormenta,





Bertolameu Diaz
perdido cõ a tormenta

Sancho de Thovar

e tornada pera Portugal se perdeo cõ vento rijo

jmteiramente averem pratica de nosa fee, e serem nas cousas della doutrynados e ensinados, como compre a serviço de Deus e sallvaçam de suas allmas; e despois, pera nos prestarmos a tratarmos com elles, e elles comnosco, levamdo das mercadaryas de nosos regnos a elles necesarias, e asy trazemdo das suas; e que prouve a Deus, visto noso bom preposito, que, agora pouco tempo ha, Vasco da Gama, noso capitam, ffoy em três navios pequenos, entrado no mar da Yndya, teer a sua terra aa cidade de Callecut, domde os ditos jndios trouve, pera delles se aver falla e pratica, os quaaes lhe mandamos tornar, e *per elles pode saber o que em nosas terras ha;* e que, assy como lh os manda tornar, assy elle lhe deve mandar pagar a mercadarya que ao dito Vasco da Gama per seu mandado deceo em terra e lhe foy tomada, e que nos deu nova, principalmente d elle e de sua christindade e booa tençam acerqua do serviço de Deus, e, despois, de sua verdade e boom trauto de sua teerra, do que ouvemos muyto prazer. E detrymynamos emviar a vos, com estas poucas naaos, carregadas das mercadaryas que ouvemos enformaçam que ha sua terra eram necessaryas e proveytosas, pera com elle asemtardes, em nosso nome, paz e amizade, se elle asy follgar de ha ter comnosquo, como confyamos pollo que o dito Vasco da Gama nos dise, e nos pareçe que elle deve follgar, pois he Rey christaão e verdadeiro; porque de nosa paz e trauto em sua teerra, se lhe seguira grande proveyto, principallmente pera ser ensynado e alumyado da fee, que hee cousa que mais que todas se deue jstymar; e, despois, pellos grandes proveytos que avera das mercadaryas que de nossos reynos e senhorios a sua terra lhe mandaremos, e nossos naturaaes lhe levaram; porque o que agora vay he ssomente pera amostra; porque nam sabeemos se estas, ou outras, ssam as que se la mais querem. E, porque vos folgaryees de vos veer com elle, pera mais largamente lhe dizerdes as cousas que de nosa

parte vos mandamos que lhe fallasseijs, e lhe dardes nossas cartas, e alguũas cousas que, de pressente, por começo e synal de amizade, lhe emvyamos; e que vos pareçe que como quer que d elle e sua verdade todo se deva confyar, que nam devês sajr em terra ssem vos dar arrefeens pello que se fez ao dicto Vasco da Gama, que foy rethyudo em Pandarane; e assy por certa mercadarya nossa, que levava pera mostras, que em terra mandou poher e lhe ffoy tomada; o que creemos que nam foy por sua causa nem culpa, mas por requerymento e modos d allgũas jentes fora da fe, que ssem serviço e gardada (sic) de sua verdade nam dessejam; e, por tamto, lhe pedys que vos queira dar as dictas arrefes, pera ficarem em vosas naaos atee vos a elas tornardes; e que folgaryes, pella enformaçam que d elles temdes, que fossem ff. e ff.; os quaees vos terees toda maneira, que vôs la beem pareçer, pera, per allguum dos nossos que com os ditos indios logo emviardes, sserem vistos e conheçudos, de maneira que, emviando os o dito rey de Calecut, possa conheceellos, e nom posam em lugar deles meter outros, que nam sejam de sua valia e condiçam, no que terês muy grande resgardo; e que, damd os elle, yrês em teerra e lhe darês o que dito he, e ffallarês cousas que elle muyto folgara d ouvyr, e que lhe trazera muyto proveyto e homrra, e que lhe pedijs que lhe nam pareça estranho pedirdes as ditas arrefens, porque asy he costume d estes reynos, que nenhuum capitam principall nom sse saya de sseus navyos, em lugar em que ha paz nom estee asentada, ssem arrefeens e segurança, e que nesta viagem asy o fezestes sempre; porque, posto que em allguuns lugares tocasseis, em que fostes muy bem recebido, e comvidado pera sayr em terra, o nom quisestes ffazer neem fezereys em casso que arrefèens vos deeram; mas que ho farês a elle, por ser christão e vertuosso, e porque vos a elle emvyamos, e que, ante de vos emviar estas arrefens, pode emviar seguramente aas ditas naaos seus feytores e carranes da terra, aos quaees todas as naaos seram mostradas, e

as arcas e ffardos abertos; e veeram como sam cheas de mercadarya, e que mandamos a elle mercadores pera lhe dar proveyto, e que nam sam ladrões, como nos foy dito que lhe queryam fazer a emtemder, quando o dito Vasco da Gama laa ffoy.

E, se vollas deer, emtam, leixando as dictas arrefeens em vossas naaos e poder, homrradamente e muyto beem tratadas, e poreem, com tanto resgardo, que se nam posam hijr, — hijrês em terra com dez ou xb homeens, quaaes vos milhor pareçer levardes comvosco, os outros capitaães em suas naaos, e na vosa naao, hum capitam, todo asy a recado, que, do mar nem da terra, as ditas naaos nam sse possa fazer nenhuum dano; e leixamdo recado que, ate vos nam tornardes as naaos, nenhũa jente nam vaa mays em teerra, neem lançem nenhũua cousa fora; sallvo sse vos mandardes recado, per cada huum dos homens que comvosco foram, que ho faça; e emtam, yrees fallar ao dito rey, e lhe darees nossas encomendas, e asy lhe ofereçerês aquillo, que por vos lh emviamos; e lhe direes de nossa parte, como desejamos sua amizade e comcordya, prestança, e trato em sua terra, e que pera ello vos emviamos la, com aquelas naaos de mercadarya; e que lhe rogamos que elle dee hordem como seguramente nosas mercadaryas se posam vender, e nos faça dar carrega pera as ditas naos, d espeçiarya e das outras mercadaryas da terra, que pera ca sam proveytossas; e dee hordem como os ajaees per aqueles preços que na teerra estam e sse costumam vemder, de guissa que, se allguuns mercadores hy estantes, d esprouver de noso trato sse fazer hy, nom posam teer formas de as mercadarias da terra as fazerem mais levantar, daquillo por que elles as ham; e, se a vosa chegada, as dictas mercadarias pellos estantes forem atravesadas, vos faça dar pelo preço as que sejom necesarias pera carregar estas naaos; ou, sse amtes quisser obrigarsse sseu feytor a [illegible]sy ssomente vos dar toda a carrega que ouverdes mes[illegible] naaos, repartida per aquelas partes e ssorte de mer[illegible]

lhe apontarês, apomtados os preços das suas, e de como tomaram as nossas, a vos vos prazera de assy sse fazer por mais breve despacho vosso, e mais brevemente se fazerem as mercadaryas..

....

em qualquer d estas que asentardes vos ele prometer e, ffeita, começarês, de mandar vender as mercadaryas que levaaes, e asy comparar das que querês trazer, e que no começo de vossas vemdas e trato, elle sentira quem sooes e o proveyto que, agora e ao diante, de nossas naaos ha de reçeber.

Item Amtes d yrdes, a el rey, se vos for posyvel, temde maneira de saber sse os direitos que se aly pagam das mercadaryas que emtram, e asy das que saem, sam estes, que nos disse Gaspar, de que levaaes hũua folha; e, achamdo que he assy, dirês ao dito rey, que vos fostes sabedor como em sua teerra ha gramdes dereytos, e que vos pareçe, que a nos nom se devem de levar tam gramdes; porque teemos novamente emviado a sua terra, e no começo dos trautos sempre em todas partes se costuma fazerem quyta e favor aos que vaão com mercadaryas; e que nos asy o costumamos em nossos regnos; e, portanto, vos pareçe que elle asy ho deve fazer a nos e nosa mercadarya, e apomtay com elle em algũua cousa rezoada, que se aja de dar de compra e de vemda, dizemdo lhe que, peroo seja menos do que os outros lhe pagam, ha de sser, prazemdo a Deus, a cantidade das naaos e mercadaryas tamta, que lhe remdam os seus direitos muyto mais, que agora remdem. E, parecemdo vos que o dito rey de Calecut neste casso sse peja em algũa maneira, e vos pareçer que nam say a ysso assy bem, que esperês que nisso se aproveitara, em tall casso, nam curarês de insistijr, e nom lhe fallarês mais nisso, por que abastara o que lhe temdes fallado, por lhe nam parecer que pera ysto levaaes cousa detrymynada, e que perde allgũua cousa dos direitos que os mouros lhe dam. E, se porventura rrescusar de vos dar estas arrefeens

aquy nomeadas, ou outros taaes, de que tenhaaes enformaçam çerta, que sam de toda segurança e pera receberdes, pera, sobr ellas, vos em pessoa sayrdes em terra, nam sayrêes; e emtam, lhe mandarês apomtar que, pois vollas nam quer dar, que vos parece que nom folga tanto de lhe fallardes, e ver e ouvjr nosas cousas, como nos pareçia, e que, por ysso, semellas, vos parece que nam devês sayr em terra; mas que, pera se fazer o trauto da mercadarya, e lhe sser fallado nas cousas d ele e lhe levar o que lhe emvyamos per vos, lhe pedijs que vos queira enviar as naaos tres ou quatro mercadores e pessoas pera ysso, ssobre as quaees emviares outras tamtas, pera as ditas cousas per ellas lhe emviardes, e lhe fallarem de vossa parte. E, emtam, emviarês Ayres Correa, e, com elle dous dos sseus sprivaães, huum da receita, e outro da despesa, e lhe mandarês o que lhe emviamos, e lhe fallaram no trato e asento da mercadaria e dar da carega, pella maneira que em çima apomtamos que lhe vos avyes de dizer, vendo vos com ele; e lhe diram que lhe parece gramde erro e pouco seu serviço, nam dar as arrefees que, pera sayr em terra, lhe vos mandastes pedir, porque, se vos com ele vyrees, lhe disereys cousas muyto de seu serviço, e asentareys aly huũa nosa cassa, em a qual ficaram os clerigos e frades que emvyamos pera lhe ensynarem a fee, e como nela ham de crer e se salvar. (³) E assy ficaram mercadaryas e .... de que elle recebera muyto proveyto... omra... hirem a sua terra.... e abastarem sseu (sic) naturaes das cousas necessaryas, que terras muyto nobreçem. E, se, todavya, elle se lançar de vos dar as ditas arrefeens pera, sobre ellas, vos poderdes seguramente hyr em terra, emtam lhe pediram que aquelas que as naaos mandou, pera elles sobre ellas hirem a elle, aja por bem estarem comvosco nas naaos, ate que ellas carreguem.

Emtam asemtado ysto com o dito rey, em que nam [illegible] que aja duvjda, começara o dito Ayres Correa de tirar [illegible]

mercadarias em terra, e vemder e comprar as que lhe parecerem proveytossas pera nosso serviço; e nam pohera em terra toda a mercadaria junta, senam aquela que parecer necesarya pera se poder vemder, e empregar o dinheiro que d ella proceder em outra que logo sse venha as naaos; de maneira que sempre em terra sse corra o menos risquo que poderdes.

Em casso que o dito rey diga que nom ha de dar arrefeens, porquamto elle o nam costuma fazer a nenhuuns, porque sua terra, pera todos aquelles que a ella quisserem hjr trautar, he certa e segura, e que asy sera a elles, sse nela quisserem decer, trautar, comprar e vender, e quaaes quer outras pallavras a este rrespeyto, de modo que toda vya se escusse de dar as ditas arrefes asy pera sobre ellas vos sayrdes, como atras he dyto, como outras pera sobre ellas fazer o dyto Ayres Correa ha mercadarya da carrega, em tall casso, vos lhe poderês mandar tornar a dizer que, o que elle asy diz, será muy gramde verdade, e que vos nam credes que all se faça, nem elle o conssemta; mas que; posto que tall seja o costume seu e de sua terra, ysto que lhe requerês das ditas arrefens, lhe pareeca cousa nova, a vos se deve fazer o que lhe apontaaes, porque vos, nam ssomente ssoes nem hjs mercador como os outros que a sua terra vaão de tam perto, como sabees; mas que sooes nosso capitam, e principallmente por nos emviado, com fundamento de muyto amor, paz e amizade, por ser rey christão e tal, com que muyto o dessejamos, e que tantos annos e tenpos ha que proseguymos, pello fruyto principall de serviço de nosso Senhor, que d isso se segue, e sua sallvaçam d elle dito rey, e dos de sua terra, pera que levaaes todos os aparelhos e cousas que myudamente neste recado lhe poderes apontar, asy de clerigos e frades, como de todallas outras cousas d esta necesydade, e, despois, pera que, ssobre as cousas do trauto sse ffaz tall asemto e acordo, com que pera os tenpos vimdoyros fique seguro e çerto, e se possa fazer com todo descamsso d aqueles que ao diante emviarmos, e poder asy pasar que

sem nenhuum receo posam os nossos hyr a sua terra, e os seus vyr a nossa, sse compryr. (¹)

E, semdo casso que o dito rey de Calecut per nenhuum modo nam queira vyr a dar, asy as ditas arrefeens, nem pera vossa sayda em pessoa em terra, nem pera o dito Ayres Correa fazer ssobre ellas o negocio da carrega da mercadaria, como acima he apomtado, emtam, vos lhe tornarês ha emviar dizer, que, a vos vos vos (sic) despraz muyto d elle assy o fazer; porque nam esperavejs que nisso ouve (sic) pejo allguum; e que vos despraz ainda muyto mais, pello desprazer que nos averemos d aver, por hy nom asentardes nem fazerdes com elle as cousas e negocios de nossa paz, amor e asento, como esperavamos que se fizesse, pera o que nam ssoomente vinheys nem ereys por nos emviado, mas ajnda pera despois de vosa carrega tomada, leixardes hy em sua cidade nosso feytor, e com elle ficar casa de nossas mercadaryas e outras pessoas que, pera com elle ficarem na casa, levaveys hordenadas; de que a elle, se seguyrya tanto proveyto, que recebesse, allem d elle, muyto contentamento, por sua terra ser mais abastada e aproveytada em suas necesidades; e que, poys elle tanto pejo tem em cousa tam pouca, e por que segura tanto noso amor, prestança e amizade, posto que d isso se vos syga muyto desprazer, pellas rezões ja dytas que vos hirees loguo a Callemur, e hy farees vosso asemto, paz, e asentarês vosso feytor e casa que pera sua cidade levaveys, e com elle comsertarês todas cousas pera que se sygua e faça todo nosso serviço o qual vos sabees que sse fara asy inteiramente, com, em sua cidade, e pella ventura, mays abastado e certo, e que elle sabe que ysto he assy verdadeiramente.

E, despois de assy myudamente com o mais que sobre ysto vos parecer, segundo o que la mais souberdes, veendo que elle nam se muda pera o fim que asy queremos, entam, pasado allguum dia ou dias, como vos milhor parecer, ainda que nisto deve aver poucas dilações, pellos pesos que [illegible]

que d isso se sseguem, — emtam lhe tornarês a mandar dizer que, posto que tenhaes certeza que nosas cousas e nosso serviço sse farya muy jmteiramente em Calemur, e aly posamos teer muy segura nosa cassa e feytor, vos pello desprazer que sabees que d isso receberemos, por a elle primcipalmente vos emviarmos, e antes querermos com elle paz, amizade e asento, que com outro nenhuum rey da yndya, detrymynaes, pospoemdo todo prasmo que dos vossos, neste casso, posaaes receber, ffazerdes com elle vossa mercadarya, e tomardes em sua cidade sua carrega; e com esta detryminaçam, derradeira, emviarês em terra Ayres Correa e seus sprivaães, os quaes, em cada huũa das maneiras atras apontadas, trabalharam d aver e comprar as mercadaryas de vosa carrega com ha mais brevidade e boom despacho que poderem, fazendo com a mayor segurança que vos la bem parecer, e virdes que compra por mais certo recado das cousas de nosso serviço.

E, emquanto nestas negociacoes e fallas andardes com o dito rey de Callecut, trabalhar vos es, per qualquer modo que milhor posaes, de ssaber sse podês aver carrega em Callnur pera vossas naaos, e assy, se queremdo vos lla pasar e asentar vossa cassa, sse podera fazer com nosso serviço, e serês la bem recebido, e assy, sse pera o diante, asentando hy, poderam sser seguras todas as cousas, asy pera a carrega dos tenpos vyndoyros, como da estada do nosso feytor, e toda outra emfformaram semelhante, pera que, nom soomente posaes ser enformado no que la ajaes de fazer, mas ajnda pera d isso poderdes trazer jnteira e certa enformaçam, quando em booa (sic) vierdes.

Iteem, porquanto nesta maneira, nom saymdo a jemte fazer suas mercadaryas, se sseguyria jnconveniente, ter sse ha esta maneira, saber: o dicto Ayres Correa comprara toda a espeçiarya que as ditas partes quisserem comprar, as quaaes lhe entregaram suas mercadaryas, pera per ellas as aver, e dar lha a pellos precos por que a possa comprar, ssem nisso

aver nenhũa outra mudança, segundo mais compridamente em seu regymento se decrara; e, se pella ventura pareçer que este sera gramde trabalho ao dito Ayres Correa, e que ho nam podera ssofrer, pello que ha de fazer no nosso, emtam vos com elle e seus sprivaães embjerês huum feytor, que pera ello vos pareça mais auto e pertecente e ser lhe a hordenado huum sprivam, o quall a compra da especiarya das ditas partes fara das mercadarias que d' ellas receber, pasamdo em tall hordem, que se faça toda verdade, e se nom syga as partes nenhuum engano, semdo o tal feytor, porem, sempre acordado com o dito Ayres Correa, no preço das mercadaria (sic) asy das nossas que vender, como das que na terra comprar. E quanto aas outras mercadaryas myudas de pedrarya e outras, pera estas ssera hordenado huum outro feytor, em cada naao, que venha em terra, saber: cada dia, huum feytor de cada naao huum dia, e faca a compra das taaes mercadaryas, e vyra cada dia dormyr a naao; e, nesta maneira sera provydo a huũa cousa e outra, com segurança de nosso serviço. E sse for casso que el rey de Callecut vos dee as arrefeens atras apomtadas, ssobre que avees de ssayr em terra, pera lhe fallardes e dardes nosso presente, e fazerdes o mais que atras vos he apontado, em tam, vendo que as cousas passam em tall hordem, que sejam fectas com toda segurança, e que elle estara nellas certo, e se nam poderya seguyr incomveniemte o que todo bem poderês sentyr pellos modos e meyos dos negoçios, e todas outras cousas que bem o poderam mostrar, — dir lhe ês que nos vos nom emviamos a elle pera ssoomente esta primeira viajem com elle fazerdes nosa paz e amizade, e assy nella carregardes nosas naaos que levaaes da especiarya e cousas da yndya e de sua terra; mas pera que loguo em sua cidade leixees e fique nosso feytor e casa de nossas mercadaryas e pessoas outras que nella ajam de ficar, e assy clerigos e frades, e as cousas da Igreja, pera que nosa fee lhe seja asy inteiramente mostrado e ensynada que possa nella ser dotrijnado,

como fyel christaão, no que elle sentyra quanto amor lhe teemos, e dessejamos todos sua amizade e prestança; e que lhe pedijs que, pera sua ficada, elle vos ordene e mande dar casas em que seja apousentado, e tenha com toda segurança suas mercadarias e as pessoas que com elle ham de ficar; e que pera elle e todos os que com elle ficar, e asy as mercadaryas que lhe leixardes, fiquem e sejam seguros em todos tenpos: de que vos mande dar sua carta, e toda outra segurydade, tall como ssouberdes que he usso e costume da terra. E dando vos assy o dito rey de Calecut estas seguranças, e quaesquer outras que la sentardes que devaes rrequerer, pera maior segurança da ficada do dito feytor, segumdo o que la milhor poderdes saber, pelo costume da terra, ficara o dito feytor, em a dita cidade com as mercadaryas... ssobejarem da carrega e assy do toda a mais especiaria... ordenado pera sua..., e dir lhe ês que, pois asy leixaaes o dito feytor e pessoas outras, e asy nosas mercadarias, a que muy principalmente fomos movydo por elle conhecer com quanto dessejo de sua amizade e prestança estamos, e quanto com ella sempre nos he de prazer, que lhe pedys que queira emviar comvosco alguũas pessoas homrradas que nos venham ver, pera que nom ssoomente vejam a nos e a nossos reynos, mas, aynda pellas obras, honrras e merçes, que de nos receberam posam milhor sentijr a vomtade que teemos pera elle e suas cousas; e trabalhar vos ês de as trazer, e, trazemdo, as receberam de vos toda honrra e boom trauto, que seja posyvel.

E se for casso que vos nam sejam dadas nenhũas das arrefeens, por nenhuum dos modos atras apomtados, e de necessidade ajaaes de trabalhar por aver a carrega das naaos, na forma atrás scripta, per homde craramente ssemtires e verès que nosso feytor e mercadaria, e asy as outras pessoas que com ele vaão hordenadas pera ficarem, nam devem ficar seguras na dita cidade de Callecut, em tal casso, depois de nossas naaos carregadas, lhe emviarês dizer que vos levaveys preposito, e, aynda, nosso mandado, de aly leixar nosso feytor e casa de nos-

sas mercadaryas, como no capitulo atras se decrara, com o majs que emtam vyrdes; e asemtando vos asy a ficada do dicto feytor, e as cousas com o dito rey de Callecut fiquem acordadas, com todo sseu prazer e nosso serviço, e vos, tomada vossa carregua, por derradeiro lhe direes, que elle deve ter ja conheçido quanta segurança de nossa paz e amizade seempre ha de teer, a qual per nos, e pellos nossos, em todos tempos lhe ssera imteiramente gardada, e com todo sseu proveyto e beem de seus reyno e jentes d elles; mas que, porquamto nos teemos sabido que em sua cidade tratam mouros, imigos de nosa santa fee, e a ella vem suas naaos e mercadaryas, com os quaaes, assy pella obrigaçam que a ysso deve ter todo rey cathollico, como porque a nos veem quassy por direita sobcessam, pello que myudamente lhe poderes apontar das cousas da guerra d aallem, nos teemos conthijnuadamente guerra, porem, que, por tal, que as cousas grandes e pequenas fiquem craras e certas, como antre nos e elle comveem, lhe fazees saber que, sse com as naaos dos ditos mouros de Meca topardes, no mar, avees de trabalhar, quanto poderdes, por as tomar, e de suas mercadaryas e cousas, e asy mouros que nellas vierem, vos aproveytar, como milhor poderdes, e lhe fazerdes toda guerra e dapnno que posaaes, como a pessoas com quem tanta jmizade, e tam antyga, temos; tanbem porque comprimos com aquelo que a Deus nosso Senhor somos obrigado; porem, que seja certo que, em seu porto, e davante sua cidade, posto que vos as topees, e asy quaaesquer outros nossos capitaaes, que ao diante emviarmos, por lhe gardarmos o que em toda cousa de sseu prazer e contentamento sempre aveemos de folgar, lhe nom farês dano nem mall allguum, e ssoomente lhe ssera asy feito, topamdo as no mar, como he dyto, homde elles a vos, e assy aos nossos que ao diante acharem, asy facam o que poderem; e que sseja ajuda certo, por saber como a elle e a suas cousas ha de ser gardado o que se deve como a rey com que tanto amor, paz e amizade senpre avemos de folgar de teer; e que, tomando vos, ou quaesquer outros nossos capitaães, as ditas naaos, que todos os jndyanos que

nellas se acharem, e suas mercadaryas e cousas, nom se fara nojo nem dapnno, antes toda homrra e boom trauto, e seram seguros d isto pera livremente com todo o sseu serem leixados; porque ssoomente aos ditos mouros sera feita a guerra, como a jmygos que sam nossos; e que ajnda nos praz que, pois elle pode escusar estes mouros em suas terras e trato d ellas, pois prouve a nosso Senhor que de nos e de nossos recebesse todo o proveyto que d elles ate ora ouve, e ajnda muyto mais, que seria beem, e serviço de Deus, e porque nisto comprya o que deve com o rey christaão, os lançar de sua terra e nom consentyr a elo mais vimjr nem trautar, poys d elles e de sua detemça, vinda e estada nella, lhe nom segue mais bem, que o proveyto que d elles ha, o qual em nos nossos (sic) recebera, com ajuda de nosso Senhor, comtanto mais acrecentamento, que elle seja contente; e que, semdo asy os taaes mouros e naaos de Mequa pellos nossos tomadas, que, neste casso, elle dê segurança, per sua carta, que, posto que, por causa d ello, os ditos mouros de Meca, que aos taes tempos, em sua cidade e terras esteverem, e quaesquer outros que ho depois requeiram requeiram (sic) que lhe seja feita represarya em nosso feytor e casa e nosas mercadarias e pessoas que com ellas esteverem, pera per ello serem satisfeytas do dapnno que lhe pellos nossos for feito, elle ho nam faça; nem aos nossos, nem nosas mercadaryas seja por ysso feito costrangymento, nem dano allguum, antes os defenda sempre, como he obrigado pella paz e amizade que comnosco tem.

Item, lhe direes que, porquanto nos temos sabido que em sua cidade e terra, ha costume que, ffallçeemdo nella allguum mercador, toda sua fazemda, mercadaryas e cousas suas fiqua a elle dito rey, e se recada pera elle; o que nom serya rezam se entender em nosso feytor, porque o semelhante se deve gardar naquellas pessoas que suas propyas mercadaryas e cousas fazem e trautam, o que nosso feytor nom faz, por tudo ser nosso, que, nisto, elle dê segurança que, posto que Deus nosso Senhor desponha do dito nosso feytor

e lla falleça, que emtam, todas nossas mercadaryas e cousas e asy toda nosa casa, seja fora do tall costume e d isso lyvre, e nosso feytor, que por seu falleçemento ficar faça lyvremente e sem nenhuum jmpedimento, todo como o feytor fallecido fazia, sem a elle dito rey vimjr cousa alguũa, nem com ho nosso sse bollyr, porque, como dizemos, nom serya rezam se gardar, nem fazer no nosso, o que aos outros mercadores e pessoas se faz.

Item, a esta falla pode se vjir, segundo os passos dos negocios que passardes, e que preseemtirdes nelle tantos pejos em cousa em que elle o nam devera teer, sobre vos dar as ditas arrefens, que vos o hijs leixar e poher em Callemur; e emtam vos partirês asy carregado, e vos hijres dereytamente a Callemur, e lhe darees as cartas nosas que llevaaes, e lhe direes como nos vos emviamos a essas partes da Indya pera com os reys d ella asemtardes paz e amizade, como muytos tempos ha que ho dessejamos, e sse deve d huuns reys christaãos aos outros; e que, por vos ser dyto que em sua terra nom poderyes, logo esta primeira viajem achar carrega pera nossas naaos, fostes primeiro a Callecut, homde vossa carrega tomastes; e que, por nos termos sabido que elle he rey verdadeiro, e por tall ante todos conheçido, e assy que nas cousas de nossa fee estaa mais çerto e flora da comversaçam e prestança dos mouros, jmigos d ella, e por muyto desejarmos, por todos estes respeytos, e todos outros que temos sabidos de sua vertude, vos mandamos que fosseys a elle, e com elle em nosso nome asentasseijs paz e amizade, pera, ao diante, como... amigos, nos e os nossos nos prestarmos de suas terras, e elle e os seus das nossas, como he rezam e aveemos de follgar; e nam ssoomente por esto,... mais ajnda, recebemdo elle nossa paz e amizade, como esperamos, logo leixardes em sua cidade nosso feytor e pessoas nossas, e casa de nossas mercadaryas, pera que, nos tempos vijmdoiros podessem a sua cidade himjr nossas naaos e navyos

tomar sua carrega, e se venderem nossas mercadaryas, e comprarem as que de la ouvermos mester, de que a elle, e a toda sua terra, se sseguyra gramde homrra e proveyto; e, tanto que, pella ventura, fique em sua cidade a principall porta de todollos reys da India, que lhe pedijs que sse elle comvosco quiser asentar, receba d isso prazer e aja por bem ficar asy o dito feytor e vos dê d ello toda segurança do costume da terra, saber: suas cartas, e qualquer outra cousa semelhante; e, sse quiser mandar alguũa pessoa ou pessoas suas, que venham comvosco a nosos reynos, pera verem o que neles ha, e lhe poder levar de tudo certeza, que credes que nos o averemos em prazer, lh as mandaremos tornar nas nossas naaos, e que receberam de nos homrra e merçe, e assy de vos no caminho sseram tratados como vos mesmo. E damdo a, emtam ficara o dito nosso feytor, com todos os que vaão hordenados de com elle ficar, mercadaryas e cousas que leva pera sua ficada; e tudo concertado, vos vos vimjres em booa ora.

E nesta falla primeira, que com ho dito rey ouverdes, trabalharês loguo de saber se em sua cidade se achara carrega das especiaryas e viram a ella as outras mercadaryas da Indya, e sse elle sse trabalhara d isso; e assy sse as mercadaryas que agora levastes, as querem aquy, ou outras, e sse outras, de que ssortes, pera nos saberdes dar de tudo rezam, e allem disso ficara cujdado prinçipal do feytor...... saber e sse dar hordem como o dito rey lhe emvie...... por ellas e dê forma como aly se tragam a vender, pera as elle poder comprar e ter prestes, pera quando nosas naaos forem, prazendo a nosso Senhor, acharem certa sua carrega, com todallas outras cousas de que se ha de ter cuidado, segundo que em seu regymento se decrara.

E, tanto que, em booa ora, aquy em Canelur, teverdes comcertado e a ficada do dito feytor asemtada, e elle decido em terra com todo o que vay ordenado de sua ficada, na forma que no capitulo atras sse decrara, partir vos ês em

booa ora, vya d estes reynos; e, sse no caminho topardes allguũas das naaos de Meca, e parecemdo vos que tendes desposisam pera as poderdes tomar, trabalhar vos ês de as tomardes, nam jmvestymdo com ellas, podendo escussar, ssomente com vossa artelharya as fazerdes amaynar e lançar seus botes fora e neles emviarem e virem seus pillotos, mestres e mercadores, por que nesta maneira se faça mais seguramente esta guerra, e se posa seguyr menos dano a jente de vosas naaos; e, se, com ajuda de nosso Senhor, per vos forem tomadas, de todas as mercadaryas que nellas achardes vos aproveitarês o milhor que poderdes, e as recolherês a nossas naaos; e todos os pillotos e mestres e allguuns mercadores principaaes que hy posam vimjr nas nossas naaos, nos trarês; e os outros, e jente das ditas naaos, que assy tomardes resgatarês, avemdo pera ysso disposisam e lugar, e o tempo o consentijr; e, nam o podemdo asy bem fazer, entam, meterês todos em huũa das naaos, ha mais desaparelhada que hy ouver, e os leixarês hijr nella; e todas as outras meterês no fumdo e queymarês, teemdo muy grande recado que, se, prazemdo a nosso Senhor, as ditas naaos tomardes, sse aproveytém as mercadaryas grossas e myudas que nellas....... com todo nosso serviço.

E, tanto que, prazemdo a nosso Senhor, teverdes atravesado, e fordes em Melynde, porque ja emtam terês sabido quaees dos navyos de toda a armada sam mjlhores velleiros e quaes menos, e zorreiros, como fordes no dito Melymde, terês esta maneira, saber: todos os navyos que forem milhores veleiros, apartarês a huũa parte, e estees mandarês que façam seu caminho via d estes reynos, sem por os outros esprarem, mandando, porem, que estes, que asy forem mais velleiros, esperem huuns por outros, e gardem todo outro mais regimento que levaaes hordenado, na espera e synaes d huuns a outros, por se nom perderem; e os que forem menos velleiros e zorreiros apartarês a outra parte, e estes faram seu caminho apartados per ssy, na forma que mandamos e he

tomar sua carrega, e se venderem nossas mercadaryas, e comprarem as que de la ouvermos mester, de que a elle, e a toda sua terra, se sseguyra gramde homrra e proveyto; e, tanto que, pella ventura, fique em sua cidade a principall porta de todollos reys da India, que lhe pedijs que sse elle comvosco quiser asentar, receba d isso prazer e aja por bem ficar asy o dito feytor e vos dê d ello toda segurança do costume da terra, saber: suas cartas, e qualquer outra cousa semelhante; e, sse quiser mandar alguũa pessoa ou pessoas suas, que venham comvosco a nosos reynos, pera verem o que neles ha, e lhe poder levar de tudo certeza, que credes que nos o averemos em prazer, lh as mandaremos tornar nas nossas naaos, e que receberam de nos homrra e merçe, e assy de vos no caminho sseram tratados como vos mesmo. E damdo a, emtam ficara o dito nosso feytor, com todos os que vaão hordenados de com elle ficar, mercadaryas e cousas que leva pera sua ficada; e tudo concertado, vos vos vimjres em booa ora.

E nesta falla primeira, que com ho dito rey ouverdes, trabalharês loguo de saber se em sua cidade se achara carrega das especiaryas e viram a ella as outras mercadaryas da Indya, e sse elle sse trabalhara d isso; e assy sse as mercadaryas que agora levastes, as querem aquy, ou outras, e sse outras, de que ssortes, pera nos saberdes dar de tudo rezam, e allem disso ficara cujdado prinçipal do feytor . . . . . . saber e sse dar hordem como o dito rey lhe emvie . . . . . . por ellas e dê forma como aly se tragam a vender, pera as elle poder comprar e ter prestes, pera quando nosas naaos forem, prazendo a nosso Senhor, acharem certa sua carrega, com todallas outras cousas de que se ha de ter cuidado, segundo que em seu regymento se decrara.

E, tanto que, em booa ora, aquy em Canelur, teverdes comcertado e a ficada do dito feytor asemtada, e elle decido em terra com todo o que vay ordenado de sua ficada, na forma que no capitulo atras sse decrara, partir vos ês em

booa ora, vya d estes reynos; e, sse no caminho topardes allguũas das naaos de Meca, e parecemdo vos que tendes desposisam pera as poderdes tomar, trabalhar vos ês de as tomardes, nam jmvestymdo com ellas, podendo escussar, ssomente com vossa artelharya as fazerdes amaynar e lançar seus botes fora e neles emviarem e virem seus pillotos, mestres e mercadores, por que nesta maneira se faça mais seguramente esta guerra, e se posa seguyr menos dano a jente de vosas naaos; e, se, com ajuda de nosso Senhor, per vos forem tomadas, de todas as mercadaryas que nellas achardes vos aproveitarês o milhor que poderdes, e as recolherês a nossas naaos; e todos os pillotos e mestres e allguuns mercadores principaaes que hy posam vimjr nas nossas naaos, nos trarês; e os outros, e jente das ditas naaos, que assy tomardes resgatarês, avemdo pera ysso disposisam e lugar, e o tempo o consentijr; e, nam o podemdo asy bem fazer, entam, meterês todos em huũa das naaos, ha mais desaparelhada que hy ouver, e os leixarês hijr nella; e todas as outras meterês no fumdo e queymarês, teemdo muy grande recado que, se, prazemdo a nosso Senhor, as ditas naaos tomardes, sse aproveytem as mercadaryas grossas e myudas que nellas....... com todo nosso serviço.

E, tanto que, prazemdo a nosso Senhor, teverdes atravesado, e fordes em Melynde, porque ja emtam terês sabido quaees dos navyos de toda a armada sam mjlhores velleiros e quaes menos, e zorreiros, como fordes no dito Melymde, terês esta maneira, saber: todos os navyos que forem milhores veleiros, apartarês a huũa parte, e estees mandarês que façam seu caminho via d estes reynos, sem por os outros esperarem, mandando, porem, que estes, que asy forem mais velleiros, esperem huuns por outros, e gardem todo outro mais regimento que levaaes hordenado, na espera e synaes d huuns a outros, por se nom perderem; e os que forem menos velleiros e zorreiros apartarês a outra parte, e estes faram seu caminho apartados per ssy, na forma que mandamos e he

decrarado que ho façam os velleiros; e, se for casso que ha vosa naao cayba no conto dos velleiros, vimjrês vos na sua companhia e conserva, e hordenarês pera a parte dos que forem zorreiros, e piores da veella, huum capitam moor, taall pessoa, qual pera ysso escolherdes e vos pareçer que pera ysso sera mais auta e pertencente, ao qual ficara e darês todo vosso jnteiro poder; e mandamos per este que todos os outros capitaães e companha lhe obedeçam, e cunpram seus mandados, como a vos mesmo ho faryam; e, se vos cayrdes e vos...... com os zorreiros, ficarês com elles, e pera os outros hordenarês outro capitaão moor, na forma sobredita..... dos mais velleiros, ou na parte dos zorreiros cayr Sancho de Toar, nam cayndo elle comvosco jumtamente, neste casso, na parte em que elle cayr, ficaram (sic) elle capitam moor.

E, posto que asy myudamente, neste regymento, vos apomtemos as cousas que facaes e gardês, porque segumdo os tempos e modo dos negoçios, especialmente neste, de que ate ora tam pouco he sabido e pella diversidade que, pela ventura, poderês achar nos costumes da terra, parecemdo vos que em outra maneira devês mudar e fazer as coussas, pera que as tragaes e venham ao fim que conveem, e dessejamos por nosso serviço, neste casso, pella muita comfiança que de vos teemos, aveemos por bem e vos mandamos, que facaes e syguaaes todo o que milhor vos pareçer, tomando ssempre em tudo comsselho dos capitaães e feytor e de quaesquer outras pessoas qus vos pareça que nisso devaes meter; e emfym, o que escolherdes e acordardes, seguyrês e farees.

Item, o capitam segundo...

(*Tôrre do Tombo—Maço 1.o de Leis, sem data, n.o 21*)

NOTAS

(1) Vasco da Gama despedira-se de Calicut dizendo "que se fossem que nom queria mercadoria, senam levar os homens a Portugall, e que aguardasem bem que elle esperava çedo tornar a Calecut, e que emtam saberiam se eramos ladrões, como lhes diziam os mouros" (*Roteiro*, cit. pag. 86). As instruções respiram o desejo da paz El-Rei recomendava a Pedro Alvares Cabral a atitude tomada por Vasco da Gama, para demonstrar que vinha animado de intenções pacificas para captar a amizade do Samorim de Calicut: "Quando elles viram que lhes nom faziam nada, vinham cada dia muitos mercadores e outros, que nom eram mercadores, que vinham a ver, e todos rrecebiam muito gasalhado de nós, e lhes davamos de comer" (*Roteiro*, cit. pag. 81). E' que El Rei, por informação de Vasco da Gama, atribuiu as hostilidades, de que os portugueses fôram vitimas às intrigas dos muçulmanos, inimigos tradicionais de Portugal, pois dizem estas instruções mais adiante: "que não devês sajr em terra ssem vos dar arrefeens pello que se fez ao dicto Vasco da Gama, que foy retheyndo em Pandarane; e assy por certa mercadarya nossa, que levava pera mostras, que em terra mandou poher e lhe ffoy tomada; o que creemos que não foy por sua causa nem culpa, mas por requerymento e modos dalgũas jentes fóra de fe" Mais uma vez se afirma o propósito da aliança com os hindus, supostos cristãos, contra os maometanos. Continua a cruzada iniciada em Ceuta.

(2) Os malabares que Vasco da Gama levara para Portugal "porque aquelles tornando a Calecut fariam fazer as amisades" (*Roteiro*, cit. pag. 87) voltavam baptizados. Esboçava-se a politica de assimilação que caracteriza a colonização portuguesa.

(3) As instruções revelam as duas finalidades: a económica e a religiosa.

(4) E' que Cabral não era um mercador vulgar; era um enviado especial d'ElRei de Portugal; levava uma mensagem de paz e amizade.

III — Carta que ElRei Dom Manuel escreveu a ElRei de Calecut por Pedro Alvares Cabral

(1.° de Março de 1500)

Documento n.° 6

Grande e de muito poder principe çamorim por merc de Deus rey de Calecut, nos Dom Manuel por sua divina graça rey de portugall e dos algarves, daquem e dalem maar em afriqua, Senhor de Guinee etc.ª a vos enviamos muito saudar como aquelle que muito amamos e presamos, Deus todo poderoso começo, e meio, e fim de todalas cousas, e por cuja ordenança cursão os dias, e feitos humanos e tempos, asi como per sua infinda bondade criou o mundo, e o reino por christo seu filho noso salvador, asy em seu grande e infindo poder e saber ordenou pera os tempos adiante muitas cousas por bem e proveito da geração humanall, inspirando pelo espirito santo nos corações dos homens aviam de ser obradas, fossem manifestadas, e postas em obra nos tempos pera iso mais convenientes per elle limitados, e não antes nem despois, e por asy esto ser verdade mui conhecida per espereencia, se com são e verdadeiro juizo quizerdes consirar a grandesa da novidade e misterio da ida de nossa gente e navios a vos, e a esas vosas terras, aveis de fazer nesas partes do oriente e que todos e a fasemos nestas do poente onde damos muitos louvores ao senhor Deus por em nosos dias e vossos fazer do mundo tantas merces que nos podessemos saber, nam tam somente por ouvida mas por vista ver e conhecer, e por conversação ajuntar e quasi visinhar, e estando des o começo do mundo até agora as gentes desas terras e destas tão arredadas, e fora sempre de toda a esperança nem pensamento disto, que o senhor Deus ora quis que fose espritando, averá sesenta annos, em huum noso tio vassalo nosso chamado Iffante dom amrique, principe de mui ver-

tuosa vida e santos costumes, o qual por serviço de Deus tomou proposito per Deus inspirado fazer esta navegação, e por os reis nossos antecessores foy proseguida ate gora, que prasendo a nosso senhor lhe quis dar o fim per nos desejado, quis que, aquelles que agora lá foram de huma soo viagem, fezessem outro tanto caminho até chegar a vos, quanto em todalas viagees passadas estava feito em sesenta annos, sendo estes os primeiros que mandamos loguo, tanto que per graça de Deus tomamos o regimento de nosos reinos e senhorios, asique ainda que esta cousa se veja feita por homens, não se deve julgar por obra de homees, que não he possivel a elle, que des na criação do mundo houve nesas partes de laa, e nestas de qua grandes poderes e senhorios de principes e reis, e de romoões, e outras gentes que posuirão a maior parte da terra, dos quaes se lee terem grande vontade e desejos pera faser esta navegação, e trabalharão niso, e não aprouve a Deus dar-lhe tal possibilidade naquelles tempos em suas mãos, como nos mesmos agora poderamos se de sua mão e vontade o não ouveramos; e pois em quanto não quiz que isto fose todolos homẽes passados não teveram poder pera o fazer, não deve ninguem cuidar que agora que elle quis sejão homẽes poderosos pera o contrariar e desfazer, sendo já agora muito maior mal e injuria contra Deus querer resistir sua vontade tão manifesta e conhecida, de que era a profiar contra ella então antes de sabida, e ante as cousas porque principalmente damos muitos louvores ao senhor Deos neste feito, he por nos ser dito aver nesas partes gentes christãas, que será o principal noso desejo, para convosquo avermos conversar, e nos aproveitar, e prestar com grande conformidade damor e irmandade como os reis christãos devem faser ante si, por que bem he de crer que não ordenou deos noso senhor tam maravilhoso feito desta nosa naveguação pera somente ser servido nos tratos e proveitos temporaes dantre vos e nos, mas tambem nos esprituaes das almas e salvação dellas que mais devemos, e se elle ha por mais servido por tal que a sua santa fee christãa fose antre vos e

nos communicada, e ajuntada como foi por todo o universo meudo bem seiscentos annos despois da vinda de Jesus Christo, até que por pecados dos homẽes vierão algumas seitas e cressas contrarias ditas primeiro de Christo, que aviam de vir depois delle pera prova e manifestação dos bõos, e pera todo enguauno da maldade aquelles que merecião condemnação e perdimento, porque não quiseram receber a verdade pera serem salvos e por tanto tanto lhes avesou Deus o saber e entender, e pera obrarem erros, e crerem a mentira, e serem condemnados pois não quiserão crer a verdade, e consentirão na falsidade, as quaes seitas ocuparam, ante essas vossas terras e estas nossas, muita parte da terra, e onde nossa communicação com vosquo sendo empedida por terra, e esta agora com nosa navegação novamente aberta, e despejada per Deos a que nada he impossivel, pelo qual conhecendo nos todo esto e desejando de proseguir e comprir como devemos o que nos o mui alto Deus tanto mostra ser de sua vontade e serviço mandamos agora la o noso Capitão, e naos, e mercadorias, e feitor noso que por vosso prazer aja la de faser e estar, e asi mesmo mandamos pesoes religiosas e doutrinadas na fee e religião christãa, tambem ornamentos ecclesiasticos para celebrarem os officios devinos e sacramentos, pera que possaes ver a doutrina da fee christãa que temos dada e instituida per Christo Jesus noso senhor, noso salvador, a dose apostolos discipulos seus, a qual despois de sua santa resureição foy por eles geralmente preguada e recebida por todo o mundo, dos quas alguums, a saber, Santhome, e San bertholamen, pregarão nesas vossas partes da India fazendo muitos e grandes milagres, terando esas gentes da gentilidade e idolatria em que dantes todo o mundo estava, e convertendo-os á verdade da santa crença, e fee christãa, algũus dos ditos apostolos, ordenando noso Senhor Jesus Christo por vigairo seu principal, antre todos seus apostolos e descipulos, são pedro, o qual pregando na grande cidade da Roma, que naquele tempo foi cabeça das gentes e idolatria, padeceo por

elle martirio, e hi jaz sepultado, onde des então até gora por os *santos padres seus subcessores foy e he instituida pela mesma* ordenança de christo a principal cabeça e seda da fee e religião christãa, querendo, segundo se mostra, o senhor Deus que Roma, asi como dantes era a madre do erro e falsidade, fose e permanecesse madre da verdade dos cuja obediencia e verdadeira doutrina estamos nos, e todolos reis e principes e senhorios christãos, e por tanto consideradas estas couzas e resões de tanta vontade, e serviço de meu alto Deus por elle mesmo, que foy e he causa da nosa navegação e ida a vos, meu afetuosamente e como irmão vos rogamos que vos queiraes conformar com seu querer e vontade e por fazerdes nosso proveito, e de vossas terras, asy temporal como espritual, vos aprasa receber e adjuntar com vosquo nossa amizade, trato e conversação que vos tam pacifiquamente apresentamos por seu santo serviço, o receberdes e tratardes noso capitam e gentes com aquelle são amor e verdadeiro com que os a vós mandamos, porque além daqui entrarem tam claras resões e mesteiro da vontade de deus, quantas elle nos ha feito e mostrou, que todos podesem ver e conhecer por sua obra, certo em toda a resão dantre homeẽs cabe deverdes muito de folgar com gentes que de tam longe com taõ grão coração vão busquar vosa amizade e conversação, e traservos tanto proveito como de vosas terras mais que de nenhumas outras podeis de nos receber, e caso que pera algum as erradas vontades, e spritos trovadores do bem, que nunqua fallecem, achemos em vos o contrairo desto, o que por toda a resão mal poderiamos crer, nem esperar de vosa vertude, noso determinado propósito he seguir a vontade de deus antes que a dos homẽes, e naõ leixarmos por nenhumas contrariedades proseguir neste caso, e continuar nosa navegação, trato, e conversação nestas terras de que o senhor deus se quis aver novamente por servido por nosas mãos, não querendo que noso trabalho por o servir fose debalde, segundo não menos esperamos de sua piedade

que seja ao diante, porque firmemente cremos e esperamos que pois elle fez esas terras, e as deu a pesuir a vos, e a esas gentes dela, elle ordenara como no seu se faça sua vontade, como não falleça quem nellas acolha e receba nosa amizade, e nossas gentes que laa vao tanto por seu querer e vontade, e a que elle tam maravilhosamente abrio o caminho e deu poder pera irem a ellas a qual cousa elle mesmo he sabedor quanto desejamos que seja antes por boa paz e amizade a elle, a elle prasa darvos sua graça pera conhecerdes as cousas de sua vontade e santo serviço, e acerqua disto vos praza crer e dar comprida fee a pero alvares cabral fidalgo de nosa casa, e noso capitão moor, em tudo e que de nosa parte vos fallar e requerer, e com vosco tratar; de Lisboa ao primeiro de março de mil e quinhentos annos.

(Biblioth. Nac. de Lisboa, Mss. da Colleç. Vimieiro.—Cod.—Y—2—15, fol. 61v.º)

IV—Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral escrita por um Pilôto Português

Documento n.º 7

A viagem de Pedro Alvares Cabral foi escrita por um Pilôto português, cujo nome se ignora, o qual foi testemunha ocular dos factos que refere. Perdeu-se o original, mas na Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas *encontra-se a tradução feita sôbre a versão italiana publicada por Ramúzio no século XVI. Eil-a:*

CAPITULO I

De como ElRei de Portugal mandou huma Armada de doze nãos, de que era Capitão Mór Pedro Alvares Cabral; Dez das quaes forão ter a Calicut, e as outras duas a Cofala, que fica na mesma derrota, a fim de contratar em mercadorias; e de como descobrirão huma terra muito povoada de arvores e de gente.

No anno de mil e quinhentos mandou o Serenissimo Rei de Portugal D. Manoel huma armada de doze nãos e navios ([1]) para as partes da India, e por seu Capitão mór Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua Casa, as quaes partirão bem apparelhadas, e providas do necessario para anno e meio de viagem. Dez destas nãos levavão regimento de hir a Calicut, e as duas restantes a hum lugar chamado Çofala para contratar em mercadorias, ficando este porto na mesma derrota de Calicut, para onde as outras dez hião carregadas. Em hum Domingo outo de Março daquelle anno, estando tudo prestes, sahimos a duas milhas de distancia de Lisboa, a hum lugar chamado Rastello, onde está o Convento de Belem, e alli foi ElRei entregar pessoalmente ao Capitão mór o Estandarte Real para a dita armada. No dia seguinte levantámos ancoras com vento prospero, e aos quatorze do mesmo mez chegámos ás Canarias: aos vinte e dous passamos Cabo verde; e no dia seguinte esgarrou-se huma não da armada, por forma tal, que não se soube mais della ([2]). Aos vinte e quatro de Abril, que hera huma quarta feira do Outavario da Pascoa houvemos vista da terra; com o que tendo todos grandíssimo prazer, nos chegámos a ella para a reconhecer, e achando-a muito povoada de arvores, e de gente que andava pela praia, lançamos ancora na embocadura de hum pequeno rio.

O nosso Capitão mór mandou deitar fóra hum batel, para ver que povos erão aquelles, e os que nelle forão achárão huma gente parda, bem disposta, com cabellos compridos; andavão todos nús sem vergonha alguma, e cada hum delles trazia aquelle seu arco com frexas, como quem estava alli para defender aquelle rio: não havia ninguém na armada que entendesse a

sua lingoagem, de sorte que vendo isto os dos bateis, tornárão para Pedro Alvares, e no em tanto se fez noute, e se levantou com ella hum muito rijo temporal. Na manhã seguinte escorremos com elle a costa para o Norte, estando o vento Sueste, até ver se achavamos algum porto aonde nos podessemos abrigar e surgir; finalmente achámos hum aonde ancorámos, e vimos daquelles mesmos homens, que andavão pescando nas suas barcas; hum dos nossos bateis foi ter aonde elles estavão, e apanhou dous que trouxe ao Capitão mor, para saber que gente erão; porém, como dissemos, não se entendião por fallas, nem mesmo por acenos, e assim tendo-os retido huma noute consigo, os poz em terra no dia seguinte, com huma camiza, hum vestido, e hum barrete vermelho, com o que ficárão muito contentes, e maravilhados das cousas que lhes havião sido mostradas....

CAPITULO II

Como os homens daquela terra principiárão a tratar comnosco: das suas casas, e de alguns peixes que alii ha muito diversos dos nossos.

Naquelle mesmo dia que era no Outavario da Pascoa a vinte e seis de Abril, determinou o Capitão mór de ouvir Missa; e assim mandou armar hum tenda naquella praia, e debaixo della hum altar; e toda a gente da Armada assistio tanto á Missa como á Pregação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavão e tangião nos seus instrumentos; logo que se acabou, voltámos aos navios, e aquelles homens entravão no mar até aos peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias. Depois de jantar tornou a terra o Capitão mór, e a gente da Armada para espairecer com elles; e achamos neste lugar hum rio de agoa doce. Pela volta da tarde tornámos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer aguada, e tomar lenhas; pelo que fomos todos a terra, e os naturaes vierão comnosco; para ajudar-nos. Alguns dos nossos caminharão até huma povoação onde elles

habitavão, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxerão de lá papagaios, e huma raiz chamada inhame, que é o pão de que alli uzão, e algum arroz; dando-lhe os da armada cascaveis e folhas de papel, em troca do que recebião. Estivemos neste lugar sinco ou seis dias; os homens, como já dissemos, são baços, e andão nús sem vergonha, tem os seus cabellos grandes, e a barba pelada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beiço debaixo furado,[1] e metem-lhe hum osso grande como hum prégo; outros trazem huma pedra azul ou verde, e assobião pelos ditos buracos: as mulheres andão igualmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira, cobertas de folhas e ramos de arvores, com muitas colunnas de páo pelo meio, e entre ellas e as paredes prégão redes de algodão, nas quaes pode estar hum homem; e de cada huma destas redes fazem hum fogo, de modo que n'huma só casa pode aver quarenta ou sincoenta leitos armados a modo de teares. Nesta terra não vimos ferro nem outro algum metal, e cortão as madeiras com huma pedra: tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas cores, e entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapeus e barretes de que uzão. A terra é muito abundante de arvores, e de agoas, milho, inhame, e algodão; e não vimos animal algum quadrupede: o terreno he grande, porém não podemos saber se era Ilha ou terra firme; ainda que nos inclinamos a esta ultima opinião pelo seu tamanho; tem muito bom ar; os homens uzão de redes, e são grandes pescadores; o peixe que tirão he de diversas qualidades, e entre elles vimos hum, que podia ser do tamanho de hum tonel, mas mais comprido, e todo redondo, a sua cabeça era do feitio da de hum porco, os olhos pequenos, sem dentes, com as orelhas compridas: pela parte inferior do corpo tinha varios buracos, e a sua cauda era do tamanho de hum braço; não tinha pés a pele era da grossura de hum dedo, e a sua carne gorda e branca como a de porco....

CAPITULO III

Como o Capitão mór mandou cartas a El Rei de Portugal dando-lhe parte de ter descoberto aquella nova terra; e como por causa da tempestade se perderão quatro náos: da povoação da Cofala, aonde ha huma mina de ouro, a qual fica junta a duas Ilhas.

Nos dias que aqui estivemos, determinou Pedro Alvares fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o descobrimento desta terra, e deixar nella dous homens condenados á morte, que traziamos na Armada para este effeito; e assim despachou hum navio que vinha em nossa conserva carregado de mantimentos, além dos doze sobreditos, o qual trouxe a el Rei as cartas em que se continha tudo quanto tinhamos visto e descoberto. Despachado o navio sahio o Capitão em terra, mandou fazer huma cruz de madeira muito grande, e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dous degradados neste mesmo lugar; os quaes começárão á chorar, e forão animados pelos naturaes do pais, que mostravão ter piedade delles. No outro dia, que erão dous de Maio fizemo-nos á vela, para hir demandar o Cabo da boa Esperança, achando-nos então engolfados no mar mais de mil e duzentas léguas de quatro milhas cada huma; e aos doze do mesmo mez, seguindo o nosso caminho nos appareceo hum cometa para as partes da Ethiopia com huma cauda muito comprida, o qual vímos outo ou dez noutes a fio: em fim quando se contavão vinte do mez (²), navegando a Armada toda junta, com bom vento, as velas em meia arvore e sem traquetes, por causa de huma borrasca, que tinhamos tido em o dia antecedente, veio hum tufão de vento tão forte, e tão de subito por diante, que o não percebemos senão quando as velas ficárão cruzadas nos mastros; neste mesmo instante se perdêrão quatro náos com toda a sua matalotagem, sem se lhe poder dar socorro algum; e as outras sete que escapárão, estivérão em perigo de se perderem; e assim fomos agoentando o vento com os mastros e vélas rotas, e a Deos misericórdia todo aquelle dia: o mar embraveceo-se por maneira tal, que parecia levantar-nos ao Ceo; até

que o vento se mudou de repente, e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as vélas; ainda assim navegando sem ellas, perdemo-nos huns dos outros de modo que a Capitania com duas outras náos tomárão hum rumo, outra chamada El-Rei com mais duas tomárão outro, e as que restavão *ainda outro; e assim passámos esta tempestade vinte dias* consecutivos sempre em arvore seca; até que aos desasseis do mez de Junho, houvemos vista da terra da Arabia onde surgimos; e chegados á costa podemos fazer huma boa pescaria. Esta terra he muito populosa, como vimos, navegando ao longo da praia com bom vento, e tempo aprazivel: alem disso he muito fructifera, com muitos rios grandes, e muitos animaes, de modo que toda era bem povoada. Continuando a nossa viagem chegámos diante de Çofala; onde há huma mina de ouro, e achámos junto a esta povoação duas Ilhas: estavão aqui duas náos de Mouros, que tinhão carregado oiro daquella mina, e hião para Melinde, os quaes tanto que nos avistárão, começárão a fugir, e lançarão-se todos ao mar, tendo primeiro alijado o ouro para que lho não tirassemos. Pedro Alvares depois de se ter apoderado das duas náos, fez vir ante si o Capitão dellas, e lhe perguntou de que paiz era, ao que respondeo que era Mouro, primo de ElRei de Melinde, que as náos erão suas, e que vinha de Çofala com aquelle ouro, trazendo comsigo sua mulher e hum filho, os quaes se tinhão afogado querendo fugir para terra: o Capitão mór quando soube que o Mouro era primo de ElRei de Melinde (o qual era muito nosso amigo) se desgostou sobre maneira, e fazendo-lhe muita honra, lhe mandou entregar as suas duas náos com todo o ouro que se lhe tinha tirado. O Capitão Mouro perguntou ao nosso se trazia comsigo algum Encantador, que podesse tirar a outra porção que tinhão deitado ao mar, ao que elle respondeo que eramos Christãos, e que não tinhamos semelhentes uzos. Depois tirou o nosso Capitão mór informações das cousas de Çofala, que ainda neste tempo não era descoberta senão por fama, e o Mouro lhe deo por novas, que em Çofala havia huma mina muito

abundante de ouro, cujo senhor era hum Rei Mouro, o qual assistia em huma Ilha chamada Quilôa, que estava na derrota que deviamos seguir: e que o parcel de Çofala já não ficava atraz; com isto o Capitão se despedio de nós, e continuamos a nossa jornada...

CAPITULO IV

Da ilha de Moçambique; e como chegámos a Quilôa aonde achámos as outras náos que se tinhão esgarrado: como o Capitão Mór fallou com o Rei da dita terra, e da Cidade de Mombaça.

Aos vinte do mez de Julho chegamos a huma Ilha pequena, que he do mesmo Rei de Çofala, chamada Moçambique, não muito povoada, apezar de assistirem nella mercadores ricos; aqui fizemos agoada, e tomamos refrescos, e hum Piloto para nos levar a Quilôa: esta Ilha tem muito bom porto, e está pouco distante da terra firme; daqui partimos para Quilôa ao longo da costa, e achamos muitas Ilhas povoadas, que são deste mesmo Rei. Chegamos a Quilôa aos vinte e seis do dito mez, e ahi nos ajuntámos seis das nossas vélas, porém a outra nunca mais se encontrou. Esta Ilha he pequena, junta com a terra firme, e tem huma bella Cidade; as suas casas são altas ao modo de Hespanha: habitão nella mercadores ricos, que commercêão muito em ouro, prata, ambar, almiscar, e perolas: os da terra andão vestidos de panos de algodão finos, e de sedas e brocados finissimos, e são negros. Logo que aqui chegamos mandou o Capitão mór pedir hum salvo-conducto ao Rei, que lho enviou immediatamente, e assim que o teve mandou a terra Affonso Furtado, com sete ou outo homens bem vestidos, por seu Embaixador, e por elle lhe fez dizer que aquellas náos erão de elRei de Portugal, as quaes vinhão alli para commerciar com elle; e traziam muitas mercadorias de varias qualidades de que podia escolher; e bem assim que teria muito gosto de fallar-lhe. ElRei respondeo que era muito contente disso, e que no dia seguinte lhe viria fallar querendo elle

sahir em terra. Affonso Furtado fez-lhe então saber, que o Capitão mór tinha regimento para não desembarcar, e que sendo sua vontade se fallarião antes nos bateis; e nisso ficárão de accordo para o outro dia, em que o Capitão mór se poz em ordem com toda a sua gente, e as náos e bateis todos abamdeirados, com os seus toldos, e com a artilharia prestes. O Rei mandou também apparelhar as suas Almadias, ou bateis com muitas festas, e tangeres ao seu modo, e Pedro Alvares com as suas trombetas e pifaros, e assim partiram hum para outro: logo que se avisinhárão, disparou-se a artilharia das náos, fazendo hum tão grande estrondo, que ElRei com toda a sua comitiva ficou attonito e assustado; depois disto estivérão hum bom espaço em conversação, e despedindo-se hum do outro voltou o Capitão mór para a náo. No dia seguinte tornou a mandar Affomso Furtado a terra, para principiar a negociação, porem achou o Rei muito fóra do proposito em que primeiramente estava, escusando-se que não tinha necessidade das náos das nossas mercadorias, e persuadido de que eramos Corsarios; deixando pois as cousas neste estado voltou Affonso Furtado ao Capitão mór. Demoramo-nos ainda neste lugar dous ou tres dias, mas por mais diligencias que pozemos, não nos foi possivel conseguir cousa alguma; e no tempo que alli ficámos, estiverão sempre mandando gente da Ilha para terra firme receando que a tomassemos por força. Quando Pedro Alvares percebeo isto, determinou partir, e se fez á véla pelo rumo de Melinde. Ao longo desta costa achámos muitas Ilhas, povoadas de Mouros, e vimos outra Cidade por nome Moçambique, que tinha hum Rei da mesma nação, e de que he povoada toda esta costa da Ethiopia: tanto porém na Ilha como pela terra dentro, dizem elles, que há Christãos, que lhes fazem muita guerra; porém nós não o soubemos senão por informações.

CAPITULO V

Como chegámos a Melinde, aonde fomos muito bem recebidos pelo Rei; do presente que lhe mandou ElRei de Portugal, e como o de Melinde fallou com o Capitão Mór.

Chegámos a Melinde aos dous de Agosto deste mesmo anno, e alli achámos surtas tres náos de Cambaya, cada huma do porte de cem toneladas; são muito bem feitas, de boas madeiras, e bem cosidas com cordas pois não tem prègos; e alcatroadas com huma mistura, em que entra muito encenso, e não tem senam o castello de popa: estas náos vinhão aqui a contratar das partes da India. Logo que chegámos, mandou-nos ElRei visitar, e ao mesmo tempo hum refresco de muitos carneiros, gallinhas, patos, limões, e laranjas as melhores que ha no mundo, e com ellas sarárão de escrobuto alguns doentes, que tinhamos comnosco. Apenas ancorámos diante da Cidade, mandou o Capitão mór dar fogo a todas as bombardas, e embandeirar as náos, e forão logo a terra dous Feitores d'ElRei, hum dos quaes sabia fallar Mouro, isto he, Arabigo, com hum cumprimento para ElRei de Melinde, e a dar-lhe parte como eramos chegados, ao que vinhamos, e que no dia seguinte mandaria o Capitão mór a sua embaixada, com a carta que ElRei de Portugal lhe escrevia. O Rei teve grande prazer com a nossa vinda, e a rogos seus ficou em terra o Feitor, que sabia fallar Arabigo, e logo no dia seguinte mandou á náo dous Mouros muito honrados, e que fallavão a mesma lingoagem, para visitar a Pedro Alvares, e por elles lhe fez dizer como tinha grande contentamento com a sua chegada, rogando-lhe mandasse a terra por tudo quanto lhe fosse necessario, do mesmo modo que o faria se estivesse em Portugal, pois que elle e todo o seu Reino estava á disposição do nosso Rei. Com isto determinou logo o Capitão mór mandar a terra as cartas com o presente que ElRei de Portugal lhe remetia, e era huma sella rica, hum par de cabeçadas com seu esmalte, hum par de estribos com humas esporas tudo de

pratá esmaltado e dourado, com seu peitoral irmão para a dita sella, e todas as ccrrêas e mais jaezes de carmezim muito ricos; e hum cabrestilho de fio de ouro tambem para hum cavallo: duas almofadas de brocado, e outras duas de veludo carmezim; hum tapete fino, hum pano de Arraz, e dous córtes de pano escarlate; huma peça de setim carmezim, e outra de tafetá da mesma côr; o que tudo em Portugal valeria mil ducados; e tivérão conselhos de que Aires Corrêa, que hia por Feitor mór, lhe levasse aquelles presentes, pelo que foi a terra com as cartas, e com elle muitas pessoas das principaes, com os seus trombetas; e igualmente mandou ElRei todos os seus principaes a receber o Feitor mór. O seu palacio era junto da praia, e antes que os Portuguezes chegassem a elle, lhes vierão ao encontro muitas mulheres com perfumadores chêos de brazas, deitando-lhes tantos perfumes, que toda a terra estava embalsamada; e assim entrarão aonde o Rei estava assentado em huma cadeira, acompanhado de muitos Mouros dos principaes, o qual mostrou muito prazer com o presente e a carta, que de huma parte era escrita em Portuguez e da outra em Arabigo; e tanto que a leo, fallou áquelles Mouros, que fizeram muita festa entre si, e todos a hum tempo derão hum grande grito no meio da sala, dando graças a Deos em ter por amigo hum tão grande Rei e Senhor como era ElRei de Portugal: depois disto, mandou vir alguns panos, e sedas e as repartio por aquelles que tinhão trazido o presente, e disse a Aires Corrêa, que lhe rogava ficasse em terra em quanto a Armada não partia, porque sentia grande contentamento em fallar com elle; Aires Corrêa lhe respondeo que não podia sem licença do Capitão mór, e assim ElRei lhe expedio hum cunhado com hum anel seu (¹) a rogar-lhe deixasse ficar Aires Corrêa, e que mandasse a terra por tudo quanto lhe fosse necessario, tanto para agoada como para o mais. Pedro Alvares foi disso contente, e ElRei mandou logo dar a Aires Corrêa hum muito bom alojamento, com todas as cousas que lhe havião ser necessarias, como car-

neiros, gallinhas, arroz, leite, manteiga, tamaras, mel, e fructos de toda a espécie, salvo pão que elles não comem; e assim esteva em terra tres dias, fallando-lhe ElRei a todo o instante a respeito do de Portugal, e das cousas Portuguezas, dizendo-lhe que teria grande satisfação em vêr-se com o Capitão mór. Aires Corrêa fez tanto com elle, que o resolveo a isso, e logo o mandou dizer a Pedro Alvares, o qual se fez prestes com os seus bateis deixando as náos em bom recado: o em que elle hia era coberto de seda, e levava a gente secretamente armada por baixo das suas vestes da gram e panos finos: ElRei mandou igualmente apparelhar dous bateis dos seus tambem com toldos, e com a gente mais luzida, e fez ajaezar hum cavallo ao modo de Portugal mas os seus não o souberão fazer, tanto que forão os nossos que o arrearão; depois desceo por huma escada, e no fundo della estavão-o esperando todos os Mouros mais ricos e honrados, com hum carneiro, que degolárão apenas montou o cavallo: ElRei passou sobre elle; e toda a gente gritou muito e com grande vozaria; tendo este costume por ceremónia e feitiço. Falárão depois ambos hum grande espaço, até que o Capitão mór disse, que desejava partir: mas que tinha necessidade de hum Piloto que o conduzisse a Calicut: ElRei lhe respondeo, que lho mandaria dar; e assim se despedirão hum do outro. Logo que ElRei chegou a terra mandou Aires Corrêa para á náo com muitas carnes, e frutas para o Capitão, e igualmente um Pilloto Guzarate daquellas náos de Cambaya que estavão no porto. O Capitão mór deixou alli dous homens Portuguezes que hião degradados, para ficar hum delles em Melinde, e o outro hir com a náo de Cambaya; e no dia seguinte, que se contavão sete de Agosto, fizemo-nos á véla, e começamos a atravessar o golfo para Calicut.

CAPITULO VI

Da cidade chamada Magadaxo; da ilha Julfar, e Ormuz, e da mui fertil e pingue Provincia de Cambaya.

Deixámos atraz em toda esta travéssa a costa de Melinde, e huma Cidade de Mouros que se chama Magadaxo muito rica e formosa; mais adiante está huma Ilha grandissima, com outra Cidade tambem muito bella e grande, cercada de muro; chama-se esta Ilha Socotora, e caminhando mais avante pela costa está a embocadura do estreito de Meca que terá obra de legoa e meia de largo, e dentro delle jaz o mar roixo, a Casa da Meca, e a da Santa Catharina do monte Sinay, por onde levão as especiarias e joias ao Cairo e Alexandria, atravessando hum dezerto em dromedarios, que são huma espécie de camelos corredores: deste mar se poderião contar muitas couzas que passo em silencio. Da outra banda do Estreito está o mar da Persia, no qual ha grandíssimas Provincias e Reinos sujeitos ao Grão Sultão de Babilonia; e no meio deste mar ha huma Ilha pequena chamada Julfar, na qual se pescão muitas e belíssimas pérolas; ha tambem outra Ilha na sua embocadura chamada Ormuz, que he de Mouros, e tem hum Rei que tambem o he de Julfar. Em Ormuz ha optimos cavallos que se levão a vender por toda a India, e tem hum grande valor, e em todas estas terras ha um grande trafico de navios.

Passado este mar da Persia acha-se huma Provincia chamada Cambaya, a qual tem o seu Rei, que he muito poderoso e forte; esta terra he mais fructifera e pingue, que nenhuma outra do Mundo: nella se acha muito trigo, cevada, arroz, cêra, e açucar, produz tambem encenso, e fabricão-se nella muitos panos de seda e algodão, e tem muitos cavallos e elefantes: o Rei foi idolatra, mas fez-se depois Mouro por causa dos muitos de que abunda o seu Reino; porem entre os naturaes ainda ha bastantes idolatras. Achão-se alli grandes mercadores, os quaes por huma parte contratão com os Arabes, e pela outra com a India, que começa propriamente aqui, e correm estes mercadores toda

esta costa até ao Reino de Calicut, e por toda ella ha grandes e bellissimas Provincias e Reinos de Mouros e de Idolatras. Deve advertir-se que tudo o que neste Capitulo deixo escrito foi observado por nós.

CAPITULO VII

De huma Ilha chamada Anchediva.

Chegamos á vista da Imdia aos vinte e dous de Agosto, e a primeira terra que vimos foi a do Reino de Goga assim que o reconhecemos, fomos ao longe delle até chegar a huma Ilha pequena chamada Anchediva ([6]) a qual he de hum Mouro; tem no meio hum grande lago de agoa doce, e he despovoada; d'alli á terra firme são duas milhas; foi n'outro tempo habitada por Gentios, mas porque os Mouros de Meca fazem este caminho para hir a Calicut, e alli se demorão pela necessidade de agoa, e lenhas, por isso se despovoou mais. Tanto que alli chegamos, descemos a terra, e estivemos bons quinze dias a tomar as ditas provizões; aguardando entre tanto se vinhão as naos de Meca, que queriamos aprezar, se nos fosse possivel ([7]) durante este tempo a gemte da terra vinha a bordo, e nos trazia muitas noticias, recebendo-a o Capitão mór com muito festejo. Ha em esta Ilha huma especie de Ermida na qual, nos dias que alli estivemos, se celebrárão muitas Missas pelos Padres que levamos para ficarem com o Feitor de Calicut; e assim nos confessamos e commungamos todos, e depois de tomada a agoa e lenha precisa vendo que as naos dos Mouros não acabavam de chegar ([8]) partimos para Calicut, que dista daqui setenta legoas.

CAPITULO VIII

Como chegamos a Calicut e o Capitão Mór sahio a terra a fallar com ElRei.

Chegámos a Calicut aos treze de Setembro, e a huma legoa de distancia da Cidade, sahio a receber-nos huma frota de

bateis, em que vinha o Governador, e hum mercador Guzarate muito rico e principal; os quaes entrárão na Capitania, dizendo como ElRei tinha grande prazer com a nossa vinda, e que assim lançassemos as ancoras diante da Cidade. Principiamos logo a desparar a nossa artilharia, do que elles se maravilhárão grandemente, dizendo que contra nós ninguém tinha poder senão Deos; e assim estivemos toda aquella noute: no dia seguinte pela manhã determinou Pedro Alvares mandar a terra os Indios que trouxeramos comnosco de Portugal, que erão sinco, a saber, hum Mouro que entre nós se tinha feito Christão, e quatro pescadores Gentios, e enviou-os todos muito bem vestidos á Cidade, para fallar com ElRei, (9) e dizer-lhe a causa porque alli eramos chegados; e que lhe pediamos hum salvo-conducto para podermos sahir em terra. O Mouro fallou com ElRei, porque os outros que erão pescadores não se atreviam a chegar a elle, nem mesmo o podérão ver, tendo esta ceremonia por estado e grandeza Real, como ao diante se dirá. O Rei mandou o salvo-conducto, dizendo que qualquer de nós podia sahir em terra; o que visto pelo Capitão mór fez desembarcar logo Affonso Furtado com um interpreta, que sabia fallar Arabigo, o qual devia dizer a ElRei como estas náos erão de ElRei de Portugal, que as mandava a esta Cidade para tratar de Paz, e trafico de mercancias; e que para fazer isto era necessario que sahisse a terra o Capitão mór, o qual levava em o seu regimento de não desembarcar em parte alguma, sem primeiro ter hum penhor pela sua pessoa; e que assim lhe houvesse de mandar para as náos aquelles homens que Affonso Furtado lhe indicasse. ElRei ouvida a dita embaixada, recusou hum pouco; dizendo que os refens que lhe pedião erão muito velhos e anciãos; e que não podião ficar no mar; mas que elle lhe daria outros. Affonso Furtado lhe tornou, que não havia de tomar senão aquelles que lhe pedia pela memoria que o Capitão mór lhe tinha dado, que era a mesma que lhe entregára ElRei de Portugal. (10) O Rei se maravilhou bastante com isto, e esteve em duuidas dous ou tres dias, até que finalmente se resolveo a mandallos. (11) Recebendo Pedro Aluares este aviso

aprontou-se para sahir em terra, e ficar alli dous ou tres dias levando comsigo trinta homens dos mais honrados, e assim se poz pronto com todos os seus officiaes e creados, como podia convir a hum Principe, e levou toda a prata que havia em as náos, das quaes deixou por Capitão mór Sancho de Tovar, com o encargo de fazer honra e agazalho àquelles homens da terra, que ficavão em penhor. No dia seguinte veio ElRei a huma casa, que tinha junto á marinha (12) e dahi mandou os refens para as náos, a saber sinco homens muito principaes, e cem outros de espada e adarga, que os acompanhavão com vinte e sjnco ou trinta trangedores: o Capitão mór sahio da náo em os seus bateis, depois de ter mandado para terra tudo o que lhe parecêra necessario, e sahindo na praia vieram tambem os sinco homens da Cidade, que não quizerão entrar na náo, sem que elle desembarcasse; e sobre isto estiverão em questão hum grande espaço, até que Aires Corrêa subio a hum seu Zambuco, e tanto fez que entrárão nella. Logo que Pedro Alvares sahio em terra vierão recebel-lo muitos Gentis-homens, que o tomárão nos braços como igualmente toda a sua comitiva; por tal maneira que não tocárão com os pés em terra até que chegárão perante o Rei, o qual estava pelo modo que ao diante se dirá.

CAPITULO IX

Da grande magnificencia e pompa de ElRei de Calicut; e do presente que lhe fez o Capitão Mór em nome de ElRei de Portugal

Estava ElRei em huma casa alta, assentado em hum estrado com duas ou tres almofadas de seda debaixo do braço; a coberta deste estrado era de seda côr de purpura; estava nú da cintura para cima e dalli para baixo envolvido em hum panno de seda e algodão muito subtil e branco, e com muita roda, todo lavrado de ouro. Tinha na cabeça hum barrete de brocado feito a modo de capacete comprido, e muito alto: as suas orelhas erão furadas e dellas pendião grandes brincos d'ouro, com rubins de muito preço, diamantes, e duas perolas muito grandes, huma

redonda, outra do feitio de huma pera, e maior que huma grande avelã: tinha tambem nos braços de cotovello para cima braceletes d'ouro adornados de ricas joias, e perolas de grande valor: as pernas estavão igualmente adornadas, e em hum dedo do pé tinha um anel de hum rubino ou carbunculo de grande fogo e estima. Os dedos das mãos estavão tambem cubertos de joias, como rubins, esmeraldas e diamantes; e entre estes hum do tamanho de huma fava grande. tinha dous cintos de ouro cheos de rubins, de modo que não havia preço que pagasse as riquezas que o adornavão. Ao seu lado estava huma grande cadeira toda de prata, salvo o lugar aonde encostava os braços, que era de ouro, e as suas costas engastadas de joias e pedras preciosas. Havia nesta casa huma especie de andor, em o qual tinha vindo do palacio aonde costumava residir habitualmente; este andor he levado por homens infinitamente ricos, e junto a elle tocavão de quinze a vinte trombetas de prata, e tres de ouro, huma das quaes era da grandeza e pezo tal, que custava a dous homens a levalla; as bocas destas tres tinhão cravados muitos rubins. Tinha tambem junto de si quatro vasos de prata, muitos de bronze dourado, e bastantes candieiros de latão grandes e cheos de azeite com pavios sempre accesos; a pesar de não ser necessario para a claridade, mas sòmente para grandeza Estava tambem alli hum seu parente com sinco pagens em pé, e igualmente dous Irmãos seus cobertos de infinitas riquezas; e muitos outros Gentis-homens, que estavão mais desviados, mas tambem muito ricos ao modo de Rei. Quando o Capitão mór entrou, quiz hir direito beijar-lhe a mão; porem accenarão-lhe para que parasse, por não ser costume entre elles avisinhar-se-lhe ninguem, e assim o fez. ElRei fello sentar por maior honra, e Pedro Alvares lhe começou a dar a sua embaixada, e lhe fez ler a carta de ElRei de Portugal, que era escrita em lingoa Arabiga, e logo mandou pelo presente, que se compunha do seguinte: huma bacia de prata para as mãos lavrada de bastiões todos dourados, e muito grande; hum

gomil dourado com a sua *tampa tambem* de *bastiões*; huma taça grande de prata lavrada pelo dito modo; duas maças de prata com as suas cadêas do mesmo metal para os maceiros, e quatro almofadas grandes, duas de brocado e duas de veludo carmezim: demais disto hum docel de brocado com franjas de ouro e carmezim, hum tapete grande, e dous pannos de Arraz muito ricos, hum de figuras, e outro de verdura. (13) Quando ElRei houve recebido este presente juntamente com a carta, e a embaixada, mostrou-se muito alegre, e disse ao Capitão mór que se podia retirar para aquella casa que lhe tinha mandado preparar, e que fizesse vir os homens que dera em refens, porque erão da qualidade, e não podião comer, beber, nem dormir no mar; e que se elle queria hir para as náos que fosse, pois no dia seguinte tornaria a mandar-lhos, e elle voltaria a terra, para tratar do que lhe fosse necessario. (14)

CAPITULO X

Como tornando o Capitão Mór para as náos se deitárão ao mar os que estavam em refens, e dous delles forão retidos ; dos inconvenientes que daqui provierão e como Aires Corrêa concluio com ElRei o acordo que pertendia.

Voltou Pedro Alvares para as náos, e deixou em terra Affonso Furtado com sete ou oito homens, para cuidarem no que tinha em casa. Apenas elle partio da praia, logo hum Zambuco dos de Calicut lhe foi adiante até ás náos, para dizer aos que estavão em refens, como o Capitão mór voltava; assim que elles ouvirão isto imediatamente se lançarão ao mar; e logo Aires Corrêa Feitor mór se metteo em hum batel, e tomou dous dos principaes, com dous ou tres dos seus familiares que os tinhão acompanhado, porém todos os outros fugirão a nado para terra. Neste instante chegou o Capitão mór á náo, e mandou pôr os dous prisioneiros debaixo da coberta, fazendo dizer ao Rei, que quando elle chegára tinha achado aquella desordem, que hum

Escrivão da sua terra tinha causado; [15] e que elle mandara depois reter aquelles dous, por terem ficado em terra muitos homens dos seus, e igualmente muita fazenda; que assim Sua Alteza lhe enviasse tudo e elle lhe entregaria logo os que tinha retido, que entre tanto erão muito bem tratados. Com esta embaixada partirão dous Itallianos daquelles que tinhamos tomado, [16] e toda aquella noute esteve o Capitão mór esperando a reposta; no dia seguinte veio o Rei á praia com mais de dez ou doze mil homens, e os nossos que tinhão ficado em terra foram prezos, a fim de serem mamdados á Armada e trocados por aquelle que o Capitão mór tinha retido. Estando as cousas nestes termos vierão vinte ou trinta almadias, e sahirão os nossos bateis para effeituar a dita troca, mas nem as almadias tiverão animo de chegar--se aos nossos bateis, nem estes a ellas; e assim estiverão todo aquelle dia sem se fazer cousa alguma; e como voltárão outra vez para terra com os nossos, principiarão a fazer--lhes grande descortezia metendo-lhes medo, e dizendo-lhes que os querião matar: os nossos estiuerão toda aquella noute em grande tribulação, e no dia seguinte tornou ElRei a mandar dizer a Pedro Alvares, que lhe mandaria os Portuguezes, e sua fazenda nas almadias totalmente desarmados, e que do mesmo modo mandasse elle os seus bateis Pedro Alvares logo lhes mandou e com elles Sancho de Tovar segundo Capitão, e chegando a onde estavão as almadias principiárão a receber todos os trastes de prata e tudo mais que tinhão em terra (de modo que não restava já senão um almofreixe ou mala aonde estava o leito com os seus preparos) e igualmente quasi todos os homens: senão quando hum daquelles Gentis-homens, que estavão nos bateis, e que Sancho de Tovar tinha pelo braço se deitou ao mar, o que visto pelas nossas que estavão em algumas das almadias principiárão a ensoberbecer-se e indignar-se de modo, que deitárão a agoa os Mouros das almadias apoderando-se dellas. Nos nossos bateis ficou hum velho Gentil-homem

que estava em penhor; e dous rapazes Portuguezes que não podérão escapar-se, ficarão nas suas almadias. No dia seguinte, condoendo-se Pedro Alvares daquelle Velho, que havia já tres dias que não tinha comido, o mandou para terra, e lhe deu todas as armas, que tinhão ficado na náo, pertencentes aos que se haviam lançado ao mar com recado para que ElRei lhe mandasse os dous moços, o que elle fez. Passado isto estivemos tres ou quatro dias, sem que ninguem fosse a terra, nem viesse ás náos, e Tendo Pedro Alvares conselho com os outros Capitães sobre o que devião fazer; disse o Feitor mór que se alguem de Calicut lhe mandasse dous homens para segurança, elle estava pronto para hir a terra: a todos pareceo bem esta resolução, mas não sabiam se haveria quem quizesse levar embaixado, e logo hum Cavalheiro chamado Francisco Corrêa, disse que elle estava pronto, e partindo immediatamente representou a ElRei como Aires Corrêa Feitor mór ordenava de hir a terra a firmar o contrato com S. Alteza; e que assim lhe mandasse por penhor dous mercadores, que elle lhe nomeava, hum dos quaes era Guzarate muito rico. Este Mouro, que estava presente, respondeo que entregaria em seo lugar dous netos seus: com o que ElRei se mostrou muito satisfeito. No outro dia mandarão esta resposta ao Capitão mór e os refens juntamente: e assim Aires Corrêa partio para terra levando comsigo outo ou dez homens. Naquella noute veio dormir á náo, e no dia seguinte tornou novamente para tera a effeituar quanto estava determinado, ficando todavia os penhores na náo. ElRei mandou que se lhe désse a melhor casa da terra, que era a de hum Mouro Guzarate, a quem cometeo o cargo de ensinar ao Feitor os costumes e tratos do paiz, e assim Aires Corrêa principiou a negociar e vender as suas mercadorias. O Interprete que fallava por nós era Arabe, de modo que não se podia fallar ao Rei, sem se meterem Mouros de permeio, que são huma gente má, e muito nossa contraria; que a todo o instante usavão de embustes, e nos prohibião que mandasse-

mos nimguem ás náos. Quando o Capitão mór vio que todos os dias hião homens a terra, sem que nenhum voltasse, determinou-se a partir e mandou dar á vela; e estando nós prezos em terra em huma casa guardada por muita gente, vimos como as náos se hião embora, e o Guzarate por respeito de seus netos, que tambem partião, deo azo a Aires Corrêa para mandar hum rapaz em huma almadia a protestar ao Capitão mór por semelhante partida. Pedro Alvares voltou em razão disto para o porto, e Aires Corrêa principiou a tratar com ElRei, e se concluio depois de algumas dilações, o contrato como elle queria; porque o Guzarate fazia para isso todas as dilligencias por causa dos netos que tinha em penhor. ElRei encarregou um Turco grande mercador, de fazer todos os nossos negocios, e nos mandou sahir daquella casa para outra mais visinha á sua; e logo principiámos a vêr algumas mercadorias de que comprámos parte; e assim estivemos dous meses e meio antes que o dito tratado se acabasse de assentar; mas em fim ficou terminado com muito trabalho de Aires Corrêa, e dos que com elle estavão, e acabado elle tornamo-nos a mudar para huma casa junto ao mar, a qual tinha hum jardim grande e nella arvorou o Feitor huma bandeira com as Armas Reaes. ([17]) Deste contrato deo ElRei duas escrituras assignadas pela sua mão, huma das quaes era em huma lamina de cobre com o seu sello esculpido em latão, e esta devia ficar na Feitoria: a outra era de prata com o sello esculpido em ouro; e deviamo-la trazer comnosco para ElRei de Portugal. Feitas estas escrituras veio logo Aires Corrêa ás náos, e entregou a de sello de prata ao Capitão mór, e levou para terra os homens que estavão em refens, e dahi para diante principiámos a fiar-nos tanto desta gente, que parecia que estavamos no nosso proprio paiz.

CAPITULO XI

Como o Capitão mór, a rogos d'ElRei, mandou huma sua caravela a combater com huma náo grande; e depois de aprezada entregou tanto a náo como o capitão della ao mesmo Rei.

Aconteceo hum dia apparecer naquellas paragens, huma náo, que hia de hum para outro Reino, dentro da qual estavão sinco elefantes, hum delles muito formoso e de grande preço por ser pratico na guerra. A náo que os trazia era muito possante e tinha muita gente de guerra; quando ElRei soube da sua chegada mandou rogar ao Capitão mór, que a mandasse aprezar, pois trazia hum elefante pelo qual tinha offerecido muito dinheiro, mas não lho tinhão querido vender. Pedro Alvares lhe mandou dizer que assim o faria; mas que a tripulação corria risco de ser morta, se não se quizesse render; ElRei o houve por bem e fez hir hum Mouro comnosco, para vêr como tomavamos a náo, e para fallar com os que nella vinhão a fim de se entregarem. O Capitão mór mandou uma caravella de bombarda grossa e bem armada, com sessenta ou setenta homens (18) a qual partio de noute direita á náo, sem a poder abordar, mas no dia seguinte cahio sobre ella gritando-lhe que se rendesse: os Mouros puzerão-se a rir, porque erão muitos, e a náo muito grande; e principiárão a atirar com frechas. Quando o Capitão da caravella vio isto, mandou disparar a artilharia, de modo que achando-se os da náo sem esperança, logo se rendêrão; e assim a levárão a Calicut com toda a gente. O Rei sahio á praia a vêllos, e o Commandante da caravella veio entregar-lhe o Capitão Mouro, e a sua preza; e o deixou muito maravilhado de ver como huma caravella tão pequena, e com tão pouca gente, tinha podido aprezar huma náo tão grande, na qual havia trezentos homens de batalha; assim recebeo a náo e os elefantes, com grande prazer e satisfação e a caravella tornou a ajuntar-se à Esquadra. (19)

CAPITULO XII

Descripção da Cidade de Calicut, e dos usos do Rei e do seu Povo.

A Cidade de Calicut he grande, e não tem muros que a cerquem; no seu interior tem muitos lugares vasios, e as casas afastadas humas das outras; são de pedra e cal, chapeadas de relevos, e em cima cobertas de folhas de palmeira; as portas são grandes, e os portaes muito bem trabalhados; em torno das casas ha hum muro, dentro do qual estão muitas arvores e lagos de agoa, em que se lavão, como tambem poços de donde bebem. Pela Cidade ha outros lagos grandes, aonde o povo miudo vem lavar-se; e he isto preciso, porque cada dia lavão duas ou tres vezes o corpo todo. O Rei he Idolatra, ainda que alguns pensárão que hera Christão; mas procede isto de não terem sabido tanto dos seus uzos, como nós, que temos negociado bastante em Calicut. O Rei actual chama-se Glafer, e todos os seus Gentis-homens, e gente que o serve são homens pardos como os Mouros, mas bem dispostos. Andão nús da cintura para cima, e trazem á roda de si panos finos de algodão brancos e de outras côres; não uzão de calçado nem de barretes, salvo os grandes Senhores que os trazem de veludo e brocado, e algum delles são muito altos. Tem as orelhas furadas, e nellas põem muitas joias, e braceletes de ouro em os braços. Estes Gentis-homens trazem espada e adraga, e as espádas nuas; são mais largas na ponta do que no resto, e as adargas redondas, como rodelas de Italia; muito leves, e de côr negra ou vermelha; e são os maiores jogadores que ha de espada e rodela, não se empregando quasi noutra cousa; e havendo innumeraveis homens destes na Corte Casam com huma só mulher, e convidão sinco ou seis dos seus maiores amigos para dormirem com ella; de modo que entre elles não ha honestidade, nem vergonha, e assim as raparigas quando tem outo annos principião a prostituir-se. Estas mulheres andão nuas assim como os homens, e trazem sobre si muita riqueza e os cabellos muito bem pintados; são muito luxuriosas, e pedem aos homens que lhe tirem a virgindade; porque enquan-

to estão virgens não achão marido. Estes povos comem duas vezes ao dia, porém não uzão de pão, vinho, carne, ou peixe; mas sim de arroz, manteiga, leite, açucar e frutas. Lavão-se antes de comer, e depois de lavados, se algum que o não estivesse, lhes tocasse, não comerião sem se tornar a lavar; de modo que fazem nisto grande cirimonia. Tanto homens como mulheres trazem todo o dia na boca huma folha de betele, que tem a propriedade de a fazer vermelha, e os dentes negros: os que não fazem isto são homens de baixa extracção. Quando algum morre, os que devem trazer luto tingem os dentes de preto, e não comem desta folha durante alguns mezes.

CAPITULO XIII

Como os Sacerdotes chamados Bramanes tratão carnalmente com as mulheres do Rei para honrallo, e da grande reverrencia que o povo tem ao seu Rei.

O Rei tem duas mulheres, e cada huma dellas he acompanhada por dez Sacerdotes, a que chamão bramanes cada hum dos quaes dorme com ellas para o honrar. Por esta causa não herdão os filhos o Reino, mas sim os sobrinhos, filhos da irmã. Habitão no palacio mais de mil e quinhentas mulheres, para maior magnificencia e estado; e a sua occupação he de varrer, limpar, e agoar as casas por onde ElRei quer andar, com agoa misturada com bosta de vacca. Os quartos do palacio são muito grandes, e tem nelles muitas fontes de agoa em que se lava; quando sahe fóra vai em hum andor muito rico que levão dous homens, e vão com elle muitos tangedores de instrumentos, e muitos Gentis-homens com espadas e rodelas, e muitos archeiros, e adiante de tudo os seus guardas, e porteiros: vai ElRei coberto com hum docel, de sorte que lhe fazem mais honra do que a nenhum outro Rei do Mundo, porque ninguem se avisinha a elle senão na distancia de tres ou quatro passos; e se lhes querem dar alguma cousa he em hum ramo para o não tocarem: quando lhe fallão he sempre com a cabeça

baixa, e a mão diante da boca; e nenhum Gentil-homem lhe aparece sem espada e rodela: quando fazem cortezia põem a mão sobre a cabeça, e nenhum official, nem homem de baixa extracção se atreve a ver o Rei, nem a fallar com elle, especialmente os pescadores; de tal sorte que se hum Gentil-homem viesse por hum caminho, e dous pescadores lhe sahissem ao encontro; ou fugirião, ou receberião muitas basonadas. Estes principaes quando morre o Rei, ou suas mulheres, queimão o corpo com madeira de sandalo pelo honrar: a gente de baixa condição he enterrada, e cobrem-lhe com cinza a cabeça e as costas: trazem sempre a barba comprida.

CAPITULO XIV

De huma casta de mercadores Guzarates e dos seus uzos.

Os Guzarates são grandes musicos, e escrivães: escrevem em huma folha de palmeira, com huma pena de ferro sem tinta são grandes mercadores, e naturaes de huma Provincia chamada Cambaya. Estes e os naturaes são Idolatras, e adorão o Sol, a Lua e as vaccas; de sorte que se alguem matasse huma, seria logo morto. Estes Guzarates não comem cousa alguma que padeça morte, nem igualmente pão; nem bebem vinho, e se alguma criança das suas come carne, deitão-a fóra a pedir esmola pelo mundo, ainda que descendesse, ou fosse filho de hum senhor grande, ou de hum mercador rico. Crem nos encantamentos e nos adevinhos, são mais brancos que os naturaes de Calicut, trazem os cabellos da cabeça e barba muito compridos; os seus vestidos são de algodão fino, uzão dos cabellos ornados e enlaçados como mulheres: trazem çapatos, e casão com huma só mulher como nós, são muito ciosos, e as mulheres muito bellas e castas; commerceão em panos, sedas e joias.

CAPITULO XV

De outra casta de mercadores chamados Zetires, e dos seus uzos

Ha tambem outros mercadores de outra Provincia, chamados Zetires, os quaes são Idolatras, e grandes contratadores de joias, de pérolas, de ouro e de prata. São mais negros, andão nús, e trazem toucados mais pequenos, e os cabellos metidos por baixo em huma especie de bolsas compridas, que parecem caudas de boi, ou de cavallo. Estes homens são os maiores encantadores do mundo, fallão todos os dias invisivelmente com o Demonio, e as suas mulheres são muito luxuriosas. Nesta cidade ha também Mouros de Meca, de Turquia, de Babilonia, de Persia, e de muitas outras Provincias. São mercadores grandes e ricos, que tem de todas as mercancias, que aqui vão; isto he, joias de muitas qualidades, sedas de ouro e prata muito ricas, almiscar, ambar, beijoim, encenso, pão, aloes, ruibarbo, porçolana, cravo da India, canella, pao Brazil, sandalo, laca, noz moscada e massa, (2) o que tudo vem de fóra: além de gengibre, pimenta, tamarindos, mirobalanos, e cassiafistula, que nascem mesmo em Calicut juntamente com alguma canella silvestre. Estes mouros são tão poderosos e ricos, que quasi são os que governão em todo Calicut.

CAPITULO XVI

Do Rei de Narsinga, e do grande numero de mulheres que tem, e como por sua morte todas ellas se queimão vivas: dos seus elefantes: Do tempo em que tem o Verão e Inverno, e em que mezes partem os navios de Meca com as especiarias.

Nas montanhas deste paiz ha hum Rei muito grande e poderoso, com o titulo de Rei de Narsinga; cujos povos são Idolatras: tem elle duzentas ou trezentas mulheres, e no dia em que morre, queimão o seu corpo, e todas estas mulheres juntamente. Por igual maneira todas as pessoas casadas, quando morrem fazem-lhe huma grande cova, em que as

queimão; as suas viuvas vestem-se o mais ricamente que podem, e acompanhadas de todos os seus parentes, com muitos instrumentos e folias vão á cova, e bailando á roda della como caranguejo, se deixão cahir dentro estando a cova chea de fogo. Os parentes estão com muita attenção, e apparelhados com panellas de azeite e manteiga, e tão depressa caem dentro como lhas deitam em cima para se abrazarem com mais brevidade. Ha neste Reino muitos cavallos e elefantes, com que fazem guerra, e tem-os tão bem ensinados, que não lhe falta nada senão fallar; e entendem tudo como se fossem gente, segundo vimos em Calicut. Os elefantes que tem o Rei, e em que elle cavalga, são os mais robustos e ferozes animaes do mundo; por modo que dous deles, arrastão huma náo para terra. As náos não navegão aqui senão em Outubro e Novembro, até o fim do Março; nestes mezes he o seu verão e nos outros o Inverno, durante o qual tem as náos em terra No mez de Novembro partem de Calicut estas náos de Meca carregadas de especiarias, que levão a Zeide que he porto de Meca, e dalli por terra ao Cairo para Alexandria.

Havendo já tres mezes que estavamos em terra com o tratado assentado, e duas das nossas náos carregadas; mandou o Capitão mór hum dia dizer a ElRei, que já era passante: de tres mezes que alli estavamos, e que não havia ainda carregadas se não duas náos; que os Mouros lhe escondião as mercadorias, as quais as náos de Meca carregavão occultamente; pello que elle lhe fizesse dar melhor despacho, pois a monção estava proxima ElRei lhe respondeo que aprontaria todas as mercadorias que quizesse, e que nenhuma náo de Mouros carregaria em quanto as nossas não estivessem carregadas; mas se alguma contraviesse esta ordem, o Capitão mór a poderia tomar para examinar se continhão especiarias, que elle lhe faria dar pelo mesmo preço que os Mouros as tivessem comprado.

CAPITULO XVII

Como os portuguezes forão assaltados de improviso pelos mouros, e por elles combatidos, e como foi morto Aires Corrêa, feitor d'ElRei.

Aos dezaseis de Dezembro, estando Aires Corrêa fazendo contas com os Feitores das duas náos carregadas: fez-se á vela huma náo de Mouros chea de especearias, a qual Pedro Alvares aprisionou. ([21]) O Capitão della, e os mais principaes sahirão em terra, e fizerão grandes lamentos e rumores, de modo que todos os Mouros se juntárão, e forão fallar a ElRei, dizendo-lhe que nós tinhamos ajuntado em terra mais riquezas do que levaramos para o seu Reino, e eramos ladrões e roubadores, que andavamos pello Mundo; e tendo aprisionado aquella náo em o seu proprio porto, que se podia esperar que fizessemos dalli por diante? que assim elles se obrigavão a matar-nos todos, e Sua Alteza roubaria a casa da Feitoria ElRei como homem avaro disse logo que assim se fizesse, e emquanto nós, que não sabiamos nada do que se urdia, andavamos alguns pela terra tratando nos nossos negocios, de repente vimos vir todo o povo sobre nós, matando e ferindo o que tendo sido participado aos da Feitoria sahirão logo em seu socorro, de modo que nesta praia matamos sete ou outo, e elles dous ou tres dos nossos. Eramos cousa de setenta homens de espada, e capa, e elles hum numero infinito com lanças, espadas, rodelas, arcos e frechas; e apertarão-nos de modo, que foi necessario refugiarmo-nos na casa da Feitoria: mas não o fizemos tanto a salvo, que sinco ou seis não ficassem feridos; e assim fechámos a porta com muito trabalho. Os Mouros combatião por todos os lados a casa, que era cercada de hum muro da altura de hum homem a cavallo; achavamo-nos nós com sete ou outo béstas com que matamos hum montão de gente, mas nisto tendo-se ajuntado mais de tres mil homens de peleja, içamos huma bandeira para que nos mandassem socorro das náos. Immediatamente vierão os ba-

teis até junto da praia, e dalli atiraram com as suas bombardas, mas não podião fazer mal algum. Os Mouros principiárão a arrombar as paredes da casa, de modo que no espaço de meia hora a deitárão toda por terra, ao som de trombetas e atabales, com grande vozaria, e muito prazer d'ElRei; o que podemos conhecer por causa de hum pagem seu, que aqui vimos. Vendo Aires Corrêa, que não tinhamos remédio algum em resistir, porque havia ja duas horas que combatiamos, tão asperamente que nos não podiamos sustentar; determinou que nos recolhessemos á praia, rompendo por meio delles, para vêr se nos podiamos salvar em os bateis, e assim o fizemos; chegando a maior parte dos nossos até meter-se na agoa, sem que os bateis ouzassem avisinhar-se para recebe-los; e assim por falta do socorro matárão Aires Corrêa, e com elle sincoenta e tantos homens; e nós podemos escapar sendo por todos vinte pessoas, porém muito feridos, e entre estes fugiu hum filho de Aires Corrêa de idade de onze annos: assim quasi afogados entramos nos bateis cujo Capitão era Sancho de Tovar, porque Pedro Alvares estava doente, e chegamos ás náos. Quando o Capitão mór vio esta destruição e máo recado, mandou aprizionar dez náos de mouros, que estavão no porto, e fez matar toda a gente que nellas se achava, que serião de quinhentos a seiscentos homens; e achámos vinte ou trinta, que se havião escondido no fundo por baixo das mercadorias, e assim roubámos e saqueamos o que tinhão dentro; achando n'huma tres elefantes, que matamos e comemos. As náos depois de descarregadas forão todas queimadas: no dia seguinte chegárão a terra todas as nossas embarcações, e bombeárão a Cidade de maneira que lhe matamos infinita gente e fizemos muito dano. Elles nos respondião com bombardas, mas com muita frouxidão; e estando nisto passarão duas náos ao largo, que hião para Pandarame, daqui sinco legoas de distancia, e vendo-nos forão varar em terra de companhia com outras sete náos grandes, que já ahi estavão em seco, e deitarão muita gente

em terra, pelo que tambem as bombardeámos, e lhe matamos grande parte da matalolagem que ainda tinhão; mas não as podemos aprizionar por estarem muito em seco. Depois disto feito determinou Pedro Aluares hirmos a Cochim aonde carregamos as náos.

CAPITULO XVIII

Como hindo para Cochim, reino trinta legoas distante de Calicut, queimamos duas náos que vinhão carregadas daquele reino, e como ElRei de Cochim teve grande prazer com a nossa chegada.

Partimos para Cochim distante trinta legoas de Calicut; (22) he Reino diverso cujos Povos são Idolatras e uzão da mesma lingoagem; e seguindo a nossa derrota achámos duas náos de Calicut, carregadas de arroz; fomos direitos a ellas e os Mouros fugirão para terra nos bateis e nos deixarão as náos: vendo o Capitão que não levavão mercadorias, as mandou queimar; e com isto chegámos a Cochim aos vinte e quatro de Dezembro, e lançamos ançora na embocadura de hum rio. Pedro Alvares mandou a terra hum pobre homem de nação Guzarate, que por sua vontade partira de Calicut para vir a Portugal, (23) o qual disse ao Rei quanto nos tinha succedido em Calicut, e que o Capitão lhe mandava pedir carga para as naos, em cuja troca lhe podia dar dinheiro e mercadorias. Respondeo-lhe ElRei que sentia muito ter-lhe sido feita tamanha injuria, e que tinha grande prazer em termos vindo á sua terra, pois bem sabia quão boa gente eramos, e que assim faria tudo quanto quizessemos (24). O Guzarate lhe tornou que para a nossa gente hir a terra com segurança, precisava de algum penhor, o qual se dava homem por homem; que lhe mandasse alguns dos seus, e logo os nossos desembarcarião. O Rei mandou logo dous homens dos principaes com outros mercadores, e algumas amostras de especiarias e os seus preços, com hum recado ao Capitão mor que fizesse tudo o que lhe agradasse: este mandou logo o Feitor a terra, com quatro ou sinco homens

para fazer as compras, [25] retendo todavia os outros para penhor, e tratando-se muito bem; trocavão-se porém todos os dias, porque todos os homens destes Paizes não comem no mar, e se por ventura comessem não poderião mais ver o Rei: aqui nos demoramos doze ou quinze dias carregando as náos.

CAPITULO XIX

Como veio huma armada de Calicut para combater os portuguesces, e chegamos ao reino de Cananor cujo rei nos fez grandes ofertas, e mandou logo dar a canela que nos faltava para completar a carga.

Algum tanto affastado de Cochim está hum lugar chamado Carangolor, aonde ha Christãos, Judeos, Mouros e Cafres; e neste lugar achamos huma Judia de Sevilha; a qual veio pela via de Cairo e de Meca; e aqui vierão tambem ter comnosco dous outros Christãos, os quaes diziam que querião passar a Roma, e dahi a Jerusalém [26]. O Capitão mór teve grande prazer com estes dous homens, e estando as náos ja quasi carregadas, veio de Calicut huma Armada de outenta ou outenta e cinco velas, entre as quaes vinte e sinco muito grandes. Como o Rei teve esta noticia mandou logo dizer ao Capitão mór, que se queria combater elle lhe mandaria náos e gente: Pedro Alvares respondeo-lhe que não era necessario; e a Armada inimiga por ser já noute surgio distante de nós cousa de legoa e meia. O Capitão mor assim que escureceo de todo mandou dar á vela, levamdo comsigo os homens que tinha em penhor; porem o vento acalmou de todo: no dia seguinte, que erão dez de Janeiro de mil quinhentos e hum, podemos adiantar-nos para elles e elles para nós, de modo que depressa nos ajuntamos. Estando Pedro Alvares determinado a combatellos, e na distancia de hum tiro de bombarda, reparou que Sancho de Tovar segundo Capitão com a sua náo, e outro navio tinhão ficado para traz; e vendo assim que não estavão em ordem [illegible],

os outros Capitães tomar o rumo de Portugal, para onde tinhamos o vento em pôpa. A Armada de Calicut seguiu-nos todo aquelle dia, e huma hora depois de noute, até a perdermos de vista: então o Capitão mór determinou partir para Portugal, deixando os seus sete homens com o Feitor em terra, e levando comsigo os dous de Cochim, os quaes principiámos a acariciar pedindo-lhes, que quizessem comer pois erão já três dias passados sem terem tomado alimento algum; e com effeito comêrão com grande pena e paixão, e nós seguimos a nossa jornada. Aos quinze de Janeiro chegámos a hum Reino áquem de Calicut, chamado Cananor, (27) que he de Cafres; e tem huma linguagem quasi como a de Calicut, e passando por elle mandou ElRei dizer ao Capitão mór, que tinha grande desprazer em não abordarmos no seu Reino, e que assim lhe rogava lançassemos ferro, pois se não levassemos carga elle no-la daria. Vendo isto Pedro Alvares ferrou as vélas e mandou hum Guzarate a terra e dizer-lhe que as náos estavão carregadas e não tinha necessidade senão de cem bahares de canella, que são quatrocentos quintaes, os quaes logo se lhe mandárão com muita brevidade; fiando-se ElRei muito de nós. O Capitão mór fez immediatamente pagar tudo, e foi depois trazida tanta que já não havia onde a meter. ElRei mandou dizer a Pedro Alvares que senão a tomava por não ter dinheiro, nem por isso deixasse de carregar á sua vontade, que na viagem seguinte lhe pagaria; porque bem tinha sabido, como ElRei de Calicut o tinha roubado, e quam boa gente nós eramos. O Capitão mór lhe agradeceo muito o recado e mostrou ao mensageiro ou embaixador, tres ou quatro mil cruzados, que ainda nos restavão; e assim mandando-lhe ElRei perguntar se queria mais alguma cousa, lhe respondeo que não, salvo que mandasse S. Alteza hum homem comnosco para ver as cousas de Portugal. ElRei mandou-lhe hum Gentil-homem; e os dous de Cochim, que tinhão ficado comnosco nas náos, escrevêrão ao seu Rei como vinhão para Portugal, e do mesmo

modo o fez Pedro Alvares ao Feitor, que lá tinha ficado. Não nos demorámos aqui mais que hum dia, e principiámos a atravessar o golfo para Melinde; no ultimo de Janeiro estavamos no meio delle, e encontrando huma náo de Cambaya a aprizionámos julgando ser de Meca: vinha ella muito rica e carregada com mais de duzentos homens e mulheres: quando o Capitão mór vio que erão de Cambaya deixou-os seguir a sua viagem excepto hum Piloto que lhe tirou, e assim partirão elles pelo seu caminho, e nós pelo nosso.

CAPITULO XX

Como a náo de Sancho de Tovar carregada de especiaria deo em seco, e se abrio de modo que não se salvou nada se não a gente em camiza

Aos doze de Fevereiro quási à boca da noute, todos os pilotos e aquelles que tinhão cartas de navegar, dizião que estavamos juntos a terra; e Sancho de Tovar que era Capitão de huma náo grande, disse que queria hir adiante de todos; mandou deitar fora todo o pano, e se poz adiante das outras: pela volta da meia noute deo elle em seco e principiou a desparar a artelharia. Quando o Capitão mor vio isto mandou ferrar; mas o vento cresceo tanto pela noute adiante, que o não podiamos agoentar; logo que elle amainou, mandou Pedro Alvares os batéis á náo, com ordem de a salvar se podessem, e se não, queimarem-na voltando com a gente. Neste tempo estava já a náo aberta, e posta em paragem donde não podia sahir; e o vento crescia tanto, que as outras estavão em grande perigo; de modo que foi necessario muito trabalho para salvar a gente em camiza, tudo o mais se perdeo. A náo era de duzentas toneladas, carregada de especiarias; e tendo ella ardido partimos dalli sòmente em número de sinco, e passámos por Melinde aonde não podemos entrar: depois viemos a Moçambique aonde fizemos agoada, tomamos lenhas e espalmámos as embarcações. Por ordem do Capitão mór partio dalli Sancho de Tovar em hum navio mais pequeno, com hum Piloto que

tinhamos tomado, a fim de reconhecer a Ilha de Çofala, ([23]) e nós depois de reparados, partimos em numero de quatro náos, e fomos dar a huma angra aonde fizemos huma grande pescaria de pargos, e partidos de lá tivemos huma tormenta, que nos fez voltar para traz em arvore seca, perdendo neste meio tempo huma náo de vista, por maneira que ficámos sómente tres.

CAPITULO XXI

Como de toda a Armada que foi para Calicut voltárão a Portugal sómente seis náos; do paiz de Besenegue e da ilha de Cofala.

Chegamos ao Cabo de Boa Esperança dia de Pascoa de flores, e ahi achámos bom tempo, com o qual viajámos para diante e abordámos na primeira terra junta com Cabo verde que se chama Besenegue aonde achámos tres navios, que ElRei de Portugal mandára para descobrir a terra nova, que nos tinhamos achado quando hiamos para Calicut. Estes nos derão noticias da náo que se tinha esgarrado quando hiamos para lá, a qual foi até á embocadura do estreito de Meca, e chegou a huma cidade aonde lhe tirárão o batel com toda a gente que tinha; e assim vinha a náo sómente com seis homens a maior parte doentes, e somente com a agoa que podião ajuntar quando chovia. Partindo daqui chegámos a esta cidade de Lisboa no fim de Julho: hum dia depois chegou a náo que perdemos de vista quando voltavamos, e igualmente Sancho de Tovar com a Caravella que foi a Çofala; que elle disse ser huma pequena Ilha na embocadura de hum rio; e que o ouro que alli vem, he de huma montanha aonde está a mina; he povoada de Mouros, e Gentios, que resgatão o dito ouro por outras mercadorias. Quando alli chegou Sancho de Tovar achou muitas náos de Mouros e tomou hum destes para refens de hum Christão da Arabia que mandára a terra, e polo qual esperou dous ou tres dias passados os quaes vendo que elle não voltava o deixou ficar vindo com o Mouro para Portugal; de modo que da Armada que foi a Calicut vierão seis náos, e todas as outras se perdêrão.

NOTAS

(1) Os navios eram 13, mas o autor não mete nesta conta o de Gaspar de Lemos que ia carregado de mantimentos e que Pedro Alvares Cabral expediu do Brazil para Portugal, com a notícia daquele tão importante descobrimento.

(2) Era o do capitão Luis Pires; passado algum tempo arribou a Lisboa, como dizem Barros e Castanheda.

(3) Barros e Castanheda assinalam o princípio desta tormenta no dia 23.

(4) O autor conforma-se aqui mais com Castanheda do que com João de Barros.

(5) Este anel, diz Barros, era o salvo-conduto que lhe enviava.

(6) Castanheda diz que Pedro Alvares Cabral chegou a Angediva aos 22 de Agôsto (obr. cit., liv. I, cap. XXXIV) mais correcta deve ser a data marcada por Barros segundo o qual Cabral chegou a Angediva "a vinte e tres d'Agosto vespera de S. Bartholomeu" (Dec. I, liv. V, cap. IV) pois que a 22 chegou a Goga.

(7) Já se iniciava o bloqueio. As naus de Meca "com a mesma necessidade e por melhor navegação, sempre hiam demandar aquella Ilha" (Barros—Dec. I, liv. V, cap. IV).

(8) "das quaes náos muitas eram já passadas, e algumas estavam em Calecut, onde Pedralvares as achou, e outras por esses portos de Malabar, fazendo seu proveito" (Barros—Dec. I, liv. V, cap. IV).

(9) "Pedralvarez mandou João de Sa, que era hum dos que forão na viagem de Vasquo da Gama, e por lingoa Gaspar da Gama que vinha com elle, pelos quaes mandou pedir licença a el Rei pera o ir ver, e dar as cartas, e presente que lhe trazia del Rei seu senhor, e pelo mesmo lhe mandou quatro Malabares dos que levara Vasquo da Gama vestidos à Portuguesa, do que el Rei de Calicut levou muito contentamento" (Damião de Goes — Chron. d'El-Rei D. Manuel, parte I, cap. LVIII).

(10) "todos apontados per Aires Correa per rol, que de cá do Reyno levava per industria de Monçaide, por estes serem dos principaes da terra, segundo tambem confirmáram, que D. Vasco da

Gama comsigo trouxe, os quaes Pedralvares levou pera lá deram nova da grandeza de Lisboa, e tráfego *das mercadorias* e *nâos*, que a ella concorriam, e hum destes arrefens era o Catual, que tanto trabalho deo a D. Vasco da Gama (como dizemos atrás) e *os dous mais principaes, ambos Officiaes da fazenda d'ElRey*, haviam nome Peringóra Raxemenoca todos homens já de dias, e mui religiosos na sua gentilidade" (Barros—Dec. I, liv. V, cap. IV).

(11) "Porque os mouros a que pesaua muyto desta vista pelo effeito dela, trabalhauão quanto podião com el rey que não desse os arrefens, dizendo lhe que não fizesse tal cousa, que se os desse ficaua nisso desonrrado, porque parecia que Pedraluares não se fiava dele. o que era grande abatimẽto de sua pessoa "(Castanheda—obr. cit, liv, I, cap. XXXIV)". "Todavia houve de conceder em os dar, e assi no modo das vistas como Pedralvares quiz, porque o temor da gente, naos e artilheria, que via ante si, lhe fizeram cumprir o que negava per vontade" (Barros—Dec. I, liv. V, cap. IV).

(12) " E este modo, e lugar foi em hum cerame, que estava sobre o mar, que como hum eirado cuberto, armado sobre madeira muito bem lavrada, onde os Reys por seu passatempo, e recreação ás vezes vinham dar huma vista ao mar. O qual cerame El Rey mandou aparamentar de panno de seda, segundo o uso, que elles tem nestes actos de vistas com pessoas de estado, e tudo mandou fazer de maneira, que parecese vir elle áquelle lugar mais por seu prazer, e por folgar de ouvir aquella embaixada, que por outro algum temor " (Barros—Dec. I, liv. V, cap. IV).

(13) "Como estas vistas, que Pedrálvares tinha assentado com o Çamorij eram huma mostra per que se podia julgar a policia, e riqueza deste Reino, mandou aos que estavam apontados pera sahir em terra com elle que se vestissem, e atabiassem do seu, e do emprestado o melhor que pudessem. O que todos fizeram á competencia de quem levaria mais seda, mais joias, e nos bateis cada Capitão mais bandeiras, com todolos instrumentos de tanger, sem tiro algum de artilheria, por não assombrar aquella gente no acto de tanta festa E elle Pedralvares hia vestido com huma opa de bracado, e o mais que dizia com ella trazjo que naquele tempo era muy usado neste Reyno " (Barros—Dec. I, liv. V, cap. V). E' que os presentes modestos de Vasco da Gama tinham sido, como vimos,

desprezados na côrte do rei de Calicut. A embaixada d'ElRei de Portugal devia revestir-se da pompa e do fausto oriental. O contacto do Ocidente com o Oriente determinava o intercambio de idéas e costumes.

(14) "O Çamorij, depois que lha interpretáram do Aravigo em que hia escrita, disse a Pedralvares, que por aquella Carta d'ElRey de Portugal tinha entendido sua boa vontade; e como elle Capitão era enviado áquelle seu porto pera tratar cousas de paz, e amizade com elle, e assi do comercio das especiarias; e que acerca destas, e outras cousas, que elle Capitão trazia em sua memoria, lhe podia dar fé, e por todas serem da vontade delle mesmo Rey seu Senhor, elle podia praticar em algumas, ou ficassem pera outro dia, se lhe a elle bem parecesse. Pedralvares por estar avisado que todo este Gentio he subjecto a muitos agouros, e se atravessa huma gralha, ou qualquer cousa que se lhe antolha, leixa tudo, dizendo, que não he boa hora pera negocio, principalmente quando lhe a elles não contenta, e sobre isso são mui taxados na prática, receando que lhe podia isto acontecer, em breves palavras disse, que a causa de sua vinda, e comquantas náos partira deste Reino, e as que perdêra, e a mercê que ElRey fizera a D. Vasco da Gama por descubrir aquelle caminho. Finalmente, que aquellas náos vinham alli a dous fins: o primeiro, pera que se elle Çamorij tivesse alguma necessidade de gente, ou armas para defensão de seu Reyno, que ElRey seu Senhor mandava que lhas offerecesse: o segundo fim era pera as carregar de especiaria, pera compra da qual trazia ouro, prata, e muitas mercadorias de toda a sorte que naquellas partes serviam. E porque elle Pedralvares tinha sabido que sua Real Senhoria estava em paz com seus vizinhos, cessava a primeira causa da vinda das náos, e elle Çamorij ficava na obrigação da segunda, pois já lhe era manifesto por duas Armadas, que El Rey D. Manuel tinha mandado áquelle seu porto, quanto nisso podia deffender, tudo afim de querer ter amizade, e commercio com elle. Por tanto lhe pedia por mercê, que ordenasse como lhe fossem dadas as casas, que lhe já dissera Aires Correa, pera elle Feitor se vir a ellas com os officiaes da fazenda delRey, e trazerem as mercadorias, que vinham em as náos pera aquelle mister, do qual negocio Aires Correa, depois que esteve em terra, daria razão aos seus Officiais pera elles sobre isso faze-

(18) "Soube elle (Coje Comecerij) que de Cochij (Cochim), huma Cidade obra de vinte leguas dalli, era sahida huma náo, a qual vinha da Ilha Ceilão, e trazia sete Elefantes que levava por mercadoria ao Reyno de Cambaya, e era de dous mercadores do mesmo Cochij, a que chamavam Mamale Mercar, e Cherina Mercar. Esta náo como havia de passar á vista das nossas, pareceo-lhe que com ella podia executar seu odio a nossa custa; porque per qualquer via que travassem com ella, por ser náo muito poderosa de até seiscentos toneis, receberiam os nossos muito damno; e quando o ella recebesse, ficavam em odio com os mercadores de Cochij, e de toda aquella costa, com que não achassem acolheita em porto algum. Com a qual tenção foi-se a Aires Correa, e simulando que lhe fazia nisto serviço, disse-lhe como elle tinha recado, que do porto de Ceilão partira huma náo, a qual vinha carregada de toda sorte de especiaría, que bem poderia carregar duas das nossas, e hia pera Méca, e de caminho havia de tomar algum gengivre em Cananor. E por quanto a maior parte desta fazenda era de mercadores de Méca, de quem elle tinha recebido certas offensas, e o Camorij de serviços, lhe confessava que teria contentamento de a tomarem, e o Çamorij folgaria muito com isso, principalmente por nella hir hum Elefante, que o mesmo Çamorij muito desejava, o qual lhe não quizeram vender, e o levavam pera baldear em Cambaya. E como isto eram appetites de Principes, e tambem haviam por affronta das terras da sua jurisdição, levarem pera outras alguma cousa com seu desprazer, e mais desejando-a elle, verdadeiramente podia elle Aires Correa crer, se ordenasse Como o Çamorij houvesse aquelle Elefante, daria por elle carga de pimenta a duas náos. E que deste aviso, que lhe dava, huma só mercê queria delle, que lhe mantivesse segredo, porque naquella Cidade de Calecut havia alguns mercadores, que tinham trato com estes de Méca; sabendo como sua mercê era sabedor desta náo lhe mandariam aviso com que se falasse. E tambem não os queria ter por imigos, sabendo ser elle o auctor disso; e que desta verdade que lhe descubria, não dava mais penhor de ser assi, senao a mesma náo, que seria alli ante de dous dias, como veria se a mandasse vigiar; e ainda teve tal modo, que fez com o Çamorij, que mandasse hum recado a elle Aires Correa sobre este Elefante, dizendo quanto contentamento teria

Cemecerij, mandou-se gravemente a queixar a ElRey per Aires Correa. E porque desta vez, que Aires Correa lá foi, repetio muitas vezes que os Mouros, davam carga de noite ás náos de Méca, que estavam naquelle porto, vio-se o Çamorij tão apertado delle, que lhe disse, que se elle tinha por certo que os Mouros davam de noite carga ás náos de Méca, que a mandasse o Capitão mór tomar, porque elle dava pera isso licença, e que per aqui cumpria com o Capitão mór nos queixumes, que lhe mandava fazer de seus Officiaes. Porque se assi era que elles davam azo a que os Mouros carregassem de noite os Mouros perderiam a pimenta que tinham carregada, e seus Officiaes haveriam bom castigo, e com isto espedio Aires Correa; o qual como andava desta presumpção que as náos de Méca, que estavam no porto, tinham carga de pimenta, não cuidou que na licença que levava d'elRey tinha pouco despacho. Do qual caso foi logo dar conta a Pedralvares, e assentou com elle, que ao seguinte dia, que eram dezeseis de Novembro, dessem em rompendo alva os bateis em huma náo, que havia suspeita estar carregada; e achando-lhe pimenta, a tirassem do porto, o levassem a bordo das náos pera a baldear nellas, com fundamento de a pagarem a cuja fosse, sem embargo de lhe ElRey dizer que a tomassem, por pena de elle ter mandado que ante das nossas náos, haverem carga, nenhuma náo a tomasse; o qual negocio succedeo mui mal, porque a náo estava carregada de mantimentos, e tudo foi industria dos Mouros por indignarem a gente da terra contra nós, como fizeram, cá não houve mais detença que entrados os nossos em a náo, como hiam com aquelle alvoroço de gente de guerra, e mais com odio que tinham aos Mouros peró que não achassem pimenta, começaram de revolver a náo, da qual fugindo os Mouros, que nella estavam, deram rebate em terra, fazendo tamanho aluoroço na Cidade, que começaram matar alguns dos que estavam com Aires Correa os quais andavam seguros por ella. Aires Correa quando sentio a revolta, e vio vir hum tropel de gente sobre alguns, que se vinham amparando, acudiu aos recolher já muito feridos da multidão dos Mouros, e Gentio, que os perseguiam; mas pouco aproveitou a elles, e a elle antes foi a causa de o matarem mais cedo, e a muitos dos que estavam com elle dentro das casas, porque entraram todos de volta, sem lhe darem tempo de se poder entreter com as portas fechadas,

té que das nàos lhe acudissem, posto que no alto da casa foi per hum dos nossos arvorada huma bandeira, que era final de haverem mister soccorro. Pedralvares a este tempo estava com a sezão das quartãs; e quando lhe disseram que nas casas da Feitoria era arvorada bandeira, e que havia gente derredor della, pareceo-lhe que seria algum arroido dos nossos, e como a cousa particular, mandou dous bateis que acudissem. Peró depois que lhe disseram que as casas estavam todas cercadas, e que isto parecia furor do povo, a grão pressa mandou os Capitães com todolos bateis, e a mais gente que pudessem levar. Mas foi a tempo que já nas casas não havia vivo nenhum dos nossos; e alguns, que se quizeram acolher ao mar, vinham os Mouros, e Gentios ás frechadas, e lançadas pola praia, sem lhes darem tempo pera embarcar. E ainda pera se melhor vingarem delles, os Mouros, que ordenaram esta maldade, a noite passada tiveram esta industria: mandaram fazer a praia em montes de area, e covas donde tiráram os montes; porque querendo-se os nossos acolher aos bateis, quando viessem trás elles, isto lhe fosse impedimento pera se não recolher tão prestes, e entre tanto os matariam ás fréchadas. Neste recolhimento de tanto trabalho escapou Fr. Henrique com algumas feridas polas costas, o qual como purissimo Religioso que era, as recebeo em lugar de martyrio, e assi escaparam quatro Frades dos seus. Nuno Leitão Capitão do navio Annunciada, vendo vir Antonio Correa filho de Aires Correa moço de até doze annos, do qual por sua pouca idade os Mouros não faziam conta, metteo-se em meio delles, e polo salvar ás costas, foi primeiro mui bem ferido. E posto que este Cavalleiro Nuno Leitão, (que depois alguns tempos servio d'Almoxarife do armazem das Armas), per si não vingasse este damno que aqui recebeo, Antonio Correa o fez em mui honrados feitos nestas partes, em que tambem vingou a morte de seu pai. E certo que se o impeto, com que os Mouros, e toda gente da Cidade commetteo a casa, elles seguíram alguns dos nossos, que tiveram lugar pera vir buscar a praia, não escapáram obra de vinte pessoas de sessenta que eram em terra. Mas como toda a furia parou em furtar a fazenda, que Aires Correa lá tinha, tiveram espaço pera escapulir da casa os que vieram demandar a praia, dos quaes ainda alguns ficaram alli mortos, e os outros mui mal feridos, e quatro, ou sinco se escondêram em casa

de Coge Baquij nosso amigo. Quando Pedralvares vio ante se aquella gente tão mal ferida, e soube que tudo procedêra da tomada da náo per conselho de Coge Cemecerij, e que elle accendêra aquelle fogo, havendo-se por agravado de Aires Correa por algumas palavras, que lhe disse sobre o engano da náo dos Elefantes, disse áquelles Capitães, que eram presentes: Louvado seja Deos! pois he mais poderoso pera vos destruir hum amigo simulado, que um imigo descuberto. Aires Correa tinha por amigo aquelle Mouro Cemecerij, e confiava em suas palavras, e eu descançava, nas suas, e assi elle morreo desenganado já delle, e eu morro, porque enganei a muitos, parecendo-me que acertava em seguir seu parecer. Verdadeiramente ainda que elle morreo como Cavalleiro, e os outros que com elle vam, e todos por servir El-Rey Nosso Senhor acabáram em bom lugar, e eu lhe tenho mais inveja á sua morte, do que se pode ter a estas minhas quartans: todavia dera por huma hora de vida de Aires Correa dez annos da minha, somente pera o poder arguir em algumas cousas destas que eu adivinhei, e me elle não cria. Porém pois aprouve a Nosso Senhor que viessemos a estar com este Çamorij em peior estado do que estavamos ao tempo de nossa chegada, tomemos este desastre á conta dos mortos, pois acabáram nelle, e á nossa por principio de bom despacho, pois nos dá causa a não dissimular quantos enganos ha tres mezes que soffremos. Finalmente pratizando Pedralvares com os Capitães o modo, que haviam de ter pera tomarem conclusão com o Çamorij, depois que se trouxeram muitos inconvenientes de huma, e d'outra parte, assentaram que nenhum outro conselho era mais proveitoso que as armas, cá dissimular enganos ainda que fizeram mal, não era tão manifesta injuria como morte de tanta gente. E vendo ElRey, e os da terra que não acudiam a isso com grande impeto de vingança, ante que arrefecesse o sangue daquelles, que alli perecêram, haveriam serem elles homens, que por injúrias faziam pouco, e por cubiça muito. Porém aquelle dia não podia ser, e era mais proveitoso ser ao outro, por duas causas: a primeira, por lhe darem azo a que se mettesse alguma gente em guarda das náos, e quanta mais fosse, mais culpados haveriam castigo; e a segunda, por lhe ficar o dia todo inteiro pera d pois de queimadas as náos esbombardearem a Cidade. Posto conselho em obra, foram queimadas mais de quinze vélas (

tavam juntas no porto em que entravam oito náos grossas, a maior parte das quaes estavam carregadas de mantimentos daquella costa Malabar, em cuja entrada morreo muita gente, que estava em guarda dellas. Acabado este incendio das náos, começou outro da nossa artilheria, que foi varejar a Cidade, não fazendo aquelle dia, e o seguinte outra cousa, com que muita parte della ficou damnificada, e segundo se depois soube em Cochij, àssi desta artilheria, como em as náos, morrêram mais de quinhentas pessoas.

Feito este estrago naqueles dous dias, quando veio o terceiro, mandou Pedralvares que se não fizesse mais damno, dando aquelle dia por tregoa, parecendo-lhe que enviasse ElRey algum recado; mas quando vio que estava mais indignado que arrependido do feito da morte de Aires Correa, e dos que com elle morrêram, fez-se á véla caminho de Cochij." (Barros—Dec. I, Liv. V, Cap. VII).

(22) "O qual lugar he cabeça de hum Reyno assi chamado, que está abaixo de Calecut contra o Sul pela mesma costa trinta leguas, e nelle, segundo Gaspar da India affirmava a Pedralvares, havia mais pimenta que em Calecut, posto que o Rey fosse menos poderoso, e não tão rico como elle. E a causa era, por em Cochij naquelle tempo haver pouco trato, e poucos Mouros, que eram os que Pedralvares mais receava, por damnarem todas nossas cousas, do qual Reyno, e assi dos outros desta costa Malabar, onde pelo tempo em diante fizemos fortalezas, e tivemos commercio, em outras parte mais propria desta relação escrevemos particularmente. Posto Pedralvares em caminho via de Cochij, por esta informação, que lhe Gaspar da India deo, topou duas náos, que, segundo parecia, e se depois soube, vinham do mesmo Cochij, e dando-lhe caça pera saber se eram de Calecut, foram-se metter no rio de Panane doze leguas de Calecut entre outras náos, que ahi estavam surtas, as quais elle leixou, temendo ser já aquelle lugar d'El-Rey de Cochij, e fazendo-lhe algum damno, podia fazer outro segundo escandalo, como fez na tomada da náo dos Elefantes, que Coge Cemecerij maliciosamente fez tomar. Com a qual cousa elle hia temeroso, parecendo-lhe ter nisso offendido a El-Rey de Cochij, e tomando estoutras, achallohia mais em termos de guerra que de paz. E se leixou estas, mais

adiante na paragem de Cranganor tomou duas que vinham com mantimentos pera Calecut; e por saber por os Mouros que as navegavam, serem d'outros da mesma Cidade, com a qual ficavam em odio as queimou." (Barros—Dec. I, Liv. V, Cap. VIII).

(23) "Chegado ao porto de Cochij, que seria dalli sinco leguas, porque soube que El-Rey estava em huma pouoação mettida pello rio assima, mandou a elle hum Bramane dos daquela costa Malabar, o qual era de huns, que tomam por religião andarem em penitencia por todo o Mundo, nús, com humas cadeias derredor de si, cheios de bosta de vacas por mais desprezo de suas pessoas; e geralmente os que tomam esta vida, se são do genero Gentio, chamam-lhes Joques; e se são Mouros, Calandares, do qual modo de religião escreveremos adiante, e principalmente em os livros da nossa Geografia. Este, ou que o costume da vida de peregrinar per terras estranhas, ou que verdadeiramente o seu zelo era desejar salvação, estando Pedralvares em Calecut, no tempo que Fr. Henrique procurava a conversão de alguns Gentios, veio-se a elle, dizendo, que queria ser Christão, e vir com elle pera este Reyno, ao qual deram Baptismo, e houve nome Miguel. ElRey de Cochij, posto que já tivesse sabido muita parte das cousas, que os nossos passáram em Calecut, e tambem estivesse informado per os dous irmãos, cuja era a náo dos Elefantes, do que Pedralvares fez, e disse ao seu Capitão: além desta informação, obrou tanto o que Miguel disse, que houve ElRey de Cochij que os mouros de Calecut, e o Çamorij em lho consentir tinham feito grande traição contra os nossos, e muito damno a si, por ser gente, que se ganhava mais em os ter por amigos, que annojados." (Barros—Dec. I, Liv. IV, Cap. VIII.)

(24) Finalmente por esta razão, e outras de paixões, e differenças, que entre elle, e o Çamorij havia, e principalmente por causa do seu proveito, que elle tenteou, houve que nenhuma causa fazia mais a seu proposito, que dar carga de especiaria ás nossas náos, e estimou em muito irem ter a seu porto, porque com isto fazia duas cousas, ganhar nossa amizade pera nos ter contra o Çamorij, quando lhe cumprisse, e a segunda, que haveria das nossas mãos muitas, e boas mercadorias, e dinheiro em ouro, (segundo lhe contava Miguel,) que he o nervo, que sustem os estados no tempo de sua necessidade. Consultado o qual negocio entre os seus, não sómente

este foi o parecer dos Gentios, mais ainda de alguns Mouros, principalmente dos dous irmãos, que tinham recebido aquella náo de Pedralvares, que foi huma obra, que muito ajudou a nosso despacho. Porque ElRey grande parte della poz á sua conta, sabendo que Pedralvares por sua causa a soltára, sendo tomada de boa guerra, e mais entre os Mouros irmãos, havia já presumpeão dos artificios, que sobre esta náo tivera Coge Cemecerij, quando souberam como em Cananor á sua propria custa mandára metter dentro gente nella pera a defender, não estando elles muito correntes na amizade. E conforme a esta determinação, trouxe Miguel resposta d'ElRey a Pedralvares, dizendo, que sua vinda fosse mui boa, e que lhe pezava muito dos damnos, e trabalhos, que tinha recebido em Calecut; que verdadeiramente se elle não fora informado per pessoas dignas de fé, que a culpa destas cousas procedêra do Çamorij, elle puzera muita dúvida em lhe dar acolheita naquelle seu porto, quanto mais carga de especiaria, por esta ser a lei de boa vizinhança, acudir ás injurías dos vizinhos, e mais sendo feito per pessoas tão estranhas em religião, costumes, e patria, como eram os Portugueses á gente Malabar. Mas como elle Rey ficava desobrigado deste adjutorio ao Çamorij, por ser causas contra a lei, e verdade, que se deve aos estrangeiros, que trazem bem, e proveito ao proprio Reyno, elle Pedralvares podia seguramente esperar delle tudo em que o pudesse ajudar. Pedralvares, porque esta entrada de boas palavras sempre a ouvio naquelles Reys com que tiveram prática, ensinado no fim que com elles teve, usou com este de alguns resguardos sobre o negocio da carga da especiaria. Porém não quiz tratar com elle que se vissem, porque o tempo era mui breve pera se partir via deste Reyno, e elles nestas vistas serem mui supersticiosos ácerca da eleição dos dias, em que devem contratar, assi que per evitar estes incovenientes, com que podia perder muito tempo, veio logo com elle a conclusão de dar carga da especiaria que promettia. Finalmente, sem haver entre elles mais cautelas, mandou ElRey quatro pessoas honradas da linhagem dos Bramanes por arrefens de nove pessoas, que Pedralvares." (Barros—Dec. I, Liv. V, Cap. VIII.)

(25) "Mandou a terra pera refeitorizar a carga, Gonçalo Gil Barbosa pera Feitor, Lourenço Moreno, e Bastião Alvares por seus Escrivães, e Gonçalo Madeira de Tangere por lingua, e os outros

eram degradados, e homens da Feitoria; porque era aquella gente Malabar tão suspeitosa, que houve Pedralvares por mais seguro mandar menos gente que mais · e aprouve a Deos que assi se contentáram elles dos nossos, que geralmente todos, assi os Officiaes d'ElRey, quo eram Gentios, como os mercadores Mouros, andavam a quem dariam melhor aviamento á carga. A qual cousa dava muito contentamento a Pedralvares, posto que em alguma maneira os arrefens lha entretinham por causa da sua religião, que não haviam de comer em a náo, onde Pedralvares os tinha, té virem a terra a se lavar do tocamento que tiveram com os nossos; e em quanto hiam comer huns, vinham outros em seu lugar, cousa, que atormentava muito a Pedralvares ver os vagares com que isto faziam. Com tudo, em espaço de vinte dias aqui, em Cochij, e no rio Cranganor, que será dalli sinco leguas mais assima contra o Norte, carregáram todalas náos muita pimenta, e algumas drogas, sómente gengivre, que depois foram tomar a Cananor." (Barros—Dec. I, Liv. V, Cap. VIII).

(26) "E neste porto de Cranganor acháram os nossos, quo alli foram carregar, muitos Christãos de S. Thomé, por elle leixar naquelle lugar algumas Igrejas feitas no tempo que alli prégou o Evangelho, da qual denunciação, e gente, que converteo alli, e em Choromandel, onde foi a principal habitação sua, adiante fazemos relação, e principalmente em a nossa Geografia. Dos quaes Christãos de Cranganor, dous chamados Mathias, e Josepe irmãos, segundo elles diziam, doctrinados per Bispos Armenios, que alli residiam, quizeram vir com Pedralvares a este Reyno pera passarem a Roma, e dalli a Jerusalem, e Armenia a ver o seu Patriarca. Porem o Mathias depois de ser neste Reyno faleceo, e Josepe foi ter a Roma, e a Veneza, e do que lá disse da sua christandade, e costumes, os Italianos, que nisto são mais curiosos que nós, fizeram hum summario, que está incorporado em hum volume Latino, intitulado Novus orbis, onde andam algumas das nossas navegações, escritas não como ellas merecem, e o caso passou. *Tornando á carga da especiaria, que os* nossos faziam per modo tão pacifico, neste tempo correo por toda aquella costa Malabar nova da nossa Armada, e das cousas que passáram em Calecut, a qual nova parece que não foi tanto em louvor do Çamorij, como nosso, havendo todos que usara de traição em mandar matar os homens, que debaixo da fé delle estavam em terra tratan-

do em cousas do commercio, e não de guerra, dizendo todos, que não mandara fazer tal insulto mais por lhe roubar a fazenda, que por outra alguma culpa." (Barros—Dec. I, Liv. V Cap. VIII).

(27) "E porque, (segundo dissemos,) este Çamorij era como Emperador naquella região Malabar, (de que ao diante mais particularmente diremos a causa,) e os outros Reys vizinhos soffriam mui mal esta sua potencia, principalmente ElRey de Cochij, que demarcava com elle pela parte debaixo contra o Sul, e ElRey de Cananor pela sima do Norte, desejavam todos sua destruição, e haver ahi causa pera isso. A potencia do qual Çamorij, como procedia do commercio das especiarias, que se faziam no seu porto de Calecut, e elle tinha modos de avocar a si todalas náos dos Mouros, que vinham áquelle trato, do qual commercio estoutros Reys gostavam pouco, por isso vendo as nossas náos na India, com a informação que tinha do proveito que dellas podiam receber, e odio, em que os nossos estavam com o Çamorij, cada hum desejava de os recolher pera si. Donde se causou, que ElRey de Cananor, e os Governadores de Coulão, Reyno que confina com Cochij pela parte de baixo contra o Sul, mandáram seus mensajeiros a Pedralvares Cabral, pedindo-lhe, que quizesse ir a seus portos, porque elles lhe dariam toda a carga de especiaria que houvesse mister...

Pedralvares posto que geralmente espedio estes mensajeiros que a elle vieram, escusando-se de ir tomar a especiaria, que lhe vinham offerecer, todavia em particular mandou dizer a ElRey de Cananor, que de caminho elle passaria pelo seu porto, e tomaria algum gengivre, que entre tanto lho mandasse ter prestes." (Barros—Dec. I, liv. V, cap. VIII).

(28) "E porque quando deste Reyno partio. ElRey D. Manuel ordenou que Bartolomeu Dias, e Diogo Dias seu irmão fossem á Mina de Çofala discubrir, e assentar aquelle resgate, o qual negocio não houve effecto por se perder Bartholomeu Dias no dia, que se perdêram outras tres vélas, e Diogo Dias era desapparecido, mandou Pedralvares a este negocio Sancho de Toar em hum dos navios pequenos, dando-lhe regimento do que devia fazer." (Barros—Dec. I, liv. V, cap. IX).

V—Carta de la Faitada

(26 de Junho de 1501)

Documento n.º 8

Questa é copia di una letera di Zuan Francesco de La Faitada, scrita in Lisbona, a di 26 zugno 1501, drizata in Spagna, a sier Domenego Pixani, el cavalier, orator nostro la qual per sue de X luio, la mando in questa terra.

Magnifice orator etc.

A questi zorni passati scrissi per Zuan Vesiga; poi in; questo zorno havemo vostra, per la qual ne cometé, li dagamo notitia de la expedition d l'armata d questo serenisimo re. Ben che per missier Cretico sara scrito a compimento, io voglio dar notitia a quela de la partita de questa armata, la qual partite de qui a li 17 zugno, et a li 18 fu in Lacus, terra de lo Algarius, che de qui a questa terra fanno 40 lige. Del qual loco de Lacus siamo avisati, luni passato la predita armada era ingrossata de molte nave et molta gente; e, secondo m'avisano per letere de domenica passata, del regno de Algarius montarano piu di 2000 homeni, oltra quelli che de qui andorono con le nave che partino. Lo effecto che questo re manda questa armada a questo loco del mori, é per pigllarlo; et eri che fo lo di de Sancto Joanne, havevano lo arsalto in terra. Questo é quanto, fin questo di, se intende de la prefata armata. Da pó se extima andara a suo camino, dove era deputada; che Dio li concieda vitória! La magnificentia vostra sapera, che eri, al tardi, vene uno de li navilij, che fu in zener fino a Coloqut (1) el qual loco si é quello donde si aspetava le spiziarie. Et perché so, quella havera piazer intendere le noveportano, faro notitia, como questo serenisimo re mando a lo dito loco de Coloqut 12 nave e navilij, de li quali g'é X soi, uno del signor don Alvaro, in compagnia de

Bortolo, fiorentino et Hironimo et uno genoese, l'altro del conte de Porta Alegra e de certi altrimerchadanti assai. In tutto sonno 12 tra nave e navilij, de li quali, a l'andata, (2) dē qui lontano 80 lige, una de queste nave del re se perdete, che de lei non s'é saputo mai novela; le altre 11, andorono a suo viagio, arivarono ad un loco, che se dimanda el Cavo de Bona Speranza. Un zorno de luio, da poi de disnar, li sopravene grande vento, in modo, che, per quella fortuna, se perdete altre tre nave di quele del re, e lo navilio del conte di Porta Alegra; si che non restorono se nom 7, le quale andorono piu avanti, tanto che arivono al Coloqut; tamen dicono, che avanti, giongeseno al Coluqut, discosto da lo ditto loco lontano 100 lige, arivono in uno loco: che lo re di quel loco li feze grande honor, e le mando refreschamenti di carne, agneli et altri presente. Zonti poi a Çoloqut, el capetanio vene a parlamento com quel re, e li feze, per nome di questo serenisimo re, presente de molte cosse, in modo che restorono grandi amici; e il capitanio se ne ritorno a la nave, e mando el fator general, com li altri deputati officiali, che havesseno a star li in terra, e comenzorono a contratar e faz partiti de sue mercantie. In quelo tempo se atrovava, in lo dito locho de Coloqut, la frota de le nave de' mori de la Mecha, che stavano per cargar specie. A uno giorno, limori con lo factor del re vegnirono a diferentia; dicendo l'uno, che volea cargar prima che l'altro; et li mori comenzorono a mazar di portogalesi da 25 in 30 de li principali, intra li qual fu lo factor general e scrivani, et certi frati de observantia, che lo re in la dita armata mando Alcuni de quelli che erano in ierra, butati in mar, natorono a la nave, e deteno noticia al capetanio di la nova El qual mando a parecchiar tute le nave a vela, e comenzo a bombardar le nave de mori, in modo che ne mandô in fondo circa XII nave, et occise piu de 300 mori. Facto questo, comenzo a tirar le bombarde in terra, et amazo molta gente ruínando molte case; e l'altro zorno pigliarono molti homéni de Coloqut, e li menorono a la sua nave. El capetanio stete

in deliberation de ritornarse qui. Uno Judeo, che l'altro capetanio meno qui la prima volta che'l fu in Coloqut per questo re, fu mandato in questa armata, tuta via non lo lassorono mai andar a terra, comenzo a dil ar capetanio che non si retornasse, ma che se andasseno piu avanti 70 in 80 lige che lui li maneira al loco proprio, donde nasceno la speciarie, che e loco de altro re. El capetanio, visto le proposition del judeo, determino de far quello che lui diceva, e mando a far vela verso questo loco che costui li diceva, tanto che arivorono a questa terra, che se domanda Chuchi, (¹) dove el capetanio mando homeni in terra a parlar a lo re de questa terra, et aquello narono quello li é sta fato in Colocut. Questo re de questa terra é grande inimico del re di Coloqut, et intenso questo, li mando 4 homeni, de li sui piu principali, a le nave, che stesseno li, per centro de altri 4, che lo capetanio mando in terra; e comenzorono a far partiti per modo che in nove zorni carichono tutte 7 le nave despiziarie; zoe garofali, canelle, nose muschate, pevere et altre sorte specie. E da poi le nave fonno del tutto cargate, questo re li mando altre 14 barchaze de spiziarie, e loro le retornorono a remandar, perché nom le podevano alevar; e questo re ge le mamdo a dar senza denari, né altra cossa per contro. El re de Chaliqut, inteso che questa armada era andata a cargar a questo loco, perché era inimico de quel'altro re, e dubitandose che lo trafico de Caliqut non se vastasse, ordeno una grande armada, per mandar a pigliar le nave de Portogallo, in la qual armata andava no piu de 15 milia homeni: El re de Chuchi, che sepe questa nova de questa ma armata, lo faze as aper al capetanio de Portogallo, fazendoli grande offerto, per salvarli quanto lui potesse; et oltra questo feceno partito, che li 4 homeni de le nave, stavano in terra, restasseno la, et li 4 altri de la terra, che stava no in le nave, vegnisseno qui con le dite nave, e cussi feceno, con grande amititia. Uno giorno stavano per partir le dite nave, per vegnir a suo camino, l'armata di Caliqut aparse; et quell de la nave

deteno le vella, ché haveano bon vento, e lassorono per pope l'armata de Caliqut, perché quele nave nom vano a vela, se non con vento in pupa. In Caliqut remase grande, valuta de zoie, che za haveano comprado; tuta via se existiam ne vegna qui, in queste nave del re, grande summa. La fama de la richeza di questo reé tanto grande, che, hessendo la terza parte, é una grande cossa. Da poi, come é dito, che fosseno partiti da Chuchi, luntadadi dal dito loco 200 lige, trovorono un, altra terra, chiamata Lichinocho, ([4]) e li stava uno re molto richo, el quelle mando presentf al capetanio, et mandoli doi ambasadori, i qualli vegnano a lo re de Portogallo. Expediti da questo re, partirono al suo viazo, e se ne veneno a Zafale, ([5]) che in questo loco dicono eseere grande rescato de oro e, de le 12 nave, el re ordeno che do de esse se ne andaseno a questa terra; ma quando se perdereno le 4 nave, haveano ad andar a questa terra de Zafale. De poi se ne veneno piu avanti, e uno giorno se feze grande vento, in modo che una de le sette nave fu a dar in terra, e le persone se salvorono. El capetanio mando a brusar la dita nave con la mercantia. Gionti al Capo de Bona Spuranza, el capetanio mando a tute le altre nave, se zoncesen insieme, et andono in compagnia 3 in 4 zorni. Da poi comando, che questa, ch' é venuta, per esser neglior de le vele, se partisse da le altre, e venisse a dar nova de esse nave qui, a questo re de Portogalo; e cussi feze. Questo navilio, che é venuto, é ló piu pícolo de tuti, et é del signor Alvaro e tre altri merchandati nominati di sopra. Lui é lo piu povero de tutti li altri, lo quale porta 300 cantera de pevere et 200 de canella, nose muscade, lacha, benzui; et porta la novella de esse cosse; de modo che de tutto vien cargate. Questo discorso vi ho facto, per dar notitia a vostra magnificientia del successo de questa cossa de Coliqut. Le sopradit nove se sono havute da uno marinaro de lo navilio che é venuto, el uale navilio ancora sta in restello, et ozi s'aspecta qui. Intendendose altro, ne sareti avisato del tutto particularmente etc.

(*Diarii di Marino Sanuto,* tomo IV)

NOTAS

(1) Calicut.

(2) D. Alvaro era irmão de D. Fernando, duque de Bragança, justiçado por D. João II, e Bartolo florentino era Bartolomeu Marchioni, banqueiro florentino, como se infere dos seguintes passos de Barros, de Goes, e de Castanheda:

"Os Capitães dos outros navios (da armada de João da Nova) eram Diogo Barbosa criado de *D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, polo navio ser seu*, e Francisco de Novaes, criado d'ElRey, e outro era Fernão Vinet, Florentino de nação, *pelo navio em que elle hia ser de Bartholomeu Marchioni tambem Florentino*, o qual era morador em Lisboa, e o mais principal em substancia de fazenda, que ella naquelle tempo tinha feito. Cá ordenou ElRey, pera que os homens deste Reyno, cujo negocio era commercio, tivessem em que poder tratar, dar-lhes licença que armassem nãos pera estas partes, della a certos partidos, e outros a frete; o qual modo de trazer a especiaria a frete ainda hoje se usa "(Dec. I, liv. V, cap. X).

"Pelo mesmo embaixador dom Affonso da Sylva mandarão pedir a elRey (D. Manuel) que lhe aprovasse restituir com brevidade, aos filhos do Duque dom Fernando de Bragança, hos bens que seu pai tivera nestes Reynos, e assi a *dom Alvaro seu irmão*, ho que elRei facilmente outorgou por ho ter já ordenado, quomo atras fica dito"' (*Crónica de D. Manuel*, parte I, cap. XI).

"para sua despesa lhes deu elRei (D. João II e Pero de Covilhã e Afonso de Paiva, quando os enviou para a India) quatrocentos cruzados da arca das despesas da orta Dalmuzini, e tomando deles o que podessem gastar foy posto o resto no *banco de Bertolameu florentino*" (obr. cit, liv. I, cap. I).

Hironimo era Jeronimo Sernige. Na carta de 21 de Agosto de 1498 D. Manuel dando preferência aos nacionais na exportação do assucar da Madeira ressalva " ... hos mercadores nossos naturaes no Comto dos quaes queremos e nos apraz que caybam Bertolameu Flo-

rentino e Jeronimo Sernige: e antam entraram os extrangeiros". (Frutuoso — *Saudades da terra*, 583).

(3) Cochim "O qual lugar (Cochim) he cabeça de hum Reyno assi chamado, que está abaixo de Calicut contra o Sul pela mesma costa trinta leguas, e nella, segundo Gaspar da India affirmava a Pedralvares, havia mais pimenta que em Calecut, posto que o Rey fosse menos poderoso, e não tão rico como elle" (Dec. I, liv. V, cap. VIII).

(4) Cananor "Finalmente com este, e outros recados, que por espaço de hum dia que Pedralvares se allei teve, *passáram outro elle e* ElRey (de Cananor) assi ficou este Gentio confiado em nós, que, sabendo como Pedralvares levava dous Embaixadores d'ElRey de Cochij mandou tambem outro com elle com alguns presentes pera ElRey D. Manuel" (Dec. I, liv. V, cap. IX).

(5) Sofala.

VI—Carta de Pisani à Senhoria de Veneza

(27 de Julho de 1501)

Documento n.º 9

Credo, vostra serenitá per letere del magnifico ambasador, domino Piero Pasqualigo, doctor, habia inteso quello ho per capitolo di una letera di missier Cretico, doctor, ch'è apud regem Lusitaniae, de 27 luio, in Lisbona. Come questo serenisimo re havia mandato nave a la volta de India, le quale al presente son tornate; ma di 13 che furono son perse le 7. El lor viazo, serenisimo principe, é: prima per la costa de Mauritania et Getulia, per ostro, fin al Capo Verde, che antiquitus si chiamava Hespevlceras dove sono le insule de le Hesperide. Qui principia la Ethiopia, verso levante tanto, che coresponde per lineam rectam a la Sicilia. Dista dita costa de la linea equinoctiale 5 in 6 gradi; et a mezodicta côsta è la mina de questo serenissimo re. Da poi extende uno capo verso ostro in tanto, che excede el tropico de Capricorno 9 gradi. Questo capo chiamano Capo de Bona Esperanza, che vien esser larga la Barbaria in questo loco più di 5000 mia, dal lito intrinseco verso nui ad questo cao de li. Iterum se incolfa verso uno cao, chiamato da gli antiqui Prason Promontorium, fino al qual fu noto a li antiqui. Da l'altra banda, de qui iterum scorre, quasi greco e levante, per la Traglodítica, dove trovano una mina d'oro, la qual chiamano Cephala(¹) dove li antiqui affermano esser mazor copia d'oro che in alguna altra parte. De qui entrano nel mar barbarico, et poi nel mar de India, et arivano al Coligut. Questo è il lor camino, ch' è più di XV milia miglia; ma (¹) transversando lo scurterano assai.

De sopra el Capo de Bona Esperanza, verso garbin, hanno discoperto una terra nuova, chiamano la terra de lipapaga' per esser lipapaga' longi uno brazo et più, de varij colori, de li -

qualli hanno visto doy. Judicano questa terra esser terra ferma, perchè corseno per costa 2000 mia e (sic) pîù, nè mai trovorono fin. Habitano homeni nudi et formosi. Ala lor andata perseno, per fortuna, 4 nave, done mandorono a la mina nova dicta, le qual si judicha, siano perse. Le sete andorono al Coliqut, dove forono prima ben visti et foli dato una caxa per quel signor; dove rimaseno alcune de la nave, le altre erano in lochi vicini. Da poi sopranzonse zerme X del soldan, li quali se sdegnavano che portogalesti fosseno andati ad torleli lo inviamento, et volevano cargar prima. El fator del re de Portugal se lamentó con el signor de Coloqut, et qual, judicano, se intendesse conmori, et disse che se gli cargavano, li tolesse le specie. De che venero a le mane, che tutta la terra favori a'mori, et corseno a la caxa designata á'protogalesi, et tagliorono a pezi tutti che erano in terra, per numero 40, tra li quali el fator del re, qual se à butato in aqua pār fuzir. Inteso questo, le altre nave venero et abrusorono le zerme del soldan, che erano X, et le bombarde fecero, gran danno a la terra et brusoronno assai caxe, che el forzo è coperte de paglia. Per questo rumor se parti da Coluqut, et forono conduti de la lor guida, ch'è uno judeo batizato, ad una altra terra più oltra, chiamata Chucin, (3) de uno altro re inimico dil re di Coloqut, et qual li ha fato optima compagnia et ha mazor copia de specie che al Coloqut. Hano cargà ad stiva per precio che me temo dirlo; et dicono comprano uno canter de canela per un ducato et meno. Questo signor de Chucin manda soi ambasadori com queste nave a questo signor re, et etiam obstasi, a ciochà torniano securamente. Nel retorno mori et quelli de Calicut se misseno in ordene per prenderli, et armarono 150 navilij con 15 milia homeni; tamen costoro, siando chargi, non volseno combater, né quelli li poteva offender, chè lusitani se messeno a la vela de la borina, che lore non sano andare. Venendo, arivono in una insula, dove è el corpo di San Thomà (4) El signor de quella li ha fatto gran chareze et datoli de la reliquie de San Thomà; li pregava volessero tuor specie da lui et che le tolesseno in credenza a l'altro viazo; questi erano za cargi et non po-

teva tuor più. Sono stati mesi 14 sul viazo, ma nel ritorno solo 4; et dicono voler da mo avanti far questo viazo in 9 o ver 10 mesi al più. Nel ritorno, de 7 nave, le 6 son venute salve, una dete in una secha, li homeni de le qual son salvi; et questa era de 600 bote et carga. Ma aucora non è arvitate qui, salvo una di bote 300; le altre son propinque, per quanto dicono; e queste introno la sera di San Zuane. Tome ritrovava dal re, el qual me chiamò et diseme, me congratulasse, che le sue nave de India erano zonte cariche de specie; et cussì mi congratulai con li debiti modi. Feze far festa in palazo et letizia de campane per tutta da terra; el dì sequente feze una procession solenne. Da poi, iterum atrovandomi con sua magestà, me retornò, a la nave et diseme dovesse scriver a vostra serenità, che mandi da mo avanti le galie a levar specie de qui, a le qual faria bona ciera, et poriano judicar esser in caxa sua; et che omnino vuol prohibir che al soldan non vadi specie; et voler meter a questo viazo 40 nave, de le qual algune vadi et algune torni; et demum tiene haver la India al suo commando. Questa nave intrata, in porto è la nave et el cargo de Bartololo Fiorentino, el cargo de la qual è piper, cantera 300; canella, cantera 120; lacha, cantera 60 benzui, cantera 15; garofalli non hanno, perchè mori glihaveanno levati; neanche zenzeri, perchè a Chucin, (sic) dove: hanno cargà non nè hè, ma nasce a Caliqut (sic); specie minute non hanno di alguna sorte.

Dicono haver perso assai zoglie in quel rumor de Chaliqut (sic). Nom preterirò etiam questo, esser venuti de qui ambasadori de uno re de Ethiopia, chiamato re *Ulbeam*, qual à mandato presente a queso re, schiavi *et denti de avuolio et* altre cosse, et son de qui *za* assai. *Li a presso etiam de* quelli nasse piper, ma *non é cussi compito come l'altro. Praeterea* queste nave nel suo *ritorno scontraro no do grosse* nave, che erano *partite de la mina nova et andavano verso* la India, li qual *haveano gran suma di oro; et, temendo che* costoro non i *volesse pigliar, li offerse 15 milia doble pro*

qualli hanno visto doy. Judicano questa terra esser terra ferma, perchè corseno per costa 2000 mia e (sic) più, nè mai trovorono fin. Habitano homeni nudi et formosi. Ala lor andata perseno, per fortuna, 4 nave, done mandorono a la mina nova dicta, le qual si judicha, siano perse. Le sete andorono al Coliqut, dove forono prima ben visti et foli dato una caxa per quel signor; dove rimaseno alcune de la nave, le altre erano in lochi vicini. Da poi sopranzonse zerme X del soldan, li quali se sdegnavano che portogalesti fosseno andati ad torleli lo inviamento, et volevano cargar prima. El fator del re de Portugal se lamentó con el signor de Coloqut, el qual, judicano, se intendesse conmori, et disse che se gli cargavano, li tolesse le specie. De che venero a le mane, che tutta la terra favori a'mori, et corseno a la caxa designata d'protogalesi, et tagliorono a pezi tutti che erano in terra, per numero 40, tra li quali el fator del re, qual se à butato in aqua pãr fuzir. Inteso questo, le altre nave venero et abrusorono le zerme del soldan, che erano X, et le bombarde fecero, gran danno a la terra et brusoronno assai caxe, che el forzo è coperte de paglia. Per questo rumor se partì da Coluqut, et forono conduti de la lor guida, ch'è uno judeo batizato, ad una altra terra più oltra, chiamata Chucin, (³) de uno altro re inimico dil re di Coloqut, el qual li ha fato optima compagnia et ha mazor copia de specie che al Coloqut. Hano cargà ad stiva per precio che me temo dirlo; et dicono comprano uno canter de canela per un ducato et meno. Questo signor de Chucin manda soi ambasadori com queste nave a questo signor re, et etiam obstasi, a ciochà torniano securamente. Nel retorno mori et quelli de Calicut se misseno in ordene per prenderli, et armarono 150 navilij con 15 milia homeni; tamen costoro, siando chargi, non volseno combater, né quelli li poteva offender, chè lusitani se messeno a la vela de la borina, che lore non sano andare. Venendo, arivono in una insula, dove è el corpo di San Thomà (⁴) El signor de quella li ha fatto gran chareze et datoli de la reliquie de San Thomà; li pregava volessero tuor specie da lui et che le tolessero a credenza a l'altro viazo; questi erano za cargi et non po-

teva tuor più. Sono stati mesi 14 sul viazo, ma nel ritorno solo 4; et dicono voler da mo avanti far questo viazo in 9 o ver 10 mesi al più. Nel ritorno, de 7 nave, le 6 son venute salve, una dete in una secha, li homeni de le qual son salvi; et questa era de 600 bote et carga. Ma aucora non è arvitate qui, salvo una di bote 300; le altre son propinque, per quanto dicono; e queste introno la sera di San Zuane. Tome ritrovava dal re, el qual me chiamò et diseme, me congratulasse, che le sue nave de India erano zonte cariche de spezie; et cussì mi congratulai con li debiti modi. Feze far testa in palazo et letizia de campane per tutta da terra; el dì sequente feze una procession solenne. Da poi, iterum atrovandomi con sua magestà, me retornò, a la nave et diseme dovesse scriver a vostra serenità, che mandi da mo avanti le galie a levar specie de qui, a le qual faria bona ciera, et poriano judicar esser in caxa sua; et che omnino vuol prohibir che al soldan non vadi specie; et voler meter a questo viazo 40 nave, de le qual algune vadi et algune torni; et demum tiene haver la India al suo commando. Questa nave intrata, in porto è la nave et el cargo de Bartololo Fiorentino, el cargo de la qual è piper, cantera 300; canella, cantera 120; lacha, cantera 60 benzui, cantera 15; garofalli non hanno, perchè mori gliha-veanno levati; neanche zenzeri, perchè a Chucin, (sic) dove; hanno cargà non nè hè, ma nasce a Caliqut (sic); specie minute non hanno di alguna sorte.

Dicono haver perso assai zoglie in quel rumor de Cha-liqut (sic). Nom preterirò etiam questo, esser venuti de qui ambasadori de uno re de Ethiopia, chiamato re Ulbeam, qual à mandato presente a queso re, schiavi et denti de avuolio et altre cosse, et son de qui za assai. Li a presso etiam de quelli nasse piper, ma non é cussì compito come l'altro. Prae-terea queste nave nel suo ritorno scontraro no do grosse nave, che erano partite de la mina nova et andavano verso la India, li qual haveano gran suma di oro; et, temendo che costoro non i volesse pigliar, li offerse 15 milia

primo, che chadauna val più del ducato; ma questi non hanno voluto tuor cossa alguma; imo li hanno fato presenti a loro et bona compagnia per poter navegar quelli mari, nec alia.

Data Ulysiponi, die 27 julii 1501.

Copia et Sumario di una letera di sier Domenego Pixani, el cavalier, orator nostro in Spagna à la Signoria Diarii di Marino Sanuto, tomo IV).

NOTAS

(1) Sofala

(2) Calicut

(3) Cochim

(4) E' alusão aos cristãos de Cranganor] "E neste porto de Cranganor achàram os nossos, que alli foram carregar, muitos Christãos de S. Thomé, por elle leixar naquelle lugar algumas Igrejas feitas no tempo que alli prégou o Evangelho" (Barros—Dec. I, liv. V, cap. VII).

VII—Carta de D. Manuel aos Reis Católicos

(29 de Julho de 1501)

Documento n.º 10

Carta del Rey D. Manuel de Portugal á los Reyes Católicos, dándoles cuenta de todo lo sucedido en el viage de Pedro Alvarez Cabral por la costa de Africa hasta el Mar Rojo. (Existia en Zaragoza en el archivo de la antigua Diputacion de Aragon, destruido en la guerra de la independencia. Copia sacada por D. Joaquin Traggia).

Muy altos y muy excelentes y muy poderosos Príncipes Señores padre y madre: estos dias passados, despues que la primeira nueva de la India llegó, no escribí luego á vuestras Señorias las cosas de allá, porque no era aun venido Pedro Alvarez Cabral mi capitan mayor de la flota que allá tenia enviada; y despues de su llegada sobresei en ello, porque no eran aun venidas das naos de su compañia de las cuales la una tenia enviada á Zofala, que es mina de oro que nuevamente se halló, no para rescatar sino solamento para hacer verdadera informacion de las cosas de allá, porque de dos naos que para ello iban una de ellas ce perdió en la mar, é otra se apartó de la flota con tiempo fortunoso, é no fué la dicha. Y despues de llegadas las dichas naos é estando para notificarlo todo á VV.SS. Pero Lopez de Padilla me dijo que folgábades de saber las nuevas de cómo las cosas de allá sucedieron; las cuales de como todo sumariamente pasó son estas.

El dicho mi capitam con trece naos partió de Lisboa a nueve de Marzo del año passado. En las octavas de la pascua siguiente llegó á una tierra que nuevemente des-

cubrió, á la cual puso nombre de Santa Cruz, en la cual halló las gentes desnudas como en la primeira inocencia, mansas y pacifycas; la qual parece que nuestro Señor milagrosamente quiso que se hallase, porque es muy conveniente y necesaria para la navegacion de la India, porque alli reparó sus navios é tomó água; y por el camino grande que tenia por andar no se detuvo para se informar de las cosas de la dicha tierra, solamente me envió de alli um navío á me notificar como la halló, é fizo su camino la via del cabo de Buena-Esperanza; en el cual golfo, antes de llegar á ella, pasó grandes tormentas, en que en uno solo dia se anegaron juntamente á sua vista cuatro naos de que nò escapó persona alguna; siendo á este tiempo desaparecida del ótra nao de que hasta agora no he habido noticia, y la en que en él ibá con las otras que quedaron pasaron grande peligro, é asi fué su via para aportar al reino de Quiloa, que es de moros, debajo cuyo señorio está la dicha mina do Zofala, porque para el Rey dèl llevaba mis cartas e recaudos para con él asentar la paz, y trató acerca del rescate é negocio de la dicha mina. E antes de llegar al dicho reino halló dos naos con gran suma de oro, las cuales tomó en su poder, y porque eram del dicho rey de Quiloa, faciéndoles mucha honra, las dojó ir. Del cual Rey fué muy bien recibido, viniendo en persona a verse con el dicho mi capitan á la mar, y entró con él en su bajel, y le envió presentes, y despues de haber visto mis cartas y recaudos asentó el trato, y porque las naos que para la dicha mina iban dirigidas eran de las que se perdieron, no se comenzó por entónces alli ningun rescate porque la mercadería que las otras llevaban, no era conforme á la que para aquella tierra convenia. (1) Partióse de alli é fuese á otro reino Melinde, para donde llevaba tambien mis cartas y recaudos para el Rey del, que asimismo es moro, y tenia fechas buenas obras á D. Vasco, que fué el primeiro allá á descubrir, el cual rey asimismo se vió con él en la mar, y le envió, tambien presentes y con él firmó y asentó amistad é

paz, é le dio los pilotos que le convenían para su viage. Los cuales reinos son de la mar Bermeja para acá: de la parte de la tierra confinam con gentiles, los cuales gentiles confinam con el Preste Joan, que ellos alla llaman Coavixi ([2]) que en sua lengua quiero decir ferrados, porque de hecho lo son, y se fierran por señal que son bautizados en agua. E de allí se partió pára Calecut, que es mas allá setecientas leguas, la cual ciudad creemos que ya terneis sabida es de gentiles que adoran muchas cosas ([1]) y creen que hay un solo Dios, y de muy gran pueblo, y hay en ella muchos moros que hasta agora siempre trataron en ella de especería porque ella es así como Brujas en Flaudes. Está la principal de las cosas de la India que de fuera viene á ella, y en ella no hay sino cañafistola y gengibre, á la cual ciudado llegó habiendó cinco meses que era partido de Lisboa, y fué dél Rey muy honradamente recibido, viniéndole á hablar á una casa junto á la mar, con todos sus grandes y mucha otra compañia, é allí lle dió mis recaudos y asentó mi paz concierto, del cual asiento el dicho Rey mandó facer una carta escrita en pasta de plata, con su señal de tauxia dorada, por ser asi el costumbre en su tierra en las cossas de grande instancia, é otras cartas escritas en fojas de unos árboles que parecen palma en que acordadamente escriben y de estos árboles y de su fruto se hacen estas cosas que si siguem: azucar, miel, aceite, vino, agua, vinagre, carbony cuerdas para navios, é para toda otra cosa é esteras, de que hacen algunas velas de naos, é se sirven de ellas en todo lo all que les cumple, y el dicho fruto allende de aquello que de él así se hace es grande mantenimiento suyo, principalmente en la mar; e despues del asiento asi fecho con el dicho Rey puso mi fator con toda la casa ordenada que para la dicha fatoria enviaba en tierra, é comenzó luego de tratar sus mercaderias, é de cargar las naos de especeria; y en este medio tiempo envió el Rey de Calicut á decir á mi capitan que una nao muy grande é muy armada de otro rey, su enemigo, le habia enviado á decir que

pasaba por ante su puerto sin ningun miedo suyo, é que ya otras veces le tenia enojado que le rogaba mucho que le mandase tomar, encareciéndoseles como cosa que tocaba mucho á su estado é honra. Y el dicho mi capitan viendo el tratamento que ély el dicho fator comenzaban á recibir del dicho Rey por mas confirmar mi paz e amistad acordó de lo facer y por le mostrar la fuerza de nuestra gente, en navios y artileria, envio solamente á ella el mas pequeño navio que tenia con una lombarda gruesa é alcanzóla dentro en el puerto de otro Rez su vecino, é á vista del é de toda su gente la tomó y la trujo á Calecut con cuatrocientos hombres arteros é alguna artilleria é con siete elefantes enseñados de guerra dentro de ella que allá valdrian 30$ mil cruzados, porque por uno de éllos solo daban 5$ cruzados, é com outra mercaderia de especieria, la cual nao le envió á presentar é se la dió con todo lo que endla venia, é él la vino á ver á la ribera, por ser a ellos muy grande espanto tan pêquño navio contan pocos hombres tomar una tamaña nao, é con tanta gente, é á recebir el recaudo que el dicho capitan sobre ella le enviaba, viniendo con todo su estado é fiesta. Yestando asi en esta concordia é amistad siendo ya dos naos de especieria, los moros, principalmente los de Meca que alli estan estantes, por ver el gran daño que se les sequia, buscaban todos lo modos que podian para poner discordia entremi fator y el rey, e pusieron la tierra en alboroto por estorbar el trato; y porque todas las mercaderías estaban en manos de los moros, escondianlae y envianbanlas secretamente para otras partes; y sabiendo esto el dicho capitan envió á decir al rey de Calecut quejándose y pidyendole que cumpliese lo que con él tenia asentado, que era que dentro de veinte dias se le daria mercaderia de que cargase las dichas naos é que hasta ser ellas cargadas no daria lugar que ningunas otras cargasen, y el rex respondió que toda la mercaderia que hubiese en la tierra la mandaria luego dar é que si alguna se cargase en su puerto sin saberlo sus oficiales, que él le daba lugar é poder para que la detuviese hasta

que él enviase los dichos sus oficiales para que en ello hubiesen de proveer para se la entregar; é en sabiendo esto los moros acordaron, con grande deligencia, de cargar una nao públicamente, dando aún mayor diligencia en esconder la mercaderia de lo que ántes solian, y esto para dar causa á que el escándalo se comenzase, porque son poderosos y la ciudad es de muchas naciones y de extendida poblacion, y en que el rey mal puede proveer á los alborotos del pueblo. E viendo mi fator como la nao se cargaba, requirió al capitan que, la detuviese como con el rey tenia asentado, y el dicho capitan, recelando el escándalo, dudó de lo hacer, y el dicho fator tornó á le requirir que todavia la detuviese, diciendo que los principales de los moros, é así algunos gentiles, le decian que si la dicha nao no era detenida, en ninguna manera podria cargar sus naos y segun lo que se siguió, parecece que lo haciam á fin de dar causa al dicho escándalo. Y mi capitan despues de lo dudar muchas veces, recelando lo que se seguió, envió á decir á la gente de aquella nao, por el poder que para ello tenia, que no se pártiese, y ellos no lo quisieron hacer, y entónces fué necesario de la mandar retener, y mandó a sus bájeles que la metiesen en dentro del puerto donde estuviese segura de no poder partir sin su placer. Y luego que esto vieron los moros, como era el fin que ellos deseaban, en aquel mismo instante vinieron luego con todo el otro pueblo, que ya antes tenian alborotado sobre el dicho fator y casa combatiéndolo; y el con esos pocos que consigo tenia se defendió por algun espació, y se salió de la casa viniéndo-se recogiendo á la mar. Y el mi capitan, que entónces estaba doliente, luego que le fué dicho del alboroto que habia en tierra, envió todos sus bajeles á le socorrer, y puesto que la mar estaba muy brava, todavía recogió alguna parte de la gente, mataron al fator, y con él se perdieron cincuenta personas entre muertos y cativos, y esto así fecho, viendo el dicho capitan como el rey á esto no acudia, veiendo que no le enviaba ningun recaudo, antes se proveia de algunos aparejos recelando guerra, y que asimismo

estaba apoderado de mi hacienda que quedó en tierra, sobreseyendo un dia por ver si se hacia enmienda del dicho caso, cuando vió que ningun recaudo le enviaba, temiéndose que armase gruesamente, como despues fizo, para quel le pudiese impedir la venganza que en aquel tiempo podia tomar, acordó, de lo poner luego en obra, é tomóle diez naos gruesas que en el puerto estaban, y mandou poner á espada toda la gente que en ellas habia, salvo alguna que quedó escondida, la cual despues no quiso matar, y me la trujo cativa, y mandó queimar las dichas naos delante del dicho puerto, que fué al dicho rey é á la gente do tierra grande espanto, en las cuales estaban tres elephantes que alli murieron, y en esto gastó todo aquel dia, y luego que fué noche se fué con todas las naos, é se puso lo mas en tierra que pudo al luengo la ciudad, y en amaneciendo le comenzó á tirar con artillería, é le tirou hasta la noche principalmente á las casas del rey, en la cual le fizo mucho daño, e le mató mucha gente, como después supo, é le matò un hombre principal que estaba con él, por lo cual él se salió luego fuera de la ciudad por parecerle que en toda no estaba seguro. De allí fizo vella, y se fué a otro puerto suyo que se llama Pandarene, en que tambien le fizo enojo con artillería, é le mató gente, é de allí fizo vela la via del reino Chochim, (4) que es aquella parte donde viene la especiería, treinta leguas mas allá de Calecut, y en el camino halló otras dos naos de Calecut, que tambien tomó é mandó quemar, é llegado á Chochim, despues de haber hecho saber al rey lo que habia pasado em Calecut, fué de él muy bien recibido, é asentó con él su trato de la manera que lo tenia asentado en Calecut, é puso luego mi fator é ciertos hombres con él en tierra, para lo cual le dieron rehenes de hombres honrados que le trnjiese, y le cargaron las naos en diez y seis dias, y la mercadería le traian en sus bateles á ellas con tanto mas amor é seguridad que parece que Nuestro Señor permitió el escándalo de Calecut, porque se acertase este otro asiento que es de mucho mas provecho é se-

guridad, porque és mucho mejor puerto, é de mucha mas mercadería, porque cuasi toda la mercadería que va á Calecut mucha de ella háy en aquella tierra, y las otras primeiro van allí que no á Calecut: en la cual ciudad de Cuthin hay muchas naos, y supo que dos mercaderes solamente teniam cincuenta naos. En aquel reino hay mucho cristianos verdaderos de la conversion de Santo Tomás, y los sacerdotes de ellos siguen la vida de los apóstoles con mucha estrechura, no teniendo proprio sino lo que les dan de limosnas, y guardan enteramente castidad, y tienen iglesias en que dicen misas, é consagran pan zenceño é vino que hacen de pasas secas con agua, porque no pueden hacer otro: en las iglesias no tienen imágenes sino la cruz, é todos los critianos traen los vestidos apostóllcos con sus barbas y cabellos sin los nunca hacer. Y allí halló cierta noticia donde yace el cuerpo de Santo Tomás que es ciento y cincuenta leguas de allí en la costa de la mar, en una ciudad que se llama Mailapur, (*) de poca poblacion, y me trujo tierra de su sepultura, y todos los cristianos, é así los moros é gentiles por los grandes milagros que hace van á su casa en romería, y así nos trujo dos cristianos, los cuales vinieron por su placer é con licencia de su perlado para que los enviasemos á Roma é Hierusalem, é viesen las cosas de la iglesia de acá, porque tienen que son mejor regidas por ser ordenadas por San Pedro que ellos creen que fué la cabeza de los apóstoles, por ser ellos informados de ellas. Y tambien supe nuevas ciertas de grandes gentes de cristianos, que son allende de aguel reino de Cochim, los caules vienen en romería á la dicha casa de Santo Tomás, y tienen reys muy grandes, los cuales obedecen á uno solo son hombres blancos, y de cabellos loros, é habidos por fuertes, é llamase la tierra Malchima, (*) dé donde vienen las porcelanas é asmisle, é ámbar é ligno aloe, que traen del rio Ganje, que es acuende de ellos, y de las porcelenas hay vasos tan finos que uno solo vale hallá cien cruzados. Y estando en este reino de Cochim con el trato ya

asentado y las naos cargadas, le vino recaudo del rei de Cananor é del rei de Colum ([1]) que son allí comarcanos requiriendole que se pasase á ellos porque he harian el trato mas á su provecho, y por tener ya el asiento fecho se escusó de ir. En este tiempo, estando para partir de Cochim, le envió el mismo rey á decir como una armada gruesa de Calecut venia sobre él, en que venian hasta quince mil hombres, con la cual á mi capitan no le pareció bien de pelear por tener sus naos cargadas, y tener poca gente, y no le pareció tiempo ni necesidad de aventurar por tener recelo que le matarian ó hererian alguna della por largueza del camino que tenia de andar, que eran cuatro mil leguas de aquí; pero fizose á la vela con ellas no dejando su camino, y ellos no osando de se alargar á la mar se tornaron recelando de ir sobre ellos, y de alli fizo su camino por el reino de Cananor uno de aquellos reyes que lo mandaron requerir, é pasando luego que de tierra hubieron vista dél le mandó otro recaudo, rogándole que pasase por allí porque queria enviar con él a mí su mensagero, el cual me trujo, y en un solo dia que allí estuvo le mandó traer tanta especiería á las naos que las cargara del todo si vinieran vacías, y se la daban que la trujese de gracia en presente á mí por cobrarme amistad, é asi vinieron todos sus grandes á mi capitan, diciendo de parte del rey que por allí veria que seria allí de otra manera tratado que fué en Calecut, que le ayudarian é iria él en persona por tierra, é toda su armada por mar: y despues de se lo mucho agradecer de mi parte, se despidió dél diciéndole que en esta otra armada que luego habia de enviar, le enviaria mi respuesta de todo. E se vino por su camino, y en el medio de aquel traves tomó una muy grande nao cargada de mercaderías, pareciéndole que seria de las de Meca, que entónces habian de venir de Calecut, é hallando que la dicha não era del rey de Cobáía, la dejó, enviando por ella á decir al dicho rey que la dejaba porque no iba a facer guerra á nenguno, solamente la tenia fecha á aquellos que le faltaron de la verdad

que con él en mi nombre tenian asentada: y siguiendo mas adelante se le perdió una de las naos que traia cargada porque de noche fué a dar en tierra, y salvó se la gente, y mandó quemar la nao porque no se podia sacar salva, y desta parado... envió el navío á haber nuevas de la mina de Zofala, (8) como ya detras está dicho, el cual es ya venido, y me trujo informacion cierta de allá y así del trato y mercadería de la tierra, y de la gran cantidad del oro que allí hay, y alli halló nuevas que entre los hombres que traen el oro allí á cuestas, vienen muchos que tienen cuartro ojos, dos delante y dos detras, y son hombres pequeños de cuerpo é bermejos, y diz que son crueles é que comen los hombres con quien tienen guerra, y que las vacas del rey traen collares de oro gruesos al pescuezo. Y cerca de esta mina hay dos Islas en que cogen mucho aljófar é ámbar. Y de allí se vino el dicho mi capitan, y llegó á Lisboa á tiempo que hacia dez y seis meses del dia que della partió, y bendito sea Nuestro Señor en todo este viage no le murieron de dolencia mas de tres hombres, é todos los otros vienen sanos é en buena disposicion. Agora nos vino cierto recaudo como uno de los navíos que iba para Zofala que tenia por perdido viene é será un dia de estos aquí, el cual dicen que entro en la mar Bermeja, (9) y que trae della alguna plata, é así alguna informacion de la cosas de allá, puesto que ya, de la dicha mar Bermeja estábamos largamenté informados por el dicho mi capitan, y por muchas vias fuí de ello sabidor. Las otras particularidades deste negocio á Pero Lopez las remito, que á todo fué acá presente. Muy altos y muy excelentes é muy poderosos príncipes señores Padre é Madre. Nuestro Señor haya vuestra vida y Real Estado en su santa guarda. Escrita en Santaren á veinte é nueve de Julio.=EL REY.

(Navarrete—Coleccion de las viages e descobrimento... tomo III, pag. 94)

NOTAS

(1) D. Manuel é discreto e optimista. A verdade é que, como vimos, Pedro Alvares Cabral não chegou a concluir tratado algum com o rei de Quiloa (Vid. *Relação do Piloto Anónimo*—Barros—Dec. I, liv. V, cap. III.)

(2) Abexins "Neste lugar (Melinde) deixou Pedralvares dous degredados dos que levava, e a causa de os aqui lançar era, porque lhe mandava ElRey D. Manuel, que como fosse nesta costa, leixasse nella alguns dos degredados que levava, pera irem per terra descobrir o Preste João, por ter já sabido que per esta costa podiam ir ao interior de terra daquelle sertão, onde elle tinha seu estado; isto com grandes promessas de mercê se descobrissem este Principe tão desejado: hum havia nome João Machado, e o outro Luiz de Mouro" (Barros—Dec. I, liv. V, cap. III). O Preste João já não era soberano asiático, como se supunha, mas príncipe africano.

(3) Desfez-se a ilusão de que eram cristãos os povos de Calicut.

(4) Cochim.

(5) Meliapor.

(6) Malaca.

(7) Coulão.

(8) Sofala.

(9) Mar Vermelho.

BIBLIOGRAFIA

JAIME CORTEZÃO—*A Expedição de Pedro Alvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*—Lisboa—1922.

MC CLYMONT—*Pedralvarez Cabral*—London—1914.

TEIXEIRA DE ARAGÃO—*Breve Noticia sobre o descobrimento da America.*

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA—*O descobridor do Brasil Pedro Alvares Cabral* na *Historia e Memorias da Academia*, nova série, VIII.

A guerra de Calicut

I — O Roteiro Flamengo da segunda viagem de Vasco da Gama

Documento n.° 11

Esta é a viagem escripta por um homem (¹) que se fez de vela com setenta navios, do rio de Lisboa em Portugal para Calicut, nas Indias, no corrente anno de 1501. (²)

Navegaram torneando a costa de Berberia e chegaram perante uma cidade chamada Meskebiji (³) onde foram batidos vergonhosamente, soffrendo grandes perdas. Foram-se-nos ahi muitos christãos, cujas almas ficaram com Deus. Esta batalha deu-se no dia de S. Thiago do anno precitado.

O castello está a uma milha da cidade chamada Oerean (⁴) e ha muitos mercadores, christãos perversos de Veneza e de Genova que ahi vão vender aos turcos armaduras completas, arcabuzes e munições para combaterem os christãos. Ahi teem os seus armazens.

Demorei-me seis mezes na costa da Berberia e soffri grandes miserias no Estreito. (⁵)

No anno de 1502, dia 10 de fevereiro, largamos do rio de Lisboa, tomando o caminho das Indias. (⁶)

A primeira terra que encontrámos chama-se Kenan (⁷) e ha ahi muitas ilhas, na maior parte pertencentes ao rei de Hespanha, e que demoram cerca de 200 milhas de Portugal. (⁸)

Largámos, dirigindo o nosso rumo para sudoeste, e che-

gamos ao Cabo junto do qual nos demorámos: está a cerca de 500 milhas de Portugal. Os indigenas da terra andam completamente nús ([9]), homens e mulheres, e são negros. Desconhecem o pudor, pois não usam vestuario; e as mulheres e os homens teem coito como macacos e não teem noção do bem, nem do mal.

No dia 5 de março dirigimos a nossa rota para sueste até cerca de 100 milhas no alto mar.

A 29 de março a navegação levara-nos a mais de 1200 milhas de Portugal, e já perderamos de vista a Ursa-maior. O sol estava a prumo, de sorte que cousa alguma tinha sombra, e no dia 2 de abril já não tinhamos no ceu ponto algum de referencia.

N'esse mar vi peixes que voavam como passaros á distancia de um tiro de bésta: são grandes como harenques ou sardinhas. E durante uma navegaçãc de mais de 300 milhas, vimos gaivotas pretas com pescoço branco. Teem a cauda como a do cysne, e são maiores que pombos: caçavam os peixes-voadores á medida que estes se levantavam.

A 11 de abril estavamos tão longe, que ao meio dia exacto viamos o sol pelo norte.

Já então não tinhamos no ceu ponto algum por onde nos guiassemos: nem sol, nem lua, apenas a nossa bussola e as nossas cartas de marear.

Depois chegámos a outro mar, onde não havia cousa viva: nem carne, nem peixe, nem fosse o que fosse.

A 20 de abril o vento fez-se contrario e durou assim por cinco semanas, lançando-nos 1:000 milhas para fóra do nosso rumo, e estivemos bons doze dias sem vêr terra alguma.

A 22 maio era inverno n'estas paragens e o dia sómente durava oito horas; e houve um grande temporal com chuva, saraiva, neve, relampagos e trovões. O ceu clareava para o lado do Cabo da Boa Esperança, e o temporal continuava. Approximando-nos do cabo, dirigimos o rumo ao nordeste.

A 10 de junho nem viamos a Ursa-maior, nem a estrel-

la Polar, e desconheciamos o ceu, o que nos punha em grave embaraço.

A 14 de junho achamo-nos diante de uma cidade chamada Scafal (10) e tratámos de negociar, o que nos não foi primitido, porque os naturaes tinham grandes receios do lado dos rios dos paepianos. Ha ahi um rio que vem da terra dos paepianos situada para o interior cercada de muralhas, e que não tem outra sahida para o mar do que o rio de Scafal. E os naturaes temem que os paepianos venham a descobrir essa estrada; porque o rei de Scafal (11) andava então em guerra com os paepianos.

Tractamos com os naturaes da terra dos paepianos que ahi estavam captivos, e eram tractados como escravos. Esta terra dos paepianos é abundante de prata, ouro, pedras preciosas e outras riquezas, e este reino está a 400 milhas do cabo. da Boa Esperança.

D'ahi velejámos para uma ilha chamada Miskebyc (12) está a 200 milhas de Scafal, e a terra chama-se Maerabita; não se usa ahi moeda, troca-se o ouro e a prata como as outras mercancias.

Largamos da ilha a 18 de julho, chegando a um reino chamado Kilo. (13) O rei d'esta terra é riquissimo e obrigámo-lo a pagar ao rei de Portugal um tributo annual de 1500 miticaes. Cada mitical vale 9 shillings, e 4 dinheiros de moeda flamenga. Alem do tributo entregou mais uma bandeira como prova de vassalagem do seu reino.

E quando rei sahe com a sua côrte, deitam-lhe agua e ramos sobre a cabeça, muito alegres, batendo com as mãos, cantando e dançando. O rei e todo o povo, homens e mulheres, andam nús, embora tragam á cinta uma faxa, e vão todos os dias banhar-se ao mar. Ha bois sem paus, e com uma especie de corcova no lombo. Tambem ha carneiros com o rabo tão grosso como nunca se viu, e cujo rabo vale mais do que metade do carneiro. Tambem ha corvos que são brancos e pretos. Tambem se cultivam cebolas que teem quasi dois palmos de diametro.

Partimos d'ahi a 20 de julho e chegamos a uma ilha chamada Melinde que está a 100 milhas de Kilo. ([14]) Mas não a vimos e seguimos para o Cabo Santa Maria. Ahi refrescámos e renovámos o apparelho, e tinhamos ainda que atravessar um golpho de quasi 700 milhas de largo. Deixámos então a terra dos Paepianos e chegamos em frente da terra de Marabia ([15]) a 30 de julho. E depois de termos navegado 100 milhas dirigimos o rumo para nordeste.

Convém saber que n'estas paragens o inverno dura desde abril até setembro, e durante esse tempo todo o vento sopra do sueste. De setembro a abril é o verão, durante o qual o vento sopra do nordeste, quer dizer, seis mezes de cada lado. E as correntes acompanham o vento, de modo que o estio é uma estação pessima, porque eu soffri-lhe as consequencias um anno inteiro.

A 5 de agosto vimos a estrella Polar, o que nos deu grande contentamento, porque ainda estavamos a mais de 500 milhas da India.

Em quinze dias atravessâmos o grande golfo de 770 milhas, e foi a 21 de agosto que vimos terra da India, e a grande cidade de Combaen ([16]). É uma cidade de grande commercio, e está situada junto da terra de Chaldea, em Babylonia, sobre o rio Cobar.

Nas terras da Alta Arabia e da cidade de Meca, onde Mahomet está enterrado, o diabo dos pagãos. E a cidade está a 600 milhas das terras do Oriente, d'onde vem para a Europa, depois de atravessarem um golfo as especiarias, as perolas e as pedras preciosas.

Passámos para além de uma cidade chamada Oan ([17]) onde ha um rei. Este rei tem pelo menos 8:000 cavallos e 700 elephantes de guerra, isto só no seu reino. E cada cidade tem o seu rei, e tomámos 400 navios em Oan, depois de termos matado as guarnições que os equipavam e depois queimámos os navios.

Partimos d'ahi e chegámos a uma ilha chamada Avidi-

ba ([18]) onde tomámos agua e lenha e desembarcámos pelo menos trezentos dos nossos enfermos, e matámos um lagarto que não media menos de 5 pés de comprimento.

A 11 de setembro chegámos a um reino chamado Cannaer ([19]) e que está situado junto de uma corda de montanhas cujo nome é Montebyl, ([20]) e ahi esperámos as naus de Meca, e são estas naus que trazem as especiarias que vem ás nossas nações, e queriamos destruil-as afim de que o rei de Portugal fosse o unico senhor das especiarias do Oriente.

Mas não podemos cumprir o que desejavamos. Comtudo, tomámos uma nau de Meca que tinha a bordo 300 passageiros entre os quaes muitos mulheres e creanças, e depois de termos sacado mais de 12,000 ducados, e não menos de 10,000 ducados de mercadorias, fizemos ir a nau pelo ar, com os passageiros que levava, com polvora, no primeiro de outubro. ([21])

Tambem ha n'estes reinos veados que tem grandes armas erguidas, direitas sobre as cabeças e enroscadas como sacarolhas.

A 20 de outubro fomos ás partes de Cannaer ([22]) para comprar toda a sorte de especiarias; e o rei veio com grande ceremonial, trazendo comsigo dois elephantes e muitos outros animaes singulares de que não sei os nomes.

No dia 27 de outubro fizemos-nos de vela d'este reino, e chegamos ao que se chama Calcoen. ([23]) Está a 40 milhas de Cannaer, e desenrolando as nossas forças perante a cidade, combatemos os naturaes por tres dias, fazendo um grande numero de prisioneiros, que foram enforcados nas vergas das naus, e tendo-os descido, lhes cortámos as mãos, os pés e as cabeças, e lançando as mãos, os pés e as cabeças cortadas em um navio que tinhamos tomado, escreveu-se uma carta que foi espetada n'um pau, e deixou-se o navio ir á tona d'agua para terra. Ahi tomámos um navio que incendiámos, e no qual muitos vassallos do rei foram queimados.

A 2 de novembro navegamos 60 milhas de Colcoen, para um reino chamado Cusschain ([24]) e entre estas duas cidades está um reino christão por nome Granor ([25]) onde ha muitos bons christãos; e este reino conta muitos judeus que ahi teem um rei. Como é de ver, todos os judeus da terra são vassalos do mesmo rei. E os christãos não communicam com pessoa alguma, e são bons christãos. Nada vemdem nem compram durante os dias sanctificados, e só comem e bebem com christãos. Vieram de bom grado a bordo das nossas naus trazendo gallinhas e carneiros, com que nos refizemos bem. Havia pouco tinham mandado padres a Roma, para se instruirem na verdadeira fé.

A 28 de novembro fomos ao reino de Cusschain para fallar ao rei; e o rei veiu ao nosso encontro com grande pompa, trazendo comsigo 6 elephantes de guerra; pois ha neste reino muitos elephantes e animaes singulares desconhecidos de nós. Então os chefes que estavam comnosco fallaram ao rei na compra das especiarias e em outras cousas. ([24])

A 3 de janeiro ([26]) partimos para uma cidade chamada Coloen, ([27]) onde vieram recebernos muitos bons christãos, que encheram as nossas naus de especiarias. Ha ahi cerca de 25000 christãos que pagam tributo como os judeus. Ha cerca de 300 egrejas christãs que teem os nomes dos apostolos e de outros santos. A 50 milhas de Coloen está uma ilha chamada Steleon ([28]) onde se acha a melhor canella que ha.

A seis jornadas de Coloen ha uma cidade por nome Lapis e junto de SanThpmé ([29]) sobre o mar. É ahi que durante quinze dias, por occasião do seu orago, se passa o mar a pé enxuto e dá-se a communhão a todos os que se acham em estado de a receber, recusando-se aos que são indignos d'ella. E este logar está a quatro jornadas de distancia da grande cidade de Edissen ([30]) onde elle construiu o seu grande palacio. Mas esta cidade de Lapis está em grande parte arruinada e os christãos habitam-na sob a con-

dição de pagamento de um tributo: e todos, até o rei e a rainha andam nús, á excepção dos rins que trazem cobertos

A 800 milhas de Coloen está uma grande cidade chamada Melatk ([31]) onde se colhe o melhor cravo e a noz moscada, e onde se encontram mercadorias e pedras preciosas.

Os naturaes do paiz teem os dentes pretos porque mascam as folhas das arvores, e com estas folhas uma cousa branca como cal; e d'ahi resulta que os dentes se lhe põem pretos; é o que se chama tomboer do qual levam sempre comsigo em viagem. A pimenta cresce n'este paiz como a vinha no nosso.

Ha gatos tam grandes como as nossas rapozas, e d'esses gatos se tira o almiscar que se vende por bom preço; porque um gato vale cem ducados e o almiscar cresce-lhe entre as duas pernas debaixo do rabo. ([32])

O gengibre cresce como cannas e a canella como vimos e todos os anos tiram a casca da canella, por delgada que seja, e quanto mais nova melhor é. O estio verdadeiro é em dezembro e janeiro.

A 12 de fevereiro tivemos uma batalha com o rei de Calcoen, ([33]) que tinha trinta e cinco naus sem contar as galés de remos. Em cada uma d'essas naus havia de 60 a 70 homens, e nós só tinhamos 22, e com isso, graças a Deus vencemo-los; e tomámos duas grandes naus e depois de trucidarmos todos os que as tripulavam, queimámos os navios diante da cidade de Calcoen em presença do rei; e no dia seguinte fizemo-nos de vela para Cannaer ([34]) depois de tudo preparado para regressarmos ao reino. O que teve logar em 1503, a 12 de fevereiro.

A 22 de março o sol, no poente, ficava-nos ao norte; desde 13 de março perderamos de vista a estrella Polar.

A 26 de março chegamos á vista de duas ilhas onde não quizemos desembarcar porque vinhamos alastrados de mercadorias preciosas; e quando os naturaes viram que nós não queriamos desembarcar, accenderam uma grande fogueira chamando-nos.

A 10 de abril tornamos a ver as terras dos paepianos, e *já tinhamos quarenta e oito dias no golpho.*

A 13 de abril vimos de novo o reino de Meskebail de que antes se fallou, e demoramo-nos lá até 16 de junho, dia em que largamos vélas. E' n'esta epocha em que os dias são mais curtos.

Ha um grande reino, por nome Coloen (27) que precedentemente descrevemos. Ahi crescem as perolas n'uma especie de ostra no fundo do mar: porém o mar não tem mais de quatro a cinco braças de profundidade e ha pescadores que pescam as ostras com cestos de madeira. Põem os cestos na bocca e logo descem á agua, debaixo da qual podem conservar-se um quarto de hora; e logo que pescaram alguma cousa sobem e assim successivamente.

No dia 14 de junho começou a faltar-nos o pão e viveres, e ainda estavamos a 1780 milhas de Lisboa.

A 30 de junho encontramos uma ilha onde matamos mais de 300 homens, captivando um grande número. Ahi fizemos aguada e partimos no dia 1 de agosto.

A 13 de agosto tornamos a ver a estrella Polar e ainda estavamos a 600 milhas de Portugal

No anno de 1502 os infieis perderam 180 naus; e se estas não fossem perdidas mal nos iria a nós, porque eram inimigos nossos.

E assim regressamos sãos e salvos a Portugal. (35)

Deo Gratias.

NOTAS

(1) Este *roteiro* foi escrito por um flamengo, companheiro de Vasco da Gama, na segunda viagem para a India. Foi publicado pela primeira vez em Antuerpia, cerca de 1504 e dessa edição se conserva um exemplar no *British Museum*, em Londres. J. P. Berjeaw publicou em 1874 a tradução do holandês para o inglês e em 1881 para o francês. A versão em português foi publicada por Oliveira Martins.

(2) Há confusão. Em 1501 saiu de Lisboa uma armada portuguesa, sob o comando de D. João de Menezes, mais tarde agraciado com o titulo de Conde de Tarouca, contra os turcos, em auxilio dos venezianos (Damião de Goes — *Crónica de D Manuel*, p. I, cap. LI). Sôbre a armada de 1502 que saiu de Lisboa sob o comando de Vasco da Gama, escreve Barros o seguinte, aproveitando a oportunidade para discorrer e dissertar sôbre o direito colonial internacional daquela época :

"Antes que João da Nova viesse desta viagem, que fez á India (segundo neste precedente livro fica,) per quem ElRei D. Manuel soube como fora recebido nella, e nossas cousas eram acceptas ácerca do Gentio, e Mouros daquellas partes, já deste Reyno no Março passado de quinhentos e dous era partido D. Vasco da Gama com huma frota de vinte vélas a esta conquista. Antes da partida do qual teve ElRey muitos conselhos ; porque como a sua ida assi poderosamente se causou por razão dos trabalhos do mar, e perigos da terra, que Pedralvares Cabral passou, e por outras cousas que vio, e experimentou na communicação, que teve com os Principes daquellas partes, fizeram todas estas cousas muita dúvida no parecer de pessoas notaveis deste Reyno, se seria proveitoso a elle huma conquista tão remota, e de tantos perigos ; peró que algumas destas pessoas, quando ElRei teve conselho na primeira ida de D. Vasco da Gama, approváram este descubrimento, que elle hia fazer, e depois a ida de Pedralvares. Porque nestas primeiras viagens não mostrou o negocio tanto de si, como com a vinda delles, posto que a sua informação ainda foi mui confusa, pera o que nas seguintes Armadas se soube da grandeza daquella conquista. Porem sómente com as con-

com gente da India, cujas idolatrias, abusos, vicios, opiniões, efectas, hum Apostollo de Christo Jesus per elle enviado, como foi S. Thomé, temeo, e receou ir a ella, sómente a lhe dar doctrina de paz, e salvação pera suas almas; como se podia esperar que a nossa doctrina, ainda que Catholica fosse, por ser com mão armada, e não per boca dos Apostolos, mas de homens subjectos mais a seus particulares proveitos, que á salvação daquelle povo Gentio, podia fazer nelles impressão, principalmente ácerca dos Mouros, que por razão desta doctrina Evangelica eram nossos capitaes imigos; os quais eram já tantos entre aquelle Gentio, assi dos naturaes da terra, a que elles chamavam Naiteas, como estrangeiros, que não contando os de toda a costa da India, sómente começando da Cidade Goa, que estará quasi no meio della té Cochij, que serão pouco mais, ou menos cento e vinte leguas per costa, (segundo se dizia, e depois se soube em verdade;) havia mais Mouros que em toda a costa de Africa, que temos defronte entre a nossa Cidade Cepta, e Alexandria. A maior parte dos quaes, principalmente os estrangeiros, como tinham usurpado do Gentio d'aquellas partes todo o navegar das especiarias, e comiam este fructo dellas, eram feitos tão absolutos senhores de toda a riqueza dos portos de mar, que alguns delles em substancia de fazenda eram tão poderosos, que mais levemente podiam fazer huma guerra, e comportar as despezas della per muito tempo, do que o podem fazer os Reys de Belez, Tremecem, Ourão, Argel, Bugia, e Tunes, que he a flor de todolos Principes, que tem a costa de Africa que vizinhamos. E como com a nossa entrada na India estes Mouros tão poderosos perdiam o trato das especiarias, e commercio, que lhes dava este grão poder; todos conjuráram em nossa destruição, e pera isso convocam as ajudas do Gentio da terra, como fizeram per mão do grande Çamorij de Calecut. Outros homens do mesmo conselho d'ElRey D. Manuel, e pessoas mui notaveis do Reyno, tambem faziam estas considerações, e tenteavam estas cousas que apontamos, porém contra ellas punham outros bens, que prevaleciam sobre estes temores, os quaes eram a denunciação do Evangelho, ainda que não fosse per boca dos Apostolos, nem per o modo com que elles o denunciavam, porque então assi conveio pera gloria de Christo no principio de Congregação da sua Igreja; mas o presente per

qualquer modo, e pessoa Catholica que fosse, muito havia de acrescentar no estado da Igreja Romana a nossa entrada na India. E quanto ás contradições que tinhamos nos Mouros, e Çamorij por parte delles, tambem tinhamos dous Reys pola nossa mui amigos, e leaes, como eram ElRey de Cochij, e Cananor, e assi o Reyno de Coulão; os quaes desejavam tanto nossa amizade, que começavam entre si contender a quem nos daria carga de especiaria, e nos teria por amigos, por verem logo naquella primeira ida de Pedralvares Cabral quão proveitoso lhes era o nosso commercio, assi no que recebiam, como no que davam. E mais, como a substancia da guerra he o dinheiro, e este adjunta náos, artilheria, homens, e toda outra munição dellas, era tamanho o proveito que se havia da mão daquelles dous Reys nossos amigos, por elles serem senhores da flor della, que deste grande proveito se podiam supprir as necessidades da guerra, (quando os Mouros a quizessem comnosco,) e mais faria este Reyno de Portugal mui rico. Porque foi tamanho o ganho das mercadorias, que foram naquella Armada de Pedralvares, que em muitas cousas com hum se fez de proveito no retorno, sinco, dez, vinte e trinta até sincoenta; per experiencia das quaes cousas ficavam todalas outras razões subditas a este bem de proveito, que sempre prevaleceo em todo conselho. Porém as primeiras, nem as segundas razões, que assima apontámos, que procediam do parecer, e juizo dos homens principaes do Reyno, não tinham no coração d'ElRey D. Manuel tanta parte pera o mover a este descubrimento, e conquista, quanta tiveram as inspirações de Deos, que o demoviam pera effecto della. E ainda parece que o mesmo Deos permittia as razões, e dúvidas movidas, pera com mais cuidado, e providencia se proverem as cousas pera este descubrimento, e conquista. Finalmente ElRey se determinou, que pois Nosso Senhor lhe abrira este caminho nunca descuberto, no qual seus antecessores tanto trabalharam per continuação de setenta e tantos annos, elle o havia de proseguir; e mais vendo ser já maior o fruto delle naquella primeira ida de Pedralvares, do que eram os trabalhos passados, e temores do que estava por vir. Quanto mais que as grandes cousas, (e principalmente esta, de que toda a Europa se espantou,) não se podiam conseguir senão por muitos, e mui varios casos,

pera poderem entrar nela. E ainda conformando-nos com o mesmo Direito commum, não fallando nestes Mouros, e Gentios, que tem perdida esta aução por não receberem nossa Fé, mas qualquer membro della não pode pera aquellas partes Orientaes pedir servidão, porque ante da nossa entrada na India, com a qual tomámos posse della, não havia algum que la tivesse propriedade herdada, ou conquistada; e onde não ha aução precedente, não ha servidão presente, ou futura. Porque como todo acto, pera se continuar per muito tempo, requere principio natural; assi as auções pera serem justas, dependem de hum principio de precedente justiça, que no Direito Commum he hum centro universal, a que hão de concorrer todolos actos dos homens, que vivem segundo a Lei de Deos. Quanto titulo da conquista, hoje per ella são mettidos na Coroa deste Reyno estes Reynos, Çofala, Quiloa, Mobaça, Ormuz, Goa, Malaca, Maluco com todalas Ilhas do seu estado, e os Senhorios da *Cidade de Dio, e Baçaim, com todas suas terras*, que são do *Reyno do* Cambaya, e adiante Chaul, Baticalá, em todalas quaes partes temos nossas fortalezas com Officiaes, e Ministros do governo da terra. Pe ró ao présente temos leixado Quiloa, e Mombaça, por serem partes mui doentias, éustosas, e sem fructo, como leixamos a ilha Çocotorá, e Anchediva por não serém necessárias. E assi temos tambem outras muitas terras, posto que não sejam intitnladas em Reynos, cujos portos estam á nossa obediencia, e recebem nossas náos com reverencia, como suas superioras. Do titulo do Commercio, como elle requere duas vontades contraentes em huma cousa, o qual acto presuppõe paz, amizade, e obediencia; o testemunho que temos da posse delle, são quantas náos cada anno vem carregadas daquellas partes a este Reyno com muyta especiaria, e todo genero de cousas, que se nellas produzem, e fazem; isto he, fallando em gerall, que em particular deste commercio temos uso per tres modos. O primeiro he quando se faz nas terras, e senhorios assima nomeados que houvemos per conquista, contratamos com os póvos da terra, como vassallo com vassallo de hum Senhor, cujos direitos das entradas, e sahidas são da Coroa deste Reyno. O segundo modo he, termos contratos perpétuos com os Reys, e Senhores da terra de a certo preço nos darem suas mercadorias, e receberem as nossas, assi como está assentado, com os Reys de Cana-

negam a gloria que devem ao seu Creador, e Remidor, intitulou-se por Senhor dellas: descubrio o commercio das especiarias, as quaes eram tratadas, e navegadas per aquelles póvos infieis, per o mesmo modo: pois era Senhor do caminho, e da conquista da terra, tambem lhe convinha o Senhorio do Commercio della. Pera os quaes titulos não houve mister mais escritura que a primeira doação Apostolica, e trazellos elle em seu ditado, quanto mais que ao presente já são confirmados per o Direito de Usucapionis, (como dizem os Juristas,) de mais de cincoenta e tantos annos de posse, segundo se verá no processo desta nossa historia per este modo. Quanto á Navegação, foi sempre tão grande a potencia de nossas Armadas naquellas partes Orientaes, que por sermos com ellas senhores dos seus mares, quem quer navegar, ora seja Gentio, ora Mouro, pera segura, e pacificamente o poder fazer, pede hum saluo conducto aos nossos Capitães que lá andam, ao quall elles communmente chamam Cartaz; e se este infiel he achado, não sendo dos lugares onde temos fortalezas, ou que estam em nossa amizade, com justo titulo o podemos tomar de boa guerra. Porque ainda que per direito commum os mares são communs, e patentes aos navegantes, e tambem per o mesmo direito somos obrigados dar servidão ás propriedades, que cada hum tem confrontadas comnosco, ou pera que lhe convenha ir, por não ter outra via pública, esta lei ha lugar somente em toda a Europa, ácerca do povo Christão; que como por Fé e Baptismo está mettido no gremio da Igreja Romana, assi no governo de sua policia se rege pelo Direito Romano. Não que os Reys, e Principes Christãos sejam subditos a este direito imperial, principalmente este nosso Reyno de Portugall, e outros, que são imediatos ao Papa per obediencia, e não por serem feudatarios, mas acceptam estas leis em quanto são justas, e conformes á razão, que he madre de Direito. Peró acerca dos Mouros, e Gentios, que estam fóra da Lei de Christo Jesus, que he verdadeira que todo homem he obrigado ter, e guardar, sob pena de ser condemnado a fogo eterno, quem no principal, que he alma, esta condemnado, a parte que ella anima não pode ser privillegiada nos benefícios das nossas leis, pois não são membros da Congregação Evangélica posto que sejam proximos por racionaes, e estam, em quanto vivem, em potencia, e caminho

las ficarem pera favor destas duas Feitorias, tambem no verão alguns mezes haviam de ir guardar a boca do estreito do mar Roxo, pera defender que não entrassem, e sahissem per elle as nãos dos Mouros da Méca, que eram aquelles, que maior odio nos tinham, e que mais impediam nossa entrada na India, por causa de trazerem entre as mãos o maneio das especiarias, que vinham a estas partes da Europa per via do Cairo, e Alexandria. A capitanía mór das quaes vélas deo ElRei a Vicente Sodré tio de D. Vasco da Gama, irmão de sua mãi; e os outros Capitães, que haviam de andar com elle, eram Braz Sodré seu irmão, e Alvaro de Taíde natural do Algarve, e Fernão Rodrigues Badarças d'alcunha, filho de Ruy Fernandes d'Almada e António Fernandes o qual posto que logo daqui não fosse em navio, e Moçambique lhe havia de ser dada huma caravela, que se alli havia de armar, da qual a madeira hia daqui lavrada, como se fez. E por razão que esta Armada havia de ficar na India pera este fundamento que ElRey fazia, quiz que partisse diante das outras quinze vélas, que aquelle anno tambem hiam. Pedralvares Cabral a quem El Rey tinha dado a capitanía mór de toda esta Armada, quando vio este apartamento de vélas, e ainda o Regimento, que ElRey dava a Vicente Sodré, em modo que quasi o fazia izento delle, não ficou contente. E como elle era homem de muitos primores ácerca de pontos de honra, teve sobre este negocio alguns requerimentos, a que ElRey lhe não satisfez. Finalmente elle não foi, e a Armada toda deo ElRey a D. Vasco da Gama, com o qual juntamente partio Vicente Sodré, que levava a successão delle; e porque ao tempo da sua partida outras sinco vélas não eram de todo prestes, ficáram, e partíram o primeiro dia d'Abril, a capitanía mór das quaes levou Estevão da Gama, filho d'Aires da Gama, e primo com irmão delle D. Vasco da Gama. E os Capitães, que hiam debaixo de sua bandeira, eram Lopo Mendes de Vasconcellos, filho de Luiz Mendes de Vasconcellos, Tomaz de Carmona, Lopo Dias criado de D. Alvaro irmão do Duque de Bragança, e João de Bonagracia Italiano. E os Capitães, que partíram a dez de Fevereiro juntamente com D. Vasco da Gama, eram D. Luiz Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho, d'alcunha Ramiro o segundo Conde de Marialva: Francisco da Cunha das Ilhas terceiras, João Lopes Perestrello, Pedraffonso d'A-

nor, de Challe, de Cochij, de Coulão, e Ceilão, os quaes são senhores da flor de toda a especiaria, que há na India. E porém este modo de contractar he sómente ácerca das especiarias, que elles dão aos Officiaes d'ElRey, que alli residem em suas Feitorias pera carga das nãos, que vem a este Reyno; e todalas outras cousas, que não são especiaria, estas taes são liures, e communas pera todo Portuguez, e natural da terra poder tratar; o preço das quaes cousas está na vontade dos contrahentes, sem ser atado, nem taxado a huma justa vallia. O terceiro modo, he navegarem nossas náos, e navios per todas aquellas partes, e conformando-nos com o uso da terra, contrahemos com os naturaes della per commutação de huma cousa per outra ao seu preço, e ao nosso. E posto que estes tres titulos, Conquista, Navegação, e Commercio sejam actos em tempo, não terminados, e finitos, e em lugar tão grandes, que comprehendem tudo o que jaz do Cabo Bojador té o fim da terra Oriental, & c. e neste anno de quinhentos e hum, ElRey D. Manuel se intitulou delles, não podia tomar outros mais proprios á justiça, e aução que tinha naquella Oriental propriedade, ao presente salvos elles bem se póde a Coroa deste Reyno intitular destes Reynos, que tem conqüistado: Na Ethiopia de Çofala, Quiloa, e Mombaça; e na Arabia, e Persia do grande Reyno Ormuz, cujo estado com muitas Villas, e Lugares está nestas duas partes da terra. E na India dos Reynos de Goa, Malaca e Maluco, com todolos mais senhorios que nestas quatro Provincias tem navegado, e conquistado; e assi na Provincia de Sancta Cruz occidental a estas, a qual ao presente ElRey D. João o Terceiro Nosso Senhor repartio em doze capitanías dadas de juro, e herdade ás pessoas que as tem, como particularmente escrevemos em a nossa parte intitulada Sancta Cruz..." (Dec. I, liv. VI, cap. I).

"Por as causas, que atrás apontámos com que se ElRey D. Manuel determinou proseguir o descubrimento, e conquista da India, e e tomar os titulos della, quiz neste anno de quinhentos e dous mandar vinte vélas, sinco dellas haviam de ficar d'Armada na India em favor de duas Feitorias, huma em Cananor, outra em Cochij, que haviam de estar em terra com Officiaes a ellas ordenados, por causa da amizade, e commercio, que estes dous Reys desejavam ter com elle, como lhe enviáram dizer per seus Embaixadores, que Pedralvares Cabral trouxe. E além destas sinco vé-

da Gama huma pratica, que em Lisboa tiveram com elles huns Venezeanos, em que lhe fizeram crer que as cousas deste Reyno de Portugal eram bem diferentes do que elles viam naquella somma d'ouro; e o caso foi per esta maneira. Ao tempo que esta Armada da India, se fazia em Lisboa prestes, estava nella hum Embaixador dos Venezeanos, homem nobre, e prudente, a vinda do quall a este Reyno era pedirem elles a ElRey D. Manuel ajuda contra o Turco, que lhe tinha tomado Modon, e procedia na guerra contra elle, de que se esperava poder sobrevir grão damno á Christandade, o qual soccorro lhe elle mandou, segundo escrevemos em a nossa Africa.E como este negocio do commercio das especiarias era huma grão parte de que o estado de Veneza se sustentava, vendo estes Embaixadores da India em Lisboa, ou per mandado do Embaixador Venezeano, ou per qualquer outro modo que fosse, alguns familiares seus, mostrando curiosidade de querer saber as cousas da India, foram fallar com elles. Tendo secretamente prática sobre o tracto da especiaria, assi os induziam, que lhes fizeram crer que o Embaixador da Veneza era vindo a este Reyno a dar adjutorio de dinheiro, e mercadorias pera se fazer aquella Armada, em que elles haviam de tornar pera a India; porque este Reyno de Portugal era mui pequeno, e pobre e não se atrevia a tamanho negocio, como era o tracto da especiaria, e a senhoria de Veneza era a maior potencia de toda a Christandade, a qual senhoria desque houve tracto no Mundo, sempre negociára com os Mouros do Cairo, que traziam esta especiaria pelo mar roxo do Reyno de Calecut e de toda a costa Malabar, donde elles eram naturaes. Que o final desta verdade elles o podiam lá ver e saber, porque quanta moeda d'ouro os Mouros levavam pera a compra della, tudo eram ducados Venezeanos; e as sedas escarlatas com todalas outras policias, que estes Mouros levavam da mão dos Venezeanos, se havia em os portos de Alexandria, e Barut, onde elles mandavam suas náos a fazer com os Mouros commutação destas cousas com a especiaria que alli traziam. Que se espantavam muito como os Reys, e Principes daquellas partes leixavam de contractar com os Mouros, como té li fizeram, pois per elles podiam haver todalas cousas, que a Senhoria de Veza tinha per modo tão pacifico, como sempre usiram. O qual modo elles eram testemunhas não terem os Portuguezes; porque como

guiar filho de Diogo Affonso d'Aguiar: *Gil Matoso, Ruy de Castanheda,* Gil Fernandes, Diogo Fernandes Correa, que hia por Feitor pera ficar em Cochij, e Antonio do *Campo. E sómente este, de todas* estas vintes vélas, aquelle anno não foi á India. Do qual ao diante faremos relação. E antes de partir esta frota, estando ElRey em Lisboa, a trinta de Janeiro foi ouvir Missa á Sé, e depois de acabada, com solemne falla, relatando os *meritos de D. Vasco da Gama, o* fez Almirante dos mares de Arabia, Persia, India, e de todo o Oriente. *No fim do qual acto* ElRey *lhe entregou a bandeira do cargo* que levava, e dahi foi levado per todolos principaes Senhores, e Fidalgos, que eram *presentes, com grande pompa té o cais da ribeira,* onde embarcou" (Dec. I, liv. VI, cap. II).

(3) *Mazalquibir dos nossos cronistas.*

(4) Oran, na costa da Argelia.

(5) De Gibraltar.

(6) Esta expedição vinha com o fim de vingar as afrontas sofridas por Pedro Alvares Cabral *em Calicut (Goes.—obr. cit, p. I, cap.. 48). Daí* as atrocidades que Oliveira Martins verbéra (*História de Portugal* I, pag. 229).

(7) Cabo Não ou Bojador transposto em 1429-30 por Gil Eanes.

(8) *As Canárias.* O tratado das Alcaçovas de 4 de Setembro de 1479 pôs termo ao litígio entre Portugal e Castela sôbre a posse das Canárias (Vide *O Oriente Português*, 2.ª série, n.° 2 e 3, pag 11).

(9) Cabo Verde, descoberto em 1444 "...o derradeiro dia de Fevereiro surgio no rosto delle, onde os nossos chamam Porto Dale no qual esteve seis dias fazendo sua aguada e alguma pescaria, e alli veio ter com elle huma caravella, que vinha da Mina, de que era Capitão Fernando de Montaroyo, o qual trazia duzentos e sincoenta marcos d'ouro todo em manilhas, e joias, que os Negros costumam trazer. O Almirante, porque levava comsiguo Gaspar da India, que elle tomou em Anchediva, e assi os Embaixadores d'ElRey de Cananor, e de ElRey de Cochij, quiz-lhe dar mostra delle; não tanto pola quantidade, quanto porque o vissem assi, como vinha por lavrar, e soubessem ser ElRey D. Manuel Senhor da Mina delle, e que ordinariamente em cada hum anno lhe vinham doze, e quinze navios, que traziam outra tanta quantidade. A' vista do qual ouro houveram estes Indios por tão grande cousa, que vieram descubrir a D. Vasco

carta d'ElRey D. Manuel, sobre ella tratou com elle, que se fizesse seu vassalo pera ficar em sua amizade, e debaixo de sua protecção com tributo de quinhentos miticaes de ouro, pezo que amoedado podiam ser da nossa moeda quinhentos oitenta e quatro cruzados, isto mais em sinal de obediencia que por a quantidade delle" (Barros — Dec. I, liv. VI, cap. III). O texto diz 1500 miticais e é o texto que está exacto. No padrão de juro lavrado a favor de Vasco da Gama, depois desta segunda viagem e em remuneração dos serviços lê-se: "El-Rey de quilloa Rey mouro o primeiro da entrada da ymdia por o não achar tam inteiro nas cousas de nosso serviço como por suas cartas e mensagens nos tinha enviado dizer, someteo (Vasco da Gama) a nosso serviço e obediencia e o fez per força nosso tributario com *mill e quinhentos miticaes douro* em cada huum anno de que loguo a pagua daquelle primeiro anno lhe fez" (*Padrão de 20 de Fevereiro de 1504, na Coll. de leis. de Div. pub port. I, p. 131*).

Divergem os cronistas sôbre os meios empregados por Vasco da Gama para obrigar o soberano de Quiloa ao tributo ao rei de Portugal. João de Barros dá a entender que não usou contra êle de violência. Damião de Goes refere que o almirante prendera o xeque e apenas com ameaças de que o levaria prêso a Portugal o induzira a sujeitar-se à vassalagem (*Chron. de D. Manuel*, part II, cap. LXVIII). Castanheda, porém, escreve que Vasco da Gama depois de apoderar-se do tímido soberano o pusera a uma espécie de tormento, mandando-o meter debaixo de água, até que assentisse em pagar anualmente os dois miticaes de oiro (*Hist. do descobr. e conq. da India*, liv. I, cap. XLIV). Segundo a versão de Tomé Lopes o almirante não empregou a mínima violência ameaçou-o apenas de ir a terra com 350 portugueses (*Navegação ás Indias Orientaes*, que publicamos adiante).

Refere-se Gaspar Correia a um episódio curioso: "Na cidade hauia muy fermosas molheres, as quaes, por serem muy ençarradas dos Mouros, por seus costumes de serem muito ciosos, erão ellas muy catiuas, e maltratadas. Polo que nestes dias fogirão muytas, que se vierão pera os Portuguezes que escondidamente mettião nas naos, e tinhão muyto escondidas, as quaes todas dizião que as fizessem christãs, que antes querião ser captiuas dos Christãos, que molheres dos Mouros. Os Capitães, sabendo isto, que as molheres assi fogidas, e fallando com ellas, apersiauão em querer ser

eram homens de guerra, e não usados na mercadoria todo o seu negocio per este no novo, e comprido caminho, que tinham descuberto, havia de ser á força de armas e trabalharem por destruir os Mouros d'aquellas partes, por serem seus capitaes imigos nestas Occidentaes de Africa, por andarem em contínua guerra com elles. Finalmente per este modo assi enchêram os Venezeanos as orelhas dos Embaixadores, que levavam elles maior opinião do estado da Veneza que deste Reyno, e que o mais d'aquella Armada era adjudas desta grande Senhoría. Peró quando elles víram o ouro, que lhe o Almirante D. Vasco da Gama amostrou, ainda que não era muito em pezo, como vinha em manilhas, e joias parte delle, e outro assi como nasce, fazia tão grande volume, que houveram elles que Portugal em ter aquella Mina era mais poderoso, e rico, que todolos Reys da India, porque nella principalmente em todo o Malabar não ha ouro, e todo lhe vai de fóra. O Almirante porque ElRey D. Manuel soubesse gratificar ao Embaixador de Veneza, que ficava em Lisboa, esta informação, que os seus deram a estes Indios, per o mesmo Capitão Fernão de Montaroyo lho escreveo. E acabada de fazer sua aguada, hum Domingo seis de Março com a maior parte da gente, sahio em huma Ilha, a que chamam Palma, pegada no Porto de Bezeguiche, onde ouvio Missa, e prégação, e ao seguinte dia se fez á véla fazendo sua viagem. " (Barros —Dec. I, liv. VI, cap. II).

(10) Sofala "Na qual ida (a Sofala) elle Almirante não fez mais que algum resgate de ouro com os Mouros, que estavam na povoação" (Barros —Dec. I, liv. VI, cap. II).

(11) Xeque árabe.

(12) Moçambique ... "o Almirante chegou a Moçambique, que foi a quatro de Junho... E em quatro dias que se alli deteve, por algumas náos fazerem agua pelo costado, lhe mandou dar pendor, e tambem assentou paz com hum Xeque da povoação, que já era outro, e não aquelle, com quem tinha passado o que atrás fica, quando descubrio aquelle caminho" (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. III).

(13) Quiloa "... onde chegou a doze de Julho... Ao qual Rey per nome Habrahemo, o Almirante fez mais gazalhado, e honra do que elle merecia, pelo que tinha feito aos Capitães passados, e por quão revel fora em querer vir alli. Finalmente o Almirante lhe deo huma

As molheres, vendo que as leuauão a terra, se querião deitar ao mar, e algumas se deitárão, que tornárão a tomar. Leuadas ante ElRey, e dado o recado do Capitão mór, onde já alguns se tinhão queixado ao Rey de lhe os nossos leuarem furtadas suas molheres, então ElRey mandou dizer que seria feito, como elle mandaua; e logo mandou apregoar com muytos homens pola cidade, que quem achasse molher menos, a viesse tomar a sua casa, apregoando a condição com que lhas hauia d'entregar, que era se lhe fizesse algum mal, por isso serião mortos, e lhe tomaria as fazendas. Polo que logo quem quisesse as viesse tomar, senão que as tornaria a mandar ao Capitão mór. Polo que vierão muytos que as leuárão; mas ficáram até quarenta, que vierão seus maridos dizer a ElRey que as não querião. O que tudo assi passou perante Vicente Sodré a quem ElRey rogou que tudo visse. Então mandou ao Capitão mór grandes agradecimentos, e dizer que mandaua que fizesse das que ficauão, que seus maridos nom querião tomar, porque ellas gritauão que já erão Christãs, e lhe deitirão agoa na cabeça, polo que lhe muyto rogaua que as mandasse recolher, porque ficando em terra, todas se matarião. O que vendo o Capitão mór, forçadamente as mandou recolher na sua nao, que se nom fiou d'outrem, e as mandou metter nas camaras fechadas, e na India as pôs em Cananor e Cochym. Das minimas destas molheres, que erão muytas, foram as primeiras molheres que da India forão a Portugal. Com o que sendo a armada de todo auiada do que hauia mister, se partio pera Melinde". (*Lendas da India*, tomo I, pag. 282).

"E como neste tempo ElRey estava em Lisboa, quando foi a elle, levou as pareas, que houvera d'ElRey de Quiloa, as quaes com grande solemnidade a cavallo, levava em hum grande bacio de prata hum homem nobre em pelóte, com o barrete fóra ante elle Almirante com trombetas, e atabales, acompanhado de todolos senhores, que havia na Corte. Das quaes pareas ElRey mandou fazer huma custodia d'ouro tão rica na obra, como no pezo; e como primicias daquellas victorias do Oriente offereceo a Nossa Senhora de Bethlem (Igreja dos Jeronimos), á obra da qual casa applicou todalas prezas, que pertencessem a elle (Barros – Dec. I, liv. VI, cap. VII).

(14) "ElRey (de Melinde) quando soube que elle estava . veo-lhe huma carta per mão de Luiz de Moura, .

degredados, que Pedralvares alli leixou, e elle lhe respondeo, dizendo a causa de ir ter áquella parte, não trazendo cousa que mais desejasse ver que sua pessoa; mas pois o tempo lhe não deo lugar, quando embora tornasse da India, esperava em Deos de o ter melhor pera se ver com elle" (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. III).

(15) A costa de Mahra Ghara, da península da Arábia.

(16) Cambaia. A proximidade de Chaldea é fantasia.

(17) Goa. Dos 400 navios queimados em Goa não falam os cronistas Barros, Goes, Castanheda e Gaspar Corrêa.

(18) Angediva.

(19) Cananor.

(20) "... e dahi (de Angediva) se foi lançar ao monte Delij, por ser um Cabo mui notavel, que está no principio da costa Malabar". (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. III).

(21) Era a nau Merij, pertencente ao sultão do Cairo, segundo Barros e Goes, e a uns mouros de Meca, segundo Castanheda (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. III; Goes—obr. cit, part. I, cap. LXVIII; Castanheda—obr. cit, liv. I, cap. XLV) "... os meninos filhos dos mouros mandou dom Vasco guardar & despois os fez frades em nossa senhora de Belem" (Castanheda—obr. cit, liv. I, cap. XLV).

(22) Cananor, onde João da Nova, capitão-mór da armada que partiu de Lisboa a 5 de Março de 1501, estabeleceu uma feitoria, deixando como feitor Paio Rodrigues (Barros — Dec. I, liv. V, cap. X) "...recolheo-se (Vasco da Gama) dentro no porto de Cananor, onde, depois que foi visitado d'ElRey per recados, assentou com elle, que se vissem em huma ponte tão mettida dentro no mar, que pudesse elle Almirante estar em huma caravela, e elle na ponte praticando ambos. Feita esta ponte, e assentado o dia destas vistas, sahio o Almirante das náos na sua caravela toldada de veludo verde, e roxo, com muitas bandeiras de seda, e per derredor todolos bateis tambem embandeirados, e nelles, e na caravela a mais limpa gente da Armada, e em guarda de sua pessoa vinha outra carauela, que tudo era artilheria, e gente armada, porque quem olhasse pera a galanteria das cores dos vestidos, tambem visse reluzir armas, e se ouvisse trombetas, ouviria bombardas. ElRey como soube que o Almirante D. Vasco da Gama partia das náos com este apparato, tambem por lhe mostrar o seu, sahio de suas casas, que estavam a hum cabo da

povoação, tomando ao longo da praia pera lhe verem os nossos sua pompa. Diante do qual vinha muita gente solta, cujo officio nas taes cousas he poer-se onde melhor possa ver, e detrás deste povo vinham dous Elefantes adestrados per dous Indios, que de sima delles em modo de porteiros faziam affastar a gente, leixando hum grande terreiro ante a pessoa delRey. E de quando em quando remettiam os Elefantes ao cardume dos homens, como que os queriam fazer apartar; e em modo de prazer, tomavam hum com a tromba, e andava volteando com elle no ar, e per derradeiro o lançavam em sima de outra gente. ElRey vinha em hum andor dos que elles usam, ás costas de certos homens, mui bem vestidos a seu modo com panos de seda, e persima o cubriam tres, ou quatro sombreiros de pé de copa de hum grande esparravel, que faziam sombra, não sómente á pessoa d'ElRey, mas ainda aos homens, que o traziam aos hombros. Outros traziam huns abanos altos com que abanavam, como quem lhe queriam refrescar o ar per onde passava; e junto delle vinha hum homem, que lhe trazia hum vaso de prata dourado a modo de cópa pera lançar a seiba, que fazem do batel, que o mais do tempo andam remoendo entre os dentes, cousa entre elles mui costumada, do qual em os Livros do nosso Commercio no Capitulo deste batel mui particularmente tratamos delle, e deste uso geral daquellas partes. Toda a outra gente, que acompanhava ElRey, vinha posta em ordenança, parte detrás, e parte diante, os quaes seriam quatro mil homens de espada, e adarga, e delles alguns por sesta em boa ordem se sahiam do fio do seu lugar, e jogavam de esgrima mui leve, e soltamente, quasi ao som dos instrumentos, que traziam pera animar o furor da guerra, como vemos usar na Ordenança dos Soiços nesta nossa Europa. Posto cada hum em seu lugar, ElRey no cadafalso da ponte, e o Almirante na popa da caravela, tão chegados hum a outro que parecia estar em hum mesmo assento, fallaram hum pedaço per meio de seus Interpretes. Na qual prática não houve mais que offerecimentos de parte a parte, e apresentar hum ao outro o que traziam pera se darem, segundo o uso da terra. ElRey como era homem, que parecia de sessenta annos, debilitado em suas carnes, e mui escrupuloso em sua religião, por ter huma certa dignidade ácerca dos Bramanes, a quem sob grave excommunhão he defezo tocar-se com outra gente por averem

que he profana, e sobre tudo mui temeroso das nossas armas, e medos, que lhe os Mouros faziam ter de nós, espedio-se do Almirante, dizendo, que como homem velho já não podia soffrer a grande calma que lhe perdoasse, que se queria recolher. Que quanto ao negocio do trato da especiaria, elle mandaria logo ao outro dia os seus Officiaes, e assi os principaes mercadores da terra pera estarem com elle nisso, e que tudo se faria, pera que ElRey de Portugal seu irmão fosse servido: e sem mais pratica ElRey se recolheo a seus Paços na ordem em que veio, e o Almirante pera ás náos dando tambem sua mostra."... (*Barros—Dec.* I, *liv.* VI, *cap.* IV).

"Ao dia seguinte, que ElRey de Cananor disse ao Almirante, que lhe havia de mandar homens, que assentassem com elle o negocio do trato, vieram quatro dos principaes da terra, dous Mouros, e dous Gentios, aos quaes o Almirante recebeo com honra, e gazalhado. E começando de praticar com elles em os preços da especiaria achou-os em suas palavras mui differentes do que lhe ElRey tinha dito, dizendo elles, que ElRey não tinha das especiarias assi das que se davam na terra, como das que vinham da fóra, sómente os direitos dellas, tudo o mais era dos mercadores que nisso tratavam. Que elle não podia pôr preço á fazenda alheia, e mais per este preço, que lhe elles diziam, levava o Capitão João da Nova as que alli carregou, e em Calecut, antes que fosse o alevantamento, as que Aires Correa houve, a este preço foram. O Almirante posto que replicou, repetindo sempre que per os preços porque as davam aos Mouros de Méca, a esse lhe haviam de ser dadas, espedíram-se estes Mouros delle, dizendo, que iriam dar disso conta a ElRey. O que elle Almirante não houve por estranho, parecendo-lhe serem modos de contratar a seu prazer, segundo o tinha avisado Gonçalo Gil, que estava em Cochij, e assi Payo Rodrigues, que ficava alli em Cananor d'Armada de João da Nova. Porém depois que elle vio que não tomavam conclusão, e que tudo era querer dilatar o negocio pera se chegar o tempo de sua partida, e que ElRey estava dalli duas leguas, com titulo que se affastava do mar por lhe fazer nojo á sua má disposição, mandou a elle Antonio de Sá, acompanhado de três, ou quatro homens, com huns apontamentos, pedindo-lhe que se determinasse segundo fórma delles. Em resposta dos quaes Antonio de Sá trouxe, que pois elle Almirante não era contente dos pre-

ços, e modo per que se lhe dava a especiaria, podia ir em boa hora a Cochij, e segundo o partido que la fizesse, assi o fariam os mercadores de Cananor. Da qual resposta o Almirante ficou tão indignado, que mandou logo chamar a Payo Rodrigues, e os que ficiram com elle, dizendo que se recolhessem, por quanto elle se mandava per huma carta espedir delRey com taes palavras, que não convinha ficar alli algum Portuguez. Payo Rodrigues vendo a determinação do Almirante, pedio-lhe que houvesse por bem ser elle a pessoa, que havia de enviar a ElRey, com tanto que a carta fosse hum pouco moderada, porque sendo assi, esperava tomar com elle alguma boa conclusão, por saber já o modo de negociar com aquella gente. O Almirante, porque lhe pareceo que não se perdia muito tempo em tentar ElRey outra vez per Payo Rodrigues, o mandou a elle, aqueixando-se da mudança que achava em suas palavras, tomando por conclusão, que pois os Mouros de Cananor tinham tanto poder em sua vontade, que lha faziam mudar, elle tambem pela manhã se mudava dalli pera Cochij, onde estava hum Rey de muita verdade, e que tinha mais conta com os Portuguezes que com os Mouros. Que leixava alli huma caravela pera recolher aquelle mensajeiro, e os outros de sua companhia; e lhe fazia saber, que onde quer que achasse Mouros de Cananor, havia de tratar como aos de Calecut, e lhe havia por alevantados os seguros que lhes tinha dado pera poderem navegar, porque gente pertulbadora de paz, e concordia, não merecia que alguem a tivesse com elles; e com este recado espedio Payo Rodrigues, e elle Almirante partio-se ante manhã, leixando naquelle porto de Cananor a Vicente Sodré em sua náo, e huma caravela pera recolher Payo Rodrigues...

ElRey de Cananor com o recado, que lhe Payo Rodrigues levou do Almirante, vendo que era partido desavindo delle, teve não sómente com o mesmo Payo Rodrigues grandes práticas, mas ainda com os Gentios principaes da terra, que não eram tão suspeitosos a nós, como os Mouros. E a primeira cousa, que logo fez naquelle dia da chegada de Payo Rodrigues, foi pedir-lhe pela amizade que com elle tinha, se tornasse a Vicente Sodré, e acabasse com elle que não partisse, e se detivesse per espaço de dous, ou tres dias, em quanto elle mandava ajuntar todolos mercadores da terra, no qual tempo esperava tomar tal assento, com que ElRey de Portugal fosse servido, e o

Almirante contente. Porque como este negocio das especiarias dependia mais da vontade daquelles, que andavam neste tracto, que da sua, e em cousa de proveito os homens eram máos de concordar, e o Almirante mui impaciente dos vagares dos Mouros, mais sendo imigos, queria que o servissem tão prestes, como se os tivesse ganhado de muito tempo por amigos : não o devia culpar, se neste caso té então não tinha mais feito, e também as cousas de tanta importancia geralmente mais se acabavam com amor, que com indignação. Vicente Sodré, porque á mingua de elle não esperar aquelles dias, não se perdesse esta vontade, que ElRey mostrava, (segundo lhe dizia Payo Rodrigues,) esperou este tempo, em o qual teve conselho com os seus, que zelavam a paz, e bem do Reyno, e determinou-se de todo : mandando dizer ao Almirante per Vicente Sodré, que elle podia mandar carregar as náos que quizesse das fortes da especiaria que lhe tinha promettido, assi, e pela maneira que elle Almirante queria em seus apontamentos ; e que a perda que nisso houvesse, elle a refaria aos mercadores em os direitos, que lhe haviam de pagar ; porque mais estimava a amizade d'ElRey de Portugal, que o accrescentamento das rendas de seu Reyno, posto que os Officiaes de sua fazenda lho tinham contradito. E com este recado mandou a Payo Rodrigues, e aos que estavam em sua companhia, que se não fossem ; porque elle esperava que o Almirante acceptasse sua offerta, e ambos tornassem á primeira paz que tinham, e neste tempo acabariam elles de desbaratar sua fazenda, e fazer seu emprego pera se poderem ir em as náos que fossem pera Portugal...
ElRey de Cananor tanto que soube parte destas cousas, ficou mui temeroso que o Almirante não fosse mais ao seu porto, posto que per Vicente Sodré lhe mandasse recado que o não havia de fazer, e isto lembrando-lhe as differenças, que teve com elle, e quanta mais facilidade ElRey de Cochij mostrou no modo de se com elle comservar, segundo lhe era dito per avisos, que os Mouros mercadores de Cochij mandáram aos de Cananor. E como homem desconfiado, sabendo que Vicente Sodré andava sobre o porto de Calecut, ordenou de mandar dous Embaixadores, que fossem a elle com hum Portuguez dos que estavam em companhia de Payo Rodrigues pera os encaminhar, pedindo-lhe per huma carta, que désse ordem como aquelles seus Embaixadores em hum navio dos seus fossem a Cochij,

porque os mandava ao Capitão mór com negocio, que importava muito ao serviço delRey de Portugal. A qual cousa Vicente Sodré fez com diligencia, mandando huma caravela das suas que os levasse, e o Almirante os recebeo honradamente, e tornou logo a espedir, mandando dizer per elles a ElRey, que tivesse sua ida por mui certa a Cananor assentar as cousas, que lhe mandava requerer, segundo fórma do que elle tinha assentado com ElRey de Cochij...
E espedido delles, partio-se pera Cananor a dezoito de Janeiro, onde chegou. ElRey como já estava sobmettido a toda a razão, e aos apontamentos, que lhe elle Almirante mandára sobre o contrato, e preço das especiarias, não houve mais detença que assinarem ambos estes contratos, e receber gengivre, e outras cousas, que elle Almirante havia de tomar. E tambem lhe leixou alli feitoria em outra força como em Cochij, e por Feitor Gonçalo Gil Barbosa, e Escrivães de seu cargo Bastião Alvares, e Diogo Godinho com té vinte homens. Acabadas estas cousas, partio o Almirante de Cananor, em companhia do qual todo aquelle dia veio Vicente Sodré com sua frota, té que se apartáram. Na qual viagem não fez o Almirante mais detença que quanto em Moçambique carregou algumas náos, o peró que com tempos arribáram, todavia trouxe-o Deos a este Reyno a dez de Novembro, entrando pela barra de Lisboa com nove vélas. Em a qual maré entráram com elle duas caravelas, que vinham da fortaleza de S. Jorge da Mina, e duas náos de Ourão com lambeis pera o mesmo tracto da Mina, e huma de Levante chamada Annunciada, que foi das mais formosas vélas, que se vio em toda a Europa: e assi entráram outras náos, que vinham de Flandes, que fizeram esta vinda do Almirante melhor afortunada. E como neste tempo ElRey estava em Lisboa, quando foi a elle, levou as parcas, que houvera d'ElRey de Quiloa, as quaes com grande solemnidade a cavallo, levava em hum grande bacio de prata hum homem nobre em pelóte com o barrete fóra ante elle Almirante com trombetas, e atabales, acompanhado de todolos senhores, que havia na Corte. Das quaes parcas ElRey mandou fazer huma custodia d'ouro tão rica na obra, como no pero; e como primicias daquellas victorias do Oriente, offereceo a Nossa Senhora de Bethlem, á obra da qual casa applicou todalas prezas, que pertencessem a elle, e mais em quanto fosse sua mercé a vintena do rendimento dos fructos daquella conquista, com que

se faziam as obras da casa. (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. IV, e VII).

(23) " Partido o Almirante, desavindo d'ElRey de Cananor, e fazendo seu caminho ao longo da costa, veio ter com elle hum zambuco, em que vinham quatro homens Gentios do mais nobre sangue da terra, os quaes lhe deram huma carta d'ElRey de Calecut. A substancia da qual era, se elle Capitão mór leixára de ir a seu porto por razão do damno, que fora feito ao Feitor Aires Correia, elle lhe entregaria os auctores daquella união; e que além disto por amor da amizade, que desejava conservar com ElRey de Portugal, naquella Cidade Calecut lhe sería dado carga de especiaria pera todolas náos que levava. Que pera isso mandava aquelles quatro homens dos mais nobres de sua casa, dos quaes ficaria hum com elle, em quanto os tres lhe tornavam com resposta. O Almirante como vinha quebrado com ElRey de Cananor, recebeo estes Naires com honra, e gazalhado, mostrando ter muito contentamento delRey por lhe mandar este seu recado per taes pessoas, dizendo, que lhe parecia que esta vinda delles havia de succeder em bem, por não entrar neste negocio homem da casta dos Mouros. Per o qual modo respondeo a ElRey; e quanto a sua ida a Calecut elle estava em caminho, que assi o faria, como lhe mandava pedir. Espedidos os tres Naires, e ficando hum per sua propria vontade com o Almirante, veio dar entre as caravelas, que hiam ao longo da terra, hum zambuco com obra de trinta almas naturaes de Cananor, aos quaes leixou ir em paz, por ter já da noite passada vindo a elle hum criado de Payo Redrigues com huma carta, em que lhe dava razão do que passára com ElRey, e como estava submettido a toda razão, e a conceder os capitulos que lhe mandára, e que Vicente Sodré levaria resolução de tudo per carta assinada d'ElRey. Seguindo o Almirante seu caminho, sempre pegado com terra, per tres vezes o foi detendo o Camorij com recados, hum no porto de Chomba, outro em Padarené, e outro duas leguas antes de chegar a Calecut. E a este derradeiro porto, em resposta do que o Almirante lhe requeria, lhe mandou dizer, que quanto ao pagamento da fazenda, que os Portuguezes perdêram no alvoroço, que o povo de Calecut commetteo, por as afrontas que lhe os mesmos Portuguezes faziam, que elle Capitão mór se devia contentar com a tomada da náo de Méca, que importou mais em substancia de fazenda, e em morte de gente, que

dez vezes o que Pedralvares tinha perdido. Que se de huma parte, e da outra se houvessem de a sommar perdas, damnos, e mortes, que elle Çamorij era o mais offendido; e pois não requeria destas cousas restituição, sendo requerido com muitos clamores do seu povo, que lhe désse emenda dos males, que tinha recebido dos Portuguezes; e dissimulava este clamor por desejar ter paz, e amizade com ElRey de Portugal. Que elle Almirante não devia mais repetir em cousas passadas, e se devia contentar ir ter áquella sua Cidade Calecut, onde acharia as especiarias que houvesse mister. E quanto ao que dizia, que lançasse do seu Reyno todolos Mouros do Cairo, e de Meca, a isto não respondia, por ser cousa impossivel haver de desterrar mais de quatro mil casas delles, que viviam naquella Cidade não como estrangeiros, mas naturaes, de que o seu Reyno tinha recebido muito proveito. Que so elle Almirante, sem estas capitulações tão impossiveis, como apontava, quizesse assentar paz, e tracto de commercio, que folgaria de o fazer. O Almirante quando vio tão differentes palavras do que té li tinha ouvido per recados da parte delle Çamorij, porque as houve em lugar de afronta, não respondeo mais senão, que elle seria a resposta, e não seriam com o Çamorij os mensajeiros, que trouxeram este recado, quando elle Almirante estava ja surto ante a Cidade Calecut. Mandando logo tomar dous barcos pequenos com seis homens, que vieram ter ás náos, e isto com tenção de os mandar hum, e hum com recados a ElRey, temendo-se que não os havendo per este modo, pera que huns ficassem em arrefens do que mandasse, per propria vontade nenhum lhe havia de acceptar levar recado a ElRey. E parece que assi a tomadia destes, como dos outros, que o Almirante veio tomando per o caminho fez, obrigiram tanto, que logo aquella noite lhe veio recado do Çamorij, aqueixando-se que não sabia porque queria reter os seus naturaes em modo de cativos. Que se o fazia por razão do odio, que tinha aos Mouros, que os presos pouca culpa tinham na causa deste odio; e se era como represaria pera haver o que dizia terem perdido os Portuguezes no alevantamento passado, que já lhe tinha enviado dizer quanto mais damno e mais fazenda elle Almirante tinha havido que perdido em Calecut, e que fosse huma perda por outra. O Almirante como já dos recados, que ao caminho elle Çamorij lhe mandára, vinha

indignado, este o indignou mais, e a resposta que levou foi que não viesse mais a elle com outro recado, senão trazendo comsigo o preço das cousas, que foram tomadas aos Portuguezes; e depois que fizesse esta entrega, então entenderia em o negocio da paz, e trato da especiaria. O Bramane, que trouxe este recado, quando vio a indignação do Almirante, sem replicar cousa alguma, se espedio com mais temor do que trouxera. E porque elle pudesse contar ao Çamorij o que víra, mandou o Almirante em sua presença tomar huma náo, que estava surta diante da Cidade carregada de mantimentos, e levar a bordo da sua; e assi mandou passar toda a artilheria das náos grossas, e as outras mais pequenas, que podiam bem chegar á terra, pera com esta artilheria varejar a povoação, dizendo, que logo ao seguinte dia havia de começar esta obra. A qual cousa, temendo o Çamorij, pelo damno que Pedralvares Cabral fizera, quando lhe varejou toda a Cidade, mandou per toda a frontaria da Cidade ao longo do mar fazer huma estacada de grossas palmeiras, entulhada per dentro de maneira, quelhe ficava em lugar de muro; não sómente pera defender a sa, hida em terra, se os nossos a quizessem cometter, mais ainda pera cegar toda a artilheria, com que a povoação não recebesse damno. Porém como a tenção do Almirante não era sahir em terra, mas esbombardear a Cidade, quando veio ao outro dia, mandou chegar todalas vélas pequenas a terra espaço conveniente; assi pera que a artilheria de ferro, que os Mouros tinham assestada na principal frontaria da Cidade lhe não pudesse fazer nojo, como pera que a sua pudesse sobrelevar a estacada, e fosse pescar á povoação. E antes que procedesse na obra deste apparato, em que estava, o escreveo primeiro ao Çamorij per hum dos Gentios, que se tomáram nos barcos, denunciandolhe, que não vendo té o meio dia recado seu, com effecto do que lhe per tantas vezes mandára dizer, elle abrazaria em fogo aquella sua Cidade. Passado o qual termo, porque não houve resposta, mandou a todalas náos, que estavam com recado pera isso, que cada huma enforcasse no lais da verga os Mouros, que lhe elle mandára: e sobre esta obra, que foi hum espectaculo de muita dor a toda a Cidade, começáram de ver, e ouvir outro de maior sua confusão, tirando toda artilheria naquelle espaço do dia, que foi hum continuo torvão, e huma

chuva de pelouros de ferro, e pedra, que fizeram huma mui grande destruição, em que tambem morreo muita gente. Quando veio sobre a tarde, por espedida, e maior terror, mandou cortar aos enforcados, que eram trinta e dous, cabeça, mãos, e pés, e foram mettidos em hum barco com huma carta, em que dizia, que se aquelles, não sendo os proprios, que foram na morte dos Portuguezes, sómente por terem parentesco com os moradores, recebiam aquelle castigo, esperassem os auctores desta traição outro genero de morte mais cruel. O qual barco mandou per hum André Dias, que depois foi Almoxarife do armazem do Reyno; e os toros dos corpos destes membros mandou lançar ao mar a tempo que a maré vinha, pera irem ter á praia entre os olhos da gente, e verem quanto custava huma traição feita a Portuguezes, e quão vingado havia de ser qualquer damno que lhes fizessem. A qual cousa assi assombrou toda a Cidade, que quando veio ao outro dia, que elle Almirante tornou a mandar fazer outra tal obra, não apparecia cousa viva per toda a praia; porque o Gentio, como gente mais temerosa, desamparava os lugares da frontaria do mar; e os Mouros, a quem era commettido a guarda delle, não ousavam apparecer, enterrando-se na area dos valos, e repairos, que tinham feito. Tudo estava tão desamparado, que bem pudéra o Almirante saquear a Cidade sem muita resistencia; mas como estas mortes de gente mais eram feitas pera terror de ElRey desistir dos conselhos dos Mouros, que por vingança do passado, não quiz executar quanto damno podéra fazer, por dar tempo a ElRey que se arrependesse, e não causa, que se indignasse com tão grande perda, como fora, se lhe destruíra a Cidade de todo. E porque não parecesse a ElRey que aos Portuguezes mais os obrigava a cubiça que a honra, nestes dous dias, que toda a Armada se occupou em varejar a Cidade, nunca o Almirante quiz mandar encetar a não, que mandára tirar do porto e trazer junto da sua, esperando que havendo algum bom concerto com ElRey, lha mandar restituir assi carregada como estava. Peró depois que passaram os dous dias daquella furia de fogo, por espedida mandou descarregar a não de muitos mantimentos, que se repartíram per toda a Armada, e lhe foi muito bom refresco; e descarregada de tudo, foi-lhe posto fogo, ardendo toda á vista da Cidade té onde lhe chegava a agua, com a qual espedida se partio o Almirante caminho do

indignado, este o indignou mais, e a resposta que levou foi que não viesse mais a elle com outro recado, senão trazendo comsigo o preço das cousas, que foram tomadas aos Portuguezes; e depois que fizesse esta entrega, então entenderia em o negocio da paz, e trato da especiaria. O Bramane, que trouxe este recado, quando vio a indignação do Almirante, sem replicar cousa alguma, se espedio com mais temor do que trouxera. E porque elle pudesse contar ao Çamorij o que víra, mandou o Almirante em sua presença tomar huma náo, que estava surta diante da Cidade carregada de mantimentos, e levar a bordo da sua; e assi mandou passar toda a artilheria das náos grossas, e as outras mais pequenas, que podiam bem chegar á terra, pera com esta artilheria varejar a povoação, dizendo, que logo ao seguinte dia havia de começar esta obra. A qual cousa, temendo o Çamorij, pelo damno que Pedralvares Cabral fizera, quando lhe varejou toda a Cidade, mandou per toda a frontaria da Cidade ao longo do mar fazer huma estacàda de grossas palmeiras, entulhada per dentro de maneira, que lhe ficava em lugar de muro; não sómente pera defender a sahida em terra, se os nossos a quizessem cometter, mais ainda pera cegar toda a artilheria, com que a povoação não recebesse damno. Porém como a tenção do Almirante não era sahir em terra, mas esbombardear a Cidade, quando veio ao outro dia, mandou chegar todalas vélas pequenas a terra espaço conveniente; assi pera que a artilheria de ferro, que os Mouros tinham assestada na principal frontaria da Cidade lhe não pudesse fazer nojo, como pera que a sua pudesse sobrelevar a estacada, e fosse pescar á povoação. E antes que procedesse na obra deste apparato, em que estava, o escreveo primeiro ao Çamorij per hum dos Gentios, que se tomáram nos barcos, denunciandolhe, que não vendo té o meio dia recado seu, com effecto do que lhe per tantas vezes mandára dizer, elle abrazaria em fogo aquella sua Cidade. Passado o qual termo, porque não houve resposta, mandou a todalas náos, que estavam com recado pera isso, que cada huma enforcasse no lais da verga os Mouros, que lhe elle mandára: e sobre esta obra, que foi hum espectaculo de muita dor a toda a Cidade, começáram de ver, e ouvir outro de maior sua confusão, tirando toda artilheria naquelle espaço do dia, que foi hum contínuo torvão, e huma

chuva de pelouros de ferro, e pedra, que fizeram huma mui grande destruição, em que tambem morreo muita gente. Quando veio sobre a tarde, por espedida, e maior terror, mandou cortar aos enforcados, que eram trinta e dous, cabeça, mãos, e pés, e foram mettidos em hum barco com huma carta, em que dizia, que se aquelles, não sendo os proprios, que foram na morte dos Portuguezes, sómente por terem parentesco com os moradores, recebiam aquelle castigo, esperassem os auctores desta traição outro genero de morte mais cruel. O qual barco mandou per hum André Dias, que depois foi Almoxarife do armazem do Reyno; e os troncos dos corpos destes membros mandou lançar ao mar a tempo que a maré vinha, pera irem ter á praia entre os olhos da gente, e verem quanto custava huma traição feita a Portuguezes, e quão vingado havia de ser qualquer damno que lhes fizessem. A qual cousa assi assombrou toda a Cidade, que quando veio ao outro dia, que elle Almirante tornou a mandar fazer outra tal obra, não apparecia cousa viva per toda a praia; porque o Gentio, como gente mais temerosa, desamparava os lugares da frontaria do mar; e os Mouros, a quem era commettido a guarda delle, não ousavam apparecer, emparando-se na arêa dos valos, e repairos, que tinham feito. Tudo estava tão desamparado, que bem pudéra o Almirante saquear a Cidade sem muita resistencia; mas como estas mortes de gente [illegible] feitas pera terror de ElRey desistir dos conselhos dos Mouros, e não por vingança do passado, não quiz executar quanto damno podia fazer, por dar tempo a ElRey que se arrependesse, e não [illegible] se indignasse com tão grande perda, como fora se lhe destruira a Cidade de todo. E porque não parecesse a ElRey que aos Portuguezes mais os obrigava a cobiça que a honra, pera estes dous fins, [illegible] a Armada se occupou em varejar a Cidade, [illegible] o Almirante [illegible] mandar encetar a náo, que mandara tirar do porto [illegible] a sua, esperando que havendo algum bom conceito em ElRey, a mandar restituir assi carregada como estava. Depois que passaram os dous dias daquella furia de fogo, por espedida [illegible] descarregar a náo de muitos mantimentos, que se repartiram pela a Armada, e lhe foi muito bom refresco; e descarregada, [illegible] foi-lhe posto fogo, ardendo toda á vista da Cidade [illegible] va a agua, com a qual espedida se partio o Almirante [illegible]

Cochij, aonde chegou a sete de Novembro. (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. V.)

(21) *Cochim, onde Pedro Alvares Cabral estabeleceu feitoria, deixando como feitor Gonçalo Gil Barbosa (Castanheda—obr. cit., liv. I, cap. XL e XLVI)...*" com a *qual espedida se partio o Almirante caminho de Cochij, aonde chegou a sete de Novembro. (Barros — Dec. I, liv. VI, cap. V).* O Almirante assi por razão *deste recado d'ElRey* de *Cananor,* como por em alguma ma*neira ter castigado o Çamorij, que eram as duas cousas* que *elle mais desejava, quando chegou a* Cochij hia já mui confiado que *não havia de achar ElRey tão mudado,* como lhe tinha escrito Gon*çalo Gil Barbosa. E a causa, por que* elle Gonçalo Gil tinha este *receio, era por* estas cousas, que elle contou ao Almirante, as quaes *ante de sua* vinda estavam ordenadas. O Çamorij per meio d'alguns Bramanes, gente, em que está a religião de todo o Gentio daquellas partes, tinha convocados em sua amizade a ElRey de Cananor, e a ElRey de Cochij, liandose todos em nossa destruição. Pera que ordenavam huma Armada de mais de duzentas vélas entre náos, e zambucos com grande aparato de armas, e numero de gente ; a qual sahindo dos portos, onde cada hum tinha armado a sua pera se ajuntarem todas em Calecut, Deos acudio com hum pouco de temporal travessão, que deo com a maior parte destas vélas á costa, com que ficáram tão quebrados, que não ousáram de bolir mais com cousa alguma. Porém entre elles estava ordenado, pois com as armas não podiam, que se ajudassem desta industria: ir cada hum per si detendo, e gastando o tempo, desavindo-se em os preços da especiaria, de maneira, que passada a monção da carga pera vir a este Reyno, forçadamente invernarem na India. E como as náos grandes não tinham portos pera isso, a maior parte dellas haviam de vir á costa; e se mettessem os navios pequenos em os rios, segundo costume da terra, tinham certo poderem logo ser queimados. Que lhe parecia que daqui procedêram os modos, que ElRey de Cananor tivera com elle, em se desconcertar nos preços da espeçiaria, e assi os recados do Çamorij, tudo a fim de lhe gastar o tempo. E pois era vindo a se concertar com ElRey de Cochij, lhe pedia que fosse loguo, e não curasse de muitos escrupulos com elle; e assi provesse na offerta delRey de Cananor, ante que o

Çamorij tecesse com elles outra nova têa, que o fizesse invernar na India, por estarem já em oito dias de Novembro. O Almirante como já tinha experimentado parte destas cousas, bem vio que Gonçalo Gil fallava como homem, que tinha tenteado, e sentido a tenção daquelles Principes Gentios; e porque sobre isso queria logo prover, ajuntou os Capitães, e principaes pessoas da frota em conselho, onde Gonçalo Gil tornou a resumir o que dissera a elle Almirante. Do qual conselho sahio espedir elle logo a Vicente Sodré com os navios da Armada, que haviam de ficar na India: mandou-lhe que andasse na paragem de Calecut té Anchediva, porque não entrasse, ou sahisse barco d'algum porto daquella costa, que não fosse visto per elle, e aos imigos désse o castigo que mereciam; e daqui mandasse recado a ElRey de Cananor, como elle Almirante ficava tomando carga em Cochij, e que logo seria com elle. ElRey de Cochij neste tempo não se tinha visto ainda com o Almirante; e porque soube que andava pera entrar em seu porto huma náo de Calecut, que vinha de Ceilão, a qual era de hum mouro de Calecut chamado Nine Mercar, temendo que em Vicente Sodré sahindo a tomasse, mandou pedir ao Almirante que não impedisse aquella náo, que queria entrar naquelle seu porto posto que de Calecut fosse. Ao que o Almirante respondeo, que o porto, e as náos eram suas, as quaes estavam ao que mandasse, e que este era o principal mando que trazia d'ElRey seu Senhor: por tanto que aquella, e todalas mais de Calecut, que elle quizesse, ainda que eram dos maiores imigos, que os Portuguezes tinham naquella terra, ellas seriam tratadas como as proprias suas. Do qual recado ElRey ficou tão contente, que logo ordenou de se ver ao outro dia com elle Almirante, sobre as quaes vistas andava Gonçalo Gil; e porque quasi foram ao modo das del-Rey de Cananor, leixaremos de particularmente tratar do apparato dellas. Sómente que passadas as palavras geraes de sua vista, quando veio ao fallar em, o negocio do trato da especiaria, e preços della, sobre que logo o Almirante quiz entender, tambem achou ElRey do bordo do de Cananor, donde entendeo ser certo o que lhe Gonçalo Gil tinha dito, com que se apartáram hum do outro não mui contentes. Na qual espedida teve ElRey hum artificio com elle Almirante, por lhe mostrar que não á força de palavras, mas que de sua propria vontade, procedia o que nisso queria fazer; porque indo elle

Almirante pelo rio abaixo na caravela, em que veio a estas vistas, leixando ElRey todo o apparato com que viera a ellas, sómente com seis, ou sete homens principaes metteo-se em hum barco, e veio á força de remo buscar o Almirante. E como homem confiado no que vinha fazer, metteo-se com elle na caravela, e disse-lhe, que elle o vira hum pouco descontente, e que lhe parecia que isto procedia de elle ser máo de contentar, mais que de elle ser duro em conceder; e porque ambos não ficassem infamados de mal avindos, que elle se vinha metter em seu poder, e pois lhe entregava a pessoa, que entregava a vontade, que alli tinha tempo de se vingar da menecoria, que trazia delle. Quando o Almirante vio a confiança, com que ElRey se metteo na sua caravela, e a graça, com que lhe dizia estas palavras, creo que tudo isto procedia da bondade de Deos, e que elle guiava o coração deste Principe Gentio por este modo não esperado; porque assi o descubrimento da India, como o governo de paz, e concordia de tão barbara gente, cressemos vir de sua mão, e não da nossa industria. E depois que com muitas palavras agradeceo a ElRey aquella confiança, e modo de conceder nas cousas, que lhe ElRey seu Senhor mandava per elle requerer, vieram assentar nos preços das especiarias, de que logo fizeram solemnes contratos de escritura, os quaes duram té hoje". (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. VI).

(25) Cranganor. "Neste mesmo tempo vieram a elle Almirante (em Cochim) outros Embaixadores, que diziam ser da gente Christã, que habitava per as comarcas de Cranganor, quatro leguas de Cochij (Cochim) que em numero seriam mais de trinta mil almas. A substancia da qual embaixada era serem Christãos da linhagem daquelles, que o Apostolo S. Thomé baptizára naquellas partes, os quaes se governavam per certos Bispos Armenios que alli residiam, e per meio delles davam sua obediencia ao Patriarca da Armenia. E por quanto elles estavam entre Gentios e Mouros, de que eram mal tratados e tinham sabido ser elle Capitão de hum dos mais Catholicos, e poderosos Reys da Christandade da Europa, lhe pediam pelos meritos da Paixão de Christo os quizesse amparar e defender daquella infiel gente que os perseguia, por se não perderem de todo aquellas reliquias de Christandade que o Apostolo S. Thomé alli tinha, como memoria dos trabalhos e martirios que ali passara" (Barros — Dec. I, liv. VI, cap. VI) Eram cristãos nestorianos (Cf Bra-

gança Pereira — *História Religiosa* no *Oriente Português*, 2.ª série, n.os 2 e 3, pag. 7) Esboçava-se o famoso *Padroado Português no Oriente*, que estendeu na India a acção moral e civilizadora de Portugal para além das fronteiras politicas.

(26) 1503.

(27) Coulão. Os cronistas Barros, Castanheda, Goes—não se referem à ida de Vasco da Gama para Coulão. Lê-se, porém, nas *Lendas da India* por Gaspar Correa a pag 320 do tomo I: "Então o Capitão mór mandou Diogo Fernandes Pereira e Francisco Marecos que hinda não tinhão carga, os quaes logo partirão, e dentro nellas o Regedor da Rainha que levou as naos a hum rio chamado Calle Coulão, que he aqui cinco legoas do porto e foy por feitor para as carregar João de Sá Pereira com hum escrivão e dez homens de seu serviço, com carta e presente á Rainha" Deste modo satisfez Vasco da Gama o pedido da Rainha de Coulão que lhe enviara uma embaixada.

(28) Ceilão.

(29) Meliapor.

(30) Edessa.

(31) Malaca.

(32) Gato d'algalia (viverra)

(33) Emquanto o Almirante passou estas cousas com estes Embaixadores d'ElRey de Cananor "e da Christandade de Cranganor, estava o Feitor Diogo Fernandes Correa com os Officiaes da Feitoria (de Cochim) que de cá hiam ordenados, e principalmente com Gonçalo Gil Barbosa, dando ordem á carga da especiaria. O qual negocio se fazia em hum recolhimento de madeira tão perto das náos, que ainda que a terra fosse suspeitosa, o sitio do lugar, e favor dellas os segurava de qualquer temor. E o que mais nesta parte descançava os nossos era não haver alli aquelle tráfego de mercadores de Méca como havia em Calecut, e Mouros da terra eram poucos, e não mui poderosos, e a povoação dos Gentios cousa mui fraca, e as casas delRey mettidas dentro polo rio, de maneira, que assi da parte da povoação dos Mouros, e Gentios, como repairo da força, que o Almirante nisso fez, tudo estava seguro para qualquer caso que sobre viesse, segundo o estado da terra, do sitio da qual ao diante faremos maior relação. Andando o Almirante no maior fervor dest negocio de carregar as náos, veio a elle hum Bramane, que

indios he a pessoa mais estimada por sua religião, o qual trazia comsigo tres pessoas, dos quaes dizia serem filho, e sobrinho, e outro seu servidor, pedindo-lhe que houvesse por bem dar-lhe licença pera vir em sua companhia ao Reino de Portugal, ver o modo da Christandade, para mais facilmente ser doctrinado nas cousas da nossa religião. O Almirante vendo nas suas palavras, e pessoa ser homem pera estimar, e mais com tal proposito, como elle dizia, o mandou agasalhar em sua náu, e certos bahares de pimenta que dizia trazer pera sua provisão e outra fazenda, de que a principal era alguma pedraria de preço. Passados dous, ou tres dias, tendo o Almirante com elle prática, disse-lhe este Bramano, que elle lhe queria descubrir a verdade da causa da sua vinda a Portugal, per ventura se o assi não fizesse, a elle Almirante lhe pezaria de o não ter sabido a tempo, dizendo que o Çamorij seu senhor o enviava a ElRey de Portugal sobre concerto de pazes, e preço das especiarias pera assentar com elles estas cousas, de maneira que ficassem firmes, e perpetuas; por quanto lhe parecia que sendo feitas per os seus Capitães, não podiam ser muito duraveis, porque cada anno vinha hum, e segundo sua condição, assi movia os partidos da paz. O Almirante lhe respondeo, que se por razão de as pazes ficarem firmes, e tudo o mais que o Çamorij, assentasse, conforme ao serviço d'ElRey seu senhor, o enviava a Portugal, a elle Almirante parecia cousa escusada; porque os poderes, que ElRey dava a seus Capitães, eram tão solemnes, e de tanta auctoridade naquellas cousas, que elles faziam segundo suas instrucções, que tinham a propria força, e vigor, como se per elle mesmo fossem feitas. Finalmente tanto praticáram ambos nesta materia de paz, que veio o Bramane a dizer, que se elle Almirante quizesse algum tanto abrandar de seus queixumes, elle seria medianeiro entre elle e o Çamorij, com que os negocios viessem a melhor estado do que estavam; e que devia querer que esta paz, e concerto fosse feita ante per elle, que vir hum novo Capitão de Portugal, e acabar isto com o Çamorij; e mais pois lhe tanto amor, e graça mostrára a primeira vez que com elle se vio, e tanto procurára de o livrar das mãos dos Mouros seus imigos. E que em penhor desta offerta, que promettia de si, não podia mais dar que sua pessoa, e as de seu filho e sobrinho, que não sahiriam da náo té acabar tudo, querendo tornar ao porto de Calecut. O Almirante vendo a constancia das palavras deste Bra-

mane, e a seguridade de sua pessoa, e confiado na entrega, que fazia de si, e do filho, e sobrinho, deo-lhe licença que fosse a Calecut dar conta ao Çamorij desta pratica, que ambos tiveram, o qual não tardou muito com sua resposta; e pola mais auctorizar, trouxe comsiguo hum homem, que elle dizia ser Naire, dos principaes da casa do Çamorij, dizendo da sua parte que era contente de pagar em especiaria por as cousas, que foram tomadas no alevantamento contra Aires Correa té quantia de vinte mil pardaos, moeda da terra, que da nossa são de trezentos e sessenta reaes cada hum. Vendo o Almirante tal recado, pareceo-lhe que este modo de vir aquelle Bramane assi dissimulado, não era tanto pera vir a este Reyno, segundo elle dizia, como por artificio do Çamorij, por estar já arrependido, sabendo que ElRey de Cananor, ElRey de Cochij estavam com elle concertados, e elle ficava de fóra. Finalmente o Almirante por não perder este negocio, que lhe a elle parecia estar mui certo, encommendando a frota a D. Luiz Coutinho Capitão da náo Lionarda, metteo-se em a náo Flor de la mar, Capitão Estevão da Gama, por ser mui poderosa, e sem querer levar comsiguo mais que huma caravela, se partio pera Calecut, parecendo-lhe que podia lá achar as outras de Vicente Sodré, por haver poucos dias que per a caravela, que levou os Embaixadores de Cananor, tinha recado delle como ficava sobre Calecut, peró não sabia o que lhe alli acontecêra; porque se elle Almirante fora sabedor disso, não viera da maneira que veio sobre as palavras do Bramane. E o que Vicente Sodré tinha passado era, que havendo alguns dias que estava sobre Calecut tolhendo que não entrasse, ou sahisse navio, estreitou isto em tanta maneira, que té os barcos dos pescadores, que sahiam a pescar, perseguia com os bateis das náos. O Gentio da Cidade, como o principal mantimento de que se sustenta he pescado, vendo não ter modo de poder ir pescar, ordenáram huma cilada aos bateis de Vicente Sodré, lançando-lhe ao mar huns poucos de barcos dos pescadores, como que hiam a seu officio. Os nossos bateis tanto que os víram, a grão preza foram-se a elles, os quaes começáram de se recolher artificiosamente té os meter na boca de hum esteiro onde jazia a cilada. Do qual lugar subitamente sahíram mais de quarenta zambucos, e paráos, com tamanho impeto, todos remo em punho, que em breve cercáram os nossos, e cubriram a todos de huma chuva de fréchas,

logo naquella primeira chegada encravou muita gente. Com o qual sobresalto estiveram em muito perigo, por a multidão dos imigos. e a fréchada ser tanta que coalhava o ar, sem os nossos se poderem revolver com elles: mais quiz Deos que o tiro de huma caravela remediou tudo, porque foi dar o pelouro de huma bombarda no meio do cardume dos zambucos, com que arrombou o principal. em que vinha o Capitão de todos. Por soccorrer ao qual desapressíram os nossos, com que tiveram tempo de ir buscar abrigada das náos. onde elles não ousavam chegar, porque começou a artilheria dellas metter alguns no fundo. que os fez recolher ao lugar donde sahíram. E porque ficáram bem castigados daquelle seu ardil. o qual lhes não succedeo como cuidáram. leixou Vicente Sodré o porto de Calecut. e foi dar vista a Cananor ao tempo que o Almirante chegou alli. e esta foi a causa por que o não achou. O qual, depois que espedio a caravela. que dissemos em busca delle, confiado nas palavras do Bramane, e em leixar taes refens, como eram o filho. e o sobrinho, e o Naire, deo-lhe logo licença que fosse a terra com recado a ElRey. A resposta do qual foram palavras brandas, que dobráram a confiança ao Almirante; a conclusão das quaes era. que elle tinha mandado chamar certos homens principaes do seu Reyno, que haviam de ser presentes ao assentar daquellas pazes. e contratos das especiarias, por ficarem mais firmes. que lhe pedia houvesse por bem esperar que viessem. cá não podiam tardar dous dias. Nos quaes o Bramane hia. e vinha muitas vezes á terra, ora com causa. ora sem ella. fingindo necessidade disso; e quando veio ao terceiro dia, quizera per modo dissimulado levar o filho comsigo, mas não o consentio o Almirante, de que teve má suspeita. Finalmente aquella noite elle ficou em terra sem vir dormir á náo, como quem temia ser logo pago dos enganos em que andava. e apparecêram ante menhã. Os quaes enganos foram obra de cem paráos. que no quarto d'alva cercáram mui caladamente a náo do Almirante. e vinham os Mouros. e Indios tão ousados, que começaram trepar per as cadeias das mezas da guarnição. Os nossos, que vigiavam seu quarto, quando deram rebate nos outros que dormiam. com o somno, (peró que o temor muito esperta,) era tamanha a confusão, que não sabiam onde haviam de acudir, porque toda a náo estava cercada em torno destes paráos. O qual sobresalto lhes deo

muito trabalho, porque não se aproveitavam da artilharia, cá lhes ficava tão alta, que não podia pescar os zambucos, e barcos, que estavam pegados no costado da náo, e sómente lhes serviam béstas, espingardas, e pedradas. A este tempo, (como dissemos,) tinha o Almirante espedido a caravela, que viera em sua companhia, com hum recado a Vicente Sodré, que segundo soubera, andava sobre Cananor, o qual lhe leixára per popa da sua náo hum parão grande, que tomára, vindo elle Almirante de Cochij; os Mouros do qual, dando-lhe esta caravela caça, se salváram em terra. Os Mouros que tinham cercado o Almirante, vendo este parão, e quão animosamente os nossos defendiam a entrada da náo, e quanto damno recebiam delles, quizeram-se aproveitar deste artificio, que traziam, que eram dous barcos juntos com muita lenha, e materiaes pera quando lhe puzessem o fogo, se accender mais prestes, ainda que lhe acudissem com agua. Os quaes barcos foram amarrar ao parão, que estava por popa da náo; e posto o fogo nelles, começou logo levar tão furiosamente, que em breve se ateou a labareda pelos castellos da náo. O Almirante quando vio tão grande perigo, não achou outro remedio mais prompto que mandar cortar as amarras, huma das quaes o deteve muito; porque temendo elle que de noite os Mouros, segundo seu uso, a remo surdo, ou a nado, lhe viessem cortar as amarras pera lhe darem com a náo á costa, a da parte do mar todo o descuberto della era huma grossa cadeia, que estava de maneira, que a não pode alargar, senão cortando a mesma cadeia, que lhe deo muito trabalho. Peró como a náo se achou livre, le obedeceo á véla, começou de abrir caminho por meio dos parãos dos imigos, leixando o que tinha per popa entre elles, os quaes por se livrarem da labareda delle, desapressáram o costado da náo, que deo causa a que os nossos se pudessem aproveitar da artilheria. Finalmente tanto andáram, aquelles infieis perseguindo a náo ás frechadas, e bombardadas té que amanheceo; no qual tempo, posto que da terra concorriam muito mais parãos, sobreveio Vicente Sodré, que com as caravellas que trazia, fez tal destruição nelles, que lhe conveio tornarem-se todos ao estreito donde sahiram. Tanto que o Almirante se vio desapressado deste trabalho, por pagar ao Bramane a maldade que commetteo, mandou enforcar nas vergas das caravelas os tres refens que lhe lei-

logo naquella primeira chegada encravou muita gente. Com o qual sobresalto estiveram em muito perigo, por a multidão dos imigos, e a fréchada ser tanta que coalhava o ar, sem os nossos se poderem revolver com elles; mais quiz Deos que o tiro de huma caravela remediou tudo, porque foi dar o pelouro de huma bombarda no meio do cardume dos zambucos, com que arrombou o principal, em que vinha o Capitão de todos. Por soccorrer ao qual desapressáram os nossos, com que tiveram tempo de ir buscar abrigada das náos, onde elles não ousavam chegar, porque começou a artilheria dellas metter alguns no fundo, que os fez recolher ao lugar donde sahíram. E porque ficáram bem castigados daquelle seu ardil, o qual lhes não succedeo como cuidáram, leixou Vicente Sodré o porto de Calecut, e foi dar vista a Cananor ao tempo que o Almirante chegou alli, e esta foi a causa por que o não achou. O qual, depois que espedio a caravela, que dissemos em busca delle, confiado nas palavras do Bramane, e em leixar taes refens, como eram o filho, e o sobrinho, e o Naire, deo-lhe logo licença que fosse a terra com recado a ElRey. A resposta do qual foram palavras brandas, que dobráram a confiança ao Almirante; a conclusão das quaes era, que elle tinha mandado chamar certos homens principaes do seu Reyno, que haviam de ser presentes ao assentar daquellas pazes, e contratos das especiarias, por ficarem mais firmes, que lhe pedia houvesse por bem esperar que viessem, cá não podiam tardar dous dias. Nos quaes o Bramane hia, e vinha muitas vezes á terra, ora com causa, ora sem ella, fingindo necessidade disso; e quando veio ao terceiro dia, quizera per modo dissimulado levar o filho comsigo, mas não o consentio o Almirante, de que teve má suspeita. Finalmente aquella noite elle ficou em terra sem vir dormir á náo, como quem temia ser logo pago dos enganos em que andava, e apparecêram ante menhã. Os quaes enganos foram obra de cem paráos, que no quarto d'alva cercáram mui caladamente a náo do Almirante, e vinham os Mouros, e Indios tão ousados, que começaram trepar per as cadeias das mezas da guarnição. Os nossos, que vigiavam seu quarto, quando deram rebate nos outros que dormiam, com o somno, (peró que o temor muito esperta,) era tamanha a confusão, que não sabiam onde haviam de acudir, porque toda a náo estava cercada em torno destes paráos. O qual sobresalto lhes deo

II—Navegação da armada de Estevam da Gama por Tomé Lopes

Como vimos, em 1502 mandou D. Manuel à India, sob o comando de Vasco da Gama, uma esquadra repartida em três divisões. A terceira divisão, que não se poude aprontar a tempo, deu à vela no 1.º de Abril do mesmo ano, levando por Capitão-mór a Estevam da Gama.

Os nossos Cronistas guardam silêncio em o sucedido à armada de Estevam da Gama até chegar à Angediva, onde todos se ajuntaram. A lacuna é suprida pelo relato de Tomé Lopes, que acompanhou Estevam da Gama com o cargo de escrivão duma das naus que era de Rui Mendes de Vasconcelos e em que ia por capitão o italiano João Buonogracia. Perdeu-se o original português; mas Ramusio publicou a versão italiana que novamente foi traduzida para o portuguêses publicada em o tomo II da Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas.

Documento n.º 12

CAPITULO I

De hum porto chamado o Funchal, de como fomos assaltados por huma grande tempestade, e de hum lugar chamado Cabo primeiro.

Em huma Sexta feira no primeiro de Abril de mil quinhentos e dous a horas de Vesperas, partimos da Cidade de Lisboa (1) em numero de sinco nãos, e aos quatro passámos á vista de Porto Santo: no mesmo dia descobrimos as Desertas, que estão ao lado do Funchal porto da Ilha da Madeira, e aos outo escorremos as Ilhas de Ferro e Palma, que fazem parte das Canarias: no dia quinze passámos pegados com as de Cabo verde,

xou, andando com elles ao longo da Cidade á vista de todos hum pedaço, e per derradeiro os mandou metter em hum pario com huma carta pera o Çamorij, as palavras da qual eram conformes ao engano, que usára per meio do Bramane". (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. VII).

(34) "Acabado este acto de castigo, partio-se o Almirante pera Cochij, onde chegou a tempo que estavam já as náos tão prestes, que expedido d'ElRey, ordenou como o Feitor Diogo Fernandes Correa ficasse seguro no recolhimento de madeira, que lhe tinha feito. Ao qual leixou trinta homens, e por Escrivães de seu officio Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz, e espedido delles partio-se pera Cananor a dezoito de janeiro, onde chegou ElRey como já estava sobmettido a toda a razão, e aos apontamentos, que lhe elle Almirante mandara sobre o contrato, e preço das especiarias, não houve mais detença que assinarem ambos estes contratos, e receber gengivre, e outras cousas, que elle Almirante havia de tomar. E tambem lhe leixou alli feitoria em outra força como Cochij (Cochim), e por Feitor Gonçalo Gil Barbosa, e Escrivães do seu cargo Bastião Alvares, e Diogo Godinho com té vinte homens" (Barros—Dec. I, liv. VI, cap. VII).

Embora Coulão tivesse sido o *terminus* da viagem, o autor do roteiro colheu informação sôbre Ceilão, Meliapor e Malaca.

(35) "todavia trouxe-o Deos (a Vasco da Gama) a este Reyno a dez de Novembro, entrando pela barra de Lisboa com nove vélas". (Barros—Década I, liv. VI, cap. VII).

BIBLIOGRAFIA

Arquivo Pitoresco, vol. II a X.

BRAAMCAMP FREIRE—*Gil Vicente* na *Revista da Historia*, vol. VI.

CALCOEN — *Verhall van de twede Reis van Vasco da Gama naar Indië*, (1502-1503) Antwerpen, 1931.

LATINO COELHO—*Vasco da Gama*—Lisboa—1882.

O Occidente, vol. III e XXI.

ROHR— Neue Quellen zu den Entdeckungsfahrten der Portugiesen im Indischen Ozean, Leipzig.

Em huma terça feira sete de Junho em o quarto da...... saltou comnosco huma tão grande tormenta de vento Oeste, que fez esgarrar as náos humas das outras, de sorte que na manhã seguinte não nos achámos juntas senão a Julia ([1]) e nós, e ficámos sem saber nada das outras: no ultimo quarto da noute já não levavamos a bojarrona, mas tão sómente os papafigos muito pequenos. Neste tempo tivemos hum vento tão grande, que nos quebrou a antenna pelo meio, e igualmente o mastro da Julia, o que pôz a todos em tão grande susto, qne todo aquelle dia e noute corremos em arvore seca, e só ferrámos o segundo traquete; era cousa pasmosa ver como o mar estava empolado; fizerão-se neste dia muitos votos, e deitarão-se sortes sobre quem devia hir visitar a devota Igreja de N. Senhora de Guadalupe. Os da náo Julia, que não tiverão menos medo, antes muito maior, porque lhe entravão dentro muitos golpes de mar, tambem fizerão muitos votos: igualmente entrava muita agoa em a nosa náo, mas como era melhor que nenhuma das outras, não estavamos em tão grande perigo. No dia nove do mesmo mez tivemos bonança, de sorte que todos pozemos o fato a enxugar ao Sol, não obstante o aquecer-nos elle bem escassamente; estando todos muito molhados não só dos golpes do mar, mas mais ainda por causa da chuva. Aos onze tornou a levantar-se a tempestade, e pouco pôde fallar em todo o dia huma náo com a outra; o nosso rumo era então para o Leste. Nos dias doze e treze (em que já tinhamos navegado quatrocentas e sincoenta legoas no mesmo rumo) achámos nas agoas muitos sinaes de terra, com limos, toninhas, e lobos marinhos, e muitas castas de aves, brancas e grandes, e varias qualidades de passaros mais pequenos, como estorninhos mas com o peito branco, e todos julgámos que estaria proxima alguma Ilha ainda não descoberta pelos Christãos, pois terra firme não podia ser por estar muito longe d'aqui. Tambem depois que passámos a Linha, achámos que o Sol e a Lua tinhão hum curso contrario ao que tem em Hespanha, isto he, que

de modo que fomos vistos dos da terra; e aos desouto de Maio vimos huma *Ilha ainda não descoberta, alta, bella segundo nos* pareceo, chêa de bosques, *pouco mais ou menos do tamanho* da Madeira: *está em hum clima muito temperado por ficar ainda* distante da Equinocial, e *jaz de Noroeste a Sueste com a Ilha* dos Papagaios vermelhos, *contando-se de huma a outra trezentas* legoas. *Fica tambem na distancia de setecentas setenta e* sinco legoas da Ilha da Boa vista; *e assim quem a quiser procurar* ponha-se trinta legoas della entre Poente e Levante, depois tome o rumo do Sul, e achal-a-ha. Demora tambem com o Cabo da Boa Esperança de Levante a Poente, e enfia de Noroeste e Sueste; assim quem deste Cabo a quizer demandar, deverá hir trinta legoas ao largo, e contará delle á tal Ilha outocentas e sincoenta legoas de travessa. ([1]) Não fomos a ella, porque o tempo nos foi contrario, ainda que bem trabalhámos pela aferrar: daqui por diante quanto mais nos avisinhavamos à Linha maior calor sentiamos, chegando ao ponto de não nos podermos mover, tanto de dia como de noute: e isto depois de passarmos o Cabo das Palmas na costa de Guiné; o qual jaz de Les-Nordeste a Oes-Sudoeste, e caminharmos trezentas legoas, que tantas se contão das Ilhas de Cabo verde até aqui. Pelo contrario quanto mais nos affastavamos da Equinocial mais temperado e fresco achavamos o ar, e deve notar-se que tinhamos perdido de vista a Estrella do Norte duzentas legoas antes da Linha; e que quatrocentas antes do Cabo da Boa Esperança já se sentia hum grande frio, que hia augmentando à proporção que nos avisinhamos delle, até ao ponto de nos ser necessario vestir muito fato, e comer e beber bem para nos agazalharmos. Em o primeiro dia de Junho em que o vento se espertou alguma cousa mais, avisinhando-nos ao Cabo da Boa Esperança, principiarão a diminuir os dias, de modo que aos outo, achámos pelo relogio da náo ser o dia de outo horas e meia de sol a sol, e a noute de quinze e meia; e a rezão porque em tão pouco tempo diminuirão tanto, foi porque nestes outo dias andou a náo muito caminho.

Em huma terça feira sete de Junho em o quarto da...... saltou comnosco huma tão grande tormenta de vento Oeste, que fez esgarrar as náos humas das outras, de sorte que na manhã seguinte não nos achámos juntas senão a Julia (¹) e nós, e ficámos sem saber nada das outras: no ultimo quarto da noute já não levavamos a bojarrona, mas tão sómente os papafigos muito pequenos. Neste tempo tivemos hum vento tão grande, que nos quebrou a antenna pelo meio, e igualmente o mastro da Julia, o que pôz a todos em tão grande susto, qne todo aquelle dia e noute corremos em arvore seca, e só ferrámos o segundo traquete; era cousa pasmosa ver como o mar estava empolado; fizerão-se neste dia muitos votos, e deitarão-se sortes sobre quem devia hir visitar a devota Igreja de N. Senhora de Guadalupe. Os da náo Julia, que não tiverão menos medo, antes muito maior, porque lhe entravão dentro muitos golpes de mar, tambem fizerão muitos votos: igualmente entrava muita agoa em a nosa náo, mas como era melhor que nenhuma das outras, não estavamos em tão grande perigo. No dia nove do mesmo mez tivemos bonança, de sorte que todos pozemos o fato a enxugar ao Sol, não obstante o aquecer-nos elle bem escassamente; estando todos muito molhados não só dos golpes do mar, mas mais ainda por causa da chuva. Aos onze tornou a levantar--se a tempestade, e pouco pôde fallar em todo o dia huma náo com a outra; o nosso rumo era então para o Leste. Nos dias doze e treze (em que já tinhamos navegado quatrocentas e sincoenta legoas no mesmo rumo) achámos nas agoas muitos sinaes de terra, com limos, toninhas, e lobos marinhos, e muitas castas de aves, brancas e grandes, e varias qualidades de passaros mais pequenos, como estorninhos mas com o peito branco, e todos julgámos que estaria proxima alguma Ilha ainda não descoberta pelos Christãos, pois terra firme não podia ser por estar muito longe d'aqui. Tambem depois que passámos a Linha, achámos que o Sol e a Lua tinhão hum curso contrario ao que tem em Hespanha, isto he, que

aqui e mais para diante nasce o Sol do Nordeste, e põe-se para Oes-Sudoeste. Aos sete de Julho sendo ainda o vento muito forte principiámos a navegar para o Norte, depois a Noroeste até aos dez em que houvemos vista de terra, distante da qual estavamos ainda dez ou doze legoas, e porque era tarde pairamos aquella noute até que se pôz a Lua que serião onze horas (e entre nós correspondião às sinco): voltámos a prôa ao mar, estivemos sobre a amarra até que amanheceo, e então fomos reconhecer a dita terra. Neste dia não nos foi possivel saber aonde estavamos, porêm voltando no seguinte, foi-nos dito que este era o Cabo primeiro, o qual mete huma lingoa muito aguda pelo mar dentro: e affastando-se a gente ao mar vem-se entre estes dous Cabos dez ou doze Ilhotas, e algumas restingas de arêa. Daqui navegámos sincoenta legoas para o Nordeste, e..... para Nordeste, e chegámos defronte das lagôas que distavão de nós vinte e sinco legoas. Continuámos a navegar Nordeste quarta a Norte, e estavamos cousa de quinze legoas distantes do Cabo das Correntes pelo mar dentro, depois corremos ao Norte obra de sessenta e sinco legoas, e porque havia falta de carnes nos voltámos a hum pouco de peixe seco que traziamos, que igualmente se veio a acabar no dia doze; depois a alguns grãos; faltando-nos estes, ao queijo, e por fim a hum resto de Carne de porco que nos durou pouco tempo; e por esta maneira nos hiamos sempre avisinhando à India.

CAPITULO II

Da Ilha de Cofala, do Rio dos bons Sinaes, e de Moçambique.

Aos quinze de Julho achavamo-nos sobre a embocadura do rio de Çofala, e por estar calmaria estivemos aqui surtos em onze braças, desde uma Sexta feira depois de jantar até ao Domingo à tarde; os da terra fizerão-nos muitas rogativas, e vimos muitos fumos, com que nos convidavão a entrar, o que não fizemos, perdendo nisso muito; pois não obstante achar o Al-

mirante pouco ouro quando alli passou, pelo terem levado dous ou tres zambucos que dalli tinhão partido outo ou nove dias antes, e ser costume dos Mouros não o mostrarem por medo de que os Christãos lhes fação mal, comtudo já por fim principiavão a trazer-nos algum; por isso julgamos que os fumos eram sinal para chamar-nos. Aqui concertámos o nosso mastro, que estava quebrado e sem gavea, e notámos humas restingas que entrão pelo mar duas ou tres legoas, e davão mostras que entre ellas havia algum rio; pois o mar corria com muita força, e trazia hum grande numero de folhas e outros sinaes de o haver. Da banda do Poente havia hum pequeno Cabo a modo de huma collina chata, e allém delle apparecia huma pequena terra como Ilha. Sahimos dalli por Nordeste, e na Segunda feira á noute vimos tambem no mar muitos sinaes de terra, isto he, canas semelhantes ás de Portugal, madeira de bosque, muitas folhas, e grande corrente de agoa. Na terça feira aos desouto de Julho achámo-nos em uma enseada de pouco fundo e muitos parceis, a qual tem sete ou outo legoas de extensão, ao sahir da qual andámos mais hum dia e huma noute, e segundo o caminho e sinaes que depois encontramos, conhecemos que estavamos no rio dos Bons Sinaes Correndo esta costa vimos arvores grandes como mastros de navios, e da banda do Poente apparecia hum Cabo como o de Espichel. Achámos aqui algumas Ilhas junto a terra, huma das quaes, que está mais para o Nordeste, tem a figura de [illegible] peo, e a sete legoas de distancia hindo para Moçambique [illegible] mos outra de arêa.

Quando sahimos da sobredita enseada [illegible] para Nordeste quarta a Norte, e dentro de [illegible] zemos à vista das Ilhas primeiras. [illegible] sinco ou seis legoas affastados dellas, e [illegible] ria de pargos e outros peixes [illegible] muito differentes dos de Portugal. [illegible] gar a Moçambique, achámos hum [illegible]

vai ao longo da costa, entra duas legoas pelo mar, e estende-se outo ou mais. Corre elle de Nordeste a Sudoeste do mesmo modo que a costa.

CAPITULO III

Da mina donde El-Rei Salomão tirava o ouro, e da qual se extrahe Mirra fina.

Em huma Sexta feira vinte e dous de Julho chegámos diante de Moçambique, e entrámos pelo meio de duas pequenas Ilhas, que lhe ficão na distancia de dous ou tres tiros de bésta. Immediatamente vierão ter comnosco alguns mouros de reputação, e trouxerão-nos huma carta assignada pelo Almirante, (1) na qual mandava a qualquer navio Portuguez que chegasse ao porto, que não fizesse mal ou damno algum aos da Ilha, porque tinha feito contrato de paz e amizade com elles; dava-nos além disso a saber que tinha espalmado aqui sinco náos, e que nos deviamos demorar o menos possivel, partindo immediatamente pelo caminho de Quiloa; que se ahi o não achassemos fossemos para Anchediva, e dahi até o encontrarmos, navegando sempre de dia e de noute. Mostrava-se pela dita carta, que havia onze dias que elle tinha partido; e no fim della estava escrito por mão de Estevão da Gama, Capitão da náo chamada Flor de la Mar, (2) como elle com as duas náos tinha partido a desoûto, isto he, quatro dias antes. Demoramo-nos aqui até o dia vinte e seis, e provemo-nos da agua e lenha que quizemos: os Mouros da terra vinhão livremente ao nosso bordo, e com elles faziamos algum contrato de ouro e perolas; andavamos seguros pela terra, e elles nos tratavão com grande cortezia.

Estando nós nesta Ilha foi-nos affirmado que tinhão hido à capitania certos mouros honrados, que aqui habitavão, a cumprimentar o Capitão; aos quaes elle perguntou muitas cousas a respeito da mina de Çofala; e perante muita gente que alli se achava, respondêrão, que com toda a certeza ha-

via então huma grande guerra no lugar donde vinha o ouro, e por este motivo não podia chegar naquella occasião; porém que havendo paz podem-se extrahir da mina dous milhões de mitigaes, valendo cada mitigal hum ducado, e hum terço; e que os annos passados, estando o paiz pacifico, as náos de Meca, de Judá, e de muitos outros lugares, tiravão da mina os ditos dous milhões: disserão mais que tinhão livros, e escrituras antigas, por onde consta que a mina donde El-Rei Salomão tirava de tres em tres annos tanto ouro, era esta mesma; e que a Rainha Sabá, que levou a este Rei hum tão grande presente, era natural das partes da India. (6) Derão tambem aquelles Mouros ao Almirante huma bola de mirra fina, dizendo que da mesma mina se podião tirar duzentas cantaras della annualmente.

CAPITULO IV

De Quiloa e Mombaça

Partimos daqui aos vinte e sinco do mesmo mez de Julho levando comnosco hum Piloto negro, que nos pedio dez cruzados para pôr ambas as náos em Quiloa; e tomámos o rumo para o norte, porque a costa corre Norte a Sul: de noute alargavamo-nos hum pouco ao mar, e de dia tornavamos a reconhecer a terra: e como tivessemos andado quarenta e sinco legoas, vimos huma terra que tinha treze ou quatorze colinas altas, e entre estas tres ou quatro ainda maiores, e ao longo della muitas Ilhotas; pelo que reconhecemos que estavamos em Quiloa, aonde não quizemos entrar, por não estar lá o Almirante. Antes que alli chegassemos tinhamos já visto certas montanhas altas, e pensando que era Quiloa, estivemos essa
pairo: no dia seguinte continuamos a navegar, e
os o nosso engano fomos costeando, e vi-
a que nos disserão chamar-se Quiloa a
voação que nos pareceo estar em
'loas ha hum rio, que nos deo

gendo com grande prazer; vinha em sua companhia hum Luiz de Moura criado de ElRei N. Sr. que Pedro Alvares Cabral tinha aqui deixado, e já fallava muito bem aquella lingoagem. Todos elles nos saudarão por parte de ElRei de Melinde, dizendo-nos que ficava sumamente satisfeito com a nossa chegada: nós os recebemos mui graciosamente, e convidamos com muitas fogaças, conservas, e frutos de Portugal, e vinho bom e em abundancia: mandamos também à Rainha huma cesta chea de biscoutos e muitas avelans, nozes, uvas passadas, e doce de amendoas; o que tudo foi a proposito, porque estava proxima a parir. Em troco disto tivemos muitas galinhas, peixe, e outros refrescos, e ElRei mandou que naquella noute todos levassem gallinhas, e outros mantimentos a vender ás náos; dizendo-nos que podiamos hir a terra seguramente, porque elle e todo o seu Reino estava ao serviço, de ElRei de Portugal. Pela manhã desembarcámos, e fomos ao palacio do Rei, que he sobre o mar, e lhe beijámos a mão, recebendo-nos elle com muita benevolencia; sentado em huma cadeira de palmo e meio de altura, forrada de hum couro negro com hum pelo luzente que parecia veludo, e envolto em hum pano pintado: do lugar onde elle estava via o mar, e estavão tambem assentados desouto ou vinte Mouros, e havia algumas outras cadeiras vazias. Parte destes mouros estavão descalços, ao lado de ElRei havia um par de chinelas, e tinha à roda da cabeça uma grande toalha de seda á mourisca, e a boca chêa de betelle que não cessava de mastigar. Logo que nós chegámos, principiou a fallar, e a pedir-nos novas d'ElRei e da Rainha NN. SS. perguntando-nos se se achava pejada; disse-nos depois que estava melancolico e pezaroso de o Almirante não ter hido pelo seu porto, e que lhe pareceria desconfian - gundo lhe tinha dito o christão, que lá tinhamos Vimos em sua casa dous elefantes novos, hum de que era de tamanho de hum grande boi, e tinha dous; o outro era muito maior, ambos negros m ,

e os seus dentes não excedião a hum palmo: há-os tambem grandes por maneira que dous delles arrastão para terra huma não, por maior que seja, para o que prendem os dous elefantes cada hum por seu lado, e não tem mais cuidado, pois a levão o melhor e mais direito que he possivel. Os que dizem que os elefantes não tem juntas, dizem bem, porque se deitão em terra e saltão com muita ligeireza; tem huma tromba, de algumas tres braças de comprido, com que levantão a comida do chão, o que não poderião fazer de outro modo; e com ella he que a metem na boca. Os Mouros para nos fazer honra, lhe davão com huma vara nos joelhos, e logo se dobravão, e fazião cortezia com o joelho no chão.

Quando partimos, fez ElRei dar hum boi a cada náo, e os nossos lhe mandárão hum presente de vasos de estanho grandes e pequenos com hum pouco de açafrão. Em quanto alli nos demorámos, hiamos a terra tão livremente como em Portugal, fazião-nos muito agazalho e reverencia, e erão tantas as galinhas, pescados, melancias, limões e outros refrescos, que elles nos vendião, que verdadeiramente era cousa maravilhosa. Depois de feita a agoada mandou El-Rey escrever ao almirante, e eu Thomé Lopes, Escrivão da náo de Ruy Mendes de Brito, fui chamado á sua presença, e alli escrevi a carta dizendo-me Luiz de Moura por parte do Rei o que queria que escrevesse.

Contou-nos depois ElRei que já lhe tinha escrito outra carta antes delle alli chegar, estando defronte de huma montanha affastada de Melinde seis ou sete legoas, aonde se demorou por causa de hum temporal; e os que levarão a dita carta, hião metidos pelo mar até á cintura, por motivo de féras, que de noute se encontravão em terra, as quaes os terião morto; trouxerão elles a resposta, e hum escrito do almirante, no qual mandava a todas as náos Portuguezas, que por alli passassem, que não tivessem detença.

Deo-nos além disso outras cartas, que João da Nova tinha deixado escritas em Quiloa, quando voltou para Portu-

gal, contando como ElRei de Calicut armou contra elle huma grande frota, que elle destruio e desfez, a qual eu copiei; e depois recebemos o original para entregar ao Almirante.

Contou-nos também como El-Rei de Quiloa se tinha já feito tributario de ElRei N. S. por quatrocentos ou quinhentos pezos de ouro por anno; e que desculpando-se este Rei de não vir fallar ao Almirante por estar doente, e differindo de dia em dia satisfazer o contrato que fizera com os Christãos, como já havia praticado com Pedro Alvares Cabral, mandou o almirante que tôdas as náos se chegassem à cidade o mais que podessem, e he tal o porto que as náos quási punhão a proa em cima da muralha: feito isto, estando toda a artilharia pronta, o Almirante se armou com trezentos e sincoenta homens, e se meterão nos esquifes para hir a terra; o que vendo os Mouros tiverão um tão grande susto, e os correios hião e vinhão por hum modo tal, que El-Rei foi forçado a sahir da Cidade, e a vir-se meter nas mãos do almirante e no seu esquife mais morto do que vivo: pois se persuadia que elle lhe faria cortar a cabeça. Recebeo-o o Almirante com honra e agrado, e o fez sentar sobre hum estrado alcatifado, que estava na popa do esquife; e voltando-se a elle lhe disse, que vinha do modo que podia ver, para fazer pazes ou guerra com quem quizesse qualquer das duas cousas; e que assim escolhesse o que melhor lhe agradasse, sem susto nem suspeita alguma; porque o faria pôr em terra salvo e seguro, conforme a palavra e salvo-conducto, que lhe tinha dado, o que os Christãos nunca costumavão quebrar: respondeo ElRei que queria paz; e então o Almirante lhe disse, que se devia fazer vassalo de ElRei de Portugal, e pagar-lhe hum tributo de vinte pérollas; ao que elle tornou, que as pérollas era duvidoso podellas achar de pezo de hum mitigal cada huma, como lhe pedia; e que além disso talvez se dissesse, que não erão bem finas; que assim lhe daria todos os annos em ouro o que fosse razoavel, ajustando-se ambos amigávelmente; e que offerecia mil e quinhentos pezos annuaes, cada hum dos quaes val justo de ouro: (1) com isto se foi

sem a náo Julia, porque não quiz esperar por nós, e caminhámos trezentas e setenta e sinco legoas a Les-Nordeste, e dahi para diante Leste quarta a Nordeste; corremos assim trezentas legoas e depois voltámos ao primeiro rumo e navegámos mais sessenta e sinco. Em huma sexta feira pela manhã, aos 19 de Agosto, vimos terra da banda de Calicut, distante de Anchediva cousa de quarenta legoas; e dahi viemos costeando naquelle rumo, e achámos tres Ilhas chamadas as Guedivas, que estão de Sul a Norte, quinze legoas distante da terra firme; e já antes tinhamos passado nove ou dez, tres ao Nordeste, e as outras mais para o Sudoeste. Obra de dez ou doze legoas antes de chegarmos ás Ghedivas, descobrimos grandes e ásperas montanhas; huma das quaes vem ter ao mar, e na sua fralda ha huma colina; e vista do lado do Sul faz outra que parece como a gavea de huma náo, o que he hum bom sinal para se reconhecer. Tres ou quatro legoas antes de chegar a Anchediva ha tres ou quatro Ilhotas para o Norte, e outras tres da banda do Sul ao lado della, e huma mais pequena, que do mar parece escalvada e com hum monte no meio; e mais adiante na terra firme fica huma alta e grande montanha. Antes que avistassemos a costa achámos cobras de agoa, pelo que conhecemos que estavamos junto á terra, pois não se costumão affastar della mais de trinta ou quarenta legoas. Em o Domingo vinte e hum de Agosto, pela manhã ainda cedo chegámos á dita Ilha, de modo que antes de hora da Noa fomos vistos e salvados com alguns tiros de bombarda; e como o Almirante, que estava ouvindo Missa os ouvio deixou tudo e com grande pressa fez apparelhar tres náos e duas caravellas e veio para nós julgando que erão náos de Meca, e poz-se de permeio com a terra para não nos podermos refugiar a ella. Apenas o avistámos tivemos hum grande prazer, e içámos muitas bandeiras, toldos, e estandartes; com o que conheceo que eramos Portuguezes, e tornou para a Ilha; porém huma das caravellas veio perguntar-nos notícias da náo Júlia, ao que respondemos que tinha partido de Melinde antes de nós, e que nunca

da parte do Rei dissessem, que gente erão, e o que andavão procurando pelo mar. O Almirante lhes respondeo, que erão Christãos, que trazião mercadorias para negociar na India, e vinhão com o proposito de assentar pazes com quem as quizesse, ou fazer guerra a quem mais lhe agradasse. Disserão-lhe tambem que ElRei lhe dava seguro, para toda a frota que estava diante do seu porto; e lhe venderia muitos diamantes e lacca, e que se por ventura quizessem carregar grão, elle lho daria para toda a frota dentro de dez ou quinze dias, e lhe compraria pano escarlate no caso que o tivessem: o Almirante os deixou dizendo, que participaria tudo ao seu Capitão, e quando partio mandou disparar hum tiro de bombarda grossa para os amedrontar, e determinou entrar dentro com toda a frota; mas quando chegou a ella principiava a soprar hum vento tão favorável, que determinou seguir a sua viagem.

CAPITULO VII

Como forão aprizionados os que vinhão em hum zambuco para Cananor; e depois de se lhe restituir outra vez toda a sua fazenda, forão entregues a hum Embaixador daquelle Rei, afim de o compensar das muitas joias que elle tinha dado ao Almirante.

Aos vinte e seis de Agosto mandou o Almirante que partissem todos da Ilha de Anchediva, e antes de nós já tinhão sahido para Cananor as caravellas e duas náos. Aos vinte e outo desafferramos com vento bonança, navegando de dia tão sómente junto á costa, até que chegámos a huma enseada aonde estava huma aldêa chamada monte Delli, de ElRei de Cananor; e logo mandou o Almirante algumas das náos em procura das que vinhão de Meca; revezando-se humas ás outras. Assim passarão sinco ou seis dias, em que a náo Esmeralda concertou o mastro, que se lhe havia quebrado no golfo, tendo sido preciso cortar outro pela ribeira acima junto ao mar; o qual acarretárão dous elefantes sem trabalho de mais ninguém; nem

dos, que rogavão lhes fossem restituidos, o que desprazeo muito ao Almirante que lhos mandou logo entregar, e poz tudo nas mãos do Embaixador com muito gosto de todos: concluido isto puzerão-se immediatamente em caminho para Cananor, como homens que lhes parecia terem escapado do cativeiro, tocando os atabales que tinhão em o zambuco.

CAPITULO VIII

Da grande refrega que houve entre huma náo Portugueza e outra de Calicut.

Aos vinte e nove de Setembro andando algumas das nossas náos em procura das que vinhão de Meca, a S. Gabriel se encontrou com huma de Calicut que dalli voltava com duzentos e quarenta homens, sem fallar nas mulheres e creanças, que erão bastantes, e que todos voltavão daquella peregrinação: deo-lhe logo caça, e tendo disparado alguns tiros de bombarda, para logo se renderão; e não obstante terem armas e artilharia não quizerão combater, parecendolhes que com a muita fazenda que tinhão na náo, podião resgatar suas vidas; pois estavão alli dez ou doze mercadores Mouros dos mais ricos de Calicut; hum dos quaes se chamava Joar Afanquei e dizião que era Feitor do Sultão de Meca na dita Cidade, e dono de esta e de tres ou quatro outras náos, tendo grande trafico de mercancias. Apenas elle chegou á presença do Almirante, as primeiras palavras que lhe disse, forão que lhe deixasse a náo tal como estava, e que lhe daria pelo mastro da nossa que estava quebrado, cem cruzados, e carregaria de especiaria toda o frota, que erão duas caravellas e desouto náos, sinco ou seis das quaes erão muito grandes. Vendo depois que o Almirante não queria aceitar este partido, lhe tornou a offerecer outro, a saber, dar-lhe por elle, sua mulher, e seu neto que alli estavão, carga para quatro das maiores náos da Frota, ficando elle prezo na Almirante, emquanto seu neto hia a terra; e

que se em quinze ou vinte dias não satisfizesse a quanto promettia, podia fazer delle o lhe parecesse: obrigava-se além disso a fazer restituir a ElRei de Portugal, toda a fazenda que lhe havião roubado em Calicut; e a que se assinassem pazes e amizade entre aquelles Monarcas. O Almirante não quiz assentir a nenhum destes partidos; e disse ao dito Joar que ordenasse aos mouros, que cada hum lhe desse de presente toda a fazenda que tinhão na náo. "Quando eu commandava, respondeo o Mouro, todos cumprirão as minhas ordens, mas agora que tu só commandas, he justo que sejas o proprio que dês semelhante ordem." Com isto derão os Mouros ao Almirante aquillo que cada hum quiz; sem que elle os obrigasse com tormento nenhum; nem mesmo fizesse as pesquizas que se devião fazer; porque ao depois achárão-se roupas do mesmo Joar, por mais de tres mil cruzados; e pense-se as joias, e outras miudezas, que ficarião; os vasos de azeite, manteiga, e mel, etc. Acabado isto mandou a Almirante a sinco ou seis bateis, que conduzissem a náo a reboque, e tanto que se affastassem hum pouco da frota, lhe pozessem fogo fazendo-a arder com quanta gente estava dentro. Desarmada a náo, e deixada sem leme e enxarcias; alguns bombardeiros lhe puzerão fogo na coberta, mas voltando para os bateis os Mouros o apagárão, e pegarão em as armas que tinhão escapado, por não se terem procurado bem; e em muitas pedras de mão que alli estavão para lastro, e determinarão-se a morrer combatendo. Logo que os dois bateis virão o fogo apagado tornárão para o acender, mas forão recebidos com infinitas pedradas tanto dos homens como das mulheres, de modo que não puderão entrar dentro, e se affastarão principiando a atirar-lhes com as suas bombardas; que por serem pequenas não lhe fizerão mal algum. Nisto as mulheres subirão á tolda, e muitas dellas mostravão grandes porções de ouro, prata e muitas joias; e gritando em altas vozes, chamavão pelo Almirante meneando a cabeça, dando a entender, segun-

do se percebia, que lhe darião tudo se quizesse salvar-lhes a vida. O Almirante via o que se passava por huma escotilha; e algumas mulheres tomavão nos braços os seus filhinhos e os levantavão ao ar persuadindo-o assim a que tivesse piedade daquelles innocentes; os homens fazião igualmente sinal com a cabeça, que se querião resgatar a todo o custo; e he certo que com a riqueza que havia naquella náo, se podião tirar do cativeiro quantos Christãos estão prezos no Reino de Fez, e ainda sobraria muito para ElRei N. S. Vendo porém a determinação do Almirante, que não lhes queria fazer graça repararão a náo como poderão com colchões, fato, esteiras, e redes; e se despozerão a vender suas vidas o mais caro que lhes fosse possivel, como com effeito fizerão; porque matavão e ferião quantos dos nossos podião alcançar.

CAPITULO IX

Da muito grande e desesperada defeza que fez esta náo de Calicut; e como finalmente foi queimada, tendo primeiramente os Mouros que estavão dentro deitado ao mar o grande tesouro que tinhão, de ouro, prata, e joias : e como a náo S. Paulo deo caça a quatro náos de Mouros.

Estando as cousas nestes termos, nós que estavamos na náo de Ruy Mendes de Brito, e tinhamos, como já disse, atado na popa o zambuco que aprezaramos; viamos perfeitamente o que se passava (foi isto em huma segunda feira tres de Outubro de mil quinhentos e dous, de que me lembrarei toda a minha vida) quando os que estavão nos bateis principiárão a chamar-nos, fazendo sinal com huma bandeira, por cujo motivo nos avançámos. Antes que chegássemos ao pé, repartimos a pouca gente de que podiamos dispôr, deixando alguma no zambuco: muitos dos nossos não tomárão armas, parecendo-lhes tinhão a combater com gente desarmada; e com esta desprevenção fomos ferrar-nos com a náo, na balustrada do castello que era sobremaneira alta, tendo dispa-

do quando nós avisinhámos huma bombarda grossa que fez hum grande rombo junto á carlinga. Os mouros como homens deliberados a morrer, atracárão a nossa náo por duas partes; o que foi feito com tanta pressa e furia, que não tivemos tempo de atirar huma só pedrada da gavia: tinhamos além disso poucas lanças e poucos dardos, mas com estes mesmos poucos faziamos-lhe muita guerra; deviamos tambem attender aos vinte e quatro Mouros que aprezaramos no zambuco, e fazellos descer debaixo da coberta; pois os da náo desejavam muito tellos comsigo, e fazião quanto podião por se emparelharem comnosco, por ser a sua náo muito mais alterosa do que a nossa; e se com effeito o conseguissem, não tinhamos esperança alguma de salvação, porque nos recebião cada hum com tres ou quatro pedras, e davão-se tanta pressa que Artilheiro nenhum podia chegar á sua bombarda, nem fazer-lhes mal senão com béstas, que algumas vezes matavão alguém. Comtudo faziamos voltar para traz os que querião saltar na nossa náo, e elles igualmente fazião-nos o mesmo. Estavão em nossa companhia huns quarenta homens dos bateis; mas não apparecia ninguem que não se visse logo com vinte ou trinta pedras á roda de si, e algumas fréchas de mistura com ellas. Durou a batalha até muito pela tarde, em hum dia maior do anno; e era maravilhoso ver o impeto com que combatião; pois ainda que lhe ferissemos e matassemos bastantes, parecia que não sentiam mingoa, nem fazião caso das feridas; tanto, que se atreverão a descer ao nosso castello de diante quatorze ou quinze homens: foi então alli a força da batalha, porque estavamos atracados pelo castello, e elles como raivosos e danados, nos ferião tão rijamente, que fomos obrigados a desamparar aquelle posto, pois ainda que lhe pozessemos as lanças aos peitos, corrião sobre ellas sem medo algum, tanta era a sua raiva. Em fim já não estava naquelle lugar senão eu e João Buonagracia Capitão da náo, armado com huma couraça descoberta, já toda amolgada e destruida com as pe-

dradas; e forão ellas tantas e taes, que ultimamente lhe quebráram as corrêas, e lha fizerão cahir em terra. Nisto tinhão já entrado para dentro alguns Mouros, e o dito Capitão voltando-se para mim gritou: "Escrivão Tomé Lopes! que fazemos nós aqui depois de todos se terem retirado?" e assim sahimos *já bem feridos. Os Mouros entrarão immediatamente* no castello dando grandes gritos, e os que estavão na náo tomárão com isto alento e ensoberbecendo-se combatiam mui feramente. Os marinheiros que tinhão vindo ajudar-nos, vendo como o castello da proa estava perdido, que andavão ja muitos Mouros por cima da tolda, e que outros tinhão descido para baixo do castello, perderão o animo de modo que se deitavão ao mar acolhendo-se aos bateis: ficamos pois muito poucos, e a maior parte feridos, mas comtudo ainda assim peleijavamos com os inimigos, parte dos quaes se retiravão dando lugar a outros que vinhão de novo; de modo que nunca se experimentava mingoa, e estavão alguns tão feridos, que quando pensavão voltar para a sua náo, cahião ao mar e morrião. Os desouto Mouros, que acima dissemos tinhão descido comnosco abaixo do castello da proa, matárão aqui hum homem, e ferirão dous ou tres, e mal nos podiamos defender das pedradas, ainda que a véla nos amparasse alguma cousa: estando neste aperto encaminhou-se a náo joia dando mostras de querer abordar a outra; pelo que os Mouros deixando-nos voltárão todos para o seu bordo, cortando-nos quando se desafferrárão algumas enxarcias; tudo por julgarem que a náo joia os queria abalroar, o que com effeito não fez (apesar de ser maior do que a nossa) pois os via sobremaneira inflamados. Nesta retirada ficárão tres delles mortos ás lançadas, e por certo se isto não tivesse acontecido, ter-nos-hião tratado muito mal; porque erão muitos e nós poucos, a maior parte feridos, e tão mal de armas que se póde dizer que as não tinhamos. A náo joia se avisinhou à outra, e lhe atirou dous tiros de bombarda, não lhe podendo fazer outro algum damno. O Almirante entrou na náo Leonarda, e com seis ou sete ou-

tras das principaes da Frota, se pôz em seguimento da náo inimiga, que hia navegando com a corrente da agoa, e a perseguirão quatro dias com quatro noutes, sem que nenhuma dellas a podesse afferrar, e só quando passavão de costado lhe atiravão com bombardas; já os nossos estavão resolvidos a não a perseguir mais se hum dos Mouros não se tivesse lançado ao mar, para vir dizer á Capitania, que se lhe dessem vida elle hiria a nado atar hum cabo á femea do leme da náo, para poderem incendialla; e pondo isto em pratica, o Almirante lhe concedeo a vida, e o deo a João de Vera. Tinha elle comsigo sincoenta e tantos xarafins de ouro, e contou do grande cabedal que estava na náo, o qual todo foi lançado ao mar, além dos muitos mantimentos que trazia: contou-nos tambem que nos vasos de mel e de azeite tinhão escondido muito ouro, prata, e joias; alijando tudo quando virão que não lhe queriamos perdoar as vidas: e a sua furia era tal, que vimos algumas vezes no meio da batalha alguns feridos de frechas tirarem-nas fóra, atirando-as para nós com a mão, e continuarem a combater como se não sentissem nada. Assim depois de tantos combates, fez o Almirante pôr fogo àquella náo, que ardeo com quantas pessoas se achavão dentro, com muita crueldade, e sem comiseração alguma.

Depois disto concluido, encontrou a náo S. Paulo quatro náos grandes e lhes deo caça, porém ellas fugirão para terra; tres entrarão em hum rio, e a outra encalhou na praia, e chegando aonde ella estava a abordárão sem embaraço. Os nossos para não encalharem tambem lançarão fóra huma ancora; e porque a náo dos Mouros estava deitada, e a ancora os não podia segurar por ser o vento forte e o mar grande, a largárão por não se perderem com ella. Logo que os Mouros se virão abordados, se lançarão ao mar; alguns delles salvárão-se no seu batel, porém muitos se affogárão, e a náo se desfez pouco a pouco pela força das ondas. Os nossos estiverão sobre a ancora ainda algum tempo, sem acharem outro meio de recolher alguns homens, que tinhão saltado em a náo

dos Mouros quando abordárão, senão o de deitar fóra o batel para hir buscallos; mas por causa do grande impeto do mar, não poderão tirar nada do que estava dentro, senão algumas espadas e adargas; e entre tanto estava muita gente na praia, apanhando tudo quanto o mar deitava fóra.

CAPITULO X

Como ElRei de Cananor fallou com o Almirante, e os nossos tomárão hum zambuco de Mouros que hia para Calicut, e da carta que escreveo aquelle Rei ao Almirante.

Aos desouto de Outubro de mil quinhentos e dous chegámos defronte de Cananor, e vierão logo alguns homens de importancia da parte do Rei a visitar e saudar o Almirante, dizendo-lhe que elle desejava fallar-lhe, e para isso ajustárão o dia. Em o seguinte fez ElRei construir sobre o mar huma ponte de madeira muito grande, da largura da de Lisboa, e bem ornada: e no mesmo dia mandou o Almirante preparar huma caravella, com a popa coberta de velludo metade carmezim, e metade verde, e nella se meteo a gente mais luzida da Armada, e igualmente nos bateis das náos, com muitas bandeiras, trombetas, atabales, e tambores, e com muitas danças, e folias; bombardas, lanças, béstas e outras armas; e elle com hum apparato muito custoso, vestido de seda, com dous grandes colares de ouro, um ao pescoço, e outro a tiracolo, e assim foi para a ponte que tinha duas entradas huma da banda da terra, outra da banda do mar, ambas cobertas com panos pintados. O Rei chegou com obra de quatrocentos homens, com as espadas e adargas vermelhas, muito vistosas; outros com arcos e frechas, outros com partazanas: tanto elle como a sua comitiva não tinhão outro vestido senão hum pano pintado que o envolvia da cintura para baixo; o resto do corpo estava nú, e tinha na cabeça hum barrete pintado. Este acompanhamento ficou hum pouco affastado da ponte, porque assim se ordenou para segurança; e ElRei entrou na primeira pousada, que era

hum pequeno gabinete, e descançou hum espaço, não só porque fazia grande calma, mas porque o Almirante ainda não acabava de chegar. Logo que abordou, ElRey se foi para elle, e o achou com trinta homens porque se tinha ajustado que nem hum nem outro levaria mais deste numero: o motivo porque fallárão deste modo, foi porque o Almirante lhe disse que tinha regimento de ElRey para não descer em terra, e assim estava hum na ponte e outro na sua caravella. Vinhão diante do Rei dous homens com bastões grandes, em que estavão pintadas humas cabeças de boi com que fazião vento a ElRei, não sabendo nós se isto era por magnificencia, ou pela muita calma que fazia: trazia tambem outros dous homens com outros bastões, e em cada hum delles hum mosquiteiro branco com o qual andavam bailando como em Portugal as creanças. Logo que ElRei, e o Almirante chegárão ao pé, apertarão as mãos em sinal de amizade; e depois que fallárão hum pouco por meio de hum intérprete, deo o Almirante ao Rei certos vasos de prata dourada muito ricos, bacias grandes, gomis, saleiros, e outras cousas; sendo criticado por alguns de lhas ter dado pela propria mão, pois parecia estimar mais aquelles trastes de prata, do que elles o ouro. O Rei deo igualmente ao Almirante, porém não pela sua mão, muitas pedras preciosas de grande valor, e igualmente aos outros Capitães e Gentis-homens, mas não tão ricas, mostrando que eram cousas que não estimavão muito, a pezar de serem mui preciosas. Depois disto rogou-lhe o Almirante que fizesse preço ás especiarias, e ás mercadorias que elle levava; mas ElRei lhe respondeo que não era tempo de fazer semelhante contrato, nem elle tinha espeçiarias naquella occasião, por não lhe terem ainda chegado; que na manhã seguinte elle lhe mandaria aquelles Mouros cujas ellas erão; os quaes então estavão em terra, e lhes ordenaria que se ajustassem com elle, por aquillo que fosse razoavel. No dia seguinte vieram com effeito os Mouros, mas pedirão-nos hum preço muito maior do que das outras vezes; de sorte que depois de muitas razões, não se pôde concluir partido algum

que bom fosse: pelo contrario mostravão não quererem as nossas fazendas, para com isto se escuzarem de nos darem as suas por hum preço justo, como homens que folgarião muito se não tivessemos achado carga em lugar algum. Conhecendo isto, despedio-os o Almirante com grande sanha, e mandou dizer a ElRei que bem via que não lhe importava a nossa paz, pois não queria tratar pessoalmente com elle, e lhe mandava mouros, que como sabia tinhão ódio antigo aos Christãos, e erão muito nossos inimigos; e visto que só com os Mouros he que tinha a contratar, também queria contratar com elle, e assim alguns fardos de especiaria, que já estavão na Capitania sem preço, elle lhos mandaria no outro dia de madrugada com tantos tiros de bombarda com quantos os tinha recebido.

Estando assim enfurecido, veio da terra Paio Rodrigues Feitor do sr. D. Alvaro; o qual estava naquella Cidade tendo lá ficado da viagem passada, e o Almirante lhe ordenou de não tornar mais a terra, por ter quebrado as pazes com El-Rei. "Não queria Deos, lhe tornou elle, que eu de tão má conta de mim ao meu Sr. D. Aluaro; aonde se aventurarem os seus bens, tambem eu me quero aventurar," e com isto voltou para terra. Em quanto lhe durava esta paixão, tornou o Almirante a mandar dizer a ElRei, que queria partir do seu porto, e hir procurar carga para as náos; que não lhe segurava os Mouros da sua terra, e assim esperava lhe mandasse dizer se os Portuguezes que nella estavão ficarião seguros; e senão o estivessem, lhos mandasse, pois de outro modo jurava, que se lhes fizesse algum mal ou desgosto, os seus Cafres o pagarião (chamão Cafres aos naturaes do paiz). Partimos deste porto de Cananor hum Sabbado vinte e dous de Outubro, com vento bonança, surgindo de noute e navegando de dia; e seguindo assim nosso rumo para Calicut, vimos hum zambuco ao qual por ordem do Almirante deo caça huma caravella, e lhe tomou a terra por não se acolher a ella como já principiava a fazer; tomamo-lo com obra de vinte Mouros ou Cafres, e achamo-lo carre-

gado para Calicut com cairo e cocos; e hindo costeando para Calicut, vimos tres grandes náos tão cozidas com a terra, que parecia estarem em seco, ás quaes forão outo bateis bem guarnecidos e duas caravellas em huma das quaes hia o Almirante; e logo principiárão a atirar-lhe com bombardas, e tanto os apertárão que se principiárão a deitar ao mar, fugindo a nado. Apenas vio isto hum Senhor daquelle paiz, cujas erão as náos, deitou a correr para a praia, e se embarcou em huma almadia com sete ou outo homens, e hindo ao Almirante lhe disse que era vassalo de ElRei de Cananor, e que toda aquella terra em circumferencia lhe era sugeita; que este Rei tinha paz e amizade com os Portuguezes, e por se fiar nella he que tinha deixado alli as suas náos, do que era prova não as ter afretado a ElRei de Calicut para armar contra os Christãos, quando preparou a sua expedição contra João da Nova; e que por isso trazia guerra com o dito Rei de Calicut, e era por elle maltratado: que além disto era parente, e grande amigo de ElRei de Cochim, e que se fosse necessario elle deixaria em penhor aquelles homens que comsigo tinha trazido, até estar certificado de tudo quanto lhe dizia, e assim se fez. Em aquella mesma noute, veio ter à Frota hum criado de Paio Rodrigues com cartas para o Almirante, tanto de ElRei, como de seu amo, em resposta á embaixada que aquelle tinha mandado ao partir; nas quaes lhe dizia que no caso de o Almirante matar os seus Cafres, ou lhos prender, como lhe mandára dizer, nem por isso reputava quebrada a paz, que tinha feito com ElRei de Portugal; a qual tinha por firme e segura, sem que quizesse obrar nada contra elle; e que assim, querendo matar e roubar a sua gente o poderia fazer, pois não daria ordem para se aguardarem delle, porém faria saber tudo a ElRei de Portugal; assim que, se elle houvesse por bem fazer-lhe a guerra sem prejudicar a paz já feita, não o levaria a mal: que pelo que dizia respeito aos Christãos, que estavão no seu reino, posto que o Almirante lhe fizesse toda a guerra que quizesse ou pudesse, nem por isso elle lhe faria dano algum, e

o mesmo dizia Paio Rodrigues na sua carta. Vasco da Gama teve com isto grande desprazer, parecendo-lhe que por conselho do dito Paio, he que ElRei lhe escrevia por este modo. No dia seguinte o dono das náos acima ditas, mandou ao Almirante hum presente de galinhas, figos, quatro ou sinco sacos de arroz, e hum carneiro: o que elle recebeo fazendo-lhe pagar tudo pelo seu valor, e tornou-lhe a mandar os homens que tinha deixado na náo, dizendo-lhe que por amor de ElRei de Cochim, de quem se dizia parente, he que lhos entregava, e igualmente por seu respeito havia a náo por segura.

CAPITULO XI

Como hindo costeando para Calicut, e avistando-se huma grande náo, se tomou a resolução de a não queimar por ser chamado o Almirante a tratar pazes com aquelle Rei.

Partimos daqui em huma Quarta feira vinte e sinco de Outubro, seguindo a nossa viagem para Calicut, e hindo assim costeando, vimos muito ao pé de terra huma grande náo: pelo que o Almirante se meteo em a caravella (porque a Frota estava toda ao largo), e se avisinhou a ella para a reconhecer; logo que voltou fez içar bandeira, com o que forão todos os Capitães a seu bordo, e concordárão em não a queimar, por ter sido chamado o Almirante por ElRei de Calicut, de quem tinha recebido cartas estando em Cananor, em que lhe rogava fosse ao seu porto para assentarem paz e trato de mercadorias. Soube-se tambem que aquella náo era de Judeos, que negoceão muito por toda a India, e tem grande quantidade de especiarias que alli vão vender; e por tudo isto determinárão não lhe meter maior susto, mas que o Almirante os mandasse chamar a terra, com hum seguro para tratar com elles paz e commercio, e assim se fez; porém elles não quizerão fiar-se em nada do que se lhes promettia.

CAPITULO XII

Da causa que moveo ElRei de Calicut a escrever ao Almirante vara vir ao seu porto.

Deixámos de escrever atraz, como estando o Almirante em Cananor, teve cartas de Cochim escritas por Gonçalo Gil, que alli tinha deixado João da Nova: contava elle como ElRei de Calicut escrevêra com muitas instancias ao de Cochim, no tempo em que a nossa Frota estava em Anchediva, dando-lhe a saber que nas partes da India tinhão passado vinte grandes náos Portuguezas, que vinhão para prejuizo, e damno de todo aquelle paiz, porque não lhe poderia escapar navio algum dos que encontrassem; e que este damno ainda seria maior, huma vez que os christãos se podessem fazer Senhores de algum ponto em terra: o que tudo bem considerado, não tinhão senão hum unico remedio, o qual se senão tomasse estavão todos perdidos e sugeitos, e vinha a ser, não lhes darem especiarias em toda a India por preço algum; porque realmente o nosso fim, vindo de tão longe, não era outro senão tellas, e quando soubessemos de certo, que por preço algum as podiamos alcançar, não tornariamos a voltar áquelles mares. Dizia mais, que o modo de nos desviar, era concordarem nisso todos os Reis, pois vião que todos juntos não eram bastante poderosos a impedillo por oura maneira: que elle já tinha requerido os Mouros do seu Reino para armar contra os Christãos; ao que tinhão respondido, que lhes era impossivel medirem-se contra huma tão grande força, pois bem sabia como no anno passado tinhão armado contra quatro navios pequenos que tinha João da Nova, e não lhes podérão fazer mal algum; motivo porque não julgavão a proposito expôrem-se novamente. Em fim rogava-o instantemente de buscar maneira, com que os Portuguezes voltassem sem especiaria alguma, e que elle faria com que os outros Reis e Senhores em cujas mãos estão as especiarias, igualmente lhas recuzassem. A resposta, que lhe deo ElRei de Cochim foi, que já tinha ajustado paz e commercio mui vantajo-

samente com os Portuguezes, e por isso já nada podia fazer em contrario; que sabia que os Christãos erão homens verdadeiros e assim esperava preparar-lhes huma boa carregação. Ambas estas cartas, isto he, a que lhe mandou ElRei de Calicut, e a resposta que elle lhe deo, mostrou ElRei a Gonçalo Gil; e para levar ao fim este ardil, he que ElRei de Cochim escreveo ao Almirante, estando elle em Cananor, para que *fosse ao seu porto, dizendo-lhe que não queria senão paz* e amizade com os Christãos, e pagar-lhes a fazenda de ElRei de Portugal que elle havia já dado ao dono da náo que Pedro Alvares tinha queimado; e por isso parte desses bens havião de ser pagos em hum pagamento, que queria que se fizesse nomeando-se arbitros, a fim de avaliar a perda de cada huma das partes, e pagando quem fosse devedor: que pelo que tocava á gente que tinha morrido, era isto cousa que não se podia pagar nem restituir; mas que quando tudo se tivesse examinado, se viria no conhecimento de que os Christãos estavão bem vingados com a morte de tantas pessoas, tanto da náo de Meca, como de muitos outros navios que lhe tinhão queimado: e sobre todos estes motivos he que o Almirante se fez na volta de Calicut.

CAPITULO XIII

Como o Almirante foi a Calicut, e ElRei o mandou saudar, e perguntar se estava satisfeito com os Capitulos de pazes que elle lhe enviára; da resposta que o Almirante lhe deo: e como tomámos quatro almadias de pescadores e hum zambuco, o que foi causa da indignação d'ElRei.

Aos vinte e seis de Outubro fez o Almirante enforcar na verga dous Mouros daquelles que forão aprizionados no zambuco junto a Pandarane; porque forão conhecidos por alguns mancebos, que vinhão na náo de Meca, os quaes disserão que erão de Calicut, e que hum delles costumava pouzar em casa do pai de hum dos ditos rapazes; e que tinha

matado dous Christãos na batalha de Calicut. Disserão tambem que o outro tinha cortado hum braço na dita batalha a hum Christão, e por esta causa morrerão com hum rotulo que dizia, que morrião por justiça. Igualmente no outro dia fez matar outro Mouro às lançadas, porque os mesmos rapazes o culpárão dizendo, que tinha roubado alguma fazenda em aquella batalha, e erão estes mancebos naturaes de Calicut, e voltavão da romaria de Meca. Depois fez o Almirante repartir por todas as náos da Frota os Mouros, que tinhão sido aprizionados no zambuco; e foi imediatamente á náo Helena e mandando arvorar nella a bandeira de Capitania, nos fizemos á véla no rumo de Calicut em hum Sabbado vinte e nove de Outubro, e chegámos diante daquella Cidade; da qual não podiamos ver do mar, senão huma pequena parte, porque está toda assentada em hum valle plano, e he coberta de palmares muito altos. Quando nós avisinhámos, veio á Capitania hum Embaixador para visitar e saudar o Almirante por parte de ElRei, dizendo-lhe que fosse bem vindo, e que o acharia pronto a observar quanto lhe havia escrito a Cananor; perguntando-lhe tambem se estava contente em ajustar a paz pelo modo que lhe tinha escrito. O Almirante lhe respondeo que a primeira cousa que elle tinha a fazer, era deitar fóra do seu paiz todos os Mouros de Meca, tanto os mercadores, como os que lá estavão de assento; pois de outro modo não queria fazer paz nem contrato algum com elle; porque desde o principio do Mundo erão os Mouros inimigos dos Christãos, e estes dos Mouros, e sempre tinhão andado em guerra huns com os outros; por isso, contrato nenhum que fizessem seria firme; e que a fim de se-lo daqui em diante, não devia El-Rei consentir, que nenhuma náo de Meca abordasse nem commerciasse nos seus portos. El-Rei mandou dizer ao Almirante, que na sua terra havia de quatro a sinco mil casas de mouros ricos, e grandes mercadores, os quaes a ennobrecião, e que sempre tinhão sido bem vistos, e acatados pelos seus antepassados; tendo-se mostrado sempre leaes, e fazendo-

lhes muitos serviços, assim como a elle; e emprestado muitos dinheiros para as urgencias da guerra, com muitas outras cousas que serião longas de referir; e por isso pareceria a todo o Mundo cousa fêa e indigna, que nem elle devia fazer, nem o Almirante tentar; mas que afóra isso, faria tudo o que fosse decente: mostrando nesta sua embaixada grande desejo de ter pazes comnosco. Em quanto se praticava isto entre o Rei e o Almirante, sahirão alguns pescadores da Cidade com as suas almadias, e redes, tendo confiança em que se concluisse a paz; mas quando estiverão hum pouco affastados da Frota, mandou o Almirante que alguns barcos dos nossos fossem assaltar os dos pescadores; e assim aprezárão quatro com os homens e redes que estavão dentro; depois disto mandou-os junto à Cidade, por hum rio acima que banha hum lado della, a fim de aprizionar hum zambuco que alli estava, no qual tomárão alguns cocos, e mel metido em alcofas porque era muito duro, e outro mais liquido em odres de couro muito forte, cosidos com cairo, e huma grande dorna de agoa, que dizião levaria seis ou sete pipas. Não se póde duvidar que tudo isto foi causa da indignação em que depois ficou o Rei, por lhe parecer que os Christãos tinhão mais prazer em roubar e andar pirateando pelo mar, do que em fazer pazes e amizade, e commerciar com elle: por cujo motivo se encolerizou tanto, que lhe mandou dizer, que se queria pazes havião de ser sem condição alguma, e se queria a fazenda de ElRei de Portugal que tinha ficado na Cidade, lhe devia pagar toda a perda e damno que os Christãos tinhão feito no seu paiz; e dar-lhe tudo o que tinha sido tirado á não de Meca, que era de vassalos seus. Além disto dizia-lhe que o porto de Calicut sempre fôra franco, e que assim não podia prohibir os Mouros de virem traficar nelle, nem mesmo despedir Mouro algum: que se se contentava com isto, contratarião sem se darem refens, e só debaixo da sua palavra: se porém não quizesse podia partir logo do seu porto, no qual não devia ter demo-

ra, pois para isso lhe não dava licença, nem para se demorar em porto nenhum de toda a India.

CAPITULO XIV

Da soberba resposta que o Almirante mandou a ElRei de Calicut, e como os navios Portuguezes se chegárão á Cidade.

A resposta do Almirante foi muito altiva, pois lhe dizia que elle era creado do poderosissimo Rei D. Manoel seu Senhor, e que só por ser seu creado valia mais que elle Rei de Calicut; pois seu Amo de huma palmeira faria hum Rei semelhante a elle; e que tanto lhe importava a sua ordem para partir, quanto a elle a sua licença para mastigar o seu betele; que em prova disso chegar-se-hia mais à Cidade, dando-lhe tempo até ao meio dia seguinte, para haver a sua resposta; que desde logo lhe prometia mandar algumas daquellas náos carregadas de especiarias, a ElRei de Portugal seu Senhor; e que as outras ficarião naquellas paragens, afim de fazer-lhe guerra; pois o seu Rei era tão poderoso e grande, que lhe mandaria quantas náos e gentes fossem necesarias, para o combater por mar e terra, e destruillo totalmente. Neste mesmo Domingo de tarde, mandou o Almirante a todas as náos que se avisinhassem à Cidade, sondando primeiro para saber até aonde podião chegar, e fazendo pôr balizas: fizerão-se pois à véla só com o traquette, e forão surgir junto à Cidade com a proa para ella; e ancorárão sobre dous ferros, hum para o mar outro para terra, tudo a fim de que a artilharia grossa podesse jogar do castello da proa, e a da terra não lhe fizesse tanto damno. A Capitania, a Esmeralda, a Leonarda, e a Flor de la mar, ficárão mais ao largo porque erão náos grandes. Naquella tarde e noute, esteve, muita gente na praia com lanternas, e não cessárão de trabalhar em fazer fossos na arêa, ordenar as suas trincheiras, e assestar artilharia; e logo que foi dia vimos que a gente que andava pela praia, era em muito maior numero do que

de noute nos parecêra. Nesta manhã mandou o almirante, que se avisinhassem as náos à Cidade quanto podessem estando prontas e apparelhadas, e como vissem arvorar huma bandeira sobre a gavea da Leitoa velha, enforcassem os Mouros do zambuco apanhado em Pandarane, que acima dissemos terem sido repartidos por todas, e igualmente muitos Cafres, que tinhamos tomado nas almadias; ordenou tambem que os guindassemos bem acima, para serem mais bem vistos, supposto estavamos visinhos à Cidade. Feito este apparato mandou dizer a todas as náos por hum Escrivão, que passada huma hora depois do meio dia, se vissem que não vinha resposta alguma da Cidade, enforcassem os Mouros no lais da verga, o que com effeito succedeo a trinta e quatro. Estava na praia hum sem número de gente, e sahia muita da Cidade para ver os enforcados, estando como insensatos a olhar para elles. Nisto disparão hum tiro de bombarda grossa da náo almiranta, e igualmente de huma caravella, os quaes dando aonde estava aquelle montão, deitárão muitos por terra: vendo isto as outras náos atirárão também, de modo que em breve espaço ficou a praia limpa, e se alguns se demorárão mais por não serem tão ligeiros, deitavão-se em terra e depois se levantavão, e fugião ou se arrastavão pela arêa a modo de cobras. Nós mofavamos delles, e lhes davamos grandes apupadas quando os viamos fugir, e serem tão cortezes que immediatamente limpárão a praia; alguns porém ficárão escondidos nos fossos que tinhão feito, junto aos quaes estava a artilharia, e de quando em quando atirávão algum tiro para as nossas náos, mas poucas vezes os empregavão. Succedia também que algumas das nossas bombardas, alcançavão as trincheiras aonde elles estavão, e com isto fugião logo para a Cidade, e vinhão outros em seu lugar, hindo e vindo de gatinhas: a sua artilharia compunha-se de duas ou tres peças más, não sabião fazer pontaria, e gastavão muito tempo a carregar: a nossa não cessou de atirar até a noute para a Cidade, mas posto que acertassemos nas casas, poucas ou nenhumas derribavamos,

porque não erão de pedra e cal: mas aonde davão as balas fazião hum grande buraco, e as que cahião por aquelles palmares, produzião hum tão grande estrondo que parecia se deitavão as arvores abaixo com machados: às vezes via-se sahir o povo que estava na Cidade, do lugar aonde cahião as balas, e deitar fugir. A' boca da noute mandou o Almirante dizer às naos que tirassem os enforcados, e lhes cortassem as cabeças, as mãos, e os pés, e que deitassem ao mar os toros dos corpos, remettendo todos os outros membros para a sua não; os quaes fêz embarcar em huma almadia das que tinhão sido aprizionadas; e mandou escrever em lingoa Indiana a hum chamado Frangola, hum escrito por esta maneira: "Eu vim a êste porto com boa mercadoria, para vender, comprar e pagar os vossos generos; êstes são os generos desta terra: eu vo-los envio de presente, como também a ElRei; se quereis a nossa amizade, tendes que principiar por pagar o que roubastes neste porto, debaixo da vossa palavra e seguro, depois pagareis a polvora, que constar nos fizestes gastar e se depois de isto feito quizerdes a nossa amizade, seremos amigos."

CAPITULO XV

Como as nãos Portuguezas principiarão a bombardear a Cidade.

Esta carta foi atada na ponta da haste de uma lança posta a prumo sobre a proa de huma almadia, de modo que se podesse ver de longe; e estava esta almadia preza a hum batel, que a levou a reboque até hum lugar onde o mar espraiava junto à Cidade, e apenas a deixárão, as mesmas ondas a levárão á terra: o primeiro Mouro ou Cafre que chegou aqui, pegou da carta não a querendo dar aos outros que depois vierão, e quizerão tirar-lha; tinha o Almirante mandado que cessasse a artilharia, para dar lugar a sahirem da Cidade a verem o que se passava; e com effeito ainda que fosse muito tarde, sahio imensa gente levada pela curiosidade, e como chegavão á almadia, voltavão a cara, mostrando o seu desgosto e consternação; porque além

do que vião, não se consideravão seguros, e havia tal que vinha correndo, e como via aquellas cabeças voltava logo, outros pegavam nellas e as levavão muito affastadas de si; nós estavamos muito perto, e viamos bem o que se passava: vigiámos toda aquella noute, por causa do grande rumor que se fazia em terra, e pelos cantos que entoavão sobre os corpos dos enforcados que o mar tinha deitado fóra; e em quanto não foi dia não descançárão de andar com vélas e lanternas, concertando as suas trincheiras, com medo que fossemos pôr fogo à Cidade. Assim que esclareceo a manhã seguinte, aos dous de Novembro, principiárão todas as náos por ordem do Almirante a atirar com artilharia grossa, tendo-se prohibido atirar de noute, excepto se elles nos atacassem: a maior parte dos tiros deste segundo dia forão ás casas dos Senhores e outras Personagens, que estavão muito entranhadas na Cidade, pois as proximas ao mar estavão já todas destruidas, e não havia nellas senão gente de pouca monta que tinha desamparado a maior parte. Vimos tambem neste dia levantar-se grande quantidade de povo do logar onde cahião as balas, que as náos principiárão a lançar desde o romper da alva até ao meio dia, atirando para cima de quatrocentas bombardas grossas; pois eram desaseis náos com duas caravellas, e algumas fazião fogo com dez peças, e muitas dellas disparárão passante de trinta e sinco a quarenta tiros: neste dia corresponderão-nos mal, ou por não terem polvora, ou por verem que não nos fazião damno algum: depois affastárão-se as náos, e avisinharão-se as outras quatro que tinhão ficado ao largo; e então fez o Almirante repartir por todos os cocos e mel que achárão em o zambuco; e assim que foi descarregado o fez conduzir junto á Cidade, e pôr-lhe fogo. Estando todas as náos surtas, e nós a cear, vimos vir da Cidade dez ou doze almadias que sahião ou para levar comsigo a embarcação incendiada, ou para cortar hum cabo com que estava amarrada, para a corrente arrojar a terra; os nossos embarcárão nos bateis, e forão-se a elles: e senão estivessem tão apaixonados, e os tivessem deixado aproximar mais, terião tomado a maior parte;

mas assim que virão vir os bateis, voltárão outra vez para a Cidade. Os Portuguezes sahirão tão furiosos, que em pouco tempo se aproximárão tanto, que parecia das náos quererem afferra-los; e de espaço a espaço lhes atiravão com bombardas, e elles com as frechas; mas virão-se por fim em tal aperto, que varárão em terra, onde saltárão fugindo para a Cidade, não tendo mesmo vagar para levar os arcos e frechas. Os Portuguezes não se quizerão arriscar a hir buscar o que estava nas almadias encalhadas, porque se tinha apinhado muita gente na praia, à qual estiverão atirando hum grande espaço, de modo que quando voltárão para às náos era já noute fechada.

CAPITULO XVI

Como os Portugueses se fizerão à véla na volta de Cochim, e do que contou Gonçalo Gil a respeito da Armada que hía para Calicut, a qual se perdeo no mar por causa de huma tempestade: como hum filho de ElRei de Cochim foi saudar o Almirante, e agradecer-lhe a mercê feita a hum parente d'ElRei de lhe salvar tres navios, e como se lhe offereceo para dar carga.

Em huma quarta feira pela manhã tres de Novembro, fizemo-nos à véla na volta de Cochim, e deixámos ficar seis náos e huma caravella debaixo do comando de Vicente Sodré, para impedir que viessem por mar tanto os comestíveis, como outros generos. Na segunda feira outo do dito mez, chegámos diante do porto de Cochim; e logo veio à Capitania Gonçalo Gil, que alli tinha ficado em a viagem passada; e contou ao Almirante e a muitos outros, como tinhão vindo cartas de Calicut de certos mercadores Mouros, a outros mercadores de Cochim, as quaes referião o grande prejuizo, e mortandade que alli tinhamos feito; e como na cidade se morria de fome, pois por causa das náos que ficárão de guarda, nem hião mantimentos de fóra, nem podião pescar no mar: contou também como por causa de huma tempestade se tinha perdido hum grande comboy, que hia para Calicut carregado de viveres e mercadorias, em que entravão

mais de duzentas vélas todas afrétadas por ElRei para depois armar contra nós; e como huma destas náos, que era muito grande pôde agoentar o mar melhor do que as outras, apesar da tempestade, e escorreo até Cochim, cujo porto quiz afferrar, porém não pôde, e correo ao longo da costa; salvando-se os homens e carga; e que ElRei tomou tudo para si sem dar nada ao de Calicut. Neste dia veio fallar ao Almirante hum filho de ElRei de Cochim, e o saudou dando-lhe muitos agradecimentos, e segurar-lhe quanto estimava aquella honra e favor, que por seu respeito tinha feito a outrem: fazia-lhe além disso muitos offerecimentos, protestando-lhe, que elle daria a melhor ordem possível para que tivesse carga com promptidão. Com esta offerta, e boa nova todos nos alegrámos, e principiámos a calafetar, e regular os lugares para as mercadorias, e arranjar o mais de que tinhamos necessidade; e logo em a quinta feira onze, mandou ElRei recado ao Almirante, para principiar a carregar naquelle dia, porque o tem pelo melhor da semana, e não principião cousa de importancia senão nelle. O Almirante respondeu, que lhe aprazia, e logo começárão a carregar na náo de Ruy de Figueiredo ([10]) quarenta e tantas cantaras de pimenta; e porque não se tinha estipulado preço, não quizerão dar mais, e assim estiverão tres ou quatro dias o que obrigou o Almirante a fazer saber a ElRei, que desejava fallar com elle.

CAPITULO XVII

Como ElRei de Cochim fallou com o Almirante; dos presentes que derão hum ao outro, e como ElRei de Cananor lhe mandou pedir algumas náos para lhe carregar de especiarias, pelo mesmo preço que em Cochim.

Aos quatorze de Novembro, fez-se o Almirante conduzir em huma caravella, do mesmo modo que dissemos tinha praticado em Cananor; e foi a terra com o batel, e a gente mais luzida da Armada; e antes que fallasse com o Rei,

passou-se grande espaço em embaixadas que mandárão hum ao outro: estando já a ponto de fallar, principiou a chover muito, por cujo motivo mandou ElRei dizer ao Almirante, que deixasse a visita para a manhã seguinte; visto que o tempo a embaraçava naquelle dia, e assim tornou cada hum por onde tinha vindo; depois fallarão-se no outro dia, não levando ElRei comsigo tanta gente como da primeira vez, apesar-de que vinha em bellissima ordem segundo o seu uzo, mas não com tantas cerimonias como ElRei de Cananor, e sómente com quatro ou sinco homens armados com espadas, adargas, lanças, arcos e fréchas. O Almirante deo ao Rei certas peças de prata douradas com lavores, que parecião de ouro maciço; a saber, bacias grandes de lavar as mãos, gomís, saleiros, e outras cousas mais; e huma cadeira de estado Real muito lavrada, e guarnecida de prata, que lhe mandava ElRei N. S. Igualmente deo ElRei ao Almirante bastantes joias, grandes e de muito valor, e tambem aos Gentis-homens e capitães que forão com elle, mas de menos preço. No dia seguinte ao em que fallárão, vierão de Calicut tres dos nossos navios que trazião ao Almirante o Embaixador de Cananor, o qual tinha chegado em hum zambuco a Calicut e pedido que o levassem ao Almirante; por elle mandava dizer aquelle Rei, que bem podia enviar algumas náos Portuguezas a Cananor, pois que elle as carregaria de especiarias pelo mesmo preço que em Cochim; e bem assim tomaria as nossas mercadorias pelo mesmo valor que naquella terra; e que querendo o Almirante alguma segurança, o mesmo Embaixador ficaria em refens: por este motivo mandou o Almirante duas náos as quaes levárão outra vez o Embaixador.

CAPITULO XVIII

Como os de Calicut armárão secretamente em hum rio vinte zambucos; e os nossos seguindo humas almadias de pescadores forão de improviso furiosamente assaltados, até que hum bombardeiro atirando a huma almadia fez hir a pique o zambuco principal. Como El-Rei de Cochim mandou empalar tres mouros por terem vendido huma vacca.

Contárão-nos os que vierão em aquelles tres navios, como estando diante de Calicut, determinárão hum dia os da terra armar secretamente, em hum rio que alli está proximo, vinte grandes zambucos de remo, e logo que estiverão apparelhados, fizerão sahir pela embocadura delle humas almadias de pescadores, mostrando não ter receio das nossas náos, e chegando até perto dellas afim de darem occasião para serem assaltados, como com effeito o forão pelos nossos bateis: vendo isto os pescadores deitárão a fugir, mas não quanto terião podido, a fim de que os nossos os seguissem, como com effeito fizerão com quanta pressa podião, hindo-os elles guiando para o rio, aonde a armada estava escondida entre huns palmares. Logo que os nossos se avisinhárão, sahio ella para fóra assaltando-nos por todos os lados, e atirando-nos com fréchas de modo que os nossos não sabião dar-se a conselho; até que prouve a Deus que hum dos bombardeiros atirando a huma das suas almadias, a errou; e passando a bala por cima, foi cahir em outra que estava mais adiante, e a meteo no fundo. Os outros zambucos correrão todos alli a tomar a gente, por ser a Capitania; e nisto tiverão os nossos tempo de se retirar para as náos com muita gente ferida: se não acontecesse isto ficávão perdidos sem remedio, e far-se-hia em todos huma justiça exemplar.

Aos desouto de Novembro, vierão tres homens do paiz á náo Julia que estava no porto de Cochim, e lhe vendêrão huma vacca por sete vintens; o que sabido por ElRei mandou pedir ao Almirante, que lhe enviasse prezos aquelles tres homens, e quaesquer outros que lhe vendessem alguma porção de vacca por

cuja causa fez pregar em cada huma das náos hum escrito, no qual mandava e prohibia, sob pena de açoutes, que ninguém comprasse porção alguma de vacca, e que prendessem todos os que fossem vender a dita carne, e os levassem á Capitania. No dia seguinte voltárão á Julia aquelles tres Mouros ou Cafres que tinhão vendido a primeira vacca, trazendo outra; e logo forão conduzidos ao Almirante, que os mandou com ella prezos a ElRei; e apenas chegárão, sem nenhum outro processo forão empalados vivos pela maneira seguinte. Espetárão hum páo pelos rins a cada hum, que lhe passava pelo peito; e com a cabeça para cima os encravárão na terra, ficando altos do chão cousa de huma lança, e com os braços e pernas abertas, atádos a quatro páos, não podendo correr para baixo porque havia huma travessa que os embaraçava; e por este modo fizerão delles justiça, por terem vendido aquellas vaccas; pois que o Deos em que crem, tem a imagem de hum boi ou novilho, e he chamado Tambarane.

CAPITULO XIX

Como a terra de Mangalor e muitas outras se sugeitárão voluntariamente a ElRei de Portugal: da Ilha de Ceilão: do modo de caçar e domesticar os elefantes, e dos cavallos marinhos.

Aos desanove do mesmo mez, vierão à Capitania alguns christãos de Mangalor, e de muitos outros lugares pela terra dentro, os quaes tinhão apparencia de homens muito honrados; e trouxerão ao Almirante hum presente de gallinhas e fructos, e além disso huma vara vermelha ponte aguda, com huma ponteira de prata em cada extremidade, e em huma dellas enfiados tres campanarios de prata, cada hum com sua campaínha do mesmo metal; e além disso huma carta da Senhoria de todas aquellas terras, que tem alguns trinta mil homens debaixo da sua jurisdição; os quaes dizião que estavão muito satisfeitos, e contentes com a nossa chegada às partes da India; e que a Senhoria daquelle paiz mandava obediencia a ElRei de Portugal, e o reconhecia

por seu Rei, enviando-lhe aquella vara de justiça; e que elles em seu nome vinhão fazer preito e homenagem ao Almirante e promettião de não fazer dalli em diante justiça em malfeitor algum, senão em nome de ElRei de Portugal; ao qual pedião que mandasse construir huma Fortaleza em o seu paiz, onde elles lhe dissessem, pois com ella se senhoria de toda a India. Contárão-nos estes Embaixadores como tinhão seus Bispos, e todos elles dizião Missa; e entre muitas outras cousas, como fazião grandes peregrinações à sepultura do Bemaventurado S. Thomé, que está junto à sua terra, aonde faz muitos milagres. Fizerão-nos tambem muitas outras perguntas a respeito das nossas Igrejas, Bispos e Prelados; e das nossas terras, dizendo que não podião crer que houvesse christãos em paizes tão remotos. O Almirante fez-lhes hum acolhimento muito amigavel, e deo-lhes hum prezente de pano de grã, seda, e outras cousas mais, e assim ficárão por subditos de ElRei N. S. Tambem contárão os de Cochim, que dalli a cento e sincoenta legoas está Ceilão, que he huma Ilha rica, e de trezentas legoas de grandeza; a onde ha grandes serranias e produz canella em muita mais abundancia do que nenhum outro lugar sendo tambem a de melhor qualidade; e bem assim muitas pedras preciosas de que abundão as suas montanhas; tem bastantes elefantes selvagens, muito grandes, os quaes domesticão fazendo hum grande tapume de estacada forte, com huma porta levadiça entre duas arvores, dentro da qual põem hum elefante femea domesticado, quando está com ócio; e porque são os animaes mais luxuriosos de todos, assim que sentem a femea vão por si mesmos buscar a dita porta e entrão para dentro; immediatamente hum homem que está sobre as arvores, corta huma corda ou calabre que segura as portas, e as faz cahir. Deixão-os estar aqui sem comer nem beber seis ou sete dias, até que principião a não se poder ter de fome, e quando assim estão fracos, entrão vinte ou trinta homens com grandes varapáos, e lhes dão muitas pancadas, revezando-se com outros [illegible]

são, até os fazerem cahir no chão como mortos: isto conseguido, cavalgão-lhes em cima, e estão grande espaço montando-se e apeando-se: entretanto vão-lhes dando de comer pouco a pouco, e assim os vão domesticando, de modo que depois de domesticos, não ha animal algum que tenha tal instincto e conhecimento e que aprenda tão bem qualquer cousa que o homem queira ensinar-lhe; e certamente antes que vissemos o que hum elefante fazia em Cochim, não teriamos podido crer o que elles contão, isto hé, que dois elefantes sem pessoa alguma mais, puxem pela terra huma náo de quatrocentos ou quinhentas toneladas, ou a levem do estaleiro para o mar sem que mais ninguem trabalhe n'isto; conduzindo-a elles admiravelmente, e com muita igualdad, hum por diante outro por detraz, sem que penda para os lados; entrando tanto pelo mar dentro, até ficar a nado, ou até ao sitio que se lhes determinou. Em Cochim havia hum elefante pequeno, que tinha hum Negro que andava com elle, ao qual entendia perfeitamente, e dizendo-lhe este na nossa presença, que andasse coxo com o pé de diante, assim o fazia, e igualmente quando lhe dizia que coxeasse com o outro pé: tambem se deitava no chão, fazendo muitas cortezias a quem lhe indicavão; mandava-lhe depois que se levantasse, e alçasse o pé de diante, e fazendo isto punha o Negro o seu pé sobre o que elle alçava, e pouco a pouco o hia erguendo ao ar até a altura de montar nelle. Deitou-lhe tambem ao pé a ponta de hum calabre, que estava atado a hum batel da náo Santo António, mostrando-lhe até onde queria que o levasse; tomou o elefante o calabre, envolveo-o á roda da tromba, e pegando-lhe com os dentes o principiou a puxar para si com quinze ou vinte homens que o batel tinha dentro, e tendo-o posto fora do mar, o arrastou pela terra até onde lhe mandou o Negro; advertindo que todos os homens que estavão no batel, o não poderão depois levar para o mar estnndo vazio; o que o elefante fez recuando sem o menor esforço. Tambem lhe mandou o Negro

que tomasse agoa com a tromba, e a deitasse entre a gente que alli estava, e que elle logo fez; de modo que com semelhante instinto não hé possivel haver nenhum outro animal.

Dizem tambem os da náo Luiz Fernandes (a qual na sua hida para a India, antes de passar o Cabo de Boa Esperança, se perdeo da Frota e veio só, julgando-a todos perdida pela tardança que teve, procedida da grande tormenta que soffreo até passar o Cabo); que forão para huma terra de Negros, os quaes andão todos nús salvo as partes genitaes, que trazem em hum estojo de páo, em que fazem quantas pinturas e galas lhes he possivel; e pouco mais adiante achárão huma grande foz maior que a do Tejo, e entrárão por ella dentro cousa de dez legoas, pensando ser a mina de Çofala, e encontrárão huma grande povoação de negros, com muita quantidade de vaccas, do tamanho das nossas, porém mais gordas, quatro das quaes vendião por huma caldeira de cobre, ou cada huma por dois vintens; e tres gallinhas por huma manga de camiza velha, que fazião em tres pedaços, e por cada hum davam huma gallinha; e nesta paragem estiverão hum mez, e se fornecêrão de quanta carne quizerão. Disserão mais que todos os dias vião sahir do mar grandes esquadras de cavallos marinhos castanhos e pretos, que hião pastar a herva das visinhanças; erão da mesma forma que os cavallos, mas não tão grandes, pouco mais ou menos como os Gallizianos: hum dia virão dous, que pastavão em hum prado, e dous marinheiros lhe correrão após pela banda do mar para não fugirem para a elle; mas por muito que corressem mais corriam os cavallos, de modo que se metêrão na agoa; e quando se affastárão com o batel para voltar á náo, os taes cavallos os forão atacar com muita furia, e mordêrão no batel por tal maneira que aonde chegavão com os dentes arrancavão grandes lascas de madeira, mordendo o todo, e apezar de lhe darem com as lanças, não lhe podiam fazer mal por terem a pele muito dura; de sorte que chegárão a persuadir-se que os metião a pique. Tambem disserão que tinhão visto nesse mar muitas e muito grandes balêas.

CAPITULO XX

Como o Almirante se ajustou por fim com os Mouros a respeito da carga das especiarias, e como ElRei de Calicut mandou hum Bramine com seu filho ao Almirante, para fazer pazes e amizade com elle.

Depois que o Almirante e ElRei de Cochim se visitárão, querendo tratar do preço das especiarias e das nossas mercadorias; fez-lhe entender que os mercadores que possuião estas especiarias erão Mouros, os quaes desejavão antes mandar-nos sem carga, do que com ella; e por isso cada dia tinhão comnosco huma nova questão; dizendo humas vezes que querião maior preço, outras que não podião tomar nenhuma das nossas fazendas, e com semelhantes duvidas ficavão as náos por carregar. O Almirante era obrigado a hir todos os dias a terra, e apenas concordavão com elle em huma duvida, e principiavão a dar a carga, paravão logo; até que finalmente assentárão que se pagaria a pimenta tres quartas partes em dinheiro, e a outra em cobre, a razão de doze ducados de ouro a cantara, e que por hum pezo de pedra hume refinada, lhe darião dous de páo Brazil; e do mesmo modo a Canella, encenso, e outras mercadorias, que não tem tanta estimação como a pimenta; e que o cravo e beijoim o trocaria pelas nossas fazendas, posto que não dessemos dinheiro. Ajustado isto aos tres de janeiro de mil quinhentos e tres, veio ter á capitania hum Bramine com hum filho seu, e outros dous homens de monta com cartas de ElRei de Calicut ao Almirante, na quaes lhe dizia, que fosse ao seu porto para tratar com elle boa amizade e commercio; pois não desejava senão o nosso bem, e que absolutamente queria restituir tudo o que tinha de ElRei de Portugal, ametade em dinheiro ametade em especiarias, pelo preço do paiz: e que para sua segurança lhe daria em refens as pessoas que quisesse, as quaes ficarião nas suas mãos até que tudo fosse satisfeito. Estes Bramines são como entre nós os Bispos, e Religiosos; homens ricos, que não tem outro officio ou cargo senão

orar pelo povo, e dar esmolas; andão por todos aquelles paizes com muita segurança, pois ninguem lhe faria mal mesmo entre inimigos, nem a ninguem que fosse na sua companhia; porque se terião por malditos, e excomungados e não poderião ser de modo algum absolvidos; em fim são homens em que todos naquellas terras tem grande confiança. Este Bramine, que veio de Calicut, trouxe comsigo mui rica pedraria pelo preço de tres mil cruzados em a India, e disse ao Almirante que queria vir com elle para Portugal, e trazer aquellas joias, e lhe pedia que lhe deixasse carregar nas suas náos algumas especiarias. O Almirante lhe deo licença para vinte baares de canella, que elle logo comprou em Cochim, e fez embarcar na Capitania com as sobreditas joias; e visto tudo isto, o Almirante foi para a náo Flor de la mar, levou comsigo os Embaixadores a quem fazia muita honra, e partio de Cochim com huma caravella mais, aos sinco de Janeiro antes de amanhecer; advertindo e dizendo àquelles Indios, que se ElRei de Calicut não observasse tudo quanto elles dizião, os faria enforcar logo; e hindo assim pelo mar topárão com hum zambuco que levava louça de barro para Calicut, o qual tomou a caravella porém sem gente, porque toda ella se acolheo a terra, e logo que o Almirante chegou a Calicut, mandou a mesma caravella a Cananor chamar hum tio seu

CAPITULO XXI

Como Luis Coutinho, que tinha ficado por Capitão mór em Cochim deixando os Mouros de dar carga ás náos por ter hido o Almirante a Calicut; chegou com ajuda de Deos a Cananor onde achou a Frota do Almirante pronta a combater, e como os de Calicut vierão de noute com zambucos assaltar a Armada.

Tornemos á Armada, que ficou em Cochim cujo Capitão mór era Luis Coutinho: tanto aos Mouros desta cidade, como a toda a outra gente, foi extremamente penoso que o Almirante fosse assentar pazes em Calicut; duvidando se hiriamos carregar lá; e isto por causa do grande interesse que fazião com-

nosco; por cujo motivo deixárão de dar carga às náos, e assim o dito Luis Coutinho foi a terra no dia dez para ver se podia concordar com os Mouros que tornassem a dar carga; o que tendo sido recusado, veio á nossa náo duas horas depois de noute, com cartas para o Almirante; e nos mandou que então mesmo partissemos com ellas para Calicut; e assim principiámos logo a pôr-nos em ordem, e quando acabámos de alimpar a náo, porque não navegava bem, nos fizemos á vela cousa de duas horas antes de amanhecer, não podendo partir mais cedo; e por o vento ser máo não chegámos a Calicut senão aos treze de Janeiro á tarde, e passamos pouco mais de meia legoa distante da Cidade. Não vendo o Almirante, fomos ao longo da costa na volta de Cananor, aonde julgámos que estaria com hum tio seu, depois de concluida a paz, afim de tomar algum descanço; mas por causa do vento que continuava a ser-nos contrario não podemos afferrar Cananor, e arribámos a Calicut, surgindo junto á Cidade, como ignorantes que estavamos do que tinha succedido; e assim andavamos com grandissima confiança, pois ainda que algumas das suas náos tivessem vindo para nós, nem lhe fugiriamos, nem fariamos preparo algum para as combater; e louvado seja o Senhor que nos fez huma grandissima mercê em não nos acalmar o vento junto à Cidade. No dia desasete chegamos a Cananor, e achámos aqui o Almirante com toda a Frota de verga d'alto empavezada, e pronta; as gaveas fornecidas de pedras, e tudo posto em tão bom resguardo, como quem esperada combater com mil velas, que dizião prepararem-se em Calicut para lhe sahir ao encontro; pelo que assim que nos virão e conhecêrão, tiverão grande prazer, porque lhes parecia impossivel podessemos escapar de tão grande perigo; e com a alegria da nossa vinda, deitárão fóra todas as flamulas e bandeiras: nos lhe dissemos que não tinhamos visto Armada, nem sinal algum della em Calicut, sómente deixáramos em Pandarane dez ou doze náos grossas, com o que se alegrárão grandemente. Contarão-nos então que apenas o Almirante chegou a

Calicut com o seu Bramine, lhe dera o seguinte recado para levar ao Rei "Que dous inimigos muitas vezes se tornavão grandes amigos, e que assim farião os Christãos com elle, e dalli por diante negociarião, e lucrarião huns com outros como irmãos; e os Cristãos farião grande proveito ao paiz". Ajustou tambem com o dito Bramine, que fosse à Cidade, para dar a conhecer a ElRei que era chegado; que o esperaria até de tarde, e no caso de se demorar muito, dispararia huma bombarda, e não vindo logo, hir-se-hia embora no dia seguinte. Feito isto, despedio-se o Bramine do filho, de Hobeigon e Corou, e de todos os outros, e foi para terra em hum batel da náo, estando-o já esperando muita gente na praia: o Almirante se deixou estar, e vendo que era já muito tarde, disparou a bombarda; mas veio outro homem de ponderação na apparencia, e da parte de ElRei lhe disse que não se espantasse, nem entrasse em sospeitas; pois elle estava pronto a satisfazer a tudo quanto lhe tinha mandado dizer, e que no outro dia ficaria tudo ajustado, tanto a respeito do dinheiro, como das mercadorias; que pelo que tocava ao primeiro estava já pronto, e podia mandar a terra hum *Gentil homem a recebello. Quando o Almirante ouvio isto, lhe respondeo* com muita furia que fizesse saber a ElRei, que não mandaria a terra o mais pequeno rapaz da sua náo; porque elle não devia nada a ElRei de Calicut, mas sim ElRei à elle, e por isso qualquer cousa que tivesse a dar, a devia mandar á náo, e por outro modo não terião nada feito. Então pedio-lhe o Embaixador, que não partisse dalli por todo o dia seguinte, porque elle sabia a vontade de ElRei e de todos, que estava pronto a satisfazello em tudo, e que não obstante o dizer-lhe que o aviaria por todo o dia, certamente o faria logo, e com esta conclusão se despedio, e foi a terra protestando que pela manhã voltaria com a resposta. Naquella noute, no quarto da modorra, os que estavão de guarda, virão vir hum zambuco que julgarão ser de pescadores, e como se avisinhou conhecêrão que erão atados hum ao outro, qne vinhão direitos á náo; pelo que forão logo chamar o Almi-

rante que dormia na sua camera, e lhe contárão o que se passava. Levantou-se elle immediatamente, julgando que El-Rei mandava o que tinha prometido; e estando assim virão vir da terra mais setenta ou outenta zambucos a remos, que julgárão ser de pescadores. Quando os dous primeiros chegárão á náo principiárão a atirar bombardas com balas de ferro ao lume d'agoa, que fazião grandes buracos aonde acertavão; e assim que os outros chegárão começárão tambem a atirar a náo; e apenas alguns dos nossos apparecião na tolda, ou em qualquer logar que podessem ser vistos delles, logo erão feridos com as innumeraveis frechas que disparávão. Os da náo não podião fazer-lhe outro damno senão da gavea com algumas pedras, porque os zambucos estavão tão perto, que ficavão debaixo da artilharia; o que o Almirante tinha aprezionado no caminho com a carga de louça, e estava atado na popa da náo, enchêrão-o os inimigos de lenha e lhe pozerão fogo para arder juntamente com ella; o que vendo os nossos, cortárão o cabo com que estava prezo, e a corrente da agoa o fez separar com brevidade. Neste meio tempo tinhão-se multiplicado as almadias e zambucos que vinhão da terra, e assim que chegavão á náo atiravão todos, porque tinhão bombardas, arcos, e frechas; e foi tão grande o assalto, que não tinhamos outro remedio senão cortar os cabos, deixar fiicar as ancoras, e fazermo-nos á véla, pois de continuo crescião em numero, e antes que podessemos conseguir isto era já passada grande parte do dia, porque tinhamos deitado ao mar huma ancora com quatro ou sinco braças de cadea de ferro, por sospeitarmos que de noute viesse alguem escondidamente a nado para cortar as amarras, em cujo caso ficaria sempre segura pela cadêa, e esta foi a causa pela qual se demorárão tanto, cortando-a com machados; mas ainda mesmo depois de se fazer a náo á vela não mostrárão medo, antes a forão seguindo; e estando neste aperto (que era tão grande porque ninguém da náo tinha tomado armas por terem sido assaltados de repente,

e terem attendido só a livrar-se de tanta furia) chegou de Cananor Vicente Sodré tio do Almirante, que tinha comsigo as duas caravellas; e vendo o que se passava, fez força de remos porque estava calmaria, e correo sobre os Mouros que cheios de susto se recolhêrão á Cidade, huns sem braços, outros sem pernas, e alguns mortos pelas bombardas.

CAPITULO XXII

Como o Almirante fez enforcar os Indios, que tinhão ficado na náo, e mandando-os metter em huma almadia os fez pôr junto á Cidade com hum escrito feito na sua letra e lingoagem.

Isto concluido, mandou o Almirante enforcar na verga os Indios que tinha na náo, e que fossem nas caravellas assim enforcados ao longo da Cidade o mais perto que podessem; por esta fórma dérão duas ou tres voltas, andando de cá para lá, sahindo da Cidade muita gente para os ver; e quando estava apinhada disparavão as bombardas, dando-lhe huma grande apupada. Depois fêz metter os corpos daquelles enforcados em huma almadia, que huma das caravellas levava a reboque, e mandou que a deixassem próximo à Cidade, em a vêa da agoa, com hum escrito feito na sua letra e lingoagem, que dizia assim "Homem vil, mandaste-me chamar, e eu acudi à vossa voz; fizeste quanto podeste, e se mais tivesseses podido mais terias feito; será tal o castigo como vós mereceis; quando eu voltar eu vos pagarei os vossos direitos sem precisão de dinheiro.

CAPITULO XXIII

Como a Armada de Calicut fugio para o porto.

Aos dez de Fevereiro de mil quinhentos e tres, em huma terça feira pela manha, partimos do porto de Cochim, toda a Frota junta, porque as outras náos tinhão já chegado. No Sabbado o Almirante e Vicente Sodré se adiantárão mais á

força de velas; e ficou D. Luiz Coutinho por Capitão-mor da Armada, o qual se metteo logo em hum esquife, e foi por todas as náos dizendo que o seguissem. Desta idéa usou o Almirante, a fim de fazer negaça aos de Calicut, para virem atacar aquellas duas náos vendo que hião sós, e atreverem-se a sahir contra ellas, e isto porque antes que partissemos de Cochim. tinha sabido que ElRei de Calicut preparava outra grande Armada. Aos de madrugada estando quatro ou sinco legoas de Calicut, vimos sahir do porto algumas trinta e duas náos, que tinhão chegado de Pandarane, e vinhão em nossa procura: pelo que principiámos a pôr-nos em ordem, e a preparar-nos para as receber. Trazião as vélas infunadas, e o vento era-lhe mais largo do que para nós que hiamos á bolina, e de muito longe principiámos a ouvir os seus atabales; além das trinta e duas náos, sahirão também da Cidade muitos zambucos, e almadias a remo; e todas trazião bombardas com que atiravão: porém não tardou muito, que lhe não pagassemos a saudação com tudo nem por isso deixavão de aproximar-se, mettendo-se entre as náos, deixando huma da banda do mar outra da terra; e porque seguião muito dous navios mercantes de Cochim (que vinhão em nossa conserva hião a Chaul carregar arrôz e outros mantimentos, e erão menos veleiros do que os nossos), e não cessavão de lhes atirar, por este motivo mandou o Almirante dizer ás náos que os não dezamparassem, e que os mettessem no meio, e assim fizemos. Achando-se huma das nossas náos mais affastada delles, pôde jogar a sua artilharia, e por hum modo tal que não julgárão conveniente avisinhar-se mais, mas tendo-nos acalmado o vento ainda em distancia ficámos impossibilitados de ganhar mais honra; pois ainda que os bateis levassem todas as náos á cirga, e as barcas que puxávão os dois navios navios ronceiros tivessem alguns remos de mais, não podemos com tudo chegar-lhe a tiro senão defronte de Calicut huma legoa ao mar; e logo se começárão a tresmalhar, e a fugir para a Cidade. A primeira que fugio, segundo nos disserão, foi á Capitania, seguirão-a a remos as

duas caravellas, porque estava calmaria, e algum bafo de vento que assoprava fazia adiantar o inimigo, porque as suas embarcações erão ligeiras e estavão crenadas e alcatroadas de fresco, e as nossas muito carregadas e sujas, por isso os não podiamos alcançar: em fim hião sempre fugindo, e nós seguindo-os; as caravellas dando caça á náo, e atirando-lhe muitas bombardas, sem que nunca se quizessem render: e como era muito grande, e tinha de quatrocentos a quinhentos homens, nunca as caravellas afferrárão, e esperavão para isso por alguma das nossas náos. Não podémos conseguir ajudallas, porém sim a Esmeralda que tendo afferrado huma, lhe veio cahir outra em cima pelo lado opposto; mas as tripulações de ambas se deitárão ao mar, fugindo para a Cidade que estava tão perto quanto o he do lugar aonde no Téjo costumão ancorar as náos, até Lisbôa. Os nossos forão perseguindo os que se tinhão lançado ao mar, e ferindo-os com as suas lanças por modo tal, que sómente escapou hum que não fosse morto: achárão em huma destas náos huma criança escondida, a qual o Almirante mandou enforcar no primeiro impeto, se bem que depois revogou a sentença, e não morreo: contou ella como os Mouros por força, e ordem de ElRei, forão obrigados a armar-se, sob pena de lhes fazer cortar as cabeças, e a suas mulheres; e que naquella Armada tinhão vindo sete mil homens deliberados a morrer, e trazião toda a artilharia que estava em Calicut, porque ElRei lhe dizia todos os dias que por sua causa he que estava em guerra com os Christãos, e tinha feito embarcar muitos á fôrça de pancadas: tambem disse que alguns tiros, que tinhão ouvido em terra antes que nós nos avisinhassemos, parecêra a alguns Mouros sinal para voltarem para a Cidade. Não achámos naquella náo senão cocos, arrôz, e agoa, sete ou outo bombardas muito curtas e más, bastantes arcos e fréchas, e algumas adargas e espadas; e em quanto a andavão despejando do que tinha dentro, descobrirão em baixo dos Mouros que se tinhão escondido, os quaes matárão immediatamente.

Os que tinhamos seguido as náos, estavamos já a este tempo bem perto de Calicut, porque tinhamos tanta ancia de as aferrar, que as seguimos até junto a terra; mas os Mouros chegárão a ella ainda com mais presteza, e dezampararão as embarcações de sorte que se o Almirante quizesse, bem podiamos queimar todas ou a maior parte; mas tiverão a fortuna de que pela noute se levantou hum vento mui rijo da banda do mar, que arrojou para terra todos os cadaveres dos mortos e tiveram sobejo tempo para os contar.

CAPITULO XXIV

Como chegado os Portugueses a Cananor, alguns mercadores lhes contárão como as duas náos tinhão sido aprezionadas, e queimadas a vista dos de Calicut, com cousa de setecentos homens, dos quaes nao escapárão senão desaseis; e como foi despedaçada a outra náo em que estavão quinhentos homens, todos os quaes forão mal feridos; e aonde esteve o Rei para ver a batalha.

Aos quinze de Fevereiro, em huma quarta feira ao meio dia, chegámos diante de Cananor, aonde nos contárão novas de Calicut, que fica apenas na distancia de desouto legoas, e nos fallárão nas náos que tinhamos aprezionado, do que tinhamos achado nellas e como as haviamos queimado á sua vista estando a praia chea de gente: referirão-nos tambem que vinhão nellas setecentos homens, dos quaes não escapárão senão desaseis que fugiram na barca para a Cidade; e que em cada huma das náos estavão não menos de trezentos a quatrocentos homens, em algumas quinhentos, e em huma das maiores a que as caravellas tinhão dado caça, quinhentos, ametade dos quaes forão mortos pelas bombardas, e muitos dos outros feridos e estropiados, quaes de braços, quaes de pernas; e que toda a náo estava descozida, e fazia muita agoa de modo que já se não podia sustentar no mar; valendo-lhe de muito não estar elle encapellado, porque se o estivesse, teria hido ao fundo, tão arruinada tinha ficado da artilharia. Estes mesmos nos con-

tárão, como ElRei tinha subido ao terrasso de huma casa muito alta sobre a praia, não obstante que todas as casas estivessem derribadas, e perdidas pelas nossas bombardas; e que daqui estivera vendo a batalha; e como depois sahirão duas náos; a observar se alguma das nossas se separava da Armada, para neste caso dar-lhe caça, e depois hirem fugindo vagarosamente e na fugida passarem sobre certos bancos, que estão junto de Calicut; e obrigarem-nos assim a passar tambem sobre elles; porque os Mouros hião leves, e nós empachados, e assim teriamos dado em seco, e nos roubarião à sua vontade; desejando, muito ElRei haver ás mãos alguns de nós, por ter promettido fazer huma justiça exemplar, e feito voto de assar vivos os primeiros christãos que cahissem em seu poder. Isto e muitas outras cousas nos contárão alguns mercadores naturaes de Calicut que tinhão fugido, e vindo habitar em Cananor por causa da guerra que traziamos, e tinhão levado comsigo suas mulheres, e filhos, e todos os seus bens, porque em Calicut morrião de fome; valendo então todos os mantimentos, dois tantos mais do que era costume: muitos outros mercadores principaes de Calicut fugirão para outras partes vendo aquella destruição porque por mar já não vinha nada, e o que produzia o paiz era tão pouco, que não dava para o sustento de huma pequena parte do anno. Soubemos tambem como ElRei de Cananor fez deitar pregões, destribuir dinheiros, e tomar gente a soldo, e ordenou que tôdas as suas náos se pozessem prontas para virem em nosso auxilio. Isto nos contárão os Christãos que estavão em Cananor, todos os quaes mostravão alegria com a nossa victoria.

CAPITULO XXV

Como partindo de Cananor na volta de Portugal, atravessámos o golfo, e achámos muitas terras ainda não descobertas.

Aos vinte de Fevereiro partimos de Cananor na volta de Portugal; não pelo rumo por onde as outras náos costu-

mão vir, porém sim atravessando o golfo direito a Moçambique, como o Almirante quiz a pezar de ainda não ter sido descoberto; e ficarão aqui as tres náos e duas caravellas que ElRei N. S. tinha ordenado para andarem em Armada, por aquelles mares da India, afim de obstar que passassem algumas especiarias para Meca. Tinhamos tambem de hir a Coulão em busca de huma náo de Calicut, que nos disserão tinha lá carregado; e assim tomámos o rumo do Oes-Sudoeste, e aos vinte e quatro vimos algumas Ilhas pelo mar, longe de Cananor sincoenta legoas, e não soubemos se erão povoadas ou não porque passámos ao longe. Aos quinze de Março vimos outra Ilha que jaz de Noroeste a Sueste com Magadaxo, e julgámos estar para além da dita terra, assim quem a quizer procurar, tome sahindo de Magadaxo o rumo do Sueste: he bastante alta, mas tambem não soubemos se era povoada. Aos desaseis achámos alguns parceis, e igualmente outras muitas Ilhas que tambem ficámos em duvida se tinhão gente: vimos depois duas junto a Moçambique a quinze ou vinte legoas de terra, e em fim outras duas muito grandes e bellas, cheias de arvores, e pouco menores cada huma do que a Ilha da Madeira; distão de Moçambique trinta legoas, e huma da outra sete ou outo. Estão na direcção de Noroeste a Sueste, e disserão-nos em Moçambique, que nellas ha bastante carne, gengivre, cana de açucar, e que tinhão muito boas agoas, e erão muito ferteis. Estivemos em calmaria onze dias defronte dellas, mas não quiz o Almirante que ninguem sahisse a terra, sem embargo do que, conhecemos que era paiz lavrado e rico, e vimos fumo em muitos lugares.

CAPITULO XXVI

Como chegámos a Moçambique e não achando alli agoa c o Almirante fez cavar em hum sitio, e a achou com grande cor tamento dos habitantes; e como tendo partido de lá fomos obi dos a arribar de novo, e o motivo porque.

No dia doze de Abri, chegámos defronte de Moçambi aonde algumas das nossas nãos se espalmárão, porque nhão muitas comidas do guzano; e os naturaes da terra ajudárão a dar-lhe pendor, e a calefetallas com palha, por podermos fazer de outra maneira, havendo taes que pregará quatro a sinco mil tornos em os buracos; entretanto tomá quanta agoa e lenha quizemos, e porque naquella Ilha havia agoa doce, e os habitantes hião por ella á terra fi fez o Almirante cavar em certo lugar, e a achou; com c os naturaes se alegrárão muito. No dia desouto par por ordem sua para Portugal (a fim de trazer novas a I de como aqui ficava a Frota) as duas náos S. Gabriel, de Ruy, tendo primeiro hido buscar lenha a outra Ilha d desafferrárão no dia seguinte que se contavão desanove, bem máo vento. Na Sexta feira vinte e outo do mesmo largou o Almirante Moçambique com outo náos, entran Capitania, e forão a mesma Ilha buscar a lenha, que nó nhamos cortado; e na madrugada de vinte e nove fizerá à véla para Portugal, deixando sinco navios, que não quiz viessem em sua companhia, apezar de se terem aprontado meiro do que elle; e por Capitão mór destes ficou P Affonso de Aguiar, com ordem de partir hum ou dous depois, o que assim se fez; porque no Domingo trinta, sa todos sinco com vento mais largo, que o Almirante não t tido, e forão à mesma Ilha para se proverem de lenha, e p rem para Portugal no primeiro de Maio. Neste mesmo dia pois de jantar vimos nós que o Almirante, e toda a mais se fazia na volta para arribar a Moçambique, e isto porque náos Flor de la mar e Leonarda fazião muita agoa, e não

dião seguir viagem, e assim mandou que todos voltassemos com elle para Moçambique. Em fim aos quatro de Maio partio a náo de Fernando Lourenço, e a de Luiz Fernandes para trazerem noticias a ElRei de como o Almirante com toda a Frota tinhão arribado a Moçambique a fim de reparar as náos.

CAPITULO XXVII

Como fomos assaltados de huma terribilissima tempestade, na qual não tivemos outro remedio senão encommendar-nos a Deos, e como nos veo a faltar o mantimento.

Partimos outra vez aos vinte de Moçambique, e aos vinte e sinco fomos reconhecer a terra, e achamo-nos longe della de trinta a trinta e sinco legoas; e novamente fomos obrigados a arribar no mesmo porto, fazendo-nos ora ao mar ora à terra, até que a trinta e hum do mesmo mez o afferrámos o Almirante e toda a Frota, por ter necessidade de grandes reparos a náo Leonarda que estava aberta; e nós que estavamos na de Ruy Mendes de Brito, tambem entramos em Moçambique no primeiro de junho, para em huma enseada fazer reparar a náo que não podia navegar por causa de hum rombo que lhe tinha feito a Leonarda, tendo abalroado com ella em a noute de hum Domingo vinte e outo de Maio depois da peça, de que não nos poderiamos salvar senão por milagre de Deos, e não por via natural como foi visivel a todos; porque o mar estava muito empolado e furioso, e ao tempo em que faziamos hum bordo, cahio sobre nós a Leonarda que trazia quasi todo o pano fóra; mas a pezar de sermos grandes peccadores, não quiz N. Sr. que fossemos ao fundo: sendo tal a pancada que perdemos huma parte do Castello da Proa, e encruzárão-se as nossas com as suas enxarcias, de modo que estivemos afferrados huns aos outros: e com os encontros que davamos, e a força do mar, cahião muitos pedaços de madeira das obras mortas, que era cousa pavorosissima, e fazia grande dor de coração a ver e ouvir; porque o mar estava muito encapellado

e terrível, e quando as enxarcias de diante se desafferrárão, corrêrão ambas as náos emparelhadas, quebrou-se o cepo de huma ancora, dando-nos huma grandissima pancada no lugar aonde pouza e antenna; e senão fosse huma curva em que bateo, ter-nos-hia aberto até à quilha; mas sempre nos quebrou huma cinta, e a dita curta. Ficou a náo aberta por este lugar, fez-se em pedaços a meza de guarnição, e as bigotas e cadeas daquelle lado; rasgou-se a véla, e estalou o mastro da mezena de alto abaixo, todas as obras mortas da popa, e bastantes enxarcias de bombordo. Nesta afflicção não nos restava outra esperança senão em Deos, e igualmente aos da outra náo, e por certo fomos ajudados da sua misericórdia; pois assim que nos vimos separados huns dos outros, cortamos algumas das enxarcias que elles nos tinhão quebrado; e aquella pouca gente que tinhamos principiou toda a trabalhar com muito animo, e quanto podia, huns com a bomba, e outros com os baldes e caldeiras, a deitar a agoa fóra da coberta. Treze dos nossos passárão para a outra náo que era maior, julgando que a nossa hiria ao fundo; e alguns dos que ficárão, a andárão examinando toda com luzes, e como achárão que a parte inferior estava vedada, tomárão mais algum alento; mas porque o mar se tinha embravecido muito, e não manobravamos bem, por não podermos amurar da banda donde estava o Almirante com as outras náos (visto ser justamente aquella por onde a nossa estava aberta, e meter assim muita agoa quando inclinava para aquelle lado), por esta razão disparámos muitos tiros, para que as outras nos não deixassem em desamparo: a primeira que respondeo a elles foi a Capitania, que veio à falla, e nos perguntou o que queriamos; e quando lhe dissemos que a Leonarda nos tinha abalroado com muita força, nos perguntárão se queriamos passar ao seu bordo, ao que respondemos que não, e que nos podiamos sustentar até a manhã seguinte. A Flor de la mar nos disse, que se quisessemos ella deitaria fóra o seu batel para nos hir buscar; e huns e outros podião crer como podessemos naquelle estado . . .

mar, andando elle tão furioso e embravecido. Vendo todos nós este milagre, fizemos voto de quando chegassemos a Lisboa hirmos immediatamente em romagem a Nossa Senhora da Vida, e de em sua honra fazermos dizer huma Missa solemne, e darmos huma pintura do milagre de ambas as náos, passando todo o dia em aquelle lugar.

Aos dez de Junho, principiámos na nossa náo a dar pão por pezo, isto he, doze onças de biscouto a cada hum; e já alguns dias antes tinhamos principiado a dar huma canada de vinho por dia, e porque depois nos pareceo que nos poderia vir a faltar o pão de todo, demos a dez onças por dia com o dito vinho, e mais meia escudela de arroz cozido, o qual durou em quanto estivemos em Moçambique, e quatro dias mais: depois voltámos a hum pouco de milho que houvemos na dita Ilha, e podia ser por todo obra de duas staras, custando-nos a razão de hum ducado cada stara, e durou-nos outo dias: passado isto fizemos papas com o pó e migalhas do biscouto que ficárão, e erão amargosas como fél, sendo a terça parte de immundicie de ratos; ao principio erão feitas com azeite ou mel, e por fim sómente em agoa que não tinha nescessidade de outras especiarias, pois fedia como cão morto, porém com a fome tudo se comia. O Almirante veio no dia quinze de junho à nossa não, para ver a amassaria, e tomou juramento a certos homens que vinhão com elle, para lhe dizerem quanto pão podia haver nella; e lhe respondêrão, que não passava de vinte e sinco a trinta cantaras, estando ainda mais de duas mil e trezentas legoas de Portugal. Pelo que vendo o Almirante que nós, a Leitoa nova, e a Julia tinhamos pouco pão e vinho, nenhum azeite, senão hum pouco para a caldeira, nem mel, nem carne, nem peixe, nem legumes, mandou-nos partir a todos tres para Portugal, e elle ficou-se aprontado ainda mais dous ou tres dias.

CAPITULO XXVIII

Como víndo de Moçambique para Portugal encontrámos algumas náos Portuguezas que hião para a India: das novas que nos derão, e como vímos huma Ilha ainda não descoberta.

Visto ter-nos o Almirante mandado vir para Portugal, com o que tivemos hum grandissimo prazer, partimos de Moçambique em huma Sexta feira de madrugada, aos dezaseis de junho com máo vento, soprando ora do mar ora da terra. Em huma segunda feira tres de Julho, hindo nós costeando, e pensando estar no Cabo das agulhas, principiou huma grande tormenta de vento da banda do Poente, com huma furia prodigiosa; de modo que apanhando todas as vélas, ficámos com hum papafigo baixo no meio do mastro; e porque era muito pequeno estivemos assim até as duas horas antes do dia com a proa para o mar; e foi o vento tão forte, que quando quizemos apanhar a véla para correr em árvore seca, não o podemos fazer pelo movimento e impeto das ondas senão com grande trabalho e fadiga: em fim prouve a Deos que podessemos recolher a véla, porque se assim não fosse corriamos grande perigo, visto a muita furia e impeto com que o mar andava: corremos pois (como digo) em arvore seca até á quarta de tarde, e então a náo Júlia içou bandeira, poz huma flamula no traquete de diante, e veio para nós, e nós para ella; quando chegamos a distancia de nos podermos entender por sinaes (porque era tal o estrondo do mar, que por mais que nos chegassemos não nos podiamos ouvir) percebemos que gritavão terra terra, isto he, que fossemos com elles demandar a terra, ainda que estivesse distante; e dizião isto porque estavão a ponto de hir ao fundo, por isso tinhão posto a flamula no traquete da proa e logo principiárão a navegar para terra. No dia seguinte houve bonança, da qual elles se aproveitárão para despejar a muita agoa que os alagava, e por isso não nos foi necessário arribar. Em huma segunda feira

tomando huma quarta de Noroeste a Sueste e distão trezentas e sessenta legoas: com a Ilha da Ascenção tambem de Noroeste a Sueste, e distão duzentas legoas: em fim com a Ilha de Maio, de Noroeste a Sueste, tomando huma quarta de Norte a Sul, e são seiscentas e outenta legoas de distancia de huma a outra.

NOTAS

(1) Esta data é marcada por João de Barros. (Dec. I, liv. VI, cap. II); mas segundo Castanheda, que provávelmente se enganou, a armada de Estevam da Gama partiu de Lisboa a 5 de Maio. (obr. cit, liv. I, c. XLIII).

(2) Não está identificada.

(3) Barros chama a esta nau Julioa.

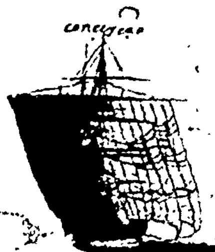
(4) "O Almirante D. Vasco da Gama, depois que chegou a Moçambique, deo pressa a se lançar ao mar a caravela, que estava armada, e fez Capitão della a João Serrão, hum cavalleiro da casa d'ElRey. E em quatro dias que se alli deteve, por algumas náos fazerem agua pelo costado, lhe mandou dar pendor, e tambem assentou paz com hum Xeque da povoação, que já era outro, e não aquelle com quem tinha passado o que atrás fica, quando descubriu aquelle caminho. Na mão do qual achou huma carta de João da Nova, em que dava conta a quallquer Capitão que per alli passasse do que lhe acontecêra per toda aquella costa, e na India, dando-lhe aviso de algumas cousas. Por razão da qual Carta, o Almirante leixou na mão do Xeque huma pera Estevão da Gama, que partira deste Reyno com cinco náos, e ainda não era chegado; e outra pera Luiz Fernandez, e Antonio do Campo, dous Capitães, que antes de chegar ao Cabo das Correntes, com hum temporal que alli teve, se apartaram delle Almirante, nas

ACHECO PEREIRA
CAPITAÕ GENE
MADA DE CALE
E GOUERNADOR
AR NA JNDIA
S RELEUANTES
ADES NAQUELE
E ALCANÇOU NO
DE ARMAS E ME
NGULAR CARTA DE
ANDE O GONÇALO
GAU SEU LADO
DO PALIO

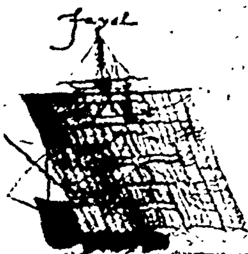
[illegible]



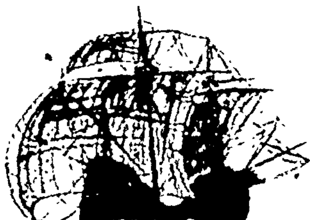


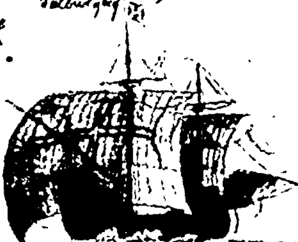














Naus de Afonso de Albuquerque

III—Roteiro da Viagem de Afonso de Albuquerque por João de Empoli

(1503)

Documento n.° 13

João de Empoli era florentino; embarcou na armada de Afonso de Albuquerque, como feitor, numa nau dos Marchiones, ricos comerciantes florentinos que, segundo Barros e Goes, já se tinham exercitado no tráfico da India desde o tempo de João da Nova. Empoli escreveu em italiano a sua primeira jornada que foi impressa por João Baptista Ramuzio. Sôbre os navios armados pelos particulares escreve Barros: "ElRey D. Manuel antes da vinda de Pedralvares... neste anno de quinhentos e hum mandou armar quatro vélas. A capitania mór das quaes deo a João da Nova... Os Capitães dos outros navios eram Diogo Barbosa, criado de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança polo navio ser seu, *e Francisco de Novaes criado d'ElRey, e o outro era Fernão Vinet Florentino de nação, polo navio em que elle hia ser de Bartholomeu Marchioni tambem Florentino, o qual era morador em Lisboa, e o mais principal em substancia de fazenda, que elle naquelle tempo tinha feito. Cá ordenou ElRey, pera que os homens deste Reyno, cujo negocio era commercio, tivessem em que poder tratar dar-lhes licença que armassem náos pera estas partes, dellas a certos partidos, e outras a frete; o qual modo de trazer a especiaria a frete ainda hoje se usa" (Dec. I, liv. V, cap. X).*

É interessante o seguinte Breve pelo qual o Papa Leão

X recomendou João de Empoli à proteção d'El-Rei D. Manuel:

Leo papa X Charissime in christo fili noster salutem et apostolicam benedictionem.

Accepimus Dilectum filium Joannem de Empoli, Ciuem et Mercatorem Florentinum, dum in externas Regiones per Maiestatem tuam Christianae fidei subiugatas transfretaret, ut inde in Regnum istud merces conduceret, illic a Capitaneo tuo coactum fuisse ut a mercatura desisteret et Classi tuae ibidem tunc militanti cum suis nauibus deseruiret, ex quo maximum damnum et incommodum propessus est. Istuc postmodum reuersus Amplitudini tuæ, sicuti nobis relatum est, supplicauit dignareris efficere vt quando tua causa plurimum detrimenti subiuit, sic ex tua largitate et gratia remunerationem et subsidium sentiret. Qua in re tu, qui nemini pro iustitia deesse soles, commisisti dilecto filio Martino de Castel blanco Comiti ville nouæ quatenus se de premissis informaret et postmodum tibi referret, vt scilicet re perspecta et cognita dictum Joannem indemnem seruares. Quo circa, etsi non dubitamus, quin pro incomparabili in te iustitia et integritate sis quodcunque ipsius Joannis. Damnum resarciturus, Tamen quia eundem nostri pariter et tui studiosissimum esse cognoscimus atque adeo paterna dilectione prosequimur, duximus ad Maiestatem tuam scribendum hortantes in Domino uelis eundem ita commendatum habere ut et cito et uotiue expediatur: Quod quidem nobis erit acceptissimum.

Datum Romæ apud Sanctum Petrum, sub Annulo piscatoris, die XXV Februarii MDXV, Pontificatus nostri Anno Secundo.—P. Bembus. (1)

O seguinte documento mostra que João de Empoli foi nomeado feitor de Samatra:

"O comde de Vila nova etc, mãdo a vos Rui leyte que

(1) *Tôrre do Tombo*—Maço 29 de Bulas, n.º 40.

ētregues a Joanes que vai por ffeytor a çamatra os ornāmentos e vestimentas que mandastes fazer pera Igreja da feytoria da dita ilha de çamatra e cobrai este com seu conhecimento ffeito pelo escprivam de seu careguo e asynado per ambos ē que de se que lhe ficã caregados ē receita pera per elle e per o asemto de voso escprivam vos ser leuado ē cōla ffeito ē lixboa aos XX biij dias de março de b^c X b.

(Assinado) *o conde de iyla nova.*

Conheço e confesou Joanes ympoly que ora vay por feitor de çamatra reçeber de Ruy lleite thesoureiro do thesouro estes ornamentos abaixo decrarados — a saber — hũa capa de damasco vermelho cō seuastros de çetim roxo e forcadura branca e vermelha e hũa vestimenta de çetim verde com sauastros de damasco vermelho cō sualua e todos seus comprimentos e toda framgada de retros branco e vermelho forada de bocasim vermelho e outra vestimēta de chamalote alloyonado com sauastros doutro chamallote rroixo forada de bocasy preto e framgada de barbilho c ōsuallua e cordam e todos seus comprimentos. E mas hũ fromtall de chamallote allionado de seis panos e o do meo he roixo cō sua forcadura de barbilho amarelo e vermelho forado de bocasym; e hũas cortinas daltar de çetim de bruges que tem seis panos — a saber — çymqo vermelhas e o do meo he verde, cō seus allparavazes e forcadura de barbilho branco e vermelho forada de canhamço cō suas fitas e argollas. E a capa de damasco he forada de bocasim e a framga he de retros: as quaes cousas asyma conteudas neste conhecimento lhe ficam caregadas ē reçepta per mē amtonio pigarro e symão de sexas escprivães de seu carego. feito ē llixboa XXX de março de b^c x b e asynado per ambos.

symão de seixas Joanes ujpoly amtonio pigarro (1)

(1) *Tôrre do Tombo* — Corp. Cron., parte II, maço 55, doc. 189. Cf Enrico Masini—*Per le biografie de Giovanni di Empoli—Atti dell VIII Congr. Geograf. Ital.*, Firenzi, 1921.

Eis o Roteiro de Empoli:

CAPITULO I

Da terra chamada Vera Cruz ou Brazil; dos costumes, armas, e crença de seus habitadores: do porto chamado Agoada de S. Braz; do modo de vestir dos homens e mulheres daquelle lugar.

Partimos de Lisboa no dia seis de Abril de mil quinhentos e tres, na Armada do Capitão mór Affonso de Albuquerque, a qual se compunha de quatro náos; huma de trezentas toneladas chamada Santiago, outra de trezentas e sincoenta chamada Espirito Santo, outra de cento e sincoenta chamada S. Christovão, e outra finalmente de cem chamada Catharina Dias (1); e hindo todas de conserva principiámos a navegar direitos a Cabo verde, do qual quando houvemos vista, tomou o Capitão conselho com os seus Pilotos, sobre o rumo que se devia seguir para ser melhor a navegação até ganhar o Cabo da Boa Esprerança; porque o caminho que de ordinario se fazia, era ao longo da costa de Guiné da Ethiopia, em a qual ha muitas correntes, cachopos, e baixos e fica alem disso sotoposta à Equinocial, acalmando por esta causa muitas vezes o vento: para fugirmos pois della, deliberamos engolfarnos de setecentas e sincoenta até outocentas legoas, e navegando nesta volta obra de vinte e outo dias, em huma tarde avistámos a terra, que já por outros tinha sido descoberta, ainda que mais por conjecturas do que por terem abordado nella, e se chama a Ilha de Ascenção junto à qual estivemos toda a noute, quasi a ponto de nos perdermos com hum grande temporal e vento de travessia. (2) Esta Ilha não tem nenhum valor segundo podémos observar; e partindo dela navegámos tanto, que nos achámos muito engolfados na altura da terra Vera Cruz ou Brazil,(3)descoberta alguns annos antes por Americo Vespucio, da qual se tira grande quantidade de canafistula, e de páo Brazil; e não achámos mais nada de valor. Os naturaes são de boa presença, andão nús tanto ho-

mens como mulheres, sem cobertura alguma, fazem lavores pella pele até á cintura, adornão-se com pennas verdes de papagaios, e enfião nos beiços espinhas de peixes; as suas armas são huma especie de dardos com as pontas cobertas das ditas espinhas; tem a fé Epicuria, e sustentão-se ordinariamente de carne humana, a qual secão ao fumeiro como nós a carne de porco. Partindo deste lugar, continuando a nossa navegação para voltar para o Cabo da Boa Esperança, quando estavamos em frente da Ilha de S Thomé, perdemos de vista o nosso Polo Artico, e nos fomos avisinhando ao Antartico; e antes que podessemos ganhar aquelle Cabo tivemos huma grandissima tormenta, navegando as mais das vezes em arvore seca sem palmo de véla, ora ao Poente ora ao Levante, porque naquelle lugar não se encontrão outros ventos senão os sobreditos; em fim com ajuda de Deos vingamos o Cabo, á vista do qual chegámos aos seis de Julho; e partindo daqui ao longo da costa entrámos em hum porto que lhe fica visinho, chamado a Agoada de S. Braz, por ter sido descoberto naquelle dia, e por isso se fez huma pequena Ermida em sua memoria. Esta paragem he abundantissima de agoa doce, a qual se tira de covas feitas á mão, porém não tem mais nada de prestimo, salvo muitos animaes domesticos proprios para comer: custa cada vacca huma campainha das medianas, e nós assim as comprámos, pois o ouro ou prata não o terião estimado, sendo aquellas campainhas o que mais prezão. Os homens não tem cabellos, tem a cabeça tinhosa, e os olhos remelosos, vestem-se até á cintura com pelles sem lhe tirarem o pello, e cobrem as partes naturaes com hum couro a modo de bainha; as mulheres trazem tambem hum semelhante vestido de pelles, e lhe ajuntão huma cauda do mesmo, que lhe cahe tanto por traz como por diante, e assim andão cobertas, e tem os peitos muito grandes. Os homens uzão de huma especie de dardos com a ponta de ferro, pois aqui se acha alguma porção deste metal: não tem lei nenhuma; comem carne crua segundo vimos; a sua falla he gutural, e acompanhada de acenos e assobios, não os tendo nunca

ouvido explicar huma palavra expeditamente; e ainda que entre nós houvesse homens que sabião differentes lingoas, nunca lhe podémos construir huma unica expressão, em fim são homens brutaes: e eis-aqui quanto nos foi possivel comprehender da dita terra.

CAPITULO II

De huma povoação chamada Pate; dos sinaes que denotão no mar a visinhança da terra; do monte Delli, e como chegando nós a Cochim ouvimos ter sido derrotado e expulso o seu Rei Mouro; e outra vez restituido aos seus Estados pelo Capitão Francisco de Albuquerque. Da fortaleza sobre o rio Repelim; do Reino de Coulão ainda não descoberto aonde achamos Christãos chamados Nazarenos, que alli ficárão do tempo de S. Thomé.

Partimos deste porto, e navegando ao longo da costa soffremos algumas tormentas que nos tornávão difficil avisinharmo-nos, outra vez a ella, em fim andamos tanto para diante, que chegámos a Çofala onde he a mina de ouro, e S. Magestade fez huma Fortaleza bem abastecida de artilharia, e com boa guarnição. Partimos daqui para Melinde, em cujo porto deviamos entrar segundo o regimento que levamos, para esperar o Capitão mór que se tinha esgarrado com a grande tormenta que passaramos: e determinando cumprir esta ordem, era-nos o vento opposto de sorte, que estando barlaventeando para tomar o porto e pedir hum Piloto que nos levasse ás Indias, por causa do perigoso golfo que tinhamos a atravessar; jamais o podémos conseguir, e as agoas nos levarão muito para baixo até huma terra chamada Pate, (1) a qual he cercada de muitos baxos; de maneira que sondando o nosso Piloto, humas vezes achava trinta braças, outras dez e ainda menos; e assim por não termos outro remedio surgimos em quatro braças com bastante receio da nossa perdição; porque se tivesse soprado o vento contrario forçosamemte teriamos naufragado todos: não podemos pois cumprir com o regimento de ElRei, por estar já muito adiantada a monção para

atravessar o golfo (pois quem não se acha em o mez de Setembro nas Indias, não o pode atravessar, sendo os ventos seis mezes de Levante e outros seis mezes de Poente), e assim deliberamos a deixar o dito regimento e o Piloto; e partimos principiando a entrar naquelle golfo, cuja travessa he de outocentos e mais legoas; e navegando por elle quinze dias achámos os navios da nossa conserva, excepto a não Catharina que tinha hido ao fundo com a tempestade, e todos juntos ficámos muito alegres, e com grande satisfação contámos huns aos outros os perigos passados, e seguimos a nossa viagem com bastante susto, porque neste golfo ha algumas vinte e quatro mil Ilhas, nas quaes se se errasse o canal dariamos á costa; por isso mesmo se aqui fizessem impressão todos os ventos, como acontece nestes nossos mares, nenhuma não se salvaria; porem no tempo em que passámos, sempre o vento costuma ser favoravel e hum só; pois como já disse, não soprão senão os Poentes e os Levantes. Quando estavamos a sahir do canal, vimos os seguintes sinaes de visinhança de terra, que a todos são notorios; primeiramente achámos as agoas brancas apezar de estar a costa ainda na distancia de cento e sincoenta legoas; depois vimos o mar cheio de cobras em tanta abundancia que não se pode exprimir; são delgadas e compridas em proporção, e andão com a cabeça fóra da agoa; o terceiro e ultimo sinal são caranguejos vermelhos, não muito grandes: quando se encontrão todas estas mostras sabemos que estamos visinhos á terra, a setenta legoas della. Seguindo pois a nossa navegação chegámos ao monte Delli primeira terra da India chamada ao principio Molabad: (¹) daqui fomos a Cananor aos onze de Setembro aonde refrescámos para allivio de tantos trabalhos e tormentas quantas tinhamos passado, e compramos as mercadorias que achámos. Partindo daqui ao longo da costa chegámos a Cochim, fazendo escala por Calicut e outras terras circumvisinhas, e abordando alli achámos terem tambem chegado as náos do Capitão mór Francisco de Albuquerque, as quaes partirão de Lisboa

em numero de tres, outo dias depois de nos; e com este encontro tivemos grande contentamento, e soubemos como á sua chegada tinhão achado destruido o Reino de Cochim, e expulso o seu Rei pelos Mouros e gente de Calicut; por cujo motivo o Capitão mór com seus bateis e gente destruira o acampamento dos inimigos, com algumas mortes de huma e outra parte, tendo depois entregado ao Rei os seus Estados. Juntos os dous Capitães deliberárão fazer guerra a ElRei de Calicut como já por outras vezes tinha acontecido, e mandárão construir em o lugar de Cochim huma fortaleza, sobre a embocadura do rio Repelim muito forte, de madeira cercada de grandes fossos, com muita gente, e artilharia que cada huma das náos deo para ella se prover. (6) Feito isto principiámos a pedir carga, e achámos haver na terra doze mil cantaras de pimenta, que o outro Capitão que havia chegado primeiro que nós ja tinha comprado; e depois de muitas questões que com elle teve o nosso Capitão sobre a divisão della, nos louvámos nos Feitores de ElRei que aqui estavão, e foi julgado que as especiarias fossem dos que primeiro tinhão chegado. Achando-nos assim sem esperanças, e mal contentes por termos cansado tanto os nossos corpos, e vindo de tão longe para depois voltarmos sem carga: deliberámos antes não tornar a Portugal, e buscar a nossa vemtura mais avante em algum outro lugar que ainda não fosse conhecido; e partindo de Cochim fomos ao longo da costa boas duzentas e sincoenta milhas, até chegarmos a huma terra que se chama Coulão, (7) a qual ainda ninguem tinha hido descobrir (8) e aqui surgimos ao longo da praia, na costa brava, cousa de seis milhas distante de terra; e tendo surgido de tarde, quando era meia noute principiou a ventar muito, com vento contrairo, e travessia da terra, durando esta tormenta sinco dias com tanta força, e com o mar tão gramde, trazendo o vento tanto impeto que perdemos quatro ancoras, e ficámos sobre huma com pouca esperança de remedio, de sorte que a maior parte da gente já se tinha despido para se salvar a nado se necessario fosse. Porém, não quiz

Deos usar comnosco tanta crueldade, fazendo cessar a tormenta, acabada a qual mandou-me o Capitão a terra para saber o que nella havia: armado o batel levarão-me á praia com muitas trombetas e ceremonias, e achei nella huns quatrocentos homens que nos aguardavão para nos ver e aos bateis, parecendo-lhes ambas as cousas muito admiraveis; logo que nos avisinhámos, fizemos-lhe dizer pelo nosso Intreprete, que eramos Christãos e assim que isto ouvirão tiveram grande prazer, dizendo que tambem elles o erão, e que estavão aqui desde o tempo de S. Thomé, e chamavão-se pelo nome de Christãos tanto homens como mulheres assim como nós, e desta casta de gente haverá tres mil pouco mais ou menos: logo nos levarão a ver huma Igreja mediana, feita a nosso modo com Santos e Cruz, e com a invocação de Santa Maria, á roda da qual habitão os Christãos chamados Nazarenos, que no-la offerecêrão para morada: depois fomos apresentados ao Rei chamado Nambiadorá o qual nos recebeo com muita alegria e amor; e perguntando-lhe se tinha especiarias que nos dar para a carga de tres navios; respondeo-nos que em vinte dias se obrigava a carregallos com as que quizessemos, e assim tornámos para a náo a dar esta resposta ao Capitão, principiando a aprontar os navios com grande festa, em fim carregamos tanto quanto era mister ao nosso desejo, e até dizer mais não. (*)

CAPITULO III

Como ElRei de Coulão veio para visitar o General, e do magnifico preparo que para isso fizerão tanto hum como outro.

Estando já determinados a partir, o Capitão mór e ElRei de Coulão desejosos ambos de se verem, determinárão dia para isso, e quando este chegou, o Capitão mór poz em ordem todos os seus bateis bem providos de artilharia, bandeiras, estandartes, e flamulas; e mandou cobrir o em que hia com hum pano de veludo, e no lugar em que havia de sentar-se poz muitos adornos de retalhos de seda lavrada à mourisca, e

em numero de tres, outo dias depois de nos; e com este encontro tivemos grande contentamento, e soubemos como á sua chegada tinhão achado destruido o Reino de Cochim, e expulso o seu Rei pelos Mouros e gente de Calicut; por cujo motivo o Capitão mór com seus bateis e gente destruira o acampamento dos inimigos, com algumas mortes de huma e outra parte, tendo depois entregado ao Rei os seus Estados. Juntos os dous Capitães deliberárão fazer guerra a ElRei de Calicut como já por outras vezes tinha acontecido, e mandárão construir em o lugar de Cochim huma fortaleza, sobre a embocadura do rio Repelim muito forte, de madeira cercada de grandes fossos, com muita gente, e artilharia que cada huma das náos deo para ella se prover. (6) Feito isto principiámos a pedir carga, e achámos haver na terra doze mil cantaras de pimenta, que o outro Capitão que havia chegado primeiro que nós ja tinha comprado; e depois de muitas questões que com elle teve o nosso Capitão sobre a divisão della, nos louvámos nos Feitores de ElRei que aqui estavão, e foi julgado que as especiarias fossem dos que primeiro tinhão chegado. Achando-nos assim sem esperanças, e mal contentes por termos cansado tanto os nossos corpos, e vindo de tão longe para depois voltarmos sem carga: deliberámos antes não tornar a Portugal, e buscar a nossa vemtura mais avante em algum outro lugar que ainda não fosse conhecido; e partindo de Cochim fomos ao longo da costa boas duzentas e sincoenta milhas, até chegarmos a huma terra que se chama Coulão, (7) a qual ainda ninguem tinha hido descobrir (8) e aqui surgimos ao longo da praia, na costa brava, cousa de seis milhas distante de terra; e tendo surgido de tarde, quando era meia noute principiou a ventar muito, com vento contrairo, e travessia da terra, durando esta tormenta sinco dias com tanta força, e com o mar tão gramde, trazendo o vento tanto impeto que perdemos quatro ancoras, e ficámos sobre huma com pouca esperança de remedio, de sorte que a maior parte da gente já se tinha despido para se salvar a nado se necessario fosse. Porém, não quiz

Deos usar comnosco tanta crueldade, fazendo cessar a tormenta, acabada a qual mandou-me o Capitão a terra para saber o que nella havia: armado o batel levarão-me á praia com muitas trombetas e ceremonias, e achei nella huns quatrocentos homens que nos aguardavão para nos ver e aos bateis, parecendo-lhes ambas as cousas muito admiraveis; logo que nos avisinhámos, fizemos-lhe dizer pelo nosso Intreprete, que eramos Christãos e assim que isto ouvirão tiveram grande prazer, dizendo que tambem elles o erão, e que estavão aqui desde o tempo de S. Thomé, e chamavão-se pelo nome de Christãos tanto homens como mulheres assim como nós, e desta casta de gente haverá tres mil pouco mais ou menos: logo nos levarão a ver huma Igreja mediana, feita a nosso modo com Santos e Cruz, e com a invocação de Santa Maria, á roda da qual habitão os Christãos chamados Nazarenos, que no-la offerecêrão para morada: depois fomos apresentados ao Rei chamado Nambiadorá o qual nos recebeo com muita alegria e amor; e perguntando-lhe se tinha especiarias que nos dar para a carga de tres navios; respondeo-nos que em vinte dias se obrigava a carregallos com as que quizessemos, e assim tornámos para a náo a dar esta resposta ao Capitão, principiando a aprontar os navios com grande festa, em fim carregamos tanto quanto era mister ao nosso desejo, e até dizer mais não. (¹)

CAPITULO III

Como ElRei de Coulão veio para visitar o General, e do magnifico preparo que para isso fizerão tanto hum como outro.

Estando já determinados a partir, o Capitão mór e ElRei de Coulão desejosos ambos de se verem, determinárão dia para isso, e quando este chegou, o Capitão mór poz em ordem todos os seus bateis bem providos de artilharia, bandeiras, estandartes, e flamulas; e mandou cobrir o em que hia com hum pano de veludo, e no lugar em que havia de sentar-se poz muitos adornos de retalhos de seda lavrada à mourisca, e

elle mesmo vestido de brocado com capa à Veneziana, e com muitas joias e cadêas de ouro, mui soberbamente ornado como cumpria a huma pessoa que representava ElRei de Portugal: nós outros estavamos preparados cada hum segundo as suas posses; e chegando junto a terra aonde ha hum porto, surgidouro natural das náos da India, deitamos ancora, e estivemos esperando que ElRei chegasse à praia, o que tardou o espaço de huma hora, apparecendo então com innumeravel gente, toda por ordem dividida em esquadras, com espadas e rodellas ao nosso modo, depois seguião-se os archeiros, a estes os lutadores untados com os seus oleos, e prontos para entrarem em combate, em o que se exercitão muito; depois os contratadores e negociantes, como banqueiros, ourives, e outros artistas que chamão Zetti; depois os Naires, que são como entre nós os Senhores de representação; após estes os Bramines, quatro dos quaes, dos mais principaes, trazião o Rei em huma especie de andor magnifico, da feição de paviola, com quatro braços de marfim muito bem trabalhados, e em cima delle o Rei assentado a seu modo sobre os pés à maneira de alfaiate, bem ornado com panos lavrados de seda e algodão, com muitos aneis de valia, e hum barrete de veludo carmezim coberto de joias do comprimento de dous palmos pouco mais ou menos, dentro do qual ficão mettidos os cabellos. Atrás delle hião muitos elefantes e cavallos, ainda que estes não são naturaes do pais como os elephantes; e depois muitas musicas de trompas, charamellas, atabales, e trombetas: logo que chegou diante dos bateis do Capitão mór parou com toda a sua gente, e estando assim mandou este disparar toda a artilharia, e tocar todas as trombetas, e fez-se conduzir a terra nos bateis para desembarcar, e beijar a mão a ElRei; o que elle apenas vio, uzou de tal arte, que andando à roda sem dizer palavra, toda a sua gente se apartou delle bastante longe, e com isto mostrou que queria fiar-se de nós, antes que nos fiassemos delle. O Capitão assentou-se sobre os hombros dos seus marinheiros para se não molhar no desembarque, e ElRei veio para o rece-

ber, metendo-se na agoa até aos joelhos; e assim estiverão na marinha junto ao batel fazendo grande festa, e antes que se despedissem hum do outro, fizerão os seus Capitulos e accordo pelo modo seguinte.

CAPITULO IV

Do accordo feito entre o Rei de Coulão e o Capitão General, a respeito de mercadorias e de tudo o mais; dos uzos e costumes dos Malabares, e Gentios da India.

ElRei se obrigou a dar todas as especiarias que na terra se colhessem, e nós obrigamo-nos a carregallas; estipulando-se hum preço certo, tanto para as ditas especiarias, como para as nossas mercadorias: depois pedimos que a pessoa que aqui ficasse por parte de ElRei de Portugal, tivesse a seu cargo a administração da Justiça aos Christãos quando houvesse mister, e isto tanto aos nossos como aos que achámos em terra, os quaes até então erão reputados como entre nos os Judeos, e como elles maltratados. ElRei condescendeo em tudo, ainda que lhe pareceo extraordinario tirallos da sua jurisdição, mas por fim houve-o por bem. Deste accordo se lavrou Escritura em huma lamina de prata, e o Capitão se recolheo com grandes ceremonias de huma e outra parte ([10]). Desejando os Christãos da terra ver os nossos Sacerdotes, o Capitão mór fez desembarcar o Frade com dous padres, todos revestidos com os seus paramentos Ecclesiasticos, hindo ao diante delles grande acompanhamento de gente dos nossos e dos Christãos da terra, e chegados à Igreja com grandes tangeres se começou a celebrar Missa solemne ao toque de campanas, estando a Igreja toda armada, e chea de homens e mulheres Cristãos. He desnecessario dizer o quanto a devoção era grande; logo que a Missa se acabou começou o Frade a pregação; e o interprete (que era homem muito capaz) se o Frade dizia bem, ainda interpretava muito melhor, de maneira que a cousa continuava com grande fervor e zelo; e em outo dias que depois nos demora-

mos até se completar a carga, bautizarão-se infinitas pessoas dos Gentios da terra, e persuado-me que com ajuda de Deos, não somente o Serenissimo Rei de Portugal adquirirá aqui grande honra e riqueza, mas tambem me atrevo a dizer que no espaço de sincoenta annos se converterão muitas gentes, a quem Deos proteja com a sua infinita graça. Partidos daqui aos quinze de Janeiro (11) nos fizemos na volta de Cochim, para ver o que tinha feita a Armada, a qual achámos ja partida, e defronte de Calicut a ponto de fazer accordo com ElRei: não tinhão elles ainda podido obter especiarias para todas as naos, porque supposto lhe tinhão promettido mil e duzentas cantaras, não completárão depois a dita conta, com o que estavão pouco satisfeitos; por isso lhe démos duzentos sacos de pimenta que sobravão das nossas naos. Isto concluido partimos e fomos direitos a Cananor, aonde tomamos agoa, arroz, e peixe; e dahi sahimos a vinte e sete de Janeiro, levando a bordo hum Piloto Mouro para atravessar o grande golfo de Meca: fazendo-nos novamente á véla, quando julgávamos já tello passado, estivemos quasi dando á costa sobre tres Ilhas muito proximas, e a pique de perdernos: sahindo deste perigo chegámos a Moçambique, e continuando ao longo da costa, antes que vingassemos o Cabo da Boa Esperança soffremos huma grande tormenta, na qual para não me estender muito, direi sómente que no primeiro de Maio de mil quinhentos e quatro he que podémos ganhar o dito Cabo. Dalli continuamos a navegar sobre a nossa direita, e parecendo-nos já estar defronte de Cabo verde, viemos no conhecimento de que estavamos ainda mais atrazados, e próximos á costa de Guiné. Aqui nos tomou huma calmaria sincoenta e quatro dias, em todos os quaes creio não andámos mais de seis legoas, de sorte que já estavamos sem nenhuma esperança: tinhamos apenas tres pipas de agoa, e nenhum vinho, os mesmos apparelhos da náo estavão todos consumidos, e a gente principiava a adoecer por maneira, que em trinta e sinco dias só da nossa náo deitámos ao mar setenta e seis pessoas, não nos ficando mais do que nove, e na

outra succedeo o mesmo, tendo morrido cento e trinta pessoas, e ficando o resto sem esperança nenhuma de salvação. As náos hião-se ao fundo por causa do guzano que as roia, e não havia redempção alguma senão a ajuda Divina, a qual era necessario que chegasse bem depressa, pois passámos mais de hum dia com a morte á vista, e por modo tal, que eu por mim não o sei escrever nem explicar: em fim quiz a nossa boa ventura, que avistassemos huma náo á qual fizemos sinaes para vir á falla, a fim de sabermos donde vinha; achamos que era de Portugal, e que hia a Guiné comprar escravos. O Capitão nos deo a agoa, e outros socorros, e finalmente o fizemos tornar para traz, e acompanharnos até a Ilha de S. Thiago de Cabo verde aonde surgimos, e nos provemos de agoa, carne, e escravatura para nos ajudar na manobra, e conduzir as náos para o Reino. Partindo daqui fizemos caminho pelas Ilhas dos Açores aonde não abordámos, mas seguimos o nosso rumo direito a Lisboa; e quando avistámos o monte de Cintra sinco legoas distante daquella Cidade, mandamos adiante a náo que tinhamos feito voltar para traz, para fazer saber a Sua Magestade como estavamos aqui, e esperavamos ordem sua para surgir. Depois de ter partido a náo, o tempo contrario, e o frio que sentimos fez morrer os Negros que tinhamos trazido, e estando já para entrar no porto, o mesmo vento contrario nos hia mettendo no fundo por modo tal que se durasse mais meio dia ter-nos-hiamos submergido. Em fim aos dezasseis de Setembro de mil quinhentos e quatro entrámos pela barra de Lisboa aonde fomos recebidos o melhor possivel; se bem que estou certo, que por mais alegria que os outros sentissem, a nossa era ainda muito maior.

Descuidei-me de contar os uzos, e costumes dos Malabares e Gentios da India, o que prova a minha pouca memoria. Estes Gentios são Idolatras, não comem carne, nem peixe, nem ovos, nem cousa que tenha sangue; e sómente se sustentão de arroz e hervas: são homens limpos e civis, os que são ricos habitão em casas fabricadas de tijôlo e cal,

adorão as vaccas como Deozes, e ha abundancia dellas por toda a terra. Eis-aqui tudo quanto pude comprehender, e o de que vos certifico; rogando a Deos que alongue a vida de V. Senhoria por muito tempo.

NOTAS

(1) Os nossos cronistas Barros, Goes, Castanheda e os *Comentarios de Affonso de Albuquerque* são unânimes em dizer que a armada de Afonso de Albuquerque se compunha de 3 naus. Eram capitães de bandeira Duarte Pacheco Pereira e Fernão Martins de Almada. As 3 naus de Afonso de Albuquerque e as 3 de Francisco de Albuquerque eram—nota Barros—destinadas à carga da especiaria ao passo que outras 3 sob o comando de António de Saldanha eram enviadas "pera andarem na boca do estreito do mar Roxo esperando as náos dos Mouros de Meca, com que tinhamos guerra". (Dec. I, liv. VII, cap. II) Tendo Vasco da Gama regressado para Portugal, Vicente Sodré se apartou dêle "ficando com regimento que andasse, em quanto o tempo lhe désse lugar, na costa do Malabar em favor de Cananor, e Cochij, fazendo guerra ao Çamorij na entrada, e sahida das náos de Calecut" (Dec. I, liv. VII, cap.II) Vicente Sodré foi, no dizer de Gaspar Correia, o primeiro *capitão mór do mar*.

(2) Fôra descoberta em 1501 por João da Nova que lhe pusera o nome de *Conceição* (Barros—Dec. I, liv. V, Cap X; Goes—obr. cit., part. I, cap. LXII) Afonso de Albuquerque mudou-lhe o nome.

(3) Os nossos cronistas ocultam esta circunstância que explica o facto de Afonso de Albuquerque, que saiu de Lisboa antes de Francisco de Albuquerque, ter chegado a Cochim depois dêste, pois Barros diz: "começando a qual obra (a obra da fortaleza iniciada por Francisco de Albuquerque em Cochim) chegou Afonso de Albuquerque, *sem haver causa, que o detivesse no caminho sómente tempos contrarios*" (Dec. I, liv. VII, cap. II) E G. Corrêa acrescenta: "e tardou porque veo por fóra da ilha de S. Lourenço", (*Lendas*, I, 386).

Pedro Alvares Cabral mandou para Portugal Gaspar de Lemos com cartas para ElRei D. Manuel comunicando o descobrimento do Brasil.

D. Manuel ao qual chegaram os ecos dos descobrimentos de Americo Vespucio que deu o nome ao novo continente e estava ao serviço de D. Fernando de Castela, convidou o descobridor da America a assumir o comando duma expedição para o Brasil. Americo partiu com 3 naus aos 10 de Maio de 1501 e voltou por Lisboa aos 7 de Setembro de 1502 (Damião de Goes—*Crónica de D. Manuel*—pte. I, cap. LV—*Carta de Americo Vespucio a Pedro Soderini* na *Colecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, tomo II, 2.ª edição, pag. 145).

(4) "E tanto que pasaom Melinde indo caminho da India começaom atrauesar do golfam, porque nay ha costa dobrando contra ho maar roxo: indo pela costa adiante está hum lugar dos Mouros, que chamaam Patee...saom estes lugares muy bem amurados de pedra e cal, porque muytas vezes tem guera com hos Gentios da tera fyrme" (*Livro de Duarte Barbosa*).

(5) Malabar.

(6) "...*e por a singular devoção que tinha* (Afonso de Albuquerque) no Apostolo Sant-Iago, por elle ser Cavalleiro de sua Ordem, e a náo em que hia se chamar do nome deste Apostolo, houve a fortaleza nome Sant-Iago, aqual se fundou onde ora está a casa do Armazem da ribeira e assi fundou huma Igreja do Orago de S. Bartholomeu no próprio lugar, onde ainda está" Barros — Dec. I, liv. VII, cap. II). Divergem os cronistas sôbre o nome posto à fortaleza. Emquanto os *Comentarios de Afonso de Albuquerque* dizem que êste pôs o nome de *Convento de Christus* e Francisco de Albuquerque o de *Albuquerque*, Goes, Castanheda e Gaspar Correa dizem que foi posto o nome de *Manuel* (*Comentário*, parte I, cap. III; Castanheda, obr. cit., liv. I, cap. LVII; Goes, obr. cit. part. I, cap LXXVIII; Gaspar Correia, obr. cit., tom. I, pag. 394).

(7) Há divergência entre os nossos cronistas sôbre os motivos determinantes da ida de Afonso de Albuquerque a Coulão. Emquanto o autor dos *Comentários de Afonso de Albuquerque* escreve: "E porque Afonso Dalboquerque avia de ir tomar carga de especiaria a Coulão, conforme ao regimento que tinha delRey D. Manoel, que o primeiro que chegasse á India, fizesse sua carga em Cochim, por acodir a Coulão, onde já tinha mandado duas náos de sua companhia, trabalhava de dia, e de noite com toda sua gente de maneira, que em breve tempo acabou sua parte da fortaleza." (parte I,

cap. II) diz Barros: "Com estas cousas da guerra, posto que ElRey de Cochij trabalhava por se dar carga ás náos, fazia-se mui trabalhosamente; porque se hiam quatro toneis per esses rios, e esteiros em busca della, era necessario irem outros tantos bateis em sua guarda, de maneira que não havia quintal de pimenta que não custasse sangue. Mas sobreveio caso, que nisso ajudou muito aos nosos, e foi mandar a Rainha de Coulão e seus Governadores, offerecimentos ao Capitães, que lhe dariam carga a duas náos, com o qual assentáram os Capitães que fosse lá Affonso de Albuquerque carregar as suas. E ainda por comprazer a ElRey de Cochij, quizeram elles que fosse isto por sua vontade, e que a Rainha lhe mandasse pedir esta licença." (Dec. I, liv. VII, cap. III) Goes confirma Barros (*Crónica de D. Manuel* part. I, cap. LXXIX); conciliatoria é, porém, a narrativa de Castanheda: "E por derradeyro elrey de Calicut teue maneira cõ os mercadores de Cochim, que não dessem mais pimēta ao capitão mór, escusandose com a guerra. E de tal maneyra estavão sobornados, que nem rogos delrey de Cochī, nem peitas de Francisco dalbuquerque os poderão mudar, pera que dessem pimenta. E desesperando de auer em Cochī, foy afõso dalbuquerq· cõ Pero dataide, & António do cāpo, a buscar carrega á cidade de Coulão: porq sabia q seus regedores desejavão lá nossa feytoria, pelo offerecimento q. mandarão fazer a Pedralvarez cabral, & ao Conde almirante. E leuaua determinado que quando lhe não quisessem dar carrega q. lhe fisesse guerra." (obr. cit., liv. I, cap. LXI).

(8) Não é verdade. Vasco da Gama, quando foi da 2.ª viagem mandou para ai João de Sá Pereira, como feitor (Vide *Róteiro* flamengo nota 27).

(9) Nambiadorá ou Nabeadarim não era rei, mas regente: "E em breve tempo chegou a Coulão, onde foi muito bem recebido dos governadores da terra, e do Nambeadarim, que he o principal Governador. E por o Rey ser ido por o sertão dentro a huma guerra, que tinha com o Rey de Narsinga, fizeram-lho logo a saber por homens, que tinham em paradas, e a poucos dias foi avisado de sua chegada. O Rey pelos desejos que tinha de nossa amizade escreveo ao Nambeadarim, e Regedores da Cidade grandes agradecimentos da honra, e gasalhado que tinham feito a Afonso Dalboquerque, e mandou que tudo o que pedisse, e requeresse lhe fizessem, e tra-

balhassem muito com elle que assentase ali trato. E posto que aos Governadores por induzimento, e peitas do Çamorim passasse muito deste assento que ó Rey queria que os nossos fizessem na terra, era elle tão temido, que sem mostrar que lhe pesava, fizeram tudo com mais verdade do que Afonso Dalboquerque delles esperava: o qual assentou logo huma casa da feitoria com muitas mercadorias, e todas as outras cousas, que convinham perà bom despacho das nàos, quando alli viessem buscar carga" (*Comentarios*, cit parte I, cap. III).

(10) Afonso de Albuquerque obteve o privilégio da exterritorialidade não só para os portugueses mas ainda para os cristãos indígenas. Lê-se nos *Comentários*: "Passadas todas estas cousas, pareceo ao grande Afonso Dalboquerque necessario tornar a retificar as pazes, que com os governadores tinha assentado, e foi-se a terra: e falando com elles perante António de Sá, feitor, e os mais Portugueses, que com elle ficavam, lhes disse, que no concerto das pazes que tinham feito estava assentado que a jurdição do civel, e crime estevesse em poder dos Christãos naturaes da terra, como antigamente sempre fora: que por isso elle antes de sua partida queria deixar isto assentado de maneira, que depois delle ido não ouvesse nenhumas diferenças antre huns, e outros: e tambem pera dar razão de si a ElRey seu Senhor de como as cousas naquelle Reyno ficavam assentadas; que lhes pedia muito, e rogava que o ouvessem assi por bem; porque a pessoa, a quem entregasse este cargo, avia sempre de fazer o que o Rey de Coulão mandasse. Os Governadores lhe disseram, que lhes parecia bem, e que quando o Rey viesse lhe dariam conta disto: e que podia deixar este cargo a quem quisesse, que todos lhe obedeceriam. Afonso de Alboqnerque entregou logo a jurdiçam perante elles a Antonio de Sá, feitor, e mandou-lhe que tudo fizesse com conselho, e parecer dos Christãos naturaes da terra, por não sair da ordem, com que se antigamente governavam. E todos foram contentes com a eleição de António de Sá, ao qual deixou muito encomendado o provimento da igreja. E os Christãos da terra aviam de ter cuidado de a governarem, e regerem, a qual igreja se chamava nossa Senhora da Misericordia. E diziam os Christãos da terra, que dous Sanctos, que nella estavam enterrados em duas capelas, a fizeram milagrosamente. Tinham três altares, em que estavam três Cruzes, no meio huma de o'

outros dous duas de prata. Os Christãos da terra mandáram huma dellas a ElRey D. Manoel; e querendo mandar a de ouro, Afonso Dalboquerque lhes disse, que não queria levar senão huma de prata, por sinal que avia naquellas partes Christãos, que adoravam a Cruz, em que nosso Senhor Jesu Christo padecêra, porque este era o ouro, com que ElRey de Portugal avia mais de folgar; e que como elle chegasse a Portugal, ElRey lhe mandaria muitos ornamentos pera a sua Igreja ao modo que se costumava entre os Christãos. Elles folgáram muito com isto, e pedíram a Afonso Dalboquerque que lhes désse hum retavolo de Sanctiago, e hum fino, que lhe logo deu. E porque era necesário deixar ali alguma pessoa, que os doutrinasse nos ritos da nossa Santa Fé, pedio ao P. Fr. Rodrigo da Ordem de S. Domingos, que trazia comsigo, que ficasse ali, e elle o aceitou por servir a Deos: e teve tão bom cuidado esses dias que ali esteve, que com sua doutrina, e bom exemplo tornou muitos gentios á Fé de Jesu Christo, e bautizou muitos Christãos de trinta, e de quarenta annos de idade, por ja não haver memória de bautismo antrelles. Assentadas todas estas cousas, os Christãos da terra se vieram a Afonso Dalboquerque, e lhe disseram, que pois os queria conservar em seus custumes antigos, que lhe pediam por mercê que tambem lhe guardasse outro costume: e era, que os Christãos, que tinham cuidado de governar a Igreja, tinham tambem juntamente em seu poder o sello, e peso da Cidade, e que o Rey de Coulão lho tinha tirado por culpa, e froxidade de hum Christão natural da terra. E porque estarem estas cousas em poder dos Christãos, como sempre esteveram, faziam muito em sua autoridade, que fallasse ao Nambeadarim, e aos governadores, que os tornassem á sua posse, pois a culpa, porque lho tiráram, fora de hum só, e não de todos. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que aquillo que elles requeriam não entrara no con, certo das pazes, e que o tempo era breve pera começar requerimentos de novo, porque estava já de verga dalto pera se partir; mas que elle deixaria recado a Antonio de Sá, que ficava por feytor, que como o Rey de Coulão viesse da guerra, lhe fallasse nisso, e lho pedisse muito da parte delRey de Portugal. Com isto ficáram muitos contentes, e despedio-se delles, e dos governadores da terra, e foi-se embarcar." (parte I, cap. V).

IV—Carta de Diogo Fernandes Corrêa para Afonso de Albuquerque

(25 de Dezembro de 1503)

Documento n.º 14

Senhor—Tanto que aqui chegou amtam garcia rrequerio rrijamente seu despacho, e eu o despachei loguo com muito dinheiro e cobre para carregaçam de vossa naao, e per ello vos sprevy largamente, e spero em noso senhor que as cartas temres (sic) vystas; e alem do que toqua aa carregaçam vos sprevy duas cousas, uma que muito rreleva, e a outra nam tanto.

A que muito rreleva, he tornar a lembrar a vosa merce como o almirante me leixou aqui com a cerqua de quorenta homens nesta ilha de coochy, prometendo a elRei que lhe leixaria aqui vicente sodré pera elle guardar este porto e costa; despois de sua yda, que a costa ficou despejada de nossas naos darmada, ElRei de calecut veyo aqui e fez o que já sabeis, destroyo elrei de cochy e parte das mercadorias delRei noso senhor; tornaste a rreformar esta ilha per vosa vymda, e fezestes nella fortaleza, e metestes elRei de pose, e tornastes o seu a seu dono, e não sòmente reformastes isto, mas ainda elRei noso Senhor nom acabar de perder o trato da India, o quall trato sabidamente estaa neste porto de coochy, em o quall elrey de calecut nom tem terra nem arvore, nem nenhuma posisam nem delyto (sic), soomente per peitas e amizades com alguns senhores que juzem sobre esta Rybeira........ comsynta por suas terras fazerem a guerra elrey de cochym. E o dito Rei de calecut parte de calecut, vem aqui, que sam trinta e cinquo leguoas, a fazer a guerra, e traz ca sua guedelha sobre este porto, porque lhe parece que semdo ElRei noso senhor, senhor deste

porto, o sera de toda a India como de feyto, porque quando eu party de Lixboa, elRei noso Senhor me deu *por emmenta* de *lhe mandar oito centos bhares* de pimenta, e de toda outra sorte despecearia nom chegava a quinhentos; e *aqui he o porto da pimenta*, e *isso laa sam* arrabaldes, e calecut muito mais arravalde que coulam, e cananor muito *pior porque esto porto faz os outros. Iso mesmo* comsire vosa merce, que toda a bem aventurança do governamento da India esta em quem tever o maar e for senhor dele; e *em a India ha muitas naos*; e ha grande navegaçam daqui pera malaquar (sic) e daqui ? *pera mequa*, e *tudo isto gasta pimenta* de molebar................ esta em tratar com suas naos...........pera onde vos aponto, e *para se estas couzas todas evitarem darei a conta a vosa* merce quando emboora vier, *pera* levardes a elRei noso senhor, emperoo (?) necessario he que boom comselho ajaaes pera em tamto comecardes de as por *em* pontoo; espero que se eu podese mover esta casa *que aqui fezestes pera* omde eu quise-. se, por ventura vos leixaria de requerer o que abaixo (sic) Senhor vosa merce hade saber que com fama desta paz de calecut, e parecendo aos de calecut que aqui nom haviam de ficar naaos da armada, enceilararam suas especiarias pera as suas naaos, pello quall as delRei nosso Senhor as nom podem aver. E isso mesmo os de *calecut tem tamto fraudada a paz*, e sam tam..............o que querem que ha mester huum paão *pera os..............que* elRei *mande posança* (?) *pareceme* muito serviço......sua alteza que pera conservação do trato delRei noso senhor...deste porto, e para descamso da carregaçam das naaos vyndoyras que he muito necesareo, e tanto quanto vos bem creo comprenderes que ordenasees vos e vosso primo que a naao vosa, de que he capitam amtam garcia, e o navio conceiçam, com as caravelinhas, ouvesem aqui de ficar darmada, porque sam navios que bem poderam aqui emtrar a imvernar neste porto, com as quaes naaos se pode fazer que nenhuma especearia nom saya da terra, e ellas mesmas pagaram per sy as despezas que ellas fezerem. E aimda eu vos requerera a

naao de fernam martins, se me parecera que neste porto, ou em outro algum por aqui de redor, ella podya entrar pera imvernar. O pejo que a isto alguns poderam teer de dizerem que isto seria teer guerra com toda a Imdia, e eu avelohya por mais servico delRei tela comtenuadamente, tyrando coulam e cananor e cochy, que doutra maneira atee que elRei mandase tal armada quo desfezese todalas naaos da Imdia, porque doutra maneira nom pode ser senhor della; e estas naaos pollo presente fycando aqui seram senhoras de saber quem leva a especyaria, e de castygarem segundo parecer bem os que sam contra seruiço delRei noso senhor, e nam sera nenhum ousado de carregar a dita especearya, e os de calecut se reformariam mais com a preza (?) que tantas vezes tem fraudada, e por outras muitas rrezoões mais soficientes que eu darei a vossa mercee quando aqui vier.

Item—A outra he que vossa mercee me spreveo que vos parecia bem ficar hy alguem em coulam, sôbre isto eu tambem sprevo a vosa merce que, qualquer cousa que niso fezer, rresguarde que hade ficar de minha........ e eu lhe responder com as mercadorias (?) e ordenança do....... definam (?) porque para isto he esta casa aqui feita pera daqui sairem as mercadorias, e homens, e ordenanças, como eu espero que vosa merce guardara o que a mim compre, porem o trato sera hy asentado com as menos comdições que poderdes que a nos tragam dano. beijo as mãos de vosa merce. sprita em cochy a vinte e cimco de dezembro de 503.——— Diogo Fernandes.

Ao senhor o senhor afomso dalboquerque capitão moor delRei noso senhor, que ora estaa no porto de coullam e etc. meu senhor. etc.

(Tôrre do Tombo—C. Cron. P. 1.ª, Maç. 4, D. 43)

NOTA

Esta carta é de Diogo Fernandes Correa que D. Vasco da Gama em *1502 colocou à testa da feitoria de Cochim* (*Barros—Dec.* I, liv, V e VII; Gaspar Corrêa—Lendas I, 312) Foi endereçada para Coulão, onde se encontrava Afonso de Albuquerque. Francisco de Albuquerque e Afonso de Albuquerque embarcaram, a 31 de Janeiro de 1504, com destino a Portugal, deixando em Cochim uma armada sob o comando de Duarte Pacheco, a pedido do rei de Cochim, segundo Barros (Dec. I, liv. VII, c. III) ou do mouro Cojibéque de Calicut, segundo Gaspar Corrêa (*Lendas* I, 408) ou de ambos, segundo Castanheda (obr. cit, liv. I, c. LXIII). A carta de Diogo Fernandes mostra que os Albuquerques aceitaram a sugestão do feitor de Cochim deixando a Duarte Pacheco "na sua nao & mais duas caravelas de q. erão capitãis Pero rafael & Diogo pirez: & hũ batel de hũa nao & deixarãlhe noventa homẽs: porque tirando os de que tinha necessidade pera marearem as naos os mais estauão muyto doentes: E assi lhe deixarão a mais artelharia & munições que poderão "(Castanheda, obr. cit., liv. I, cap. LXIII).

V—Carta de Diogo Fernandes e Lourenço Moreno para ElRei D. Manuel

(9 de Janeiro de 1504)

Documento n.º 15

Senhor—Porque eu sei que os capitães e gentes que de qua vaão ham de ser desvairados no que vos ham de contar das cousas de qua, de como estam e como fiquam e como quebrarom e pasarom farei relaçom a vosa alteza sem desuiar e sem nenhuma afeiçom soo ao que he voso serviço, que de vos uiuo e nom doutrem.

Senhor do quebrar da paz de calecut despois de ella assentada francisco dalboquerque deu seu asynado dela como creio que vosa alteza ja vio por pedro datayde, da qual tambem pidirom meu asynado, e o capitam nom quis que eu asynase com elle, e dise que eu lho dese de fora, e emtam aluaro spriuam e eu lhe demos huum asynado de como aquella paz asentaramos, e que a auian dasynar os capitaaes mores. E quando eu me vy com o irmãoo delrey de calecut, e que de todo asentamos, foy antre nos concertado que ate a sesta feira que vynha, que eram cinquo dias, elle fezesse partir das fronteiras toda sua gente darmas e outro irmaão seu que estaua em rrepeli com todollos batees de guerra em maneira que o porto de cochym ficase despejado de todo pera per elle andarem pacificamente os mercadores e barcas e mercadorias, e todo fose paz, e eu lhe fiquey de tambem ao sabado seguinte hum senhor (sic) que aquy era em fauor delrey de cochyn que se chama o chenbo chanbeaderi, o qual he muito a vos seruiço com toda sua gente, que eram bem cinco homens, se partir de cochym e suas terras, o irmão delrey de calecut conprio ate a dita sesta feira, e mandou hir seu irmaão pera crangalor,

onde elle estaua, que eram quatro legoas, com todo petreicho de guerra. E esta deligencia fez maliciozamente por fazer hir daqui o dito chenbo chanbeaderi, e emtam tomar aa guerra taxando o porto. E porque ja la era mandado Rodrigo Reynel e os outros por mandado do capitam, e o dito chenbo chanbeaderi em o dito tempo mandou toda sua gente, e sua pesoa partio ao domingo de noite que era mais huum dia, porqual o irmaão delrey de calecut tomou por achaque que nom comprirom com ele, e logo supito mandou tornar o irmaão com todollos batees armados e milhor corregedos e a gente darmas a reepeli donde partira parecendolhe que tynha ja la senhor, e podia fazer o que quisese sem nos ousarmos bolir. E teve esta maneira, toda a pimenta fez ir pela outra banda do rio a crangalor e nom quis consentir que nenhuma viese nas nosas naaos. E trazia sobre isto trinta e tantos batees darmada, afora batees doutra sorte, de maneira que estangnarom aqui de todo a pimenta, pollo qual foy necesario ao capitam mór francisco dalbuquerque veendo este engano hir pelo rio acima por pimenta pera sua carga, e foy e trouxe humma cantidade della, e emquanto elle la era tomaram os de calecut huum batel que trazia telha para esta casa de vosa alteza, e escapou do batel diogo paes de dom martinho (sic) que eu tynha mandado a pagala e trazer, e asy tomarom outras couzas em o dito batel, e dalli em dias pasando quatro batees de pimenta pera crangalor que erom de mercadores que a la leuauam, estaua hum veador da fazenda deste rei de cochym em humma sua ilha per honde pasauam e reteue os ditos batees de pimenta, sobre o quall logo o irmaão delrei de calecut spreueo ao capitam e a mym e eu fuy a elrei e logo neesa ora os mandou soltar e se foram a crangalor, e despois disto cinco ou seis dias conveo ao capitam tornar por mais pimenta, e mandou leonel dalbuquerque em a carauela pequena e fernam rodrigues em o batel de sam miguel que deus salue e forom aas suas vontades pello rio acima, e a tornada acharom todollos batees e força de calecut no caminho, e com boas arronbadas e muita artelharia

e gente que vinhom a ferrar a dita carauella e batel, e ouuerom tal peleja que durou tres oras largas e per noite se partirom, em que de huum cabo e doutro tirarom em grande cantidade de tiros, e quis noso senhor dar vitoria a vosas gentes sem perigo de nenhuma pesoa morta nem ferida, e dos seus forom muitos, e esto fezerom eles porque lhes pareceo que tinham tomada a carauela e batel, e elles tomados tomariam fetor e spriuãaes e mercadores que erom decendidos em terra com dinheiro que o capitam ca ordenou contra minha vontade, e o capitam o fez por melhor mas certo nom de meu conselho, e quando nom poderom auer seu contento, dos nauios desemularom com o all e a meu ver esta cobiça os fez romper desta maneira e tambem parte cauzou teerem prometido mil e quinhentos bahares de pimenta dos quaees logo em crangalor sem nenhuma detença auiam de dar trezentos bahares, os quaees nos trabalhamos por ali auer por respeito de penhor e nos podermos neelles algum tanto fiar, porque antes que asentasemos esta paz já tinhamos ceem bahares dos ditos trezentos, mas tanto que aquelles que la o capitam mandou começarom de comprar por dinheiro e a vosa pimenta esquecir, a elles pareceo nosa necesidade ser grande e fezerom de nos o que quizerom, e leuemente lhes foy leuado em comta por podermos carregar e porem eu mandei la hir homees a requerella e esteverom la sempre e a partida pagaram nouenta bahares porque dez tinham dados, e asy que ate hoje nove dias de Janeiro recebemos mais de duzentos bahares, porque dos cento que falecem lhes deu o capitam espaço para os pagarem em fanane, e a quinze dias de dezembro pasado se obrigarom dar os outros mil e duzentos que auiam de dar em calecut e eles ate oje nom tem dados mais de duzentos de toda a forma. E isto pasa desta maneira, sprita em este castelo de cochim a nove dias de Janeiro de mil quinhentos e quatro.

Por francisco dalbuquerque envio a vosa alteza hum papagaio uermelho muito especelente e fermoso, e isto mesmo

amostra das bombardas que qua fazem com suas camaras (?).—Diogo Fernandes—Lourenço Moreno.

(Em dorso) A elrey noso senhor.

(Letra-coeva) Da India per affomso dalbuquerque.

(Tôrre do Tombo—C. Cron., P. 1.a, Maç. 4, D. 52).

NOTA

Diogo Fernandes era Feitor de Cochim e Lourenço Moreno escripvão da Feitoria (Barros—Dec I, liv. v, c. VII).

Esta carta esclarece o que escreveram Barros e Castanheda: "Chegado Afonso de Albuquerque a Coulão buscar esta carga, foi mui bem recebido, e festejado dos Governadores da terra, e assentou trato com elles ao modo de Cochij, e que ficasse alli hum Feitor pera que ordinariamente cada anno viessem tomar carga duas, ou tres náos, segundo a novidade fosse. Por razão do qual concerto leixou por Feitor António de Sá de Santarem, Ruy de Araújo, e Lopo Rabello por Escrivães, com obra de vinte homens pera guarda da Feitoria, que foi huma casa, que lhe os Governadores da terra ordenáram: e com isto acabado, e sua carga feita, se tornou a Cochij. O Çamorij, em quanto Afonso de Albuquerque esteve tomando esta carga, foi avisado disso: e vendo que lhe aproveitavam pouco seus paráos armados, pera que a pimenta não viesse a Cochij pois fóra delle em tão poucos dias achavamos carga; e que a canella, cravo, maças, e outras drogas da parte donde vinham ao seu Reyno, podiam vir às nossas mãos, e gengivre bastava Cananor, com que tinhamos amizade: tenteando estas cousas, e as passadas, que lhe tinham custado tanto, converteo a indignação a regra de prudencia, querer ante segura paz, que guerra tão damnosa como era a que tinha comnosco. Sobre o qual proposito mandou certos Embaixadores a Francisco de Albuquerque movendo-lhe contracto de pazes que lhe foram concedidas com estas condições: que havia de dar mil e quinhentos bahares de pimenta pela fazenda, que fora tomada na morte de Aires Correa, e mais que mandasse

logo despejar seus 'portos dos navios, náos, e paráos de suas Armadas, pera as nossas náos poderem ir tomar carga, e que os dous bombardeiros, que se lançáram com elle, que os entregasse. Feito êste concerto, a primeira cousa que se nisso fez, foi ir Duarte Pacheco a Cranganor a receber os mil e quinhentos bahares de pimenta, parte da qual trouxe, e veio baldear em a náo de Francisco de Albuquerque. E tornando lá outra vez com Nicoláo Coelho, por lhe ser promettido que lhe dariam carga pera ambas as náos, não acháram o recado segundo a esperança que levavam, porque ElRey estava já arrependido, por razão dos bombardeiros, pola entrega dos quaes Francisco de Albuquerque apertava. Finalmente, como elle desejava ter alguma pequena causa de quebrar o contracto das pazes, succedeo cousa que veio a descubrir esta sua tenção, e foi esta. Indo hum batel destas duas náos per hum esteiro assima, onde lhe tinham dito que fosse a receber pimenta, encontráram hum paráo, que vinha carregado della, o quall parece que foi lançado áquelle proposito; porque querendo os nossos receber a pimenta, sobre a entrega della, vieram huns, e outros ás armas, na qual revolta os nossos matáram seis homens do paráo, e feríram outros, e elles também vieram sangrados della. A qualcousa tanto que o Çamorij soube, como quem esperava por isso, mandou logo cerrar todolos portos, e sem pedir restituição, nem se aqueixar daquelle damno, tornou á guerra." (*Barros*—Dec. I, liv. VII, c. III).

"Muyto pesou aos mercadores mouros de Coulão do assento da nossa feytoria porq a fora ho odio q tinhão aos nossos parecialhes que os anião de fazer ir dali trabalharão quanto poderão com el rey de Coulão: q não consentisse a feytoria não ho podendo acabar meterão por terceyro a el rey de Calicut a quem escreuerão o que passaua. Mas tã pouco acabou como eles do que ficou muyto triste: & mais conheceo que pera lãçar os nossos fora da India lhe aproveitava pouco não os acolher ẽ seu porto, pois os reys de Cananor, de Cochi, & de Coulão os acolhião nos seus & lhes dauã carrega. E vio claramente que não tendo paz com os nossos perderia suas rendas, porq. os mouros que lhas dauão nã tratauão como dãtes cõ medo dos nossos. E tendo paz coelles tornarião a seus tratos: & elle cobraria seus dereytos, de que tinha perdido muyta parte. Pelo qual ẽ todo caso lhe conuinha ter paz com os nossos. E

da esta cõta, não quis dar parte dela se não a seu irmão, q. lhe acõselhou q. assi ho fizesses dãdolhe pera isso muytas rezões. & secretamete mandarão recado a Frãcisco d'albuquerque sobre as pazes, com cõdição q. pagaria em pimenta a fazẽda que fora tomada a Pedraluarez cabral. E cõ o parecer dos outros capitães, & del rey de Cochim foy assentada a paz cõ cõdição q. el rey de Calicut mandasse despejar suas armadas q. trazia pelos: & pela fazenda q. fora tomada a Pedraluarez desse quatro mil & quinhentos quintais de pimẽta pera os leuarẽ naquelas naos. E que aui a de mandar entregar presos em ferros os Itilianos arrenegados: & q nhũa nao de mouros de Calicut podesse navegar pera ho mar roxo: & q avia de ser amigo del rey de Cochim. E coestas condições foy feyto hũ contrato de pazes antre elrey de Calicut, & Francisco dalbuquerque: sómente se tirou a entrega dos dous arrenegados, em que elrey de Calicut não quis consentir. E tirãdo esta condição assinou elrey ho cõtrato. E isto foy feyto tão secretamẽte nunca ho senhor de Repelim, nem nhũ dos mouros ho souberão se nã despois de feyto: do q eles ficarão muyto escandalizados, & tão sospeitosos del rey q algũs se forão de Calicut. E este segredo teue Nambeadarim, porq a paz ouuesse effeyto: porq nunca ho ouuera se ho souberão os mouros. Assentada a paz, logo Nambeadarim se partio pera Cranganor: porq hi se auia de dar a pimenta q não quis se desse em Calicut por se escusarẽ brigas, ou outras deferẽças q poderião recrecer antre os nossos, & os mouros: & tambẽ pera dali poder logo recolher as armadas q andauão pelos rios. E a Cranganor mandou Frãcisco dalbuquerq Duarte pacheco pera leuar a pimẽta q podesse na sua nao: & q leuasse a hũ caualeyro chamado Rodrigo reynel pera feytor daquela pimẽta & coele dous escriuães. Os quaes Duarte pacheco mandou a terra dandolhe primeyro Nambeadarim arrefens. E como ele desejaua muyto que esta paz fosse por diãte fez aos nossos todo ho bõ gasalhado q pode E deu na carregação da pimẽta todo ho auiamento q foy possivel: & deulhe oytocẽtos quĩtais de pimẽta. E sabẽdo Frãcisco dalbuquerq a cousa como ya, porq se desse mór pressa, ẽ quãto Duarte pacheco descarregaua mãdou a Niculao coelho q. fosse por mais pimẽta, & ẽ quanto hũ descarregaua ya outro carregar. E andando nisto, leuãdo hũs Malabares hũ tone de pimenta por dentro dos

rios pera Cranganor, ho feytor de Cochim sem ho saber Frãcisco dalbuquerque ho mandou tomar por homẽs da feytoria, dizendo que elrey de Calicut cõ dissimulação de dar pimẽta aos nossos mãdaua ao mar roxo contra ho contrato das pazes. E a pimenta foy tomada, & morto hũ dos Malabares : do que Nambeadarim se aqueixou muyto a Duarte pacheco, porq conhecia a el rey seu irmão por tal que se auia de querer vingar, se Francisco dalbuquerque não desse disso alguã emẽda : mas ele a não deu. O que sabẽdo elrey de Calicut mãdou a Nambeadarim que soltasse pelos rios as armadas que tinha recolhidas, ate cobrar o que valia a pimenta que lhe tomarão. E revolueose a cousa de modo que os mercadores que leuauão pimenta á nossa feytoria de Cochim a não querião leuar. E Francisco dalbuquerque que via que tinha culpa naquilo, não ousaua de se queixar a Nambeadarim das armadas que soltara pelos rios, & dissimulaua. E mandou dizer aos mercadores que levassem a pimẽta a hũ certo passo : & que ele a iria hi receber. E mandou lá Pero rafael na sua carauela, & hũ batel armado em sua cõpanhia. E como forão no passo forão logo sobreles corenta paraós, & pelejarão coeles & ferirãolhe muytos. E tão mal tratada foy a carauela, que foy necessário ao batel ir pedir socorro a Francisco dalbuquerque, q. lhe foy logo acodir : & com sua ida fugirão os paraós, & a carauela ficou tão furada das bombardadas que a leuarão ao porto da nossa fortaleza : & tirarãna a mõte pera a concertarem & daqui ficarão as pazes quasi quebradas : & nã se deu em Cranganor mais nhũa pimenta, nem Nãbeadarim não quis dar licença a Rodrigo reynel : nem aos outros comquanto lha ele pedio pera se ir pera Cochim, & disselhe que se não fosse porque as pazes não erão quebradas de todo q. ele esperaua de as tornar a assentar : & fazialhe ho mesmo favor q dantes, cõ todo ho gasalhado que podia ser & ainda que Rodrigo reynel escreueo a Francisco dalbuquerque que ho mandasse pedir ele não quis, dizendo que se deixasse estar, porque se ho mandasse pedir quebrarseyão as pazes de todo : o que ele nã queria porq esperaua de as tornar a assentar quando passasse por Calicut pera onde estaua de caminho."

(Castanheda—*História do Descobrimento e Conquista da India*—Liv. I, Cap. LXII).

VI — O regresso de Afonso de Albuquerque.

Mandado de Afonso de Albuquerque para o Feitor de Cananor

(26 de Janeiro de 1504)

Documento n.º 16

Senhor Gonçalo gill feitor d'ElRey noso senhor em Cananor, afionso dalbuquerque capytam mor da armada que me el Rey nosso senhor hordenou para as Indias, vos mando da parte do dito senhor que vos me mandes dar estas cousas que me sam necesaryas para minha vyagem as quaes sam estas que se seguem; primeiramente hum pylloto para me lhevar por hestas hylhas por hos tempos serem taes que se nam pode al fazer, e me des hum pao pera hum masto de huma contramezena pera a não de fernão martins por quanto lhe quebrou ho seu, e mais duas mill (sic) vellas de pano de treo pera dous papafigos das ditas naos por quanto nam tem vellas para poderem navegar, e mays pera mantimento de toda esta gente cem moras daroz, a saber pera ambas as naos e mais sete mill pexes secos e hum auste, duas cordas de servir. E as ditas cousas entregares a tristam alvares feitor da dita nao pera com seu conicimento feito por ho esprivão da dita nao com este mandado vos ser llevado em conta, feito a vinte e seis de Janeiro de mil quinhentos e quatro anos.

(Assignado) *Affomso dalboquerque.*

(No verso) Recebeo tristam alvares feitor da nao san-

tiago estas cousas atras espritas neste mandado de affomso de albuquerque que hora vai por capitam mor, e por verdade lhe deiveste ao dito gonçalo gyll feitor por mim andre Rodrigues esprivam da nao santiago em que ho dito capitam mor vay e asynado por ambos, as quaes cousas lhe deytei em meu livro em receita. feito a dezoito de Janeiro de mil quinhentos e quatro anos.

André Rodrigues=Tristam alvares

(Tôrre de Tombo—C. Cron., P. 2.a, Maç. 8, D. 13)

NOTA

"Tendo já o grande Afonso Dalboquerque suas náos prestes, e elle embarcado pera se partir pera Portugal, chegou o Feitor a bordo e disse-lhe, que Francisco Dalboquerque se partira pera Cananor, sem levar nenhuma droga, ainda que per muitas vezes lhe requerêra que a levasse, porque tudo tinha prestes dentro na fortaleza; que lhe pedia muito que quisesse fazer êste serviço a ElRey em as levar até Cananor, porque ali avia de achar Francisco Dalboquerque. Afonso Dalboquerque, ainda que tinha as náos muito sobrecarregadas, por servir ElRey tomou todo o cravo, e canela, que lhe o Feitor deu; e partindo-se dali, chegou a Calicut, onde achou Francisco Dalboquerque tratando de pazes: e sem assentar nada, se partiram ambos, e foram ter a Cananor, e ali lhe entregou Afonso Dalboquerque todo o cravo, e canela que levava. E porque Francisco Dalboquerque avia de acabar de carregar suas náos, e dava-se hum pouco de vagar, e ElRey D. Manoel mandava em seu regimento que ambos viessem juntos, assentiram todos os Officiaes da Feitoria, que Afonso Dalboquerque esperasse ate vinte de Janeiro, e

passado este tempo, se partisse logo. E sendo já vinte cinco dias do dito mes, vendo Afonso Dalboquerque que elle fazia pouca diligencia no carregar das suas náos, assentou de se partir, e não esperar mais. E sobre a navegação que faria ouve muitos conselhos, e pareceres: e por fim de tudo assentaram que fizesse seu caminho dereito a Moçambique. Afonso Dalboquerque, porque aquella navegação não era muito trilhada naquelle tempo, levou hum piloto mouro de Cananor consigo, contra parecer de todos, que diziam que aquelle Mouro auia de dar com elle a través; mas o mouro era tam bom official daquelle officio, e sabia tam bem aquelle caminho, que o levou dereito a Moçambique por boa navegação, sem ter nengum contraste: e ali o deixou, dando-lhe cincoenta cruzados por seu trabalho. E sem fazer nenhuma demora, fez seu caminho dereito ao Cabo de boa esperança. E porque Fernão Martinz Dalmada tinha muyta necessidade dagoa, foram tomar a agoada de sam Bras, deteveram-se nella dous dias, trabalhando de noite e de dia. E neste trabalho se perdeo o batel d'Afonso Dalboquerque, porque vinha já muito comesto do bufano. E ali acharam huma carta cerrada, emburulhada em hum pano encerado, posta em hum pão que dezia, que Antonio de Saldanha, e a Taforea, e a nao de Setuval, chegaram ali no mes de Outubro. Afonso Dalboquerque, tanto que as suas náos tiveram tomado agoa, fez-se à véla, e veio-se na volta do Cabo de boa Esperança, e com bons tempos o dobrou o primeiro dia de Maio. Dobrado o Cabo por conselho dos Pilotos fizeram seu caminho até se fôrem em altura de dez gráos da banda do norte. E nesta paragem teveram grandes calmarias, onde lhe adoeceo alguma gente e dali vieram dia de sam Joam pola menhãa à vista do Cabo Darco, que he entre os baixos de Arguim, e Canaguá; e porque a nao de Afonso Dalboquerque fazia muyta agoa, determinou, por se achar naquella paragem, ir demandar a ilha do Caboverde, pera ali fornecer suas naos do necessario por ser mais perto: e ainda que os ventos neste tempo forem contrairos, nosso Senhor os ajudou de maneira, que vieram ter à ilha. E sendo apegados com a terra, quebrou a verga da náo de Afonso Dalboquerque e rompeo-se o papafigo todo, por que vinham forçando o tempo pera aferrarem a ilha, e com o traquete foy forgir no porto da praia de sancta

Maria, com as outras duas naos de sua conserva, já todos muyto desaparelhados de amarras, e velas, e de todas as outras cousas necessarias pera huma viagem tão comprida. E se nosso Senhor milagrosamente os ali não trouxera, (por não ser esta a verdadeira navegação que aviam de fazer,) elles foram consumidos nesse mar, e estiveram ali tres dias. Repairadas as náos de todo o necessario, e tomada agoa, e mantimentos pera sua viagem, partiram pera Portugal, e com bons temporaes, sem tomarem outra terra, chegaram a Lisboa por fim de Julho do dito anno de mil e quinhentos e quatro, onde Afonso Dalboquerque foy muyto bem recebido delRey Dom Manoel, fazendo-lhe muitas honras, e gafalhados, mostrando muito contentamento do bom socesso, que naquella viagem teve, e da fortaleza de Cochim ficar feita. Francisco Dalboquerque, que ficava em Cananor carregando suas naos, como tenho dito, partio-se a cinco de Fevereiro, e no caminho se perdeo com as outras duas náos de sua conserva, sem nunca se poder saber onde, nem como se perderam ".
(*Comentarios de Afonso de Alboquerque*, pte. I, cap. VI).

VII — O Naufrágio de Vicente Sodré.

Carta de Pedro Ataide para ElRei D. Manuel

(20 de Fevereiro de 1504)

Documento n.° 17

Senhor—Vossa senhoria sabera que depois da partida do allmirante se partio Vicente sodre que deus aja pera guardafune e no caminho tomamos huum zanbuquo com pimenta e açucar e outras couzas muitas, e como chegamos a guardafune tomamos huma naao, e dally senhor alguums dias tomamos tres, e as quatro dellas traziam muitos emfindos panos e arroz e algumas mercadorias outras que era crauo de bastaom e beigoim e quanfora e muitas outras sortes de mercadarias e a maneira senhor que se tynha depois de serem tomadas era esta que sem mais serem buscadas as tinha bras sodre por popa esses dias que elle queria atee que auia delas isso que lhe bem vinha, e depois de o teer a hiam busquar, de maneira senhor que nunqua nellas achauaom senaom os fardos grandes que se naom podiam leuar nem em arqua nem em quofre nunqua se achaua cousa de valia, e achauaom muytos delles abertos, e alem disto tudo senhor tendo ele huma naao de chaull por popa que trazia muito booa roupa por tomar della como fazia as outras todas mandou que se disese aquella noite a sallua na proa o que se nunqua dise, em toda a viaguem senaom aquela noite, e estando todos asy a sallua mandou ha dita naao que por popa tinha o seu esquife e nele hia antonio camello e huum guormete e huum seu negro e o piloto da mesma naao de chaull que elle tinha na sua naao e trouxeram della dous fardos grandes de touquas de bandas de seda das quaaes eu senhor despois tyrey

parte dellas da sua naao depois de ser perdida, afora outras cousas que beem podiam trazer e outras muitas que eram furtadas que eu tyrey de dentro da sua naao, e dito loguo ally pollo seu espriuam e mestre que taaes couzas naom eram asemtadas em liuro de vosa senhoria afora outras muitas que elle tomaua quando queria porque ninguem naom ousaua de lhe ir a mão porque lhe seu irmão daua consentymento a tudo fazer. E dally nos partimos pera quicamurea porque nunqua vicente sodre quis que fosemos inuernar a barbaraa nem a zeilla pondo por achaque que queria ir coreguer a carauela, e depois senhor de nosa cheguada a quicamurea varamos a carauella, em terra e daly alguums dias aquallmou ho ponente e os mouros da ilha lhe diseram que se fosse dally porque auia do ventar outro vento muyto e elle lhe respondeo que tynha amaras de fero e os mouros lhe tornaraom a dizer que se fose loguo que ainda que fosem daço nam eram poderosas para o terem, e que o vento trazia muito maar comsiguo e que faria bem de se ir loguó, de maneira senhor que ao outro dia foy loguo ho vento tanto e ho maar tam grande que foy loguo a naao de vicente sodre a costa e apos ella a de bras sodre com o masto cortado tendo cada· huma delas seis amaras por proa e proueo a nosso senhor de me querer emtaom deixar com ho masto cortado e soos duas amaras por proa pera remedio e salluaçam de tanta gente quanta ficaua perdida que escapara das naaos, e loguo senhor aquela noite que bras sodre saio em terra mandou matar ho piloto mouro que ele mandou a naao que elle tinha por popa quando tomou os fardos, e asy mandou matar ho piloto da naao de mequa que tomou ho allmirante que era ho milhor que auia em toda a India e que mais necesario era a vosa senhoria, e eu senhor dey hum que trazia a francisco dalboquerque que arrezoadamente sabe da India. Senhor depois da perdiçam das naaos e morte de vicente sodre se pasaraom muitas cousas que vosa senhoria sabera por muitas pesoas e por mim mais largamente se me deus la leuar e eu senhor oulhan-...

do as couzas de voso serviço e naom oulhando a outras muitas que emtaom requereeraom e tambem vendo que andaua a jente desaraugada em terra requolhy comiguo cento e cinqoenta pessoas e asy reparty a cada huma das carauelas a jente que beem podia leuar, e depois de a jente ser repartida tomey os espriuaees todos e Rodrigo Reimell e lhe mandey abrir as esquotilhas e mostrar os payoes e o mantimento que tinha e aly lhe mandey loguo repartir todo o paom e arroz e outro mantimento que tinha solldo a liura ser (?) cada hum tinha a jente porque hy naom auia outro senaom o que eu tynha na naao, e depois de todo o mantimento asy ser repartido lhes dise que cada hum pozese em sy grande regra pois ja hy naão auia outro que repartir, e depois desta partilha feita estevemos aly dous mezes com muito tempo e quando nos quisemos partir se foy fernam Rodrigues huum dia primeiro que eu por o vento ser muito e as anquoras ho naão poderem teer e eu naão estaua tanto a pique maas loguo ao outro dia me party comendo ja por onças auia dias e vim teer junto com quananor honde tomey muito arros e emtaom me fui a cananor e cheguey a hum dia e francisco dalboquerque chegou ao outro loguo seguinte pello quall senhor lhe eu loguo dey vinte fardos darooz e duas pipas de polluora e desasete peças dartelharia, e outras que dey na fortaleza e as outras naaos. Senhor tendo francisco dalboquerque hordenado e determinado de irmos anbos pera portuguall antonio do campo e eu estando ja careguados, e quando foy ao partir dise antonio do campo que se fose e eu que ficase por huums dias, requerendolhe eu de uosa parte que nos deixase ir aubos pois que estauamos careguados e era mais uoso seruiço e a naao e a mercadaria naão quoreria risquo, o quall requerimento senhor lhe pobrigou aluaro vaaz presente muitas testemunhas, e depois de antonio do campo ser partido daly a oyto dias me deixou hir e deu licença pollo quall senhor vim ter a quananor honde achei antonio do campo e cheguey a quarta feira e partymonos ao dominguo loguo seguinte

ante menhaã e o porque me deteue francisco dalboquerque e naom nos mandou anboos foy por ho pititorio da comenda de vicente sodre que deus aja porque em todos emtraua esta emueja como vosa senhoria la uera em suas cartas primcipallmente em niqollao quoelho porque tynha mais liança com antonio do campo porque elle estoruou naaom virmos ambos e antonio do campo vir diante de mim, e asy tambem por antonio do campo deixar cem cruzados a niqolaao qoelho como la uosa senhoria sabera por francisco pireira, e espriuaaom e feitor desa naao afora outro muito que leixou na India como uosa senhoria sabera por os uosos oficiaes, e todo este dinheiro e outro muyto se ouue em huma naao que antonio do campo tomou honde se oulhou e fez pouquo e que compria a uoso seruiço como uosa senhoria sabera por toda a repubriqua desa naao, e achandoho eu asy senhor em quananor lhe roguey que teuesemos anbos companhia pera portugall o quall me elle dise que sy e depois de nos partidos de quananor antes que pasasemolos baixos de pala ele arribou hum dia pela menhãa indonos a quartell a popa de todo, e quando senhor eu aquillo vy arribo com elle pera ver o porque o fazia, e ele naom querer esperaar por mim emtam mandey tirar huma bombarda e ele me esperou e cheguey a elle e lhe preguntey que couza era aquela e ele me dise que harribaua por esse maar tornandolhe eu a dezer que porque o fazia respomdeome elle que esperara por mim e que eu que lhe nāão quisera fallar e que por isso me naom queria ter companhia. Emtaom lhe dise eu que como auia dadeuinhar que me ele queria falar pois que me naom fazia nem hum synall e lhe dise que naom era aquele boom quaminho aquele que fazia por amoor dos baixos de palla e que fosemos aqele dia todo a loeste pera lhe darmos mor resgardo aos baixos e ele dise que não que eu queria hir pera quardafune, e eu lhe torney ha roguar que naom perdia nada irmos aquele dia a loeste e ele o naaom quis fazer, e eu perguntey ao meu piloto se lhe pare-

cia bem irmos como hia antonio do campo e ele me dise que naom e que fosemos a loeste todo aquele dia e asy fomos antonio do campo por seu cabo e nos por ho noso que ho piloto dezia e disto senhor sabera la vosa senhoria per o espriuaom da naao e feitor e outras muitas pesoas, e a primeira terra que uiemos tomaar foy a de quilloa e daly uiemos ao longuo da costa pera moçambique e por nosa grande desauentura vinte ou vintacinquo leguoas de moçambique nos perdemos aos vinte e sete dias de janeiro e saímos em ho esquife por tres vezes todos em terra que batel não no traziamos, e aly naquela tera onde saimos auia humas quatro ou cinquo casas de mouros e a jente toda do sertam he quaferes. E vendo eu senhor que nos não podiamos saluar todos no esquife diselhe a todos que ficassem ally naquela terra e que eu veria a moçambique busquar remedio pera eles falando eu primeiro com os mouros dezendolhe que ficaua aly aquela jente de vosa senhoria e que eu me vinha caminho de moçambique a buscar zambucos em que viessem e os mouros me diseram que sobre suas cabeças estarim aly deixandolhe eu mantimento pera quinze dias que ainda tiramos da nao e vimme no esquife com quinze pessoas que mais se naom quiseraom vir comiguo auendome por mais perdido que elles. E asy vim ter a moçambique com muita fortuna e say loguo em terra e fuy loguo falar ao xeque contandolhe nosa desuentura e requerilhe que por seruiço de vosa senhoria mandase alguns zambucos por aquela jente que asy ficaua e ele daly a dous dias ho pos em obra e mandou loguo la e noos zanbuqos que la mandou hiam dous homeens nosos os quaaes eraom o piloto e pero dazeuedo sobrinho de vicente aluares que eu trazia comiguo e indo para honde ficara a jente topaarom antonio do Campo que vinha pera entrar em moçambique reqontandolhe toda nossa perdiçam e dizendolhe que faria beem de ir la com a naao ou mandar o batel a requolher aquela jente e asy ha artelharia porque entaom naom auia mais de cinquo dias que os leixaramos e

antonio do Campo lhe respondeo que nem huma daquelas *não queria fazer sendolhe o vento a popa pera tornar* laa e seram vinte leguas donde ele estaua, e depois disto andou cimquo dias sem poder emtrar em moçambique nem querer ir por a jente, e depois de entrar em moçambique lhe fez fernam pireira voso espriuão dous ou tres requerimentos que fosse la sem ele nunqua o querer fazer porque senhor bem se enxergou nele não ser voso capitão porque senhor se ele esperara o gualardaom e merce de vosa senhoria doutra *maneira* ho fezera *porque* senhor *certifiquo a vosa senhoria* que dally a oyto ou dez dias nunqua ouuemos dele nem hum mantimento asy do que trazia na naao como do que auia na terra padecendo nos a fome e estarmos as esmolas dos mouros que comnosquo auiam mais piedade que elle, e taom beem requerendolhe que nos leuase a todos pera portugall dezendo elle que naom podia leuar senão quatro ou cinqo e vendo eu senhor o desejo e vontade que ele tynha nas taaes cousas de noso seruiço e asy a minha grande emfermidade determinei de ficar com os outros. Senhor antonio do campo leua comsiguo dous ou tres homens dos que eu trazia comiguo que andou comuertendo e os leva asy comuertidos pera tirar suas culpas e daremna a quem ele quer, senhor naom crea vosa senhoria nada ate todos laa naom irmos, e de todas estas couzas persentes e pasadas francisco pireira e o espriuaom e feitor dessa naao vollo diraom mais larguamente se lho vosa senhoria perguntar, e perarias me tem aquy antonio do campo feitas como se eu fora infiell e não de portugall nom oulhando a eu ser uosso nem a minha grande infermidade, e huma lingoa que tynha me leua forçosamente tendo ele comsiguo duas na naao e tres ou quatro outros que tynha comuertidos e mais nam quis leuar, nam dou conta a uosa senhoria dos homens que deixey porque a não ha hy somente antonio do campo a dar a uosa senhoria, aguora senhor aleguo a uosa senhoria alguuns seruiços que lhe tenho feitos, senhor uosa se-

nhoria sera lenbrado como ha minha partida de portugall uosa senhoria me disse prometendome fazer tanto em mim que eu naom ouuese emueja a meu pay nem a meus parentes e porque senhor alem dos multos seruiços que meu pay e auos tem feitos eu senhor os tenho feitos a uosa senhoria e por mim naom desmereço que uosa senhoria me feça muitas merces como tem prometidas, e pera yso senhor lenbro a uosa senhoria e nomeo hos ditos seruiços primeiramente quando vim com pedraluares e o galardam que me ele deu por o eu fazer como fiz e por acettar a vinda com vicente sodre e taombem senhor por uosa senhoria mandar Joham seraaom por seu sota capitam que era hum homem desterado do reino e não conuiuia comuosquo nem era mais auto pera uos seruir que eu nem menos por seruiços que a uossa senhoria teuese feitos, e tambem senhor por uos traguer a guente e artilharia das naaos perdidas com tanto risquo de minha pesoa por seruir uossa senhoria com desejo, e com a jente que eu asy trouxe fez francisco dalboquerque ho que tem feito que fora beem emposiuell o fazer· asy a guera e o castelo que com os homens que eu trouxe fez que quausou a paz de qualecut na maneira que he, e alem de tudo ysto o que tenho recebido do almirante e sobretudo (?) a bras sodre por eu fazer o que cumpria a uoso seruiço como tenho esprito a uosa senhoria e depois mais largamente veraa e todaas estas e outras couzas muytas sabera por toda a repubriqua como ho eu tenho feito, e a merce senhor que vos peço he que oulhe uosa senhoria os seruiços que lhe tenho feitos e espero em deus fazer e asy tambeem minha desauentura e perder quanto tynha que uosa senhoria me faça merce dallquaidaria moor de tomar que vicente sodre tynha, e isto senhor peço a uosa senhoria lhe parecer que lha tenho merecida, e asy senhor peço a uosa senhoria que se me deus d'esta emfermidade leuar me façaes merce do solldo que tenho merecido e se paguarem algumas diuidas que tenho e o mais se auer de despender por minha allma e que por

parte de uosa senhoria naom minha allma emcarregada. Senhor naom crea vosa senhoria nem huma maa emformaçam de mim ate naom saberdes por mais homens que antonio do campo e tres ou quatro homens que leua comsiguo que naom daua mais por requerimentos que lhe faziam da uosa parte como capitaom que naom esperaua nada de uosa senhoria dezendo ao seu espriuão e defendendolhe que não saise da naao nem tomase requerimento, e que estimaua mais sua pessoa que quanto hy auia e isto tudo sabera uosa senhoria mais largamente por francisco pireira e oficiaes da naao que no presente eram feita em moçambique aos vinte dias do mes de feuereiro de mil quinhentos e quatro. Pero datayde.

Em dorso—Pera elrei noso senhor—Do pero datayde.

(Tôrre do Tombo—C. Cron., P. 1.a, Maç. 4, D. 57.)

NOTA

A esta carta se refere Gaspar Correa no seguintes termos: "... e Francisco d'Alboquerque se perdeo, que se nom vio, e Pero d'Atalde varou em huns baixos além de Quiloa, onde a nao se perdeo, e elle com a gente se saluou no batel com que se foy a Moçambique que já quándo chegarão hião pera morrer á sede onde dal'y a poucos dias morreo Pero d'Ataide, e deixou carta pera o Capitão mór que viesse que foy Lopo Soares, em que contaua todo o que hia pera Portugal, e o que na India ficaua". (*Lendas da India* I, 114). Esta carta esclarece os seguintes passos de Barros e Castanheda sôbre o naufrágio de Vicente Sodré:—

"Da viagem do qual António de Saldanha em seu lugar faremos relação por continuarmos com Francisco de Albuquerque, dando

primeiro razão dos navios de Vicente Sodré, que elle topou na costa da India bem perdidos, e assi o navio de Antonio do Campo, que, como atrás vimos, com hum temporal se perdeo á ida da conserva do Almirante. Vicente Sodré, segundo atrás dissemos, partido o Almirante da India junto de Cananor, se apartou delle, ficando com regimento que andasse, emquanto o tempo lhe désse lugar, na costa do Malabar em favor de Cananor, e Cochij, fazendo guerra ao Çamorij na entrada, e sahida das náos de Calecut; E quando o tempo lhe não servisse pera andar naquella costa, que he no inverno, fosse andar na boca do estreito do mar Roxo, fazendo guerra ás náos de Meca, o qual regimento elle cumprio té se perder. A primeira cousa que fez, foi aos ilheos de Sancta Maria, tomando quatro náos de Calecut, as quaes trouxe a Cananor, onde foram descarregadas de arroz, e mantimentos que levavam, fazendo entrega de tudo ao Feitor Gonçalo Gil Barbosa; e os Mouros, que nellas vinham deo a ElRey de Cananor a seu requerimento, por haver alli muitos que eram parentes de alguns que viviam em Cananor, a qual cousa ElRey estimou em grande honra. E neste tempo quasi em satisfação desta obra, ElRey o avisou do que o Çamorij movia contra ElRey de Cochij, com o qual recado elle se partio logo pera Cochij, e de caminho topou tres zambucos, que vinham das Ilhas de Maldíva, a que poz fogo por saber serem de Calecut. Chegado a Cochij, entregou a preza delles ao Feitor e vio-se com ElRey, dizendo, que era alli vindo ao que mandasse delle pela nova que tinha dos grandes apercebimentos, que o Çamorij fazia pera vir contra o seu Reyno. ElRey com palavras de muito agradecimento estimou aquela sua vinda, dizendo ser verdade o que se dizia; mas como era no princípio do inverno, em que o Çamorij não havia de mover senão passado elle, era escusada sua presença, que bem poderia dar huma vista á costa da Arabia, pera onde dizia que estava de caminho, e quando em boa hora tornasse, seria ao proprio tempo que o Çamorij movesse, se adiante houvesse de proceder no que tinha começado. Espedido Vicente Sodré d'ElRey, foi ter á Ilha Çocotorá, onde fez sua aguada, e della se passou ao cabo de Guardafu, que he a mais oriental terra, que tem a parte de Africa, e deste cabo atravessou a

costa de Arabia por ser mais seguida das náos, que da India hiam, ou vinham do estreito do mar Roxo, em a qual paragem tomou algumas de Cambaya com roupas, e outras de Calecut com especiaria, *que todas hiam pera o estreito. E porque elle andou alli obra* de dous mezes, e os Ponentes, que eram Abril, e Maio, começaram de ventar, conveio-lhe buscar algum abrigo o qual foi huma enseada vizinha ás Ilhas, a que chamam Curia Muria, e isto per conselho de dous Mouros Pilotos, com fundamento que como viesse Agosto de se fazer na volta da India, por ja ser passado o inverno. Com o qual fundamento, entrado nesta enseada, acudiram logo á ribeira do mar huns poucos de Mouros, a que elles chamam Baduijs, cuja vida he pastorar gado, e andar no campo ao modo que dizemos que andam os Alarves. E posto que no principio tiveram algum receio dos nossos, depois que gostáram do bem que lhes faziam, dando-lhes pannos, arroz, e outras cousas, que entre elles não havia, fizeramse tão familiares a elles, dando-lhes carneiros a troco de suas necessidades, que se chegáram com mulheres e filhos á praia do mar a fazer alguma pescaria, com que se mantem boa parte do anno. E hauendo perto de hum mez e meio que alli estaua, como estes Baduijs tinham conhecimento *de hum certo temporal, que ás vezes alli sobrevem*, deram aviso aos nossos aos quaes parecendo ser isto modo de os lançar dalli, por se dizer que haviam de passar per áquella costa certas naos de Ormuz, leixáram-se estar, té que á custa de seu damno verem que os Mouros lhes diziam verdade; porque foi tal o tempo, que se perdeo Vicente Sodré com a maior parte da gente, e assi se perdeo o navio de Braz Sodré seu irmão, e os outros milagrosamente escapáram. Cessando o qual tempo, se fizeram á vela caminho da India, onde vieram ter, quando Fran-

tenessem necessidade. E fizerão capitão mór a Pero dataide, & partirã na entrada de Mayo, & por ho inuerno da India lhe fazer já rosto passarão na viagem muito grãdes tormentas com que se virão quasi perdidos, & não podendo arribar a Cochim tomarão Anjadiua: onde lhes foy forçado innernarem por amor do tempo. E passados tres ou quatro dias que ali chegarão, chegou também hũa nao do que era capitão Antonio do campo, que indo com dom Vasco da gama lhe morreo logo ho piloto: & por isso foy sẽpre ao longo da costa, pelo que se deteue tanto, & com muyto trabalho chegou a Anjadiua, onde inuernarão todos, com assaz de fadiga, por não terem que comer... E Francisco dalbuquerque p. partio derradeyro chegou primeyro q. Afonso dalbuquerque cõ Nicolao coelho a Anjadiua em Agosto · onde ainda achou Pero dataide, & os outros capitães q hi inuernarão, de que sabendo a guerra que era declarada delrey de Calecut e del rey de Cochim sobre os nossos, foy logo com toda a frota, que era de seys velas, pera Cananor, pera hi saber o que passaua ẽ Cochim. E em Cananor fizerão os nossos grande festa com sua vinda. E elrey foy falar ao mar a Frãcisco dalbuquerq, & cõtoulhe o que sucedera em Cochim, & onde elrey estaua. E sabido isto partiose logo pera Cochim, & chegou quasi noyte, a hũ sabado dous de Setembro do mesmo anno."

(Castanheda — História do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses—Liv. I, Cap. LIV e LV).

VIII—Carta de Alvaro Vaz, escrivão da feitoria de Cochim, para ElRei D. Manuel

(24 de Dezembro de 1504)

Documento n.º 18

Senhor—Mandou nos ora vossa Senhoria que mui miudamente lhe scpreuescemos todalas jlhas e lugares que, neste maar da jmdia, e pela costa daquy tee melaqua, jazem; e asy as mercadorias que ha em cada hum, e, das nosas, quaees sam pera la milhores, e os preços dhuãs e doutras, etc. E, porque, pera estas cousas, ha mester mais seseguo e segurança da que, tee ora, nos ca teuemos, nam aja vosa Senhorja por estranho nom ser, polo presente, d'isso emformado, como deseja; porque, desde a partida dos alboquerques tee chegada de lopo soarez, a XIIIj° de setembro de 504, nam ouue ca pera nenhuũa outra cousa mais vagar, que pera rresistir a elrrej de calecut, que loguo veyo sobre coochy, como abaixo direj,—em breue, pola partida das naaos me nam dar vagar pera majs. E, comtudo, Senhor, postoque, pelas naaos de framçisquo d'alboquerque scprevese a vossa Senhorja, de tudo o que destas partes me parece que compre a voso seruiço, não deixo de o tocar nesta, ajmda que, per lopo soarez, que de qua vay emformado quamto compre, o podera muy bem ssaber.

E diguo, Senhor, que, deixando as cousas sobreditas, postoque d'ellas tenha emformaçam, pero nam tam çerta, como a vossa Senhorja sse deue scprever, o que farej muy largamente pela frota que emboora vier, —per scprito ou palaura, segundo vosa Senhorja de mjm tever ordenado,— venho aas desta terra em que estamos, que sam as que majs comprem a seu seruiço que nenhũas outras.

outras, em que vay, creyo, majs camtidade de pimenta do que vossa Senhorja fazia fumdamemto; e, ajmda que anuçiada viera, podera partir, tam bem carregada como cada huũa destas, per todo janeiro; e leuara mujta pimenta nova,—nam per mimguoa de velha, mas porque os mouros a compram e tem çarrada pera seus çambuquos, tamto que as naaos partem. Se vosa Senhorja mamda aquy amdar d armada as fustas e bragamtijns que lhe tenho scprito, que tolham que nenhuus çambuquos navegem, com este par de caravelas que qua estam, e, isso mesmo, se nesta fortaleza tem deposito XX ou XXX cruzados, aja por çerto que XXX quintaes de pimenta cadano se podem rrecolher, d'aquy tee coullam,—XX aquy, e d hy pera çima, e os majs lla; e, com este djnheiro, teremos a mercadoria no credito que mereçe, e sempre, com X cruzados em djnheiro, se gastaram, ao menos amte da vymda das naaos, outros tamtos de mercadoria, que em nenhũa manejra, por pimenta, sem esta mestura se pode gastar nem vemder a dinheiro, salvo alguum azougue. Ora veja vossa Senhorja quamto proueito se d isto segue, e quamto majs certa estara sempre a carregaçam e segurança da partida das naaos, a tempo que nam pasem o rrisquo que passou o almjrante; e, aalem de tudo, pois vosa Senhorja quer destroillos mouros da jmdia, o que, per esta maneira, pode fazer mjlhor que per nenhũa outra; e, em breue tempo, este rrio de coochy he pera ellas. o mjlhor do mumdo, nem majs seguro, e podem hir per ele açima b e bj. leguoas, e meter tamto espamto aos senhores que jazem per ele açima, omde a pimenta da sserra vem teer, que ajam em booa vemtura nam comsentjr que nenhuum mouro a compre, senam nos, que, sem jsto, nam pode ser em nenhũa maneira; e, per esta via, podemos amdar seguros com quallquer djnheiro per ssuas terras, e poupamdo pera uosa Senhorja o que os mouros gaanham; e nam estaremos cada vez aa sua desposiçam de nos fazerem mall ou bem, no despacho das naaos, no qual, se alguũa cousa fazem, he majs com vergonha que com vomtade. E, sse ajmda estas fustas fosem de tal tamanho, que abastasem

pera acarretar arroz, de cholamandell pera esta feitorja, era a mjlhor e a majs çerta mercadoria que todas, e casy tamto como djnheiro contado. Neste porto de coochy, Senhor, deve vossa Senhorja fazer todo seu fundamento, porque, elle ssoo, abasta majs pera huũa carregaçam que todo outro rrestamte; e, despois em coullam, que sempre ajudaraa com caecoullam muy bem, e asy pollos christãos, que naquela terra ha majs, virem a perfeito conheçimento de nossa ssamta fee; e abaštara hy huũa pequeña casa, omde nunqua deve estar majs mercadoria que quanta poder vemder; e aquella gastada, hir lhe outra deste castello, no quall compre prouer tudo o que vosa Senhorja mjlhor ssabe, se o ja, per as naaos por que emboora esperamos, o nam fez. Quamto a jsto, nom ha majs que dizer.

E, porque, das cousas da guerra delrrej de calecut co este de coochy, per vemtura se la falara per muytas manejras, dou conta delas a vosa Senhorja, pera as ssaber nem majs nem menos, senam como foram, e, iso mesmo, pera ver se conheçia eu bem como se esta terra perder e ganhar, segumdo meus rrequerimemtos, e matar sobre esta pequena armada que qua deixou framçisquo dalboquerque, a quall, Senhor, sem nenhuua duujda, se nam ficara, este (sic) frota, que deus toda leue a saluamento, fora muy duujdosa cousa carregar; e, ajmda sem duvida, porque, se, desta vez, elrrej de calecut se metera de pose de coochy, aja vossa Senhorja por çerto que toda ajuda fora em seu favor, e maravilha fora poder se lamçar fora saluo com gramdissimo trabalho, despeza, e rrisquo; mas noso Senhor deus, olhamdo a vosas vertudes e aa maa temçam do perro jmfiell e tredor, nam qujs que tall fose, mas, antes, ouue por bem que viese acomete-lo, pera lhe dar a pagua de quamtos erros e maldades tem cometidas comtra voso seruiço. E maneira de que tudo pasou, he a que se segue.

It.—Tamto que os alboquerques partiram, foy tamanha a fama que lamçou, de sua vjmda, sobre nos, e o estrondo que trazia com os mouros per calecut, que lhe pareçeo que, quamdo

chegase, nos achase ja embarcados nos navios, com toda a mercadoria, porque pera jsso, cujdou elle que ficava, e nam pera o que despois vio; e a xx bij de março, chegou a rrepely (que nos esta carregaçam muy rjjo ajudou, com mujta pimemta que d hy veyo) e trazia comsiguo muyta jemte, e lxx ou lxxx paraaos com ij bombardas cada huum, e obra de cxx barcos de rremo, a que chamam catures, com archeiros e alguũas bombardinhas de gamcho.

E, tamto que soubemos que era aly com aquele aparelho, partio pero rrafaell na carauelinha pequena, e hia tambem nella duarte pachequo, — per ordenança d elrrej, que estava cheyo de medo, ajmda do tempo pasado — e se foy lamçar açima do paso omde morreram os primçepes huũa booa meia legoa, dizemdo el rrej que nam se rreçeava senam d ally e que, co ela e co a jemte que estarja em terra, nam pasarja nenhuũa d elrrej de calecut.

E, estamdo asy la a carauela, como diguo, muy armada e com R ou Rb homens, domjmguo de rramos, derradeiro do dito mes de março, a oras de jamtar, sairam a ella todo llos I XXX paraaos e catures, e çercaram na toda derrador, e pelejaram aas bombardadas tee noyte. A carauela nunqua pareçeo, como começou de tirar que asy se cobrio de fumo. Emfim, que, despois de mortos e feridos mujtos dos de calecut, per tarde se foram, asy aparelhados como eles mereçiam. Da jemte da carauela, nenhuum homem morto nem ferido, damdo a alguuns as pedras na metade dos peitos, e nam lhe faziam nenhum dano; e a hum bizcainho, calafate, deu huũa em huum hombro, e, daly, na maça da façe, nam lhe fez majs nojo que huum sinal negro e huum pouquo jmchado, em cada parte. E, amtes d'isto, e neste meio tempo, os mouros daquy rrayvavam por fogir e despouorarem coochy-nam por all, senam por meterem desmayo aa jemte da terra; e peitavam, a elrrej por isso e nunqua o deixauam, de dia nem de noyte, senam matallo; e, como todollos molebares ssam majs cobiçosos que nenhuũa outra jemte, no lo rrogaua cada

dia, e nunqua nos a jsso pode armar; e a maneira que se teve pera não ffogirem, foy goarda se cada nojte o rrio e costa com huum paraao meu, em que eu amdava, e com ij e iij catures, que me nam podia nenhum escapar; mas, amtes, lhe tinha afirmado e presente a el rrey que, quallquer tomase, avia de lamçar ao maar; e el rrey, per outra parte, ffolgaua quamdo lhe mostraua as rrezões que pera jso avia: que bem nos abastava, a nos, pelejarmos, e despemdermos vossa ffazenda, por lhe gardar as ssuas e asy suas pesoas, molheres e filhos, e eles nam quererem senam cuydar que, com sua fogida, fauoreçiam o partido do perro; e, quamdo nam podiam alcamçar sua saida, pediam licemça pera mamdarem as molheres e fazendas, e suas pessoas ficarjam. Nunca hũa cousa nem outra poderam alcamçar; e esta me pareçe que foy das mais primcipaaes e fauorauees a coochy, porque se se foram, nam ou vera nenhuum mamtimento na terra; e, nam o avemdo, nam vieram em fauor d este rrey, per nossos m̃eyos, e dadivas, x ou xij rrex e senhores, com majs de x͠b homens de peleja (despojs, porem, que, com ajuda de deus, viram nosso partido fauoreçido) per iij ou quatro vezes; e, comtudo, aproveitou mujto a jemte que veyo, que asaz trabalho ouuera na costa sem ella, porque foy cometido coochy per outra parte, e nam per omde estauam as carauelas com mujta jemte, como abaixo direy.

Neste dia, estaua a carauela gramde em estaleiro. Loguo se lhe deu gram presa; e, como foy no maar, partio pera çima, pera o paso; e, estamdo ambas jumtas, terça feyra das oytauas de pascoa sairam todolos paraaos e catures, e muitos outros barquos pequenos, a que chamam tones, ajmda que d eles ha carregam iij quintaes de pimenta; e vieram obra d ametade deles ca, contra coochy, a esbombardea la praça e casas d el rrej; e, porque o navio de duarte pachequo estaua defronte da praça e lhe tirava, pareçeo lhe que era peleja com elle. Fez-se aa vela na caravella pequena, e vinha o socorrer; e dise a diogo piriz que tambem se

fezese aa uela e se viese deitar aa boca do esteiro, omde elrrey mamdou fazer huũa muy gramde estacada, que he omde morreram os primçepes, por tall que os paraaos nam emtrasem demtro e fezesem por aly alguum dano. Fez-se aa uela o dito diogo piriz; e os paraos, cuydamdo que era com alguum rreçeo, meteram-se apos elle, e tornou a sorgir. De como foram albardados da carauela, nom he pera falar; que morreram muytos, e foram feridos mujtos majs, e nenhuum dos nossos morto nem ferido; e foram bj ou bij paraaos arrombados com a bombarda grossa.

Senhor: neste tempo avia muy pouqua jemte em coochy, e estava elrrej muy reçeoso de se perder; e qujs deus que, sabado, xij dias d abrill, chegou o primcepe, de xxb ou xxx legoas daquj, dhuũa terra ssua, omde estava, e trouxe comsiguo obra de jb homens, e j ou tres caymaaes com rrezoada jemte. E, loguo ao outro dia, domimguo de pascoela detremjnou el rrej de calecut emtrar coochy per dous lugares quamdo vio que, per omde estavam as caravelas, o nam podia fazer; as quaes eram ja em baixo, na boca do estreito do passo omde morreram os primçepes; e a maneira em que foy he a seguynte:

Foy jumto nambeadarij, seu irmaão, e o nambeadarj, senhor de repely, e iij ou iiij outros, com iiij ou b homens, que eram já pasados, avia dias, como se as carauelas vieram de çima desta banda de coochy, em huum lugar que se chama Cumballam, omde se asemtou elrrej de calecut, que he tres leguoas d aquy; e emtraram per jumto com o maar, per camynho muj desuyado de pareçer que tall se ffaria; e o primçepe comquanto tinha já diso atoardas, aguardava pola peleja no paso omde morreram seus tios e irmaãos, e mandou lla abaixo, aaquelle lugar a que chamam o palinhar, huum caimal seu, com obra de iij homens; e os de calecut emtraram pela terra de coochy, e queimaram, muytas casas, desujadas da pouoraçam huũa leguoa, tee que o caymall chegou a elles e os amdou engodando per huũa veigua açima, tee os trazer apos sy, demtro ao palmar; e eram aly, com o dito caymall, huum homem meu, e outro do ffeitor, e

outro daquy, do castelo, que mandamos em huum catur pela costa, saber nova, se avia hy paraaos ou nom, avisamdo lhes que loguo tomasem com recado; e nom quizeram estes tres senam sair; e ajumtaram se com a jemte do caymal, e, despois, desmandaram-se huum pouquo, e mataram loguo, aas cutiladas, o framenguo do feitor, e ja elle tinha ij ou iij derribados, com huũa espimgarda que leuava; e, ao meu homem, escalaram huũa maão e o colo do braço, com huũa lamça. Foy socorrido, e escapou; e o outro fogio. E, tamto que asy foram demtro no palmar, amdando aas seetadas e cutiladas, chegou o primçepe case de traves, e meteo se com a jemte de calecut tam rrijo, que os fez ffogir; e, no alçamço, derribaram iil ou iijd elles, os majs primcipaaes panjcaes de goarda d el rrey de calecut, e naires que elle tinha; e os outros deixavam as espadas e adarguas, e embranhauam-se; e, dos de coochy, morreram b ou bj. E, ao outro dia, amdavam os poleares, que sam os lavradores do arroz, em busqua d eles com paaos; e, como achauãm o naire, asemtauam lhe tortoeirada, que dauam com ele d auesso; e asy morreriam, segundo ouuj, per aquela manejra, aas maãos dos poleares (que he a majs çivell jemte que qua ha, que nunqua chega a pouorado), obra de xx ou xxb.

Os paraaos nam curaram, aquele dia, das carauelas, e vyeram abayxo, jumto co a praça de coochy, com mujta jemte, fazemdo fumdamento que, como emtrasem polo palinhar, que fariam eles por ca outro tamto; e ja, açima da praça, tinham saltado em terra, e quejmado nom sey quamtas casas e mortos ij ou iij homens. El rrey estava em huum tabernacollo, a que chamam çeramby, no cabo da dita praça, em casa d huum mercador, per nome jçimale merquar; e os paraaos, com as proas em terra, açima dele huum tiro de beesta, esbombardeando o ja; e todo llos mouros, mercadores e outros, eram embarcados, com suas molheres e filhos, pera fogirem. E, nisto, chegou de coochy pero fernandez, condestabre deste castelo, e deu a nova, e que vinham a pelejar com o navio. E, estamdo eu em cama, mal semtido, me dise o feitor que

lhe fose ssocorrer. Meti me loguo no meu paraao, bem corregido como êle amdava sempre, e quamdo vy que nam vinham aa naao, cheguej omde estavam os mercadores embarcados e os fiz saltar em terra, e nam per ssuas vomtades; e, dahy, me fuy ao lomguo da praya, e pasey per omde estaua el rrey, que ja querja deixalo çeromby (sic), e tomej a terra aos paraaos; e, a vista d elrrey e de todollos mouros e naires, os emçarrej todos demtro em rrepely, aas bombardas; e foram arrombados dous, segundo diseram os da naao, que o bem viram; e tornej per omde estaua el rrej; e os mercadores estavam ja todos com ele, e com tamta galinha e figuos, e cocos, que me nam cabiam no paraao; e nom qujs elrrej que o deixase, tee sol posto, que veyo a nova do desbarato do paljnhar. Ysto pode vosa Senhorja saber per quamtos estavam na naao, de que la aguoara jraa algũa parte. E asy, foram, este dia, aparelhados per ambollos lugares. Este dia (que me nam lembraua) foy tomado polos ditos poleares o sombreiro e huum tambor do jrmaão d elrej de calecut; e o sombreiro feitos (sic) em pedaços, aos couçes, que foy a moor desomrra do mumdo, porque aquela he sua bandeira.

Item—Sesta feira, XIX do dito mes d abrill, veyo fama de gram paraa, e que el rrey de calecut vinha em pesoa, com quamto poder tinha, por aquelle mesmo lugar domde ficou a froll de sua jemte; e, porque aly sam gramdes matos, se pos o primçepe em huũa çilada com majs de j͞b homens, da bamda do sertaão: e o caymall de baipill em outra, da bamda do maar, com outros tamtos; e os poleares jravaas, que ssam os que tiram o vynho da palma, e mylhores panjcaaes, que ha na terra, em outra; e outra pouqua de jemte, que estava descuberta, pera os atiçar a emtrarem na veigua omde morreram os outros, e emtam lhe darem per todas partes. Estaua tudo conçertado de tall manejra, que, se seu pecado o trouxera sem seus pees nem alheos, nunqua majs tornara a calecut. Nom se sabe se lhe foy descuberta a çilada, ou porque nam veyo; porem, veyo seu jrmaão e o senhor de rrepely, defromte da

estacada, e se poseram da bamda d aalem, com majs de trimta ssombreiros, por mostra de xxx rrex e caymaaes; e eles eram bramenes. Mujta jemte trazia; e na estacada estaua outra tamta, porque aquy eram muytos senhores, e começaram, d huũa bamda e doutra, se meter na agua, que lhe dava pellos giolhos, e tirarem as frechas. E, amdamdo njsto, chegou duarte pachequo, com ij batees, e começou de lhe tirar, e matou d eles asaz, segundo diseram. Estauam os de coochy, com fauor dos bateis, tam menencoreos, que os nom podiam teer, senom pasarem aalem, a pelejar com elles. E nysto, vieram todollos paraaos aas carauellas, e pelejaram gram pedaço. Foram arrombados tres da carauela pequena e muyta jemte morta, e nenhuum nosso morto nem ferido; e, semdo demtro no esteiro o dito duarte pachequo, deram huũa espimgardada polla barrigua a huum bombardeiro seu, e nam lhe fez majs d huũa noda vermelha.

Item—Terça feira, xxij do dito mes, veyo huũa naao pequena d hormuz teer tamto avamte como esta jlha de baipill, omde escapamos a primejra vez; e vinha pera calecut carregada d arroz, algodoões, allcatifas, borcados minhotos e outros majs baiaos, tamarss sequas e em conserua, çebolas, alhos, manteigua e outras cousas. Vynha com medo da armada, emmarada muito; e, tanto que se fez tamto avante como calecut. Veyo demanda la terra, e achou se aquy aquele dia pola menhãa, em calma. Foram lla catures nosos dizer lhe que emtrasse, cuydando que era das daquy que aviam de vijr de cambaja; e, quamdo chegaram, a tinham tomada ja os pescadores da dita jlha de baipill, e despojada, e a jemte morta, saluo b, que escaparam pollos nossos chegarem. Ouue a elrej, comtudo o que estaua nela, despois da chegada dos nossos catures; e dizem que, despojs pos em cobro tudo o que os pescadores ouueram.

Item.—Qujmta feira, xxiiij° do dito mes, nam estamdo nenhuũa jemte na estacada, emtraram per ella majs de ĩĩ naires de calecut, pella menhaã çedo, e derribaram iiij ou b paaos, e queimaram outras tamtas casas; e, chegamdo du-

arte pachequo nos batees, estauam mujtos ao lomguo da estacada, de demtro e de fora; e, quamdo o viram, chamaram: —"janga de portugall!" E ele, cuydamdo que eram de coochy, se chegou tamto a terra, que lhe vieram lamça-las maãos das paas dos rremos; e, quamdo huum pescador que hia no batell, conheçeo que eram de calecut e lho dise, se largou deles e lhe tirou; e, njsto, veyo huum sobrinho do primçepe, com obra de çem naires, em gramde grita, pola terra, e deu neles, himdo se ja todos rrecolhemdo polo vaao com aguoa que lhe dava polas çimtas; e aly derribou o primçepe dez ou xij; e, dos batees de duarte pachequo, mataram mujtos com as rroquas. Diseram que morreriam, das bombardas, çemto ou cl. E, despois que se rrecolheram, himdo pola bamda dareull com seus sombreiros levantados, e tiraram lhe da carauela de diogo piriz co a bombarda grossa, de longe. Viram cayr os ssombreiros. Foy çerto que quebraram o amdor do senhor de rrepely; e morreo huum bramena, que dava o tambor a el rrej de calecut, que tambem aly era; e majs leuou aquela bombardada nove cabeças, e derribou huũa palmeira ou duas. Fforam majs pasmados daquela bombardada, que doutra nenhuũa cousa.

Item—Sesta feira, xxb do dito mes, vieram todollos paraaos e catures, e quejmaram huũa jlha pequena, em que averja obra de xxx casas, que esta jumto com a de baipill, que o ano pasado tambem foy quejmada, como scprevy a vossa Senhorja.

Item—Domjmguo, xxbij do dito mes, hindo os paraaos pera çima saltou duarte pachequo com elles, e tomou ij deles e ij catures, com ij ou iij bombardas de booa grosura, e outras pequenas, de gamcho. A jemte se lançou em terra, e foram feridos ij ou iij homens nosos, de frechadas, da terra,—que tam perto os foram tomar; e ij saltaram em terra, a cortar os cabos, que ja em huũa palmeira tinham dados. Estes tambem vieram ferjdos.

Item— Des quimta feira, xxiiij. dabril, que emtraram pela estacada, como atras diguo, nunca majs deram nenhuum

paraa, tee xbj de mayo, que foy dia d asemçam, que vieram com iiij. jangadas de ij paraaos cada huũa, e fortes paliçadas de madeira, vaãs, e no meyo, muyta cordoalha, area, algodam; e estas vieram pola bamda d areull, aa sirgua; e vinham os mouros e naires delas tam descamsados, em nam aver majs detemça que chegar e leuarem as carauelas, como se as teueram na maão. E asy vieram tee jumto dhuuns mastos que estauam encadeados na boca do esteiro, polo foguo que avia fama que aviam de poer em huum çambuquo; e, quamdo enchese a aguoa, lamçalo pera se hir embaraçar com as carauelas. Ffoy a bombardada grosa tamta, no corpo d ellas, que tornaram atras, e poseram as popas em terra, e tiraram aas carauelas. Mataram lhe, das ditas carauelas, mujta jemte, que loguo levauam, fora, e emtrava outra, de rrefresquo, tee que deram oo (sic) demo joguo, e se foram muyto em era ma. Afirmaram me despojs que nom ficaram demtro nelas mais de ij ou iij homens; e, mortos, foram ij e, dos nosos, nenhuum morto nem ferido,—deus seja louuado. E deram huũa espimgardada nos peitos a huum marjnheiro. Nam lhe fez mais, que amasar lhe o piastram.

Item—Sabado, xbiij do dito mes, chegou a naao de setuvall davamte este porto; e, loguo ao domimguo, emtrou mujto aa sua vontade, semdo as aguoas mortas; e achou, no majs baixo, ij braças e meia. Com sua vymda, s ouuera d emforcar o Çamory, pollo muyto fauor e mantimento que trouxe aa terra, da naao de chaull, que tomou.

Item—Sesta feira, xxb do dito mes, tornaram, por forma, tres jangadas, e por darem a emtemder que nam desprezauam ssua emvemçam; e mujtos paraaos com elas. Dhuum d elles, firaua huũa bombarda, como espera. Huũa das jangadas foy arombada, e as carauelas afuracadas asaz, e arrombado o batel de duarte pachequo, per iij partes. Jemte da sua, morreo bem; e, dos nosos, nenhuum ferido nem morto, saluo huum escravo de pero rrafaell, que veyo domde estaua ei rej de calecut, por espia; e o que o trazia, o vemdeo por

huum cruzado. Este, estamdo debaixo d alcaçeua, lhe quebrou huũa bombarda as pernas. Morreo o outro dia. E eles ouueram por seu barato de se hir. A emvemçam das jangadas ffoy feita per huum mouro, mercador, de rrepely, que s obrigou, com elas, tomar as carauelas. Foy despojs o rrisquo tamanho, delle, que nam ousaua de pareçer, de vergonha.

Este, Senhor, ffoy o derradeiro paraa que se deu; e partio el rrej de Calecut, e se foy asemtar em rrepely, e aly esteue tee que soube da vymda das naaos (que chegaram a xiiij. de setembro, como dito he), desfauoreçido de todos. Isto, Senhor, he todo o que qua he pasado, desd a partida dos alboquerques tee aguora, que lopo soarez foy ssobre coromgulor, e saltou em terra, e queimou iiij ou b naaos, que estauam abaixo do lugar, e asy toda aquela pouoraçam que aly estaua, e fez que, de coromgulor, pagasem a elrrej de coochy os dereytos que amtigamente tinha naquele porto, que ha tempo que lhe nom querem acodir com elles. Ao presemte Senhor, nom ha majs que dizer, senam que noso Senhor acreçemte o rreall estado de vossa Senhorja, a sseu seruiço. Scprita em coochy, a xxiiij de dezembro de 504. —Aluaro vaaz.

(Sobrescripto) — A ElRei, Nosso Senhor.

(In dorso, por lettra coeva) — De seu jrmaão desteuam vaaz.

(Tôrre do Tombo—Gav. 15, Mac. 2, n.º 36)

NOTA

Barros refere-se nestes termos a Alvaro Vaz : "Acabado esta acta de castigo, partio-se o Almirante (D. Vasco da Gama) pera Cochij, onde chegou a tempo que estavam já ao náos tão prestes, que espedido d'ElRey, ordenou como o Feitor Diogo Fernandes Correa ficasse seguro no recolhimento de madeira, que lhe tinha feito. Ao qual leixou trinta homens e por Escrivães de seu oficio Lourenço Moreno e Alvaro Vaz, e espedido delles, partio-se pera Cananor a dezoito de Janeiro (de 1503) onde chegou" (Dec I, liv. V, c. VII).

Sôbre a luta épica que Duarte Pacheco sustentou com o rei de Calicut escreve Barros :

"Partido Francisco de Albuquerque, (segundo dissemos,) soube logo o Çamorij como ficava em guarda de Cochij huma nao, e duas caravelas com gente pera as marear, e pera defensão da fortaleza, que os nossos tinham feito. E confiado no apparato da guerra, e multidão da gente que podia levar, assi per mar, como per terra, dizia, que aquella despeza que fazia não era pera sómente destruir o Senhor de Cochij, mas ainda pera tomar a nossa fortaleza ; e que esta tomada, não teriam as náos, que viessem do Reyno á colheita, onde pudessem fazer carga. ElRey de Cochij per suas espias era sabedor destes grandes apercebimentos do Çamorij, e andava hum pouco desconfiado de poder resistir a tamanho exercito, por se dizer que trazia per mar, e per terra repartidos sincoenta mil homens : huns, que haviam de vir combater a nossa fortaleza com muita artilheria, que houveram dos Mouros de Méca ; e os outros haviam de vir per terra commetter o vão, e mais que tinha convocado todolos principaes do Malabar contra elle. Com as quaes novas, que sempre na boca do povo se multiplicam em mais do que são, muitos dos naturaes de Cochij se passavam do Reyno a outras partes, fugindo de noite em barcos. ElRey, posto que ouvisse, e visse estas cousas, como prudente dissimulava o que tinha em seu peito, que eram estes receios ; e o melhor que podia andava provendo em o necessário pera a defensão do Reyno, principalmente em huma estacada no passo do vão do rio, per onde na guerra passada o Çamorij entrou. Duarte Pacheco sentindo

mais valente era, porque ácerca delles não he vileza virar as costas, mas não ousavam de parecer ante ElRey por não terem causa de fugir. A qual fugida ElRey sentio muito pola fraqueza dos seus, e o Çamorij mais polo animo dos nossos, e converteo a indignação deste caso sobre os astrologos, e advinhos, que lhe promettiam grandes victorias de nós. Porém como elles sempre buscam escapulas a seus enganos, tomáram por desculpa que o dia que commettêra aquella jornada pera a sua gente tomar aquelle alojamento, em que recebêram tanto damno, fora em hora infelice, e não electa per parecer delles, senão per sua própria vontade, sem com elles consultar os dias, que pera bem de sua victoria lhe convinha obrar as cousas essenciaes daquella guerra: que se quizesse conseguir victoria de seus imigos, usasse das horas de sua eleição, porque estas lhe convinham, e não as tomadas per própria vontade; ao que ElRey deo credito polo muito que confiava nelles. Passado êste accidente, entre alguns dias que estes mestres da eleição do tempo escolhêram pera o Çamorij pelejar com os nossos, foi hum Domingo de Ramos deste anno de quinhentos e quatro, o qual por ser tão solemne com os Mysterios, que Christo nelle obrou por nossa Redempção, andavam os nossos tão alegres de em tal dia se verem com os imigos, que se espantavam as Malabares, e diziam, que os nossos andavam tomados da furia da vingança, como os Amoucos de Malaça, e da Java, os quaes são homens, que com indignação de alguma vingança matam quantos acham ante si, não temendo a morte, com tanto que fiquem vingados. E certo, que segundo o Çamorij trazia a gente, e navios, de que os nossos cada hora eram assombrados, senão entreviera a consolação, e esforço espiritual da memoria d'aquelles dias da Quaresma, em que esperavam por serviço de Deos, e de seu Rey derramar seu sangue, segundo eram poucos, e a carne de subjecta a temores da morte, sem dúvida era cousa pera se todos embarcarem pera este Reyno, porque rosto, disposição, e vontade viam em os naturaes da terra pera desesperar de sua ajuda, e esperar fazerem delles entrega ao Çamorij, como elle requeria. Assi que entre fé, e temor se determináram de ir esperar o Çamorij ao vão da estacada, em que elle por passar, e os nossos polo defender, houve huma miracolosa batalha; porque tendo o rosto a tanto pezo de gente, sómente tres dos nossos

foram feridos, e dos imigos hum grande numero, porque onde morrêram cento e oitenta, não podia deixar de ser boa somma. Passado este dia, em que o Çamorij recebeo tanta perda, á sesta feira de Endoenças, per eleição dos feiticeiros, mandou outra vez commeter o passo do vão, e dia de Pascoa outra, não sómente a pé, mas ainda com grande numero de paráos, que quasi faziam huma parte, no qual commettimento a nossa artilheria lhe metteo no fundo onze delles, e matou trezentos e sessenta homens; e o maior damno que da nossa parte se recebeo, foi a gente da terra, que andava mal armada; porque como a maior parte de sua guerra he fréchadas, espada, adarga, e ainda entre elles não havia tanto numero de artilheria, como ora tem: mais subjectos andavam os naturaes da terra ao perigo por mal armados, que os nossos, que traziam as armas de que cá usam. E a maior industria que o Çamorij punha neste negocio era saber quantos Portuguezes morriam: cá fazia conta que per serem poucos elle os iria gastando té ElRey de Cochij ficar desamparado delles; e com lhe dizerem que nos tres dias, que commeteo o vão, eram mortos vinte Portuguezes, isto lhe faziam crer seus adivinhos, por lhe terem dito que na morte dos Portuguezes estava a sua victoria. Com os quaes enganos, quando veio a terça feira de Pascoa, per seu conselho tornou repetir a entrada per mar, e per terra; e foi tão castigado da nossa artilheria, que affastando-se do lugar do vão, se recolheo a hum palmar com perda de cento e trinta homens mortos, e grande numero feridos; e os nossos, segundo andavam cubertos de nuvens de settas, e entre artilheria, miraculosamente Deos os guardava. As quaes cousas quebráram tanto o coração de todo aquelle Gentio do Çamorij, que lhe fugio da gente fraca, e mesquinha mais de quinze mil homens, e sessenta paráos de remo, o que causou tamanho temor nelle, que logo se quizera partir, se o não entretivera o senhor de Repelim, e conselho de alguns Mouros, dizendo, que leixasse aquelle vão de tanto infortunio, e commetesse a entrada per outra parte, que não fosse per tão estreito lugar, pera que a gente toda pudesse pelejar: o que não podia ser naquelle lugar estreito, por que tirando os dianteiros, os outros mais damnavam aos seus proprios, do que offendiam aos imigos, o qual conselho o Çamorij acceptou, e partio-se daquelle lugar. (1)

(1) Decada I, liv. VII, Cap. V, pag. 116.

Partido o Çamorij de aquelle passo, sem os nossos saberem o fundamento de sua partida, chegou naquella mudança hum Bramane a Duarte Pacheco, e deo-lhe huma carta, a qual lhe mandava hum Rodrigo Reinel, que fora cativo em Calecut no tempo de Pedralvares Cabral, quando matáram Aires Correa ; o qual lhe fazia saber como quantos ardis, e conselhos ElRey de Cochij tinha, logo o Çamorij era avisado delles per os Mouros, em que ElRey mais confiava ; e que todos estavam de acordo per industria do Çamorij pera matar todolos Portuguezes per qualquer modo que pudessem. Duarte Pacheco por não mostrar a ElRey que temia os Mouros, que andavam naquellas cousas, não lhe deo conta, do que ordenavam contra os nossos, sómente lhe fez queixume delles da pouca lealdade que lhe mantinham, dando aviso de seus segredos a seu imigo, pedindo-lhe que provesse nisso, mandando dar tal castigo a hum par delles, que temessem os outros incorrer na sua culpa. O que ElRey dissimulou, e não poz em obra, temendo escandalizar em tal tempo os Mouros, em que elle tinha posto boa parte de sua esperança, por serem mercadores, que tinham muita substancia de fazenda ; e com este receio, que elles sentiam em ElRey, tomáram licença que descubertamente andavam amedrentando os naturaes a leixar a terra, e principalmente aquelles, que eram adjutorio de guerra, que com seus paráos, e barcos hiam buscar mantimentos, de que começava haver a necessidade. A qual cousa escandalizou tanto a Duarte Pacheco, que tornou outra vez sobre isso a ElRey, e lhe afeou tanto o caso, que lhe deo elle licença que pudesse castigar aquelles, que contra seus mandados leixavam a terra. Havida esta licença, não passáram seis dias que não fossem tomados nesta culpa sinco Mouros, os quaes Duarte Pacheco mandou levar á náo com fama que os mandava enforcar : sobre que logo vieram muitos recados d'ElRey que tal não fizesse, por serem homens aparentados, e dos principaes da terra. Ao que elle respondeo, que lhe pezava de vir o seu recado tão tarde, porque os ministros de sua morte foram nisso mui diligentes por suas culpas o merecerem : de que ElRey, e os Mouros ficáram mui tristes, e temerosos de tão publicamente fazerem o que ante faziam. Peró Duarte Pacheco os tinha mandado mui bem guardar, e ter em segredo té o fim da guerra, porque esperava ao diante comprazer com a resurreição delles a ElRey, e aos Mouros

da terra, por serem proveitosos pera o negocio da pimenta; porém no presente ficáram tão escandalizados, que não andavam buscando senão como pudessem a seu salvo empecer os nossos. Com o qual odio, andando Duarte Pacheco, fazendo algumas entradas na Ilha Cambalão, em quanto o Çamorij fez aquella mudança do váo a outra parte, estes Mouros de Cochij, lá onde os nossos andavam pelejando, lançáram huma fama solta per todos os da terra, que os Mouros de Cochij tinham tomada a fortaleza, e huma das caravelas, e a náo, com morte de quantos Portuguezes estavam em sua guarda, exhortando os que lá andavam em sua ajuda que fizessem outro tanto, e assi ficariam livres dos trabalhos da terra, que padeciam por sua causa. Duarte Pacheco, primeiro que esta falsa nova se publicasse, foi sabedor della per aviso de Cochij; e temendo que podia fazer alguma impressão no animo dos naturaes, que não era mui fiel, simulando necessidade, se veio pera Cochij sem do caso dar conta a ElRey, sómente de novo começou fortalecer, e prover nas partes de suspeita, e ter maior vigia ácerca dos Mouros de Cochij. E entre algumas cousas, que ordenou, foi, que naquella parte per onde o Çamorij queria passar, em que via outro váo de maré vasia, mandou de noite secretamente metter humas estacadas mui agudas de páos tostados em lugar de abrolhos pera se encravar a gente, o que aproveitou muito. Porque o dia da passagem deste váo, como todos vinham com impeto de passar, lançou-se hum grão golpe de gente a elle, dando-lhe agua pelos peitos, e tanta que se começaram a encravar, acurvavam, e os outros que sobrevinham detrás, empeçavam nelles de maneira, que cahiam huns sobre outros represando a agua, sem ser já váo, mas lugar de sua perdição, huns afogados, e outros encravados, com que os trazeiros não ousavam commetter aquella passagem. Com tudo, era tão grande o numero da gente, que ainda passáram muitos de banda da Ilha onde estavam os nossos, que naquella defensão tiverão o maior trabalho do que té então tinha passado; e a causa foi esta. O Çamorij, quando quiz commeter esta passagem, fez mostra que havia de ser per hum só lugar; e tanto que a gente começou entrar, o Senhor de Repelim com grande numero de paráos, em que haveria mais de tres mil homens, commetteo entrar per outro passo mais abaixo, o qual caso fez Duarte Pacheco repartir a gente que tinha em duas partes, man-

dando a esta, per que [illegible] o Senhor de Repelim, as duas caravelas, Capitães Diogo Pires, e Pero Rafael com alguns paraos, e elle ficou em terra no lugar per onde [illegible] o Principe Naubeadarij com o maior [illegible] da gente. Estando em hum mesmo tempo, assi nesta parte do [illegible] como nas caravelas, defendendo a passagem [illegible] de [illegible] homens da terra per industria dos Mouros desampararam Duarte Pacheco, o qual [illegible] mui perseguido da multidão dos imigos, mandou chamar o Principe de Cochij, que estava em outro passo de menos defensão, e não lhe acudiu, como quem temia de se meter em tão manifesto perigo, como sabia era o em que elle estava. Duarte Pacheco, porem [illegible] desamparo se vio ainda em outra maior necessidade, que foi [illegible] a huns bateis que tinha no seu passo, os quaes lhe ajudaram muito, entretendo o peso da gente, e não [illegible] as caravelas debaixo que lhe [illegible] com hum batel [illegible], que se ajuntou aos outros que la tinha, [illegible] da multidão dos imigos, que [illegible] passarem : porque teve outra ajuda depois da [illegible], que [illegible] a maré a elles, com que [illegible] passagem, e elle teve tempo de [illegible] batel [illegible] as caravelas : e approuve a Deos que [illegible] livres do damno, que [illegible] da multidão da [illegible] mente se os imigos [illegible] damno, porque em ambolos passos [illegible] centos e sincoenta. E o que mais [illegible] foi, que recolhido elle em hum [illegible] foi pescar huma bombarda das caravelas [illegible] aos seus pés, do sangue dos quaes [illegible] diziam ser Bramane, que lhe estava [illegible] caso se indignou tanto contra os seus [illegible] mandar matar, porque naquelle dia lhe [illegible] victoria, e nelle recebeo maior damno que [illegible] rim entrevieram nisso muitos Caimaes, e [illegible] por desculpa por parte delles, dizendo, que [illegible] dignados contra elle Çamorij, porque no principio [illegible] promettêra de lhe fazer hum templo, o qual [illegible] nha começado ; e pera confirmação disto que lhe [illegible],

sobreveio ao seu arraial huma enfermidade á maneira de peste per espaço de hum mez, que não durava hum homem mais que dous, ou tres dias, em que perdeo mais de seis mil homens. Com temor da qual muitos lhe fugiram, e os outros andavam tão assombrados, que metteo o Çamorij em grande confusão, não se sabendo determinar. Os Bramanes feiticeiros, por se tornarem a reconciliar com elle, vieram com hum ardil de enganos, por não acabarem de perder o crédito de suas promessas, dizendo, que queriam ordenar huns certos pós, os quaes haviam de ser lançados na vista dos nossos quando viessem a se adjuntar com a sua gente ; e eram tão poderosos, que os haviam de cegar de todo pera não poderem dar mais hum passo. Os mouros, a quem estas cousas mais tocavam, posto que não confiassem nestas mentiras dos Bramanes, folgavam com ellas por animar o povo, e mais a ElRey, que o viam mui quebrado, e trouxeram tambem outra invenção, em que mais confiava por ser industria de guerra, dizendo ao Çamorij que alli estava hum mouro per nome Coje Alle, o qual tinha inventado huma maneira de castellos de madeira armados sobre paráos, em cada hum dos quaes bem poderiam caber dez homens, e seriam tão sobranceiros sobre as caravélas, com que ficassem senhores do alto : e como a força dos nossos estava nestas caravelas por razão da artilheria, tomadas ellas, ficavam perdidos de todo. E que além deste ardil, tinham outro muito melhor, por ser sem nenhum trabalho, dar aviso aos Mouros de Cochij, que lançassem peçonha nas aguas de que os nossos bebiam, com que os iriam gastando. As quaes cousas assi ficáram no juizo do Çamorij, que lhe parecia não ter mais dilação per haver victoria dos nossos, que em quanto estas se ordenavam, e por isso com muita diligencia mandou logo pôr mão nellas.

Duarte Pacheco, depois que lhe Deos deo aquella victoria, veio-se com as caravelas adjuntar á náo, e favorecer a fortaleza, mui descontente do Principe de Cochij, e delRey, por lhe fugir tanta gente da sua, principalmente por o Principe não acudir com soccorro ao tempo que o mandou chamar, em que os imigos quasi houveram de passar o váo, e se passáram, fora o negocio de todo acabalo. E o que mais daqui sentia era parecer-lhe, que vinha isto per industria dos Mouros de Cochij ; e sendo assi, elle não podia ter tanto resguardo, que huma hora, ou outra não lhe pudesse acontecer algum grande de-

sastre, por sre trabalhosa cousa guardar-se dos imigos de casa. El Rey como soube que elle estava descontente, veio-se com o Principe a visitallo da victoria do dia passado, e o Principe a desculpar-se dizendo, que a gente que fugira, elle tinha mandado fazer exame disso, e achàva ser quasi dos Caimes, e Capitães, que se rebeláram ao serviço d'ElRey, sentio que alli estava. El Rey tomada a mão ao sobrinho com palavras brandas, e mostras de muito amor, começou de tirar de suspeita a Duarte Pacheco, mostrando que de cousa alguma daquellas elle não fora sabedor; sómente vindo visitallo, e dar-lhe as graças do trabalho que aquelle dia passado levára por defensão do seu Reyno, topára seu sobrinho, que lhe contou o descontentamento, que elle tinha, e a causa delle. E quanto á desconfiança dos Mouros, elle tinha razão, pero o tempo não dava lugar a mais, que a dissimular com elles por serem muitos, e poderosos; que commettendo algumas cousas leves, convinha passar per elles, e quando fossem públicas, e de perigo, então teria outro modo com elles. Que lhe pedia não houvesse paixões, pois não tinha por trabalho os perigos, que passava em defender aquelle seu Reyno, que era d'ElRey de Portugal seu Irmão; por tanto, leixado todo o passado, entendesse em remediar o presente porque, segundo o Çamorij fora escarmentado, não podia leixar de tornar com poder de mais gente, pois as injúrias parem indignação, e esta furia de vingança. Ao terceiro dia tornou ElRey mui agastado, dando conta a Duarte Pacheco, que per suas enculcas, que trazia no arraial do Çamorij, tinha sabido o conselho que houve sobre sua tornada, e os ardis dos pós, castellos, e peçonha nas aguas; e que tambem lhe fora dito, que o Çamorij, mandára buscar todolos Elefantes adestrados que havia na terra pera passarem o váo, pera serem amparo da gente, que havia de vir escudada detrás delles. Duarte Pacheco a estas novas, e ao temor que lhe ElRey mostrava, respondeo-lhe com palavras de esforço, dizendo, que não se agastasse, porque todos estes apparatos, e invenções dos Mouros de Calecut, mais eram a fim de temorizar a gente de Cochij, que por lhe parecer terem força contra o poder dos Portuguezes, que per muitas vezes tinham experimentado. Que quanto aos castellos, e Elefantes, elle tomava sobre si o remedio; que o lançar de peçonha nas aguas, isto lhe pedia que mandasse prover per homens de confiança, porque a

maldade dos Mouros podia corromper a muitos, senão fossem muito fieis neste caso que importava a vida de tantos. E depois que mui miudamente estiveram praticando no modo de esperar estes apparatos do Çamorij, e em parte fariam mais força, no mar ou na terra, pois per ambas estas partes esperava commeter, acordáram que por razão dos castellos que se armavam nos bateis, a maior parte de gente Portuguez estivesse nas caravellas, e em guarda da fortaleza, e outra estivesse com o Principe de Cochij, e Caimaes no lugar do váo. Tornando ElRey pera sua casa a prover em as cousas desta prática, ficou Duarte Pacheco em outra com os Capitães, e principaes pessoas, que com elle andavam naquelles trabalhos; porque como os conselhos delRey eram logo postos nos ouvidos do Çamorij, quiz prover no que haviam de fazer sem o communicar com ElRey, temendo o damno, que lhe podia sobrevir, tomando o Çamorij na sua industria ardil de os offender. E as cousas, em que logo provêram, foi cortar a ponta de hum cotovelo, que fazia a terra, onde fez huma maneira de baluarte, que ajudasse a defender as caravelas, que ficavam mettidas naquelle anco da terra, por lhe ficar hum só combate, e no lugar do váo outro de madeira grossa entulhado, onde havia de estar a artilheria por causa dos Elefantes, que haviam de entrar per aquella parte, e uma grossa estacada ao longo da terra, que ficasse soberba sobre o váo em lugar de muro pera poderem pelejar de sima. Mandou tambem encravar huns grandes madeiros, com as puas de ferro per sima, os quaes haviam secretamente á noite ante do dia da entrada ser mettidos no lugar do váo, prezos com estacas por os não levantar agua, pera os Elefantes se encravarem nelles. E posto que encommendou a ElRey a vigia das aguas, por razão da peçonha, por mais segurança deo cuidado a alguns Portuguezes homens de recado, que andassem sobre os Gentios, a que ElRey encommendasse a guarda dellas. O Çamorij, em quanto os nossos ordenavam estas cousas, tambem entendia em seus apercebimentos, principalmente na invenção de castellos de Coje Alle, que eram oito, cada hum em dous paráos de altura de vinte palmos, de sima do qual poderiam pelejar dez homens. E em quanto trabalhavam nelles, não leixava de mandar commetter os nossos per quantas partes, e modos podia, ora com armas, ora per traições, que sempre cahíram sobre sua cabeça com

perda dos seus. Porque elle mandou sobre a não de Duarte Pacheco por estar apartada das caravelas, e desta feita perdeo quatro parós com muita gente morta, e ferida, e mais tomáram-lhe hum carregado de mantimentos, e a gente, que era natural da terra, se salvou. Depois per duas, ou tres vezes fizeram entradas com ardis, e ciladas, huma das quaes foi per industria de hum Mouro mercador chamado Gormale, a quem Duarte Pacheco, por comprazer a ElRey de Cochij, deo huma bandeira, dizendo, que a queria pera trazer pimenta per os rios dentro, porque per ella fosse conhecido dos nossos por não receber damno. Mas todo o seu ardil elle o pagou, e nestes commettimentos sempre perdiam mais do que ganhavam porque de huma só vez lhe tomáram os nossos oito parós, e treze bombardas. E por lhe não ficar cousa por tentar, tambem foram lançados seis Naires da parte do Çamorij pera matar Duarte Pacheco, dos quaes sendo elle avisado, acolheo hum, e outro de Cochij, que já andava em sua companhia, e prezos, os mandou a ElRey de Cochij, que fizesse justiça delles, porque elle não queria ser o Juiz daquelle caso, pois era o offendido. E o mais que Duarte Pacheco estranhou a ElRey, foi, serem elles tambem lançados pera queimar as caravelas: e de todas estas, e outras cousas que cada dia moviam, permettia Deos serem logo descubertas aos nossos ante de se commetterem, com que se proviam pera não incorrer no perigo. Não sómente com estes que estavam em Cochij o Çamorij usava destes ardis, mas ainda mandou lançar fama em Cananor, e em Coulão onde estavam as duas Feitorias, que todolos Portuguezes de Cochij eram mortos, com recado a alguns Mouros de sua valia, per que lhe encommendava que fizessem lá outro tanto aos que lá estavam, que foi causa de elles terem trabalho, em quanto não souberam a verdade; e porém neste recolher-se á casa forte, que Antonio de Sá tinha feita em Coulão, lhe matáram seis homens, e feriram alguns; assi que per tolalas partes, e modos o Çamorij [illegible] se podia tomar vingança dos nossos, sem lhe aproveitar alguma de quantas cousas lhe os Mouros [illegible] [illegible] castellos, em quanto davam [illegible] [illegible] rado delles, que leixadas as outras [illegible] da sua esperança [illegible] com elles. E [illegible]

sos, quão fracos se depois mostráram quem os povoou; a vinda dos quaes emfama tanto assombrou a ElRey de Cochij, e os seus, que polos animar quiz tambem Duarte Pacheco usar de outro artificio, dizendo, que era contra os castellos, e todavia em seu tempo servio. O qual foi ajuntar ambas as caravelas com as popas em terra com rageiras per baixo pera se alargar quando quizesse; e ao pé de cada masto mandou tambem armar outra maneira de castellos, pera que querendo os outros abalroar, que ficasse igual delles. E nas proas, além dos goroupezes, que eram mais compridos do necessario pera a navegação, mandou atravessar dous mastos pera entreterem a chegada dos castellos ás caravelas, e lhe ficar espaço pera se aproveitar de artilheria. Providas estas cousas, repartio a gente que tinha dos nossos, que per todos podiam ser até cento e sessenta homens, a qual repartição era nestas quatro partes, no vão, na fortaleza, e pelas caravelas, e náo, porque em todos estava a defensão delles, e daquelle Reyno de Cochij. E posto que esta repartição ficou assi feita, depois que o negocio chegou a pelejar, tudo se baralhou, trocando huns por outros, segundo a necessidade o requeria; e em cada hum destes lugares tambem havia muita gente, que ElRey mandou mais por fazer corpo de gente, que por accrescentarem animo aos nossos: cá segundo seu uso, ante que experimentassem o ferro, muitos delles se punham em salvo. A este tempo já em Cochij havia mui pouca gente da natural da terra, por ser toda fugida da fralda do mar pera dentro do sertão com temor dos apparatos do Çamorij, posto que viam quantas victorias os nossos haviam de seus imigos; e não sómente fugio a gente civil, mas ainda se lhe rebeláram muitos Caimaes, que entre elles são pessoas notaveis, como ácerca de nós Senhores de terras de Titulo. Cá ElRey de Cochij começou esta guerra, sendo em sua ajuda estes que eram seus vassallos: o Principe seu sobrinho herdeiro do Reyno, o Caimal de Paliport, o Caimal de Balurt, o Cham de Bagadarij Senhor de Porca, e o Mangate Caimal seu irmão, e o Caimal de Cambalão, e o Caimal de Cherij de Vaipij, e outros senhores de terras, e juntamente eram em ajuda d'ElRey com até vinte mil homens, que com os seus fazia numero de trinta mil. Peró procedendo a guerra, poucos, e poucos o leixáram, e ficou sómente com o sobrinho, e com o Caimal de Vaipij, que sempre lhe guardou muita lealdade. Finalmente

de trinta mil homens, com que no principio desta guerra se achou, neste tempo de tanta affronta, que foi a maior, não tinha oito mil, e ainda êstes mais subjectos ao temor, que á constancia de acompanhar os nossos no tempo do trabalho. E a gente, com que o Çamorij começou, seria até sessenta mil homens, de que a este tempo, (segundo dissemos,) pelos casos, e perdas, que teve, tambem já tinha menos hum terço; porém era fama entre os nossos que trazia per mar, e terra quarenta mil homens seus, e destes Senhores, que o ajudavam, delles como vassallos, e outros por serem amigos, e vizinhos naquella terra Malabar, que elle convocou contra nós: Beturacol Rey de Tanor, Cacatunão Barij Rey de Bespur, e de Cucurão junto da serra chamada Gate, Cóta Agatacól Rey de Cotugão entre Cananor, e Calecut junto de Gate, Curiur Coil Rey Curim entre Panane, e Crangalor, Naubeadarij Principe de Calecut, Nambea seu irmão, Lancol Nambeadarij Senhor de Repelij; Paraicherá Eracol Senhor de Crangalor; Parapucol Senhor de Chalião entre Calecut, e Tanor, Parinha Mutacol Senhor quasi Rey entre Crangalor, e Repelij, Benará Nambeadarij Senhor quasi Rey assima de Panane pera a serra, Nambearij Senhor de Banalá Carij, Parapucol Senhor de Parapuram, Parapucol Senhor quasi Rey de Bepur entre Chanij, e Calecut, e outros muitos, cujos nomes não vieram á nossa noticia, que entre elles eram principaes mui poderosos. Alguns dos quaes, quando o Çamorij tornou commetter passar a Cochij com a invenção dos castellos, eram já idos pera suas terras; do artificio dos quaes castellos elle estava tão contente, que lhe parecia ter a victoria mui certa sem ajuda destes que o deixáram; mas o negocio não succedeo segundo elle esperava, como se verá neste seguinte Capitulo." (*Dec. I, liv. VII, capV. II*).

"Postas as cousas de cada huma destas partes na ordem, em que esperavam de se aproveitar dellas, partio o Çamorij tão soberbo, e confiado na invenção da máquina dos castellos, que por aquella vez leixou de commeter o vão. Assi por lhe parecer que esta força posta sobre as nossas caravelas, onde estava toda a d'ElRey de Cochij, bastava pera as tomar, e com a posse dellas lhe seria leve a entrada de Cochij; como por ter sabido que a passagem do vão estava muito mais defensavel; e o principal de tudo era

por os seus Sacerdotes, e Feiticeiros lhe terem promettido grande victoria, se puzesse o impeto de suas forças nestas caravelas. Assi que com este conselho, dia da Conceição de Nossa Senhora chegou o Çamorij per terra com a maior parte do seu exercito ás nossas caravelas, a qual frota era de duzentos paráos atulhados de frecheiros, que haviam de servir no seu modo de pelejar, como gentes pera chegar, e correr a huma, e outra parte; e quando fosse tempo, lançarem em terra aquelle golpe de gente, e tornarem por outra, onde o Çamorij estava da parte do rio, té ser tanta, que pudesse senhorear a terra em quanto o Çamorij passasse. Entre os quaes paráos, que chegáram ao mesmo tempo que elle appareceo sobre o rio, vinham oito daquellas máquinas, armadas cada huma em dous grandes paráos, tão soberbas, e temerosas, que os nossos estimáram mais a vista dellas que a fama. Mas como elles esperavam este dia, e mais por ser de N. Senhora, na qual punham sua confiança, sem se mover do lugar onde estavam, com as caravelas, e bateis em hum corpo á maneira de baluarte com suas arrombadas, em as máquinas dos castellos chegando a tiro, começou a nossa artilheria representar o dia do juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, e atroando os ares de maneira, que com estas cousas, e com os enxames de fréchas, grita da gente, tudo era huma confusão escura na vista, e nos ouvidos, sem huns aos outros se poderem ouvir, nem menos saber se eram offendidos dos amigos, se dos contrarios. As máquinas, ainda que vinham soberbas, ante que fossem mettidas naquella escuridão, e fumaça de morte, não puderam dar tanta quanta ellas promettiam com sua vista, ante neste seu commettimento recebêram maior damno do que o fizeram; cá por serem armadas sobre dous paráos grandes, ao governar delles houve muito embaraço, não podendo cada hum dos dous lemes acudir a hum tempo, quando os do castello queriam, porque tambem a maré que subia os hia atravessando a pezar dos remadores. Com os quaes impedimentos de oito máquinas que ellas eram, duas com assás trabalho puderam chegar ás caravelas, e ainda estas foram mettidas com as vergas, que os nossos tinham posto em modo de guroupézes. As quaes tanto que chegáram áquelle lugar, com a artilheria foram feitas em rachas, que serviram de armas contra aquelles que vinham dentro: cá os mais delles foram mortos, e

feridos per ellas. E não sómente parou a artilheria aqui, mas ainda dava per paráos, que eram tão bastos, que nunca se perdeo tiro: com o qual damno muitos foram arrombados de maneira, que andava já a agua chea de nadadores, trabalhando por salvar as vidas na terra, onde estava o Çamorij, porque na de Cochij os d'ElRey, que estavam em guarda della, os matavam. Finalmente o dia não foi tão prospero, como os feiticeiros do Çamorij lhe tinham prognosticado; e porque ainda lhe ficou esperança, que tornando outra vez alcançaria victoria, que refizesse todolas perdas passadas, veio dahi a certos dias em hora de melhor eleição, como elles diziam. Mas N. Senhor acabou de vingar os nossos deste soberbo, e contumaz Gentio com o grande damno, e perda, que recebeo neste ultimo commettimento que fez, assi per esta parte com seus castellos de vento, como per o vão que tambem commetteo, ficando tão quebrado, e por seus Sacerdotes tão convertido a fazer penitencia, dizendo todos ter offendido aos seus pagodes em não lhes fazer os sacrificios, e offertas, que lhes tinha promettido no principio desta guerra: que simulando elle, que se tornava a refazer pera tornar a ella, se recolheo de todo com perda de dezoito mil homens, treze na enfermidade, que per duas vezes sobreveio ao seu arraial, e os cinco na guerra que continuou, a qual guerra durou seis mezes; e neste tempo entre o Çamorij, e ElRey de Cochij houve cartas, recados, e outras miudezas, segundo o que escreveo Fr. Gastão hum Religioso, que estava na Feitoria com os nossos, em hum tratado que fez da guerra entre estes dous Reys, de que sómente tomámos o necessario com outra mais informação, porque em todo o decurso desta nossa Asia mais trabalhámos no substancial da historia, que no ampliar as miudezas que enfadam, e não deleitam. Assi que tornando ao fim desta guerra, que se rematou com as amoestações dos Bramanes, tiveram elles ainda tanto artificio de se salvar das mentiras, que disseram ao Çamorij no recolhimento della, e de consolar a elle, que lhe fizeram crer que os seus Deoses lhes tinham feito mercê em pagar culpas proprias, não com damno de sua pessoa, mas dos seus, a qual cousa causou per liberdade com alguns delles a fazer penitencia. Dando tambem per causa de seu recolhimento querer per alguns dias dar repouso ao povo dos trabalhos da guerra, e mais naquelle tempo per ser no fim do inverno.

em que esperava a vinda das nossas náos, contra o poder das quaes tambem lhe convinha prover seus portos. Os seus Caimaes, e Príncipes, que o ajudaram, principalmente aquelles, que podiam receber damno, ou proveito de nós, ante que as nossas náos chegassem, por segurar seus estados, e lugares, e haver alguma fazenda da que ellas de cá levavam, mandaram commetter pazes a Duarte Pacheco, vendo que o Çamorij se recolhia, não tanto por religião, quanto por siza de paz, por sentirem nelle que a desejava. E quem logo veio com este requerimento de paz, foi o Senhor de Repelim, principal movedor desta guerra, por ser mui vizinho a Cochij, e não tinha a pimenta da sua terra outra sahida senão per nossas náos; e pola mesma razão da pimenta, e a sua terra ser a flor della, e a nos convir tanto como a elle esta paz, Duarte Pacheco per vomtade d'ElRey de Cochij lha concedeo. Na qual tempo Antonio de Sa Feitor de Coulão por algumas paixões, que lá tinha com os Mouros, lhe mandou pedir, que com sua vista o quizesse ir favorecer; o que Duarte Pacheco fez, indo lá em sua náo, leixando os Capitães das caravelas em guarda de Cochij. O qual chegando ao porto de Coulão, achou sinco náos de Mouros, que estavam a carga da pimenta, das quaes vieram a elle sinco Mouros os principaes dellas com grandes presentes, pedindo-lhe paz, e seguro pera navegarem suas náos com a carga que tinham feita, o que lhe Duarte Pacheco não concedeo. Ante por ter sabido de Antonio de Sa que as naos estavam ja de todo carregadas contra sua vontade, e que esta fora a principal causa, por que o mandara chamar, por ter havido algumas paixões com os Mouros mercadores estantes na terra, que lhe negavam esta pimenta por a dar a elles, Duarte Pacheco lha fez descarregar toda, e a entregou a Antonio de Sa, pagando-lhe o que custava, e sómente lhe deo alguma pera sua despeza. E em quanto estas descarregavam, vieram alli ter outras duas, cada huma em seu dia, as quaes traziam pimenta, e vinham acabar de tomar carga naquelle porto; e porque soube em certo que nenhuma destas náos era de Calecut, com quem tinhamos crua guerra, a todos não fez mais damno que não lhe consentir que tomassem naquelle porto alguma pimenta, por termos alli o Feitor Antonio de Sa a fim de recolher toda a que havia na terra. Assi que espedidas estas náos vasias, e pagas da pimenta que tinham, foram buscar outro lugar, que não tivesse

esta defensão, e Duarte Pacheco tornou-se pera Cochij, onde dahi a poucos dias chegou Lopo Soares, que partio deste Reyno por Capitão mór de huma grande Armada, da viagem do qual faremos relação neste seguinte Capitulo." (Dec. I, liv VII, cap VIII).

IX—Carta de Duarte Pacheco para el-rei Dom Manuel

(Sem data)

Documento n.º 19

Senhor—A jente com que eu seruy vosa alteza na Indya depois que me francisco dalboqer (sic) e afonso dalboqerqe deixaram, fycaram comigo com comdiçam qe do tempo de sua fycada ate sua tornada vencesem seu soldo todo por inteiro, posto que em outras naos vehesem, como francisco dalboqerqe e afonso dalboqerqe mos deixaram por seus asynados por determinaçam de mais vezes como lhe vosa alteza mandaua em seus Regymentos qe fezesem toda cousa de voso serviço, porquanto doutra maneira nam qerya nyngem ficar e asy ficaram, cumprindo muito a uoso serviço fazerse entam outra despesa muito mayor da qe se fez de mais jente e navios, quanto mais esta qe era mui pouco voso serviço em ser tam pequena em tudo, em soldos de jente e gastos e em armada, se a deus nam fezera grande com tanta vytoria por ser cousa uosa, vosa alteza sentyra com pouco voso serviço era, fycar eu com tam pouca jente e tam mall fornecida como fyqey, e pois vos noso senhor tanta vytoria quis dar comygo e com muita jente na Indya, em a terdes tam sojeita e atormentada com as cousas que nela tenho feitas, qe sois nella o mays temydo rey do mundo, e a qem todo o abarisco obedece, como esta tam craro e manyfesto, tendo noso senhor tanto cuidado de uosas cousas em as ajudar e guardar como tam conhecidamente por mouros e gentios e judeus se vyo o tempo que nela estyue, e polos purtugeses que la estauam, nam se deuya vosa alteza esqecer delas nem de seus seruiços, pois tam grandes e tam asynados foram, e os vos senhor com tanta honra prouicastes nesta cidade e em vosos Reinos, queira vosa alteza agora mostrar al-

guma maneyra de desagardecimento na paga dos soldos desta Jente qe uos tambem servio sendo tam pouca com tanto trabalho e Risco de suas pesoas, e com tanto desejo de vos servirem que as vidas nam estymauam, por iso como ho eu afyrmo asy a vosa alteza qe os vy muitas vezes nestes autos do primeiro dia qe francisco dalboquerque pelejou na Indya, e depois nas cousas que ele e affonso dalboquerque fezeram, qe foram mui grandes, e em tudo qe eu depois fyz, e asy no fazer do voso castelo de cochy, em qe os eu mui bem vy trabalhar, do qual tempo certo senhor eles mereciam muito milhor jurnall qe mandarlhe vosa alteza pagar o soldo alguns os qe se perderam com vicente sodre qe comigo vem do tempo que se perderam ate chegarem a esta cidade, e asy a todolos outros qe comygo daqy foram, qe lhe nam qerem pagar por a minha não fycar la e nam vyrem nela, qe se ma a mym nam deixaram trazer do qe eu estou agrauado, e de outras cousas, e ela la fycou, que culpa tem a minha jente pera lhe nam pagarem os qe se veheram, qe eles nam eram obrigados andar nela emquanto ela durase, e mais fycando eles comigo per alvara de francisco dalboqerqe e affomso dalboqerqe, qe posto qe em outras naos vehesem ouuesem seu soldo todo por inteiro, o quall vosa alteza ja veria por dom martynho que o tem, e por qe isto senhor lhe deueys por boa conciencia alem do merecimento de seu serviço, ho digo asy a vosa alteza polo qe eu devo a uoso serviço—Duarte pacheco pereyra.

Pera elRei noso senhor—De Duarte pacheco.

(Tôrre do Tombo—Cartas dos vice-reis,—maço único, n.º 148).

X—Carta d'el-rei D. Manuel para a Camara do Porto

(8 de Julho de 1505)

Documento n.º 20

Juizes, vereadores, procurador, Nos el Rey vos emviamos muiyto saudar: por esta naao que era veeo da Imdia da comserua da armada que o ano passado emviamos, de que he capitam moor lopo soarez, ouuemos cartas pellas quaees ouvemos Recados e nouas çertas dos muytos vençymentos e vytorias que noso senhor deu a nosos capytaees e jemte que leyxaram na India com nosa armada affonso dalboquerque e francisco dalboquerque, nosos capitãees, comtra el Rey de calecut e os mouros que em sua çidade e terra estauam, vyndo elle com grandes poderes de jemtes por terra, e navios armados por mar sobre elRey de cochym, que estaa noso amyguo e seruidor, e sobre a fortelleza que nosos capitaees fezeram que ally em cochym teemos, por a quall cousa e por outros grandes vençjmemtos e destroços que o dito lopo soarez, noso capitam moor, tambem despois fez ao dito rrey de calecut e suas cousas, em que queymou treze naaos grosas e allgumas dellas carregadas, e em que matou muytos mouros, Nos pareçeo que era bem darmos louuores e graças a noso senhor, asy como por todas suas obras o deuemos, e por ysto he Rezam que se faça, pois avemos por çerto que se fez tudo mais por sua maão e mylagrosamente do que por Rezam que nyso ouuese, visto o grande poder com que sempre nesta gerra veyo o dito Rey de calecut, E a pouca jente nosa com que senpre foy desbaratado e vemçido, E como prouue a noso senhor que matando lhe os nosos muyta jemte, que passaram de dous mill homeẽs, nunca dos

nosos moreo nenhum, que pareçe cousa mylagrosa e pera muitos louuores e grraças se darem a noso senhor, pello que muyto vos encomemdamos E mandamos que logo como esta vos for dada façaees nesa çidade preçisam sollene de toda a clerezia della e asy moradores, a quall se faça o mais sollenemente que ser possa, E com muytos louuores a noso senhor por a merçee que nysto a Nos e a nosos Regnnos tem feita e pellas mais que nyso almda delle esperamos de que com sua ajuda se segira muyto seu seruiço e mais acreçemtamento da sua samta fee e homrra e bem destes nosos Regnnos: scripta em lixboa a oito dias de julho de 1505.—Rey.

(Arquivo Municipal do Porto, liv. 1.º de Provisões, fl. 48)

NOTA

A nau referida na carta é de Lopo de Abreu, que chegou a Lisboa antes de Lopo Soares (*Barros*—Dec. I, l. VII, c. XI).

Sôbre as procissões ordenadas por ElRei D. Manuel e sôbre o triste fim da gloriosa carreira de Duarte Pacheco, escreve Damião de Goes:

"O que toca a grande honra que lhe elRei dom Emanuel fez em chegando a este regno, he o seguinte. A quinta feira depois da armada de Lopo Soarez surgir no porto de Lisboa mandou fazer huma porcissam solemne, do modo que fazem as do Corpo de Deos, em que foi da Se, ate o mosteiro de S. Domingos, levando Duartẽ Pacheco, a sua ilharga, junto consigo, onde o Bispo de Viseu dom Diogo Ortiz fez huma pregação, em que relatou tudo o que lhe acontecera na India, e o mesmo

todo o regno, e o screveo aos mais do Reis, e Principes christãos. Mas o fim destas honras, em galardam de tantos serviços, e doutros que Duarte Pacheco depois fez a elRei, como se ao diante dira foi de calidade, que se pode delle tomar exemplo pera os homens se guardarem dos reveses dos Reis, e Principes, e da pouca lembrança que muitas vezes tem daquelles a que sam em obrigaçam, porque a mor merce que Duarte Pacheco alcançou pelo premio dos taes serviços, foi a capitania da cidade de São George da mina, donde por capitulos que delle deram o mandou elRei trazer ao regno em ferros, e sem lhos tirarem dos pés esteve muito tempo preso na cadea, ate que por se saber serem parte das culpas que lhe punham falsas, e as outras tão leves, que em hum tal homem não podiam ter nome de culpas, o soltarão, tão pobre, como o era quando foi pera mina. E assi viveo todo o mais do discurso de sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobreza, que seu filho, unico, ligitimo, Ioam Fernandez Pacheco, e sua mãi, que ao presente vivem, por lhe elle nam deixar fazenda pera se poderem manter como devem, passam tão estreita vida, que são constrangidos a viver, elle nam como os seus proprios serviços (allem dos de seu pai) merecem, e ella de pouco que lhe elle pode dar, e esmolas que lhe fazem pessoas honradas. Este foi o galardam que Duarte Pacheco ouve em satisfaçam de tão grandes, e memoraveis serviços como forão os que fez a Coroa destes regnos." (*Crónica de ElRei D. Manuel*, parte I, cap. C).

Quanto aos feitos de Lopo Soares, diz Barros:

"Com a vinda da India do Almirante D. Vasco da Gama soube ElRey, que as cousas della se hiam ordenando de maneira, que convinha mandar maior frota da que lá era ao tempo de sua chegada; que como escrevemos, foram nove vélas repartidas em tres capitanias, do successo das quaes ainda ElRey não tinha nova. Sómente soube per elle Almirante quão offendidos os Mouros daquellas partes ficavam: assi pelo odio, que geralmente elles tem ao povo christão, como pelo damno que tinham recebido de nós, e principalmente delle Almirante. Assi que por esta razão, como pera ir tomando maior posse daquelle grande estado, que lhe Deos tinha descuberto, ordenou de mandar este anno de quinhentos e quatro huma grossa Armada, a capitania mór da qual deo a Lopo Soares filho de Ruy Go-

mes d'Alvarenga, Chanceller mór que fora destes Reynos em tempo d'ElRey Dom Affonso o Quinto, em o qual Lopo Soares havia muita prudencia, e outras qualidades de sua pessoa, que mereciam huma tão honrada ida, como esta era. Com o qual foram estes Capitães, Lionel Coutinho filho de Vasco Fernandes Coutinho, Pero de Mendoça filho de João de Brito, Lopo Mendes de Vasconcellos filho de Luiz Mendes de Vasconcellos, Manuel Telles Barreto filho de Affonso Telles, Pedraffonso de Aguiar filho de Diogo Affonso de Aguiar, Affonso Lopes da Costa filho de Pero da Costa de Thomar, Filipe de Castro filho de Alvaro de Castro, Tristão da Silva filho de Affonso Telles de Menezes, Vasco da Silveira filho de Mosem Vasco, Vasco de Carvalho filho de Alvaro Carvalho, Lopo de Abreu, e Pero Diniz de Setubal, em as quaes naos levava mil e duzentos homens, muita parte delles Fidalgos, e criados d'ElRey, toda gente mui limpa, e tal, que com razão se póde dizer que esta foi a primeira Armada, que sahio deste Reyno de tanta, e tão luzida gente, e de tão grandes náos, posto que foram menos em numero que as duas passadas. E por esta causa não se puderam fazer tão prestes como as outras, porque partio da Cidade de Lisboa a vinte e dous de Abril deste anno mil quinhentos e quatro, e a dous de Maio foram na paragem do Cabo Verde. E dahi em diante, posto que tiveram alguns temporaes, que se acham em tão comprida viagem, quando veio a vinte e cinco de Julho surgio em Moçambique, onde se deteve té o primeiro dia de Agosto fazendo aguada, e reparando algumas náos, principalmente a de Pedraffonso de Aguiar, e a de Affonso Lopes da Costa, que com hum temporal que tiveram de noite deo huma per outra. Partido de Moçambique, chegou a Melinde, onde achou seis Portuguezes dos que se perdêram com Pero de Taíde, os quaes lhe contáram tambem como se perdêra Vicente Sodré, e as cousas que Affonso de Albuquerque, e Francisco de Albuquerque que tinham feito na India. Espedido d'ElRey de Melinde, que o recebeo com muito gazalhado, o tempo que alli esteve, a primeira terra que tomou da India foi Anchediva, onde achou Antonio de Saldanha com Ruy Lourenço, os quaes se faziam prestes pera tornar á costa de Cambaya, pera andar alli esperando as náos de Méca; mas Lopo Soares os levou comsigo por levar recado d'ElRey D. Manuel pera isso . . . . . tambem ter com elle Lopo Mendes de Vascu . . . . . . eio

mui contente da resposta que os Mouros mandáram a Lopo Soares, posto que trouxe comsigo os mais dos cativos que lá estavam. A qual resposta era, que ElRey estava ao pé da serra; mas que por terem sabido quanto desejava a paz, lhe mandavam aquelles homens, e que em quanto não vinha seu recado por terem mandado a elle, folgariam saber delle a vontade que tinha, e o que queria mais pera o fazerem saber ao Çamorij. Lopo Soares, depois que agradeceo a Coje Biquij a vontade que sempre mostrava aos Portuguezes, respondeo-lhe ao negocio da paz; que a primeira cousa *que haviam de fazer pera elle ouvir as condições della, era entregarem-lhe* os dous Gregos d'Esclavonia, que lá andavam, que na prática da outra paz ElRey prometteo entregar, e não cumprio. Coje Biquij, porque vio que Lopo Soares se cerrou nisto, e não quiz ouvir mais réplica, espedio-se delle, dizendo-lhe, que elle desejava mais esta paz que pessoa alguma; mas como ElRey, e os principaes do seu Conselho o haviam já por suspeito nas cousas do serviço *delRey* de *Portugal, elle não tinha nesta parte mais* auctoridade, que representar bem este negocio, o qual prazerá a Deos que viria a effecto. Lopo Soares, porque neste, e em outros recados que foram, e vieram tudo era cautelas, e dilações, sem alguma conclusão, mandou chegar seis náos das mais pequenas a terra, que varejassem com artilharia toda a cidade, em que se deteve dous dias, nos quaes se fez tanta destruição, que cahio grande parte do Cerame *delRey*. Acabada a qual obra, Lopo Soares se partio pera Cochij, onde chegou a quatorze de Setembro, a tempo que tambem Duarte Pacheco chegava de Coulão do negocio pera que o mandou chamar Antonio de Sá, (como atrás dissemos). E ao seguinte dia depois de sua chegada, ElRey de Cochij e veio ver, mostrando grande contentamento de sua vinda, e da boa entrada, que deo no varejar de Calecut, do qual [illegible] logo per patmares, que são grandes caminheiros de terra, tinha já sabido serem mortas mais de trezentas pessoas, e [illegible] muita casaria, até os palmares eram destruidos, [illegible] tio muito sentia por ser propriedade de [illegible] qual prática Lopo Soares por parte d'ElRey [illegible] as cartas, que trouxe a ElRey de Cochij [illegible] dos trabalhos, que tinha passados [illegible]

e que nenhuma cousa lhe ElRey seu Senhor mais encomendava, que a restituição de qualquer perda, que elle tivesse recebida por causa da amizade que com elle tinha, e outras muitas palavras; a que ElRey respondeo, dizendo, que elle perdia mui pouco em perder seu estado por amor d'ElRey de Portugal seu irmão, pera o que elle desejava aventurar por seu serviço, quanto mais que os damnos da guerra passada mais foram de seu imigo, que d'elle; e os trabalhos de defender aquelle seu Reyno de Cochij, não eram seus, nem dos seus subditos, e vassallos, senão dos Portuguezes, que alli estavam, principalmente do Capitão Duarte Pacheco; e que algum trabalho, que o seu Reyno podia receber, ElRey seu irmão lho pagava cada anno nas cousas, que por amor delle fazia de maneira, que recompensada huma cousa por outra, elle era o que ficava devendo. Que em signal destas mercês, e favores, que cada dia recebia, (pois em al o não podia servir,) elle queria logo mandar ordenar a carga da especiaria, e que elle Lopo Soares podia descançar nesta parte. As quaes palavras Lopo Soares respondeo com outras assi da parte d'ElRey, como da sua, conformes ao que ellas mereciam, com que se espediram hum do outro mui contentes. E porque a este tempo ElRey por causa das guerras passadas estava na Ilha de Vapij, e elle desejava de se passar à Ilha de Cochij, onde era sua propria vivenda, segundo deo conta a Lopo Soares; mandou elle Antonio de Saldanha que com alguns bateis, de que eram Capitães Tristão da Silva, Pero Rafael, Pero Zuzarte, e Ruy Lourenço, que o levassem. Os quaes foram com muita festa de trombetas, bandeiras, e gente luzida, fazendo toda honra, e acatamento à pessoa d'ElRey, como se foram seus vassallos, porque o queriam contentar, e com prazer por razão dos grandes trabalhos, que tinha padecido por conservar a amizade d'ElRey D. Manuel. (Barros, Dec. I, Liv. VII, cap. IX).

Havendo hum mez que Lopo Soares era chegado, ElRey de Cochij lhe deo conta como de hum lugar chamado Cranganor, que seria dalli quatro leguas per hum rio dentro contra Calecut, recebia muito damno, por ser lugar de fronteira, que o Çamorij tinha fortalecido: que lhe pedia muito que em quanto as náos estavam à carga, houvesse por bem de mandar sobre elle pera o destruir de todo. Lopo Soares como já tinha informação deste lugar per

Duarte Pacheco, e quão prejudicial era a sua vizinhança, determinou de ir logo sobre elle, e assi o disse a ElRey com palavras, de que elle ainda levou maior contentamento. Juntos pera este negocio vinte bateis, em que entravam os esquifes das naos, determinou Lopo Soares em pessoa de ir a este lugar, e tão secretamente, que não se soubesse em Cochij por não darem aviso aos imigos, que segundo tinha sabido estava no lugar hum Capitão do Çamorij chamado Maymamé, e o Principe Naubeadarij com gente de guarnição; por causa da qual guarnição ElRey de Cochij mandou per terra o Principe seu sobrinho com alguns Naires, e muitos frécheiros, e a mais gente de guerra que pera tal empreza lhe pareceo ser necessaria. Partido Lopo Soares huma ante manhã, foram dormir a hum lugar por esperarem alli o Principe de Cochij, que com sua gente vinha per terra per outra parte, o qual se deteve tanto, que quando a outro dia chegáram, posto que foi em amanhecendo, já a terra era appellidada, e posta em armas. E o primeiro encontro que os nossos acháram, foram duas nãos do proprio Capitão Maymamé atulhadas de gente, e dous filhos seus, que em os nossos as commettendo com animo de valentes homens as defendéram; mas não durou muito este seu fervor, porque à custa de feridos, e mortos, ellas foram entradas, e entregues ao fogo. O qual feito se fez per os primeiros Capitães, a quem Lopo Soares tinha dado a dianteira, que eram Antonio de Saldanha, Pedrafonso d'Aguiar, Tristão da Silva, Vasco Carvalho, e Affonso Lopes da Costa. Acabado este feito, que se fez tno rio, poz Lopo Soares com o corpo de toda a gente o peito em terra, que foi tomada com assás trabalho, e sangue de todos, porque os Mouros, e Indias cubriam a praia com o grande numero delles; e ante que os nossos chegassem a bote de lança, foi entre huns, e outros huma nuvem de setas tão bastas, que não davam lugar a que os nossos entrassem em caminho, e não entendiam em mais [illegible] e escudar daquelles enxames de setas, que lhe [illegible] os olhos, té que as nossas espingardas, e bésteas [illegible] que começáram de tomar mais posse da terra, e [illegible] abote das lanças pera a povoação, que foi [illegible] poder de fogo, porque ella estava já tão [illegible] esbulho, em que a gente d'armas se [illegible]

alli houve, foram trinta e cinco zambucos, e paráos, que se trouxeram pera ElRey de Cochij, como signal da victoria, que houveram de seu imigo. E posto que o fogo tomou muita licença no que queimou, maior a tomára, senão sobreviera alguma gente da terra, que eram dos Christãos que alli viviam, e vieram a Vasco da Gama, como atrás fica; por causa dos quaes Lopo Soares mandou que se não fizesse mais damno, pois tinham alli sua vivenda em companhia dos Mouros, e Gentios da terra. O Principe de Cochij, porque os nossos deram maior pressa a este negocio do que elle trazia, e não poder ser presente a elle, quando chegou por honra de sua pessoa, e entre elles se haver por victoria contra os imigos, faltou na terra decepando algumas palmeiras, como Senhor do campo, e mandou trazer huma em hum paráo por triunfo daquelle feito. O qual não sòmente quebrou a soberba do Çamorij, mas ainda deo animo a alguns seus imigos; por que chegado Lopo Soares a Cochij com a victoria delle, dahi a dous dias ElRey de Tanor seu vassallo se mandou queixar a elle per seus embaixadores, pedindo-lhe paz, e ajuda contra elle, do qual era desavindo por causas que tocavam ao serviço delRey de Portugal. E vindo elle Çamorij sobre isso com gente pera o destruir, elle lhe sahira ao encontro em hum passo, do qual houvera victoria ao tempo que Lopo Soares destruira Cranganor, em favor, e defensão do qual elle Çamorij hia, parecendo-lhe que se passasse podia castigar a elle, e ir avante, do qual trabalho elle o tirou com a victoria que lhe Deos deo. Que o favor, e ajuda, que delle queria, era mandar ao seu porto de Tanor alguma náo com gente, e artilheria, porque tinha per nova que o Çamorij com maior indignação, como homem injuriado, vinha outra vez sobre elle. Lopo Soares, depois que ouvio os Embaixadores, os mandou muito bem agazalhar, e quiz-se informar d'ElRey de Cochij, e de Duarte Pacheco desta novidade d'ElRey de Tanor, sendo hum tão principal imigo, como elles diziam, e que naquella guerra passada sempre servira a ElRey de Calecut, que não sabia como podia mover huma tal cousa: Que quanto ao que elle sentia deste negocio, verdadeiramente tinha pera si que era alguma simulação, a fim de lhe não darem sobre este lugar com o temor da nova da destruição de Cranganor. A qual suspeita ElRey de Cochij lhe desfez, e assi

Duarte Pacheco polo que tinha sabido per alguns principaes da terra; e a causa de mandar pedir esta ajuda, era esta. Este Reyno de Tanor antigamente fora livre, e não subdito, e continha em seu estado muitas terras; mas como o vizinho poderoso sempre vai comendo do fraco, os Reys de Calecut o puzeram em tal estado, que não ficou mais aos Principes delle, que aquella povoação do porto de Panane, e isto, e isto em vida deste Rey que reinava, de maneira, que de Rey livre ficou tributario ao Çamorij. O qual Rey parecendo-lhe que per serviço de sua pessoa podia cobrar delle Çamorij o que não pudéra defender, em todalas guerras passadas, que elle Çamorij teve, foi hum dos principaes, e mais continuos, que o serviam, sem haver galardão de seus trabalhos. Mas parece que nenhuma cousa destas satisfez ao Çamorij; e per qualquer causa que foi temendo-se delle que podia com nosso favor tirar o laço do pescoço de sua servidão, determinou de lhe tomar este porto de Tanor, e o mais que tinha. Finalmente, posto o Çamorij em caminho com dez mil homens pera vir a Cranganor em ajuda do Principe de Calecut e Marmame seu Capitão mór temendo o que succedeo, assentou que á tornada, quando se recolhesse a Calecut, daria em Tanor. Peró primeiro que elle chegasse a este effeito, lhe succedeu outro não esperado delle, e foi, que ElRey de Tanor subitamente em hum passo lhe sahio, e o desbaratou. Com a qual obra fez ElRey de Tanor duas cousas, vingou-se primeiro que o Çamorij désse nelle, e mais foi impedimento pera se não ir ajuntar em Cranganor com os seus, que per ventura se o fizera não houvera Lopo Soares tão levemente victoria delles. Teve ainda ElRey de Tanor outra boa fortuna, que indo o Principe de Calecut, e Marmame desbaratados dos nossos, sahio-lhe elle tambem ao caminho, e acabou de os destruir de maneira, que chegado Pero Rafael com huma caravela armada, e quarenta homens, que lhe Lopo Soares mandava polo requerimento dos seus Embaixadores, tinha já ElRey de Tanor havido estas victorias, estando elle, quando os mandou a pedir este soccorro, esperando cada dia polo Çamorij que o vinha destruir. E como homem mimoso da boa fortuna daquellas victorias, já recebeo com ceremonias de magestade de sua pessoa a Pero Rafael, dando-lhe agradecimentos de sua boa chegada, e que ao presente não tinha necessidade delle, por seu imigo ser já posto em salvo, mais timido, que sober-

bo. Que elle esperava de cobrar todo seu estado com favor, e ajuda das Armadas delRey de Portugal, cujo servidor elle seria todo o tempo de sua vida, e que pera isso offerecia sua pessoa, fazenda, e estado quando per seus capitães fosse requerido; e com esta, e outras offertas de palavras, que mandou a Lopo Soares, espedio a Pero Rafael, que se tornou a Cochij. (Dec. I, Liv. VII, cap. X).

"*Em quanto estas cousas passáram*, posto que tambem se entendesse em a carga das náos, porque ellas eram muitas, e com a guerra o negocio da pimenta não andava tão corrente, que assi em breve se pudesse haver, e mais por a maior parte delle ser feito per mãos de Mouros mui vagarosos, ordenou Lopo Soares de mandar a Çoulão sinco náos, Capitães Pero de Mendonça, Lopo d'Abreu, Antonio de Saldanha, Ruy Lourenço, e Filippe de Castro, pera lá haverem carga. Porque além de ter recado de Antonio de Sá, que estava por Feitor daquella Feitoría, que tinha recolhido boa somma de pimenta, tambem per conselho delle, e de Duarte Pacheco, que della era vindo, quiz mandar aquellas sinco vélas pera favor da nossa Feitoria: cá andavam os Mouros tão alevantados contra Antonio de Sá, que com trabalho lhe queriam dar pimenta, e não vinha náo de Mouros ao porto de Coulão, que logo não fosse despachada a pezar delle: assi que por estas causas as enviou, e em breve foram, e vieram com sua carga a tempo que as outras estavam prestes. E porque ElRey D. Manuel mandava a Lopo Soares que em guarda da Fortaleza de Cochij, e assi daquella costa, ficasse Manuel Telles Barreto filho de Affonso Telles Barreto por Capitão mór de quatro vélas; à espedida que teve com ElRey de Cochij, lho entregou com palavras, de que ElRey ficou satisfeito ácerca da segurança de seu estado, posto que elle quizera, pola experiencia que tinha delle, que ficára Duarte Pacheco. *Com o qual* Manuel Telles, por serem homens conhecidos delRey, e andarem sempre naquella guerra, e o comprazer nisso, ficáram Pero Rafael, e Diogo Dias, e Christovão Zuzarte. E nesta espedida, que Lopo Soares teve com ElRey, não lhe quiz dar conta do que determinava fazer de caminho, que era dar em hum lugar do Çamorij chamado Panane, temendo que communicando este negocio com elle, fossem logo os Mouros avisados, por não se guardar muito segredo entre elles, principal-

mente como locava em cousas nossas. A qual ida Lopo Soares assentou com os Capitães, e principalmente com Duarte Pacheco, por ter sabido, quando logo elle chegou, que naquelle lugar de Panane estavam dezesete náos de mercadores do estreito de Méca pera tomar carga de especiaria; por a qual razão huma das cousas, que Lopo Soares proveo em chegando, foi mandar a Pero de Mendonça por Capitão mór de tres vélas, que andasse em guarda dos portos de Calecut, por não sahir, ou entrar náo sem ser per elle vista. Finalmente, assentadas todalas cousas, que convinham à Fortaleza, e espedido d'ElRey, elle Lopo Soares se partio a vinte e seis de Dezembro, levando em sua companhia Manuel Telles com os outros Capitães de sua bandeira pera serem com elle naquelle feito. E seguindo seu caminho, levando diante as caravelas chegadas à costa, e elle com as náos de largo por irem carregadas, sendo tanto avante como Panane, sahiram a ellas vinte parãos bem artilhados, e como genetes ligeiros começáram despender sua polvora, e armazem. Os quaes, segundo logo pareceo, de industria vinham travar com ellas; e como a frota das náos da carga se mostrou, fingiram temor, e começáram de se recolher pera dentro do rio, onde as náos dos Mouros estavam, porque lhe pareceo que por os nossos irem já de caminho com carga feita, não se haviam de querer metter dentro em ventura, por o rio não lhe dar lugar, principalmente com hum baluarte, que defendia a entrada, posto que as caravelas o quizessem commetter. E verdadeiramente posto o negocio em conselho, os Mouros estavam na verdade, que não era cousa pera commetter entrar naquelle rio segundo elle estava defensavel; e mais impossivel lhe parecia se souberam o modo, que os nossos depois tiveram em commetter este feito. Porque quem podia crer que obra de trezentos e sessenta homens em quinze bateis, e duas caravelas, haviam de commetter dezesete náos grossas com muita artilheria encadeadas humas em outras, tão juntas com as popas em terra à maneira de alcantilada, que pareciam hum eirado soberbo sobre o mar, em guarda das quaes estávam quatro mil homens. Porém como as cousas da honra, acerca daquelles que a tem por vida, precedem todolos perigos da morte, e mais este caso, que tratava do estado da India, não se quiz vir Lopo Soares sem o leixar concluido, o qual per ventura fizera mais

mente como tocava em cousas nossas. A qual ida Lopo Soares assentou com os Capitães, e principalmente com Duarte Pacheco, por ter sabido, quando logo elle chegou, que naquelle lugar de Panane estavam dezesete náos de mercadores do estreito de Méca pera tomar carga de especiaria; por a qual razão huma das cousas, que Lopo Soares proveo em chegando, foi mandar a Pero de Mendonça por Capitão mór de tres vélas, que andasse em guarda dos portos de Calecut, por não sahir, ou entrar não sem ser per elle vista. Finalmente, assentadas todalas cousas, que convinham à Fortaleza, e espedido d'ElRey, elle Lopo Soares se partio a vinte e seis de Dezembro, levando em sua companhia Manuel Telles com os outros Capitães de sua bandeira pera serem com elle naquelle feito. E seguindo seu caminho, levando diante as caravelas chegadas à costa, e elle com as náos de largo por irem carregadas, sendo tanto avante como Panane, sahiram a ellas vinte paráos bem artilhados, e como genetes ligeiros começáram despender sua polvora, e armazem. Os quaes, segundo logo pareceo, de industria vinham travar com ellas; e como a frota das náos da carga se mostrou, fingiram temor, e começáram de se recolher pera dentro do rio, onde as náos dos Mouros estavam, porque lhe pareceo que por os nossos irem já de caminho com carga feita, não se haviam de querer metter dentro em ventura, por o rio não lhe dar lugar, principalmente com hum baluarte, que defendia a entrada, posto que as caravelas o quizessem commetter. E verdadeiramente posto o negocio em conselho, os Mouros estavam na verdade, que não era cousa pera commetter entrar naquelle rio segundo elle estava defensavel; e mais impossivel lhe parecia se souberam o modo, que os nossos depois tiveram em commetter este feito. Porque quem podia crer que obra de trezentos e setenta homens em quinze bateis, e duas caravelas, haviam de commetter dezesete náos grossas com muita artilheria encadeadas humas em outras, tão juntas com as popas em terra à maneira de alcantilada, que pareciam hum eirado soberbo sobre o mar, em guarda das quaes estávam quatro mil homens. Porém como as cousas da honra, acerca daquelles que a tem por vida, precedem todolos perigos da morte, e mais este caso, que tratava do estado da India, não se quiz vir Lopo Soares sem o leixar concluido, o qual per ventura fizera mais

escada de corda de que lançasse mão. E porém logo na chegada, estando Lopo Soares pera afferrar, huma bombarda lhe matou hum homem, e feriram quatro; e Tristão da Silva, que foi dos primeiros, subindo per outra, o deitáram abaixo, e outro tanto fizeram a Pero de Mendonça, e a Antonio de Saldanha com outra bombarda lhe arrombáram o seu batel, e levou a barriga da perna a hum criado seu de que ficou aleijado. E porque era já maior o perigo de se affogarem, por o batel se ir ao fundo, que commetter as náos, tomou posse de huma com os que levava. Manuel Telles, Duarte Pacheco afferráram huma, que diziam ser a capitania das outras, onde acháram bem de trabalho, porque havia nella muitos Turcos, homens mui valentes, e despachados, que não chegavam a elles sem fazerem sangue. Finalmente cada hum em a náo que lhe coube em forte, com morte do Capitão dos Turcos, e alguns Mouros, e muitos do Gentio da terra, deo tal conta della, que poucos, e poucos subindo ao alto se fizeram Senhores de todas, lançando se os Mouros ao mar, onde poucos escapavam, porque os marinheiros dos bateis ás lançadas os matáram. E sem se saber quem, nem por cujo mandado foi posto fogo ás náos, e assi tomou elle posse dellas, que as não leixou até o lume da agua, onde ardeo muita fazenda, porque estavam pera partir quasi de todo carregadas. E foi a cousa que mais espantou aos da terra, vendo que sem ter cubiça de tanta riqueza, como nellas estava, tão levemente foram queimadas, e diziam que isto se fizera em vingança do que fora feito a Aires Correa. Porém a victoria não foi sem custo, porque os nossos morrêram vinte e tres pessoas, e cento e setenta feridos, porque durou a peleja de pela menhã té horas de meio dia; e segundo se depois soube em Cananor, morrêram dos imigos setecentos, e feridos hum grande numero delles. Acabado este feito, tornou-se Lopo Soares recolher ás náos, e naquelle dia não se entendeo em mais, que na cura dos feridos; e o seguinte, que era dia de Janeiro do anno de quinhentos e sinco, se fez á véla caminho de Cananor, onde foram recebidos com muita festa, e prazer dos nossos que alli estavam, os quaes segundo cada dia eram assombrados dos Mouros moradores da terra, se Lopo Soares ficára com alguma quebra daquelle feito, ou as náos ficaram inteiras não ousaram estar alli mais, por verem que ElRey era mui subjeito a estes Mouros, e levemente lhe perdoava qualquer erro pelo

rendimento, que tinha delles em seus tractos. Porém sabendo elle que Lopo Soares era chegado do lugar onde estava, que era contra a serra, o veio logo ver, mostrando grande contentamento da victoria que houve. Na qual vista, porque era tambem espedida, Lopo Soares lhe encommendou o Feitor, e Officiaes, e gente que alli ficava debaixo do amparo de sua verdade, passando ambos sobre isto muitas palavras, em que ElRey deo grande penhor da maneira que haviam de ser tratados, e favorecidos, e com isto se espediam ambos. Acabada de tomar a carga que alli estava prestes, fez-se Lopo Soares á véla via deste Reino, espedindo de si a Manuel Telles com os outros Capitães, que ficavam com elle, e com bom tempo que lhe fez ao primeiro de Fevereiro, chegou a Melinde, onde foi provido de muitos refrescos, que lhe ElRey mandou ás náos. Partido daqui com tenção de queimar hum lugar d'ElRey de Mombaça a rogo d'ElRey de Melinde, aconteceo que passou per elle com as aguas que corriam, e não pode tomar terra, e foi ter a Quiloa por recolher as pareas, que ElRei devia de dous annos, de que se elle escusou por pobreza. Ao qual Lopo Soares não quiz muito apertar, vendo que sobmettia sua pessoa á obediencia do que elle mandasse, mostrando que por seus rogos aquelle anno lhe não queria paga, sómente que a tivesse prestes ao seguinte pera o Capitão que alli viesse. Espedido delle, partio-se a dez de Fevereiro, e em Moçambique se deteve dez, ou onze dias, tomando agua, e lenha, e esperando por corregimento da náo de Antonio de Saldanha que fazia muita agua, donde mandou diante a Pero de Mendoça, e a Lopo de Abreu, que trouxessem a nova de sua vinda a este Reyno. Os quaes sendo quatorze leguas da aguada de S. Braz, de noite encalhou Pero de Mendoça em terra, e pela manhã Lopo de Abreu o vio estar com o Traquete desferido, e por causa do tempo não lhe pode valer, com que Pero de Mendoça ficou sem se mais saber delle ; e parece que elle pagou por toda a frota, porque Lopo de Abreu veio a salvamento a Lisboa nove dias ante Lopo Soares. O qual, partido de Moçambique, posto que no cabo teve hum temporal com que algumas náos se apartáram delle, assi como Antonio de Saldanha, que com o masto quebrado foi ter á Ilha de Sancta Helena, e outros corrêram outras fortunas, per derradeiro se ajuntáram com elle nas Ilhas Terceiras, donde partio pera este Reyno, e entrou no porto de Lisboa a vinte e

dous de Julho com treze vélas juntas, e dahi a poucos dias entrou a náo de Setubal, de que era Capitão Diogo Fernandes Peteiri, que vinha com boas prezas que fez na costa de Melinde diante de Antonio de Saldanha, e foi invernar á Ilha Çocotora, que novamente descubrio. E por chegar a Cochij, depois que Lopo Soares estava á carga, conveio-lhe tomar a sua per derradeiro de todos, que causou não vir em sua companhia. Démos esta relação delle, porque depois que se apartou de António de Saldanha não o tinhamos feito, e podianos alguem pedir conta delle. Assi que com a Armada de Lopo Soares vieram tres Capitães do anno passado, e foi esta sua viagem huma das mais bem afortunadas que se fez de tão grossa Armada, porque foi, e veio junta em espaço de quatorze mezes, e trouxe mui rica carga, com fazer dous feitos mui honrados, hum dos quaes foi dos melhores, em ser bem commettido, pelejado, e perigoso, que se naquellas partes vio" (Dec. I, liv. VII, cap. XI).

XI—Carta d'ElRei D. Manuel para o Rei de Castela

(1505)

Documento n.º 21

No mês de Outubro de 1505 o tipógrafo João de Bessicken imprimiu em Roma a versão italiana duma carta endereçada por ElRei D. Manuel para o rei de Castela acêrca das armadas enviadas para a India desde 1500 até os fins de Março de 1505. E' uma bela síntese que vem rematar a série dos documentos publicados neste 1.º fascículo do volume I do Arquivo Português Oriental.

Da versão italiana existem 3 exemplares: um na Marciana *de Veneza, outro que Varnhagen informa achar-se na Biblioteca* Corsini *de Florença, e o terceiro que Gallardo menciona entre os livros da Biblioteca* Colombina *de Sevilha, adquiridos por Fernando Colombo. Foi reimpressa e anotada por A. C. Burnell e editada em Londres em 1881 por Wyman and Sons, e traduzida para o português por Prospero Peragallo e publicada entre as memorias da Comissão Portuguesa do Centenário do Descobrimento da América. Ei-la:*

Ainda que, Catholico Rei e Senhor, depois do resgate e commercio nas terras da India iniciado em nosso nome eu tenha por mais de uma vez informado a Vossa Serenissima Magestade do que succedeu, todavia tendo agora chegado alguns dos nossos navios, pareceu-me conveniente dar-vos aviso das novidades que soube. E repetindo o que em outras cartas nossas já temos escripto, a fim de que sejaes plenamente informado de tudo, repetiremos os factos desde a primeira nossa armada até á presente.

As primeiras náos, que mandámos áquellas terras foram

em numero de XII, além de uma caravella que levava mantimentos. E sahiram do nosso porto de Lisboa no anno de 1500 no dia 8 de março, para ir a negociar em especiarias e drogas nas regiões da India, além do mar Roxo e Persico, em uma cidade chamada Calicut, cujo Rei, costumes e usos de seus habitantes mais adiante contarei.

Da dita armada foi Capitão General Pedro Alvez Cabral. Navegando elle além do Cabo Verde descobriram uma terra que novamente veiu á noticia d'esta nossa Europa, á qual terra puz o nome de Santa Cruz: e isto foi porque na praia arvorou uma cruz muito alta. Outros chamam-lhe terra nova ou novo mundo. Esta terra aonde elles fundearam é situada além do Tropico do Cancro em XIIII gráos; pois os marinheiros com seus quadrantes e astrolabios tomaram a altura; porque sempre navegam para aquelles mares com instrumentos astrologicos. Sahindo do dito Cabo Verde esta terra jaz entre Oeste e Sud-oeste, ventos principaes, e dista do dito Cabo Verde quatrocentas leguas.

Dos seus habitantes, de sua fertilidade, grandeza e condição, e se seja ilha ou terra firme com outras nossas cartas temos já dado a Vossa Serenissima larga informação.

Sahindo a dita armada d'este logar, o capitão deixou ahi dous christãos á mercê de Deus: pois elle trazia vinte homens já condemnados á morte pela justiça para deixal-os aonde melhor lhe parecesse. D'estes dous homens, em uma outra armada que directamente mandámos áquella terra, voltou um que sabia a lingua dos indigenas, e nos informou de tudo. D'esta terra o capitão fez regressar a nós aquella caravella que levava mantimentos.

No segundo dia do mez de maio partiram em Direcção ao Cabo da Boa Esperança; e no dia XII chegaram á vista do dito Cabo, que é distante mil e duzentas leguas da sobredita terra. Este Cabo de Boa Esperança está além da equinocial em XXXI gráos: e é aquella terra que Ptolomeu lá nos confins de Africa chama terra incognita. Toda a costa é mui

XI—Carta d'ElRei D. Manuel para o Rei de Castela

(1505)

Documento n.º 21

No mês de Outubro de 1505 o tipógrafo João de Bessicken imprimiu em Roma a versão italiana duma carta endereçada por ElRei D. Manuel para o rei de Castela acêrca das armadas enviadas para a India desde 1500 até os fins de Março de 1505. E' uma bela síntese que vem rematar a série dos documentos publicados neste 1.º fascículo do volume I do Arquivo Português Oriental.

Da versão italiana existem 3 exemplares: um na Marciana *de Veneza, outro que Varnhagen informa achar-se na Biblioteca* Corsini *de Florença, e o terceiro que Gallardo menciona entre os livros da Biblioteca* Colombina *de Sevilha, adquiridos por Fernando Colombo. Foi reimpressa e anotada por A. C. Burnell e editada em Londres em 1881 por Wyman and Sons, e traduzida para o português por Prospero Peragallo e publicada entre as memorias da Comissão Portuguesa do Centenário do Descobrimento da América. Ei-la:*

Ainda que, Catholico Rei e Senhor, depois do resgate e commercio nas terras da India iniciado em nosso nome eu tenha por mais de uma vez informado a Vossa Serenissima Magestade do que succedeu, todavia tendo agora chegado alguns dos nossos navios, pareceu-me conveniente dar-vos aviso das novidades que soube. E repetindo o que em outras cartas nossas já temos escripto, a fim de que sejaes plenamente informado de tudo, repetiremos os factos desde a primeira nossa armada até á presente.

As primeiras náos, que mandámos áquellas terras foram

em numero de XII, além de uma caravella que levava mantimentos. E sahiram do nosso porto de Lisboa no anno de 1500 no dia 8 de março, para ir a negociar em especiarias e drogas nas regiões da India, além do mar Roxo e Persico em uma cidade chamada Calicut, cujo Rei, costumes e usos de seus habitantes mais adiante contarei.

Da dita armada foi Capitão General Pedro Alvez Cabral. Navegando elle além do Cabo Verde descobriram uma terra que novamente veiu á noticia d'esta nossa Europa, á qual terra puz o nome de Santa Cruz: e isto foi porque na praia arvorou uma cruz muito alta. Outros chamam-lhe terra nova ou novo mundo Esta terra aonde elles fundearam é situada além do Tropico do Cancro em XIIII gráos; pois os marinheiros com seus quadrantes e astrolabios tomaram a altura; porque sempre navegam para aquelles mares com instrumentos astrologicos. Sahindo do dito Cabo Verde esta terra jaz entre Oeste e Sud-oeste, ventos principaes, e dista do dito Cabo Verde quatrocentas leguas.

Dos seus habitantes, de sua fertilidade, grandeza e condição, e se seja ilha ou terra firme com outras nossas cartas temos já dado a Vossa Serenissima larga informação.

Sahindo a dita armada d'este logar, o capitão deixou ahi dous christãos á mercê de Deus: pois elle trazia vinte homens já condemnados á morte pela justiça para deixal-os aonda melhor lhe parecesse. D'estes dous homens, em uma outra armada que directamente mandámos áquella terra, [illegible] um que sabia a lingua dos indigenas, e nos [illegible] D'esta terra o capitão fez regressar a nós aquella [illegible] que levava mantimentos.

No segundo dia do mez de maio partiram [illegible] Cabo da Boa Esperança; e no dia XII [illegible] dito Cabo, que é distante mil e duzentas [illegible] terra. Este Cabo de Boa Esperança [illegible] em XXXI gráos: e é aquella [illegible] de Africa chama [illegible]

voada de gente não muito preta; é fertil, e abunda em fructos de toda a qualidade e em aguas. Pelas observações feitas pelos marinheiros, conheceu-se o Polo Antarctico, o Canopo, e muitas outras figuras de estrellas: observações que elles me trouxeram: ahi por 10 noites continuas viram em direcção á Africa um grandissimo cometa, e além d'isso viram á meia noite o arco Iris, o que para nós é cousa inaudita.

No dia 24 do dito mez, navegando com bom tempo para montar o dito Cabo, levantou-se de repente um violentissimo vento, de fórma tal que fez ahi sossobrar quatro das ditas náos juntamente com toda a tripulação [1]. Duas d'ellas perderam-se; as outras tomaram o vento em popa com velas rasgadas, sartas, vergas quebradas e mastros desarvorados, e por cinco dias correram com o tempo, e por fim, tendo abonançado a tempestade, e juntando-se as seis náos, navegando ao longo da costa chegaram a Sophala.

Esta é uma ilha ao pé da barra de um rio: é habitada por muitos mercadores; aonde ha ouro infinito, que ahi é introduzido, do sertão da Africa por homens de baixa estatura, mas fortes, e monstruosos, muitos d'elles; pois comem carne humana, principalmente de seus inimigos, e tem pequena voz. Da mesma fórma é trazido o ouro á nossa mina em Guiné. Esta ilha é possuida pelo Rei de Quiloa. Além de esta ilha acharam duas grandes náos que vinham da dita Sofala, e eram dirigidas ao Rei, das quaes tomou posse o nosso capitão; porém tendo elle sabido que pertenciam ao dito Rei deixou-as livres navegar, tomando só para si um piloto para Quiloa: e chegado que elle foi a Quiloa, cidade principal do dito reino amplissimo e bem povoado, com salvo-conducto, foi muito honrado pelo dito Rei; pois tinha cartas nossas escriptas em lingua arabica e portugueza para o dito Rei, com o fim unico de nos conceder o resgate e o commercio da dita ilha. E assim foi concedido: porém, como duas náos que deviam ficar ahi tinham-se perdido, não fez commercio algum.

Quiloa é uma cidade na Arabia, situada em uma pequena ilha junto á terra firme, mui bem povoada de homens negros e de negociantes, e é edificada ao nosso modo. Ahi ha abundancia de ouro, prata, ambar, musgo, e rasoavel quantidade de perolas: vestem-se de pannos de seda e algodão finos.

Sahindo d'ahi, navegaram em direcção ao reino de Melinde, para cujo Rei traziam egualmente cartas minhas (2) e embaixada; pois elle graciosamente tinha recebido Dom Vasco, que foi o primeiro que descobriu essa costa. Ahi no porto de Melinde acharam tres náos de Cambaia, de 200 tonelladas cada uma. Estas náos são de canna na parte superior; e a sua querena é ligada com cordas e calafetada com betume, por falta de pregos. e d'esta forma são as náos todas d'aquelles sitios; navegam sempre tendo vento em popa, pois não podem andar de bolina, e teem o castello de popa. O sobredito Rei fallou por meio de interpretes com o nosso capitão em bateis: estabeleceu-se boa amisade entre nós, e elle deu ao dito capitão um piloto para o conduzir até Calicut: ahi ficaram outros dois degredados, um dos quaes devia estar em Melinde, e outro explorar terra dentro. (3)

Estes dois reinos Quiloa e Melinde estão áquem do Mar Roxo: e confinam com gentios e com o Preste João, chamado Abechi na lingua d'elles, que significa ferrado; porque com effeito elles, com ferro escaldado se persignam; e assim são baptisados sem agua.

No septimo dia de agosto partiram para Calicut, e atravessaram um golfão de setecentas leguas, chegando á vista de Calicut no dia 13 de setembro, seis mezes depois da sua sahida de Lisboa. A' distancia de uma legua do porto de Calicut foram ao seu encontro varios cidadãos e gentishomens do Rei, com muita festa; fundearam em frente da cidade e deram salvas de artelheria: o que foi motivo de grande espanto para elles.

Calicut é na India uma terra povoada de gentios: alli ha commercio de todas as especiarias e drogas, e por isso

acham-se ahi mercadores de todos aquelles sitios, e varias mercadorias, como Bruges em Frandes e Venecia na Italia. No dia seguinte mandou para terra quatro Indianos que tinha levado de Lisboa, e que fallavam bem a lingua portugueza, (1) os quaes alcançaram do Rei salvo-conducto para que a nossa gente podesse desembarcar, como o Capitão lhes tinha ordenado. E assim desembarcou Affonso Furtado, o qual convencionou com o Rei que elle mandasse como refens para bordo cinco dos seus mais antigos fidalgos, a fim de que o Capitão desembarcasse para tratar com elle: e d'esta fórma o Capitão veiu a terra, deixando Sancho Tovar em seu logar em a náo. O Rei veiu á praia, alojando-se em umas casas suas para receber o dito Capitão, o qual foi levado nos braços de certos gentis homens do dito Rei até á presença do mesmo Rei. (2) Estava o Rei deitado em um palanquim, e coberto com um panno de seda vermelha: da cintura para cima era nu, e da cintura para baixo estava coberto com um véo de algodão lavrado de ouro e prata: na cabeça tinha um barrete de brocado, á maneira de um capacete antigo: pendiam-lhe das orelhas duas perolas grandes como avellãs, sendo uma redonda, e a outra do feitio de uma pera; trazia dois braceletes de ouro com muitas joias e perolas, e muitos anneis nas mãos ornados de gemmas preciosissimas e de muito valor. Ahi estava uma grande cadeira toda de prata, tendo os braços e o espaldar de ouro com muitas joias; havia assim mesmo vinte trombetas de prata, e tres de ouro mais compridas um terço do que as nossas, e que davam um fortissimo som. Na sala havia seis grandes alampadas de prata, segundo o uso mourisco, que estavam accesas noite e dia. Ninguem dos circunstantes pode chegar-se para o Rei senão a distancia de seis passos, por reverencia; mas o Capitão ao chegar aproximou-se mais do que os outros, e sentando-se deu sua mensagem, e entregou as nossas cartas escriptas em arabico e em portuguez. E logo mandou vir o nosso presente, que foi o seguinte:

Primeiro· uma grande bacia e um jarro de prata dourada, lavrada com varias figuras: uma grande terrina coberta, e uma taça grande de ouro, lavradas com figuras. duas maças de prata com suas cadeias: quatro almofadas, sendo duas de brocado e duas de veludo carmesim; um docel de brocado com franjas de ouro e carmesim: um grande tapete. dois pannos de arraz finissimos, representando um flores e o outro figuras

O Rei recebeu gostosamente esta dadiva; porque ahi não usam d'essas cousas: e concluiu-se a paz e amisade. Em confirmação, o rei mandou fazer uma carta em uma folha de prata batida, com o seu sello feito de ouro, no estylo de Damasco, segundo o seu costume; a qual me trouxeram; (¹) e tambem outras cartas escriptas em folhas de arvores, que parecem folhas de palmeiras: nas quaes commummente se escreve. D'estas arvores fazem assucar, mel, azeite, vinho, agua, vinagre, carvão e cordas, e grande mantimento para trazer em as náos.

Em seguida o Rei deu licença ao Capitão que voltasse á sua náo, e que enviasse para terra os cinco refens que em a náo não quizeram comer nada. Estes refens, vendo voltar o Capitão, por medo de serem ahi retidos lançaram-se á agua, e parte d'elles fugiram para terra; alguns foram tomados pelos marinheiros. E o Capitão não os quiz restituir senão depois que o Rei lhe mandasse Affonso Furtado com oito christãos e algumas fazendas que tinham ficado em terra. Nesta restituição houve alguma discordia: pois um não se fiava no outro.

Feita a restituição, por vontade do Rei e do Capitão, desceu em terra Ayres Corrêa, que devia ficar ahi por feitor; e em sua troca vieram para as náos dois sobrinhos de um mercador Guzerate. O dito feitor, ao fim de dous mezes e meio de sua estada em terra, com seu [illegible] combinou o trafico; embora houve[illegible]jilos [illegible]ticularmente os de Meca.

quencia d'esta convenção o Rei concedeu ao nosso feitor uma casa grande que estava á beira-mar. E d'ella tomou posse, içando a nossa bandeira, e começou a habital-a; e os dous mercadores que estavam em a náo voltaram para terra. E logo em seguida principiou a carregar a náo; porque o Rei tinha-lhe promettido a carga com preferência a outro qualquer.

Estando n'esta concordia, o Capitão, a pedido do Rei, mandou uma caravella com setenta homens, e uma bombarda grossa e mais artilheria, para aprisionar uma grande náo de mouros, a qual passava por ahi, sendo armada com quatrocentos archeiros: e com effeito tomaram-na e apresentaram-na ao Rei da parte do Capitão; e ao Rei pareceu cousa maravilhosa que fosse aprisionada por uma tão pequena embarcação. N'esta náo havia muita mercadoria e cinco elephantes ensinados para a guerra, os quaes foram avaliados em trinta mil ducados.

No dia dezeseis de dezembro, estando o feitor occupado em contas de duas náos que já estavam carregadas, o nosso Capitão deteve uma náo de mouros que, estando carregada, quiz furtivamente partir; pois assim estava convencionado com o Rei: e logo todos os mercadores se armaram, e levantando sedição na terra correram para a casa do feitor, aonde estavam perto de oitenta christãos; e, tendo-a combatido por tres horas, finalmente a destruiram, embora muitos mouros tivessem ahi perdido as vidas. O feitor, juntamente com os outros, tendo perdido a casa, quiz retirar-se para o mar, aonde já estavam os bateis das náos por se ter ouvido o barulho; mas sobrevindo grande multidão de povo, o feitor e cincoenta e tres christãos foram mortos: os outros feridos escaparam.

Neste tempo o Capitão achava-se doente, e sabedor do que tinha acontecido esperou um dia para ver se o Rei lhe mandava a pedir alguma desculpa do caso; vendo porém que o Rei nada se importava com isso, ordenou que fossem aprisionadas dez náos grandes que alli estavam; e tendo-as

descarregadas do que ellas continham, achando ahi tres elephantes, que em seguida, por falta de mantimentos, comeram, e matando a maior parte dos marinheiros, captivando o resto, fel-as queimar diante da cidade. Na seguinte noite mandou que todas as náos que estavam junto à terra se puzessem ao largo; e na alvorada começaram a bombardear a cidade, que não tem muralhas, aonde produziram grandissimos prejuizos; de forma tal que o Rei viu-se obrigado a abandonar suas casas.

Em seguida fizeram-se de véla, e em um porto chamado Fundarane mataram muita gente com a artilheria, e resolveram navegar para o reino de Cochim, que está a quarenta leguas de Calicut: no caminho encontraram duas náos do Rei de Calicut, as quaes aprisionaram e queimaram. No dia vinte e quatro de dezembro chegaram a Cochim, e, tendo sido recebidos graciosamente por aquelle Rei, fizeram accordo com elle; e em dezeseis dias fizeram a sua carga: porque é d'estes sitios que as especiarias e drogas vão para Calicut. Este Rei é poderosissimo, a ponto que só dous mercadores tinham cincoenta boas náos para oppôr ao Rei de Calicut. E em troca de sete homens nossos, que foram a terra para negociar, mandou à náo dous gentis homens seus, que mudavam de vestimenta cada vez que queriam comer; pois, comendo elles no mar, já não podiam apresentar-se ao Rei, segundo a sua lei. N'este reino ha muitos christãos da conversão de S. Thomé, cujos sacerdotes seguem a vida apostolica com muita devoção e rigor: teem egrejas aonde somente é a cruz, e celebram com pão azymo e vinho, que fabricam com uva-passa e agua por não ter outra cousa: todos os christãos usam cabello e barba, que nunca cortam; Ahi souberam que o corpo de S. Thomé está longe de Cochim cento e cincoenta leguas, na costa do mar, em uma cidade chamada Meliapur, mui pouco povoada, e trouxeram terra do seu sepulchro, que, pelos muitos milagres, é frequentado dos christãos e de todas aquellas nações. Outrosim trouxeram para aqui dous sacer-

dotes christãos, que, com licença de seu prelado, vieram para rem a Roma e a Jerusalem, pois crêem que a Egreja de S. Pedro é mais bem governada que a sua propria.

Souberam outrosim que, além da dita casa de S. Thomé, ha muitas povoações de christãos, que vão em peregrinação ao dito santo. São homens brancos e de cabellos louros, olhos verdes, e são fortissimos: a sua terra principal chama-se Malchina, d'onde veem jarras grandes e bonitas de porcellana; musgo ambar e páo aloes, que tiram do rio Gange, que corre na terra d'elles.

Sendo já carregadas as ditas náos, appareceu uma armada do Rei de Calicut, de oitenta vélas, com quinze mil homens: pelo que o nosso Capitão fez-se de véla, deixando em Cochim sete christãos, e trazendo comsigo como refens os dois gentis homens, com intenção porém de voltar; mas visto que tinha bom tempo resolveu regressar, e é por isso que os dous mouros e os dous sacerdotes estão aqui no reino: e não quiz atacar a dita armada de Calicut por levar as náos carregadas e com pouca gente, e por ser grande o caminho, pois achavam-se distantes de Lisboa quatro mil leguas. E partindo-se no dia quinze de janeiro de 1501 passaram diante de um outro reino chamado Cananor, àquem de Calicut, cujo Rei mandou offerecer a carga ao Capitão, dando-lhe tudo a credito até elle voltar outra vez; mas o Capitão, agradecendo-lhe, não tomou senão cem arrobas de canella, que fez pagar logo, e que os mouros em seus bateis trouxeram para a náo. E enviou um dos seus gentis homens com carta e mensagem, o qual está aqui. D'este nosso reino os refens de Cochim escreveram ao seu Rei e aos seus parentes; e egualmente o Capitão escreveu aos nossos christãos que lá tinham ficado.

No dia seguinte o Capitão navegou para Melinde; e no ultimo dia de janeiro encontraram uma grande náo carregada de mercadorias, a qual, por pertencer ao Rei de Cambaia, deixaram em liberdade, tomando sómente um piloto para Melinde.

No dia 12 de fevereiro, perto da meia noite, uma das nossas náos, de duzentas tonelladas, deu em um baixo, salvando-se os homens, tendo por Capitão Sancho Tovar, e por isso ficaram cinco náos, uma das quaes o nosso Capitão mandou para Sophala a fim de informar-se bem a seu respeito. Em seguida, por causa da tempestade, perderam de vista uma outra náo: finalmente no dia da Paschoa de maio montaram o Cabo de Boa Esperança tres náos, e chegaram a Bezebiche, junto a Cabo Verde, e ahi calafetaram as náos, e d'ahi a pouco chegou aquella que ultimamente se tinha esgarrado, chegando tambem a que havia enviado a Sophala, cujo Capitão disse que tinha mandado a Sophala um christão com um mouro por refem, e esperou por tres dias, e não tendo tido noticia d'elle resolveu partir, trazendo a nós o mouro, o qual, como acima dissemos, nos deu boa informação da dita terra

Em seguida largaram para Lisboa, e chegaram em vinte e um de julho de 1501, (*) trazendo especiarias e boas drogas por bom preço. E agora mesmo chegou um dos dous navios que se tinham esgarrado ao dobrar o Cabo de Boa Esperança, aonde se submergiram as quatro náos, o qual navio, por causa da tempestade, correu até ao mar Roxo; e, tendo alli perdido o batel e a maior parte da tripulação, milagrosamente tornou com sete pessoas, trazendo boa soma de vasos de prata, que compraram n'aquellas partes: de maneira que, de doze náos que saíram para a India, voltaram só seis; as outras perderam-se. As distancias dos logares, a qualidade das costas, altura, e a navegação que se faz n'esta viagem, Vossa Serenissima Senhoria poderá perfeitamente conhecer pela Carta de marcar que lhe envio.

N'aquelle mesmo ano, em dez do mez de abril, não tendo noticia d'aquella primeira armada, mandei às sobreditas partes outras quatro náos bem equipadas, (*) as quaes, porque ja havia noticia daquella nova terra chamada de Santa Cruz, ahi foram ter para tomar algum refresco, pois certo a dita terra é muito necessaria para essa viagem. E d'ahi foram montar o

Cabo de Boa Esperança; e não encontrando nenhuma das nossas náos, foram sem demora até à India. Indo a caminho de Calicut encontraram duas náos de mouros carregadas de especiarias e drogas, que iam para Meca, das quaes se apoderaram, e souberam a guerra e a discordia que tinha havido entre a nossa armada e o Rei de Calicut; pois elles ahi tinham feito a sua carga. Logo o Capitão das ditas quatro náos, que foi Gonçalvo Malctra, ([3]) fez descarregar as ditas duas náos; e parte da tripulação desembarcou, parte reteve como captiva, e queimou as náos. N'estas náos achava-se uma judia de Sevilha, que lhe disse como tinha fugido de Hespanha por causa da inquisição em Barbaria e Alexandria do Egipto, d'onde foi ao Cairo e d'ahi á India; e que no tempo da discordia das nossas náos com o Rei de Calicut ella estava em terra, e que tinha sabido que o Rei foi a causa d'esta discordia, por tel-o persuadido os mercadores que a nossa gente eram uns ladrões e que iam para destruir a terra: disse outrosim que em Calicut tinham ficado alguns christãos mal feridos e captivos. Esta judia, por o nosso Capitão ter-se negado a desembarcal-a, d'ahi a poucos dias lançou-se ao mar e afogou-se.

Por causa d'estas noticias não deixaram de ir para diante, e tendo chegado á entrada do porto de Calicut descarregaram toda a artilheria, que fez submergir tres náos das que estavam no porto, e em seguida fingiram de abalar, e não muito longe aprisionaram uma náo do Rei de Calicut, da qual tiraram certas joias de muito valor, as quaes me teem trazido: perolas mil e quinhentas, do preço de oito mil ducados; tres instrumentos astrologicos de prata, não conhecidos pelos nossos astrologos, grandes e mui bem trabalhados, que muito estimei. Dizem que ho Rei de Calicut, tinha enviado a dita náo para uma ilha chamada Saponin, a fim de possuir estes instrumentos; e tomaram um bom piloto e uma carta de marear n'estas partes; agora este piloto está aqui commigo, e faço-lhe ensinar a nossa lingua a fim de que possa explicar os ditos ins-

trumentos astrologicos. O resto da tripulação da dita não, juntamente com ella, mandou que se queimasse diante do porto de Calicut.

O Rei, sabendo isto, mandou que a pendarane, porto de mar, se armassem algũas náos para aggredir as nossas quatro, que por vinte dias nunca se afastaram da costa de Calicut, fazendo o maior damno que podiam Tendo visto a dita armada, o Capitão foi ao seu encontro, sabendo que as náos de mouros não andam de bolina; e portanto em quinze de dezembro do dito anno, depois do meio dia, dezeseis legoas pouco mais ou menos de Calicut, entraram em batalha, e tendo aquella armada a sotavento, que era pouco, no primeiro encontro metteram no fundo duas náos, por serem ellas, como acima disse, frageis e feitas de cannas e depois com artilheria e fogo bateram e abrazaram outras tres, e sobrevindo a noite deu-se por finda a batalha. E, graças a Deus, nenhum dos nossos marinheiros morreu, ainda que .alguns tivessem sido feridos pelas settas: e isto foi porque nunca deixaram os inimigos abordar, como elles porfiavam.

Na manhã seguinte tinha desapparecido completamente a dita armada· e por isso foram para Calicut, e no porto encontraram a dita armada em ordem de defeza. O Capitão, tendo esperado por cinco dias continuos que elle saisse, e não querendo nunca sair, deliberou regressar a Lisboa, não se fiando de ninguem para desembacar, ainda que a isso o convidasse o Rei de Cananor, nosso amigo: mas o Capitão não o sabia. E portanto em vinte de Janeiro de 1502 fizeram-se de véla para o nosso reino. Montando o Cabo de Boa Esperança, por causa de tempestade esgarrou-se uma não, de que até agora não temos noticia, e cremos que se perdeu: depois com vento prospero chegaram as outras tres ao nosso porto a onze de setembro do dito anno, com aquellas especiarias, drogas, joias e perolas que encontraram nas tres náos que tomaram.

Antes que d'estas náos houvesse noticia, temendo que se

tivessem *perdido, n'aquelle mesmo ano* 1502, em o dia tres de março, enviei outra armada àquellas partes, e foram vinte e cinco náos, doze nossas e treze de mercadores, sendo a menor de duzentas tonelladas. O Capitão d'esta armada foi Pedro Alves Cabral, ([10]) que tinha sido Capitão da primeira armada; e ordenei que seis das ditas náos fossem estacionar às portas do mar Roxo, afim de que não deixassem saír náo alguma; e que as outras fossem a Calicut, e sem condições de paz fizessem ahi todo o damno que podessem, e tomassem carga em Cochim ou em Cananor, conforme melhor entendessem; e que em tempo opportuno nos enviassem dez das ditas náos carregadas, e o resto ficasse para fazer guerra a Calicut. E partindo, levaram comsigo aquelles dois refens de Cochim e o mensageiro de Cananor, que tinham vindo com a primeira armada, os quaes se foram muito contentes e com proposito de voltarem.

Chegaram todas estas náos aonde as mandei: as seis ás portas do estreito do mar Roxo, das quaes foi Capitão Rodrigo Palares ([11]): e d'ellas darei em seguida informação a Vossa Magestade.

As outras primeiramente foram ao Rei de Cananor, a quem mandei cartas pelo dito seu mensageiro: e d'elle foram bem recebidos e confirmou-se a amisade. O Capitão não tomou cousa alguma, querendo antes de tudo ir a Calicut e a Cochim Portanto foi a Calicut com dezenove náos, aonde por muitos dias causou em terra e no mar um damno inestimavel: e ainda que por parte do Rei lhe tivessem offerecido condições de paz, não quiz ouvir nada.

Depois foi ao Rei de Cochim, e, tendo sido graciosamente recebido, desembarcou os dois refens que tinha, e por meio d'elles, tendo outros refens, o Capitão saltou em terra, e achou o meu feitor com os sete christãos que tinham ficado, e que foram bem tratados. Ao dito Rei entregou as nossas cartas e o presente infrascripto, em reconhecimento do bom agasalho que tinha dado à nossa primeira armada.

Uma corôa de ouro com esmaltes e joias: um collar de ouro lavrado em elos em fórma de lua: dois jarros grandes de prata para aparador, bem trabalhados. dois grandes e finos tapetes: dois pannos de raz lavrados com figuras: uma tenda de campanha, com todos os seus pertences, bem trabalhada: uma peça de setim carmesim; e uma de sendal. as quaes cousas foram muito caras ao dito Rei, e particularmente quando viu a dita tenda armada no campo aberto: ahi assignaram paz e concordia, el-Rei entregou uma casa ao noso feitor com licença ampla de negociar no que quizesse. Além d'isso mandou-me cartas suas, e o presente infrascripto: duas pulseiras de ouro com muitas joias, segundo o seu costume: um candelabro de prata, alto dez palmos, bem lavrado: duas peças de panno de algodão subtilissimas e brancas: uma pedra grande como uma avellã, que o Rei me escreveu ser tirada da cabeça de um animal rarissimo, que elles chamam Burgoldof, contra toda a qualidade de peçonha. E ahi carregaram de especiarias e drogas sete nãos, comprando tambem algumas joias.

Enviamos com a dita armada dois joalheiros italianos vindos de Roma (12) e eu queria que lhes ficassem ahi para comprar joias por nossa conta; porém elles, logo que desembarcaram, fugiram para o Rei de Callcut, e temos sabido que exercitam a arte de fabricar artilheria.

D'ahi partiu a armada, deixando o feitor e alguns christãos, e passando por Callcut tomaram na costa algumas pessoas, entre as quaes estavam dois d'aquelles christãos que na primeira armada ficaram feridos, e que agora estão no nosso reino, os quaes, juntamente com aquelles que tinham ficado em Cochim, nos informaram ácerca dos costumes e modos de vida d'aquelle paiz, por terem vivido durante este tempo nas proprias casas dos mouros.

A dita armada chegou a Cananor, onde, de accordo e em boa amisade, carregou outras tres nãos. Desta forma dez nãos carregadas sairam juntas para Lisboa em 28 de de-

zembro do dito anno 1502. Na vinda esgarrou-se uma d'ellas, que temos sabido de como se perdeu na costa da terra de Santa Cruz: as outras chegaram a salvamento, no dia 1 de setembro de 1503, com muitas especiarias; e uma náo d'ellas tencionamos, se Deus quizer, mandar á costa de Hespanha, e uma outra á costa de Italia até Veneza, a fim de que se saiba que as armadas e despezas nossas não são infructiferas. Todas as outras nossas náos lá ficaram, conforme tinhamos ordenado.

Os costumes e modo de vida em Calicut e India, segundo informações de dois christãos resgatados, e os de Cochim, são os seguintes:

Calicut é cidade em terra firme, emporio das mercadorias da India; está em altura de 5 gráos; é grande; não tem muralhas; as casas são edificadas com cal e marmore, dispersas, cobertas de palmeiras e de madeiras lavradas com algumas figuras; o povo não é muito negro; teem jardins abundantes de toda a casta de fructos, com fontes, aonde se banham; pois tres vezes cada dia tem obrigação de se lavar.

O Rei e os gentishomens são idolatras chamados Chaffer; estes andam nús da cintura para cima, cobrem-se com pannos de lã, e trazem sempre espada núa e adarga, as quaes espadas são mais largas em cima do que em qualquer outra parte; os escudos são redondos, muito leves, e de varias côres; todos elles são gentishomens, e trazem nas orelhas furadas brincos com joias. Teem mais de uma mulher, e por isso não se importam com sua castidade; as mulheres andam egualmente núas como os homens, e teem cabellos bonitos e soltos; as virgens praticam a luxuria com os homens o mais cedo que podem, porque de outro modo não achariam maridos; e quando alguem se casa quer primeiramente que um de seus sacerdotes durma com ella: reputam uma grande falta manchar-se com o sangue de quem elles amam. As mulheres não comem senão duas vezes por dia, e comem arroz, leite, man-

teiga, assucar, fructa, e não bebem senão agua; antes da comida lavam-se, e acontecendo serem elles tocados por alguem que não seja lavado é preciso que tornem a lavar-se; e n'isso usam curiosas ceremonias. Pela manhã cada um masca, podendo, betel, que faz os beiços avermelhados e os dentes pretos, e sendo de nojo abstem-se d'esta herva por um certo tempo.

O Rei tem duas mulheres, cada uma das quaes é acompanhada de alguns sacerdotes, que, na ausencia do Rei, dormem com ellas; e por isso os filhos do Rei não lhe succedem no throno, mas sim os sobrinhos filhos de irmãos.

Estão em casa do Rei muitas mulheres, que varrem e lavam os logares aonde o Rei vae, fazendo isto com pannos finissimos e lavrados.

O Rei faz-se transportar em um palanquim que chamam andor, levado por homens; de roda andam musicos com varios instrumentos e muito povo; mas ninguem pode approximar-se d'elle senão á distancia de tres braças, pois elle não pode ser tocado senão de certas pessoas determinadas. Quem falla com elle tem a cabeça baixa e as mãos diante da bocca; fazem-lhe juntando as mãos sobre a cabeça [illegible]; e de baixa condição não o podem ver nem fallar-lhe.

O Rei, os gentis homens e as mulheres quando morrem são queimados: o Rei é queimado com madeira de sandalo, a mais gente é enterrada, espargindo cinzas sobre os [illegible] e as cabeças d'ella.

Usam o cabello e barba rapada, deixando [illegible] compridos, e são grandes feiticeiros; escrevem em folhas que parecem de palmeiras, com uma penna de ferro, e não com tinta.

Os negociantes chamados [illegible] dores em Calicut, são [illegible] ma que quer [illegible] estes não comem cousa alguma que tenha sangue, [illegible] vinho; [illegible] espirito de [illegible]

Calicut; trazem barba e cabellos compridos, que atam como as mulheres nossas. São castissimos: cada homem tem uma só mulher; negoceiam em pannos de algodão, linho e joias.

Ha outros que são negros, chamados gentios: são idolatras, muito luxuriosos; negoceiam em joias, perolas, oiro e prata; são muito entregues a feitiços, de fórma que dizem como fallam á vontade com os espiritos.

Ahi ha mouros de Meca, da Turquia, da Babylonia, da Persia e de outras partes: e por isso ha comercio de todas as mercadorias, como são joias, perolas, missangas, musgo, ambar, benjoim, incenso, pau, aloes, porcellana, rhuibarbo, cravo, canella, sandalo, alacha, noz moscada, macis, gengibre, pimenta, tamarindos, myrabolanos e cassia, e muitas outras mercadorias: os pesos, medidas e preços das quaes cousas nós por outras nossas cartas diremos.

Aqui correm ducados de oiro venezianos, moedas de oiro e de prata e de metal: a uma moeda de prata dão o nome de fanão, e 20 fanões valem um ducado. Tara é uma outra moeda de metal, e 15 valem um fanão.

De Calicut saem no mez de novembro os navios para Meca, com especiarias, que por terra são conduzidas ao Cairo e a Alexandria, aonde se carregam para Veneza. Terra dentro ha outro reino de idolatras, confinante com Calicut, a que chamam Narsingua; abunda ella em cavallos e elephantes adestrados para a guerra; n'este reino as mulheres são queimadas sobre a sepultura dos maridos.

No anno sobredito 1503 não enviámos náo alguma para esta viagem porque estavamos esperando notícias das 25 náos que tinhamos mandado no anno precedente, e depois que chegaram as noticias, no mez de setembro sobredito, já não havia tempo para envial-as até ao anno seguinte, 1504, como com effeito mandámos, e mais abaixo informaremos a Vossa Magestade; mas o dito nosso Capitão, que estava na India com as 25 náos, não se descuidou tanto que no anno de 1504 me não mandasse seis náos carregadas de especiarias,

que chegaram no dia 28 de agosto do mesmo anno 1504, duas das quaes eram d'aquellas que estão no estreito do mar Roxo; as outras quatro pertenciam á armada do Capitão. Por estas quatro náos soubemos como em todo aquele tempo o nosso Capitão tinha estado em guerra contra o Rei de Calicut, causando-lhe grande damno e affronta, de fórma que não havia náo alguma que se atrevesse a ir a Calicut, e que o dito Rei lhe tinha por mais de uma vez mandado pedir paz, mas o Capitão não quiz ouvil-o.

Neste tempo elle queimou 21 náos á vista do porto de Calicut, d'ellas tirou tantas drogas e especiarias que carregou as ditas seis náos. Outrosim me enviou seis jarras excellentissimas e grandes de porcellana; quatro amphoras grandes de prata com algumas outras jarras de uso d'elles para aparador; um enfeite de oiro pertencente a seus idolos, tendo dois palmos de comprimento, com muitas pedras finas, entre as quaes havia um carbunculo finissimo, do valor de um ducado de oiro ou pouco mais; uma imagem de um seu idolo, muito disforme mas de oiro, pesando perto de trinta arrateis, e tendo nos olhos duas esmeraldas finas e bem encastoadas Estes objectos vieram nas quatro náos da armada do Capitão. As duas que foram ao estreito do mar Roxo dizem que em todas aquellas partes ficou um grande pavor, e que nunca nenhuma náo saiu nem entrou no estreito, embora a armada do Sultão tivesse vindo para apresal-as, pois sempre se foi, tendo perdido alguma náo; de modo que n'este tempo teem queimado 16 grandes náos. E quando sahiram ouviram dizer que o Sultão preparava uma grande armada, aonde estavam muitos christãos como bombardeiros, e muita artilheria e galés subtis; mas em breve, se Deus quizer, daremos providencia a isso.

Das náos que queimaram trouxeram-me, entre outras cousas, perto de 500 arrateis de perolas miudas e perto de 40 arrateis de perolas, sendo cada uma de valor; oito conchas com as próprias perolas dentro, duas das quaes envio a Vossa Serenissima Magestade, pois assim poderá avaliar o tamanho

e a qualidade d'ellas; um diamante em fórma de pera, grosso como uma grande fava, e algumas outras joias; dois leões grandes e domesticados como cães, e juntamente dois mouros para governal-os; dois cavallos persianos, um baio estrellado e outro branco com malhas, não muito grandes, mas de boa estampa, e mais corredores de quantos até agora tenho visto; e outros animais nunca vistos nas nossas terras.

Além disto, por terem elles corrido de toda a costa desde Melinde até Calicut, nos informaram ácerca das particularidades infrascriptas d'aquellas terras. Primeiramente ha o reino de Magadoxo, cidade grande e bonita, com abundancia de cavallos, mas de pouco commercio; mais adiante ha uma ilha chamada Zugaterra, ([13]) povoada, e com uma ponte de milha e meia de comprimento, que a liga à terra firme; em seguida está o estreito do mar Roxo, de seis milhas de largo, no qual as nossas náos ainda não entraram. Do outro lado é o mar da Persia, aonde ha uma ilha chamada Gulfar, abundante em perolas de tôda a casta. A' entrada d'este mar ha uma outra ilha de mome Agramuzo ([14]) aonde se encontram perolas infinitas, e cavallos, que em todas aquellas regiões são muito apreciados. Estas duas ilhas pertencem a um rei mouro. Em seguida encontra-se Cambaia, que é possuida por um Rei grande e poderoso; terra fertilissima de cereaes, cera, assucar, incenso, pannos de seda e de algodão, cavallos e muitos elephantes. Este Rei foi idolatra, mas ha poucos annos fez-se mahometano. E' uma cidade muito commercial por confinar com a Arabia e India, e por aquella costa vae-se a Calicut, aonde ha muitos outros reinos e cidades, como se vê na carta de marear.

Ainda não haviam chegado estas náos e já no mez de fevereiro eu titino, nosso mercador, carregada de especiarias, a qual naufragou na costa de Provença.

E com esta armada chegaram duas outras náos, sendo Capitão de uma Ruy Lourenço ([15]) da outra Saldanha ([16]) os quaes, nos anos passados, sahiram d'aqui para irem de ar-

mada àquellas terras, a por causa da tempestade foram impellidos no mar Roxo a certas ilhas, aonde estiveram 16 mezes, e nunca a outra nossa armada tinha tido noticias d'elles.

N'este tempo aprisionaram e queimaram muitos navios e fizeram muitas correrias em terra, pois uma das ditas náos é taffórea que leva 20 cavallos, e tem a popa aberta com uma ponte de 30 braças que lança em terra, e por isso sahem e entram n'ella os cavallos. D'este modo causaram gravíssimo damno; de fórma que um Rei de Cambaya e o Rei de Barbora, grandes senhores, a fim de terem paz lhe deram trinta mil mitigaes de ouro: um mitigal vale ducado e meio dos nossos; somma que me trouxeram com muitas outras riquezas.

No presente anno, no mez de março temos mandado para aquellas regiões trinta náos bem armadas, (*) as quaes ordenámos que fizessem voltar as que lá estão de armada, e que duas d'ellas fossem a descobrir Taprobana, ilha que dizem ser ali proxima. Quatro d'ellas devem ir até Sofala, aonde esperamos ter estabelecido commercio. Estamos aguardando aos acontecimentos, e prepararemos alguma outra náo para o anno seguinte. Deus Guarde a Vossa Serenissima Magestade por muitos e largos annos em tranquillo estado, tambem a nós, para que possamos ver que esta nossa navegação se faça pacifica e ordenada em louvor e augmento da nossa santa Fé.

Impresso em Roma por mestre João de Besicken no anno de 1505 a 23 de Outubro.

NOTAS

(1) "E hindo na paragem, onde depois se acharão as ilhas de Tristão da Cunha, leuando as bolinas largas, sendo o dia claro e *bom* lhe deo hum vento supito em contrario do que leuauão por julauento, que lhe deo com as velas sobre os mastos e enxarceas por dauante, com que as vergas nom poderão vir abaixo, posto que prestesmente lhe largarão as driças : e foy o pé de vento tão forte, que logo sosobrou quatro naos, que virarão as quilhas pera cima, que forão Bertholomeu Dias, Symão de Pina, Vasco d'Ataide, Gaspar de Lemos" (Gaspar Corrêa—*Lendas da India* I, 153).

(2) "Aires Corrêa em chegando fez sua cortesia, após o que deu a el Rei as cartas que lhe el Rei dom Emanuel screvia em Arabigo, e Portugues" (Goes—*Cronica d'ElRey D. Manuel* part. I, cap. LVII).

(3) "Deixou Pedralvres alli dous degredados, pera si informarem do sertão, e verem se podião ir per terra á corte do Emperador da Ethiopia, Rei do Abexi, a que erradamente chamão Preste João, cousa que lhe el Rey muito encomendou quando partio do regno, dos quaes hum se chamava Joam Machado, e o outro Luiz de Moura" (Goes—obr. cit., part. I, cap. LVII) Goes e Barros dizem que o Rei deu dous pilotos, mas Castanheda diz que deu apenas um, o que se conforma com esta carta.

(4) "... e pelo mesmo lhe mandou quatro Malabares dos que levava Vasquo da Gama, vestidos à Portuguesa" (Goes — obr. cit., parte I, cap. LVIII).

(5) "o qual em chegando á praia tomarão do batel em hum andor". (Goes—obr. cit., parte I, cap. LVIII).

(6) A carta não era de lámina d'oiro, como escrevem Goes, Osório e Castanheda.

(7) Esta carta desmente Barros, segundo o qual chegaram na véspera de S. João Baptista, e Goes que diz, chegaram a 31 de Julho.

(8) Segundo Gaspar Corrêa a armada de João da Nova partiu no 1.º de Março (*Lendas*, I, 235) e segundo Goes aos 5 de Março (obr. cit., part. I, cap. LXIII) o que não é verdade. Os capitães dos outros eram, diz Barros. Diogo Barbosa, Francisco de Novaes, e Fernão Vinet, florentino,

por o navio ser de Bartolomeu Marchioni (Dec. I, liv. V, cap. X).

(9) êrro do copista, pois o capitão mór era João da Nova.

(10) erro do copista, pois o capitão mór era Vasco da Gama.

(11) Os cronistas mencionam Fernão Rodrigues Badarças (Barros) ou João Rodrigues Badarças (Gaspar Corrêa).

(12) Eram milaneses "assi fugirão dous milaneses lapidairos que estavão com ho feitor que sabia fundir artilharia, hum chamado João Maria e outro Pedro Antonio" (Castanheda liv. I, cap. LIII).

(13) E' a ilha de Socotorá.

(14) E' a ilha de Ormuz antigamente conhecida por *Armuria* ou *Armuzia*.

(15) Rui Lourenço Ravasco.

(16) António de Saldanha.

(17) E' a armada de D. Francisco de Almeida.

INDICE